JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL S A 1985 | Rio de Janeiro — Domingo, 20 de outubro de 1985 | Ano XCV — Nº 195 | Preço: Cr$ 3 000

Tempo

No Rio e em Niterói, claro a parcialmente nublado. Pancadas e trovoadas isoladas na madrugada e ao entardecer. Temperatura em ligeira elevação. Máxima: 33.0, em Santa Cruz; mínima: 18.4, no Alto da Boa Vista. Foto do satélite e tempo no mundo, **página 24**.

Loteria Federal

Extração 2202 da Loteria Federal: 1º prêmio, 14.025 (SP); 2º, 06.249 (SP); 3º, 72.372 (SP); 4º, 30.137 (RJ); 5º, 36.522 (SP). **Página 24**.

A atriz Betty Faria não gosta do tipo de "mulher vivido pela Porcina". A escritora Marina Colasanti reclama: "Nossos problemas não aparecem, ninguém trabalha, não tem dívida externa." Mas ambas estão de acordo com o teórico da comunicação Muniz Sodré, o produtor de cinema Luiz Carlos Barreto e o poeta Geraldinho Carneiro, para quem o Brasil assiste em **Roque Santeiro** a um fenômeno cultural extraordinário, um jeito debochado de refletir a alma e o rosto brasileiros.

Volta ao poder o professor Eduardo Portella, assumindo, amanhã, a vice-presidência do Conselho Federal de Cultura. Sua proposta: "Uma cultura de tolerância." O livro **Dilema de Wendy**, de Dan Killey, explora o filão aberto por **Síndrome de Peter Pan**: não crescer.

DOMINGO

De biquíni cavadão, as moças do Rio entram na onda do fisioculturismo e mostram o muque, sem perder o charme. Em quase 5 mil academias, elas se dedicam ao **body building**, sob a inspiração de um novo lema — quanto mais músculos melhor —, enfrentam o preconceito masculino e já criaram um problema para as lojas de confecções: de dois anos para cá, as coxas e os ombros aumentaram dois centímetros, na faixa dos 16 aos 25 anos.

PROGRAMA

Até que enfim: a estrelíssima Emilinha Borba se apresenta hoje na Vila Kennedy, ao vivo, num palco sobre rodas. Quem gosta de danças tem, como em todo domingo, duas opções: o Circo Voador, com a Orquestra Tabajara, ou a gafieira do Parque Lage, onde pontifica o conjunto do maestro Paulo Moura. A televisão entra no túnel do tempo e traz de volta Topo Gigio.

Novo caudilho

O Partido Radical pretende manter Alfonsín no poder e projeta movimento nacional para alterar a Constituição e permitir sua reeleição. **(Página 23)**

Milhões de carentes

Juízes e curadores de menores, em Salvador, denunciam que o Brasil tem **36** milhões de crianças carentes, das quais **7 milhões** sem família. **(Página 14)**

Vodca doméstica

A Post House está lançando um **kit** por Cr$ 140 mil que permite produzir em casa nove litros de Russian Vodca em apenas 10 minutos. **(Pág. 25)**

Videomania

Equipamento de vídeo usado pode ser uma boa opção. Três lojas do Rio oferecem importados com preços até **50%** menores do que os dos nacionais. **(Classificados)**

Foto de Marcelo Carnaval

Na presença de Marcelo Alencar (E), Maria Helena disse que as obras inauguradas não são um favor e que, como cidadã, tem o direito de votar em Medina

Povo quer de Sarney o fim do desemprego

Desemprego. Esta é a maior preocupação dos eleitores que vão às urnas no dia 15 de novembro. Pesquisa JB/Ibope, nas nove principais capitais do país, revela que esta deve ser a primeira prioridade do Governo Sarney, na opinião de 44,4% das pessoas entrevistadas. Em segundo lugar (29,1%) vem a inflação.

Na lista de problemas que o povo deseja ver resolvidos imediatamente, desemprego e inflação, juntos, causam apreensão a 73,5% dos entrevistados. Os eleitores demonstram discordar das prioridades do Governo, que concentra atenção na renegociação da dívida externa. Esta é a quarta preocupação dos entrevistados pelo Ibope (8,5%), superada até pelo desejo de crescimento econômico (16,8%).

A atuação de Sarney, no entanto, é considerada regular por 46,2% da população. Em relação à pesquisa semelhante, feita há um mês, o índice caiu. Aumentou pouco o percentual dos que acham o Governo Sarney ótimo e bom (de 40,8% para 41,1%). Cresceu mais o dos que consideram ruim e péssima a atuação do Presidente (de 8% para 10,6%).

O pagamento de jetons a parlamentares que não comparecem às sessões da Câmara e do Senado é repudiado pela maioria (89,1%) do eleitorado. Entre os nomes preferidos para a sucessão de Sarney, o Ministro Aureliano Chaves continua com a melhor cotação (20,5%). Ulysses Guimarães aproxima-se dele (19,2%) e Brizola (12,5%) continua em terceiro. (Páginas 4 e 5)

Morte de sargento do DOI em 79 é mistério

No dia 2 de outubro de 1979 o sargento PM Olavo Lewis Santos Cardoso, agente do DOI-CODI desde 1971, saiu de casa e não voltou mais. Na noite deste dia, um homem sem nenhum documento no bolso foi morto a tiros numa favela de Niterói. Identificado no dia seguinte, pelas impressões digitais, como sendo o sargento Olavo, mesmo assim foi enterrado como indigente 20 dias depois, e a família só tomou conhecimento de sua morte 1 ano e 9 meses após o desaparecimento.

A história é coberta por sombras intrigantes: o primeiro delegado a cuidar do caso morreu de um infarto fulminante. Seu substituto foi assassinado em um ônibus. A principal testemunha foi abatida a tiros. O suspeito do crime foi varado de balas. O motorista de táxi Nelson de Almeida Mendonça que teria avisado a delegacia sobre a morte, diz: "alguém usou o meu nome".

Também no aspecto estritamente militar o caso está carregado de nuvens, até mesmo para um dos nove irmãos de Olavo, o Coronel do Exército Francisco Demiurgo Santos Cardoso, ex-comandante do DOI e hoje servindo em Salvador. Em 1980, quando Demiurgo voltou ao DOI como testemunha do desaparecimento do irmão, teve antes o cuidado de distribuir dossiês com três amigos. O DOI, habituado a descobrir inimigos nos esconderijos mais recatados, não achou o corpo de seu agente. E alguns parentes acreditam que o homem assassinado no dia 2 de outubro de 1979 não foi Olavo. Ele morreu depois. (Pág. 20)

Cabo conta que ia jogar bomba em Ulysses

Ao reconhecer o homem que ia executar o atentado, um agente de segurança do Congresso evitou, involuntariamente, que duas bombas de efeito moral explodissem aos pés do Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, na noite da votação da emenda das **Diretas-Já**, em abril de 1984. A detonação das bombas no Congresso tinha o objetivo de criar uma crise política.

A revelação foi feita no Superior Tribunal Militar pelo cabo do Exército David Antônio Couto, que acusou o Coronel Arídio Mário de Sousa Filho, Chefe da Seção de Informações do Comando Militar do Planalto, de ter ordenado pessoalmente, a ele e a dois sargentos, a execução do atentado. O cabo Couto está preso sob acusação de ter integrado um grupo de extermínio em Brasília. (Página 20)

PDT na Rocinha luta por votos para Saturnino

Uma **tropa de choque** do Governo Brizola, formada pelo Prefeito Marcelo Alencar, sete secretários do Estado e do Município e o presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Eduardo Chuahy, subiu a Favela da Rocinha para festivas inaugurações de obras, com o objetivo de ajudar a candidatura Saturnino Braga à Prefeitura.

A situação do candidato do PDT se agravou na favela depois que seus moradores protestaram contra a violência policial numa operação destinada a localizar o traficante Denis Leandro da Silva. A presidente da Associação de moradores, Maria Helena Pereira da Silva, eleitora confessa de Rubem Medina, disse que as inaugurações não mudarão os votos da comunidade. (Página 18)

Robô bloqueia vaga em fábrica de automóveis

A automação na indústria automobilística brasileira, que tem como **estrelas** os robôs, não provocará desemprego, mas impedirá a criação de vagas, é o que revela estudo do Ministério do Planejamento. As novas linhas de soldagem da Ford e da Volkswagen estão empregando 30% menos trabalhadores do que as convencionais.

As empresas automobilísticas defendem a crescente utilização de novas tecnologias com o argumento de que necessitam aumentar a competitividade e garantir a qualidade exigida pelos mercados internacionais. Ainda este ano, indústrias nacionais começam a produzir seus primeiros robôs, com tecnologia importada. (Página 26)

Militares já têm assessores no Congresso

As relações antes tumultuadas entre as Forças Armadas e o Legislativo transformaram-se na Nova República em diálogo sobre a tramitação de projetos de interesse dos militares. Assessores dos ministérios militares têm sido mobilizados para, de terno, negociar problemas como anistia, tortura e uso de bases aéreas.

Até há pouco ignorados pelos parlamentares, os assessores movimentam-se agora com desembaraço pelos corredores do Congresso e com estratégia diferente: convidam políticos para viagens em fragatas e submarinos, visitas a instalações militares ou simples conversas no bar da Câmara. Deputados e senadores já admitem essa "pressão sutil". (Página 8)

Foto de Custódio Coimbra

No jogo Vasco x Goitacás a PM soltou os cachorros para pôr fim a um tumulto de torcedores. O cão, no entanto, desentendeu-se com o policial e, literalmente, arrancou-lhe a roupa. (Pág. 34)

JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL S A 1985 | Rio de Janeiro — Domingo, 20 de outubro de 1985 | Ano XCV — Nº 195 | Preço: Cr$ 3 000 | 2º Clichê

Tempo

No Rio e em Niterói, claro a parcialmente nublado. Pancadas e trovoadas isoladas na madrugada e ao entardecer. Temperatura em ligeira elevação. Máxima: 33.0, em Santa Cruz; mínima: 18.4, no Alto da Boa Vista. Foto do satélite e tempo no mundo, **página 24**.

Loteria Federal

Extração 2202 da Loteria Federal: 1º prêmio, 14.025 (SP); 2º, 06.249 (SP); 3º, 72.372 (SP); 4º, 30.137 (RJ); 5º, 36.522 (SP). **(Página 24)**

B ESPECIAL

A atriz Betty Faria não gosta do tipo de "mulher vivido pela Porcina". A escritora Marina Colasanti reclama: "Nossos problemas não aparecem, ninguém trabalha, não tem dívida externa." Mas ambas estão de acordo com o teórico da comunicação Muniz Sodré, o produtor de cinema Luiz Carlos Barreto e o poeta Geraldinho Carneiro, para quem o Brasil assiste em **Roque Santeiro** a um fenômeno cultural extraordinário, um jeito debochado de refletir a alma e o rosto brasileiros.

Volta ao poder o professor Eduardo Portella, assumindo, amanhã, a vice-presidência do Conselho Federal de Cultura. Sua proposta: "Uma cultura de tolerância." O livro **Dilema de Wendy**, de Dan Killey, explora o filão aberto por **Síndrome de Peter Pan**: não crescer.

DOMINGO

De biquíni cavadão, as moças do Rio entram na onda do fisioculturismo **e mostram o muque, sem perder o charme. Em** quase 5 mil academias, **elas se dedicam ao body building**, sob a inspiração de um novo lema — quanto mais músculos melhor —, enfrentam o preconceito masculino e já criaram um problema para as lojas de confecções: de dois anos para cá, as coxas e os ombros aumentaram dois centímetros, na faixa dos 16 aos 25 anos.

PROGRAMA

Até que enfim: a estrelíssima Emilinha Borba se apresenta hoje na Vila Kennedy, ao vivo, num palco sobre rodas. Quem gosta de danças tem, como em todo domingo, duas opções: o Circo Voador, com a Orquestra Tabajara, ou a gafieira do Parque Lage, onde pontifica o conjunto do maestro Paulo Moura. A televisão entra no túnel do tempo e traz de volta Topo Gigio.

Novo caudilho

O Partido Radical pretende manter o Presidente Raul Alfonsín no poder e projeta movimento nacional para alterar a Constituição e permitir sua reeleição. **(Página 23)**

Milhões de carentes

Juízes e curadores de menores, em Salvador, denunciam que o Brasil tem 36 milhões de crianças carentes, das quais 7 milhões sem vínculo com a família. **(Página 14)**

Vodca doméstica

A Post House está lançando um kit por Cr$ 140 mil que permite produzir em casa novo litros de Russian Vodca em apenas 10 minutos. **(Pág. 25)**

Videomania

Equipamento de vídeo usado pode ser uma boa opção. Três lojas do Rio oferecem importados com preços até 50% menores do que os dos nacionais. **(Classificados)**

Foto de Marcelo Carnaval

Na presença de Marcelo Alencar (E), Maria Helena disse que as obras inauguradas não são um favor e que, como cidadã, tem o direito de votar em Medina

Povo quer de Sarney o fim do desemprego

Desemprego. Esta é a maior preocupação dos eleitores que vão às urnas no dia 15 de novembro. Pesquisa JB/Ibope, nas nove principais capitais do país, revela que esta deve ser a primeira prioridade do Governo Sarney, na opinião de 44,4% das pessoas entrevistadas. Em segundo lugar (29,1%) vem a inflação.

Na lista de problemas que o povo deseja ver resolvidos imediatamente, desemprego e inflação, juntos, causam apreensão a 73,5% dos entrevistados. Os eleitores demonstram discordar das prioridades do Governo, que concentra atenção na renegociação da dívida externa. Esta é a quarta preocupação dos entrevistados pelo Ibope (8,5%), superada até pelo desejo de crescimento econômico (16,8%).

A atuação de Sarney, no entanto, é considerada regular por 46,2% da população. Em relação à pesquisa semelhante, feita há um mês, o índice caiu. Aumentou pouco o percentual dos que acham o Governo Sarney ótimo e bom (de 40,8% para 41,1%). Cresceu mais o dos que consideram ruim e péssima a atuação do Presidente (de 8% para 10,6%).

O pagamento de jetons a parlamentares que não comparecem às sessões da Câmara e do Senado é repudiado pela maioria (89,1%) do eleitorado. Entre os nomes preferidos para a sucessão de Sarney, o Ministro Aureliano Chaves continua com a melhor cotação (20,5%). Ulysses Guimarães aproxima-se dele (19,2%) e Brizola (12,5%) continua em terceiro. (Páginas 4 e 5)

Morte de sargento do DOI em 79 é mistério

No dia 2 de outubro de 1979 o sargento PM Olavo Lewis Santos Cardoso, agente do DOI-CODI desde 1971, saiu de casa e não voltou mais. Na noite deste dia, um homem sem nenhum documento no bolso foi morto a tiros numa favela de Niterói. Identificado no dia seguinte, pelas impressões digitais, como sendo o sargento Olavo, mesmo assim foi enterrado como indigente 20 dias depois, e a família só tomou conhecimento de sua morte 1 ano e 9 meses após o desaparecimento.

A história é coberta por sombras intrigantes: o primeiro delegado a cuidar do caso morreu de um infarto fulminante. Seu substituto foi assassinado em um ônibus. A principal testemunha foi abatida a tiros. O suspeito do crime foi varado de balas. O motorista de táxi Nelson de Almeida Mendonça que teria avisado a delegacia sobre a morte, diz: "alguém usou o meu nome".

Também no aspecto estritamente militar o caso está carregado de nuvens, até mesmo para um dos nove irmãos de Olavo, o Coronel do Exército Francisco Demiurgo Santos Cardoso, ex-comandante do DOI e hoje servindo em Salvador. Em 1980, quando Demiurgo voltou ao DOI como testemunha do desaparecimento do irmão, teve antes o cuidado de distribuir dossiês a três amigos. O DOI, habituado a descobrir inimigos nos esconderijos mais recatados, não achou o corpo de seu agente. E alguns parentes acreditam que o homem assassinado no dia 2 de outubro de 1979 não foi Olavo. Ele morreu depois. (Página 20)

Cabo conta que ia jogar bomba em Ulysses

Ao reconhecer o homem que ia executar o atentado, um agente de segurança do Congresso evitou, involuntariamente, que duas bombas de efeito moral explodissem aos pés do Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, na noite da votação da emenda das **Diretas-Já**, em abril de 1984. A detonação das bombas no Congresso tinha o objetivo de criar uma crise política.

A revelação foi feita no Superior Tribunal Militar pelo cabo do Exército David Antônio Couto, que acusou o Coronel Arídio Mário de Sousa Filho, Chefe da Seção de Informações do Comando Militar do Planalto, de ter ordenado pessoalmente, a ele e a dois sargentos, a execução do atentado. O cabo Couto está preso sob acusação de ter integrado um grupo de extermínio em Brasília. (Página 20)

PDT na Rocinha luta por votos para Saturnino

Uma **tropa de choque** do Governo Brizola — o Prefeito Marcelo Alencar, sete secretários de Estado e do Município e o presidente da Assembléia, Eduardo Chuahy — subiu à favela da Rocinha para festivas inaugurações de obras que ajudem a colher votos para a candidatura de Saturnino Braga à Prefeitura. A presidente da Associação de Moradores, Maria Helena da Silva, disse que os votos da comunidade, para Medina, não mudarão.

Se os votos para o candidato do PFL estão garantidos na Rocinha, em outras áreas da cidade continua lutando. Um churrasco de apoio a Medina reuniu na Tijuca os ministros Aureliano Chaves e Marco Maciel; o presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão; o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, e o presidente regional Sérgio Quintela. Aureliano afastou a possibilidade de ser reeditada no Rio a Aliança Democrática. (Página 18)

Foto de Custódio Coimbra

No jogo Vasco x Goitacás a PM soltou os cachorros para pôr fim a um tumulto de torcedores. O cão, no entanto, desentendeu-se com o policial e, literalmente, arrancou-lhe a roupa. (Pág. 34)

Robô bloqueia vaga em fábrica de automóveis

A automação na indústria automobilística brasileira, que tem como **estrelas** os robôs, não provocará desemprego, mas impedirá a criação de vagas, é o que revela estudo do Ministério do Planejamento. As novas linhas de soldagem da Ford e da Volkswagen estão empregando 30% menos trabalhadores do que as convencionais.

As empresas automobilísticas defendem a crescente utilização de novas tecnologias com o argumento de que necessitam aumentar a competitividade e garantir a qualidade exigida pelos mercados internacionais. Ainda este ano, indústrias nacionais começam a produzir seus primeiros robôs, com tecnologia importada. (Página 26)

Militares já têm assessores no Congresso

As relações antes tumultuadas entre as Forças Armadas e o Legislativo transformaram-se na Nova República em diálogo sobre a tramitação de projetos de interesse dos militares. Assessores dos ministérios militares têm sido mobilizados para, de terno, negociar problemas como anistia, tortura e uso de bases aéreas.

Até há pouco ignorados pelos parlamentares, os assessores movimentam-se agora com desembaraço pelos corredores do Congresso e com estratégia diferente: convidam políticos para viagens em fragatas e submarinos, visitas a instalações militares ou simples conversas no bar da Câmara. Deputados e senadores já admitem essa "pressão sutil". (Página 8)

Coluna do Castello

O tamanho da reforma

ALGUNS ministros aproveitaram o fim de semana para trocar telefonemas de consultas sobre a proposta de mudança dos prazos de desincompatibilização a ser votada nos próximos dias pelo Congresso, juntamente com a emenda do Presidente José Sarney que convoca a Assembléia Nacional Constituinte. O entendimento acatado pelas lideranças dos partidos ampliou os prazos e introduziu a distinção, que não existe no texto constitucional em vigor, entre ministros que detêm mandato parlamentar e os que não. A distinção até hoje existiu para secretários de Estado. Os parlamentares, entre eles, eram obrigados a deixar as secretarias até quatro meses antes das eleições na hipótese de desejarem disputá-las. Os secretários que não possuíam mandato estavam sujeitos a abandonar o cargo seis meses antes.

Se aprovada a proposta que emergiu na última sexta-feira da reunião da Comissão Mista do Congresso, os ministros do atual Governo que forem candidatos em novembro do próximo ano terão que renunciar a seus postos mais cedo do que gostariam. Os parlamentares, como os Srs Fernando Lyra, Carlos Sant'Anna, Affonso Camargo e Pedro Simon, por exemplo, serão obrigados a retornar à Câmara e ao Senado até 15 de maio de 1986, e não mais até 15 de junho. Os que não conquistaram um lugar no Congresso serão desalojados do poder até 15 de fevereiro — nove meses antes das eleições que pretenderem disputar. A razão doutrinária exposta pelo legislador para distinguir entre ministros é a mesma que o moveu para separar secretários de Estado.

O pressuposto é o de que um ministro, detentor de mandato parlamentar, comprovadamente possui uma base eleitoral e está, assim, menos sujeito à tentação de utilizar o cargo que eventualmente ocupa para garantir sua reeleição. A tentação do uso do cargo seria maior para os ministros que, sem mandato parlamentar, desejassem obtê-lo. A razão doutrinária ampara-se, portanto, em uma preocupação que dissemina a suspeita sobre a correção dos políticos em geral e, principalmente, sobre aqueles, ministros ou secretário, que não tenham mandato e que queiram possuí-lo. Legislação de tal natureza só existe entre nós. Não existe registro de país algum desenvolvido que a tenha adotado.

O subdesenvolvimento político nacional, que parte do princípio de que todos são culpados até que provem sua inocência, deita raízes, naturalmente, em dados de realidade —na corriqueira prática, incorporada aos nossos costumes, do uso e do abuso da máquina administrativa para beneficiar seus titulares ou os candidatos dos seus titulares. De tal modo isso se dá que passa até a ser admirado pela esperteza, e elogiado como bom político, o cidadão que maneja de acordo com seus interesses os recursos que o cargo lhe oferece. A atual campanha eleitoral não inova no assunto, nem mesmo aprimora práticas conhecidas. A perspectiva é de que a do próximo ano, pela extraordinária importância que terá, ferirá o pudor dos mais ousados remanescentes da República velha.

Consideram-se os ministros atuais que não exibem mandato parlamentar discriminados pela proposta a ser examinada nesta semana. Alegam que seus colegas de ministério, deputados e senadores, poderão permanecer em seus cargos mais três meses que eles e, ao cabo, ainda ganharão uma tribuna que deverá ser útil para tentar a reeleição. Eles, não — sem o cargo e sem tribuna, serão devolvidos à planície antes mesmo que esteja definido o quadro de candidatos nos seus respectivos Estados. Alguns dos ministros queixosos admitiram, nos telefonemas do fim de semana, mobilizar os parlamentares que lideram para sabotar a votação da proposta — o que talvez pusesse em risco a emenda da Constituinte. A idéia dificilmente prosperará. Tais ministros ocupam-se, também, em repensar o seu destino.

O da Administração, Aluízio Alves, deve, agora, ter consolidado sua decisão de permanecer ministro. O das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, jogará todas as suas fichas no filho, Luís Eduardo, candidato à Câmara dos Deputados, e não arredará pé do seu cargo. O da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, deve ter pensado no assunto entre Natal, onde ontem se encontrava, e São Paulo, para onde voaria à noite. O lote de ministros que espontaneamente deixaria o Governo deverá emagrecer. O Presidente José Sarney terá menos espaço do que gostaria para preencher — ou terá um custo político maior para mandar embora quem não pretende ir. Salvo uma mudança no estilo presidencial, o mais provável é que o Sr Sarney não venha a fazer a reforma ministerial do tamanho que sonha.

Respeito à verdade

A propósito de carta publicada ontem neste jornal pelo Deputado Jorge Leite sobre o que aqui foi comentado no último dia 18:

1. Deve o Deputado procurar polemizar com seus adversários — não me incluo entre eles.

2. Reafirmo a veracidade das informações publicadas. O Sr Chagas Freitas tenta a renúncia do Deputado à sua candidatura a Prefeito desde antes da convenção do PMDB carioca.

3. Como dizia o ex-Ministro Petrônio Portela, "não costumo agredir os fatos". O Deputado, pelo visto, agride fatos e pessoas.

Ricardo Noblat (Interino)

Empresários buscam formas de influir na Constituinte

São Paulo — Os empresários brasileiros estão trabalhando ativamente para influir na nova Constituição e participar da Assembléia Nacional Constituinte. Diversas entidades já estão dando forma jurídica a questões de interesse da livre iniciativa e o empresariado se prepara para ajudar na eleição de políticos que defendem seus pontos de vista.

Esse trabalho inclui uma "vigilância permanente" sobre o Congresso Nacional. Foi assim que a assessoria parlamentar da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), surpreendeu os empresários ao revelar que, entre a Câmara e o Senado tramitam, hoje, 480 projetos de leis trabalhistas, dos quais alguns são considerados, na área empresarial, como danosos à iniciativa privada.

Congresso chama atenção

Os empresários começaram a prestar mais atenção às atividades do Congresso a partir de 1984, principalmente com a discussão acirrada sobre as eleições diretas. Mas, foi a partir da eleição de Tancredo Neves para Presidente, no início deste ano, que os empresários começaram a perceber que, do Congresso, deverá emergir uma série de decisões fundamentais para a vida nacional. O Congresso, segundo eles, passará a ter um peso idêntico ao do Poder Executivo.

Assim, as diversas entidades empresariais do país, passaram a analisar fórmulas para participação na vida parlamentar. Um ponto já foi definido: entidades empresariais não pretendem formar uma central, a exemplo do que ocorreu com a classe trabalhadora, observa o presidente da Federação Brasileira das Associações Bancos (Febraban), Roberto Bornhausen.

No começo do ano surgiram notícias de que eles ajudariam a eleger constituintes, bancando a campanha de vários políticos. Isso foi negado, por vários dirigentes de entidades empresariais. Mas o presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fiesp), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, admitiu que não se importaria de apoiar, mesmo economicamente, um candidato que represente o seu pensamento.

Os departamentos jurídicos das confederações das Indústrias, Agricultura e do Comércio, trabalham no estudo de fórmulas para que a nova Constituição consagre a iniciativa privada, recebendo também estudos que são realizados nas federações estaduais.

Na última semana, por exemplo, se reuniu o Conselho Superior Jurídico (Conjur) da Federação das Indústrias de São Paulo, que discutiu uma nova legislação salarial para ser apresentada à Constituinte.

Mais poder político

O Coordenador do Conselho, Rui Altenfelder e seu companheiro de Departamento Jurídico da Fiesp e também da Confederação Nacional da Indústria, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, concordam com a tese de Luiz Eulálio sobre a participação empresarial na Constituinte. A cada 15 dias, o Conjur se reúne com a presença de juristas, como Octávio Mangano e Manoel Ferreira Filho. Nas últimas reuniões, a Constituinte tem sido o ponto principal de discussão.

Na associação comercial de São Paulo, o Departamento Jurídico também está ocupado com o mesmo tema. O presidente da Associação, Guilherme Afif Domingues, trabalha ativamente nesses preparativos, lembrando que a entidade tem como sócios 200 mil empresários que querem ver suas posições defendidas na Constituinte.

Um ponto une os empresários: eles querem que a Constituinte seja elaborada pelo Congresso eleito em 1986, sem a necessidade de eleição de um grupo constituinte independente.

A decisão de fortalecer o poder político do empresariado já foi tomada. E até o final do ano ela terá um reforço, com a criação da Confederação das Empresas Financeiras.

Um de seus organizadores, o atual presidente da Federação de Bancos, Roberto Bornhausen, observa apenas que "participar da Constituinte é obrigação de todo cidadão, não de entidade empresarial". Na verdade, porém, todas as entidades empresariais de porte estão articuladas em relação à Constituinte, reconhecendo que é preciso ter um **lobby** formado no novo Congresso.

Leia editorial **Jogos de Poder**

Jarbistas querem dividir por igual espaços na TV

Recife — Sem qualquer referência ao candidato do PSB, Deputado Jarbas Vasconcelos, o secretário-geral da comissão executiva regional do PMDB, Deputado estadual Marcus Cunha, propôs a divisão do horário gratuito na televisão entre todos os partidos, no primeiro programa de propaganda do novo comitê, controlado pelos jarbistas.

Na sexta-feira, o Juiz eleitoral de Recife, Francisco Camargo, concedeu liminar ao mandado de segurança requerido pelos integrantes da executiva do PMDB, cuja maioria apóia Jarbas, determinando que o comitê de propaganda do partido assumisse a coordenação do programa. Até sexta-feira, o horário gratuito foi controlado pelos partidários do candidato do PMDB, Deputado Sérgio Murilo.

O programa de ontem contou com as participações, entre outros jarbistas, dos Deputados Miguel Arraes e Maurílio Ferreira Lima, que criticou os adeptos de Sérgio Murilo por terem cedido o horário ao Governador Roberto Magalhães e outros políticos do PFL, que fez aliança com o PMDB em Recife.

Os depoimentos que iriam ao ar ontem seriam os do Ministro do Trabalho, Almyr Pazzianotto, e do neto de Tancredo, Aécio Neves. Em sua fala, Pazzianotto fazia um apelo a todos os trabalhadores de Pernambuco para que "cerrassem fileiras em torno de Sérgio Murilo" e Aécio diria que "com ele e através dele haveremos de fazer com que a Nova República seja uma realidade".

Cardoso acusa Jânio de comprar voto

São Paulo — O candidato do PMDB à Prefeitura de São Paulo, Senador Fernando Henrique Cardoso, disse que seu partido entrará amanhã na Justiça com uma queixa-crime contra o candidato da coligação PTB-PFL, ex-Presidente Jânio Quadros, acusado pelos pemedebistas de distribuir dinheiro entre eleitores.

Quando visitava, na manhã de ontem, a casa de um correligionário de Itaquera, bairro pobre da zona Leste de São Paulo, Jânio empurrou uma repórter de televisão, que tentava entrevistar um popular que acabara de lhe pedir dinheiro para seu time de futebol.

"Por que esse interesse pelo que ele me pediu? Vocês vão pagar por acaso?", disse Jânio investindo contra os jornalistas. A repórter argumentou que a campanha eleitoral era um fato público. Irritado, Jânio exigiu que o dono da casa expulsasse os jornalistas, mas tomou a iniciativa: "Vocês estão aqui de favor. Retirem-se", gritou.

Mas Fernando Henrique também teve seus dissabores. Quando comemorava, no Parque Ibirapuera, a adesão de 100 artistas plásticos — que colaboravam com a campanha vendendo por Cr$ 1 milhão bandeiras pintadas — o candidato do PMDB foi interpelado por um grupo de movimento negro do partido. Eles protestaram, alegando que estão marginalizados da campanha. Fernando Henrique reagiu com uma reprimenda:"Nada justifica que vocês trouxessem essa reclamação a público antes de levá-la a mim no partido."

Ulysses faz campanha no Oeste

Campo Grande e Cuiabá — O presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, desembarcou ontem na cidade para participar do comício do candidato à Prefeitura, Juvêncio César da Fonseca. Recebido no aeroporto pelo Governador Wilson Barbosa Martins, Ulysses deu entrevista coletiva no comitê central do partido.

— Vamos ganhar na maioria das Capitais. Mais do que confiança, tenho a certeza da vitória do PMDB — disse o Deputado que, depois de participar do comício de Campo Grande, às 18h, seguiria para Cuiabá, a fim de reforçar a campanha do candidato à Prefeitura, Dante de Oliveira.

O neto do Presidente Tancredo Neves, Aécio e a atriz Maitê Proença chegaram primeiro a Cuiabá. Um grupo de 1 mil motociclistas e um cortejo de dezenas de carros foram esperá-los no aeroporto e desceram até a cidade fazendo muito barulho. Aecinho afirmou que seu apoio a Dante reflete uma posição pessoal e lembrou que seus parentes poderão adotar outras escolhas:

— A família Neves não é uma instituição política. Quem quiser participar da campanha o faz espontaneamente — afirmou o neto de Tancredo.

Em Campo Grande e Cuiabá, os comícios dos candidatos do PMDB eram anunciados como os maiores de toda a campanha eleitoral. Em Campo Grande, o candidato Juvêncio César da Fonseca ainda está em desvantagem para o candidato do PFL, Levy Dias, 1,6 pontos percentuais à sua frente.

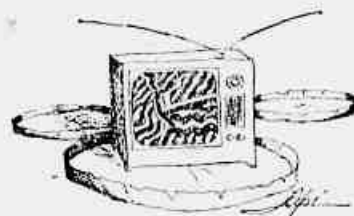
Diretrizes do PMDB

"Descentralizar para democratizar". Esta é a linha básica do documento "Diretrizes para uma administração municipal democrática e participativa", lançado pelo candidato do PMDB à Prefeitura de Belo Horizonte, Sérgio Ferrara. Para o lançamento, foi realizada uma solenidade na sede do partido, com a presença do Governador Hélio Garcia.

Caminhada baiana

Com um programa já gravado e que será exibido hoje nos horários de propaganda gratuita da televisão, o presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, mergulha na campanha de Mário Kertesz para Prefeito de Salvador, pedindo apoio e confirmando que estará na cidade dia 25, quando participará de uma caminhada no bairro da Liberdade, o mais populoso da cidade.

Boicote em Manaus

O líder do PDS na Assembléia Legislativa do Amazonas, Waldir Barros, acha que foi boicote e não um problema técnico o motivo da não realização, entre as 12h e 12h30min de sexta-feira, do programa eleitoral gratuito do TRE. A TV Educativa do Estado alegou defeito em seus transmissores, mas o líder do PDS não acredita na história.

Crime de injúria

A Procuradoria Regional Eleitoral requisitou a fita do programa feito quarta-feira passada pelo candidato do PDT à Prefeitura de Manaus, Theodoro Botinelly, no qual ele chamou a Senadora Eunice Michiles (PFL) e o candidato da Aliança Democrática, Manoel Ribeiro, de "vigaristas". A fita será encaminhada à Polícia Federal para instauração de inquérito.

Um porco estranho

O TRE de Rondônia retirou do ar propaganda do PFL, que mostrava um porco de bengala, numa alusão da coordenação de campanha do candidato liberal, Francisco Chiquilito Erse, ao candidato do PMDB, Jerônimo Santana. Desde 70, quando se elegeu deputado federal pela primeira vez, Santana utiliza a bengala como símbolo eleitoral.

Que ordem de prioridades o Presidente José Sarney deve dar aos seguintes problemas nacionais ? (em %)

	São Paulo	Rio de Janeiro	Belo Horizonte	Salvador	Porto Alegre	Curitiba	Fortaleza	Recife	Florianópolis	TOTAL
Desemprego	40,2	50,0	46,5	43,0	44,0	39,3	54,3	42,1	41,0	44,4
Inflação	32,5	27,4	27,7	22,8	27,4	29,0	25,0	24,6	36,3	29,1
Desenvolvimento Econômico	16,9	13,8	14,7	20,5	19,2	25,5	11,3	27,3	13,3	16,8
Dívida externa	9,9	7,2	9,7	11,0	9,2	4,5	7,3	4,1	8,7	8,5
Não sabe/ não opinou	0,5	1,6	1,4	2,7	0,2	1,7	2,1	1,9	0,7	1,2

Beatriz

Povo indica desemprego como prioridade para Sarney

O Ministro do Planejamento do Governo Figueiredo, Delfim Netto, podia estar errado em sua receita de política econômica, mas acertava ao ensinar que a parte mais sensível do ser humano é o **bolso**. As duas maiores preocupações dos eleitores que irão às urnas no dia 15 de novembro são, em primeiro lugar, o desemprego e em segundo, a inflação. E eles recomendam ao Presidente José Sarney prioridade absoluta na solução desses problemas.

Esta é a conclusão da pesquisa realizada pelo Ibope para o JORNAL DO BRASIL nas nove principais Capitais brasileiras. Ao contrário das avaliações dos Ministros da área econômica do Governo, que concentram suas atenções na renegociação da dívida externa, a maior parte das 5 mil 700 pessoas entrevistadas considera que esta deve ser a quarta prioridade de Sarney.

O Ibope perguntou aos entrevistados qual a ordem de prioridade que o Presidente Sarney deve dar aos principais problemas econômicos e os mais votados, na média das nove Capitais, foram: desemprego (44,4%), inflação (29,1%), desenvolvimento econômico (16,8%) e dívida externa (8,5%).

Como destaca o analista das pesquisas JB/Ibope, Homero Icaza Sánchez, "a ordem de prioridades traduzida em linguagem popular aconselha aos Ministros da área econômica a concentrar seus esforços na solução do problema do desemprego e da inflação, que somados representam 73,5% da preocupação dos entrevistados, para, depois, atacar o problema do desenvolvimento econômico e da dívida externa".

A opinião dos eleitores fica mais evidente na pergunta em que o Ibope pede para selecionar os "Três principais problemas". Neste caso, o desemprego teve 92,3% dos votos; a inflação, 89,7%; o desenvolvimento econômico, 66,1%; e a dívida externa, 47,3%.

Não foi à toa que os entrevistados pelo Ibope consideraram o combate à inflação a segunda maior prioridade do Presidente Sarney. Com poucos meses de vida, o atual Governo já atingiu a incômoda posição de ser o responsável pelo recorde histórico nas taxas mensais de inflação — 14% em agosto.

O descontrole foi tão inusitado — desde março, as taxas mensais não superavam os 9% — que deflagrou uma crise até então contida na área econômica do Governo. A cúpula do Ministério da Fazenda e do Banco Central foi mudada, para que fosse obtida maior unidade na receita da política econômica do Governo. Foi exatamente no mês de agosto que Dilson Funaro substituiu Francisco Dornelles na Fazenda e Fernão Bracher ocupou o lugar de Antônio Carlos Lemgruber no Banco Central.

Ao longo do ano, entretanto, o Governo Sarney leva vantagem, até agora, no cambate à inflação. Se comparados ao mesmo período do último ano do Governo Figueiredo, esses sete meses em que Sarney assumiu realmente o Governo (após a morte do ex-Presidente Tancredo Neves) revelam queda da inflação: de abril a setembro, a taxa acumulada atingiu 68,73%, contra 74,57% do mesmo período do ano passado.

Essa pequena vantagem também pode ser observada na política de desenvolvimento econômico. A equipe do Presidente Sarney iniciou o Governo com uma previsão de 5% para o crescimento da economia este ano. Hoje, técnicos da Fundação Getúlio Vargas admitem que o crescimento do Produto Interno Bruto será maior, enquanto, no IBGE, as projeções já atingem de 6% a 7%. O Governo mudou sua linha de renegociação da dívida externa e passou a dar maior importância ao desempenho da economia.

A suspensão das negociações com FBI e a renovação, até janeiro, dos créditos comerciais e interbancários pelos banqueiros estrangeiros deram uma trégua para a formulação da política econômica interna. Pelo menos temporariamente, o Governo tem autonomia para conduzir a economia brasileira, sem a orientação ortodoxa do FMI e sem ampliar a recessão e o desemprego.

As vantagens dessa nova política já podem ser observadas na queda dos índices de desemprego, calculados pelo IBGE nas seis principais regiões metropolitanas no período de janeiro a agosto: as taxas de desemprego caíram, gradativamente, do patamar de 6,3% para 5%, com pequena alta apenas em março (6,5%). Nesse período, a taxa média mensal foi de 5,86% neste ano, contra 7,66% nos oito primeiros meses do ano passado.

As estatísticas animadoras, entretanto, não diminuem a preocupação das pessoas com o desemprego — como demonstra esta pesquisa do Ibope, feita entre 26 de setembro e 8 de outubro — pois o mercado de trabalho brasileiro ainda não recuperou o nível de emprego de 1980, quando foi iniciada a maior crise que a economia brasileira já atravessou.

Ministro aposta no desenvolvimento

Brasília — Respondendo à mesma pergunta, mas sem saber a opinião dos entrevistados pelo Ibope, o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, disse que considera o desenvolvimento econômico e o estabelecimento de uma política de pleno emprego os programas prioritários na ofensiva do Governo José Sarney para recuperar o país. Ele explica que os dois itens estão interligados, pois "com o desenvolvimento resolve-se o problema do desemprego".

Pazzianotto não vê a inflação e a dívida externa como fatores mais urgentes para o Governo, em seu programa de reaquecimento econômico-social. Ambas ficam em posição secundária, embora as considere preocupantes: "A inflação, porque corrói os salários e ainda contribui para aumentar a dívida externa; e a dívida, porque deve ser renegociada em termos mais favoráveis ao Brasil".

Para o Ministro, o desenvolvimento econômico deverá ser acompanhado de incentivos a setores da economia, como a construção civil e a agricultura, capazes de "absorver a mão-de-obra desqualificada com o avanço tecnológico".

Lembra Pazzianotto que o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) entregue pelo Executivo ao Congresso contempla a política do pleno emprego. O Estado, segundo o Plano, deverá exercer "uma atividade supletiva" à ação da iniciativa privada, direcionando os gastos públicos de forma a aproveitar ao máximo sua capacidade de geração de empregos.

O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, também compartilha da opinião de Pazzianotto de que a prioridade do Governo deve ser a ampliação do número de empregos. Com a incorporação de 1 milhão 500 mil trabalhadores ao mercado, a economia se reaquecerá e o Governo poderá arrecadar mais, explica Funaro, ressalvando porém que ainda falta haver um crescimento real dos salários.

Sem discriminar prioridades, o Ministro diz que a inflação não preocupa de forma a obrigar o Governo a mudar seus planos. Segundo Funaro, ela está sob controle, e apenas um choque de preços agrícolas poderá tirá-la dos trilhos. Com o ajuste interno da economia, será muito mais fácil negociar a dívida com o FMI e os países credores — o que, em princípio, já foi acertado na reunião anual do Fundo, em Seul, diz Funaro.

Teórico do PT elege a dívida

São Paulo — Os eleitores ouvidos pelo Ibope concentram suas preocupações no desemprego e na inflação, mas o economista Paulo Sandroni, da PUC de São Paulo, considerado um dos teóricos do Partido dos Trabalhadores, tem opinião contrária: o problema da dívida externa, "questão central da crise econômica brasileira", é que deveria ser atacado de imediato pelo Governo, afirma. Desemprego, inflação e desenvolvimento são, para ele, problemas preocupantes, mas a dívida externa os supera, pois "amarra os demais e seu equacionamento traria conseqüências positivas para todos os setores produtivos do país".

Como sugestão, Sandroni propõe ao Governo uma espécie de moratória para a dívida externa, suspendendo-se o pagamento dos juros aos credores e revendo-se os valores do principal, já que considera ilegítimas algumas das dívidas assumidas pelo Brasil. E explica: "Uma dessas dívidas, mesmo sendo legal, reveste-se de ilegitimidade. É a que se faz no interior das multinacionais com subsidiárias no Brasil. Elas assumem empréstimos com suas matrizes no exterior, como forma de facilitar a remessa de lucros, que são enviados para fora do País em forma de juros. Como estas pagam menos impostos que os lucros, quem acaba sendo lesado é o fisco".

Sandroni não tem números definitivos quanto as perdas do Brasil com essa remessa irregular de divisas, mas as calcula em cerca de 20 bilhões de dólares, ou seja, 20% do total da dívida externa.

Em relação ao desemprego, Sandroni acha que tem um plano eficaz, extraído do programa do PT: o salário-desemprego. Esse plano, no seu entender, poderia ser desvinculado da política econômica, a exemplo do que ocorre na França e na Itália, e teria como fonte de recursos um **fundo** — possivelmente no setor da Previdência Social — criado a partir de contribuições sindicais, de empresas privadas e do Governo. Com isso, o trabalhador garantinto desempregado. De acordo com o programa do PT, essa renda deve estar hoje na faixa dos Cr$ 900 mil. O salário-desemprego, segundo o economista, "seria uma forma de inibir a marginalidade do trabalhador".

Na opinião de Sandroni, a inflação tem raízes tanto na dívida externa quanto na dívida interna, contraída pelas grandes empresas e os bancos. Quando se rola essa dívida, explica, os juros são elevados e inflação dispara. Por isso, o economista propõe ao Governo uma penalização para esses credores, "que tiraram muito proveito dos juros nos últimos anos". Essa pena corresponderia à indexação dos ativos financeiros, tornando "a correção monetária inferior à média para os títulos da dívida pública em favor das empresas". Essa medida seria acompanhada de outras, como um efetivo controle de preços e uma reforma tributária que permitisse reforço de caixa do Governo, onerando o capital e aliviando os salários.

A economia brasileira mostra sinais de recuperação desde o ano passado, tendo crescido 4% no período, e deverá superar, este ano, os 6%, "apesar dos constrangimentos causados pela dívida externa e pelas altas taxas de juros criados pela dívida interna". Ao reconhecer essa recuperação, Sandroni admite que é possível obter certo crescimento econômico ao mesmo tempo em que se enfrenta os problemas causados pela dívida.

Eleitor não muda julgamento e acha regular o Governo

A mais recente pesquisa do Ibope para o JORNAL DO BRASIL não registrou grandes alterações no índice de popularidade do Presidente José Sarney que, no entender dos eleitores, continua fazendo um Governo regular (46,2%). Aparentemente, o esforço de relações públicas representado pelo discurso na abertura da Assembléia-Geral das Nações Unidas e pela retomada da tese do pacto social (agora chamado entendimento) não mobilizou o eleitorado que ainda espera medidas mais concretas para solucionar seus problemas imediatos: desemprego e inflação.

Foram ouvidos entre 26 de setembro e 8 de outubro seis mil eleitores nas nove principais Capitais — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza, Recife e Florianópolis — já pesquisadas em consulta anterior (início de setembro) e, se bem que em algumas a oscilação entre os índices anteriores e os atuais seja acentuada, no todo ele permanece estável.

A metodologia usada é a mesma: toma-se o índice dos que consideram o Governo ótimo (10,6%) e soma-se com o dos que o classificam como bom (30,5%). O resultado representa o chamado julgamento positivo do Governo (41,4%). Da mesma forma, para se chegar ao julgamento negativo (10,6%), soma-se o índice dos que acham o Governo ruim (4,5%) com o dos que o classificam de péssimo (6,1%).

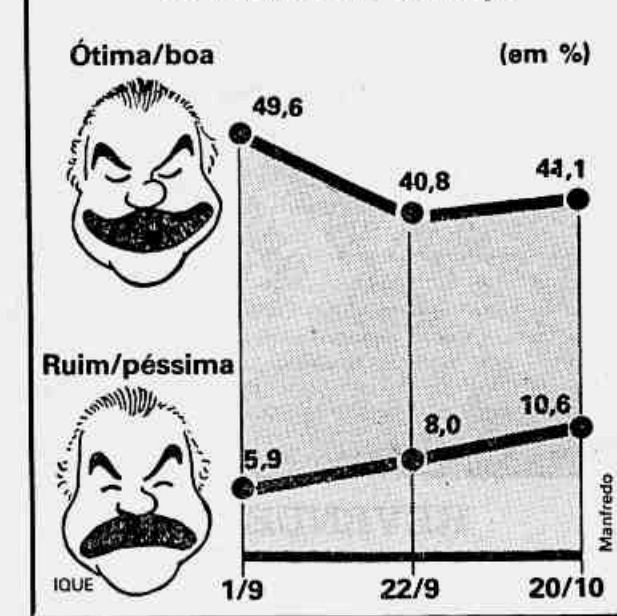
Com relação à pesquisa anterior, houve um aumento de 0,3 pontos percentuais no chamado julgamento positivo, mas também houve um acréscimo de 2,6 pontos percentuais no julgamento negativo. A soma dos dois números — 2,9 pontos percentuais — é exatamente a diferença entre o índice de julgamento regular da pesquisa anterior (49,1%) e o da atual (46,2%).

Esta queda, de acordo com Homero Icaza Sanchez, não significa que, na opinião dos entrevistados a atuação do Presidente tenha melhorado. Ocorreu o contrário. Os eleitores — é certo que numa percentagem muito reduzida, estão mudando de "regular" para "negativo" o julgamento que fazem do Governo Sarney e esta queda de popularidade é mais acentuada em São Paulo — 37,6% de julgamento positivo, 47,7% de regular, e 13,3%, de julgamento negativo — Recife (30,9%, 48% e 18%, respectivamente) e Fortaleza (45,6%, 39,7% e 9,3%).

Populista ou popular?

Brasília — Se a popularidade do Presidente José Sarney recebe um julgamento regular do eleitorado, ele não mudou nem um pouco seu comportamento em público, que muitos classificam de populista. Beijos nas crianças, abraços nos adultos e o levantar dos dois braços seguido por um sorriso para saudar a multidão continuam sua marca registrada.

Às vezes, este gesto é mal interpretado como ocorreu recentemente junto à rampa do Palácio do Planalto quando os seguranças tiveram de intervir para evitar uma invasão. Depois, anunciou-se que Sarney iria tornar praxe o cortejo rampa acima.

Não é bem assim. O Presidente ainda não está bem certo. O que pretendia era atrair a visitação pública patrocinando exposições no saguão do palácio, sem desfiles pela rampa. Um recuo que define sua preocupação de querer ser popular, sem ser populista.

Aureliano é 1º na sucessão mas Ulysses se aproxima

O Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, com o índice de 20,5%, ainda lidera as preferências para a sucessão do Presidente José Sarney, na terceira rodada da pesquisa do Ibope para o JORNAL DO BRASIL sobre presidenciáveis, realizada entre 26 de setembro e 8 de outubro nas nove maiores capitais. O Presidente da Câmara e do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, se aproximou de Aureliano: está em segundo lugar, com 19,2%, seguido a distância pelo Governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (12,5%).

Embora conserve a liderança, Aureliano tinha 23% em setembro. Perdeu 2,5 pontos percentuais no momento da virada do quadro em Belo Horizonte — base eleitoral de Aureliano —, onde o PFL entrou em declínio e o PMDB assumiu a posição de favorito na disputa pela Prefeitura.

Ulysses começará sexta-feira, em Porto Alegre, uma maratona pelo país. Ele assume o comando da campanha, pensando em recolher, para sua candidatura ao Planalto, os triunfos de uma vitória que se desenha para o PMDB nas principais capitais.

Depois que o PMDB passou a disputar palmo a palmo com o PDT em Curitiba, as previsões de favoritismo do partido comandado por Brizola reduziram-se às Prefeituras do Rio e de Porto Alegre. Se isso ocorrer, o PDT terá estacionado em relação a 1982 (quando venceu no Estado do Rio e liderou a votação em Porto Alegre), confirmando a regularidade com que Brizola mantém-se no terceiro lugar entre os presidenciáveis.

Três nomes superam marca de 10%

Homero Icaza Sánchez

Dos dez presidenciáveis, somente três — Aureliano Chaves, Ulysses Guimarães e Leonel Brizola — conseguem um índice de preferência superior a 10% na média das nove cidades mais importantes do país. Os índices e posições dos outros sete presidenciáveis estão na dependência do resultado de 15 de novembro. A comparação com os resultados obtidos pela pesquisa de setembro apresentou o seguinte panorama:

1º) O Dr Aureliano Chaves continua em 1º lugar. Seu índice médio que, em setembro, era de 23%, caiu para 20,5%.

Nas nove capitais pesquisadas, o Dr Aureliano ocupa o 1º lugar somente em duas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Na pesquisa de setembro, o Ministro Aureliano ocupava o 1º lugar em São Paulo (ganhava do Dr Ulysses por 0,8%) e, também, em Curitiba. Atualmente, só conta com as duas primeiras capitais mencionadas.

2º) O Deputado Ulysses Guimarães aumentou seu índice médio de 18,8% em setembro para 19,2% em outubro — e continua tendo o maior espectro eleitoral de todos os possíveis candidatos. Lidera a preferência dos eleitores em quatro das nove capitais pesquisadas: São Paulo, Curitiba, Fortaleza e Florianópolis. Ocupa o 2º lugar no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife e o 3º lugar em Porto Alegre. Na pesquisa de setembro, só conseguiu o 1º lugar em Fortaleza e Florianópolis, ocupando o 2º lugar em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba e Recife, reservando para Porto Alegre o seu único 3º lugar naquela pesquisa.

3º) O Governador Leonel Brizola continua no 3º lugar, mantendo, em outubro, a média geral conseguida em setembro, de 12,5% e a liderança absoluta em Porto Alegre (48,2%). No Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza e Florianópolis, ocupa o 3º lugar, uma posição que provoca insônia em muitos políticos e que se verá reforçada se os candidatos do PDT à prefeitura do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre forem eleitos.

4º) O Dr Jânio Quadros continua na 4ª colocação pelo peso eleitoral de São Paulo, onde consegue um índice de 14,5% em outubro, contra 11,4% que teve em setembro. Na média geral subiu de 6,7% em setembro, para 7,4% nesta pesquisa. Se não for eleito prefeito de São Paulo, passará a disputar a lanterna dos presidenciáveis.

5º) O Governador Franco Montoro subiu do 6º para o 5º lugar na lista dos presidenciáveis. Usando uma técnica de corrida de Fórmula 1, lançou, esta semana, a candidatura do Deputado Ulysses Guimarães a Governador do Estado de São Paulo. Embora tenha sido veementemente desmentida, com essa possível manobra pretende afastar o Dr Ulysses da 1ª fila. Caiu de 6% em setembro, para 5,6% em outubro e vai depender da vitória de Fernando Henrique Cardoso para poder continuar no primeiro time dos concorrentes à cadeira de Sarney.

6º) O Ministro Olavo Setúbal subiu do 7º para o 6º lugar, o que não tem nenhuma importância, uma vez que o seu índice médio, nas nove capitais pesquisadas, é de 4,5% (em setembro era de 5,6%).

7º) O Deputado Paulo Maluf desceu do 5º para o 7º lugar e caiu, na média geral, de 6,3% para 4,1%. O interessante e surpreendente é que Maluf, em São Paulo, no mês de setembro, ocupava o 3º lugar, com um índice de 13,8%, só sendo superado por Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães. Nesta pesquisa de outubro, perdeu 6,6%, quando caiu para 7,2%.

8º) Lula continua em 8º lugar, ainda que seu índice tenha caído de 4,1% em setembro para 3,8% em outubro.

9º) O Ministro Marco Maciel, que ocupava o 10º lugar em setembro, passou para o 9º, subindo de 2,9% para 3,6%. Na realidade, o seu índice médio decorre do fato de ser o líder dos presidenciáveis em Recife (28,4%). Esta posição e índice dependem da derrota de Jarbas Vasconcelos nas eleições do dia 15 de novembro.

10º) O Ministro Antônio Carlos Magalhães, que caiu do 9º para o 10º lugar, lidera os presidenciáveis em Salvador (27,5%). Esse índice poderia modificar-se se Mário Kertesz perdesse as eleições em Salvador.

Maioria repudia o pagamento de jetons aos ausentes

A grande maioria da população condena o pagamento de jetons a parlamentares que não comparecem às sessões da Câmara e do Senado. Pesquisa do Ibope feita para o JORNAL DO BRASIL perguntou a seis mil pessoas, em nove Capitais: "O (a) Sr (a) acha certo ou errado os parlamentares receberem jetons sem comparecer às sessões?" Errado, foi a resposta de 89,1% dos entrevistados.

No Rio, a questão contou com maior repúdio, obtendo um índice de 93,6%. A maior tolerância para com os parlamentares ausentes foi registrada em Belo Horizonte, onde 71,5% acharam errado o pagamento; 2,3% consideraram certo, mas o índice dos que não sabem ou não opinaram foi bastante alto: 26,2%. O pesquisador Homero Icaza Sánchez interpreta este número como sendo de pessoas que não aplaudem nem condenam, apenas **aceitam** o pagamento aos ausentes.

SEM EFEITO

Ainda na análise de Homero, o esmagador índice de desaprovação apurado na pesquisa revela que "a heróica defesa do Deputado Ulysses Guimarães não surtiu efeito". Ele se refere ao programa em rede nacional de rádio e TV em que Ulysses, presidente da Câmara, e José Fragelli, presidente do Senado, tentaram defender o Congresso do que consideravam ataques injustos da imprensa.

Outro aspecto ressaltado pela pesquisa é que, mesmo sem acompanhar atentamente o noticiário sobre o pagamento dos jetons, as pessoas sabem do que se trata e não hesitam em dar opinião. Na pergunta sobre se acompanhavam ou não esse noticiário, os entrevistados dividiram-se; 49,2% disseram que sim e 48,4% responderam que não. Mas os que condenam a prática — 89,1% — representam quase os dois grupos somados.

Embora condene os ausentes, a população reconhece a importância do Congresso e sua atuação na construção da Nova República. Às mesmas seis mil pessoas o Ibope perguntou se o Congresso teve ou não papel importante nessa articulação e 71,1% responderam que sim. O maior índice foi registrado em Salvador (76,5%). Em Porto Alegre, os que não vêem importância na atuação do Congresso para a construção da Nova República (22,2%) são os mais numerosos entre os das nove capitais.

PRESTÍGIO

Finalmente, a pesquisa procurou saber como anda o prestígio dos deputados e senadores junto ao eleitorado. O resultado não foi muito favorável aos parlamentares. A maioria das pessoas acha apenas regular a atuação da Câmara e do Senado.

Na pergunta sobre atuação da Câmara, 42,9% dos entrevistados responderam que a consideram regular; apenas 4,3% acham que é ótima, mas quase 20% consideram ruim e péssima.

Com relação ao Senado, a situação é semelhante: 45,9% dos entrevistados consideram sua atuação apenas regular, 4,9% acham ótima e cerca de 12% classificam de ruim e péssima.

Parlamentar receberá fixo, sem comprovar presença

Brasília — Ainda este ano o Congresso Nacional deve acabar com os controvertidos jetons dos parlamentares, alterando a fórmula de composição de seus salários, que não serão mais divididos em uma parte fixa e outra variável — que cresce ou diminui de acordo com o comparecimento às sessões. Os parlamentares terão vencimentos fixos, subdivididos em três itens: subsídios, verba de representação e ajuda de custos, independente do número de sessões a que compareçam.

Com esta nova fórmula aumentará também a incidência do Imposto de Renda sobre o vencimento dos parlamentares — porque o IR não incide na parte variável hoje. Certamente a remuneração será também aumentada para compensar a perda, admite um integrante da direção da Câmara.

A nova composição dos salários dos parlamentares foi proposta pelo Deputado Flávio Marcílio (PDS-CE), ex-presidente da Câmara, à comissão mista que analisa emenda que institui a volta das prerrogativas do Congresso, a ser apresentada nesta quinta-feira, dia 24, pelo Deputado Cássio Gonçalves (PMDB-MG), o relator da comissão.

Consenso

Marcílio diz que pretendeu apenas "normalizar" os salários dos parlamentares. Gonçalves garante que a alteração conta com a aprovação da maioria dos congressistas e considera "um absurdo" se condicionar o valor da remuneração dos deputados ao número de sessões a que compareça.

— O trabalho do parlamentar não se limita à sua presença em plenário. Há a obrigação do atendimento em seus gabinetes em Brasília, nos seus Estados de origem, além dos trabalhos nas comissões, visitas à biblioteca, ministérios — justifica, e pondera: "A nova fórmula vai aumentar a incidência do Imposto de Renda, democraticamente".

Acha certo ou errado os parlamentares receberem jetons sem comparecer às sessões?

	TOTAL	Rio de Janeiro	São Paulo	Belo Horizonte	Salvador	Porto Alegre	Curitiba	Fortaleza	Recife	Florianópolis
Certo	2,9	2,2	3,2	2,3	7,0	1,0	3,0	4,0	2,1	2,2
Errado	89,1	93,6	92,3	71,5	81,8	81,6	83,5	90,3	91,5	84,2
Não sabe/não opinou	7,9	4,2	4,5	26,2	11,2	17,4	13,5	5,7	6,4	13,6
Nº de entrevistados	6000	1000	1000	1000	400	500	400	300	800	600

Manfredo

Cássio está certo quando afirma que há consenso dos congressistas em torno da proposição de Flávio Marcílio. Se em fins de agosto, só na primeira semana, os cortes nos jetons dos deputados ausentes proporcionaram aos cofres da Câmara uma economia de Cr$ 145 milhões 40 mil — relativos a 1295 jetons — também provocaram muito descontentamento entre os parlamentares. Mas o resultado foi positivo: aumentaram as presenças nas sessões.

A Mesa da Câmara, pressionada pelo noticiário da imprensa, optou por determinar o corte dos jetons dos deputados ausentes; também pressionada pelas lideranças partidárias, tentou contemporizar, aceitando a posição dos líderes, que propunham só cortar os jetons nos dias de "esforço concentrado" das bancadas, quando seriam feitas as votações. Terças, quartas e quintas-feiras seriam os dias desta concentração de esforço. A fórmula não agradou a todos. Enquanto se discutiam alternativas, ficou decidido que nos dias em que houver votação na Câmara serão descontados os jetons dos ausentes. O Senado não aderiu ao corte.

Fórmula

As eleições municipais se aproximam, tirando os parlamentares de Brasília para atuarem nas campanhas eleitorais em seus Estados. Os jetons minguarão. Assim, a solução apontada pelo experiente Flávio Marcílio foi providencial. Mas, para modificar a fórmula da composição dos salários sem deixar que o leão devore os salários a emenda da comissão mista terá de driblar a Constituição, que determina no seu artigo 33 que os deputados e senadores só poderão estabelecer novos vencimentos para a legislatura subseqüente.

A previsão é de que os atuais salários — que variam de Cr$ 22 a 26 milhões — passem a Cr$ 45 milhões para compensar a parte a ser tirada pelo Imposto de Renda. A mágica para possibilitar este aumento, sem ferir as disposições constitucionais, só será revelada com a divulgação do texto da emenda que restaura as prerrogativas do Congresso. Guardada a sete chaves, ela será a grande surpresa do dia 24.

Informe JB

Videopirataria

Os produtores e realizadores de cinema cansaram-se do desembaraço das empresas que se dedicam à produção e comercialização de videocassetes piratas e vão pedir ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra, no dia 29, que o Governo aplique as leis em vigor para evitar que produtores, autores e atores sejam lesados em seus direitos.

O alvo principal, entre os videoclubes que operam com fitas piratas, é o Vídeo Clube do Brasil, de São Paulo, que tem 70 filiais espalhadas pelo país e, segundo estimativa da Associação Brasileira de Produtores de Cinema, fatura algo em torno de Cr$ 3 bilhões por mês.

Calcula-se que haja no Brasil 800 agências de videoclubes e mais de 100 mil filiados.

■

O negócio é tão rendoso que os produtores piratas não medem despesas e usam equipamento altamente sofisticado, como computadores e aparelhagem eletrônica para legendar cópias.

Curiosamente, uma das usinas dessa fabricação irregular está instalada em Natal, com equipamento de primeiríssima ordem.

A todo vapor

A cada dia que passa a agenda do ex-Ministro Delfim Netto vai ficando mais congestionada, pela quantidade de conversas com empresários e políticos.

Não há um só capítulo importante da novela política ou econômica nacional que Delfim não procure acompanhar atentamente, de preferência como ator e não apenas como espectador.

Saldo comercial

O IPEA, órgão de planejamento do Governo, fez e refez as contas e aposta que este ano o saldo da balança comercial ficará na casa dos 12,5 bilhões de dólares — portanto, 500 milhões de dólares acima da meta oficial.

Essa **performance** será possível em grande parte porque as importações de petróleo devem registrar este ano uma queda de 22% em relação a 1984.

O caso do metrô

O Presidente José Sarney ordenou ao BNDES a realização de um relatório completo sobre o **affair** do Governador Leonel Brizola com o banco, em relação às dívidas do metrô.

O Presidente pretende desempatar pessoalmente esta parada.

Cometa inacessível

O novo filme de Renato Aragão — desenho animado de Maurício de Souza que ainda não está pronto e só vai estrear em janeiro — chama-se **Os Trapalhões no Rabo do Cometa.**

Renato Aragão queria estabelecer no título do filme uma relação direta com a passagem do Cometa de Halley, mas descobriu que não poderia fazê-lo porque o nome Halley está registrado.

A batalha do Rio — I

A inauguração do teleférico das favelas Pavão e Pavãozinho, no próximo dia 10, tem tudo para se transformar num grande comício de encerramento da campanha do Senador Saturnino Braga a Prefeito do Rio.

Vai ser uma festa de arromba que começa de manhã bem cedo e entra pela noite adentro com muito samba e discursos.

Vida de artista

Chico Buarque não tem mãos a medir para cumprir os compromissos de estrela da canção e da política.

Já gravou peças publicitárias de apoio aos candidatos do PMDB em São Paulo — Fernando Henrique Cardoso —, Natal — Garibaldi Alves Filho —, Aracaju — Jackson Barreto — e Cuiabá — Dante de Oliveira.

Para gravar o apoio ao candidato do PSB em Recife, Jarbas Vasconcelos, Chico liderou uma equipe com Sócrates, Fagner, Beth Carvalho, Amelinha, Denise Bandeira, Hugo Carvana e Edu Lobo.

■

Chico afirma que vai votar em Marcelo Cerqueira e João Saldanha, da coligação PSB/PCB, mas pode mudar de idéia se a eleição de Saturnino Braga, do PDT, estiver ameaçada por uma polarização na reta final. Nesse caso, fica com Saturnino.

— Não sou tão antibrizolista assim para desperdiçar meu voto — argumenta, aderindo à tese do voto útil.

Contra os roubos de carros

Os automóveis brasileiros vão passar a ter seu número de identificação, que atualmente é gravado apenas no chassi, estampado em vários outros pontos, como o assoalho, o motor, o interior da mala, as portas e todos os vidros principais.

A obrigatoriedade dessa identificação múltipla será adotada pelo Contran para dificultar o trabalho dos ladrões de carros e das oficinas que se encarregam de desmanchá-los para vender as partes.

Carnaval 86

Já foram vendidos 30% da lotação do Sambódromo para o carnaval de 1986.

Pé no jato

O presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão, também zarpa no dia 9 de dezembro com destino a Moscou, na comitiva liderada pelo Ministro Olavo Setúbal.

A Petrobrás deverá também neste caso aumentar suas importações de petróleo para viabilizar uma presença comercial maior do Brasil na União Soviética.

A batalha do Rio II

O teatrólogo Dias Gomes ameaça processar o candidato do PFL a Prefeito do Rio, Rubem Medina, porque ele está anunciando a exibição em telões, em praça pública, de "capítulos inéditos" da novela **Roque Santeiro**.

— Ele está ferindo os direitos de autores e atores. Não sei como ele pode dispor de "capítulos inéditos", sobretudo sem autorização, que ele não pediu e, se pedisse, não receberia, porque não apóio sua candidatura — declara Dias Gomes.

Basta ser humano

De agora em diante é norma oficial: basta existir para receber atendimento médico hospitalar ou ambulatorial nas unidades próprias do INAMPS.

O presidente do INAMPS, Hésio Cordeiro, baixou ontem uma resolução que dispensa a apresentação, pelo paciente que procura atendimento, de carteira de trabalho ou documento de identidade.

■

Embora a orientação já vigorasse há algum tempo, muitos médicos e funcionários do INAMPS a ignoravam, o que motivava grande número de reclamações pelo telefone 191.

Macacobrás

O Centro Nacional de Primatas de Belém comunica que nasceu a primeira macaca guariba em cativeiro, no Brasil.

Pelo seu porte, o macaco guariba, da Amazônia, pode substituir macacos africanos e asiáticos usados em pesquisas e no controle de vacinas como a da poliomielite.

O problema é que só animais reproduzidos em cativeiro podem ser usados em pesquisas, e até aqui não se tinha conseguido a proeza com um exemplar da espécie **alouatta**.

Lance-Livre

• Para reduzir a polêmica entre os freqüentadores do Barbas, um dos templos etílicos da esquerda carioca, suscitada pela polarização entre os candidatos Saturnino Braga e Marcelo Cerqueira, os coordenadores do Bloco do Barbas (o compositor Mauro Duarte e a cantora Cristina Buarque de Holanda) resolveram antecipar para amanhã a reunião em que se escolherá o samba-enredo do próximo carnaval.

• Roque Santeiro **começará nos próximos dias a invadir o espaço eleitoral gratuito nas TVs gaúchas. O ator José Wilker, que vive o famoso personagem-título da novela global das 20h, aparecerá no vídeo apoiando os candidatos do PT à Prefeitura de Porto Alegre, Raul Pont e Clóvis Ingelfritz. O exemplo de Wilker será seguido por Zezé Mota, Paulo César Pereio e Irene Ravache.**

• O assessor especial da Presidência da República Célio Borja embarca para Portugal amanhã. Vai representar o Presidente José Sarney nas solenidades de comemoração dos 40 anos da ONU. A dívida externa brasileira e a solidariedade entre os povos serão os pontos básicos do discurso de Borja.

• **A estréia de Maria Bethânia no Canecão, no dia 31, promete muito, pelo menos em termos visuais. A gravadora Maria Bonomi, responsável pelo lobby interno do Hotel Macksoud, em São Paulo, fará a fachada do Canecão, o logotipo dos 20 anos de carreira da cantora e uma exposição dos cenários e painéis do artista Flávio Império, recentemente falecido, responsável também pelo cenário de Bethânia.**

• Ao chegar à 18ª Delegacia, anteontem, uma senhora foi dar queixa do roubo de seu carro na Rua Ibituruna, próximo à Faculdade de Veiga de Almeida, e foi surpreendida pelo delegado, que lhe informou tratar-se do quinto caso de roubo de automóvel na mesma noite, naquele local.

• **Um exército de 264 artistas e figurantes será mobilizado para a encenação da ópera** O Trovador, **de Verdi, que estréia quinta-feira no Teatro Municipal. Semana passada, durante um ensaio, a cantora Mabel Veléris surpreendeu a orquestra fazendo a difícil proeza de interpolar um mi bemol numa ária. Foi a mesma nota que deu celebridade a Maria Callas, no México, numa ária de** Aída, **do mesmo Verdi.**

• O novo disco de Fagner será lançado amanhã, com um churrasco na sede do Flamengo. Após o churrasco haverá um jogo de futebol entre profissionais e artistas. Moraes Moreira, Zico e Sócrates são presenças confirmadas, mas só o primeiro vai entrar em campo.

• **O Sesc está promovendo a Semana do Comerciário, com debates a partir de hoje, às 17h, sobre o tema Cultura de Massa — uma Questão Social.**

• Tom Jobim e Nana Caymmi vão cantar e Marília Pêra e Jô Soares declamar poemas, no disco em homenagem aos 50 anos da morte do poeta Fernando Pessoa. O ator Marco Nanini ficou emocionado porque foi convidado a participar do disco como cantor.

• **Dois ônibus — um com ex-oficiais e outro com ex-praças — vão partir hoje à tarde para Brasília, de um ponto de reunião em frente à sede da ABI, no Centro do Rio, para intensificar o mutirão em favor dos militares cassados.**

• Pérola do pensamento de Aldir Blanc: "Apressado come cru. Indeciso nem cru come".

Garcia luta por Minas em 88

Belo Horizonte — O Governador Hélio Garcia não considera Minas fora da sucessão de José Sarney, — a ser decidido provavelmente em 1988 — discordando, assim, do Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, que afirmou há três dias — excluindo-se, apesar de sua boa popularidade apurada nas pesquisas JB/Ibope —, não ver condições para que o Estado eleja o futuro Presidente.

Garcia acredita que, passadas as eleições municipais, ocorrerão modificações no quadro político e as conversas serão aprofundadas. Recordou que a política brasileira passa sempre por Minas, mas defendeu, antes dos debates sobre a sucessão presidencial, a realização da Constituinte que vai, inclusive, fixar o mandato de Sarney.

Apesar das divergências atuais entre o PMDB e o PFL, afloradas no seu Estado na abertura da campanha pela Prefeitura de Belo Horizonte, Garcia acha possível que os dois partidos, mais tarde, reencontrem o caminho do entendimento. O Governador admitiu que deseja conversar com Aureliano e não poupou elogios ao Ministro: "Um homem sério, honrado e digno, uma força expressiva, que já prestou os melhores serviços ao Estado à nação e que foi peça fundamental na eleição do Presidente Tancredo Neves.

PDT lança Brizola em Curitiba

Curitiba — O Governador Leonel Brizola admitiu a possibilidade de ser candidato à Presidência da República e propôs a realização de eleição conjunta para Presidente e constituintes em 86. Em rápida passagem por Curitiba, Brizola gravou um tape para o programa gratuito do candidato do PDT à Prefeitura, Jaime Lerner, e voou para Foz do Iguaçu no final da tarde, também para participar de comício do partido.

Ao discursar no comitê da campanha de Lerner, o Governador foi aclamado por cerca de 300 pessoas que o assistiam, gritando o **slogan** "Um, dois, três, quatro, cinco mil. Brizola presidente socialista do Brasil".

Plebiscito de Ulysses é eleição

Porto Alegre — O presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, entende "que a eleição para deputados e senadores, em novembro de 1986, não será outra coisa senão um plebiscito, no qual o povo, inclusive os analfabetos, irão se manifestar e dizer qual dos 20 partidos e candidatos oferece solução para seus problemas". A declaração foi feita em resposta à indagação se o Governo não havia se desgastado ao rejeitar a idéia de um plebiscito para saber se a Constituinte deveria ou não ser exclusiva.

Ulysses frisou que o substitutivo do Deputado Flávio Bierrenbach (PMDB-SP), propondo o plebiscito para decidir sobre a exclusividade da Constituinte, não tinha vínculo com os compromissos assumidos "nem por mim nem por Tancredo Neves, junto às multidões, na campanha das diretas. Nosso compromisso nas praças está nos moldes da convocação que está sendo feita", justificou, referindo-se ao novo substitutivo, que confere aos membros do Congresso a ser eleito em 1986 poderes constituintes.

"Sempre afirmei que era preciso uma fórmula que tivesse condições de ser aprovada por dois terços do Congresso. A sociedade vai compreender que a proposta do Governo corresponde aos seus anseios", afirmou o presidente do PMDB e da Câmara.

JORNAL DO BRASIL S A

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23100 — S. Cristóvão — CEP 20922 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — (021) 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

Superintendente Comercial: José Carlos Rodrigues
Superintendente de Administração de Vendas: Roberto Dias Garcia
Gerente de Vendas - Noticiário: Fábio Mattos
Gerente de Vendas - Classificados: Nelson Souto Maior
Classificados por telefone 284-3737
Outras Praças — 9(021) 800-4613 (DDG — Discagem Direta Grátis)

Sucursais:
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone: (061) 223-5888 — telex: (061) 1 011
São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone: (011) 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30000 — B. Horizonte, MG — telefone: (031) 222-3955 — telex: (031) 1 262
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960/Morro Sta. Teresa — CEP90000 — Porto Alegre, RS — telefone: (0512) 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017
Nordeste — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — telex 1 095 — CEP 40000 — Pernambués — Salvador — telefone: (071) 244-3133.
Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Pernambuco, Paraná, Paraíba, Piauí, Santa Catarina.
Correspondentes no exterior
Londres, Nova Iorque, Roma, Washington, DC, Buenos Aires
Serviços noticiosos
AFP, Airpress, Ansa, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI.
Serviços especiais
BVRJ, The New York Times

Superintendência de Circulação:
Superintendente: Luiz Antonio Caldeira

Atendimento a Assinantes:
Coordenação: Margarida Maria Andrade
Telefone: (021) 264-5262

Preços das Assinaturas

Rio de Janeiro — Minas Gerais
1 mês .... Cr$ 60.800,
3 meses .... Cr$ 172.800,
6 meses .... Cr$ 326.400,
Espírito Santo
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 172.800,
6 meses .... Cr$ 326.400,
São Paulo — Goiânia
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 213.300,
6 meses .... Cr$ 402.900,
Brasília
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 213.300,
6 meses .... Cr$ 402.900,
3 meses (aos sábados e domingos) .... Cr$ 72.000,
6 meses (aos sábados e domingos) .... Cr$ 144.000,
Salvador — Florianópolis — Maceió
Campo Grande
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 253.800,
6 meses .... Cr$ 479.400,

Recife — Fortaleza — Natal — J. Pessoa
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 334.800,
6 meses .... Cr$ 632.400,
Rondônia
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 415.800,
6 meses .... Cr$ 785.400,
Entrega postal em todo território nacional
3 meses .... Cr$ 217.600,
6 meses .... Cr$ 408.000,

Atendimento a Bancas e Agentes
Telefone: (021) 264-4740

Preços de venda avulsa em Banca
Rio de Janeiro/ M. Gerais/ Espírito Santo
Dias úteis .... Cr$ 2.000,
Domingos .... Cr$ 3.000,
DF, GO, SP
Dias úteis .... Cr$ 2.500,
Domingos .... Cr$ 3.500,
AL, MT, MS, SC, RS, BA, SE, PR
Dias úteis .... Cr$ 3.000,
Domingos .... Cr$ 4.000,
MA, CE, PI, RN, PB, PE
Dias úteis .... Cr$ 4.000,
Domingos .... Cr$ 5.000,
Demais Estados e Territórios
Dias úteis .... Cr$ 5.000,
Domingos .... Cr$ 6.000,
DF, MT, MS, PE — com preços diferenciados para exemplar com Classificados

Maias podem perder após 10 anos

Natal — Como derrubar o favoritismo mantido pelo candidato Garibaldi Filho (PMDB) ao longo de toda campanha eleitoral, conforme atestam os números das pesquisas do JB/Ibope? Encontrar a resposta tem provocado colisões, rusgas entre os líderes de grupos e certamente muitas horas de discussão, entre o Governador Agripino Maia, seu antecessor Lavoisier Maia, seu pai Tarcísio Maia e o pequeno exército de coordenadores, assessores e cabos eleitorais recrutados para ajudar na campanha de Wilma Maia — mulher de Lavoisier — (PDS/PFL) à Prefeitura de Natal.

Pela primeira vez ao longo de 10 anos de reinado absoluto na política do Estado, os Maia enfrentam uma situação eleitoral adversa, que desafia até mesmo a suposta eficácia da estratégia adotada pelo grupo em 1982, quando Agripino derrotou por 107 mil votos o candidato do PMDB ao Governo do Estado, Aluízio Alves, hoje Ministro da Administração.

CONSTRANGIMENTO

O fracasso do esforço de guerra desempenhado pelos Maia lhes tem custado o enfrentamento de situações atípicas e constrangedoras, como a discussão entre Agripino e Lavoisier, que acusou o Governador, durante reunião na Secretaria de Planejamento, de não se empenhar na campanha da candidata pedessista. Outra situação é a impossibilidade de divulgar os resultados da pesquisa semanal que eles mesmos encomendam, por revelarem a liderança de Garibaldi Filho na preferência do eleitorado.

A menos de um mês da eleição, os Maia lançam mão de cartas mais pesadas, como, por exemplo, a pressão sobre os servidores públicos estaduais e municipais.

As secretarias do Governo estadual e da Prefeitura cuidam de identificar meticulosamente o endreço completo de todos os seus servidores, para intimá-los, individualmente, a votar em Wilma Maia.

Agripino deverá anunciar no próximo dia 28 a concessão do 13º salário para os servidores estatutários, atendendo a uma antiga reivindicação deles.

CARTADA

Para o dia da eleição, os Maia guardam sua cartada decisiva, com a organização de comandos em todos os bairros da cidade, que tentarão mudar, na base do corpo a corpo, na boca da urna, a situação de inferioridade que se apresenta no momento. Culminando este esforço, trarão a Natal prefeitos de todas as regiões do Estado, incumbindo-os de garantir para Wilma Maia os votos dos eleitores originários dos municípios que governam.

Em 1982, o PMDB foi impotente para conter o avanço do rolo compressor que o Governo ensaia utilizar novamente. Agora, revitalizado pela ascensão de Aluízio Alves ao Ministério e pela pentração de Garibaldi junto ao eleitorado da capital o partido se prepara para responder à altura.

Atualmente, pelo menos 2 mil pessoas trabalham pelo candidato pemedebista, num esforço que fez o Deputado federal Henrique Alves, filho do Ministro Aluízio Alves, licenciar-se da Câmara por três meses para coordenar a campanha.

O PMDB guarda na manga, para a semana final da campanha, a adesão pública do Deputado federal Vingt Rosado, que já se desligou oficialmente do Diretório Nacional do PDS e sempre obteve votação considerável na capital. Os Maia respondem com o brilho solitário do Ministro da Desburocratização, Paulo Lustosa, e torcem para que os Ministros Aureliano Chaves e Marco Maciel confirmem sua vinda para um dos comícios da candidata pedessista.

Três candidatos tentam ser campeões de voto

O baiano Mário Kertesz, o goiano Daniel Antônio e o sergipano Jackson Barreto têm em comum muito mais do que a sigla partidária (PMDB), a faixa etária (todos entraram na casa dos 40) e a postura pessoal (informal, descontraída, tanto nos contatos com o povo quanto no rádio e na TV). Os três, colecionadores de mandatos e hábeis organizadores de campanhas políticas, são os candidatos a recordistas de votos nas eleições para as Prefeituras de Salvador, Goiânia e Aracaju. Nas pesquisas, seus nomes estão praticamente consagrados. São imbatíveis.

Carisma baiano

Com Mário Kertesz, não poderia ser diferente. Tecnocrata até assumir a Prefeitura da capital baiana em março de 1979, nomeado pelo então Governador Antônio Carlos Magalhães, resolveu vestir a roupa de político dois anos depois. Nessa ocasião, inconformado por não ter sido escolhido candidato do PDS ao Governo, protestou. Foi demitido pelo protetor, mas libertou-se. E começou uma carreira que o levou à condição de **star** na constelação da política baiana.

Sem ser candidato, Mário Kertesz elegeu sua mulher Eliana, sem qualquer militância política, a vereadora mais votada da Bahia. Com os 93 mil votos obtidos pelo prestígio do marido, ela conseguiu o equivalente à votação dos candidatos do PDS ao Governo e ao Senado, João Durval e Luiz Viana Filho. Agora, casando a legenda mais poderosa em Salvador com o seu carisma, Kertesz assegurou-se os mais altos índices nas pesquisas eleitorais realizadas nas capitais. Da largada até a última pesquisa JB-Ibope, foram computados a seu favor 64% das preferências dos eleitores.

Para atingir esta vantagem que lhe garante desde já a eleição — salvo **acidentes** nas urnas —, Kertesz organizou uma máquina política que não funciona apenas à base de um símbolo (um coração vermelho). Um comitê central, 55 comitês de bairros, uma agência de propaganda (a DM-9), uma equipe de jornalistas, técnicos e pessoal de TV constituem a estrutura da campanha do candidato do PMDB. Mas o que vale mesmo é a disposição com que enfrenta, sem qualquer aparato, a população, em comícios, caminhadas e visitas aos subúrbios da cidade.

Furacão goiano

O candidato do PMDB à Prefeitura de Goiânia, Deputado Daniel Antônio, não sensibiliza a burguesia da cidade. Nem está interessado. Com seu temperamento agitado, franco e descontraído, ele só se preocupa com o eleitorado de baixo poder aquisitivo. Foi com essas pessoas que, desde os tempos de vereador, assumiu a posição de político de fácil assimilação na capital goiana. Os quase 60 mil votos na sua eleição para Deputado estadual em 1982 comprovam isso.

Campeão de atendimento na Câmara quando Vereador, parlamentar combativo durante seus tempos de Assembléia, Daniel Antônio tem 44 anos, formou-se em Direito na Universidade Católica de Goiás, não bebe, nem fuma. Sua trajetória política foi marcada pela defesa dos perseguidos pela Polícia, num trabalho em que tanto valia a coragem pessoal como o uso dos meios de comunicação. Embora da mesma legenda que o Governador Íris Rezende, ele não poupa críticas à administração estadual — e sobretudo a municipal. Essa franqueza lhe garantiu até agora 59,5% das preferências dos eleitores de Goiânia. Sua ambição, porém, é conseguir cerca de 200 mil votos dos 250 mil em jogo a 15 de novembro.

Campeão sergipano

Em Sergipe, o Deputado federal Jackson Barreto tem as mesmas pretensões na sua disputa da Prefeitura de Aracaju. Só que conta com uma margem ligeiramente mais confortável de simpatia do eleitorado, de acordo com a pesquisa JB/Ibope: 60,8%. Com o apoio do Governador João Alves Filho e seu prestígio junto aos aracajuanos, Barreto quer marcar em definitivo sua coerente passagem pelas urnas. "De cada cinco eleitores, quatro votarão em Jackson", prevê o Governador, interessado em dar ao candidato do PMDB "a maior vitória proporcional do País".

Será possível? É provável, se julgada a trajetória de Barreto, que desde os 28 anos de idade se tornou um campeão de votos. Aos 41 anos, exibe uma invejável coleção de quatro mandatos que vão de vereador a deputado federal, sempre como o mais votado no Estado. A exceção foi em 1982, quando disputou a reeleição para a Câmara e o PDS quase varreu Sergipe de ponta a ponta. Barreto atribui à sua participação em todos os movimentos estudantis realizados no Estado, nos últimos 21 anos, seu favoritismo. Também acha que pesou seu engajamento na campanha pelas diretas e o voto para Tancredo Neves no Colégio Eleitoral. Seu programa talvez explique um pouco sua aceitação nas pesquisas: ele privilegia o atendimento aos bairros mais carentes de Aracaju, esquecidos em muitas administrações recentes.

ESPORTE
2ª feira no Caderno de Esportes. De 3ª a domingo no Primeiro Caderno.

Militares, de terno, dialogam no Congresso

Brasília — Foto de José Varella

Pellegrino: ainda arredio a câmeras de TV

Cecília Pires

Brasília — Convites para viagens em fragatas ou submarinos, visitas às instalações da Marinha ou do Exército, palestras e encontros nos gabinetes de deputados e senadores, conversas informais no cafezinho da Câmara. Com este novo estilo de trabalho, os assessores parlamentares dos Ministérios militares invadiram os corredores do Congresso e podem ser vistos todas as tardes, em trajes civis, em plena lua-de-mel com a classe política. Para assumir essa nova imagem, Exército, Aeronáutica e Marinha ampliaram de três para 12 seu quadro de funcionários para assuntos políticos, incluindo-se aí a recém-criada assessoria do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA).

Em plena atividade, esses assessores militares desdobraram-se em movimentação frenética, na semana passada, na negociação mais polêmica em que se envolveram desde o início do Governo. Em contatos com parlamentares e ministros de suas áreas, eles tentaram, de várias maneiras, contornar o impasse criado pela Emenda Jorge Uequed (PMDB-RS) que, acoplada à Emenda Sarney de convocação da Constituinte, visava ampliar a anistia aos funcionários civis e militares.

Novo visual

Pela manhã, o capitão-de-mar-e-guerra Luís Paulo Aguiar Reguffe, assessor do Ministro da Marinha, despacha no gabinete em seu impecável uniforme branco. À tarde, como na quinta-feira passada, com um discreto terno bege, ele atravessa os corredores do Congresso para acompanhar a discussão e votação de um projeto que propõe a sindicalização da Guarda Portuária. Leva sempre parecer do Ministério aconselhando aos deputados que a medida, estendida a funcionários que andam armados por força da função, é, no mínimo, perigosa.

Em suas atuais funções, esses assessores não se sentem constrangidos em convidar políticos para um aperitivo na própria casa onde, com desenvoltura, falam sobre questões como: a reforma de instalações militares, o aumento de verbas para melhoria de equipamentos, anistia, tortura, legalização da União Nacional dos Estudantes (UNE). Tudo debatido com serenidade,conforme revelaram alguns parlamentares convidados.

Alguns convites supreenderiam os parlamentares anos atrás e seriam, provavelmente, recusados. Um deles foi enviado pelo Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves, a um grupo de deputados e senadores, para uma troca de idéias sobre as atividades da instituição. Um dos convidados era o Líder do PDT na Câmara, Nadyr Rossetti, cassado no Governo Geisel e ligado ao Governador Leonel Brizola, o político mais odiado pelos militares nos últimos tempos. "Ministro", disse Rossetti, "desde 1964 eu não apertava a mão de um general. E foi a primeira vez, desde então, que eu entrei num quartel e saí livre".

À luz do dia

Muitos deputados não se lembram de ter conhecido nenhum assessor parlamentar dos ministros militares. Sabia-se de sua existência porque qualquer discurso que desagradasse à área militar desembarcava nas mesas dos Ministros do Exército, da Aeronáutica e da Marinha tão logo fosse feito em plenário. Só uma vez um desses assessores saiu da sombra: para pedir à Mesa da Câmara a gravação do discurso do Deputado João Cunha (PMDB-SP) com violentas críticas ao regime — o que por pouco não causou sua cassação.

Quando o Deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) discursou na Câmara criticando a construção da Base Aérea de Alcântara, no Maranhão, que seria supostamente utilizada por aviões norte-americanos, a assessoria parlamentar tratou de chamar o parlamentar para uma conversa cordial. Daí surgiu o convite para um grupo de parlamentares visitar o local e comprovar que o temor era infundado.

O Deputado José Genoíno (PT-SP), um dos sobreviventes da guerrilha do Araguaia, foi convidado por um assessor do Ministro do Exército para uma conversa depois que passou a ler a lista dos torturadores do Governo militar. O encontro acabou não acontecendo, mas os discursos contra o Coronel Brilhante Ustra, reconhecido como o torturador da Deputada Beth Mendes, foram, aos poucos, desaparecendo.

— Isso não está ajudando a ninguém. De um lado, Genoíno apontando torturadores. De outro, Curió (Sebastião Curió, ex-agente do SNI, hoje deputado pelo PDS do Pará) trazendo listas de comunistas. É preciso entender o momento e começar a enterrar o passado — dizia pelos corredores do Congresso o Coronel Carlos Alfredo Pellegrino, assessor do Ministro do Exército. "Eu me relaciono tanto com o Genoíno quanto com o Curió", revelava, por sua vez, o Tenente-Coronel Cyro Leonardo de Albuquerque, assessor parlamentar do Ministério do Exército, no café da Câmara.

A incursão desses militares por temas políticos considerados até há pouco tabus ainda provoca discussões. Mas ninguém nega que mudaram de estilo. "É um poder de pressão mais sofisticado", diz José Genoíno. Apesar disso, eles cometeram equívocos — ou "acidentes de percurso", como chamam. Um deles foi a aprovação do projeto do Senador Itamar Franco (PMDB-MG), que livra das punições disciplinares militares da reserva que fizeram declarações políticas.

"Agora temos que saber perder", declarou o capitão-de-mar-e-guerra Dick Silveira Mello, assessor do EMFA, bisneto de Prudente de Moraes, primeiro Presidente civil do Brasil. "Se um projeto que não nos interessa passar em plenário, paciência."

Foi também um "acidente de percurso" o incidente em que se envolveu esta semana o Coronel Carlos Alfredo Pellegrino, quando conversava com o Deputado Flávio Bierrenbach (PMDB-SP), relator da emenda da Constituinte. Discutindo no café da Câmara as inovações polêmicas introduzidas pelo parlamentar em seu parecer — e especialmente a questão da anistia —, Pellegrino não gostou dos **flashes** e das câmaras de TV documentando o encontro. E reagiu avisando que não falará mais com a imprensa. Ex-Comandante do 8º Grupo de Artilharia, em Minas Gerais, Pellegrino confessa não estar acostumado a ser fotografado e que foi treinado para uma atividade completamente diferente.

Assustado com êxitos do PMDB, PFL monta plano para sobreviver

Vanda Célia

Brasília — O PFL caiu na realidade. Cansado de tanto emprestar seus 106 deputados e 21 senadores para defender o Governo, o partido começa a se movimentar para garantir-se e disputar as eleições de 1986. Há obstáculos pelo caminho diante do crescimento do PMDB, o avanço do PDT e a ameaça do PDS não-malufista de ocupar o espaço de aliado do Governo. No perde e ganha de agora, o PFL vai ter ainda de ingolir o sapo de derrotas em capitais onde esperava dar um passeio nas urnas, caso de Belo Horizonte.

O drama do PFL não pára, no entanto, por aí. O Ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, sua maior liderança em termos de popularidade, não aceita a presidência do partido, depois de março de 1986, como sonhava a maioria dos parlamentares liberais. "Não aceito cargo, que deve ser exercido por um político com mandato", sentenciou Aureliano para desiludidos correligionários que foram lhe fazer um apelo que todo o partido esperava: a troca da decorativa presidência de honra da Frente Liberal pela presidência efetiva.

Sem espaço

A operação para tentar preservar a sigla foi deflagrada em reunião na semana passada entre o Senador Jorge Bornhausen, presidente do PFL; o líder do Senado, Carlos Chiarelli (RS); o Senador Guilherme Palmeira (AL); e o Ministro Marco Maciel, da Educação. Resolveram fazer um roteiro de viagens da cúpula partidária às capitais onde o partido tem candidatos e, depois do dia 15 de novembro, enviar um SOS ao Presidente José Sarney.

— Precisamos conhecer o projeto do Presidente José Sarney e saber com exatidão qual o papel do PFL na Aliança Democrática — revelou Guilherme Palmeira.

Preservar o PFL, contudo, parece tarefa difícil depois da briga que seus adeptos travaram com o PMDB por cargos e posições no Governo. Uma guerra que perderam. No último dia 8, durante reunião da bancada na Câmara, os deputados delegaram ao líder José Lourenço a tarefa de cobrar do Palácio do Planalto o cumprimento dos acordos feitos para o preenchimento dos cargos.

Irritado, com um **Diário Oficial** sobre a mesa do gabinete, Lourenço começou a enfrentar a missão. "Demitiram um agente da Previdência em Pato Branco (PR) que era do PFL. Os ministros do PMDB não cumprem os acordos e isto acontece diariamente. Está muito difícil manter a Aliança", desabafou, antes de se dirigir para o Palácio do Planalto, aonde foi reclamar ao Ministro José Hugo Castelo Branco, do Gabinete Civil.

O **Diário Oficial** do dia 15 passado deixou Lourenço ainda mais desolado. Com suas letras miúdas a publicação convenceu Lourenço de que a garantia que José Hugo lhe dera — "O deputado mais votado da Aliança é que será responsável pela indicação para o preenchimento de cargos de terceiro escalão" — não valia nada. O representante da Previdência em Moreira Alves, município do Paraná, indicado pelo Deputado Antonio Bueno, do PFL, o mais votado na região, fora demitido.

— O PFL se danou nas nomeações — observou o Deputado Alceni Guerra, vice-líder na Câmara.

Um dos integrantes de cúpula da Frente Liberal explicou que só o Presidente José Sarney conseguirá manter a Aliança em razão desses problemas com os ministros do PMDB e as bancadas do PFL. Até agora, o partido de Aureliano leva a pior e ainda tenta calar as reclamações. Mas já estão surgindo os grupos de rebeldes dispostos a abrir dissidência contra o Governo, o que poderá ameaçar a inquieta base parlamentar do Planalto.

O próprio presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, está empenhado na reconciliação das bancadas, para manter a Aliança, após as eleições. Para isto, deverá voltar a conversar com a cúpula liberal nos próximos dias, e fazer, em conjunto com eles, uma análise global do resultado das eleições de novembro e um organograma de conciliação.

Desconfiança

A insatisfação dos liberais com o loteamento dos cargos está, contudo, difícil de ser debelada. O motivo: ela está aliada à desconfiança em relação ao próprio Governo. Em junho passado, o secretário particular e genro do Presidente, Jorge Murad, garantiu ao Deputado Alceni Guerra que os cinco prefeitos do Sudoeste do Paraná, de municípios de segurança, embora nomeados no Governo passado, não seriam demitidos porque haviam aderido ao PFL.

— Fique tranqüilo, falei com o Presidente e está tudo certo. Não haverá demissões aí — afirmou Murad, em telefonema à tarde, ao Deputado Guerra.

Às sete da noite, num jornal da televisão, o deputado ouviu o Governador do PMDB, José Richa, ler o decreto demitindo os cinco prefeitos. Ressentidos pela ausência de muitos dos cargos prometidos; desprovidos de discurso porque não podem agredir um Governo que partilham e nem prometer mudanças que dependem dos pemedebistas, pelo menos 20 deputados começam a organizar um grupo para buscar uma outra saída partidária ou aderir a uma das tantas existentes.

na tele-rio VOCÊ ganha sempre

TELEVISORES

TELEFUNKEN MOD.366-E 36 cm. 14" AFT. Controle Eletrônico ... 2.810.000
SHARP C. 1404 36 cm. 14" Canal VCR ... 3.060.000
SHARP MOD. C.1625-A 41 cm. 16" "Softvision" Canal VCR ... 3.255.000
PHILIPS 16 CT 6010 41 cm. 16" Seletronic ... 3.275.000
PHILIPS 20 CT 6000 51 cm. 20" Seletronic ... 3.310.000
PHILIPS PORTÁTIL Mod. 12 TX 1572 - Transistorizada ... 1.180.000

PRODUTOS PHILIPS

STÉREO MUSIC CENTER AH. 920 — 3x1 c/caixas ... 1.590.000
RÁDIO GRAVADOR AR.248 - AM/FM. Controle automático ... 640.000
RÁDIO RELÓGIO 090 — Digital AM/FM ... 390.000
RÁDIO PORTÁTIL AL.130 — Exclusivo Stereo ... 224.000
NOVO BARBEADOR PHILISHAVE Mod. HP.1621 c/2 cabeças flutuantes ... 228.000
DEPILADOR LADYSHAVE A maneira mais rápida de v. ficar lisinha ... 270.000

PRODUTOS ARNO

ASPIRADOR DE PÓ Júnior Super - completo ... 322.000
BATEDEIRA CIRANDA Super-completa ... 225.000
ENCERADEIRA NOVA 1 haste — esmaltada ... 243.000
MULTIMIXER Tritura, mói e dilui ... 183.000
LIQUIDIFICADOR LA 3 velocidades c/copinho ... 94.000
ESPREMEDOR DE FRUTAS Manejo simples ... 82.000

CINE FOTO

FILMES KODAK 12 POSES CALOR Com 25% de desconto na revelação ... 16.500
FILMES KODAK 24 POSES COLOR Com 25% desconto na revelação ... 21.500
CÂMARA 35 MM FOCAL 35 MF C/FLASH ELETRÔNICO EMBUTIDO ... 588.000
CÂMARA 35 MM MIRAGE EF 35 C/FLASH ELETRÔNICO EMBUTIDO ... 679.000
FLASH ELETRÔNICO KODAK Para câmaras 35 mm ... 126.500
RETROPROJETOR IEC VGS MOD. VISOGRAF com termostato ... 2.676.000

O MENOR PREÇO É O NOSSO

CREDITO NA HORA, ATÉ 24 MESES ENTRADA ZERO 1 PAGAMENTO 30 DIAS APÓS

GELADEIRAS

BRASTEMP DUPLEX Mod. 34-D 340 litros ... 2.180.000
BRASTEMP LUXO Mod. 32-S - 320 litros ... 1.470.000
CONSUL SENIOR SUPER LUXO Mod. 2845 - 280 litros ... 1.280.000
CONSUL JUNIOR Mod. 940 — escritório ... 900.000
SUPER FREEZER CONSUL Mod. 1257 - 115 litros ... 1.390.000
CLIMAX NOVAH 240 litros — luxo ... 1.190.000
FREEZER VERT. PROSDÓCIMO Mod. 418 03/180 litros. Chave segurança ... 1.570.000
FREEZER VERT. BRASTEMP Mod. 27-L — 270 litros F. Segurança ... 1.840.000

PRODUTOS WALITA

NOVO LIQUIDIFICADOR BETA 3 velocidades - Autocentrante ... 134.000
FERRO AUTOMÁTICO Uma temperatura para cada tecido ... 69.000
NOVO FERRO SPRAY O seu tanque de passar roupa ... 95.000
CAFETEIRA AUTOMÁTICA Prepara de 2 a 22 cafezinhos ... 228.000
NOVA CENTRÍFUGA Extrai sucos de qualquer fruta ... 277.000
NOVO TOSTADOR 8 graduações de temperatura ... 186.000
MIX BATEDEIRA Mistura, bate, moe e dilui ... 139.000
NOVA BATEDEIRA Ultramoderna ... 182.000

FOGÕES

SEMER RADIANTE LUXO Mod. 3040 - 4 queimadores. Console ... 470.000
FOGÃO SEMER RETILINEO Mod. 2020 — 4 queimadores ... 340.000
SEMER LINEA D'ORO 8066. 6 queimadores T. Cristal ... 929.000
BRASTEMP MAISON INOX Mod. BFN. 76 X - 6 bocas - automático ... 2.520.000
FOGÃO CONTINENTAL 2001 Grand Prix-Super, 4 bocas.Tampa de cristal ... 1.400.000

PRODUTOS G. E.

ASPIRADOR DE PÓ Maior capacidade de sucção c/rodízios ... 477.000
FORNO "TOASTER-OVEN" Forno e Torrador automático ... 444.000
GRILL AUTOMÁTICO Torrador e grelha p/Waffles ... 205.000
FACA ELÉTRICA Super Leve ... 122.000
FERRO A VAPOR A perfeita máquina de passar ... 148.000
ESPREMEDOR DE FRUTAS Espremedor e jarra numa única peça ... 85.000

PRODUTOS BRAUN

MISTURADOR MINIPIMER Bate, tritura, liquifica e mistura ... 194.000
ESPREMEDOR CITROMATIC Prático e Funcional ... 77.000
BALANÇA DE COZINHA Pesa tudo que v. precisa ... 60.000
CONJUNTO Para Beleza Beauty Care ... 64.000
DEPILADOR DEPILER Sistema completo de depilação a cera ... 148.000
SECADOR ULTRA-RÁPIDO Portátil, porém de grande potência ... 75.000

RÁDIO PORTÁTIL Mod. AL 331 - OM/FM/OC - Stéreo ... 336.000
GRAVADOR CASSETE Mod. N 2233 - Controle automático ... 305.000
TIMER PROGRAMAVEL Liga/desliga aut. todas as luzes ... 99.000
SECADOR AIR CONTROL HL. 2885 - Duas temperaturas ... 112.000
SECADOR AIRPORT 1300 W. Cabo dobrável ... 181.000

DIVERSOS

LAVADORA BRASTEMP S.LUXO 61-G.3 programas de lavagem ... 2.320.000
NOVA ENCERADEIRA ELECTROLUX B.27 - 3 escovas. Esmaltada ... 560.000
ASPIRADOR DE PÓ ELECTROLUX Z.110 — 1.000 watts. Alta sucção ... 820.000
MAQ. OLIVETTI PRAXIS 20 A primeira portátil Eletrônica ... 2.900.000
MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI Lettera 82 c/estojo ... 465.000
MÁQUINA DE ESCREVER REMINGTON Ipanema c/estojo ... 486.000
RÁDIO GRAVADOR SHARP Mod. 1780 — Pilha e luz ... 760.000
RÁDIO RELÓGIO NATIONAL RC 6054 - Eletrônico ... 403.000
GRAVADOR NATIONAL RQ.2211 — Microfone embutido ... 309.000
RÁDIO PORTÁTIL NATIONAL RF.4200 - AM/FM. 500 m W de potência ... 226.000
EXAUSTOR DOMÉSTICO SUGGAR Aço Inox. Silencioso e simples de limpar ... 592.000
BICICLETA MONARK IPANEMINHA Igual à da mamãe c/Cestinha ... 680.000
BICICLETA MONARK MIRIM/85 Com rodinhas ... 525.000
MÁQUINA SINGER RETA Mod. 249/331 c/Motor e maleta ... 447.000
MOTOR SINGER Para máq. de costura ... 102.000
RÁDIO-RELÓGIO DIGITAL SANYO Mod. RM 6100 - AM/FM ... 426.000
RÁDIO PORTÁTIL SANYO Mod. 5040 - 2 faixas AM/FM ... 150.000
RÁDIO PORTÁTIL SANYO Mod. 1250 - OM c/alça ... 80.000
BICICLETA CALOI BARRAFORTE Homem — Tração monobloco ... 750.000
BICICLETA CALOI CROSS Extra Color aro 16 ... 730.000
MÁQ. DE COSTURA ELGIN Zig-Zag móvel c/motor ... 752.600
TORRADEIRA AUTOMÁTICA FAET 10 graduações de temperatura ... 100.000
PANELA MARMICOC 4 litros c/válvula de segurança ... 67.000

FACA ELÉTRICA Lâminas auto-afiantes ... 138.000
TOSTADOR MULTITOST Para todos os tipos de pão ... 203.000
IOGURTEIRA T. CONTROLADA O jeito gostoso de fazer iogurte natural ... 101.000
SELADORA Para embalar alimentos, roupas etc ... 112.000
SECADOR MINITURBO 1.000 W. Bivolt ... 98.000

CALCULADORAS

DISMAC LC-9 8 dígitos - % - V- memória ... 75.000
DISMAC LC 10 SOLAR 8 Dígitos - % - V- Memória ... 121.000
DISMAC FLEX-CALC SOLAR DOBRÁVEL - Ideal para brindes ... 136.000
DISMAC HF-45 LC CIENTÍFICA AVANÇADA — 45 funções ... 179.000
TEXAS SOLAR 1786 No tamanho cartão de crédito ... 158.000
TEXAS TI 35 GALAXY CIENTÍFICA - ESTATÍSTICA - 62 funções ... 356.000
OLIVETTI ESCRITÓRIO 31 PD VISOR E FITA - 12 Dígitos, 110 ou 220V 3 Memórias, %, K, duplo e triplo zero ... 965.000
DISMAC ESCRITÓRIO 13 M COM VISOR - 12 dígitos - % - memória ... 521.000
DISMAC ESCRITÓRIO 2112 VISOR E FITA — 12 dígitos — memória ... 871.000
DUPLICADOR FACIT Mimeografa até 500 cópias por matriz ... 648.000

MICROCOMPUTADORES

FITAS C/JOGOS PARA MICROS Grande variedade de títulos ... a partir de 19.600
MICRODIGITAL TK-85 O melhor em sua linha. GRATIS: Livro BASIC e 2 programas ... 880.000
PLACA CCE CP/M AS-4050 mais 1 Z-80 no seu microcomputador ... 690.000
PROLÓGICA CP-400/64K COLOR - Inúmeros programas em cartuchos, fitas e disquetes ... 2.260.000
DRIVE P/LINHA APPLE Acionador de disco flexível 5 1/4 ... 3.220.000
IMPRESSORAS MATRICIAIS Várias marcas e modelos ... a partir ... 6.670.000

GAMES

CARTUCHOS ODYSSEY Grande quantidade de títulos ... a partir de 35.000
CARTUCHOS INTELLIVISION Grande quantidade de títulos ... a partir de 79.000

SOM

3 FITAS BASF EXTRA I Sendo 2 C-60 e 1 C-90 — HOT-TAPE ... 38.500
HEADPHONE MAGNOVOZ HS-500 e HS-500G - Estéreo ... 25.500
SINTONIZADOR AM/FM ESTÉREO TOSHIBA - Digital - 12 memórias ... 769.000
SYSTEM PHILIPS AH 936 FLASH SOUND - Receiver - T. Discos, T. Deck - 2 caixas - Rack ... 3.099.000
SYSTEM PHILIPS380W Receiver toca-discos - t. deck-2 caixas e rack nas filiais:Rosário,Carioca ,Cinelândia ... 5.890.000
SYSTEM SANYO ATR 10 D DUPLO DECK - Receiver - T. Discos T. Deck - 2 caixas - Rack ... 3.795.000
CONJUNTO 3x1 SHARP 100 W Receiver - T. Discos - T. Deck - 2 caixas ... 2.280.000
CONJ. 2x1 THORENZ 2001 - 80 W Receiver - Toca-Discos - 2 caixas ... 1.080.000
CONJUNTO 2 x 1 THORENZ 2042 Receiver - toca-discos - 2 caixas ... 649.000
TOCA DISCOS PHILIPS LASER Modelo - CD 204, Digital ... 4.199.000
CONJUNTO 3x1 SONY 323 100 W Receiver, Toca Discos, Tape Deck, 2 caixas ... 2.390.000
TOCA-DISCOS CCE BD 150 M Belt Drive, c/cápsula magnética ... 655.000
EQUALIZADOR CCE EQ 6060 10 faixas de frequência Indicadores luminosos ... 1.132.000
2 CAIXAS ACÚSTICAS SONY 2x150w (pico) mod. SS-S503 ... 698.000

UTILIDADES

FAQUEIRO AÇO INOX 24 PÇS. com estojo ... 21.500
FAQUEIRO HÉRCULES 24 PÇS. Aço INOX ... 39.900
FAQUEIRO HÉRCULES 51 PCS. Aço INOX ... 81.000
FAQUEIRO HÉRCULES 101 PÇS. Aço Inox ... 159.500
FAQUEIRO HÉRCULES 101 PÇS. Mod. 699/1699, SUPER LUXO - AÇO INOX ... 399.000
FAQUEIRO HÉRCULES 130 PÇS. MOD. 1479. Altíssimo luxo. Lindamente trabalhado - Aço INOX ... 931.000
FAQUEIRO MERIDIONAL 101 PÇS. MOD. SENZALA - Super Luxo Aço INOX ... 249.000
FAQUEIRO MERIDIONAL 101 PCS. Mod. ITACOLOMY, Aço Nobre INOX 18/10 da linha mais luxuosa e aristocrática ... 1.049.000
FAQUEIRO P/CHURRASCO LASER Com 6 garfos e 6 facas - MOD. 6698 ... 45.000
JOGO 6 FACAS P/CHURRASCO LASER Mundial Corte Laser 6696 ... 19.900
3 FACAS MUNDIAL CORTE LASER 6624 - Tamanho grande - Para cozinha ... 19.800
JOGO 6 GARFOS PARA FONDUE MERIDIONAL - Aço INOX ... 66.000
PRATO P/BOLO WOLFF C/PÁ Aço INOX TAMANHO GRANDE ... 51.000
CONJUNTO INFANTIL INOX Composto de prato e colher ... 29.000
CONJ. 3 TRAVESSAS MERIDIONAL Mod. ROSA - Tamanhos 21, 28 e 34 cm INOX ... 109.000
BAIXELA TRAMONTINA 8 PÇS. JANTAR - Aço INOX ... 124.000
BAIXELA WOLFF 8 PÇS. JANTAR - Aço INOX ... 119.000
AP. MERIDIONAL ITAIPÚ 7 PÇS CHÁ, CAFÉ e LEITE - luxo e beleza em Aço Nobre INOX 18/10 ... 549.000
SALEIRO P/COZINHA SCHMIDT Finíssima Porcelana Decorada ... 17.500
APARELHO JANTAR 21 PÇS. CERÂMICA PORTO FERREIRA 212 ... 85.000
APARELHO JANTAR 42 PÇS. Finíssima Porcelana SCHMIDT Dec. 447 ... 499.000
CONJUNTO 6 PANELAS AGATA Decoradas - Mod. WOODS ... 419.000
CONJUNTO PANELAS INOX 5 PÇS TRAMONTINA tamanho grande ... 799.500

tele-rio 31 anos fazendo amigos e vendendo mais barato

O MENOR PREÇO

ENTREGAMOS EM TODO ESTADO DO RIO

Departamento ATACADO Bonsucesso R. Eng. Artur Moura, 268 2. andar

Tele-Rio LOJAS TIMES SQUARE

OU NADA

Loja DO DEPÓSITO Bonsucesso R. Eng. Artur Moura, 268 térreo

Centro • Rua Uruguaiana, 13
Centro • Rua Uruguaiana, 44
Centro • Rua Uruguaiana, 114 116
Centro • Rua 7 de Setembro, 183 187
Cinelândia • Rua Senador Dantas, 28 36
Centro • Rua Buenos Aires, 294
Centro • Rua da Alfândega, 261
Centro • Rua do Rosário, 174
Centro • Rua da Carioca, 12
Copacabana • Rua Santa Clara, 26-A B
Copacabana • Av. Nossa Senhora de Copacabana, 807 Campo Grande • Rua Coronel Agostinho, 24
Tijuca • R. Conde de Bonfim, 597 Madureira • R. Carvalho de Souza, 263 Madureira • Estrada do Portela, 36
Méier • R. Dias da Cruz, 213 • Alcântara • Praça Carlos Gianelli, 18 Caxias • Avenida Doutor Plínio Casado, 58
Niterói • Rua Visconde de Uruguai esquina com São Pedro Nova Iguaçu • Avenida Amaral Peixoto, 400 406
Bonsucesso • Praça das Nações, 394-A B NOVA FILIAL — PETRÓPOLIS RUA PAULO BARBOSA, 2
Telefone: PBX 280-8822 Centro-Sul: PBX 221-1212

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*

MARCOS SÁ CORREA — *Editor*

FLAVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo*

Jogos de Poder

NÃO se aplica ao Brasil a verificação cartesiana de que a coisa mais bem distribuída no mundo é o bom senso. Entre nós a distribuição do bom senso é tão desigual quanto a repartição da renda. Uma comissão mista de Deputados e Senadores, com a incumbência de encaminhar no Congresso a emenda atribuindo ao futuro Congresso a missão constituinte, conseguiu fazer uma tempestade em copo dágua.

Como é que se explica, à luz do mais elementar senso comum, que um deputado do partido do Governo — na condição de seu relator — questione politicamente uma iniciativa legítima, como é a atribuição de poderes constituintes a um Congresso que vai ser eleito com essa responsabilidade? Pela má distribuição do bom senso. A balbúrdia na comissão mista explica-se pela desatenção com que as lideranças políticas desempenham suas responsabilidades, tendo ao fundo o desinteresse do Executivo pelo exercício das suas prerrogativas de comando inerentes ao sistema presidencialista de Governo.

O Congresso foi palco do **teatro do absurdo** na Nova República. No primeiro ato da Constituinte, o que monopolizou as atenções foi o contra-senso da pressão (de fora para dentro) com o objetivo de cercear à futura Constituinte o exercício da função legislativa ordinária. Ou seja: os defensores da tese da Constituinte **exclusiva** não se deram conta de que oferecem um período de poder discricionário ao Executivo. Enquanto os constituintes cuidassem apenas da Constituição, o Executivo se encarregaria de fazer normas para seu uso comum exclusivo.

A obscura tese da Constituinte exclusiva contempla uma hipótese absurda como alternativa: o funcionamento paralelo do Congresso. É a melhor fórmula para uma crise institucional, pois o pressuposto de qualquer assembléia constituinte é a soberania. Como poderia a atribuição soberana de fazer a lei das leis concorrer com outra representação também soberana para legislar?

Por ser matéria de competência política, a questão constituinte não exclui o bom senso jurídico na sua apreciação. A teoria constitucional prevê, com exclusividade, as hipóteses para a convocação de constituinte originária: quando uma nação se organiza ou quando uma revolução destroça as instituições jurídicas. A situação brasileira não se enquadra em qualquer das duas. Esta é a quarta Assembléia Nacional Constituinte que se convoca para o mesmo trabalho: dar aos brasileiros uma Constituição que atenda às necessidades políticas por mais de uma geração.

Do ponto de vista da teoria, a reforma constitucional poderia compatibilizar com legitimidade democrática as normas de funcionamento dos Poderes e definir as relações adultas entre a sociedade e o Estado. A remoção do entulho ilegítimo depende da demolição dos acréscimos autoritários feitos na Constituição. Havia uma Constituição feita pelos constituintes de 46 com a preocupação essencial de proteger o regime contra as incursões autoritárias. O ciclo militar reformou coercitivamente a Constituição e, nas crises de 68 e 69, enxertou-lhe o instrumental discricionário de poder. O caminho inverso poderia reconduzir mais depressa o Brasil à democracia, com a própria Constituição de 46 expurgada das excrescências jurídicas.

Não foi por falta de bom senso, mas pela dificuldade que a reforma constitucional estabelece: aprovação por dois terços dos votos do Congresso. Por que a Nação se traumatizou com a emenda da eleição presidencial direta? Porque testemunhou a severidade do mecanismo de reforma: bastou um terço dos votos para derrotar a vontade nacional majoritária.

A idéia da Constituinte foi adotada pelo Presidente Tancredo Neves como fórmula apta a viabilizar a solução constitucional por maioria simples. Constituintes são assembléias soberanas para decidir mediante a maioria simples de votos. Toda representação política eleita expressa a vontade constituinte que a sociedade detém. Do ponto de vista funcional, a diferença entre a representação política normal e a representação constituinte é o poder de decidir por maioria simples, que é a razão de ser da segunda. A primeira exerce seu poder constituinte através de reforma, que requer no entanto aprovação por dois terços.

Uma questão preliminar tão clara foi obscurecida exatamente pelo relator, quando propôs a transferência da decisão a um plebiscito. Seria abdicação ao poder político que o Congresso precisa reencontrar, depois de marginalizado por tanto tempo das responsabilidades nacionais. Tanto é legítima a pressão das entidades que falam pela sociedade civil quanto — senão mais — a reafirmação, pelo Congresso, da sua prerrogativa de representante da vontade nacional.

O episódio ressalta um fundo — este, sim — digno de urgente reavaliação por parte do Congresso. A pressão para despojar o Congresso da sua responsabilidade constituinte intrínseca reflete uma desconfiança que se acentua com a sua indiferença pela opinião pública. A repulsa generalizada aos expedientes fisiológicos, em especial o recebimento de jeton mesmo sem a presença em sessões normais, abriu uma brecha política entre os representantes e os representados. Foi por aí que se introduziu a manobra para despojar o Congresso do seu poder constituinte. Não basta repor a questão no seu correto foco: é indispensável fechar o ponto vulnerável, que continuará a ser testado em nome da sociedade civil, enquanto não se recompuser com legitimidade o sistema democrático, e não se exercer com ética a eficiência representativa.

Retrato Fiel

FICOU mais nítido o retrato da educação brasileira: pesquisa realizada pelo Gallup, por encomenda do Ministério da Educação, verificou que, numa lista dos 10 mais sérios problemas do país, a população coloca o da educação em quinto lugar, logo abaixo de questões como a segurança e a inflação, e acima, por exemplo, do item Habitação. Isto é, a população brasileira começa a impacientar-se com a inépcia das nossas estruturas educacionais.

O Ministério também aproveitou o que chamou de Dia D da Educação para recolher novas sugestões que, filtradas, foram encaminhadas à Presidência da República junto com o levantamento realizado pelo Gallup.

O quadro obtido já permite bastante precisão de diagnóstico. Persiste o gargalo do ensino básico. De cada 100 crianças em idade escolar, 26 não chegam nem a iniciar o percurso por falta de escolas ou de vagas. As 74 que entram transformam-se em 12 no final do 1º grau. Só 8 entram de fato para o 2º grau, que apenas 4 chegam a completar. Isto é, de 100 crianças que se candidatam à escola, só essas quatro terminam o ciclo de instrução pré-universitária.

Os motivos para isso estão amplamente rastreados: núcleos populacionais sem uma só escola; a periferia desorganizada dos grandes centros, de onde as escolas são quase igualmente distantes; ao lado disso, a "hecatombe" da 1ª série escolar, com um índice médio de reprovação em torno de 50%. Isto é resultado da defasagem entre o mundo da criança e o mundo da escola; mas também do mau preparo dos professores: dos que ensinam no 1º grau, 11% sequer completaram este nível de estudos — percentagem que chega a 42% num Estado como o Ceará.

Para enfrentar esse quadro calamitoso, o Ministério da Educação muniu-se, antes de tudo, de bom senso: como declarou à revista **Veja** o Secretário de 1º e 2º grau, Aloisio Sotero, "não vamos inventar nada: vamos multiplicar as experiências que se mostraram vitoriosas em cada Estado". Acoplada à sede de trabalho de que anda possuído o Ministério, esta é uma disposição preciosa: não faz muitos anos, quis-se "transformar" a educação do Estado do Rio aplicando indiscriminadamente a metodologia de Piaget — de que os professores sequer tinham ouvido falar previamente.

Entre as experiências bem-sucedidas estão os cursos de reciclagem de professores que tomam impulso em São Paulo, Bahia e Minas (e que o Estado do Rio também começa a adotar), e que incluem a utilização da televisão. Num distrito como o de Ilhéus, Bahia, através desses cursos, conseguiu-se baixar o índice de repetência na 1ª série de 60% para 10%.

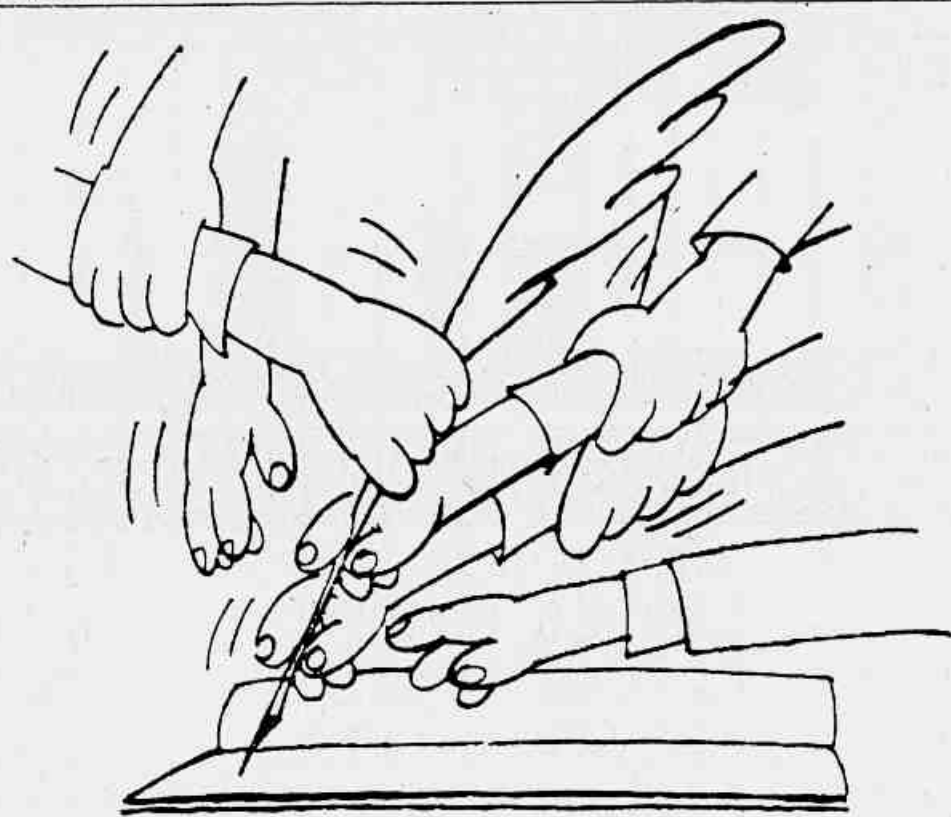
Este é um dos caminhos para retirar o ensino brasileiro do abismo em que ele mergulhou nos anos 60 — anos de "massificação" em todos os sentidos. Destruiu-se, naquela época, a escola tradicional sem que nada fosse colocado em seu lugar. As escolas oficiais viram-se a braços com alunos demais, turmas numerosas demais; os salários dos professores encolheram paulatinamente, e o terremoto chegou aos currículos, com a transformação das disciplinas em "atividades".

Não se ensinava mais Língua Portuguesa, e sim Comunicação e Expressão, complexo de "atividades" de que faziam parte a educação física e a educação artística. Os professores "polivalentes" passavam a ser ignorantes em várias matérias. No segundo grau, os cursos de "habilitação profissional" roubavam tempo ao estudo sem "habilitarem" para o que quer que fosse.

Não foi só um problema do Brasil: em todo o mundo, houve delírios parecidos. Nos Estados Unidos, isto gerou, agora, o movimento conhecido como **Back to Basics**. Na França, o Ministro Chevènement tem dito alto e bom som que a primeira missão da escola é ensinar a ler, escrever e fazer contas.

Na escola brasileira, essa finalidade específica foi sendo sugada por outras preocupações: os estudantes recebiam instrução em problemas de trânsito, ecologia, tóxicos etc. Ainda recentemente, sugeriu-se ao Ministério da Educação a inclusão nos currículos de disciplinas como História da África, Estudos da Flora, Preparação para a Morte etc.

O descalabro e a ineficiência resultantes produziram, afinal, um estado de verdadeira insatisfação com a escola brasileira — onde o aluno "trabalha" pouquíssimo tempo, em comparação com o que acontece em escolas americanas ou japonesas.

O Ministério da Educação deu-se conta desta insatisfação; e tem um Ministro que trabalha e cobra trabalho. Poucos projetos (se é que há algum) serão mais importantes no Brasil de hoje que este de recolocar de pé uma estrutura que em alguns casos jamais existiu, e que pode retardar todo o processo de crescimento material e espiritual do país.

Veríssimo

Cartas

Dignidade

Verifiquei, com prazer, o destaque que esse jornal deu à devolução de jetons, por parte do Senador Luiz Cavalcanti, conforme divulgado à página 3 do 1º caderno de 24/9/85. Gostaria de enaltecer o procedimento do Senador Cavalcanti, expressando a esperança de que ele fosse seguido pelos seus colegas parlamentares. Com isso, Sua Excelência mostrou dignidade no exercício de sua função parlamentar, não abusando, ao deixar de receber jetons indevidos, da confiança de seus eleitores e da sociedade brasileira.

Com esta publicação, o JB mais uma vez comprova sua preocupação de servir a comunidade e manter informados seus leitores, de vez que, à imprensa cabe a representação, como poder paralelo ao Executivo, Judiciário e Legislativo, de zelar pelos interesses da sociedade através da produção de matérias informando, denunciando e cobrando, de todos os segmentos, um procedimento conseqüente e positivo em relação ao país e, neste sentido, o JB vem cumprindo seus deveres de veículo de comunicação com exemplar responsabilidade. **João Fernandes Filho — Rio de Janeiro.**

México

Neste momento em que o México passa de um estado de choque para o de reconstrução, quero em nome da maioria dos brasileiros mandar-lhe os nossos sentimentos de solidariedade e esperança. E ao mesmo tempo pedir-lhe desculpas pela agressão sofrida por parte de autoridade de uma grande entidade desportiva que num momento de irreflexão considerou problemas financeiros mais importantes do que o sofrimento de perda total.

Por maior que fosse o prejuízo de uma não Copa Mundial, mesmo sabendo-se que o esporte é vida na sociedade, a sua apresentação na TV foi inoportuna. Pois no trágico instante que sobreviventes constatam a falta de bebês, crianças, filhos, pais, amantes e lares, não há espaço para pensamentos insensíveis do homem-robô do fim do século XX. Perdoem-nos irmãos mexicanos. **Maria R. Fortes. Rio de Janeiro.**

Reitor nos EUA

A propósito da nota publicada no **Informe JB**, em 17/10/85, intitulada **O ensino e o sonho**, na qual aborda um possível roteiro de viagem do Reitor da UERJ, Charley Fayal, aos "laboratórios científicos da Disney World" cabe esclarecer o seguinte: O motivo da viagem aos EUA, por parte do Reitor é sua presença no 4º Congresso da Organização Universitária Interamericana (OUI) e ao 68º Congresso Anual do Conselho Americano sobre Educação, em Miami, a convite do presidente do CRUB e vice-presidente da OUI — Reitor José Raymundo Martins Romeo.

Consta, ainda, do roteiro do Prof. Fayal visitas às Universidades de Washington e Maryland, com a qual a UERJ mantém convênio técnico-científico.

A afirmação contida na mesma nota de que "os professores da UERJ estão furiosos depois que descobriram o roteiro da viagem do seu Reitor, Charley Fayal", é gratuita e infundada, obedecendo mais a um sabido interesse de desmerecer e enfraquecer a instituição universitária do que dar a seus assuntos um tratamento eivado de seriedade e mesmo, se crítico, fundamentado na verdade dos fatos. **Paulo Henrique Lins, coordenador de comunicação Social da UERJ — Rio de Janeiro.**

Imposto de Renda

A Nova República finalmente tira a máscara e reedita com igual cinismo e apetite velhas práticas do antigo regime, que teimavam em punir — como se criminosos fossem — os brasileiros que integram a desaforturnada "classe média". Em recente declaração, o Sr. Ministro da Fazenda enfatizou ser indefensável, no Brasil de hoje, altos salários. No entender do Governo, esta faixa se situa acima de 30 salários mínimos, o que, por si só, justificaria as medidas vorazes que estão sendo preparadas nos bastidores dos ministérios da área econômica, para o ano que se avizinha.

Mais uma vez, a ordem é empobrecer aqueles que ousaram ultrapassar os limites estabelecidos pelos nossos competentes tecnocratas e nada mais simples para atingir tal desiderato do que taxar inescrupulosamente seus estipêndios, através do famigerado Imposto de Renda. Por uma estranha e perversa alquimia, não mais haverá devoluções e sim novas cobranças devidamente corrigidas. Para tanto, introduzem-se fórmulas maquiavélicas de correção do imposto devido, a par da manipulação de deduções e abatimentos.

O curioso, nisso tudo, é que nem uma palavra se ouviu sobre o fim dos privilégios de que desfrutam determinadas castas, como a dos parlamentares, ministros de Estado, ministros dos tribunais superiores, magistrados e militares.

Pelo visto, são inesgotáveis as artimanhas de que se valem nossas talentosas autoridades com o fito único de manter os seus bolsos a salvo dos dentes e das patas do Leão, reduzindo polpudos vencimentos a cifras meramente simbólicas. Não há justificativas plausíveis para tamanha iniqüidade, mesmo porque, a esta altura, se repudiam quaisquer tentativas que subestimem a inteligência do contribuinte.

Inadmissível, pois, num país ja tão espoliado, não é o pagamento de salários condignos, como efetiva contraprestação de serviços especializados, mas a corrupção desenfreada, a irresponsabilidade administrativa, o nepotismo, as mordomias acintosas e os salários indiretos, acobertados por bizarras rubricas como a "verba do clipe".

E ainda se fala em pacto social! O de que o Brasil precisa, e com urgência, é do restabelecimento da seriedade no trato da coisa pública e do respeito aos seus cidadãos, que exigem o que lhes garante o mandamento constitucional: tratamento sem distinções perante a lei. **Silvio César da Conceição — Rio de Janeiro.**

Saturnino

Considerei excelente o artigo de Ricardo Noblat, publicado na edição de 8/10/85, apontando o favoritismo de Saturnino Braga para a Prefeitura do Rio, com base em recente pesquisa do Ibope. Esta pesquisa acentua que o candidato do PDT já alcançou percentual superior à soma das percentagens obtidas por Rubem Medina e Jorge Leite, seus principais adversários. Os demais concorrentes, a rigor, não existem. Acho também que o êxito de Saturnino pode ser perfeitamente previsto, não apenas pelo resultado do levantamento, mas sobretudo se observarmos a divisão das tendências por classes que ele apresenta. Essa divisão por classes é fundamental. Para o Ibope, a classe A pesa 10%, a B 20%, a C 30% e as classes D/E representam 40% do eleitorado. O que está acontecendo? Saturnino tem 16% da classe A, Medina, 33% e Jorge Leite 8%. Na classe B, Saturnino já lidera com 28, Medina 22 e Leite outros 8. Junto à classe C, pobre, Saturnino alcança os mesmos 28, mas Medina cai para 15 e Jorge Leite sobe para 14. Finalmente, junto aos grupos mais pobres, ainda, D/E, Saturnino tem 29, Medina apenas 14 e Jorge Leite 20%. Estas tendências estão definidas. Não se modificarão. Saturnino está arrebatando espaços de Jorge Leite junto às classes pobres (70% do eleitorado), superando Medina na classe média superior e rica. Mas estas têm um peso algébrico muito pequeno. Jorge Leite não tem quase nada nos grupos médios e ricos, além de estar caindo nos grupos de menor renda. Na opinião de quem, como eu, está acostumado a observar pesquisas eleitorais há muitos anos, Saturnino já está vitorioso e deverá fechar as eleições com algo em torno de 45% da votação final. Talvez um pouco mais, pois o candidato claramente vencedor tem a seu lado a imantação natural que a vitória produz junto aos indecisos, embora estes, na verdade, não sejam muitos. **Pedro do Coutto — Rio de Janeiro.**

"Socialismo"

Reportou-se em carta a esse jornal em 4/10/85 um tal Senhor Manoel da Silva para, na condição de militante do PSB, assacar injúrias e inverdades contra a honra e o comportamento político do Senador Saturnino Braga durante os idos de 1964.

Nós cariocas que observamos durante estes 20 anos de autoritarismo o comportamento retilíneo do Senador Saturnino na defesa dos interesses das classes trabalhadoras do país, bem como sua luta pela defesa da soberania nacional e intransigente apoio às causas populares, não podemos nos silenciar, na medida em que fatos tão degradantes da vida pública nacional, que sempre combatemos, são vinculados à imagem política cristalina que esse nosso ilustre concidadão construiu durante sua intensa vida de lutas.

Devemos sim passar a fazer o julgamento daqueles que se dizem socialistas "de coisa séria" e que de uma forma claramente divisionista irão apoiar Consultores Jurídicos da República que criam legendas partidárias às pressas com o único objetivo de amalgamar os estilhaços partidários do PMDB advindos de derrotas em suas convenções municipais, fruto da incapacidade de algumas correntes políticas de fortalecerem suas posições internamente em seus partidos, bem como dar abrigo a ensandecidas cabeças antibrizolistas que devido às suas frustrações político-pessoais não querem perceber que mesmo num conjunto de erros e acertos somos nós socialistas simpatizantes da candidatura Saturnino-Jó à Prefeitura do Rio de Janeiro, que conseguimos nos manter coerentes e firmes na luta contra a injustiça social no Brasil. **Luciano Curvello d'Avila — Rio de Janeiro.**

Continuísmo

Venho fazer um veemente apelo aos numerosos cariocas, que já lutam a favor da candidatura do Deputado Rubem Medina, praticando assim, um ato de leviandade e continuísmo, ao esquecer em tempo tão recorde, que, quando mais precisávamos deste Senhor, ele (elegantemente), nos deu as costas votando "radicalmente contra as diretas".

— Gente! Já é tempo de vocês acordarem para o fato de que: **Rock in Rio**, não enche barriga de ninguém! **Liege A. Bezerra — Rio de Janeiro.**

Anistia aos militares

Estou indignada pela maneira como vêm conduzindo o problema da anistia aos militares cassados em 64. Caiu um regime desgastado pelo tempo, erros e desmandos. Logicamente, atribui-se aos integrantes do mesmo incapacidade para definir rumos e diretrizes, e muito menos ditar a dimensão do valor que deve ser atribuído aos homens que tiveram capacidade de ser fiéis ao seu compromisso constitucional.

Portanto, peço por amor à razão e à dignidade não tratar esses homens como marginais e bandidos, pois talvez sejam a única reserva moral desta nação, um dos pilares onde deve começar a construção da Nova República com seus anseios e desejos. **Jandyra Marsson Moreira — Rio de Janeiro.**

Pregão das Bolsas

Na qualidade de usuários diferenciados, como Faculdade Jornalismo e mais do que qualquer coisa precisando de notícias para o oferecimento aos alunos que trabalham com as disciplinas Técnicas de Captação em Jornalismo, além de Técnicas de Codificação em Jornalismo, aqui vai nossa opinião: pelo amor de Deus tirem do ar o pregão. **Prof. Roney Cesar Signorini - Diretor das Faculdades Integradas Alcântara Machado — São Paulo.**

PMDB e povo

Não consegui entender até o presente momento por que o Sr Ulysses Guimarães se tornou tão omisso — depois de chegar ao poder — frente aos problemas nacionais. O PMDB, partido nacional presidido pelo Sr Ulysses omitiu-se juntamente com o seu líder.

Ainda está em tempo para que todos aqueles que compõem o PMDB tomem conhecimento de que, com a queda da ditadura, o povo não quer mais saber de temas alheios à sua realidade. O PMDB está dando muita atenção aos problemas secundários e que podem esperar. Enquanto o Sr Ulysses se preocupa com Constituinte, eleição para governos de Estados e Prefeitos, a sociedade brasileira pensa noutras coisas como a inflação galopante que está aí, pensa no desemprego, na saúde e educação. Não adianta nós elegermos Governadores e Prefeitos, não adianta termos uma nova Constituinte se o Poder central estiver alienado como está, sem ter ido às urnas.

Sr Ulysses Guimarães, esqueça um pouco os problemas secundários e dirija seu poder para coisas mais urgentes e dramáticas. Se o PMDB, um partido de passado tão glorioso por tantas e tantas lutas, não despertar desse marasmo em que se encontra eu só posso dizer uma coisa: nadou, nadou e morreu na praia... **Edson Nunes da Silva — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

O demagogo (e o idiota) — bis

Fernando Pedreira

ORA viva. A julgar pelas pesquisas mais recentes, o pesadelo pode estar passando. Mas ainda não passou de todo e não custa acender a luz, enquanto é tempo.

Um país cheio de inflação, de desemprego e de subemprego, como o nosso, um país mal saído de 21 anos de ordem-unida, sem partidos políticos sólidos, sem lideranças efetivas, sem instituições dignas desse nome, um país assim é um país que parece pronto para ser abocanhado pelo primeiro demagogo de talento e apetite que apareça. Jânio percebeu isso. Ainda agora em setembro, ele estava outra vez de garfo e faca na mão, com o guardanapo amarrado em volta do pescoço e os olhos acesos de gula. Não sendo homem de valentias exageradas, tudo o que ele esperava é que as coisas continuassem correndo a seu gosto. A prefeitura paulistana, primeiro degrau da escalada, já parecia no papo.

Perguntarão o Doutor Herbert Levy e o Ministro Olavo Setúbal: e por que não um demagogo, se o que é preciso são votos? No regime militar, o general-presidente nomeava governadores e prefeitos. No regime democrático, é preciso elegê-los. Estando do nosso lado, um demagogo pode ser muito útil, embora seja sempre um tanto incômodo. Ora, pois.

De pessoas assim práticas e pragmáticas (às quais o falecido Nelson Rodrigues chamava "idiotas da objetividade"), tudo o que se pode exigir é que assumam a responsabilidade dos seus atos e tomem consciência do que vão fazer. Há demagogos e demagogos. Jânio Quadros é uma experiência que já fizemos, há vinte anos atrás, e cujo preço a nação paga até hoje. Só será enganado por ele, agora, quem quiser ser enganado. Melhor: quem está achando que o seu "engano" lhe vai trazer vantagens eleitorais imediatas, apesar de todos os riscos que fará correr a S. Paulo e ao país, durante mais uns tantos anos.

Em agosto de 1961, Jânio abandonou a Presidência inesperadamente, passou o poder aos seus ministros militares, instalou-se na base aérea de Cumbica e deixou o país em pleno caos institucional. O que ele queria era que os próprios militares, assustados (e para os quais o vice Goulart era inaceitável), o repusessem no palácio, como salvador da pátria, armado de poderes excepcionais. O golpe falhou.

Hoje, entretanto, não é difícil perceber que o que aconteceu naquele dia não foi o pior. Pior teria sido a continuação de Jânio na Presidência. O mais terrível, na verdade, não foi o que ele fez, mas o que estava fazendo e não chegou a concluir. As histórias são muitas e precisam ser contadas, até porque são interessantes. Uma delas, talvez a mais assustadora, é a da Guiana. Jânio Quadros preparava-se para invadir a Guiana Inglesa e, por sua ordem, o governador do território adjacente já mandara abrir uma picada de 120 quilômetros, através da mata, até a fronteira.

Conversando, ainda há pouco tempo, com seus amigos da Nova República, Jânio confirmou o propósito e expôs outra vez o seu plano. Seria provocado um incidente grave de fronteira, o que talvez exigisse o sacrifício de uma pequena patrulha formada por um sargento e alguns soldados, não mais do que isso. A partir desse incidente, a força brasileira invadiria a Guiana.para perseguir e punir o "agressor", e a ocupação se faria facilmente.

Alega Jânio que seu intuito era patriótico, pois o Brasil precisava ter acesso direto ao Caribe. Por outro lado — dizia ele — a Inglaterra lhe dera na época sinal verde, embora oficiosamente, porque queria livrar-se da Guiana e de suas confusões intestinas. Se Brasília quisesse responsabilizar-se pela ordem na região, Londres ficaria até agradecida.

Depois da Guiana Inglesa, as outras. E depois o Paraguai, para o qual também já havia planos traçados. Ainda recentemente, como um dos seus antigos companheiros de governo lhe perguntasse se pretendia mesmo tomar a Guiana Inglesa, Jânio respondeu com o seu característico sotaque: "Não só a Inglesa; tomava-as todas."

Em 1960, alguns grandes líderes do Terceiro Mundo ocupavam a cena internacional: o indiano Nehru, o egípcio Nasser, Tito, Fidel Castro. O nosso Jânio era um admirador fervente desses homens (especialmente Nasser) e queria ombrear-se com eles. Chegou mesmo a inventar para si uma meia-farda, parecida com a dos seus heróis: o pijânio. Invadindo a Guiana, desafiando as grandes potências e desencadeando a sua guerrinha particular no Caribe, Jânio contava projetar-se na cena internacional, ainda que à nossa custa. Em vez de um só Fidel Castro, a América Latina teria dois, e não há por que supor que o nosso se revelasse mais sensato ou menos audacioso que o outro.

Bem feitas as contas, em matéria de triunfos externos, a opção do General Médici, nove anos depois, parece mais valente e mais adequada. Viva o General Pelé. Quanto ao paranóico Jânio Quadros, não há dúvida de que ele não andaria nas alturas em que ainda anda, se os nossos homens públicos (a começar pelos do governo e do PFL, que agora lhe dão a mão) não fossem tão faltos de lucidez e de espírito público, tão cegos pelas suas próprias ambições e espertezas pequeninas.

Sem um pouco de altura moral e de simples decência, não se pode fazer da política uma atividade digna, merecedora do respeito do povo. Jânio está hoje em campo para provar que o Brasil é um país de Delfins e Golberys, e que a política é uma atividade irremediavelmente **aética**, dominada pela demagogia e pela falta de escrúpulos. Será mesmo? Não me parece.

Millôr

O Ministro Aluízio Poivre diz que aceita sempre com o maior bom humor as críticas à sua — tão peculiar! — filosofia cultural porque é, todos sabem, um homem extraordinariamente

Pecados capitais

Wilson Figueiredo

PROBLEMAS que a democracia cria, ela mesma se propõe a resolvê-los. Sobra-lhe competência. Está sempre disposta para o que der e vier. Em eleições, por exemplo, divide eqüitativamente as responsabilidades em partes iguais: o problema para os candidatos, a solução para os eleitores.

Coisas da política

A inflação, ao contrário, se apresenta como especialista em criar problemas mas é incapaz de atinar com a solução. E ainda atrapalha a democracia nas questões que só a ela dizem respeito. Em eleições, por exemplo, indispõe os eleitores e os candidatos que tenham alguma coisa a ver com os governos.

Ao proclamar a Nova República, Tancredo Neves nem cogitou dos problemas que a eleição pudesse criar para o PMDB em geral e a Frente Liberal em particular. Quis apenas mostrar confiança na democracia. Com a direta-já dos prefeitos, teve em vista tão-somente a reconstrução política das capitais. Até agora a inflação não se intrometeu.

A eleição não é o único problema que a democracia passa para os candidatos exercitarem-se nos grandes cálculos políticos. Campanhas eleitorais têm o peso de exame oral e pesquisas de opinião valem como provas parciais. São obrigatórias na Nova República para candidatos e eleitores se habituarem com resultados desfavoráveis.

Não faz muita diferença ouvir da boca das urnas a verdade ou familiarizar-se aos poucos com a maledicência das pesquisas. Em Minas, o velho Bias Fortes (José Francisco) já dizia nos anos 40 que as urnas, quando começam a falar mal de candidato, vão até o fim. As pesquisas, no entanto, freqüentemente mudam de opinião, mas ao fim e ao cabo as urnas confirmam o que elas espalharam. Com isso, os derrotados sofrem duas vezes — uma antes e outra depois.

Não tem mais a ver com a democracia, mas com a psicologia coletiva, esse condoído sadismo de ver na televisão o candidato com o desgosto pintado no rosto. Para o eleitor, a pesquisa é um exercício sem compromisso. Faculta-lhe a troca mensal de opinião, com plena garantia do anonimato, até a hora de votar. Não há dúvida de que a pesquisa de opinião é um grande e cruel divertimento.

A preferência nacional é pelos candidatos do PMDB. Em Minas, O Governador Hélio Garcia sorri por dois: por ele próprio e pelo candidato que não cabe mais em si. São Paulo divide por três o sorriso do PMDB. A vitória de Fernando Henrique sobra para Franco Montoro e Ulysses Guimarães.

Pela segunda vez consecutiva o PMDB enfrenta contratempo eleitoral no Rio. Miro Teixeira embarcou na sucessão estadual de 82 com uma bagagem pessoal suficiente para disputar com o candidato do PDS, mas levou no porão da sua candidatura uma carga despachada pelo Governo Chagas Freitas. Apareceu mouro na costa: Leonel de Moura Brizola denunciou a muamba e desembarcou para enfrentar os dois candidatos, cada qual com um pé no poder e outro na oposição. O Planalto deu a mão ao candidato do PDS, a Guanabara segurou o candidato do PMDB. Com um pé no pescoço do Governo Chagas Freitas e outro no calo federal, Brizola ficou com a direita e a esquerda livres. O seu projeto pugilístico, porém, é a disputa do título nacional de peso pesado.

Miro Teixeira fez o possível para retirar sua candidatura do "contexto de cumplicidade": a conexão política do PMDB com o autoritarismo durante os dois Governos Chagas Freitas. Rompeu com o padrinho e rejeitou a ajuda da máquina oficial, mas nem assim isentou de cumplicidade o PMDB estadual. Ficou sem os benefícios eleitorais de que abriu mão e não se ressarciu com os votos da esquerda. Acabou em terceiro lugar, apontado como exemplo de ingratidão política.

Miro Teixeira não estava errado de todo, mas atrasado. O rompimento com o **chaguismo** (o lado oculto do PMDB no Rio) pareceu aos eleitores manobra política combinada entre o candidato e o governador. A insatisfação oposicionista se sentiu ludibriada em sua própria casa.

A eleição para prefeito destaca a causa da derrota de Miro Teixeira no afundamento da candidatura Jorge Leite: a carga suspeita no porão do PMDB. A fidelidade de Leite à liderança de Chagas Freitas só lhe valeu a vitória na convenção. Não teve melhor sorte eleitoral que Miro Teixeira e aumenta a cada dia o risco de ir também parar no terceiro lugar. A reaproximação com os vencidos na convenção não muda o caráter da sua candidatura, nem altera a correlação de forças eleitorais no Rio.

Três anos depois, percebe-se melhor que o declínio da candidatura Miro Teixeira não teve a ver com **ingratidão** pessoal ou política, nem com a astrologia de esquerda que lhe orientou a campanha. Votos de esquerda — ao que se sabe — só contribuem para a derrota no Paraná. O PMDB do Rio empurra para a sucessão estadual de 86 dois insucessos e se habilita a um terceiro, se não equacionar a tempo a liquidação da dívida política que impediu Miro Teixeira em 82 e Jorge Leite agora de conseguirem votos na praça.

Homenagem à França

Barbosa Lima Sobrinho

INCLUO-ME numa das últimas gerações brasileiras alimentadas, e influenciadas, pela cultura francesa. A presença norte-americana viria depois, não obstante a Constituição republicana de 1891 que havia tomado por modelo o federalismo dos legisladores da assembléia de Filadélfia. Ainda teríamos que atravessar duas grandes guerras mundiais, para que ela crescesse, empurrada pelo poderio econômico da república de George Washington.

A influência francesa não se valeu senão do domínio cultural, não obstante algumas manifestações em outros setores das atividades humanas. Até porque, no aspecto político, a Inglaterra esteve mais presente no Segundo Reinado do que qualquer outra nação do mundo. Os debates do Parlamento britânico eram acompanhados de perto, embora não se ignorasse a ação de estadistas franceses como Guisot e Thiers, e as revoluções francesas de 1830 e 1848 repercutissem no Brasil como abalos sísmicos de um terromoto mundial.

Por sinal que Rui Barbosa, o construtor do regime constitucional republicano, conhecia tudo que se passava nos Estados Unidos, desde os assuntos políticos aos problemas educacionais. Mas também não se distanciava da influência francesa, como demonstrou na saudação a Anatole France, na Academia Brasileira. Seria, de algum modo, o precursor dos mestres da Pedagogia, de que foram pioneiros Fernando de Azevedo e Antônio Carneiro Leão, este último membro do Instituto de França. Nada disso impedia que os livros escolares do segundo grau e dos cursos superiores fossem, em grande maioria, traduções de obras francesas, sobretudo nos campos da História Natural e da Física. Eram obras que passavam de uma turma para outra, e que se incorporavam à biblioteca de seus donos, não apenas como recordação, mas sobretudo como consultores permanentes, ao contrário dessas outras obras que vieram depois, condenadas a um destino efêmero, e implicando despesas que oneravam os orçamentos familiares.

Mesmo nos cursos superiores, sentia-se a necessidade de ler com desembaraço obras que vinham da França, tanto na Medicina, como na Engenharia, e até mesmo nas ciências jurídicas, em que Teixeira de Freitas e Clóvis Beviláqua não excluíam mestres como Planiol para o Direito Civil, e Bonfils para o Direito Internacional, obras que sobreviviam aos cursos nas Faculdades, como guias permanentes.

Em literatura nem era bom falar, pois que todos viviam de olhos fitos no movimento bibliográfico da França, atentos aqui, como lá fora, ao **"Vient de paraître"** que acompanhava o labor de escritores como Anatole France, Paul Borget e tantos outros. E nesse domínio, a influência francesa foi preponderante, na reação contra o estilo clássico português, que revelava a sua maestria em períodos longos, sujeitos à ordem inversa, entendendo que a arte consistia em distanciar o sujeito do verbo, ou até mesmo deixá-lo escondido, para desespero dos leitores. Ernesto Renan e Anatole France foram exemplos e modelos de um estilo claro e preciso, a que não conseguiu escapar Eça de Queiroz, para não falar em nosso insuperável Machado de Assis.

A regra da simplicidade e clareza, magnificamente exaltada no discurso da Acrópole, ligava-se a um passado glorioso, revivido nos pugilatos literários da época, e foi uma espécie de revolução para aproximar e identificar a língua literária com a coloquial. Por que fazer da leitura uma tortura como a de quem decifra hieróglifos? O barroquismo coincidira com uma fase de elitismo absorvente. Era preciso voltar ao povo, como na fase dos rapsodos para trazer às praças públicas os misteriosos habitantes das torres de marfim. O que não seria mais do que a democratização da linguagem e da escrita, ensinando a escrever para os outros, e não para si mesmo. Não sei de nenhum escritor que não escreva para um leitor imaginário, que sempre estará presente. Pode haver os que pensam em decifradores de charadas. Não seria essa a opção dos que buscam, às vezes desesperadamente, a simplicidade e a clareza, sem deixarem de fugir a superficialidade, que também poderá ser encontrada, e talvez com maior probabilidade, nos estilos confusos e impenetráveis. Verdade que, para o espírito imbuído do barroquismo, a simplicidade se confundirá com a ausência da imaginação. Ainda bem que Montaigne não pensou assim. E só é pena que o prestígio da França não esteja mais naqueles majestosos altares, que pareciam eternos.

Sou testemunha dessa fase de declínio, que espero seja efêmera. Nas gerações que vieram depois, termina-se o curso superior, e são raros os que conseguem ler, correntemente, os livros franceses. Não ignoro e não subestimo a força e a irradiação do poder econômico, que arrasta cientistas e pesquisadores, proporcionando-lhes recursos para as experiências com que se conquista o progresso da ciência. Para médicos, engenheiros e especialistas de todo o gênero, há maior interesse em estar ao corrente do que se diz e do que se descobre nos Estados Unidos, como um pólo de convergência das inteligências de todo mundo. Temos a prova dessa realidade com o quase monopólio dos prêmios Nobel, que se encaminham para o território de Tio Sam.

A língua francesa passa a ser quase um luxo de eruditos. Ou de pessoas que sentem a necessidade de não se afastarem nunca dos modelos de simplicidade e clareza. Sobretudo de simplicidade, numa maneira quase humilde de se comunicar com os seus semelhantes. Dos que fazem do discurso de Renan à Acrópole uma luz permanente, nos faróis da inteligência.

De certo que nem tudo se limita à simplicidade e clareza. Há muitos outros requisitos indispensáveis, como a ordem, o ritmo, a elegância, numa composição sagrada de que nunca poderá estar ausente a imaginação. De Pascal ao Código Civil francês, de Stendhal a Chateaubriand, nunca faltarão modelos franceses. Basta, como Renan, considerar bárbaros os que imaginem que se possa fazer alguma coisa de útil, ou duradouro, fora das regras que a Razão soube inspirar aos seus eleitos.

Por isso Théophile Gautier nos falava de um estilo no qual sempre se poderia encontrar a presença de um mundo ideal. Não será essa uma característica permanente? Como no caso daquela convocação das três ordens que compunham os Estados Gerais e que, chamados para resolver questões tributárias, começavam seus trabalhos redigindo, e aprovando, uma Declaração dos Direitos da Pessoa Humana. Como manifestação de um povo para o qual, a meio de todas as agruras do presente, há sempre a perspectiva de um mundo melhor, a ser conquistado pelo ideal. Como se a religião da França fosse, em verdade, aquela Religião da Humanidade, de que nos falava Augusto Comte.

Memorando ao Kremlin

James Reston

DE: Yakov Pectoh, da Embaixada Soviética em Washington.
Para: Mikhail Gorbachev, Secretário Geral do Partido Comunista, Moscou.

Como se sabe, o Governo dos Estados Unidos está se preparando para seu encontro com o Presidente Ronald Reagan em Genebra no mês que vem — e vem fazendo isto com canhestra habilidade.

Esforçando-se para nos enganar quanto à sua política e objetivos na conferência de cúpula, o Governo Reagan vem fazendo uma série de declarações confusas e contraditórias — todas devidamente transmitidas pela imprensa, rádio e televisão capitalistas.

Um dia, esta maliciosa campanha apresenta Weinberger, do Pentágono, questionando a integridade de nossos compromissos anteriores com a paz e o controle das armas nucleares, e especulando se um novo acordo em Genebra teria algum significado.

No dia seguinte, Shultz, no Departamento de Estado, sugere que, apesar de nossa generosa oferta ser "enganadora", só poderia haver um "verdadeiro progresso" na reunião de cúpula se concordarmos com a política washingtoniana.

É difícil interpretar a Voz da América, já que há tantas vozes. Por exemplo, o McFarlane, do Conselho de Segurança Nacional, que supostamente deveria ter uma "paixão pelo anonimato", agora aparece regularmente nos programas de televisão, inclusive dando entrevistas sem ser entrevistado. Às vezes ele concorda com a interpretação de Shultz sobre o Tratado de Mísseis Antibalísticos, outras vezes apóia o que diz Weinberger — mas na maioria das vezes não se sabe com quem ele está concordando.

Assim, muita coisa vai depender dos conselheiros escolhidos por Reagan para assessorá-lo na conferência de cúpula — mas precisamos ser cautelosos. Weinberger pode parecer duro, mas na verdade é muito elegante e manso. Gosta de juntar armas, mas prefere não usá-las (a não ser em lugares como Granada) enquanto Shultz, o homem racional, prefere ter menos armas mas poderia usá-las.

Aqui na embaixada, temos muitos motivos para acreditar que o Sr. deve ir à conferência com a maior confiança.

Nossa aliança é forte. Quando dizemos a nossos camaradas da Europa Oriental o que devem fazer, eles fazem. Quando Reagan pede uma ajudinha a seus aliados, eles fazem o que bem entendem.

Veja só o exemplo do que chamam de segurança coletiva, uma forma de atuação em comum em que Itália, Israel, Egito e até nossos ex-camaradas da Iugoslávia agiram como bem entenderam no último incidente palestino. Com nossa unidade e a liberdade deles em discordar, nada temos a temer — nem mesmo de George Bush na China.

No **front** econômico, agora o Governo Reagan tem o maior déficit orçamentário e o maior déficit comercial da história do país, enquanto nós equilibramos nosso orçamento a cada ano e ainda somos bastante ricos para comprar cereais dos empobrecidos fazendeiros norte-americanos.

Nos Estados Unidos, já foi observado que o Sr está em vias de produzir um novo plano econômico para levar a União Soviética ao século XXI e vem escolhendo homens mais jovens para cuidar de sua execução. Aqui, isto causou forte impressão, numa época em que o Governo Reagan está imaginando como conseguirá conviver nos próximos dois anos com uma nova equipe na direção da Reserva Federal, o Banco Central deles.

Camarada Gorbachev, o Sr solicitou nossas sugestões para as negociações com os norte-americanos em Genebra. Antes, nenhum pedido deste tipo foi jamais feito a esta embaixada, mas ousamos propor o seguinte:

- Leve sua esposa junto. Até recentemente, as pessoas aqui em Washington sequer imaginavam que os membros do Politburo tinham mulher e sempre as ajudam a descer as escadas de aviões. Reagan é muito bom nisto.
- É sempre inteligente enfatizar a paz na terra e nas estrelas, como o Sr fez em Paris; mas não é esperto falar em **détente**. Aqui em Washington, esta é considerada uma enganadora palavra francesa que nunca deveria ser usada na Câmara nem no Senado.
- Conceda uma porção de entrevistas à imprensa, por volta de meio-dia em Genebra (que aqui é pouco antes do noticiário da noite), de preferência acompanhado de Reagan. Ele detesta entrevistas com a imprensa, especialmente quando lhe perguntam detalhes sobre qualquer coisa que estiver negociando.
- Se perguntarem sobre o Afeganistão ou os direitos humanos, o Sr pode escolher entre duas respostas: dizer que é favorável a eles, apesar de não estarem na agenda da reunião, ou perguntar sobre os linchamentos no Sul dos Estados Unidos.
- Diga que o Sr considera essas conferências de cúpula uma grande idéia — que deveriam ser realizadas a cada verão na União Soviética e a cada inverno na Califórnia. Isto dará ao pessoal da imprensa a possibilidade de viver à tripa forra graças às suas contas de despesas e ao Presidente Reagan uma chance de voltar ao seu rancho.
- Outra coisa: diga a Zamyatin para não desperdiçar muita propaganda na questão da "Guerra das Estrelas" e outras, de hoje ao início de novembro, já que estão começando as finais do campeonato mundial de beisebol e ninguém estará prestando muita atenção, ao senhor ou a Reagan, até tudo acabar.

James Reston é colunista do "The New York Times"

Taxa de cartório veda a 2 milhões direito à cidadania

Archibaldo Figueira

O elevado preço da Justiça, percebido toda vez que se necessita de um cartório, é responsável por anualmente dois milhões de crianças terem vedado seu direito à identidade e à cidadania garantidas pelo registro de nascimento. Esta certidão, 15 dias após o parto, passa a custar 15 vezes mais caro, devido à multa cobrada pela Justiça, aumentando de quase 100% com o reajuste semestral do salário mínimo.

No Brasil nascem a cada dia 4 milhões 500 mil crianças, mas apenas 55% são registradas nos primeiros dias de vida nos 2 mil 392 cartórios do Registro Civil de Pessoas Naturais. As demais permanecem sem existência legal até os pais poderem arcar com as despesas do registro, ou descobrirem que a LBA ou entidades similares providenciam isto gratuitamente.

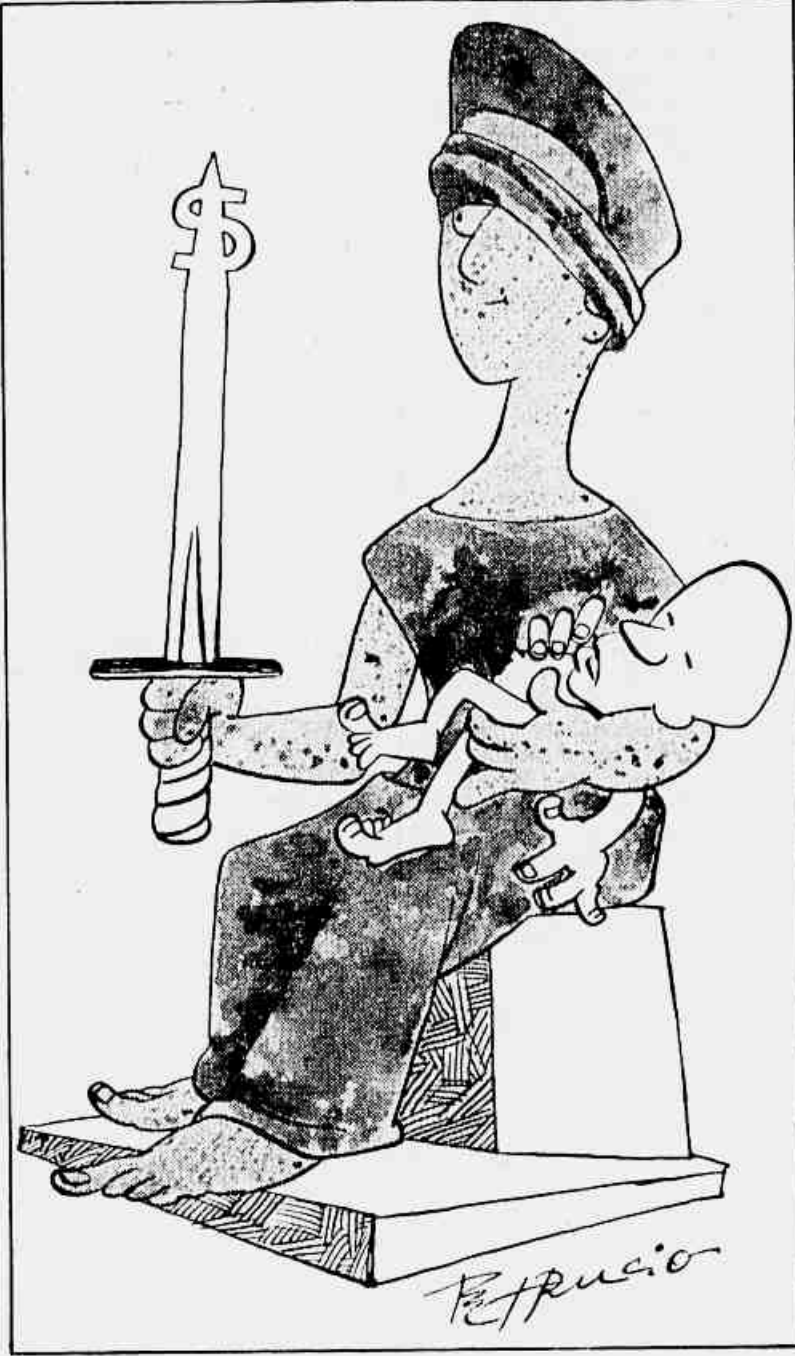
No Paraná, a Secretaria de Justiça criou o programa Pró-Cidadania, para fornecer gratuitamente documentos à população, remunerando os cartórios de modo favorecido. "Para os menos avisados" — observa o Secretário, Horácio Racanello — "o documento representa muito pouco, mas para a população carente é fundamental. Pode representar a alimentação e a matrícula na escola, a aposentadoria e a assistência médica".

No Rio, segundo tabela da Corregedoria Geral de Justiça, o registro de nascimento custa Cr$ 3 mil 81, mas, passados 15 dias do parto, a lei federal impõe multa de 10% do salário mínimo (Cr$ 56 mil 700 em novembro) e a despesa vai para Cr$ 60 mil. Os 106 cartórios fluminenses estão ganhando este ano, com o registro de 320 mil crianças (250 mil no prazo e 70 mil atrasados), Cr$ 1 bilhão. Mas o Tesouro Nacional, só com as multas, arrecada quase 25 vezes isto: Cr$ 24 bilhões 465 milhões 680 mil.

Não é, no entanto, a União a única a onerar financeiramente o cidadão, quando este cumpre obrigações que ela mesma lhe estabelece. Também o Estado trata de obter o seu quinhão: no Rio, a lei estadual manda cobrar 20% do valor das custas fixadas para todo ato de valor declarado praticado em cartório.

Na ditadura do Estado Novo, Vargas privilegiou a Caixa de Assistência ao Advogado, da OAB, com uma participação sobre as custas. Pouco tardou para que magistrados descobrissem esse ovo de Colombo para a consolidação financeira de associações de classe sem qualquer conotação sindical, já que congregam funcionários públicos. Em 1979, uma lei trabalhada pelo **lobby** à Assembléia estabeleceu a cobrança de uma taxa correspondente a 2% da UFERJ em favor da magistratura, toda vez que um ato fosse realizado nos Ofícios de Registro Civil das Pessoas Naturais ou Jurídicas, Registro de Imóveis, de Notas, de Protesto de Títulos e de Títulos e Documentos.

Pouco depois, no rastro da Mútua dos Magistrados seguiam Caixas de Assistência do Ministério Público, dos Procuradores, dos Membros da Assistência Judiciária, e hoje já se tem de pagar 8% a mais em cada ato, além de outra taxa para a Associação dos Conselheiros dos Tribunais de Contas do Estado e do Município do Rio de Janeiro, não importa se o cidadão mora em Vilar dos Teles. Os oficiais de justiça já pleiteiam também a sua parte, e logo serão cobrados redondos 10% a mais, sem que seja lembrado que o insignificante para o bilionário comprador de uma cobertura na Vieira Souto é esbulho para o pobre adquirente de um barracão no Borel, sujeito a pagar a mesma coisa.

Essa cascata de percentuais em favor de entidades privadas desaba também sobre gaúchos, catarinenses, paranaenses, cearenses (lá os oficiais de justiça conseguiram 3%) e mineiros. Em Belo Horizonte, o tabelião Eugênio Klein Dutra garante que "tudo isso não passa de bitributação inconstitucional". Há algum tempo, ele encaminhou aos estudiosos um trabalho onde ressalta que, "sucessivamente argüida a inconstitucionalidade dessa cobrança, à medida em que o STF decidia um caso concreto o Estado alterava a legislação, prosseguindo na cobrança sob outro nome".

— Há três anos — ressalta — o Tribunal de Justiça de Minas decidiu que a restrição ("É vedado incluir ou acrescer, à custa dos registros públicos, quaisquer taxas ou contribuições") constante na Lei 6.941 só se aplica ao BNH, com relação ao 20% do Regimento de Custas, silenciando quanto à Taxa de Expediente e determinando sua vigência apenas a partir de sua publicação. Nos próximos dias, os advogados mineiros vão discutir esse assunto em Poços de Caldas.

Em Porto Alegre, onde as custas subiram 26% para beneficiar desde porteiros do Fórum ao Instituto dos Advogados Irani Mariani representou ao Supremo argüindo a inconstitucionalidade das leis estaduais. O subprocurador da República Moacir Machado, a quem foi distribuída a representação, deverá se manifestar até o dia 25. Segundo Mariani, ele se inclina a despachar favoravelmente o processo para que o STF se manifeste "acabando com essa cobrança inconstitucional e imoral".

— E um absurdo a cobrança de taxas judiciais — comenta, em Curitiba o Coordenador de Defesa do Consumidor, Mauro Baruque — mas quem é que briga com a Justiça? O Governador Jáder Barbalho brigou e agora está com sérios problemas no Pará.

Em Porto Alegre, a assessora jurídica da Associação de Proteção ao Consumidor do Rio Grande do Sul, Vera Regina Compassi, observa que "há em tudo isso enormes interesses, mas a grande maioria da população não conhece detalhes. O consumidor precisa ter maior consciência de seus direitos".

Em São Paulo a tabela das custas judiciais e extrajudiciais será majorada de 190 a 318%: uma causa de Cr$ 2 milhões, sobre a qual incidem hoje custas de Cr$ 110 mil 880, passará a ter uma incidência de Cr$ 252 mil, ou 227% a mais.

O Conselho Superior da Magistratura paulista apelou ao Governador Franco Montoro pela revisão desse aumento, considerando os índices "acima dos limites aceitáveis".

Com o aumento das custas, o povo deixa de recorrer à Justiça, e não só as sociedades da hierarquia judicial, como tabeliães, escrivães e escreventes vêem mirrar a sua fonte de renda. Pelo menos 10 milhões dos 40 milhões de pessoas que se declararam casadas no Recenseamento de 1980 mantêm apenas uma união consensual.

Os casamentos, apesar do aumento da população, desde 1977 estacionaram pelos 900 mil por ano em todo o Brasil. Uns alegam que isso demonstra que casamento é coisa superada; outros, lembrando que casamentos coletivos são promovidos até pelo Projeto Rondon, atribuem o fato à pobreza do povo.

Pelo regimento de custas do Rio, um cartório não pode cobrar mais de Cr$ 13 mil 696 pela habilitação, compreendendo todos os atos do processo; no Cartório Espírito Santo Cardoso, de Jacarépaguá, o preço é de Cr$ 125 mil — quase 10 vezes a tabela. Os ofícios de notas não podem cobrar mais de Cr$ 10 mil 272 por procuração ou substabelecimento no livro de notas; o 12º Cartório de Notas, na Rua do Rosário, 134, cobra Cr$ 15 mil, o mesmo que a pública forma, tabelada em Cr$ 1 mil 712.

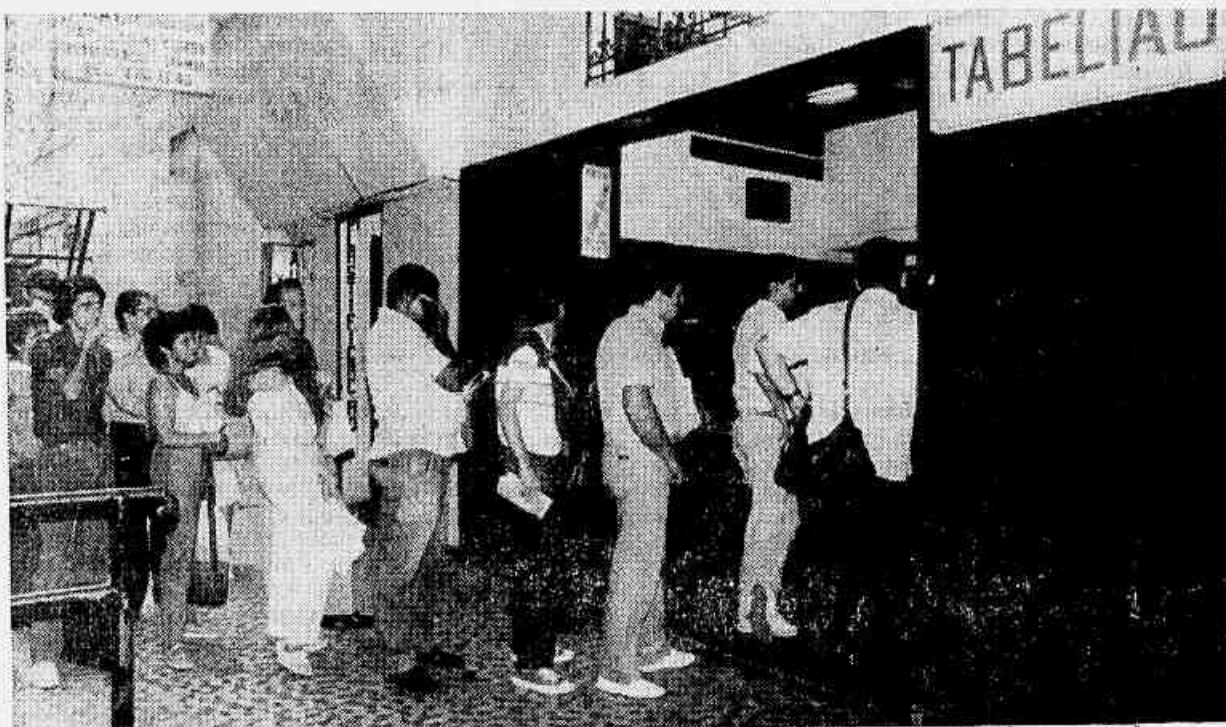
Donos de cartórios do Registro Civil de Pessoas Naturais dizem que assim procedem devido à gratuidade dos registros de nascimento e de óbito, feitos em enxurrada por entidades assistenciais como a Fundação João XXIII e a Legião Brasileira de Assistência.

Lembram que não recebem qualquer verba do Governo, nem para o DARJ com o qual recolhem a sobretaxa da magistratura nem para o papel no qual certificam a existência do ser humano. Eles pagam do próprio bolso, embora não tenham qualquer salário, loja ou escritório, auxiliares e material de expediente e ainda são onerados com a documentação gratuita.

Muitos comprovam sua total inadimplência em requerimentos ao Governo do Estado para que sejam oficializados, transformando-se seus estabelecimentos em repartições públicas. O Estado nem mesmo lhes dá resposta: só quer oficializar os grandes cartórios, aqueles que conseguiram, logo depois do **Pacote de Abril** do General Geisel, em 1977, que o então Ministro da Justiça, Armando Falcão, mantivesse na gaveta o projeto de lei complementar que efetivava a medida.

E convenceram um dos líderes da Arena, Deputado Marcelo Linhares, a introduzir na Emenda Constitucional nº 22, em 1982, dispositivo que lhes garantia a permanência no rendoso posto por muitos e muitos anos, com o beneplácito do relator e do presidente da Comissão Mista, os também arenistas Deputado Jairo Magalhães e Senador Passos Porto.

Colaboraram: Regina Barreiros, Rio; José Mitchell, Porto Alegre; Cláudio Arreguy Corrêa, Belo Horizonte; Flávio Sturdze, Florianópolis; Eduardo Pereira, Recife; Márcia Marques, Curitiba; Hélio Thelio Magalhães, São Paulo e Egídio Serpa, Fortaleza.

Fotos de Gilson Barreto

Povo espera na fila do cartório para pagar além da tabela por simples carimbos

No balcão, taxas de urgência permitem encontrar o livro à espera da assinatura

Interesse político tem firma reconhecida

Ao anunciar o barateamento das custas na Justiça se a Assembléia Legislativa aprovar projeto que neste sentido está sendo elaborado pelo Palácio Guanabara, o Procurador-Geral do Estado do Rio, Eduardo Seabra Fagundes, alertou que sua tramitação pelo Legislativo será dificultada pelos interesses contrariados, apelando aos parlamentares no sentido de que tenham sempre em mente que "Justiça não é para dar lucro".

Há, no Legislativo do Rio de Janeiro, pelo menos três Deputados com interesses particulares envolvidos: Murilo Asfora (PDT), titular de Cartório de Órfãos e Sucessões; José Montes Paixão (PMDB); e Aloísio de Castro (PDS), oficiais em serventias extrajudiciais.

Com a chegada das eleições, as filas à frente dos cartórios vão aumentar por falta de funcionários: a maioria estará prestando serviços gratuitamente ou mediante remuneração simbólica da Justiça Eleitoral, tendo por trás o dono do cartório, sempre zeloso pela relação com o poder político, que passa a ser eterna desde o momento em que recebe da elite dirigente, como presente, a mais cobiçada das benesses.

"O cartório" — comenta a socióloga Rosa Maria Barboza de Araújo — "é o lugar certo para colocar o servidor leal que, terminado o mandato do governamente, teria de voltar à repartição para uma função burocrática inexpressiva. É claro que se poderia pensar num cargo vitalício, como Conselheiro do Tribunal de Contas, ou numa embaixada. Mas seriam necessários requisitos que nem todos os servidores fiéis têm. Não se pode criar embaixadas à vontade, cria-se cartórios. E, para ser nomeado, o único requisito é a ligação com o poder".

— Quando José Maria Alkmin Filho foi primeiro no concurso para tabelião — conta, em Belo Horizonte, Eugênio Klein Dutra, estudioso do assunto, dono de cartório e ex-Secretário de Educação — disseram que o Magalhães Pinto determinou que todos fossem primeiros colocados, para escolhê-lo. Mas ele, rapaz brilhante, realmente foi o primeiro. Quando o então Deputado João Marques também tirou o primeiro lugar, falaram que se devia à política. Isso foi em Contagem e eu participava da banca examinadora. Ele realmente foi o melhor. O ideal é responder igual ao antigo Governador Bias Fortes: "Queriam que nomeasse meus inimigos?"

Esta é apenas uma das pitorescas facetas do que Hélio Jaguaribe considerou para batizar o sistema político brasileiro como **Estado cartorial**, algo com "sensíveis semelhanças com os cartórios fiscais da época colonial, que arrecadavam, em troca de uma participação na arrecadação, os benefícios destinados à Coroa. A essência do Estado Cartorial consiste em que esse Estado se constitui em primeiro lugar em mantenedor ou assegurador do **status quo**".

A criação de cartórios justifica-se pela necessidade da existência de serviços auxiliares da Justiça, com os quais o cidadão, por mais simples que seja, mantém fortes ligações, a partir de sua necessidade de autenticar uma cópia xerox, registrar um filho, casar, comprar casa, deixar herança, obter auxílio-natalidade, salário-família ou comprovar viuvez.

Existem hoje, no Brasil, mais de 15 mil cartórios dos mais diversos tipos: pequenas serventias do Registro Civil que, em cidades do Nordeste, funcionam na casa do titular, não lhe rendendo um milhão de cruzeiros mensais, ou gigantescos cartórios de imóveis ocupando prédios inteiros e utilizando um computador, como o de Armando Falcão, para registrar faturamentos bilionários.

A Receita Federal, em 1984, recebeu declarações de 3 mil 856 tabeliães, informando rendimentos brutos de 62 bilhões 228 milhões 573 mil cruzeiros como pessoa física — uma remuneração mensal de 1 mil 344 dólares, declaradamente. Mas há outros 3 mil cartórios, os do Registro de Pessoas Naturais, praticamente falidos. Aos Estados só interessa a oficialização dos primeiros — Cartórios de Imóveis, Protesto, Notas, Órgãos e Sucessões —, devido à sua altíssima lucratividade. Esses cartórios contudo, são exclusividade de quem tem boas amizades no poder, como Hugo Ramos, Armando Falcão, Márcio Braga e outros.

"Raramente sabe-se com exatidão quanto ganham os titulares dos cartórios", observa a pesquisadora do IUPERJ Rosa Maria Barboza de Araújo no estudo **Os cartórios na cena política**, no qual ela identifica as serventias como um dos mais antigos instrumentos de corrupção e de clientelismo político.

O trabalho destaca que "os funcionários têm por hábito fazer valer a propina para um atendimento mais rápido ao público. Não é incomum que os próprios funcionários induzam os interessados a pagar taxas de urgência ou fraudem a assinatura do titular. Pode-se ainda fazer uso da **grilagem**, isto é, registrar uma propriedade sem comprovação da posse ou fraudar os livros de registros, arrancar páginas ou retirá-las do cartório. Estas práticas podem ser "normas" do cartório que vêm beneficiar prioritariamente o titular, ou são utilizadas por funcionários, à sua revelia.

Os estudiosos são unânimes na conclusão de que só a oficialização das serventias poderá resolver o problema, e isto será uma das mais difíceis tarefas da Constituinte, devido à interferência simultânea dos poderes Executivo e Judiciário, heterogeneidade dos cartórios e quantidade de dinheiro em jogo.

Agora mesmo, em Minas, o Tribunal de Justiça e o Governador Hélio Garcia tentam fazer passar na Assembléia Legislativa projeto de lei de Organização Judiciária que embute a criação de 302 novos cartórios e 6 mil 94 cargos. Em Pernambuco, a Assembléia Legislativa examina projeto do Executivo oficializando os cartórios conforme o Artigo 206 da Constituição, pois lá só são oficializados o 3º e o 4º Registros de Imóveis. No Ceará, o número de cartórios é o mesmo há 20 anos: no Fórum de Fortaleza, 3 cíveis, 2 criminais e 2 da Justiça dos Pobres, superlotados.

A investidura dos titulares de cartório é um dos muitos instrumentos de poder utilizados à vontade pelo Executivo. Mesmo no novo Estado de Rondônia a distribuição atende a critérios políticos, embora concursados como João Gouveia e Agostinho Leandro tenham conseguido este verdadeiro milagre.

Surgindo, por exemplo, vaga para um cartório de Notas, o Governador tem a opção de escolher, entre os muitos pretendentes, amigos, parentes, colaboradores e o cabo eleitoral que, naquele lugar, pode sugerir um bom candidato, facilitar transações imobiliárias, emitir certidões gratuitamente e até ajudar com um fotógrafo que forneça a legiões de novos eleitores o retrato 3x4 para o título cadastrado e, muitas vezes, desde logo usado para filiação ao partido.

Isso vem desde antes da Revolução de 30 e Vargas, ao fazê-la, tratou de, na chefia do Governo, destituir dos cartórios, por ato de força, os desafetos do regime, passando a nomear sua gente. João Pessoa, Juarez Távora, Francisco Campos, Gustavo Capanema, Filinto Muller, Nereu Ramos, Valentim Bouças, Benedito Valadares, Antunes Maciel, Simões Lopes foram excelentes padrinhos para colocar parentes — especialmente genros — nas melhores serventias de registro de imóveis e protesto de títulos. Dentro da família, Getúlio nomeou o marido de Yara Vargas, recém-chegado ao Rio sem meios para ganhar a vida, e um primo desempregado de seu genro Amaral Peixoto. Amigos chegados como J.J. Seabra, Cordeiro de Farias, Agamenon Magalhães foram tão bons trampolins para cartórios como alguns veículos da imprensa, como **A Federação** e o **Correio da Manhã**.

José Linhares, nos três meses em que respondeu pela Presidência da República, nomeou numerosos parentes e colegas do Poder Judiciário. Dutra beneficiou seus ajudantes-de-ordens, introduzindo os militares no ramo. Café Filho, em nove meses, não esqueceu ninguém da UDN mineira, o secretário particular, o Chefe da Casa Civil e o chefe de gabinete. Juscelino, enquanto a Capital era no Rio, usou e abusou do direito de nomear, destacando-se, entre os contemplados, Armando Falcão, José Maria Alkmin, Hugo Ramos, a filha de Benedito Valadares, Helena, um primo, um sobrinho, dois maridos de sobrinhas de Dona Sarah e o repórter de **O Globo** que cobria a Câmara quando ele era deputado.

Com a fundação de Brasília, as nomeações passaram a ser atribuição do Governador, mas JK prosseguiu na distribuição farta sob os mesmos critérios, no Distrito Federal.

O processo de oficialização, com suas marchas e contramarchas, começou com impulso total em 1960, chegando à antiga Guanabara quatro anos depois. As pressões, contudo, foram fortes demais, e os cartórios passaram a ser oficializados quando seus titulares se aposentavam. Logo se desenvolveram mecanismos para protelar a oficialização: quando surge vaga para um cartório, nada impede que o Governo a preencha com a promoção ou transferência de titular da mesma classe para este posto.

Em 1980, no Rio, a transferência de Helena Valadares, um titular de ofício de Registro de Títulos e Documentos, para um Registro de Imóveis, incomensuravelmente mais rendoso, foi patrocinada pelo Governador Chagas Freitas. Jornais de oposição denunciaram a transferência como nepotismo, porque favorecia o jornalista Miro Teixeira seu genro na campanha eleitoral para o Governo do Estado. O Deputado José Frejat requereu ação popular na 4ª Vara de Fazenda Pública, na qual figuram como réus não só Chagas Freitas como o Procurador-Geral do Estado Raul Soares de Sá e oito titulares de cartórios não oficializados, beneficiados por atos de transferência ou promoção. A questão permanece **sub judice**. E agora mesmo, em Magé, a morte natural de um titular deu oportunidade ao preenchimento da vaga por transferência, sendo o felizardo pessoa das mais estreitas ligações com o próprio Corregedor.

Antônio Carlos dá dois dias para que Correios funcionem normalmente

Brasília — O Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, admitiu conceder um prazo de dois dias para que os funcionários dos Correios que ainda estão em greve, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e Porto Alegre, voltem ao trabalho. Durante esse período, ele se comprometeu a não demitir mais nenhum grevista.

Magalhães chegou a essa conclusão após conversar, por telefone, com o presidente regional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Maurício Correia. Ele soube então que os funcionários de Brasília e de Curitiba já haviam, em suas assembléias, decidido voltar ao trabalho a partir do meio-dia de ontem. Correia pediu-lhe que esperasse até segunda-feira pela decisão dos funcionários das três capitais, que ainda não haviam se reunido em assembléia.

— Estou certo de que até segunda-feira a greve estará encerrada, e por isso não vejo mesmo razão para demitir funcionários durante o fim de semana — respondeu o ministro. "O movimento felizmente está refluindo, pois os companheiros dos correios compreenderam que essa greve é injusta e não tem qualquer motivação".

Magalhães garantiu, no entanto, que se a greve continuar, ele ampliará o número de demissões, que hoje já chegam perto de 200. Previu também a montagem de um esquema precário de atendimento ao público, que, a invés de receber a correspondência em casa, a procuraria na agência dos Correios mais próxima de sua casa.

Ditando pausada e enfaticamente cada sílaba, o ministro considerou "impossível" a readmissão dos grevistas demitidos da empresa. Na sua opinião, há muita gente interessada em ocupar as vagas criadas com o movimento, pois os salários de um carteiro chegam hoje a Cr$ 1 milhão 700 mil. Em relação às faltas dos grevistas, Magalhães garante que "se eles trabalharem com a eficiência de que são capazes e devolverem rapidamente os Correios à normalidade, não há por que não pagá-las".

Hélio Garcia vai a Sarney por carteiros

Belo Horizonte — "Faço tudo que for possível para apaziguar este país." Com essa declaração à imprensa, o Governador de Minas, Helio Garcia, respondeu positivamente ontem ao pedido, por carta, dos carteiros mineiros em greve, para que interceda junto ao Presidente José Sarney, no sentido de que o Governo abra negociações com eles. Mas recusou o segundo pedido, de solicitar a demissão do Ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães.

— Isto eu jamais faria, pois a competência de nomear e exonerar ministros é exclusiva do Presidente José Sarney — assinalou Helio Garcia, observando que pretende explicar isso aos carteiros. Ao tomar conhecimento da resposta do governador, com o qual pretende encontrar-se amanhã, o líder dos carteiros, Pedro Paulo Pinheiro, o **Pepe**, disse que "já é um avanço. Mas não devemos ficar tão otimistas e pretendemos colocar a situação para o governador de forma mais profunda," observou.

Greve continua

A Assembléia de ontem em Belo Horizonte decidiu que hoje será feita uma análise da situação nacional da greve. "Mas o meu julgamento é de que a greve continua," disse **Pepe**, ao plenário de cerca de 200 pessoas.

Pepe comentou com o plenário que tinha tomado conhecimento de sua demissão, através das entrevistas do gerente-regional da ECT. "Isso não me preocupa e não enfraquece o movimento. Eu entrei nesta luta tranqüilo e com minha consciência de trabalhador," disse.

— Se o Sr Antonio Carlos Magalhães acha que vai me intimidar, ele está muito enganado. Os trabalhadores não serão demitidos, mas sim o Antonio Carlos Magalhães — desafiou o líder grevista.

Sobre as declarações do Ministro das Comunicações, de que não quer a CUT — Central Única dos Trabalhadores, envolvida no movimento dos carteiros, **Pepe** respondeu: "A CUT é dos trabalhadores, como o próprio nome diz. Assim como os políticos têm suas organizações, nós temos as nossas, as dos trabalhadores. O que o ministro quer é a alienação dos carteiros."

"Pepe", que tem 26 anos, trabalha há anos nos Correios como teleimpressor e recebeu o apoio da CUT nas eleições deste ano para a Associação Profissional dos Empregados da ECT em Minas. Ele não é filiado a nenhum partido político, mas se diz simpatizante do PT. Determinado, mas falando sempre em tom moderado nas assembléias, apelou incansavelmente aos carteiros antes da passeata na sexta-feira quando os grevistas foram entregar a carta ao Governador Hélio Garcia pedindo seu apoio ao movimento: "Não bebam e nem quebrem as árvores."

Ontem, ao comunicar à assembléia que tivera conhecimento de sua demissão, o líder dos grevistas denunciou a contratação pelos Correios de Belo Horizonte de 15 pessoas indicadas por parlamentares do PDS, citando nominalmente o Deputado Homero Santos, e garantiu que nenhum dos novos contratados fez qualquer teste de seleção.

Polícia apura 5 casos de fraude ao INAMPS e 300 ao INPS em Alagoas

Maceió — Trezentos casos de obtenção fraudulenta de benefícios no INPS e cinco hospitais que cobraram do INAMPS serviços inexistentes foram identificados em Alagoas pela Polícia Federal, que também está na pista de duas quadrilhas especializadas em falsificar os documentos necessários à concessão de auxílios, pensões e aposentadorias.

Dos cinco hospitais que apresentaram contas irregulares ao INAMPS, apenas a Casa de Saúde Nossa Senhora Madalena, do município de União dos Palmares, a 85 quilômetros de Maceió, foi descredenciada, por ter conseguido **operar** um paciente fictício três vezes em setembro passado.

A Superintendência da Polícia Federal em Alagoas confirmou as investigações e a existência de duas quadrilhas, mas não deu detalhes, reforçando a suspeita de que quatro políticos — dois deputados estaduais e dois vereadores de Maceió — estão envolvidos nas fraudes contra o INPS.

O Superintendente Regional do INAMPS, Ubiratan Pessoa, indicado pelo PMDB, disse que está recebendo pressões para afastar a Polícia Federal das investigações mas que vai apurar as fraudes até o fim. Ele já mandou sustar o pagamento dos salários (Cr$ 2 milhões 500 mil) do prefeito de Maceió, José Bandeira, que é credenciado como dentista na cidade de Delmiro Gouveia, a 300 quilômetros da Capital, e onde afirma que vai clinicar todo fim de semana.

— É impossível o prefeito de Maceió dar expediente todos os dias, a 300 quilômetros. De duas, uma: ou ele paga a alguém para fazer o serviço, ou está havendo fraude na prestação de suas contas. Prefiro acreditar na primeira hipótese — disse o Superintendente do INAMPS.

O prefeito José Bandeira tem de atender a 10 segurados da Previdência por mês para fazer jus ao salário.

Médicos gaúchos terão nova proposta amanhã

Porto Alegre — Apesar das ameaças de descredenciamento e contratação de novos funcionários feitas pelo Ministro da Previdência Social, Waldir Pires, os médicos gaúchos continuam não antendendo os trabalhadores rurais, num impasse que dura mais de 15 dias e está deixando sem assistência cerca de um milhão de agricultores.

Amanhã, a Superintendência Regional do INAMPS deve formalizar sua proposta aos médicos e hospitais, que será apreciada em assembléia da classe durante a semana. O vice-presidente do sindicato médico, Gildo Vissoky, disse, ontem, que os médicos estão dispostos a abrir mão do reajuste de emergência mas querem aumento a partir de janeiro e reajustes semestrais com base no INPC.

Fotos de Ariovaldo dos Santos

A paramédica Erotildes anda 30 quilômetros de bicicleta para atender aos doentes

São Paulo treina em Medicina moradores do Vale do Ribeira

Registro (SP) — Alto índice de desnutrição infantil. Focos de malária. Esquistossomose. Um leito hospitalar para 740 pessoas. Apesar de tudo, o Vale do Ribeira, no Sul do Estado de São Paulo, um dos lugares mais pobres do país, está melhorando de saúde, com o trabalho duro de 63 paramédicos — moradores da região que a Secretaria de Saúde de São Paulo treina para prestar assistência médica à população.

Os sintomas da insalubridade do Vale que o ex-capitão Carlos Lamarca escolheu, por sua extrema pobreza, como QG de seu movimento guerrilheiro, começam a diminuir. A mortalidade infantil, por exemplo, baixou da altíssima taxa registrada em 1980 — quando começou o trabalho dos paramédicos — de 74 óbitos em cada 1 mil nascimentos para os 48 atuais.

A Secretaria Estadual de Saúde mostrou também, com a experiência, que é possível atender, de modo eficaz, com poucos recursos, às populações pobres que não têm acesso a médicos ou hospitais, como as 283 mil pessoas que moram no Vale do Ribeira, das quais 120 mil vivem do cultivo da banana e do chá, da extração de madeira e da pesca primitiva.

Participação popular

O segredo dos bons resultados do programa é a participação dos próprios moradores das áreas atendidas. São eles que escolhem as pessoas capazes de receber treinamento como paramédicos, definem os problemas de saúde prioritários e contribuem com ervas medicinais e seus métodos próprios de cura, na metodologia do trabalho nos postos.

As comunidades se entusiasmaram com a possibilidade de terem assistência sanitária no lugar em que vivem e fizeram mutirões para construir os pequenos postos de saúde onde os paramédicos trabalham; rubricaram abaixo-assinados pedindo inclusão nos programas e passaram rifas para arrecadar dinheiro e ajudar a aparelhar os postos" — explicou a coordenadora do projeto dos postos rurais, Carmem Harumi Suguinoshita.

Treinados durante três meses no Departamento Regional de Saúde do Vale do Ribeira, na cidade de Registro, os paramédicos recebem ensinamentos suficientes para prevenir muitas das doenças endêmicas do Vale e curar as mais comuns.

A paramédica Celi Machado Wach, que atende ao pequeno povoado de Simbiúva, explica, por exemplo, às mães como as crianças são contaminadas pela micose, que era um flagelo na região: "A micose é causada por um bichinho que fica na areia e costuma morder e infectar as crianças". Na verdade, não é bem assim o mecanismo de transmissão da doença, mas, se falta uma boa explicação científica, a paramédica sabe perfeitamente que tipo de remédios precisa ministrar às crianças e quais os conselhos que deve dar às mães, para melhorar as condições de higiene de seus filhos.

Pequenas cirurgias

Em muitos dos 58 postos de paramédicos instalados no Vale do Ribeira, as particularidades locais exigiram que as pessoas escolhidas pela comunidade incorporassem habilidades que não haviam sido ensinadas no treinamento. No posto de Bairro Alto, povoado próximo a Pariquera-Açu, a paramédica Erotildes Martins de Azevedo faz pequenas cirurgias e suturas nos vizinhos, que se ferem principalmente na época da colheita de bananas e chá — as principais culturas do vale.

— Fui obrigada, certa vez — diz Erotildes — a atender a um rapaz com um graveto encravado no pé. O corte era grande e o pequeno pedaço de pau estava fincado tão fundo que não se via a ponta. Mesmo suando frio, tive que cortar a pele com uma tesourinha, depois de desinfetar e anestesiar o machucado.

Erotildes Azevedo, 40 anos, pode ser considerada a paramédica típica do Vale do Ribeira. Com sete filhos e o curso primário, ela encara a profissão (pela qual recebe atualmente Cr$ 800 mil, como os demais paramédicos) como uma missão. A ela cabe a obrigação de limpar diariamente o posto, registrar os pacientes (em média, 30 pessoas por dia), requisitar aos postos de saúde da Secretaria a reposição dos remédios fornecidos gratuitamente, distribuir leite em pó às crianças desnutridas e encaminhar os doentes mais graves aos postos de saúde e hospitais. Ela vai além; faz visitas de rotina aos moradores e trabalha nos fins de semana e de madrugada:

— Quando cheguei ao Bairro Alto, a maioria das crianças tinha vermes e não haviam tomado as vacinas obrigatórias de acordo com o calendário. Nas primeiras semanas, costumava andar 30 quilômetros na minha bicicleta para visitar todos, mas valeu a pena. Hoje, temos poucos casos de verminose, as vacinas estão em dia e os recém-nascidos bem-alimentados — alegra-se Erotildes.

Hábitos mudados

A dedicação dos paramédicos é um dos requisitos mais exigidos pela população. Pessoas como Ana Maria dos Santos, do posto de Peroupava, comunidade paupérrima perto de Iguape, são vistas com carinho e confiança pelos moradores da região, que jamais esquecem que ela arriscou a vida inúmeras vezes para resgatar pessoas ilhadas sobre os tetos de suas casas, na enchente que há dois anos arrasou o lugarejo.

Humilde, Ana Maria prefere falar das mudanças que o postinho trouxe à localidade. "Antes, as mulheres daqui não usavam ovos nas refeições, porque acreditavam que davam hepatite, e não tinham o costume de consumir verduras; depois que fiz o treinamento, descobri que estes hábitos podiam ser mudados e consegui convencer meus amigos", conta.

Partiu também de Ana Maria a iniciativa de organizar reuniões de moradores para discutir a melhor maneira de armazenar agrotóxicos e evitar a intoxicação pelo seu mau uso. "Agora, as pessoas colocam luvas e se protegem para manusear os produtos e mantêm as crianças longe dos depósitos".

Ervas medicinais

Treinada pela Secretaria de Saúde, Ana Maria se transformou em ativa defensora da mudança dos maus hábitos da população de Peroupava, mas não abre mão dos remédios consagrados pela tradição, como as ervas medicinais. A exemplo de todos os outros paramédicos do Vale, ela cultiva, nos fundos de seu posto, um pequeno canteiro com dezenas de tipos de ervas, que freqüentemente receita, em associação com os medicamentos industrializados.

Semana passada, Antônio Fabiano, de um ano e meio, teve uma crise de bronquite alérgica. Ana Maria receitou dipirona e ela mesma aplicou a injeção; depois, pediu licença, foi até os fundos do posto e colheu alguns ramos de sabugueiro, para o preparo do chá, recurso caseiro tão eficaz no alívio da doença da criança quanto a droga bioquímica sintetizada em laboratório.

Erotildes examina uma criança; Ana (esq.) colhe ervas. São as paramédicas do Vale

Juízes denunciam face "grave e cinzenta" na assistência a menores

Salvador — "A visão de um país se traduz nos rostos de suas crianças". Com base nesse princípio, os participantes do 11º Congresso Brasileiro da Associação de Juízes e Curadores de Menores advertiram nesta Capital que o Brasil, depois de acumular erros e fracassos de sucessivas políticas de assistência ao menor, apresenta uma face "grave e cinzenta", a começar pelo reconhecimento oficial de que de Norte a Sul vivem hoje 36 milhões de crianças carentes, 7 milhões das quais perderam o vínculo com a família.

Nos debates realizados durante uma semana, magistrados, técnicos e autoridades governamentais puderam constatar que o quadro de abandono do menor se assemelha em todas as regiões, mas se agrava no Nordeste, sobretudo nas grandes cidades. O diagnóstico atualizado do problema feito na Bahia esbarrou, porém, como de outras vezes, segundo os juízes e curadores, na falta de decisão política para enfrentá-lo, "uma vez que não há nas farmácias os remédios vitais de que, antes de tudo, precisam milhões de crianças brasileiras: pão, roupa, teto, carinho, instrução, educação e ofício".

Não pode esperar

Entretanto, o simples diagnóstico produzido em Salvador, com base em depoimentos de pessoas que convivem diariamente com a questão do menor em todas as regiões do país, foi suficiente para conclusões como a do Juiz da 2ª Vara de Menores de Salvador, Pedro Gomes Fonseca: "A criança não pode mais esperar".

A mesma constatação partiu do presidente da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, Nelson Aguiar, que veio para os debates munido de dados no mínimo assustadores. Por exemplo: nas cidades e nas selvas do Pará circulam, hoje, 30 mil meninas-prostitutas, que vendem o corpo como meio de subsistência. A prostituição infantil, segundo Nelson Aguiar, prolifera também nas beiras das estradas de quase todas as regiões, enquanto em cidades como Rio Branco, pais de famílias vendem filhas para poder comprar alimentos e, em Roraima, a prostituição infanto-juvenil é feita em troca de algumas gramas de ouro.

Há estatísticas, como as que revelaram a existência, em regime de internato na Funabem, de 427 mil menores — 150 mil deles acautelados por ordem judicial e 14 mil acusados como autores de delitos penais graves — que foram somadas no congresso a situações cujos números são desconhecidos. Como a do tráfico de menores da região cacaueira do Sul da Bahia para o Espírito Santo, sobretudo para a Capital, Vitória, denunciada pela Juíza de Menores da comarca de Prado.

— Tenho medo de que este encontro, como tantos outros, venha a se tornar inefícaz e improdutivo. Temo que as 30 mil prostitutas — mirins do Pará, depois disso tudo, continuem a vender seus corpos — advertiu o juiz Pedro Fonseca, diante de propostas paliativas apresentadas para conter o avanço do problema.

O Juiz Agnaldo Bahia Monteiro, um dos principais incentivadores, no país, da adoção de crianças carentes por pais estrangeiros, é enfático: "Quanto às perspectivas que dizem serão traçadas pelo Governo da Nova República em relação ao menor, eu só ficarei tranqüilo quando com elas me encontrar".

Enquanto essas medidas não chegam, o Juiz de Menores da Bahia, que somente este ano já promoveu 300 adoções de crianças de até três anos de idade — cerca de 100 vivem hoje com os pais adotivos, sobretudo na Itália e em Luxemburgo — afirma que terá de ser juiz, aplicando as soluções legais que considera válidas. Sobre as adoções de crianças por pais estrangeiros promove, o Juiz Agnaldo Bahia Monteiro faz questão de explicar: "Todas as adoções são exclusivamente de menores abandonados, de tenra idade, dois anos no máximo. Crianças encontradas em latas de lixo, em capinzais, valas de esgotos, de pais inteiramente desconhecidos", assegura o magistrado.

Atos do Governo

Para o novo presidente da Funabem, porém, o problema do menor abandonado "demanda atos do Governo e, portanto, decisões políticas". Para Nelson Aguiar, "é alentador sabermos que o Brasil pode prover a solução". Uma das saídas que o presidente da Funabem apontou em Salvador é a municipalização da política de assistência à criança carente. "Essa é a única estratégia de ação governamental capaz de apontar o caminho seguro do problema, que 20 anos de experiência de internações nas capitais jamais conseguiram alcançar".

Nelson Aguiar explica, entretanto, que municipalizar não significa "prefeiturizar": "Nossa orientação é no sentido de que se formem associações em cada município. Desses conselhos, sempre que possível, devem fazer parte, como membros natos, o prefeito, o juiz, o promotor e um ou mais representantes da Câmara de Vereadores. Como membros rotativos, os dirigentes de entidades e órgãos públicos, tais como de sindicatos e associações de moradores, de clubes de serviços, de igrejas, de lojas maçônicas, Rotary, Lyons e as instituições que já trabalham com crianças. A esses conselhos ou associações caberá o papel de mobilizar a comunidade para discutir o problema, diagnosticá-lo, eleger prioridades, elaborar e executar projetos", explica o presidente da Funabem.

O Juiz Pedro Fonseca lembra, entretanto, um aspecto apontado como fundamental para o êxito de uma política nacional do menor: a decisão política de carrear os recursos vultosos que são necessários para enfrentar o problema em toda a sua dimensão social: "Enquanto anualmente se gastam com armas quinhentos bilhões de dólares, quarenta mil crianças morrem de fome neste nosso mundo cão. Enquanto para cachorros e gatos, como nos dizia o atual presidente da Funabem, Dr Nelson Aguiar, há em São Paulo e no Rio hospitais, veterinários e até desfiles de modas, as nossas crianças, aquelas que conseguem vencer o chamado **mal dos sete dias**, disputam nos lixos com cachorros e urubus restos de comida", denuncia o Juiz Pedro Gomes Fonseca.

Pastoral tem denúncia de prisão e tortura de onze posseiros no Pará

Belém — Um contingente de mais de 100 homens da Polícia Militar do Estado, sediado em Conceição do Araguaia, prendeu onze posseiros, na última quinta-feira, na Fazenda Capetinga, município de Redenção, no Sul do Pará, palco, há dois meses, de escaramuça em que morreu o Cabo PM Carvalho e outros quatro policiais ficaram gravemente feridos.

Além das prisões, os policiais, segundo quatro posseiros que procuraram ontem a Comissão Pastoral da Terra para se queixar, destruíram plantação, móveis e utensílios, além de terem torturado os colonos. Contaram, ainda, que 20 posseiros fugiram para o mato. Continuam presos, em Conceição do Araguaia, José Pereira Dias, José Alves de Araújo, Miguel Vargas, Milhone, Ortiz Santos de Oliveira, Antonio Gomes da Silva, Cesar e Alcebíades; quatro colonos, identificados apenas como Adauto, Pedro, João Pedro e Xavier, foram soltos após terem sido maltratados pelos policiais, segundo a freira Bertilh, que atua na CPT.

Na área da Fazenda Capetinga vivem 90 posseiros desde 1972. No início de setembro, os proprietários da fazenda, Lourival e Nadir Louza, aceitaram receber outras terras do INCRA em troca da área ocupada pelos colonos, mas, ante a presença constante de policiais tentando expulsá-los, 60 posseiros deixaram o local e o restante continua perseguido.

Lavrador adverte para privilégio a brasiguaio

Campo Grande — As primeiras desapropriações feitas pelo INCRA em Mato Grosso do Sul — 18 mil hectares para dar início ao assentamento de 1 mil 200 famílias de colonos **brasiguaios** — poderão desencadear sucessivos movimentos dos sem-terra e também dos acampamentos em projetos mal planejados, como o de Padroeira do Brasil, no Município de Nioaque, onde o Estado cedeu por comodato três hectares para cada uma das 471 famílias e hoje é conhecido como **favela rural**. O alerta é do presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais (Fetagri), Pedro Ramalho, que teme reações seguidas de invasões caso o INCRA não defina com urgência um plano para atender 20 mil famílias de sem-terra.

Visita do Nobel revolucionou cristalografia no Brasil

Arquivo Yvone Mascarenhas

Hauptman em São Carlos com sua anfitriã Yvone (D)

São Carlos (SP) — A doutora em ciências Yvonne Mascarenhas, professora titular do Instituto de Física e Química da USP, em São Carlos, já retirou de seus arquivos — "para guardar como preciosidade" — o programa que anunciava em julho de 1976 um curso de cristalografia: os professores que o ministravam, Herbert Hauptman e Jerome Karle, são os ganhadores do Prêmio Nobel de Química deste ano.

Os dois cientistas norte-americanos discorreram na época para 50 latino-americanos reunidos em São Carlos, sobre o método matemático por eles criado em 1950, que permite reconstruir imagens de estruturas das moléculas em cristais. Este sistema de cálculo — com o apoio de computador — revolucionou as pesquisas químicas nos últimos 30 anos e proporcionou agora a Hauptman e Karle o prêmio da Real Academia de Ciências sueca.

Espetacular avanço

Os estudos da cristalografia, iniciados na Inglaterra em 1912 com a identificação de estruturas moleculares simples como as do sal de cozinha, ganharam com a descoberta desses dois cientistas um avanço espetacular na década de 50. Sua aplicação, explicou Yvonne Mascarenhas, é ilimitada no campo da Química e da Física, tendo já gerado aplicações múltiplas, principalmente na fabricação de medicamentos e na área industrial.

O sistema matemático dos dois pesquisadores americanos levou os cientistas a **enxergarem** as moléculas indentificando com precisão sua estrutura e podendo, inclusive, interferir nas substâncias, de forma, por exemplo, a anular efeitos colaterais indesejáveis em novas drogas.

Na história do Instituto de Física e Química de São Carlos — reconhecido internacionalmente pelas pesquisas em cristalografia — a visita de Hauptman e Karle e a importação, também em 1976, de um difratômetro — equipamento computadorizado necessário à aplicação do método — são os marcos do desenvolvimento no setor.

O equipamento — chamado de CAD-4 — é o único no país e foi a base de 80 estudos de cristalografia desenvolvidos pelos pesquisadores de São Carlos, publicados em revistas especializadas internacionais. A professora Yvonne Mascarenhas disse estar, agora, dependendo de decisão do Ministério do Planejamento para a modernização do equipamento.

O computador é imprescindível para o estudo das estruturas moleculares, com a aplicação do método de Karle e Hauptman, porque a resolução do esquema de átomos exige a contagem de cerca de 2 mil distâncias dos feixes de raios-x refletidos, que darão a imagem da molécula.

A pesquisadora brasileira, que organizou a vinda dos dois cientistas para os 10 dias de curso em 1976, descreve Karle e Hauptman como pessoas "extremamente simples e ávidas por ensinar".

— Os americanos só interromperam suas aulas para ouvir um concerto de cravo, numa das fazendas da região, com o qual ficaram maravilhados — lembrou a professora da USP. Para Yvonne Mascarenhas, a esposa de Jerome Karle, Isabella, que é química, também deveria ter sido incluída na premiação: "Com suas pesquisas, ela já resolveu muitas estruturas de moléculas de compostos orgânicos", afirmou a cientista.

Reconhecimento demorado

Herbert Hauptman, de 68 anos, PHD em Matemática, e também físico e químico. Jerome Karle, de 67 anos, é doutor em física e química. "Os dois são também cristalógrafos", disse Yvonne Mascarenhas, que calcula existirem no Brasil cerca de 12 especialistas nesta área ainda pouco conhecida e cujas pesquisas estão concentradas em São Carlos.

A ampliação das pesquisas depende da abertura de financiamentos. "A liberação de recursos para a manutenção e modernização do CAD, por exemplo, é urgente para que possamos continuar o trabalho", afirmou a professora.

Yvonne Mascarenhas observou também que o Estado deve se preocupar em desenvolver grupos de pesquisa de cristalografia e ampliar o campo de trabalho desses profissionais, muito valorizados no exterior: "É bom lembrar que entre todos os ganhadores do Prêmio Nobel, em toda sua história, oito contemplados fizeram seus estudos com base na cristalografia, para chegar à descoberta de estruturas de proteínas, vírus, DNA, ou substâncias revolucionárias na Medicina".

O professor Eduardo Castellano, um argentino radicado no Brasil e também pesquisador do Instituto, autor de vários trabalhos neste campo, lembrou que a história de Hauptman e Karle é bem ilustrativa: quando terminaram sua pesquisa, não encontraram editor para publicá-la, por ser muito extensa. A única saída foi, segundo Castellano, compor uma monografia e divulgar o método que lhes valeu, 35 anos depois, a premiação mais cobiçada pelos cientistas do mundo inteiro.

Prêmio registra avanço e erra pouco

Jorge Luiz Calife

"Eu me senti transportado para um mundo mágico pelo gênio de Alfred Nobel." A frase de Sir John Cockcroft, prêmio Nobel de Física de 1951, reflete bem o que o prêmio representa para um cientista cujo reconhecimento público, por uma vida inteira de trabalho, muitas vezes não passa de uma nota na coluna de ciência de um jornal. Mas se o Nobel significa a maior consagração pública que um homem de ciência pode receber, o que ele representará para a ciência em si? Será que o Nobel reflete mesmo o progresso científico?

O físico Jacques Danon, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, acredita que sim. Segundo ele a escolha dos ganhadores é feita de modo irrepreensível, por grandes especialistas e, embora o prêmio prestigie mais alguns ramos da Física do que outros, ele é sempre muito representativo.

Genes e partículas

De fato, uma boa parte da história do desenvolvimento da ciência do século XX pode ser acompanhada através das listas de laureados com o Nobel, seja no campo da Física, da Química ou da Medicina.

O desenvolvimento da Mecânica Quântica e a evolução na visão que os físicos têm da estrutura da matéria encontra-se registrada no Nobel de Física, desde a premiação de Max Planck em 1918, passando por todos os nomes hoje associados a princípios e constantes da moderna teoria nuclear. São nomes como Niels Bohr (Nobel de Física de 1921), Werner Heisenberg (1932), Erwin Schrodinger (1933), Wolfgang Pauli (1945) e Max Born (1954), que moldaram o pensamento atual sobre o mundo das partículas atômicas.

O Nobel acompanhou igualmente o desenvolvimento da moderna visão da estrutura dos genes e dos mecanismos da hereditariedade, desde o trabalho de Thomas Morgan, Nobel de Medicina em 1933, até a determinação da estrutura da molécula de ácido desoxiribonucléico.

O físico e escritor americano Henry Margenau comenta no livro **The Scientist** (**Time-Life**, 1968) que, dos mais de 200 laureados desde a criação do prêmio em 1901, raras vezes a escolha produziu discordâncias dentro da comunidade científica. Uma façanha notável para a Real Academia de Ciências da Suécia e o Instituto Karolinska de Medicina de Estocolmo, encarregados de outorgar os prêmios.

O brasileiro Darcy Roberto de Lima, do Instituto de Farmacologia Clínica, conheceu o comitê do Nobel de Medicina no Instituto Karolinska e acredita que a escolha é sempre muito justa:

— O prêmio tem implicações políticas, econômicas e sociais inegáveis, mas isto não impede que seja reconhecido como a mais alta distinção na área da pesquisa médica, diz ele.

A história do Nobel é bem conhecida. Em 1896, Alfred Nobel, o sueco inventor da dinamite, deserdou os parentes e deixou um testamento ordenando que toda a sua fortuna fosse investida. Os lucros seriam distribuídos anualmente como prêmios de Física, Química, Medicina e Literatura (os prêmios de Economia e o da Paz foram instituídos mais tarde). O processo de escolha já é bem menos conhecido. Todo ano são enviados mais de dois mil pedidos de indicações a professores universitários, autoridades e antigos ganhadores do Nobel no mundo inteiro. As recomendações recebidas são estudadas pelos comitês.

Omissões

Muitos dos cientistas célebres do nosso século, como Albert Einstein, Wilhelm Roentgen (descobridor dos raios X), Enrico Bermi, Ernst Rutherford, Ivan Pavlov, Alexander Fleming (descobridor da penicilina) e Konrad Lorenz (fundador da Etologia, a ciência do comportamento) foram ganhadores do Nobel. O que não impediu a Academia de ser algumas vezes tardia ou excessivamente cautelosa. O físico **José Leite Lopes** lembra que Albert Einstein ganhou o prêmio em 1921 pelo seu trabalho sobre o efeito fotoelétrico porque na época prestigiava-se a importância prática da descoberta e a teoria da relatividade ainda era um assunto muito polêmico.

Hoje o efeito fotoelétrico permite fornecer energia elétrica para satélites artificiais e usinas solares, mas a teoria da relatividade, que não foi premiada, revolucionou a visão do Universo.

Arquivo

Einstein, prêmio trocado

Isto não quer dizer que não existam grandes nomes ou trabalhos representativos fora das listas dos premiados com o Nobel. José Leite Lopes cita o nome de Pasquale Jordan, tão importante no desenvolvimento da mecânica quântica quanto Max Born ou Werner Heisemberg, embora nunca tenha sido premiado. "Talvez porque fosse gago e não fizesse muita propaganda de seu trabalho", ironiza o professor Leite Lopes.

Inevitavelmente, o prêmio deixa de reconhecer figuras importantes da ciência moderna, como o físico Stephen Hawking, que muitos apontam como o mais brilhante teórico desde Einstein, ainda aguardando um Nobel. Igualmente faltou um prêmio para os teóricos da cibernética Marvin Minsky e Norbert Wiener.

Outros tipos de omissões também acontecem. A professora Belita Koiller, do Departamento de Física da PUC-RJ, por exemplo, espantou-se ao saber que o Nobel de Física deste ano não incluiu os nomes do alemão Dorda e do inglês Pepper, co-autores do trabalho que valeu a láurea ao alemão Klaus von Klitizing. O próprio von Klitizing, por sinal, parece ter a mesma opinião, pois, ao receber a notícia da premiação, declarou-se "surpreso por ter sido premiado sozinho".

Copérnico e Galileu

Mas é na área da Medicina que o Nobel costuma provocar maiores críticas. O professor Jorge Martins de Oliveira, titular de cardiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, queixa-se de que o Nobel geralmente premia a pesquisa básica na Medicina, dando muito raramente destaque à Medicina aplicada (a premiação de Albert Sabin, pela vacina contra a pólio, foi uma das exceções).

No caso do prêmio deste ano, aos americanos Michael Brown e Joseph Goldstein, por suas pesquisas sobre o metabolismo do colesterol, o professor Jorge acredita que havia trabalhos mais significativos, embora lembre que esta é uma opinião pessoal sua.

Se vivessem hoje, Copérnico e Galileu ganhariam o Nobel? É difícil dizer, já que o trabalho por eles desenvolvido só foi reconhecido muito tempo depois. Quem pode prever qual o tipo de pesquisa teórica atual que irá realmente influenciar a visão do Universo ou a tecnologia do século XXI? Galileu provavelmente ganharia um Nobel de Física pelo seu estudo do movimento do pêndulo e da queda dos corpos. Já Copérnico, que, como Einstein, modificou a maneira pela qual a humanidade vê o Universo, jamais veria seu trabalho reconhecido em vida.

IAPAS vai vender 90% dos seus 10 mil imóveis no país

Helena Duque

O fim dos gastos com aluguéis — cerca de Cr$ 5 bilhões por mês —, a legalização de áreas de favela e a alienação de 90% do seu patrimônio, calculado em torno de 10 mil imóveis em todo o País, é o que pretende a nova política imobiliária do IAPAS (Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social) que terá efeitos práticos a partir de novembro. Para a realização desse projeto, o órgão está realizando um levantamento, a nível nacional, quando espera ter uma visão real do seu patrimônio, avaliado em Cr$ 10 trilhões.

A nova política imobiliária vai começar pelo Rio com um projeto social, beneficiando cerca de nove mil moradores de oito favelas com a legalização da posse da terra. São terrenos invadidos, muitos há mais de 20 anos. Está prevista também a venda, através de licitação pública, de mais de 100 imóveis, ocupados em muitos os casos, por inquilinos que não pagam aluguel. O maior devedor particular é a Casa Gelli, da Av. Nossa Senhora de Copacabana, com débito de Cr$ 2 bilhões.

Alienação

No Rio, o terreno livre mais valorizado do IAPAS é o da Avenida General Justo, no Centro, com 1.323 m2, avaliado em Cr$ 39 bilhões, que está na relação dos disponíveis para a venda. Outro muito valorizado, mas transformado em um imenso estacionamento, fica na Avenida Passos. A Spartacus explora o negócio e há um ano deve Cr$ 100 milhões de aluguel. As licitações públicas deverão começar em novembro e segundo o chefe de gabinete do IAPAS, Rubin Bender, entidades bancárias já se mostraram interessadas, principalmente em áreas livres.

— As áreas ocupadas por inquilinos em débito — ressaltou Bender — refletem o desleixo das administrações anteriores com o patrimônio do Instituto. Todos querem usufruir, mas ninguém quer pagar. Nestes imóveis, o órgão gasta mais de Cr$ 1 bilhão em pagamentos de água, luz e impostos. Muitos dos inquilinos já foram acionados na Justiça Federal. Citou o exemplo de D. Doraci da Silva, que mora há 21 anos num apartamento do instituto — Rua Barão 207, entrada B, ap. 102, em Jacarepaguá — e nunca pagou aluguel.

o maior devedor particular — Casa Gelli — também responde a uma ação na Justiça Federal, em que o IAPAS pede a retomada do imóvel, a penhora de bens e, se preciso, confisco dos depósitos bancários. O IAPAS pretende alienar terrenos livres, apartamentos, lojas e até galpões. Para o seu patrimônio ficarão 10% que vão constituir sua reserva técnica, com perspectivas de uso nos próximos 20 anos.

Outros Estados

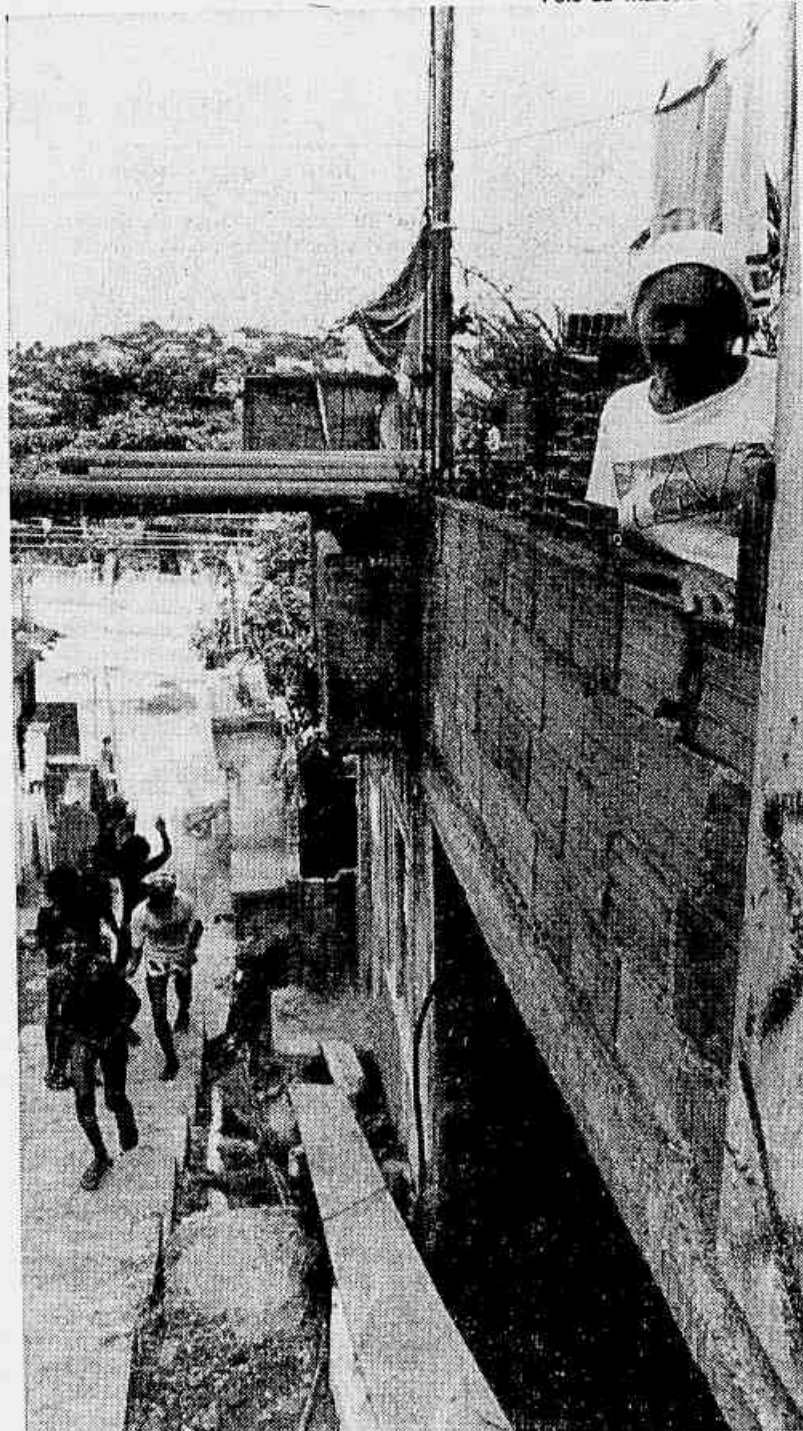
O levantamento do IAPAS, iniciado há 30 dias, deverá ficar pronto até o final do mês, mas já indica, com dados preliminares, áreas de outros Estados que também serão colocadas à venda. Em São Paulo está a área mais cara, avaliada em Cr$ 213 bilhões; situada na Av. Cidade Jardim, mede 71 mil m^2. Lá, além da alienação, o órgão vai legalizar, também, a posse de três áreas de favela, sendo as maiores em Mauá, com cerca de 20 mil moradores, e outra em São Bernardo, com 18 mil favelados. Em Salvador, será colocada à venda uma área de 274 mil mu22, avaliada em Cr$ 30 bilhões. Está prevista, também, a legalização de uma favela, com área de 130 mil m^2.

Em Minas Gerais, estará à venda um prédio na Av. Afonso Pena, área central de Belo Horizonte, avaliado em Cr$ 7 bilhões. Outros imóveis estão localizados em São João Del Rey, Itabira, Contagem, Diamantina e Congonhas. A presidência do IAPAS ainda não tem idéia de quanto vai arrecadar com a venda do seu patrimônio, mas já sabe que não dará para cobrir o seu déficit — Cr$ 7,9 trilhões até março — "porque o fim do déficit será conseguido através do aumento das contribuições previdenciárias", segundo Rubin Bender.

Para ele, o aumento da receita vai depender de uma maior eficiência da fiscalização — existem apenas 3 mil 696 fiscais —, maior atuação da sua Procuradoria e economia administrativa. Um dos objetivos da gestão Paulo Macarini é melhorar a imagem do órgão perante o público, através de uma estrutura ágil, eficiente e digna. Para 1986 está prevista a implantação de um sistema de controle eletrônico nos contratos de locação. O IAPAS tem imóveis espalhados por todo o Brasil, mas o patrimônio maior está concentrado no Estado do Rio, com áreas localizadas na capital e em mais 13 municípios.

Dos Cr$ 5 bilhões que o IAPAS gasta com aluguel, 47.73% são com imóveis alugados pelo INAMPS, seguido de 26.78% com aluguéis do próprio IAPAS e 20,54% do INPS. Entre todos, é a Legião Brasileira de Assistência, quem menos gasta com aluguel — 0,17%.

Com os recursos obtidos com a venda dos imóveis, o IAPAS pretende construir novas agências de próprios para a utilização pelas entidades, que integrarão sua reserva patrimonial, além de eliminar os gastos com aluguel.

Foto de Marcelo Carnaval

Para Marina, a escritura seria o melhor presente

Oito favelas

Com prioridade para a reforma urbana estão incluídas oito favelas do Rio, sendo duas na Ilha do Governador (Jardim Duas Praias e Vila Waldemar Falcão); uma em Bonsucesso (Av. dos Campeões); uma em Realengo (Favela Vintém); outra em Santíssimo (Vila Croácea); Santa Teresa (Rua Paula Matos); no Jacaré (Favela Parque Marlene); e uma na Avenida Brasil, na altura de Parada de Lucas. A maioria está com ação de reintegração de posse na Justiça Federal. Segundo o IAPAS, após o levantamento completo, será encaminhada uma ação discriminatória e a Justiça vai estabelecer o preço social dos lotes. Por dispositivo legal, não se pode doar os terrenos.

Para a advogada da Pastoral de Favelas da Arquidiocese do Rio, Maria Alice Antunes, "qualquer negociação tem que ser precedida da suspensão das ações judiciais em curso na Justiça Federal". Ela vai tentar incluir, para a legalização, todas as áreas faveladas em terrenos do Instituto. No seu entender, a situação mais crítica é a favela Chacrinha do Mato Alto, em Jacarepaguá, onde cerca de mil famílias vêm sofrendo agressões físicas e morais há quatro anos, desde a época da tentativa de despejo, quando várias casas foram destruídas. Esta área não está incluída, em princípio, no projeto social do IAPAS.

Final feliz

Enquanto no Mato Alto os favelados sofrem sem solução à vista, os moradores das favelas incluídas no projeto do IAPAS estão rindo à toa, com a perspectiva de terem nas suas mãos a escritura definitiva dos lotes onde moram. Marina Pereira, paraibana de 60 anos, exibe os dois dentes de ouro no sorriso feliz, quando toca no assunto. Ela mora há 20 anos na favela da rua Pablo Duarte, (Jardim Duas Praias) na Ilha do Governador conhecido como morro do Alemão e é mulher do presidente da Associação de Moradores, Antônio Pereira.

— Se isso for verdade, será o melhor presente de Natal que já ganhei na vida — disse.

Nesta favela da Ilha cerca de mil famílias serão beneficiadas. Já existe luz e água. Agora espera-se a conclusão de um **brizolão** e da rede de esgotos para completar a felicidade. A maioria das casas é de alvenaria e são poucos os barracos de tábua. Reclama-se apenas da falta de calçamento em algumas ruas. Quando chove enfrenta-se lama e quando faz sol a poeira sufoca.

Segundo a advogada da Pastoral de Favelas, os moradores de todas as áreas beneficiadas só podem dispender 10% da renda para comprar o lote do IAPAS. A maioria é de operários da construção civil e biscateiros. Mas, D. Maria José da Silva, moradora há 20 anos no local, se julga privilegiada, porque com os quatro filhos crescidos e funcionária do INPS, acha que pode pagar para ter o que é seu.

A favela do Vintém, em Realengo, também incluída nas prioridades de reforma urbana do IAPAS, é a que tem o maior número de famílias — cerca de duas mil. Ali, segundo a advogada Maria Alice, o que vem acontecendo é a ação aos grileiros. Os moradores nem sabem que o terreno é do instituto. A área é de 12.100 m2. A maior gleba, no entanto, é a da Av. Brasil, na altura de Parada de Lucas, onde três lotes têm uma área de 217.672 m2 para cerca de três mil favelados.

Amabarra não paga para ter rede de esgoto

A Cedae pretende negociar, com os moradores do Jardim Oceânico Tijucamar, Itanhangá e Centro da Barra, o pagamento parcelado de aproximadamente Cr$ 2 milhões 900 mil (50 ORTNs, segundo estudos preliminares), pela construção da rede de captação de esgotos, que deveria ter sido executada pelos loteadores. O presidente da Amabarra, Cláudio Becker, diz que a comunidade é contra o pagamento.

As obras de saneamento da Barra compreendem a construção da rede, dos três trocos e do destino final do esgoto, o que também está criando polêmica entre a Cedae e os moradores. Eles preferem as lagoas de estabilização (o esgoto é tratado a céu aberto), mas a Cedae estuda também a construção de um emissário submarino, que lançaria os detritos a 3,5 quilômetros da praia, após uma filtragem com grades e peneiras (inexistente no emissário da Zona Sul).

Comum acordo

A construção da rede de esgoto do Jardim oceânico e Tijucamar está concentrada na Praça José Bernardino. Barrações e manilhas empilhadas são os indícios de que as obras já começaram: até ontem foram assentados 700 metros de tubulação nas ruas Monsenhor Ascâneo, General Sidonio Dias Correia, Gilberto Amado e Alda Garrido.

A rede do Jardim Oceânico e Tijucamar terá 30 quilômetros, ficará em sete meses e custará cerca de Cr$ 16 bilhões (270 ORTNs). A elevatória para o trecho ainda está em projeto. A construção da rede do Itanhangá e Centro da Barra vai durar seis meses — a partir da data de licitação —, com 14 quilômetros de extensão a aproximadamente Cr$ 7 bilhões (120 mil ORTNs). As duas elevatórias do trecho, uma nas imediações da Rua Luiz Caprignioni e a outra próxima à Rua Vítor Konder, sairão por Cr$ 2 bilhões 300 mil (40 ORTNs).

Embora as obras já tenham sido iniciadas, a situação poderá chegar a um impasse, como afirma o presidente da Amabarra: "Juridicamente, não há meios de se cobrar da comunidade esse serviço, só se houver comum acordo. A Associação está contra, principalmente não sabendo qual será o destino final de esgoto".

A construção dos troncos que ligarão a rede ao destino final do esgoto depende da concorrência para a compra de material caro — tubos de concreto com diâmetro de 900 a 1 mil 200 milímetros — que será aberta em dezembro. Esta etapa deverá estar pronta até agosto de 1986.

Polícia de Choque quer aprimorar repressão

Cesar Pinho

Criado por decreto em 1943 com o nome de Companhia de Metralhadoras Motorizadas (CMM), o Batalhão de Polícia de Choque, a tropa de elite da PM, deverá sofrer em pouco tempo modificações para aprimorar sua capacidade de dispersar e reprimir multidões, exercida violentamente semana passada contra os grevistas dos Correios. O comando da PM insiste em negar esse caráter repressor do batalhão, mas os estudos existentes só o confirmam.

Encravado no Regimento Marechal Caetano de Farias, na Rua Salvador de Sá, o Batalhão de Choque mantém uma companhia de especialistas em repressão. É a 6ª Companhia ou COE (Companhia de Operações Especiais), 150 homens com curso antiguerrilhas, de artes marciais, combate corpo a corpo, controle de distúrbios, pára-quedismo e mergulho, entre outros, e capazes de em poucos minutos agir em qualquer ponto do Estado, em qualquer situação.

Choque embarcado

Dois mil policiais distribuídos em seis companhias são o efetivo do Batalhão de Choque, acionado freqüentemente em casos de fugas de presidiários, incêndios e pequenos tumultos em aglomerações. É também responsável pelo policiamento da Passarela do Samba durante os desfiles de carnaval.

Os PMs lotados no batalhão participam diariamente de treinamentos físicos, de defesa pessoal, de formações de combate e instrução militar em geral. Obedecem uma escola de 24 horas de trabalho por 48 de descanso. Mas é suspensa toda folga quando a corporação está de prontidão ou sobreaviso. Com as recentes greves, pouco descanso têm conseguido os integrantes do Batalhão de Choque.

O serviço começa às 6h15min, quando todos já estão formado e já foram apuradas as faltas após a chamada geral. Diariamente, 48 soldados três cabos e três sargentos permanecem de prontidão para qualquer emergência. A prontidão termina após 24 horas, caso não haja nenhum distúrbio no Estado.

Na prontidão diária esses PMs são divididos em três grupos, um deles chamado choque embarcado, formado por 16 soldados, um cabo e um sargento. Ele aguarda sentado num caminhão, das 6h às 18h, uma possível chamada de emergência. É substituído por um dos dois outros grupos, aquartelados em repouso, somente para almoço e lanche. Após as 18h, os 54 policiais são obrigados a permanecer no alojamento devidamente fardados. Não há permissão nem mesmo para se tomar banho.

Treino e ação

O uniforme básico do policial de choque é o **mugue** (calça e camisa azuis), coturno, capacete de fibra com viseira, escudo e cassetete de madeira. Em algumas ocasiões, usam máscaras contra gás, cassetetes elétricos e armas de fogo. Em controle de distúrbios, geralmente, estão desarmados, mas carregam bombas de gás lacrimogêneo.

Arquivo

Os escudeiros são a formação de frente em qualquer ataque, rompendo aglomerações

Para a repressão de multidões são usados o carro-choque e **patamo** para transporte de tropas, patrulhas para levantamento do local do distúrbio, carro-prisão, o Brucutu (que joga água cor-de-rosa para manchar a roupa dos envolvidos no distúrbio e facilitar sua identificação) e o Paladino, um blindado que volta à posição normal se for virado.

O treinamento é diário e todos os PMs, sem exceção, fazem exercícios simulados de repressão a movimentos de massa, como passeatas, ações de grevistas e reações de multidões. Alguns fazem, nesses treinamentos, o papel de grevistas ou manifestantes e outros o de policiais. As situações simuladas são tão reais, segundo um policial, que às vezes um deles sai ferido, ainda que a pedra do manifestante seja na verdade uma bola de meia. Além dos treinamentos, há aulas teóricas sobre essas situações.

Os policiais são bastante exigidos nos treinamentos de formações de combate para dispersar grupos. As formações em linha são as mais simples e as mais usadas: servem para forçar a evacuação de um lugar onde há grande concentração de pessoas. A estas segue a formação em linha, com apoio lateral.

Em situações de tumulto, os policiais usam a formação em linha com apoio central. Este alinhamento consiste num grupo com capacetes de viseiras e escudos à frente, protegendo os policiais do COE, que, enquanto caminham em direção aos manifestantes, protegidos pelos escudeiros, identificam os líderes do movimento e os retiram para trás da formação. Os detidos são levados para o carro Paladino.

A formação de ataque é em cunha, a partir de escalões à esquerda e à direita. São linhas inclinadas que se juntam, também com a finalidade de evacuar um local, permitindo aos policiais penetrar em uma multidão compacta, sempre protegidos.

COE

Os soldados da 6ª Companhia participam destes treinamentos, mas são considerados especialistas. São eles que sacam os líderes dos movimentos, que lançam as bombas de gás lacrimogênio e fazem o levantamento das áreas do distúrbio. Atualmente, um grupo do COE está baseado no 9º Batalhão, em Rocha Miranda, participando da Operação Carreteiro (repressão a assaltos no transporte de cargas).

Os especialistas do COE agem em terra, mar e ar, pois têm cursos de pára-quedismo, mergulho e ataque terrestre. São adestrados para todo tipo de ação policial e militar. Normalmente, os integrantes desta companhia têm também curso de sobrevivência na selva. O treinamento desse grupo seleto é feito em sigilo na Serra de Madureira e na Barra da Tijuca. Treinam, não só ataque, mas também salvamento.

A PM/5 (relações-públicas da Polícia Militar), procurada para dar informações sobre o Batalhão de Polícia de Choque, negou permissão para uma reportagem no Regimento Caetano de Farias, devido aos últimos incidentes entre policiais do batalhão e grevistas dos Correios.

Segundo o Capitão Lenine, o comando da PM tem interesse em divulgar o trabalho do Batalhão de Choque, "mas o momento não é propício". Disse que a reportagem seria possível em outra ocasião e revelou que o comando da Polícia Militar está analisando livros sobre todas as polícias de choque da Europa.

Combate a mosquito é maior

A Sucam intensificou este mês o combate ao mosquito **Aedes aegypti**, transmissor da febre amarela e do dengue, pois recentes levantamentos detectaram um aumento da incidência do inseto em 27 bairros do Rio. Os sanitaristas estão preocupados com o risco de que a febre amarela, restrita no Brasil a zonas rurais, volte às cidades. A doença é transmitida de uma pessoa infectada a outra sadia através da picada do inseto.

A febre amarela existe ainda nas matas amazônicas e no Centro-Oeste, atacando principalmente macacos. O mosquito pica um animal doente e leva o vírus para outros macacos, podendo também contaminar pessoas. O risco de reaparecimento da febre amarela nas cidades está em que uma pessoa que adquira a doença nas matas leve o vírus a um meio urbano onde o **Aedes aegypti** existe em grande densidade. Picada pelo inseto, este poderá espalhar a doença, provocando uma epidemia. O mesmo pode ocorrer com o dengue.

A Sucam recomenda à população não impedir o tratamento dos depósitos de água pelas equipes de combate ao mosquito e tampar os latões, barris e tonéis. Os sanitaristas condenam o lançamento nos quintais de latas, pneus velhos e outros objetos que possam acumular água, pois o inseto deposita aí os seus ovos. O mosquito também desova em vasos de plantas aquáticas. Por isso, os técnicos sugerem a troca da água pelo menos uma vez por semana.

"Tropa de choque" substitui Saturnino na Rocinha

Uma verdadeira "tropa de choque" do Governador Leonel Brizola, formada pelo Prefeito Marcelo Alencar, sete secretários do Estado e do Município e o presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Eduardo Chuahy, participaram ontem de manhã, na Favela da Rocinha da inauguração do Núcleo Operacional da Cedae e das comemorações pela conclusão das obras de reforma do Posto de Saúde e da Escola Municipal Paula Brito.

A presidente da associação de moradores, Maria Helena Pereira da Silva, integrante da Comissão Executiva do Partido Socialista e eleitora confessa do Deputado Rubem Medina (PFL-PS), disse que "o nível de conscientização dos moradores da Rocinha é alto e inaugurações perto das eleições não mudarão os votos da comunidade". Ela fez um rápido discurso durante a solenidade e se manteve afastada do grupo de representantes do Governo.

Festa política

As inaugurações ocorreram uma semana depois que moradores interditaram um dos acessos do morro protestando contra a violência de policiais que estavam na favela há alguns dias procurando o traficante Denis Leandro da Silva, considerado um **protetor** da comunidade. O cerco foi denunciado pelo Deputado Sebastião Nery, candidato a Vice-Prefeito pela coligação PFL-PS. Segundo ele, a procura ao traficante tinha razões políticas.

A solenidade foi uma tentativa política de angariar votos para o candidato do PDT, Senador Saturnino Braga. As autoridades que discursaram — o Prefeito, os secretários Luís Alfredo Salomão e Hugo Tomassini e o Deputado Chuahy — defenderam as posições do Governo, atacaram a candidatura de Medina, sem citá-lo nominalmente, e pediram votos para Saturnino.

A festa começou no Posto de Saúde, totalmente reformado e ampliado com salas novas para ginecologia e epidemiologia, além de um gabinete odontológico, e no Núcleo Operacional da Cedae destinado à manutenção e distribuição do sistema de água da favela. Situadas lado a lado, as construções foram visitadas pelo Prefeito que não notou, perto do posto, uma placa comemorativa à construção de 75 unidades habitacionais inauguradas pelo Governador Chagas Freitas e o Prefeito Júlio Coutinho, em setembro de 82, dois meses antes da eleição para o Governo do Estado.

Marcelo Alencar e Maria Helena trocaram um rápido cumprimento de cabeça. Ela disse que as inaugurações fazem parte da longa luta da comunidade em busca de melhorias na favela e agradeceu o esforço do Governo. O Prefeito terminou o longo discurso dizendo que "estamos aqui em missão de paz para vê-los unidos e liderados por alguém realmente representativo das reivindicações da comunidade".

Outras autoridades também enviaram "recados" à presidente da associação de moradores. Eduardo Chuahy e o secretário Luís Alfredo Salomão consideraram "lamentáveis" os episódios ocorridos entre moradores e policiais há uma semana. O Prefeito disse que a "Polícia representa segurança e não pode ser temida pela população, tem que ser amada". Salomão afirmou que as inaugurações desmentem as "aleivosias e mentiras" dos outros candidatos à Prefeitura quanto à falta de ação do Governo.

Chuahy e Marcelo Alencar disseram transmitir uma notícia do Governador Leonel Brizola quando afirmaram que as favelas da Rocinha e Morro Santa Marta, em Botafogo, serão as próximas a terem obras de urbanização semelhantes as realizadas nos morros Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. O Secretário Municipal de Saúde, Hugo Tomassini, em discurso, destacou que as inaugurações "estão acima de interesses clientelistas e políticos". A festa teve missa celebrada pelos padres Thierry, da igreja Nossa Senhora Aparecida, e Manoel, da igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, e foi animada pela bateria do Bloco Carnavalesco Sangue Jovem, cuja quadra se situa atrás do Posto de Saúde.

Durante os discursos, o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, Pedro Porfírio, tentava convencer Francisca Elísia de Medeiros, coordenadora do Centro Escolar da União Pró-Melhoramentos da Rocinha e eleitora confessa de Rubem Medina, já tendo até aparecido em anúncios de TV no horário de propaganda eleitoral do TRE, a votar em Saturnino Braga.

Levada por Porfírio à presença do Prefeito, Elísia pediu material de construção para erguer três fábricas de sabão, móveis de bambu e oficina de costura, onde trabalharão as 600 crianças atendidas pelo Centro Escolar. Ela ouviu de Marcelo Alencar que "os moradores da Rocinha vão votar em quem a **cuca** mandar" e respondeu que "cada um vai votar conforme sua consciência e ideologia política". E acrescentou: "Minha filosofia é atender aos meninos de rua e por isso voto em Medina".

Dois incidentes marcaram as inaugurações: um grande engarrafamento causado pelos veículos oficiais bloqueou a Estrada da Gávea, impedindo por alguns minutos a passagem de uma ambulância do Hospital Miguel Couto, e um vidro da janela do ônibus Rocinha—Botafogo, linha 547, estilhaçou quando passava em frente ao Posto de Saúde, sem causar feridos.

Respondendo aos "recados" do Prefeito e dos secretários, Maria Helena disse que a associação de moradores é apartidária. "Minha posição a favor de Medina é pessoal e como cidadã tenho este direito de opinião", disse ela. Para Maria Helena, as inaugurações não são "de favor" e representam o coroamento de lutas antigas da comunidade, "que ainda tem muitas reivindicações a serem cobradas a qualquer prefeito", afirmou.

Sobre o traficante Denis Leandro da Silva, afirmou que continuará lutando junto à comunidade defendendo seus interesses, "que são o de manter em liberdade ao seu **protetor**". Disse não se preocupar com as acusações da ex-diretora de relações públicas da associação, Heleonora Castanho Ferreira, porque ela é "uma pessoa repudiada pela comunidade". Heleonora afirmou que Maria Helena era amante do traficante Denis e por isso havia organizado a manifestação contra a ação policial.

Antes de seguir até a Escola Municipal Paula Brito, na Rua Dionéia, Marcelo Alencar entrou em um bar onde tomou uma soda limonada, embora confessasse a uma moradora que adora "beber cachaça em **botecos** da favela". Na escola, reinaugurada após obras de reforma que começaram em janeiro, o Prefeito hasteou a Bandeira Nacional ao som do Hino Nacional enquanto o Deputado Eduardo Chuahy hasteava a Bandeira do Estado do Rio e a secretária municipal de Educação, Maria Yedda Linhares, fazia o mesmo com a Bandeira do Município.

Na escola Paula Brito, segundo a diretora Sônia Viana, estudam 1 mil e 200 alunos desde o Curso de Alfabetização à 4ª série, além do curso supletivo noturno.

Foto de Gilson Barreto

Aureliano, entre Sérgio Quintela (E) e Rubem Medina, ouve o cochicho de Maciel

Reedição da Aliança não vinga

Os Ministros, Aureliano Chaves, Marco Maciel e Paulo Lustosa, todos do PFL, descartaram definitivamente qualquer possibilidade de reedição da Aliança Democrática, a nível municipal, para a disputa da Prefeitura do Rio. Para Aureliano, as candidaturas Rubem Medina e Jorge Leite já se tornaram irreversíveis. "A campanha evoluiu muito, dificilmente se poderia compor a Aliança. O quadro está definido com três candidatos mais fortes, e vamos aguardar as urnas para ver o resultado", comentou.

Ao lado do presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão, do presidente nacional do PFL, Senador Jorge Bornhausen, e do presidente regional, Sérgio Quintela, os Ministros participaram, na Tijuca, de um churrasco em apoio à candidatura Rubem Medina. A maior preocupação de todos era afastar qualquer envolvimento na campanha da máquina administrativa oficial. "Nosso apoio é pessoal e partidário. Não trazemos dinheiro, infra-estrutura ou emprego, o que não seria democrático", definiu Lustosa.

Provinciano

O extenso programa cumprido pelas principais lideranças do PFL no Estado, para receber os ministros do partido, começou cedo, em Nova Iguaçu, com uma solenidade promovida pelo Prefeito Paulo Leone, recém-saído do PDT. Apenas Aureliano compareceu. Além de Rubem Medina, ele foi recebido pelos candidatos do partido à Prefeitura de Angra, Salomão Reseck; de Volta Redonda, Nélson Gonçalves, e Duque de Caxias, Silvério do Espírito Santo. Do lado de fora, crianças de escolas municipais, uma banda de música e muitas faixas davam um tom provinciano à solenidade.

Embora não tenha eleições para Prefeito este ano, Nova Iguaçu, com quase 1 milhão de eleitores, foi o Município escolhido para a visita de Aureliano por ter a maior bancada de vereadores do PFL. Quinze dos 33 já ingressaram no partido, nove saídos do PDT, com Paulo Leone, e seis oriundos do PDS. Entusiasmado com a pompa do momento, Leone defendeu a indicação de um "nome da Baixada" para concorrer ao Governo do Rio, em 1986, lançando a candidatura do Prefeito nomeado de Caxias, Hydeckel Freitas, "em aliança com o PMDB".

Depois de uma rápida conversa com vereadores e lideranças locais, Aureliano voltou ao Rio onde, na Churrascaria Rincão Gaúcho, na Tijuca, uniu-se a Marco Maciel, Paulo Lustosa, Jorge Bornhausen, Heitor Beltrão e deputados do partido, para manifestar seu apoio as candidaturas Rubem Medina e Sebastião Nery. O almoço, marcado por um clima de euforia e vitória, foi filmado por equipes de vídeo da Agência Artplan, para exibição no horário gratuito do TRE.

O Ministro das Minas e Energia foi o mais aplaudido pelos 1 mil 200 convidados do partido. Quando entrou no salão principal, Aureliano foi recebido com gritos de "presidente, presidente", respondendo com um aceno de mão. Pelo sistema de som, o locutor oficial anunciava a presença de políticos, lideranças comunitárias de bairro e de diversos setores empresariais, como o Sindicato das Escolas Privadas, a Associação Comercial da Tijuca e o Sindicato das Empresas de ônibus do Município.

Críticas

Quase todos os oradores não pouparam críticas ao Governo do Estado. Hélio Beltrão, considerando Medina "o candidato que sugere um caminho novo, um recado jovem, contrário ao centralismo e ao caudilhismo", afirmou que "ele não está lutando apenas com outro candidato, mas com o próprio Governador disposto a recorrer de todo o seu poder para chegar a Presidência da República".

Para o senador Jorge Bornhausen, as restrições impostas a muitas manifestações e a livre propaganda dos candidatos "têm os rigores da Lei Falcão e são o símbolo do caudilhismo no Estado do Rio". O Ministro da Educação, Marco Maciel, destacou a importância do apoio das lideranças nacionais do partido à candidatura Medina,"capaz de fazer o Rio voltar a ser o mais importante centro cultural do país". Maciel também foi muito aplaudido.

De acordo com Aureliano, o desempenho do PFL no Rio, como um partido em formação, é bem superior às expectativas. "O candidato do PDT é muito bom e, sendo assim, nosso avanço nas pesquisas é muito importante, principalmente por termos um partido que até pouco tempo só existia no ideal de cada um", afirmou. Para o ministro, o fato de 62% dos eleitores ainda não terem se definido, "abre uma perspectiva favorável a Rubem Medina, pois ele está sintonizado com as apreensões e os problemas do povo do Rio de Janeiro".

Jó come bem e dança pouco

Para suspresa até de seus assessores, o candidato a Prefeito pelo PDT, Saturnino Braga, não compareceu aos locais previstos em sua agenda de campanha, sendo representado pelo candidato a vice, Jó Rezende. Num bar de Higienópolis, Jó comeu churrasco com farinha ao som de um **pagode**, dançou timidamente e, viajando em carro aberto, conheceu o Morro do Céu, em Bonsucesso. Segundo o Secretário de Justiça, Vivaldo Barbosa, que acompanhava Jó, Saturnino fora chamado "para fazer uma gravação com o Governador Leonel Brizola".

O candidato a vice chegou ao bar da Rua Santa Mariana, em Higienópolis, com uma hora e meia de atraso, quando as mesas ocupadas pelos sambistas estavam cheias de garrafas vazias de cerveja e, nos versos improvisados, eles começavam a sugerir frases com insinuações de que os candidatos do PDT iriam "dar o bolo", isto é, não iriam aparecer. Na roda de samba, Jó ensaiou tímidos passos, mas diante do prato com churrasco e farinha não hesitou, comeu com desembaraço e por vezes deixou de lado o garfo e usou as mãos.

Críticas

Jó comentou com descaso a presença de três ministros no Rio, para participarem da campanha de Rubem Medina, afirmando que se o candidato do PFL "precisa assim de tanto empurrão é porque está ruim mesmo". Disse que, "assim como Jorge Leite não emplacou, Medina também já está fora do páreo, quer dizer, nós estamos correndo sozinhos".

As pesquisas que revelam a existência de um grande número de eleitores indefinidos (62%) no Rio estão fora da realidade, na opinião de Jó Rezende. Ele acredita que uma boa parcela ainda continua indecisa, "mas não em termos tão significativos quanto os divulgados pelo Ibope".

— O que importa mesmo são as tendências, que indicam claramente uma preferência pela nossa candidatura — acrescentou.

Nas visitas de ontem a Higienópolis, Penha e Bonsucesso, o candidato a vice do PDT esteve acompanhado também do Secretário Estadual de Obras, Luís Alfredo Salomão.

Hoje, enquanto o ex-secretário-geral do PCB, Luís Carlos Prestes, fará campanha para Saturnino na Feira do Nordeste, no Campo de São Cristóvão, o candidato do PDT visitará diversos pontos de Laranjeiras. À tarde, irá à Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba, em Madureira.

Leite pede voto invocando jacaré

— No dia 15 vote 15. Vote no Jacaré.

O locutor, em cima do palanque, suava mas não parava de falar. Espalhadas pelo quintal do casarão na Rua São Paulo, bairro do Sampaio, mais de cem pessoas disputavam o chope, o churrasco, os refrigerantes e o angu à baiana. Tinha até cafezinho de graça. A única obrigação era aplaudir o candidato do PMDB a prefeito do Rio, Jorge Leite.

A festa continuou mesmo depois da saída do candidato com seus convidados especiais, entre eles o presidente do PMDB do Rio, Jorge Gama, e o presidente do INAMPS, Ésio Cordeiro, que se integrou à campanha. Houve desfile de "mulatas esculturais", como anunciava o locutor e, para terminar, "uma apresentação de transformistas."

PESQUISAS

Jorge Leite, ao chegar, divulgou pesquisa feita pelo SNI e que lhe foi mandada pelo Governo Federal, na qual aparece na frente, com 21,8%, seguido do Senador Saturnino Braga, com 20,6% e, em terceiro o Deputado Rubem Medina, com 19,6%. Mas o Deputado Paulo Duque, um dos coordenadores da campanha do PMDB no Rio, disse que mandou fazer pesquisa em todos os bairros da cidade. "A gente nunca sabe se essa é confiável", diz.

O presidente do INAMPS, Ésio Cordeiro, disse que, na qualidade de integrante do grupo ligado ao jornalista Artur da Távola, que assinou acordo prometendo apoiar Jorge Leite, estava se engajando na campanha. Ele desmentiu, também, que o Ministro Waldyr Pires, da Previdência Social, tenha se negado a ajudar o PMDB no Rio:

— O Ministro disse apenas que ele, pessoalmente, sempre fez vida política na Bahia e não teria influência aqui. Mas falou também que a melhor forma de ajudar o PMDB é darmos um bom atendimento à população, no INAMPS.

Segundo Hésio Cordeiro, "as pessoas vinculadas ao Ministério da Previdência e, conseqüentemente, ao INAMPS no Rio, estão liberadas para participar da campanha. Dentro dos nossos hospitais, também acho que podemos ajudar muito, melhorando o atendimento, acabando com as filas, não deixando faltar remédios. A população sentirá isso e reconhecerá a boa administração do PMDB".

2ª feira no Caderno de Esportes.
De 3ª a domingo no Primeiro Caderno.

Transfusão ameaça vida de vítima de bombardeio acidental em Realengo

Cleonice Azevedo dos Santos, que perdeu os dois braços na altura do cotovelo quando sua casa, em Realengo, foi atingida por projéteis disparados do campo de instrução militar de Gericinó, continua internada em estado grave no Hospital Carlos Chagas e ontem, pela primeira vez, foi visitada pelo marido. Ela está lúcida, conversando, perguntando pelos três filhos, foi informada que ficou mutilada, mas ainda não aceitou este fato.

Os médicos informaram que ela ainda corre risco de vida, principalmente porque quase todo o seu sangue foi transfundido — 40 soldados do Exército doaram o sangue necessário — e isto pode acarretar complicações. Seu marido, Adilson Azevedo, disse que não foi procurado por ninguém do Exército, apesar de o Coronel Hamilton Costa Ramos, da 1ª Divisão do Exército, na véspera, ter-lhe dito que seria ajudado. Em duas ruas atingidas pelos projéteis meninos ainda continuam achando estilhaços.

As conseqüências

O projétil que atingiu a casa de Cleonice, na Rua Cornélius, 104, entrou pelo teto da cozinha, destruiu parte da laje e a caixa dágua. Na cozinha ainda havia ontem muito sangue dentro de um prato e nas paredes. O impacto foi tão grande que o fogão ficou retorcido. Crianças das vizinhanças acharam dentro da casa em construção vários fragmentos, encontrados também na residência do menino Alexandre Saraiva de Andrade, no número 304.

O morador da casa 93, em frente à de Cleonice, Cristovão Rangel Maranhão, disse que até no Posto de Gasolina Gericinó, nas proximidades, foram encontrados fragmentos que, segundo alguns, são de granadas. Ele disse que o acidente motivou vários boatos, como o que "a bomba era para o Brizolão" (CIEP existente na Avenida Brasil, 31.156) e que os soldados que fizeram as manobras estavam embriagados.

Três casas foram atingidas na Rua Lavínia. Em uma delas, no nº 151, fundos, os projéteis causaram estragos na sala de visita, deceparam parte de um coqueiro, destruíram um pé de jambo, cujas folhas ficaram ressecadas além de um muro em construção e mataram o passarinho de Robson Fontarigo. Um vigia do Hospital Olivério Kramer confirmou que ali também acharam fragmentos de projéteis.

Risco de vida

Em seu primeiro encontro com o marido Adilson depois do acidente — ela é que pediu sua visita — Cleonice perguntou pelos três filhos que estão na casa de uma cunhada. O chefe da equipe do Hospital Carlos Chagas, Dr Cássio Codoy, que presenciou parte da conversa, no CTI, disse que Cleonice está politraumatizada "e todo politraumatizado grave corre risco de vida". O problema maior, no entanto, são as conseqüências da transfusão de sangue.

Outros médicos informaram que como o sangue era fresco, as possibilidades de estas complicações ocorrerem são menores. A direção do hospital vai tentar transferi-la para outro estabelecimento, porque ela vai precisar de tratamento específico do ponto-de-vista hematológico. No momento, porém, devido a seu estado clínico, não deve ser removida.

O Dr. Cássio Codoy afirmou que Cleonice está lúcida e do acidente lembra apenas que estava cozinhando. Quanto às suas chances de sobrevivência, o médico afirmou ser difícil prever, porque dependerá de suas reações nas próximas 72 horas.

Adilson Azevedo, marido de Cleonice, afirmou que não foi procurado por ninguém do Exército, fato confirmado por um de seus irmãos que não quis se identificar.

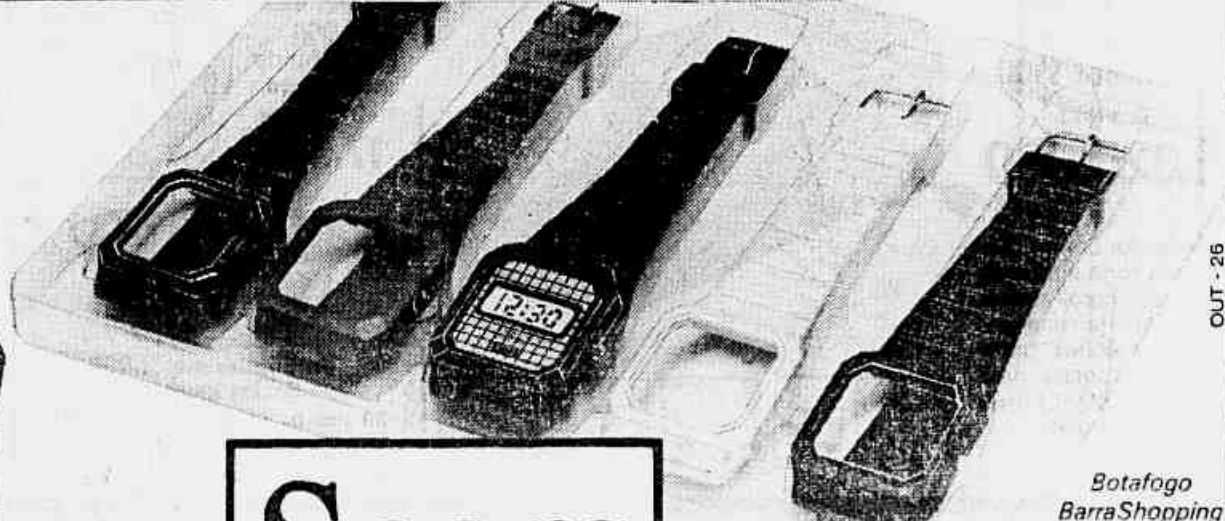
Foto de Beth Santos

Uma casa teve o seu teto furado a bala

Comprador de automóvel acha que empregados de agência são assaltantes

O técnico em Geologia Afonso Sérgio Carvalho Barbosa, 25 anos, suspeita que a Agência Cadilac Automóveis, Rua São Francisco Xavier, 187, na Tijuca, emprega funcionários que atuam de "contatos" com assaltantes do bairro que roubam clientes quando estes vão pagar a compra de carros. Anteontem, após receber instruções de um funcionário para levar o pagamento do sinal de um Escort em dinheiro, perdeu Cr$ 12 milhões e documentos, roubados por dois homens armados na porta da agência.

Quarta-feira passada, ele foi comprar um Escort. Deu um sinal de Cr$ 1 milhão e acertou levar mais Cr$ 12 milhões no dia seguinte. Depois pagaria o carro em 12 prestações. Anteontem, pelo telefone, um funcionário chamado Marcos Vinícius pediu que levasse os Cr$ 12 milhões em dinheiro e não em cheque. Afonso marcou a entrega do dinheiro para às 16h30min.

Sem suspeitar de nada, Afonso chegou à porta da Cadilac Automóveis por volta das 16h45min e não notou dois homens negros, baixos e mal encarados que ocupavam um Volkswagen com o capô levantado, impossibilitando a visão da placa. Rendido pela dupla, ficou sem os Cr$ 12 milhões e documentos na presença de três funcionários da agência.

Especulação imobiliária altera perfil do litoral de Mangaratiba

Telmo Wambier

Escondida pela vegetação e pelas escarpas que compõem o relevo acidentado de Mangaratiba, a Praia do Goiabal, no caminho que leva a Angra dos Reis, permaneceu a salvo da especulação imobiliária até a construção da Rio—Santos, em 1974. Nesse ano, um empresário de visão que passou pela rodovia percebeu o potencial turístico do rendilhado de praias e enseadas que a estrada descortinava e a comprou por Cr$ 1 milhão 750 mil. Esperto, ele a manteve intocada por dez anos e meio. E no final de maio, agora, a vendeu por cerca de Cr$ 9 bilhões, obtendo um lucro de mais de 500 mil por cento.

Goiabal é um bom exemplo da explosão especulativa que assolou o litoral de Mangaratiba a partir da construção da Rio—Santos. Agora, com a descoberta da área pelos grandes empreendimentos turísticos nacionais e estrangeiros, a especulação toma novo impulso. Nos últimos meses, três grandes projetos de hotelaria e vários condomínios de alto luxo foram aprovados para ali pela Prefeitura. Em apenas dois meses, os preços de terrenos nos loteamentos que circundam esses projetos subiram em, no mínimo, 50%.

Mínimo alto

Hoje não se compra um lote nobre na Praia do Sítio Bom, uma das mais bonitas da área, por menos de Cr$ 300 milhões. Na baía de Mangaratiba estão se instalando, no momento, o Frade Portobelo Hotel, do grupo Hotéis do Frade, e o Hotel Saint Trop, de um grupo de investidores franceses com interesses em vários países. Na semana passada, foi lançada a pedra fundamental para a construção do Village Rio das Pedras, do Club Miditerranée, uma das maiores organizações turísticas do mundo.

Ainda sem entender muito bem o que esses empreendimentos representam em termos de transformações econômicas, sociais e ecológicas para a região, a população de Mangaratiba se divide entre a euforia e a perplexidade. Para o Prefeito Cândido Jorge, conhecido como Capixaba (PMDB), eles significam a divulgação internacional do Município e uma possível duplicação da receita para os cofres públicos. Para Ivânia Freitas, uma jovem estudante de 23 anos nascida e criada no local, a perspectiva de um emprego no Mediterranée, mas também a suspeita de que pode perder para sempre as praias selvagens e desertas que freqüentou desde a infância.

O pescador Benedito Tavares da Silva, de 76 anos, considera uma sensação de logro. Há dez anos ele vendeu praticamente metade da praia do Sítio Bom, que herdara do pai. Com o dinheiro comprou o andar de cima de uma casa na periferia de Mangaratiba e três terrenos no bairro de Campo Grande, no Rio. Hoje, vendendo tudo, não compraria um pequeno lote da extensa área que vendeu.

Paraiso verde

A baía de Sepetiba estende-se desde os contrafortes da serrinha do Grumari, no final do Recreio dos Bandeirantes, no Rio, até às proximidades da Ilha Grande, no Município de Angra dos Reis. Para o lado do oceano ela é limitada pela Restinga da Marambaia, uma nesga de terra que acompanha o litoral até a Ponta da Paciência, em Mangaratiba. E para o lado do continente por uma seqüência de praias, golfos, enseadas, cabos e pequenas baías, como a de Mangaratiba, até alcançar a Baía de Ilha Grande, depois de Conceição de Jacareí.

Entre a Ponta da Paciência e Jacareí, um trecho de litoral entrecortado por dezenas de praias tranqüilas, escarpas pedregosas e pequenas ilhas, incluindo a baía de Mangaratiba, está o que a população local denomina de "o paraíso da Costa Verde". Uma parte do litoral fluminense habitada há centenas de anos por pescadores isolados, com uma ou outra cabana de sapê, até a construção da Rio—Santos.

— Essa área ficou isolada durante todos esses anos por falta de acesso — explica o chefe de gabiente do Prefeito, Humberto Vaz, nascido e criado em Mangaratiba, que confessa "uma dúvida enorme em relação aos novos investimentos".

— Eu tenho uma ligação afetiva muito grande com isto tudo — admite ele. — E acho que se por um lado esses empreendimentos podem significar riqueza para Mangaratiba, aumento da arrecadação, dólares para serem gastos na região, divulgação internacional das belezas turísticas do Município, por outro não sei até onde a entrada da chamada civilização vai acabar com este paraíso. Eu cresci freqüentando praias que começam a ser fechadas pelos grandes condomínios, temo por essas águas verdes e transparentes.

E é exatamente o "paraíso da Costa Verde" que foi eleito pelo Club Mediterranés, depois de vários anos de estudos, como o melhor lugar da costa brasileira para se montar um empreendimento turístico de grande porte e de projeção internacional. Em poucos meses, a Praia do Goiabal será transformada no mais sensacional condomínio turístico brasileiro, ocupando 350 mil metros quadrados com 325 apartamentos, quadras de esporte, marinas, clubes, restaurantes e outras atrações.

Hotéis do Frade

Ao lado do Goiabal, na Praia de São Brás, o grupo Hotéis do Frade, conhecido por vários empreendimentos de grande porte no litoral da Angra, instalará outro complexo turístico. Com projeto modular, o Frade Portobelo Hotel terá, na primeira etapa, 100 apartamentos, várias minifazendas de 50 a 150 mil metros quadrados, marinas, quadras de esporte, num programa que será desenvolvido em 10 ou 20 anos de execução, ocupando 8 mil hectares.

— Há 10 anos o pessoal do Méditerranées esteve aqui na área e concluiu que era a melhor de toda a costa, mas não sei por que foram para a Bahia — afirma Carlos Borges Filho, do grupo Hotéis do Frade.

— Esta área está entre o Rio e São Paulo. O turista estrangeiro chega de avião ao Rio e vem para cá de carro ou ônibus. Se for para a Bahia gastará de passagem o que gataria aqui de hotelaria. É a mesma coisa com o turista do Centro-Sul. O preço da passagem é alto.

Pascal Jeantin, administrador do Hotel Saint Trop', em fase de instalação na Praia do Sítio Bom, estudou também o litoral brasileiro por dois anos antes de se decidir pela baía de Mangaratiba. Ele acha que o Nordeste é muito distante, apesar de bonito, e o extremo Sul já não tem o clima típico dos trópicos, que é o sol e o calor. Para ele, também, o litoral de Angra já está ocupado desordenadamente e os locais ainda disponíveis estão a mais de duas horas e meia de carro dos aeroportos, o que acredita seja muito para um turista. Ele construirá ali um hotel de quatro estrelas, com um projeto também modular, que irá crescendo de acordo com a demanda.

Ocupação correta?

Humberto Vaz explica que o "paraíso" mangaratibense permaneceu intocado através dos tempos por ser desconhecido.

— O resto da baía de Sepetiba teve sua orla acompanhada pelo ramal de Mangaratiba da Central do Brasil. O trem permitiu o acesso de Santa Cruz para cá, até Mangaratiba. E parava aqui. Daqui para Angra não havia passagem, a não ser uma estradinha de difícil percurso. Quem ia a Angra seguia pela Rio—São Paulo e de lá descia. A baía de Mangaratiba ficou escondida dos olhos dos especuladores.

Enquanto a população assiste desconfiada ao fechamento das praias pelos condomínios particulares, entre os empresários a discussão é outra. Carlos Borges Filho preocupa-se com a preservação ambiental dos projetos e com a ocupação do solo. Ele acha que, se os grandes proprietários forem levados pela pressa, o litoral, como o resto da baía de Sepetiba, se fragmentará em milhares de pequenas propriedades, "com risco de distorções que não poderão ser corrigidas no futuro".

Mangaratiba—Foto de Dilmar Cavalher

O Clube Mediterranée será construído em um dos locais mais bonitos do Goiabal

DOI não consegue localizar agente que sumiu em 1979

Jorge Antonio Barros

No dia 2 de outubro de 1979 o Sargento PM Olavo Lewis Santos Cardoso, agente do DOI-CODI desde 1971, saiu de casa dirigindo seu fusca verde e não voltou mais. Na noite deste dia foi morto a tiros, num entrevero com traficantes de tóxico na Favela do Cravinho, em Niterói, um homem sem nenhum documento no bolso identificado no dia seguinte, por suas impressões digitais, como sendo o Sargento Olavo. Mesmo assim, foi enterrado 20 dias depois como indigente e sua família só tomou conhecimento do inquérito que apura sua morte um ano e nove meses depois do desaparecimento.

Até hoje D. Suely Ayres de Oliveira Cardoso, mulher do Sargento Olavo, acha tudo muito estranho. E é mesmo. A história é coberta por sombras intrigantes e a perversa soma de curiosas e suspeitas coincidências dificultam sua reconstituição. O primeiro delegado a tratar do crime na Favela, Fidelis Camilo Namen, morreu de um enfarte fulminante, em janeiro de 1981. Seu substituto e herdeiro do caso, José Araújo Chantre, foi assassinado há um mês dentro de um ônibus. A principal testemunha do crime, Joaquim Pereira da Silva, dono de uma **tendinha** na favela, também não está mais vivo para falar. Foi abatido a tiros em dezembro de 81. O suspeito do crime, Almir de Souza Resende, o **Almir Teretetê**, varado de balas e com o braço quebrado, morreu em janeiro de 80.

No registro de ocorrência consta que quem avisou a delegacia que havia um homem baleado agonizante na Favela do Cravinho foi o motorista de táxi Nelson de Almeida Mendonça. De fato, no livro está o seu nome, filiação, prontuário, a placa do carro (AK-2309), tudo certinho, só que Nelson nega ter comunicado qualquer crime naquela noite. "Alguém usou meu nome", reage surpreso. No inquérito, Nelson não depôs porque polícia alega que jamais o encontrou. O JORNAL DO BRASIL localizou-o, com facilidade, em menos de 24 horas.

Mas não é só no contencioso policial que o caso tropeça em fatos estranhos. Seu aspecto estritamente militar está carregado de nuvens. Um dos nove irmãos de Olavo é o Coronel do Exército Francisco Demiurgo Santos Cardoso, atualmente servindo em Salvador. Demiurgo comandou o DOI-CODI do Rio no início dos anos 70 e foi ele que recrutou o irmão para o serviço. No inquérito interno e secreto que o DOI-CODI fez para esclarecer a morte de Olavo, Demiurgo foi chamado como testemunha. Antes de cruzar o portão do quartel da PE na Tijuca, tomou a precaução de deixar com três amigos mais íntimos dossiês sobre o desaparecimento do irmão.

Nas dependências militares o caso perde qualquer vestígio de uma trapalhada burocrática ou de uma típica história de incúria policial e ganha em mistério. Habituado a descobrir inimigos nos esconderijos mais recatados é estranho que o DOI-CODI tenha deixado ser sepultado como indigente um agente da ativa com oito anos de serviços prestados. Mais estranho ainda porque D.Suely, dois dias depois do desaparecimento do marido, comunicou o fato à 2ª Seção do I Exército tendo recebido recomendações expressas de não dar queixa a nenhuma delegacia de polícia.

A sindicância do DOI-CODI, instaurada por determinação do I Exército, chega a conclusões vagas atribuindo a morte a mais um caso de tráfico de drogas mas revela que o Exército chegou a investigar, sem dizer com base em que denúncias, informações de que o Sargento Olavo teria sido visto depois do dia do crime na Favela do Cravinho em "locais diversos do Rio (Mangue, Tijuca, Centro e Baixada Fluminense)". A sindicância conclui que as pistas eram falsas mas o fato em si excita a imaginação de parentes do Sargento convencidos de que o corpo que apareceu estirado na noite chuvosa do dia 2 de outubro de 1979 em Niterói não era o de Olavo.

Mesmo que não seja dele o corpo do homem que gemeu uma hora e meia, sem que chegasse socorro, na Favela do Cravinho, certamente Olavo não está vivo. Um ano e nove meses depois de seu desaparecimento, D. Suely foi chamada à 80ª Delegacia Policial de Barreto, em Niterói, para prestar depoimento. Foi sem saber o que a esperava, pois nunca morou em Niterói e nunca soube de qualquer andança do marido por lá. Na delegacia foi comunicada de que se tratava do inquérito da morte do marido, alvejado por três tiros provavelmente disparados pelo traficante **Almir Teretêtê** ou pelo desconhecido que o acompanhava. Foram então exibidas quatro fotos do marido, que ela reconheceu e que sem dúvida eram fotos de um cadáver. A causa da morte — o Sargento, viciado em drogas, se envolvera com traficantes — a deixou inconformada. Nem ela, nem nenhum dos irmãos do Olavo, acredita que ele fosse viciado.

As fotos, em si, inspiraram outras suspeitas dentro da família. Um de seus parentes estranha que tendo morrido numa noite chuvosa numa área de Favela empapada de lama que o rosto de Olavo, fotografado pela perícia quase quatro horas depois do crime, esteja tão limpo. De seus nove irmãos, um especula mais alto. Acredita que Olavo sofreu algum forte constrangimento por isso no dia 2 de outubro de 1979 teria escolhido a clandestinidade, procedimento inédito para um agente de um aparelho repressivo. Assim não teria morrido no dia 2 de outubro — o corpo seria outro e a identificação feita pelo Félix Pacheco fruto de alguma trama — mas, mais tarde, localizado por quem o constrangia, foi eliminado.

Nesta trilha imagina-se até que o grande constrangimento tenha sido a convocação do Sargento para participar da Operação do Riocentro quando supostamente estava na clandestinidade, suspeita que fica de pé porque sua mulher só foi convocada para ir a delegacia em junho de 1981, um mês depois da explosão que matou o Sargento Guilherme Rosário e feriu o capitão Wilson Machado no pátio do Riocentro.

Suposições deste gênero não tem, até onde foi possível saber, amparo na realidade, mas transitam facilmente num caso em que tudo é estranho. No dia 2 de outubro de 1979 o Sargento Olavo cumpriu sua rotina normal. Acordou cedo e às seis e meia da manhã saiu de casa com seu fusca verde, com a chapa-fria WS-1106, despediu-se da mulher e seguiu para a Seção de Levantamento do DOI-CODI, onde era lotado.

O encarregado da sindicância dentro do DOI, Tenente-Coronel Julio Miguel Molinas Dias, confirma que Olavo compareceu ao serviço no dia 2 de outubro. Ao término do expediente, saiu do Departamento com seu carro, que jamais foi encontrado, dando carona para o Sargento Ignácio Horácio Victorino e ao Cabo Marco Antonio Vidotti. Deixou os dois "nas proximidades do Viaduto das Forças Armadas e Prédio dos Correios" e seguiu em direção ao Centro da cidade. Em casa, no bairro de Olaria, Olavo não chegou.

Aqui começam a se embaralhar as versões. Olavo deixa sua rotina no DOI, onde sempre foi considerado um agente esperto e jamais apareceu em qualquer lista como torturador, nem mesmo sob o codinome de "Dardo", e vira viciado em drogas em Niterói. Na favela, de acordo com testemunhas, ele não chegou nem com o Sargento Ignácio nem com o Cabo Vidotti, pois ninguém identificou em fotos os dois militares para quem dera carona como suas companhias.

O dono da **tendinha**, Joaquim Pereira da Silva, contou num depoimento dado a uma sindicância feita pela PM, que às 19h50min do dia 2 outubro de 1979, três homens que aparentavam ser velhos amigos saíram de sua **tendinha** depois de bebericarem. Um deles, que seria o Sargento, disse que "estava com vontade de **meter o pau num bagulho**". Os outros dois, acharam melhor sair da **tendinha** — "aqui vai **sujar**". Minutos depois a maioria dos moradores ouviu entre quatro e seis disparos.

Destes disparos, dois acertaram o tórax e um o pé esquerdo do homem. A partir daí o caso envereda por uma misteriosa apuração policial, povoada de contradições e de coisas inexplicadas. O detetive Creso João Santos Pinto, da 80ª DP, só chegou na Favela às 22h45min, alertado, segundo disse, não pelo motorista de táxi Nelson de Almeida Mendonça, mas por um telefonema anônimo relatando um assalto.

Nos bolsos da vítima não encontrou nada além de cinco fichas telefônicas e uma moeda de cinqüenta centavos. O perito Jadir Borges chegou às 23h50min e fotografou o corpo, que estava vestido de calça e camisa bege, a mesma roupa com que Olavo de fato saíra de casa naquele dia, e barba por fazer. No dia seguinte o Instituto Félix Pacheco avisava que a ficha datiloscópica do cadáver conferia com a de Olavo Lewis Santos Cardoso, nascido no dia 15 de julho de 1939.

Aqui começa a surgir a confusão. Por alguma razão que o bom senso não explica o auto de reconhecimento do Instituto Félix Pacheco, emitido no dia 5 de outubro de 1979, no Rio, não viaja para Niterói. O corpo do assassinado vai para o Instituto Médico-Legal, onde jaz à espera de identificação. O auto não chega e 20 dias depois o corpo é sepultado no Cemitério de Maruí, em Niterói, na sepultura nº 365, Quadra I, hoje coberta por um matagal.

Estranhamente o inquérito da morte ocorrida na Favela do Cravinha só foi aberto em julho de 1980, dez meses depois do crime, quando o normal, reza a norma, é que fosse disparado em 24 horas. D Suely, preocupada com o desaparecimento recorreu a PM que no dia 12 de outubro, quando o cadáver ainda dormia numa gaveta do IML de Niterói, distribuiu 40 fotos para todas as suas unidades. Inclsuive a de Niterói. Numa sindicância aberta em julho de 1981 a PM cobrou do 12º Batalhão de Niterói as investigações que ordenou em 1979. O Capitão Waner Klain de Freitas contou que mandou um agente percorrer hospitais e o próprio IML. O Agente que esteve no IML, munido de uma foto não abriu nenhuma gaveta. Contentou-se com a informação de que não havia lá nenhum cadáver que correspondesse à foto.

Desta comédia de erros não poderia resultar outra coisa senão um ofício do Coronel Nilton Cerqueira, especialista em perseguição a terroristas e então comandante da PM, ao I Exército concluindo que se tratava de um crime comum, mais um no capítulo do tráfico de tóxicos.

No Exército, a família preocupada com um caso de desaparecimento, fez várias gestões. Chegou ao General Gentil Marcondes Filho, comandante do I Exército. A mãe de Olavo, D Raymunda, que já faleceu, chegou a escrever uma carta ao Presidente Figueiredo e a D Dulce. Recebeu de volta um cartão do Gabinete Civil informando que providências estavam sendo tomadas.

Mesmo convencida de que existem coisas estranhas demais na morte de seu marido, D Suelym professora primária, mão quer comentar o assunto. Mesmo chocada com a notícia da morte do marido e tudo que envolveu seu desaparecimento nunca fez nenhum gesto para acompanhar de perto o caso e não se interessou mesmo em pedir uma exumação de seu cadáver, um exame que poderia esclarecer se o homem assassinado na Favela do Cravinho era mesmo o Sargento Orlando Lewis Santos Cardoso.

Olavo trabalhou para a seção de levantamentos do DOI durante nove anos. Em 1979, ninguém de sua seção conseguiu descobri-lo

"Dardo Bezouco" sai da sombra

Sargento Olavo, codinome **Dardo Bezouco**. Um codinome esquisito e que nunca apareceu em qualquer lista de torturadores do aparelho policial que atuou no país nos anos da ditadura. **Bezouco** não aparece nem mesmo em levantamentos minuciosos como o realizado pela Arquidiocese de São Paulo e publicada no livro "Brasil Nunca Mais".

Para alguns dos amigos do Sargento, existe uma explicação para que **Bezouco** sempre permanecesse na sombra: "ele era extremamente ágil e muito competente. Não botava a cara na frente", diz um deles.

Filho de um ex-combatente e revolucionário de 32, Francisco Solano Cardoso, Olavo era um pernambucano de 40 anos quando desapareceu. Havia entrado para a PM com 19 anos, servindo na Escola de Volteio do Regimento Marechal Caetano de Farias, no Centro do Rio. Um metro e 75 centímetros de altura, 64 quilos, foi metalúrgico antes de entrar para a carreira militar.

Na Escola de Volteio, Olavo ficou com fama de excelente cavaleiro. Por isso passou para o policiamento ostensivo a cavalo e, em 1968, enfrentou, montado, rolhas e bolas de gude lançadas por estudantes que em passeata queriam derrubar os militares de seus cavalos e pediam o fim da ditadura.

De espada em punho, capacete azul e farda da PM, Olavo pode ser encontrado em algumas das tantas fotografias registradas pela imprensa, durante o período dos conflitos PM X populares. Numa dessas fotos, sabe-se que Olavo, acompanhado de outros PMs a cavalo, encurralam um grupo de manifestantes junto à igreja da Candelária.

Como o Regimento de Polícia Montada foi transferido para Campo Grande no início da década de 70, Olavo teve o apoio de seu irmão, Coronel do Exército Francisco Demiurgo, para servir no DOI-CODI. Desde cedo empenhado em missões de natureza sigilosa, Olavo demonstrava empolgação com seu trabalho, mas nada comentava em casa ou entre parentes sobre as atividades exercidas na Seção de Levantamentos do DOI.

Um cadáver com rosto lavado?

Sempre de roupa esporte, Olavo era um sujeito comunicativo, e só se fechava com respeito ao serviço. "Era cumpridor das missões" que, de acordo com um parente, "não teria dúvidas em executar qualquer ordem superior". "Era um **ferrabraz**" (linha dura), diz um amigo que o conhecera na época em que policiava o Mangue, zona de meretrício, e era conhecido pelo apelido de **Defunto**. Mas era dócil como um cordeiro diante da mãe, D Raymunda, a quem não deixava de visitar, toda a semana. Apesar disso, em sua folha de antecedentes do Félix Pacheco há registro de dois processos: falsidade ideológica, em 1971; e homicídio culposo, pelo Código Penal Militar, do qual foi absolvido.

Como integrante do DOI durante oito anos consecutivos e irmão de um ex-chefe do serviço, Olavo Lewis dos Santos Cardoso era um verdadeiro **arquivo-humano** de informações do período da repressão política. Casado e sem filhos — ele era estéril — Olavo, segundo um amigo, talvez tenha sido vítima dos anos em que trabalhou para o DOI. "Ele não soube o momento de parar. Ficou lá muito tempo. Talvez tenha até desejado parar. Mas aí já era tarde".

Foto de André Câmara

Na cova rasa nº 365 da quadra 1 do Cemitério de Maruí está enterrado, como desconhecido, o corpo de um homem morto em 79

Cabo acusa coronel de mandar explodir bombas no Congresso

Brasília — O Deputado Ulysses Guimarães, Presidente do PMDB, foi poupado de ver explodir a seus pés duas bombas de efeito moral, na noite de 25 de abril de 1984, quando foi votada a emenda das Diretas-já. O encarregado da operação de "desmoralizar Ulysses", cabo David Antônio Couto, foi reconhecido a tempo por um segurança do Congresso.

O cabo Couto era lotado no PIC — Pelotão de Investigações Criminais do Exército — e acusou o Coronel Arídio Mário de Sousa Filho, Chefe da Seção de Informações do Comando Militar do Planalto, à época sob o comando do General Newton Cruz, de ter pessoalmente ordenado a ele e dois sargentos o lançamento das bombas em Ulysses e no interior do Congresso, para provocar tumultos e gerar uma crise política.

— O Coronel Arídio liberou os dois sargentos para irem comigo ao Congresso e saímos para lá diretamente do Comando Militar do Planalto — revelou o cabo Couto, em depoimento no Superior Tribunal Militar, na noite de sexta-feira, em companhia do seu advogado, Edson Ribeiro de Sousa e da promotora Nadir Bispo Faria.

Novas revelações

O advogado Édson Sousa, que reproduziu as declarações de Couto ao JORNAL DO BRASIL, prometeu que amanhã, às 15h, seu cliente vai revelar ao delegado carioca Ivan Vasques o nome dos dois sargentos que o acompanharam ao Congresso e o que sabe a respeito do envolvimento do Comando Militar do Planalto no assassinato do jornalista Alexandre von Baumgarten.

O Cabo Couto, acusado de integrar o esquadrão da morte em Brasília que assassinou o jornalista Mário Eugênio e um chacareiro em Goiás, está preso sob custódia da Justiça Militar. Na semana passada, ele revelou à Procuradora Nadir Bispo Faria que o executor de Baumgarten foi o Coronel José Luís Sávio e que toda a operação do assassinato foi planejada no Comando Militar do Planalto por um major do Exército, de codinome Marcos, que mantinha estreitas ligações com o Coronel Miguel Magalhães Cavalcanti, então Comandante da Polícia do Exército sediada em Brasília.

Durante seu longo depoimento (cinco horas) no STM, o Cabo Couto voltou a citar nomes de militares do Exército envolvidos no caso Baumgarten. A Promotora Nadir Bispo Faria anotou quatro novos nomes em uma folha de papel e já declarou que está convencida de que o Cabo Couto teve alguma participação no caso Baumgarten. Ela deverá revelar amanhã os nomes citados no depoimento do preso.

Major às costas

Além de Baumgarten, o Cabo Couto já contou à promotora que duas outras pessoas foram assassinadas por determinação de militares do Comando Militar do Planalto e do PIC, segundo seu advogado. Para o depoimento ao Delegado Ivan Vasques, o preso solicitou novamente as dependências do STM porque se sente ameaçado em outros locais, principalmente por integrantes da Polícia Civil.

Há uma semana, segundo o advogado, o Cabo Couto foi levado ao Comando Militar do Planalto, onde prestou declarações na presença do **Major Marcos**. "É claro que meu cliente se sentiu coagido com o Major, que ficou durante todo o tempo às suas costas", reagiu Édson Sousa.

Como Couto afirma que o major do Exército, de codinome Marcos, assinou o depoimento que prestou no Comando — sem autorização de seu advogado —, a Procuradora Nadir Bispo Faria já solicitou cópia das declarações, para identificar o nome correto deste militar envolvido em casos de polícia. Até agora, nos casos do chacareiro e São Bartolomeu e Mário Eugênio, já foram citados 41 policiais-militares como suspeitos.

— Finalmente alguém revela em juízo o que estou tentando provar há dez meses — afirmou o advogado da família do jornalista Mário Eugênio, Aidano Faria, a respeito das declarações que o cabo Couto prestou no STM.

O preso, envolvido no assassinato, contou que, quatro meses antes da morte de Mário Eugênio, foi iniciado um levantamento de seus hábitos pelo Secretário de Segurança Pública de Brasília, Coronel do Exército Lauro Rieth, que entregou a missão a três delegados da Polícia Civil: Ângelo Netto, Benedito Gonçalves e Theodoro Rodrigues. Em outra vertente, o Pelotão de Investigações Criminais do Exército (PIC), também começou a investigar a vida do jornalista.

— O levantamento do PIC era para prender o Mário Eugênio mas o do Rieth não era — afirmou Couto no STM. Segundo seu advogado, ele se dispôs a contar o que sabe porque, dos 41 militares envolvidos nos casos de polícia, apenas ele e o sargento Nazareno Mortalli (acusado também pela morte do jornalista de Brasília) estão presos.

Até o suspeito de ter disparado os tiros — o agente Divino 45 — está solto, sob o amparo da Lei Fleury. Todos os envolvidos no crime de Mário Eugênio, contudo, serão ouvidos pelo Delegado Ivan Vasques, segundo o advogado de Couto. A partir de comentários que ouviu no PIC, seu cliente está levantando suspeitas até mesmo sobre o caso do Riocentro.

— Ele disse que as bombas explodiram no Puma porque foram programadas para dispararem em 10 segundos, em vez de 10 minutos — informou o advogado Édson Sousa. Ele revelou que a Procuradora Nadir Faria impediu seu cliente de falar sobre o Riocentro no STM, alegando que somente o procurador George Tavares, da Justiça Militar do Rio, poderá inquiri-lo a este respeito.

Militares defendem o colega denunciado

Segundo os dois coronéis, quando ficar provado que o Coronel Sávio Costa não foi ajudante de ordens do General Newton Cruz e não participou do assassinato de Baumgarten, estará concretizada a "segunda etapa de uma articulação para proteger outros envolvidos". Isto se daria — depois de provada a inocência de Sávio Costa — com a conseqüente desmoralização do próprio cabo Couto.

— O cabo Couto, de livre e espontânea vontade, acusou os policiais Iracildo, Divino 45 e o sargento Nazareno Mortari como matadores de Mário Eugênio. A hora em que ele cair no descrédito, seu depoimento cai também, esvaziando a apuração do crime e do envolvimento de outros nomes, justo quando o IPM entra numa fase de julgamento.

Paris — Foto da AFP

Peritos examinam destroços do escritório da empresa que voa para a África do Sul

Ciclone mata 40 e faz desaparecer 400 na costa Leste da Índia

Nova Déli — Pelo menos 40 pescadores morreram e 400 outras pessoas estão desaparecidas em conseqüência da passagem de um ciclone pela costa Leste da Índia, informou a agência de notícias indiana PTI. Cerca de 4 milhões de pessoas foram prejudicadas pelos danos causados por ventos e chuvas, que agitaram o mar com ondas de mais de três metros de altura.

Dois terremotos de 3,8 graus de magnitude na escala 12 de Richter foram registrados ontem. Um sacudiu a já destruída (por um terremoto de intensidade de 8,1) Cidade do México. O outro assustou os habitantes de Nova Jersey até Massachussetts, numa extensão de 322 quilômetros. Os dois não acusaram vítimas.

Acordar assustado

O tremor na Cidade do México ocorreu às 5h28min (hora local) e assustou a tensa população mexicana, que ainda recolhe os corpos das vítimas do terremoto do dia 19 de setembro, em meio aos escombros de milhares de prédios destruídos. Mais de 80 movimentos sísmicos ocorreram desde o dia do desastre, segundo os especialistas, devido à acomodação do terreno.

Nos Estados Unidos, o epicentro do tremor foi localizado a 35 quilômetros ao Norte de Nova Iorque, segundo o Centro Geodésico, com sede em Golden, Colorado. O sismo ocorreu às 6h8min (hora local) e foi o segundo em uma semana no Nôroeste americano: terça-feira, tremeu a área de Boston (3 graus na escala de Richter). Muitos americanos acordaram e telefonaram para a polícia.

Berlim Ocidental — Foto da AFP

Ajudada pelo soldado, a Princesa Diana entra no tanque em que percorreu uma pista de exercícios, durante sua visita de dois dias a uma unidade militar britânica estacionada na Alemanha, da qual é Coronel Honorária. A Princesa assistiu a exercícios militares, embarcou em helicópteros e recebeu rosas dos soldados, antes de voltar para Londres

Morto-vivo

Londres — O comentarista esportivo Rex Alston teve um privilégio restrito até hoje a muito poucas pessoas: ler a notícia de sua morte no **Times**. Hospitalizado na sexta-feira por comer alimentos estragados, recebeu ontem das mãos da enfermeira um exemplar do **Times** com um perfil de 35 linhas sobre sua carreira como comentarista de **cricket** no obituário do jornal. Alston, com 84 anos, disse ao **Times** que a notícia não o desagradou de todo e que apreciou, na nota necrológica, sobretudo o parágrafo dedicado a seu "aspecto juvenil" que desafiava a velhice. O jornal desculpou-se, atribuindo o episódio a "um lamentável erro de redação". Neste século, duas personalidades, além de Alston, tiveram o privilégio de ler no **Times** a notícia de sua morte: um general reformado inglês e o armador grego Marcos Dmitris Lemos.

Miguelângelo

Nova Iorque — Historiadores de arte que participam da limpeza e restauração das paredes e do teto da Capela Sistina, no Vaticano, disseram que durante o delicado trabalho descobriram o auto-retrato de Miguelângelo, caracterizado como Davi no momento de matar Golias. Os estudiosos disseram ter certeza de que se trata de Miguelângelo porque o rosto é idêntico ao do artista pintado por Rafael. Acrescentaram que o auto-retrato, pintado no início do trabalho, mostra o quanto representava de desafio para o artista pintar o teto da capela.

Carta de Reagan

Roma — O Subsecretário de Estado americano, John Whitehead, se reuniu com o Primeiro-Ministro demissionário da Itália, Bettino Craxi, a quem entregou uma carta do Presidente Ronald Reagan, expressando as esperanças de que as relações entre Washington e Roma — afetadas pelas repercussões do seqüestro do navio **Achille Lauro** — possam ser recompostas. "Concordamos que os acontecimentos das últimas semanas indicam que necessitamos de uma melhor coordenação de todos os países na luta contra o terrorismo", afirmou Whitehead.

Fim aos seqüestros

Sassari (Itália) — O Papa João Paulo II condenou energicamente os seqüestros de pessoas, que qualificou de "estranhos aos sentimentos cristãos". Em visita à Sardenha, ilha italiana do Mediterrâneo, exortou a população local a fazer um esforço de vontade para proteger sua cultura contra a violência. O Papa denunciou "o antigo culto da violência e da morte", pedindo que seja substituído por "uma civilização do amor". Na Sardenha, os seqüestros de pessoas se transformaram numa verdadeira "indústria", realizados por pastores transformados em bandidos.

Morte de Moloise causa distúrbios na África e na Europa

Johannesburgo — Centenas de adolescentes negros, armados com pedras e bombas incendiárias, atacaram veículos policiais em várias cidades e, no centro de Johannesburgo, houve distúrbios por causa da execução do líder negro Benjamin Moloise, enforcado sexta-feira. Na Cidade do Cabo, um branco matou a tiros um negro que apedrejava seu caminhão.

Em Londres, Paris e Amsterdã ocorreram ataques e atentados contra instituições ligadas à África do Sul, em protesto pela morte de Moloise. Em Paris, uma poderosa bomba destruiu o principal escritório de carga da empresa aérea francesa UTA. Segundo comunicado do grupo de extrema-esquerda Ação Direta, o atentado foi uma reação ao "crime racista" cometido por Pretória.

Em Amsterdã, um grupo autodenominado Comando Benjamin Moloise destruiu as vidraças das filiais de três bancos holandeses e do centro de informações da África do Sul. Em Londres, 3 mil pessoas, com cartazes contra o Governo de minoria branca de Pretória, sentaram-se nas ruas que cercam a Praça Trafalgar, interrompendo o trânsito por duas horas e provocando enormes engarrafamentos. Milhares de manifestantes jogaram garrafas e tinta vermelha na Embaixada sul-africana em Londres: a polícia prendeu 300.

Na Cidade do Cabo, África do Sul, mais de 10 mil pessoas enlutadas, muitas com o punho cerrado, cantando o lema "o poder para o povo", lotaram uma igreja para a cerimônia fúnebre de três jovens (de 11, 15 e 18 anos), mortos terça-feira pela polícia. Os rapazes foram atingidos por tiros disparados por policiais escondidos em caixotes colocados sobre um caminhão civil, quando atiravam pedras no veículo. No subúrbio de Crossroads, a polícia ergueu barreiras e proibiu a entrada de jornalistas na área, enquanto a população se preparava para enterrar outras cinco vítimas dos distúrbios raciais.

A organização guerrilheira Congresso Nacional Africano (CNA) disse que a execução de Moloise empurrou o país para "mais perto da beira do abismo" e que, com esse ato, o Governo quis dar "aos desmoralizados brancos e seus aliados ocidentais" a impressão de que tem o controle da situação. A execução foi "um tapa na cara" da comunidade internacional, que esperava um gesto de clemência do Presidente Pieter Botha, disse o CNA.

Nas Bahamas, a Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher, que participa do encontro de líderes da Commonwealth, está sob pressão dos outros 49 países que integram a associação de ex-colônias inglesas para que adote sanções econômicas contra Pretória.

Brasil protesta

Em Brasília, o Itamarati divulgou nota de protesto do Governo brasileiro contra o enforcamento de Moloise, considerando-o "mais um ato de brutalidade contra a maioria negra da população".

Desempregado protesta na Alemanha

Bonn — Cerca de meio milhão de desempregados realizaram passeatas pelas ruas centrais das 17 maiores cidades da Alemanha Ocidental para protestar contra o desemprego, que atingiu o recorde de 2 milhões 300 mil, 9% da força de trabalho do país. Os trabalhadores concluíram assim uma Semana de Ação, durante a qual exigiram que o Chaceler Helmut Kohl use verba governamental para criar emprego.

— Kohl precisa ter uma política que favoreça os trabalhadores e pare de desmantelar a natureza social do Estado — afirmou o presidente da Federação de Sindicatos de Trabalhadores (DGB), Ernest Breit, em Kassel. Na quarta-feira passada, no Parlamento, Kohl rejeitou a exigência dos trabalhadores e reafirmou sua política de combate ao desemprego mediante a melhoria das condições de expansão econômica.

COGESTÃO

A DGB — que tem 7 milhões 500 mil sindicalizados, sendo portanto um dos maiores sindicatos da Europa Ocidental — não conseguiu convencer o Governo Kohl, com suas críticas e seus pedidos de redução dos horários de trabalho, crescimento econômico qualitativo que vise ao respeito ao meio ambiente, e um controle social da mudança da tecnologia, paralelo ao incremento da cogestão nas empresas.

Na maior manifestação, ante umas 200 mil pessoas, Breit advertiu que, se o Governo não realizar uma mudança radical em sua política econômica, dentro de pouco tempo será irreconhecível o rosto da República Federal da Alemanha. Como que apoiando essa afirmação, o presidente do Escritório Federal do Trabalho, Heinrich Franke, disse à agência Efe que, com os dados disponíveis atualmente, não se pode prever uma diminuição do desemprego para menos de 2 milhões antes de 1990.

Quando Helmut Kohl assumiu o Poder, em outubro de 1982, os desempregados eram apenas 330 mil. Seu Governo reduziu o salário-desemprego, alegando a necessidade de pagar as dívidas feitas pelo regime anterior social-democrata. Teriam sido também os social-democratas, segundo Franz Josef Strauss, presidente da União Social-Cristã, da Baviera, que reduziram o orçamento social em 90 milhões de marcos, cerca de 33 bilhões de dólares.

Egípcios se manifestam na rua contra EUA e Israel

Cairo e Washington — Universitários egípcios saíram ontem às ruas do Cairo exigindo a expulsão dos embaixadores dos Estados Unidos e de Israel. Houve choques com a polícia e pelo menos 30 estudantes foram presos; 10 manifestantes ficaram feridos. O protesto — com a participação de cerca de 1 mil 500 alunos da Universidade Ein-Shams — foi motivado pela interceptação do avião militar egípcio por caças americanos, no desdobramento do caso do navio italiano **Achille Lauro**.

Armamentos

Dois terços dos senadores dos Estados Unidos se opõem à projetada venda de armamentos americanos à Jordânia, um negócio avaliado em 1 bilhão 500 milhões de dólares.

O Senador John Heinz informou que uma resolução apresentada por ele e pelo Senador Edward Kennedy, proibindo a venda das armas, conta com o apoio de 67 senadores, o suficiente para que seja aprovada.

Segundo Heinz, "seria prematuro e injustificado" vender armas à Jordânia antes que o Governo de Amã inicie negociações diretas de paz com Israel.

Para italianos, Reagan puniu "desobediência" de Craxi

Araújo Netto
Correspondente

Roma — Até aqui a Casa Branca pouco ou nada fez para esvaziar a crise nas relações dos Estados Unidos com a Itália, deflagrada pelo repúdio do Governo italiano às autoritárias tentativas do Presidente Ronald Reagan para capturar quatro terroristas palestinos e um dos comandantes da OLP em território italiano e entregar à Justiça americana.

Em Roma, ganha consistência a versão de que a queda do Governo pentapartidário foi pilotada de fora, para punir a "desobediência e infidelidade" de Bettino Craxi. O secretário do pequeno Partido Republicano italiano e ex-Ministro da Defesa, Giovanni Spadolini, teria sido apenas o detonador, acionado pelo controle remoto de Washington, para implodir o Gabinete do socialista Bettino Craxi, acusado de trair a confiança dos amigos americanos.

Nacionalismo americano

Se a Casa Branca quisesse, poderia ter evitado, com um pequeno gesto diplomático, a demissão de Craxi e seu Ministério. Dois dias antes da formalização dessa demissão, em Bruxelas, o Ministro do Exterior italiano, Giulio Andreotti, fez tudo para convencer o Secretário de Estado George Shultz a assinar uma nota ou declaração conjunta, na qual se reafirmaria simplesmente que pequenas divergências entre amigos não podem comprometer uma amizade como a dos Estados Unidos e Itália.

Shultz não se comoveu com o apelo de Andreotti. Limitou-se a acenar aos laços de amizade e solidariedade que ligam os dois países, numa resposta dada à pergunta de um repórter da televisão italiana. Voltou a Washington informado e consciente da crise do Governo que estava por se abrir em Roma. Crise que os observadores e analistas políticos consideram a mais difícil, até porque a mais imprevisível de todas as precedentes.

Todos os apelos ao bom senso — lançados por vozes moderadas dos dois lados — têm caído no vazio. O agressivo sentimento nacionalista americano, que reapareceu em grande estilo nos últimos 15 dias, incomodou até um homem com os nervos e o pragmatismo do industrial Gianni Agnelli, presidente da Fiat. Há poucos dias, no momento em que recebia o título de Homem do Ano, que lhe foi dado pela associação **Appeal of Conscience**, em Nova Iorque, Agnelli não resistiu às provocações de jornalistas e personalidades americanas.

— Não sou um homem de Governo, sou um cidadão e um industrial, e como tal devo dizer que, certo ou errado, estou com o meu país — foi a resposta de Agnelli, talvez o italiano mais ligado aos Estados Unidos, por admiração e interesses.

Interesses em jogo

Inútil parece também a advertência de Richard Lugar, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Americano. Aos surdos ele parece falar, ao recordar que o caso em questão (da entrega dos terroristas e de Abul Abbas) é demasiadamente modesto, diante da importância dos interesses em jogo.

Até ontem, Bettino Craxi, que mesmo demissionário continua Primeiro-Ministro, exercendo a chefia do Governo italiano pelo menos até a posse do seu sucessor, continuava a repetir que só atenderá ao convite de Reagan (anterior à crise) para a reunião de consulta aos aliados ocidentais antes de seu encontro com Gorbachev, se o Governo americano mudar a incompreensível atitude assumida em relação à Itália.

Craxi diz que só irá a Washington, no dia 24, se Reagan quiser aproveitar a oportunidade do encontro para que se faça um amplo e completo esclarecimento sobre as razões que determinaram o comportamento do Governo italiano no caso dos quatro terroristas e do líder da OLP.

Craxi vai mais longe: diz-se convencido de que a incompreensão do Governo de Washington influenciou e provocou as críticas e ofensas à Itália e a seu Governo que continuam a ser divulgadas pelos meios de comunicação nos Estados Unidos.

É uma situação irreal essa que se criou em poucas horas nas relações da Itália com os Estados Unidos. Para os italianos que até bem poucos meses mostravam-se quase resignados à caricatura que apresentava seu país como a Bulgária da OTAN, tudo é ainda mais absurdo, quase inacreditável.

O Governo italiano, chefiado pelo socialista Craxi, envolvido e liquidado pelas intransigências de Reagan, é o mesmo que — segundo um estudo estatístico elaborado pela representação americana na ONU — era considerado o sétimo melhor e mais fiel amigo dos Estados Unidos. Superado apenas por Israel, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo e Holanda.

Um Governo italiano que, em 72,8% dos casos julgados nas Assembléias da ONU, votou sempre com os Estados Unidos. Por outro lado, esse mesmo Governo Craxi foi um dos mais estimulados e favorecidos pela Presidência de Reagan, que agora o acusa de ingrato e vil. Foi nos 26 meses de Governo Craxi que se inverteram uma antiga tendência e os números da balança comercial dos dois países.

Favorecida pela supressão de medidas protecionistas, foi a partir de 1983 (o Governo Craxi teve início em agosto desse mesmo ano) que a balança comercial EUA x Itália saiu do vermelho. De um antigo, crônico deficit, passou a apresentar um saldo favorável.

Em 1984, esse saldo foi ainda maior. Os Estados Unidos passaram a ser o terceiro maior parceiro italiano (depois da Alemanha Federal e da França). As importações italianas dos Estados Unidos totalizaram 5 bilhões 146 milhões de dólares. As exportações aumentaram em 42,4% totalizando 7 bilhões 997 milhões de dólares.

Ameaça do Pentágono

Até mesmo a simples leitura do elenco dos produtos exportados pela Itália para os Estados Unidos confirma o tratamento preferencial dispensado pelos americanos aos amigos e aliados italianos.

Da Itália, a maior potencia industrial mundial não está comprando somente moda, **spaghetti** e vinhos, prazer ou luxo. A exportação de vinhos é a terceira mais importante no elenco. Moda e gêneros alimentícios figuram entre as últimas. Os dois primeiros lugares são ocupados por aeronaves, seus componentes, e por máquinas e aparelhos não elétricos.

O peso das exportações italianas para os Estados Unidos é também significativo. Equivale a 10,9% de tudo o que a indústria italiana exporta para o mundo. Este ano essa percentagem pode subir ainda mais, se não se confirmar a ameaça divulgada no primeiro e mais nervoso dia da crise: sobre a disposição do Pentágono de cancelar o contrato que fizera com uma das mais antigas e tradicionais indústrias da Itália, para armar o Exército americano não mais com os históricos e pesados Smith-Esson, mas com as leves, nervosas, eficientes pistolas Beretta inventadas e fabricadas desde a descoberta do Brasil, em 1500, por uma família de armeiros do Norte da Itália.

Washington, 6/3/85 — Foto da UPI

Craxi foi aplaudido no Congresso americano em março, quando os EUA e a Itália ainda eram "grandes amigos"

Goldwater declara guerra ao Pentágono

Jamari França

A lua-de-mel entre o Governo Reagan e o Congresso sobre gastos militares acabou semana passada com uma declaração de guerra à incompetência das Forças Armadas americanas, feita pelo tradicional Senador linha-dura Barry Goldwater (republicano, Arizona), presidente da Comissão de Forças Armadas do Senado.

Goldwater e seu colega de comissão, Senador Sam Nunn (democrata, Geórgia), ocuparam a tribuna do Senado para pedir o recibo dos 1 trilhão 200 bilhões de dólares que o Pentágono recebeu nos últimos cinco anos. A cobrança incluiu um implacável relatório de cobrança de mais de um século de fracassos das Forças Armadas americanas, desde a guerra com a Espanha no século 18 até a desastrada invasão de Granada em outubro de 83, sem esquecer o ataque japonês a Pearl Harbour em dezembro de 41.

Levantamento implacável

Nos últimos cinco anos, o Congresso foi bombardeado com um maciço pedido de verbas do Pentágono, escorado em minuciosos relatórios sobre a superioridade militar da União Soviética, a conseqüente inferioridade dos Estados Unidos, a necessidade de forçar o Kremlin ao desarme a partir de uma posição de força etc.

O levantamento da Comissão presidida por Goldwater concluiu que a aplicação desse dinheiro todo não trouxe um retorno suficiente. Denunciou velhas rivalidades entre as três Forças, que deixam interesses particulares prevalecer sobre as necessidades estratégicas, e sugeriu uma reformulação completa na linha de comando, iniciando pelo Estado-Maior Conjunto, a ser substituído por um conselho militar que assessoraria diretamente a Casa Branca, enquanto os oficiais graduados de cada Arma deixariam esta função para tratar dos problemas internos de sua força.

A comissão de Goldwater não esqueceu casos como o das peças compradas pelas Forças Armadas a preços absurdos como 436 dólares por um martelo ou 600 dólares por uma tampa de privada, mas também lembrou casos historicamente vergonhosos como o de Pearl Harbour.

Na manhã de 7 de dezembro de 1941, a aviação japonesa afundou sete navios, destruiu 140 aviões, matou 2 mil 330 militares americanos e feriu 1 mil 145. Uma comissão de inquérito queria levar os comandantes do posto avançado no Pacífico à Corte Marcial, mas outras investigações acabaram concluindo que havia uma total falta de coordenação entre o Alto Comando, em Washington, e as forças no Pacífico. Goldwater disse que durante toda a Segunda Guerra não houve uma coordenação satisfatória entre as três Armas no Pacífico.

A rivalidade entre as forças causa problemas, como a relutância da Força Aérea em proteger tropas do Exército ou a resistência da Marinha em comprar navios para levar soldados do Exército. O Senador Nunn citou um caso impressionante: durante a invasão de Granada, um oficial do Exército teve que usar uma franquia da American Telephone & Telegraph (AT&T) para telefonar ao seu quartel na Carolina do Norte e pedir que solicitassem à Marinha fogo de cobertura para seus homens. O motivo também foi inacreditável: os rádios de campanha do Exército eram incompatíveis com o sistema da Marinha.

Isso aconteceu há dois anos, mas parece que o problema continua: a conversa entre o Presidente Reagan e o Secretário da Defesa Caspar Weinberger, que decidiu pela interceptação do avião egípcio que levava quatro seqüestradores palestinos do navio **Achille Lauro**, foi ouvida por vários radioamadores, segundo informações do jornal **The New York Times**.

O Governo negou a princípio, mas acabou admitindo e explicando: o sistema codificado de comunicações do Air Force One, o avião presidencial onde estava Reagan, era incompatível com o sistema instalado a bordo do avião em que estava o Secretário da Defesa Caspar Weinberger. Uma compatibilização era possível, mas demoraria muito tempo e havia necessidade de uma decisão urgente.

Diversos argumentos reforçam a campanha de Goldwater e Nunn: uma pesquisa entre militares do Exército realizada no início do ano mostrou que 75% dos oficiais concordaram que a busca de vantagens pessoais predomina, entre os oficiais, sobre as necessidades gerais. Metade dos generais admitiu que os integrantes da cúpula da Arma se comportam mais como executivos empresariais do que como militares e 30% dos oficiais acharam que a maior parte das promoções ocorre quando os promovidos ainda não alcançaram o grau máximo de eficiência no posto que ocupam.

Tudo junto

A corrupção parece ser um problema sério, com prejuízos anuais de 1 bilhão de dólares causados pelo roubo de armas leves e pesadas, incluindo bazucas, lançadores de granadas, peças de reposição de caças. Tudo isso alimenta um crescente mercado-negro denunciado recentemente pelo jornal **The New York Times**, que mostrou que, na maior parte dos casos, os roubos são descobertos por autoridades civis que interceptam o material roubado na hora da venda. Os responsáveis pelos arsenais onde as armas estavam estocadas são os últimos a saber.

O especialista em assuntos militares do **Times**, Drew Middleton, atribui os constantes fracassos, como o da tentativa de resgate dos reféns americanos no Irã em 1980, à falta de coordenação entre as armas e à doutrina que exige a inclusão de todas as três Forças numa operação qualquer.

Nesse caso dos reféns, o Exército e a Força Aérea treinaram vários meses a operação de resgate, mas a inclusão, à última hora, da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais resultou num fracasso provocado pela ignorância mútua dos métodos de operação: duas aeronaves colidiram no deserto, explodindo o orgulho americano e abrindo caminho para que Reagan assumisse, promovendo uma escalada militar.

Middleton afirma que sua experiência com as três Armas mostrou que os melhores batalhões, esquadrões ou navios são capazes de enfrentar mais que o dobro de russos mas, "naturalmente, não vão lutar como unidades individuais, mas como parte de um grande conglomerado de todas as Armas".

As falhas são mais inquietantes quando chegam à força estratégica. Um recente estudo do Congresso descobriu que o sistema de alerta antecipado dos Estados Unidos continua a registrar alarmes falsos de ataques nucleares, apesar de o Pentágono ter assegurado há cinco anos que isso não mais ocorria. O único aperfeiçoamento foi que agora se constata o erro com mais rapidez, graças à instalação de nova tecnologia.

Bruce Blair, especialista em comando nuclear que trabalhou para o Pentágono até julho, afirmou que a possibilidade de um alarme desses provocar uma guerra nuclear por acidente é pequena em tempo de paz, mas os riscos podem ser bem mais sérios durante uma crise entre as superpotências, quando as salvaguardas seriam deixadas de lado em função de um alerta de guerra.

A investigação do Congresso denunciou um descaso do Pentágono com o sistema de alerta antecipado, vital para os Estados Unidos saberem de um ataque soviético e se prepararem para a retaliação.

Daniel Ford, especialista e autor do livro **The Button (O Botão)**, denunciou a vulnerabilidade do sistema num depoimento no Congresso:

— Se um ataque soviético for detectado por satélite, a mensagem irá para uma estação em Nurrungar, Austrália, de lá para uma outra no Pacífico Ocidental e depois para uma terceira no Havaí. Em seguida para uma estação no Pacífico Oriental, dali para a Califórnia e finalmente para a sede do Comando Norte-Americano de Defesa Aeroespacial (NORAD) no Colorado. Todas estas estações intermediárias são vulneráveis a um ataque nuclear ou não nuclear.

Ford afirmou que algumas estações são totalmente desprotegidas, e citou o caso da que fica na Califórnia, em Sunnyvale, pertinho de uma rodovia e à disposição de qualquer comando terrorista bem treinado.

Por tudo isso e por muito mais, a lua-de-mel entre o Congresso e o Governo acabou. Um programa militar de igual monta que o Pentágono pretendia para o segundo mandato de Reagan provavelmente será seriamente mutilado, ainda mais levando-se em conta que o Congresso autorizou recentemente um aumento na capacidade de endividamento do Governo, já em 1 trilhão de dólares. O déficit federal anda superando em duas vezes a dívida externa brasileira e ano que vem tem eleição nos Estados Unidos. Os canhões dos políticos estão apontados para a Casa Branca e o Pentágono, e disposição para puxar o gatilho não falta: Reagan, sem possibilidade de nova eleição, terá que apelar para seus dons de mocinho de Hollywood sem o privilégio dos efeitos especiais.

Aversão a estrangeiro dá prestígio a Le Pen

Fritz Utzeri
Correspondente

Paris — A França sempre foi tradicionalmente a terra do asilo e da tolerância mas, como já ocorre nos EUA com os hispânicos, a presença dos imigrantes, geralmente africanos e árabes, pode tornar-se um tema importante nas próximas eleições legislativas de março de 86. Ao longo de toda a semana, o assunto veio à tona graças à notoriedade alcançada por Jean-Marie Le Pen, líder da Frente Nacional, um partido de extrema-direita que tem como objetivo eliminar a presença estrangeira no solo francês.

Le Pen ocupou as manchetes dos jornais franceses durante toda a semana. Chegou a ser acusado de torturador durante a Guerra da Argélia e de ter feito fortuna de forma criminosa. Mesmo assim, foi ao programa de TV **A Hora da Verdade**, bateu o recorde de público (12 milhões de espectadores) e sensibilizou a maioria, apesar de usar números sabidamente falsos para explicar o problema dos imigrantes. Nada menos de 48% dos que assistiram ao programa concordaram que é preciso limitar os estrangeiros na França.

Le Pen é um deputado do Parlamento Europeu, um organismo mais honorário do que real. Mas seus objetivos pessoais e de seu partido, que não obteve mais que 3% dos votos nas últimas eleições legislativas, são bem ambiciosos para 86. Ele espera presidir uma bancada de pelo menos 50 parlamentares após as próximas eleições e não é de todo impossível que o consiga, pelo menos em parte, já que nas pesquisas de opinião feitas após seu programa na TV, 19% dos eleitores consultados admitiram que poderiam votar nele e em seu partido.

Nada mau para um político demagogo que atravessou a semana acusado de atos que provavelmente acabariam com a carreira de qualquer político brasileiro. Durante a semana passada, Le Pen foi alvo de acusações da direita e até de bombas colocadas por grupos de extrema-esquerda em resposta à sua pregação racista. Ambos os lados aparentemente, só conseguiram aumentar a audiência do líder direitista.

As primeiras acusações a Le Pen foram feitas — numa entrevista a **Le Monde** — pelo médico Jean Marie Demarquet, seu velho companheiro de militância de extrema-direita, que o acusou de ter sido torturador na Argélia durante a guerra de independência daquele país, estranhamente, Demarquet não questiona a tortura e admite também ter participado, mas acusa Le Pen de torturador.

Mas ainda mais séria é a acusação que pesa sobre Le Pen de ter literalmente afogado em bebida e drogas um milionário alcoólatra e meio louco, que vivia em companhia da mãe senil, permanentemente ébrio em meio a delírios de grandeza: Hubert Lambert, que deixou um testamento legando todos os seus bens (entre os quais um castelo avaliado em pelo menos 10 milhões de francos) ao líder da Frente Nacional.

Não é a primeira vez que tal suspeita pesa sobre Le Pen. Em 1974, já se beneficiara do testamento de outro admirador, Julien Le Salbazec, que lhe deixou seus bens num documento redigido entre duas tentativas de suicídio. Todos esses fatos, com detalhes sobre a sua vida e militância, foram amplamente discutidos pela imprensa francesa até terça-feira, quando apareceu no programa **A Hora da Verdade**, do Canal 2, o mesmo em que o **Premier** Laurent Fabius, há cerca de um mês, admitiu a responsabilidade francesa no afundamento do **Rainbow Warrior**.

Le Pen conseguiu muito mais audiência do que Fabius. Ante um grupo de jornalistas que tentaram em vão contornar seu carisma, surdo a argumentos e ponderações, condescendente ante ataques, Le Pen foi magistral na apresentação, mas se limitou a repetir números já apresentados afirmando que os imigrantes dão um prejuízo à Previdência francesa de 108 bilhões de francos. Na verdade, estatísticas do Governo e estudos independentes concordam que há um prejuízo, mas longe do estimado por Le Pen: nada menos de 100 bilhões de francos mais baixo do que o apontado pelo líder da extrema direita.

Ele afirmou que há na França 6 milhões de estrangeiros, mas as estimativas mais recentes das autoridades registram não mais de 4,5 milhões. Triplicou o número de estrangeiros desempregados vivendo à custa da Previdência e abriu uma exceção para os estrangeiros que desejem se educar, integrar e mostrar seu amor pela França. Só não explicou como, já que a plataforma de seu partido nega aos filhos dos imigrantes o acesso ao ensino gratuito.

No plano pessoal, negou ser rico e mentiu ao afirmar que não declarou Imposto de Renda como possuidor de grande fortuna, uma declaração reservada a quem tem patrimônio superior a 3,5 milhões de francos (na verdade ele o fez de 1981 até o ano passado). E, num lance único de demagogia, propôs a suspensão da cobrança do Imposto de Renda pelos próximos cinco anos, caso seu partido chegue ao Governo. Como arranjar dinheiro para fazer o país funcionar? Economizando, respondeu vagamente.

As sondagens feitas depois do programa, usando um grupo de espectadores escolhidos ao acaso e com terminais de computador em casa, mostraram que, em vez de perder terreno ante as acusações, Le Pen na verdade saiu do programa como um nome nacional. E isso à custa da direita, atacando mais Giscard D'Estaing e Jacques Chirac — os quais chegou a chamar de "socialistas rasteiros" — do que os socialistas e a esquerda. Sua estratégia é clara. Na direita que ele irá buscar seus votos e muitos vêem nisso uma manobra socialista. Embora alguns, como os comunistas, considerem perigoso liberar tais forças na França.

Mas o fato é que elas existem e, em sua simplificação radical, Le Pen joga mais com as paixões do que com a razão. Se, por um lado, 50% dos franceses parecem considerar Le Pen um perigo para a democracia, outros 35% acham suas soluções políticas convincentes e um total nada desprezível de 33% considerou que ele tem capacidade para governar.

É inquietante ouvir na França, ainda que minoritários, os ecos de uma extrema-direita que colaborou com os nazistas na 2ª Guerra Mundial, chegou ao terrorismo na luta contra a independência da Indochina e da Argélia, e tudo em nome de um patriotismo que tem muito da forma e do conteúdo de movimentos como a nossa TFP (Tradição, Família e Propriedade).

O que os franceses têm ouvido de Le Pen e da Frente Nacional é um discurso racista que promete mandar alguns milhões de estrangeiros para casa, acabando com o perigo mortal que se abate sobre a França aberta aos quatro ventos. Le Pen promete também uma nova era de prosperidade para a França, uma França que — em sua versão — não teria negros ou árabes nas ruas da Capital, mas, por outro lado, não admitiria sequer discutir problemas como o da reivindicação dos polinésios à sua independência.

Jean-Marie Le Pen

Guerra civil de 6 anos já matou 60 mil em El Salvador

Léo Schlafman

— Nossa intenção é converter cada estrada num rio de sangue, cada pedra numa mina e cada helicóptero num caixão.

Quem disse esta frase, há poucas semanas, foi o comandante Joaquín Villalobos, o líder da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, uma organização que congrega os cinco grandes grupos guerrilheiros que lutam desde 1979 pela tomada do poder em El Salvador.

El Salvador é o menor país da América Central. Tem 21 mil quilômetros quadrados, 4,7 milhões de habitantes e um PIB de 3,2 bilhões de dólares, que é menos da metade do que o INPS brasileiro gasta por ano com os aposentados. Mas é, depois da Nicarágua, a segunda preocupação política dos Estados Unidos na região. Para deter o avanço da guerrilha, que já controla um terço de El Salvador, e para manter o país em funcionamento, os Estados Unidos despejam uma ajuda econômica e militar de mais de 1 milhão de dólares por dia.

Limpo e sujo

Há um ano, o Presidente José Napoleón Duarte e os guerrilheiros se encontraram numa pequena cidade da montanha, La Palma, para tentar um acordo que levasse à paz, depois de cinco anos de uma guerra civil que já provocou de 50 mil a 60 mil mortes. Diálogo impossível. Hoje, um ano depois, para provar que o jogo não tem regras, e é jogado tanto de maneira limpa como de maneira suja, os guerrilheiros conservam em seu poder a filha do Presidente Napoleón Duarte, seqüestrada, e o Presidente, inseguro, mandou todo o resto da família para os Estados Unidos. A tentativa de humanizar a guerra, submetendo-a à Convenção de Genebra, fracassou.

Thomas Pickering, Embaixador americano em El Salvador até junho deste ano, costumava afirmar que não existe solução militar à vista para o conflito salvadorenho. A Embaixada americana, atacada 11 vezes, era conhecida como "Thomas Bunker". Os guerrilheiros contam com mais de 12 mil combatentes e duas bem treinadas e experientes brigadas de elite que se dedicam a ocasionais ataques de efeito e a emboscadas para manter os 40 mil soldados governamentais bem espalhados. A proporção de guerrilheiros para soldados é de 1 para 4. O serviço secreto americano acha que o Governo precisa de uma vantagem de 10 para 1 para conseguir uma vitória militar.

A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional parece estar se preparando para uma longa guerra, pelo menos até o final do Governo Reagan. Até lá, a situação fica empatada, pois nem a guerrilha consegue vencer o Exército, nem o Exército consegue vencer a guerrilha, e nenhum dos dois imagina que possa ser derrotado pelo outro.

As 14 Grandes

O impasse militar perpetua uma situação social e econômica que não se criou agora. El Salvador, passando por ditaduras e Governos eleitos, vem sendo, na verdade, governado por um punhado de famílias cafeeiras e de banqueiros, chamadas de "as 14 Grandes", desde que os espanhóis deixaram o país há 140 anos. Hoje, a guerra civil adicionou uma nova dimensão ao horror num país onde a violência faz parte da vida quotidiana, é banalizada, como no Líbano. Nos hospital militar de San Salvador, a maioria dos soldados atendidos é de mutilados não nos combates, mas em campos minados. Só nos quatro primeiros meses deste ano 219 soldados e 44 civis perderam um dos membros em explosão de minas.

Os guerrilheiros, segundo informa o próprio Joaquín Villalobos, instalaram centenas de minas na região Leste, na fronteira com Honduras, nas províncias de Chalatenango, Cabañas, Morazán, La Unión e San Miguel, onde se concentram os combates. As minas, simples, são compostas de latas cheias de explosivos plásticos e pedaços de metal. O Exército também utiliza minas e explosivos camuflados em suas operações de contra-insurgência.

A Igreja afirma que desde dezembro o Exército tem colocado minas e explosivos nas proximidades das fontes de água e em casas já utilizadas por guerrilheiros ou seus partidários civis. São uma arma terrível, empregada por ambos os lados, uma boa maneira de atacar o inimigo, mas que não distingue entre civis e militares.

Dos 60 mil mortos desde o início, em 1979, da guerra civil, boa parte foi assassinada por grupos paramilitares, de direita ou de esquerda. O grupo Tutela Legal, da Igreja Católica, de defesa dos direitos humanos, calculou que no ano passado 800 pessoas foram mortas a cada mês pelos Esquadrões da Morte, de direita. O terrorismo de direita diminuiu depois da eleição para a Constituinte em 1982, mas ressurgiu depois. Qualquer pessoa suspeita de ser simpatizante da revolução é um alvo potencial. Nem altas patentes escapam. Em dezembro de 1983, Amilcar Martínez, terceiro funcionário na hierarquia do Ministério do Exterior, foi agarrado por civis armados ao sair de casa, e sumiu.

Esquadrões da Morte

Os regimes militares dos anos 70 foram repressivos, mas após o golpe militar de 79 contra o Presidente Carlos Humberto Romero a repressão adquiriu novo significado. "Uma coisa é os Esquadrões da Morte perseguirem centenas de camponeses num decênio; outra é matar mais de 12 mil pessoas num ano, como aconteceu em 1981", comentou um analista político. O símbolo desta era de extrema violência é o major reformado Roberto D'Aubuisson, ex-oficial da Guarda Nacional, mandado para a reserva por tentativa de golpe contra a Junta que assumiu o poder em 1979. Considera-se a "direita pura e dura", visceralmente anticomunista. Seu partido, Arena, recruta militantes entre a pequena-burguesia, os comerciantes e os homens de negócios. Uma frase que lhe é atribuída:

— Não necessitamos dos americanos, mas provavelmente pediremos a eles que nos dêem seu **napalm** para acabar com os comunistas.

Um ex-Embaixador americano em El Salvador, Robert White, ao depor no Congresso americano, respondeu quando lhe pediram opinião sobre D'Aubuisson:

— É um assassino psicopata.

D'Aubuisson, candidato derrotado na eleição presidencial de 82, chegou a presidir a Assembléia Nacional, onde agora ocupa apenas uma cadeira de deputado. É tido como o líder dos Esquadrões da Morte.

Os três tipos de luta

Lydia Chávez, do **New York Times**, distingue três tipos de luta, paralelas, no complicado panorama salvadorenho: nas cidades, nas províncias do Oeste (luta clássica dos camponeses e índios contra a exploração secular) e nas províncias do Leste (parte de cima, na fronteira com Honduras, predomínio da guerrilha).

Em San Salvador, a capital, reina uma calma aparente. Perto do aeroporto, fazendeiros carregando porcos nos ombros seguem em direção aos campos de milho e aos vinhedos. Nos bairros de classe média, há bicicletas nos quintais das casas e adolescentes passeiam com **walkman** da Sony e carros Toyota pelas ruas. De repente, um tranqüilo estacionamento de hotel se transforma em alojamento de Esquadrões da Morte. Um caminho ladeado por pinheiros numa universidade se torna cenário de assassínio. Uma margem de rio se transforma em sepultura de camponeses assassinados.

As ruas são movimentadas apenas de dia. No final da tarde, as pessoas só saem do trabalho para casa, os ricos em carros à prova de bala e os pobres em ônibus ou a pé. Os salvadorenhos dispensam cada vez mais as empregadas domésticas: elas falam, e poderiam estar a serviço da esquerda ou da direita. Os projetos imobiliários praticamente pararam: a construção de muros em volta das casas dos ricos é um dos poucos empregos restantes na área da construção.

"La Matanza"

As províncias do Oeste (Usulatán, San Vicente, La Paz, La Libertad, Santa Ana...) praticamente ficam fora do raio de ação das guerrilhas. Nas plantações de café dos planaltos do Oeste os camponeses, de forte componente étnico indígena, se organizaram em 1932, sob a liderança de um jovem chamado Augustín Farabundo Martí, e exigiram salário melhor. Os proprietários de terra chamaram a tropa federal. Farabundo Martí foi preso e executado. Em pouco mais de uma semana 30 mil camponeses foram massacrados, episódio até hoje lembrado como **La matanza**.

Traumatizados, os índios do Oeste deixaram de participar da vida nacional. Vivem reclusos, já não usam as vestes indígenas típicas, abandonaram certos rituais. O nahuatl, uma das línguas indígenas, só é falado longe dos estrangeiros. Os camponeses do Oeste apóiam os partidos mais conservadores em eleições, como os proprietários da terra querem. Por ironia, o Oeste forneceu ao Leste o seu grande herói, o seu símbolo: Farabundo Martí.

Boa parte das províncias do Leste está nas mãos da guerrilha de esquerda. Lá, a cidade tipicamente salvadorenha (praça central, com igreja, Prefeitura e fileiras de pequenas lojas) foi deformada pela guerra. Os colhedores de algodão deixaram de aparecer para comprar provisões. Desapareceram as mulheres com seus tabuleiros de **tortillas**. Em mais de 100 cidades as prefeituras foram destruídas ou cravejadas de tiros. Os padres foram embora.

Milho, arroz, feijão

De quinze em quinze dias os caminhões da Cruz Vermelha Internacional entram nas cidades para fazer vacinas e deixar sacos de milho, arroz, feijão. Os camponeses pararam de arar os campos numa distância de três quilômetros da fronteira das cidades. Muitos destes camponeses migraram para as capitais das províncias, para fugir da luta. E, daí, para San Salvador. Mais de 250 mil refugiados se registraram para receber do Governo cota de alimento. Mais de 30 mil moram em campos de refugiados.

O Governo não pode manter os serviços básicos, tribunal, transporte, escolas, nas cidades do Leste. Os insurgentes não mantêm o controle de uma cidade por tempo suficiente para demonstrar que tipo de serviços poderão proporcionar. O camponês, apanhado no meio, entre uma tomada e uma retomada, é obrigado a dar boas-vindas aos soldados e aos guerrilheiros, alternadamente.

A guerra civil, no seu atual contorno, começou com o golpe militar de 79. Mas sua origem remonta a 1970, quando se produziu uma cisão na esquerda, precipitada pela saída de Salvador Cayetano Carpio do Partido Comunista salvadorenho, linha Moscou, para formar seu próprio grupo de guerrilha. Desde então, até a formação da coalizão de cinco grupos guerrilheiros sob o guarda-chuva da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), a esquerda foi sendo dividida por uma série de acontecimentos.

O sonho renasceu

Até o sucesso da insurreição da Nicarágua, segundo comentou Shirley Christian no **New Republic**, os grupos revolucionários marxistas-leninistas da América Latina, com sua propensão para autocrítica e análises intermináveis, tinham apenas dois exemplos de como chegar ao poder. Um era Cuba, onde Fidel Castro, à frente de um pequeno grupo de guerrilha, tomou o Governo e parece destinado a durar para sempre. O outro era o Chile, onde a coligação dos socialistas de Salvador Allende com os comunistas chegou ao poder em 1970, por via eleitoral, mas foi derrubada três anos depois pelos militares. O exemplo chileno tornou os revolucionários marxistas céticos a respeito de eleições. E nos vinte anos que se seguiram à ascensão de Fidel Castro todos os que tentaram imitá-lo fracassaram: na Venezuela, Bolívia, Argentina, Uruguai, Guatemala. Em 1979, quando tudo deu certo para os sandinistas, o sonho renasceu.

Em El Salvador, os revolucionários não souberam reagir ao golpe de 1979 e nem tirar proveito do assassínio do arcebispo Oscar Romero, baleado quando rezava missa a 24 de março de 1980 (quatro dias depois, o Exército abriu fogo na multidão de fiéis que acompanhava o enterro, matando de 30 a 40 pessoas). Em 1981, já com apoio cubano e sandinista, a FMLN realizou uma "ofensiva geral", mas não conseguiu detonar a insurreição popular; o Exército pôde contê-la antes mesmo da assistência dos Estados Unidos.

O Partido Comunista salvadorenho diz descender diretamente de Farabundo Martí, que esteve com Sandino na Nicarágua. No início, os comunistas salvadorenhos seguiam a orientação de Moscou, de chegar ao poder por meios legais. Dentro desta orientação, infiltraram-se entre estudantes e operários, e fizeram algumas alianças eleitorais. Mas esta situação de calmaria desagradou a alguns membros do Partido, principalmente Salvador Carpio, antigo padeiro e ativista que se ligara ao PC em 1947 e chegou a secretário-geral em meados dos anos 60. Nos anos 50, Carpio passara algum tempo em Moscou, numa escola do Comitê Central. Em 69, em El Salvador, enfrentou uma grave divergência partidária porque queria pegar em armas. Foi contestado. Jorge Shafik Handal, filho de ricos imigrantes palestinos, tomou-lhe o lugar.

Sete pessoas

Enquanto Shafik Handal voltava a dar uma abordagem política aos problemas nacionais, Carpio saiu para formar o grupo Forças Populares de Libertação (FPL). A nova organização, em seu estatuto, acusava o PC de compactuar com o "oportunismo, revisionismo, reformismo burguês" e outros conceitos de direita. As FPL, segundo Carpio, começaram com apenas sete pessoas, sem dinheiro e sem armas.

Um ano depois surgiu o Exército Revolucionário do Povo (ERP), em conseqüência da união de ativistas universitários, entre eles Joaquín Villalobos e outros que deixaram o Partido Comunista. Quatro anos depois, em 1975, por causa de uma briga interna entre a "facção militar" e a "facção política", houve um expurgo sangrento no ERP e a criação de um outro grupo guerrilheiro, as Forças Armadas da Resistência Nacional (FARN), pelos sobreviventes derrotados. No processo, dois membros da facção derrotada, entre eles o líder Roque Dalton, foram condenados por uma corte marcial guerrilheira e executados. O lado vitorioso proclamou que Dalton era agente cubano, agente da CIA e revisionista. (Cinco anos depois, Ernesto Jovel, o novo líder das FARN, pouco antes de morrer na queda misteriosa de um avião no Pacífico, deu uma entrevista acusando Joaquín Villalobos de ter matado Dalton pessoalmente.)

Em meados dos anos 70, os guerrilheiros realizaram seqüestros em série em que arrecadaram 60 milhões de dólares. Em abril de 1979 o Partido Comunista aderiu à luta armada. Neste mesmo ano os militares também aderiram à luta armada e derrubaram o Governo do General Romero. Enquanto os militares faziam um pacto com os democratas-cristãos para formar um novo Governo e a direita se unia em torno do major D'Aubuisson, os grupos guerrilheiros, agora quatro, reuniram-se em Havana e formaram um diretório militar unificado. O quinto grupo guerrilheiro, Partido dos Trabalhadores da América Central, surgiu no final de 1980.

Moda Rommmel

Em 1983 se registrou na Nicarágua o episódio controverso da morte de Salvador Carpio. No dia 6 de abril, algumas pessoas entraram na residência de Melida Anaya, uma das dirigentes das FPL, e a mataram com 83 estocadas de furador de gelo, tendo depois cortado a veia jugular com uma faca. Carpio, que estava na Líbia, voltou dia 9, a tempo de ir diretamente para o funeral, numa praça quente e empoeirada dos arredores de Manágua. Uma semana depois, Tomas Borge, Ministro nicaragüense do interior (segundo a versão mais corrente, encampada pelo **New Republic**), foi à casa de Carpio, no subúrbio, e disse-lhe que seus agentes tinham prova de que ele é quem mandara assassinar Anaya porque ela procurava negociar um fim para a guerra de El Salvador, coisa que Carpio não queria. Borge teria coagido Carpio a escolher entre o suicídio e a revelação pública do assassínio. Carpio, em troca do silêncio, escolheu o suicídio, à "moda Rommel".

A partir daí a liderança da guerrilha salvadorenha passou para Joaquín Villalobos, ex-estudante de Economia, atualmente com 33 anos. Partidário de uma nova linha de conduta, Villalobos, que comanda o ERP, o maior dos grupos guerrilheiros, e também a própria FMLN, é um adepto da violência, mas também demonstrou ser capaz de negociar e fazer concessões. Numa longa emissão radiofônica, Villalobos, em nome de todos os grupos da FMLN, apresentou uma proposta para negociar um acordo com o Governo:

- uma nova ordem econômica e social, mas sem intenção de expropriar toda a propriedade privada;
- um Governo de três poderes, com eleições livres de verdade;
- um novo Exército nacional, formado por combatentes do Exército existentes e das organizações guerrilheiras;
- uma política exterior não-alinhada, mas reconhecendo a necessidade estratégica de manter boas relações com os Estados Unidos.

Os 55 assessores

Segundo o General americano Paul Gorman, se a Casa Branca duplicar a ajuda e assistência militar a El Salvador, o Governo poderá controlar 90% do território dentro de dois anos. Ou seja: ao invés do milhão de dólares diários destinados por Reagan, os Estados Unidos teriam de enviar 2 milhões de dólares diários. Os 55 assessores militares americanos destacados para El Salvador estão proibidos pelo Governo americano de operar em áreas onde haja possibilidade de combates. Em setembro de 1980 o então embaixador Pickering reconheceu que o Exército salvadorenho possuía estoques de bombas **napalm**, incendiárias. (Uma das exigências da oposição é o fim dos bombardeios concentrados que, um por dia em média, atingem a população civil). Os rebeldes afirmam ter havido 227 ataques aéreos em 1983; e 158 no primeiro semestre de 1984. Em junho de 84, os dois primeiros meses do Governo Napoléon Duarte houve 74 bombardeios concentrados. Napoléon Duarte assegura que a Força Aérea recebeu instrução de pedir autorização antes de qualquer ataque com risco de vida para os civis. Mas é difícil estabelecer o que é civil numa guerra como a salvadorenha, em que a esmagadora maioria dos 60 mil mortos é composta de não-combatentes.

O major D'Aubuisson, com outra das frases a ele atribuídas, resume bem a situação:

— A paz voltará a El Salvador, ainda que sejam necessários 100 mil mortos.

Radicais querem transformar Alfonsín em novo caudilho

Rosental Calmon Alves
Correspondente

Arquivo

Perón (E), com um Governo forte, deu estabilidade à Argentina: um estilo que Alfonsín pretende seguir

Buenos Aires — O Presidente Raúl Alfonsín espera que seu partido (União Cívica Radical — UCR) consiga uma ampla vitória nas eleições de 3 de novembro para renovação parcial do Congresso. Isso lhe garantiria uma administração mais confortável, sem as constantes obstruções parlamentares da Oposição. Dessa esperada vitória, contudo, depende também um projeto político mais amplo que visa a transformar o alfonsinismo numa espécie de substituto do peronismo e inclui uma reforma constitucional para permitir a reeleição do Presidente.

Afirma-se em meios políticos de Buenos Aires que sobre a mesa de Alfonsín repousa uma pasta com um título curto na capa: **3-MH**. Trata-se da sigla para uma expressão cada vez mais freqüente nas conversas em certos setores políticos argentinos: "Terceiro Movimento Histórico" ou "Terceiro Movimento Nacional". Este seria o novo movimento político na Argentina no caso de uma ampla vitória do Partido de Alfonsín nas próximas eleições. Uma possibilidade remota para uns mas, para outros, plenamente viável e capaz de atrair muitos peronistas descontentes.

A idéia é aproveitar a extraordinária popularidade do Presidente Alfonsín para criar um movimento político nacional, que abrigaria amplos setores do atual Partido Governista, a União Cívica Radial, e grande número de descontentes do Partido Justicialista (peronista) e de outras agremiações menos importantes.

Os entusiastas do "Terceiro Movimento" lembram que, historicamente, a Argentina só conheceu a estabilidade e o pleno desenvolvimento quando estava sob forte liderança popular. O primeiro movimento neste sentido foi liderado por Hipólito Yrigoyen, o fundador da União Cívica Radical. Depois, surgiu o General Juan Domingo Perón.

Alfonsín apareceria, portanto, como o terceiro caudilho deste século na Argentina, capaz de garantir estabilidade e a retomada do ritmo do crescimento perdido há pelo menos 30 anos. O mais paradoxal desse plano, porém, é que Alfonsín é confessadamente um político com ojeriza ao populismo e ao caudilhismo.

Essas idéias sobre o "Terceiro Movimento Histórico" despertaram logo críticas ferozes e desmentidos. Os adversários começaram a espalhar, por exemplo, que por trás desse projeto estaria o plano de se criar uma espécie de partido virtualmente único, como o PRI mexicano.

— Isso é uma infâmia, porque basta olhar a trajetória do radicalismo para se dar conta de que não há nada disso. Nós queremos apenas ser maioria, mas isso não é ser totalitário. Não há partido político que não aspire a ser majoritário — respondeu o Senador Edison Otero, um dos parlamentares mais próximos ao Presidente Alfonsín.

Na mesma entrevista, concedida dias atrás, o Senador não resistiu à tentação de comparar Alfonsín a Perón, ao ser indagado sobre a participação do Presidente na atual campanha dos radicais. O partido é criticado porque, em vez de citar os candidatos a deputado, pede votos para "dar maioria a Alfonsín no Congresso". O Senador Otero apontou incoerência nas críticas dos peronistas, lembrando que nunca viu melhores resultados do que os obtidos pelos peronistas quando diziam: "Apóie Perón votando nos seus candidatos."

De fato, Alfonsín é o maior líder popular surgido na Argentina desde Perón e sua ascensão coincide com a lenta decadência do peronismo, atualmente dividido em quatro bancadas no Congresso e em várias frentes nascidas de árduas lutas internas. Os alfonsinistas já iniciaram os contatos visando a aliciar grande número de peronistas para o caso de prosperar a idéia do Terceiro Movimento. Esses contatos foram facilitados pelo completo fracasso das tentativas dos peronistas renovadores para controlar seu Partido.

Além disso, há o tratamento especial que o Presidente Alfonsín tem dispensado a certos setores do peronismo, seja dialogando com o veterano líder sindical Lorenzo Miguel ou atraindo economistas peronistas para participar da elaboração do atual plano antiinflacionário. Também vale destacar que, desde o primeiro momento, Alfonsín tratou com respeito e honrarias especiais a ex-Presidenta Isabel Perón e acaba de destinar 270 mil dólares para reformar a casa deixada por Perón em Madri, que tinha sido confiscada pelo Governo militar e agora será devolvida a Isabelita. É claro que alguns líderes peronistas já começaram a reagir negativamente a essa tentativa que se ensaia em torno de Alfonsín.

— Nós vamos continuar lutando pelo Segundo Movimento, que é o de Juan Perón — disse esta semana Herminio Iglesias, direitista dirigente do peronismo que fez uma aliança com a extrema esquerda do Partido para controlá-lo. No entanto, adversário dos renovadores, Iglesias é o tipo do peronista que seria rechaçado se tentasse entrar no Terceiro Movimento.

Antes mesmo da definição sobre os passos concretos para o **3-MH**, a tese de reeleição do Presidente já está sendo falada ostensivamente, apesar de Alfonsín dispor de um mandato de seis anos, que terminará somente em 1989. O presidente do Partido Radical em Buenos Aires, Juan Manuel Casella, explicou que o problema só começará a ser analisado seriamente em 1986, mas revelou que se trabalha com duas hipóteses de mudança constitucional: reduzir o mandato para quatro anos, antecipando a reeleição para 1987, ou simplesmente permitir a reeleição em 1989.

— Sou consciente de que o espírito constitucional não prefere regimes presidenciais demasiadamente extensos, mas ante determinadas circunstâncias convém prolongar o mandato do primeiro mandatário. Desperdiçar a presença de uma figura política de inegável influência por um prurido constitucional não seria muito inteligente — argumenta o dirigente radical, advertindo que, se outro fosse eleito para o lugar de Alfonsín, o país poderia ver-se sob um duplo poder: um na Casa Rosada e outro fora, que seria Alfonsín.

Tanto a idéia do "Terceiro Movimento" como a da reeleição de Alfonsín dependem, fundamentalmente, da votação do dia 3 de novembro. As pesquisas indicam que ainda há um grande número de indecisos, mas as projeções tendem a prever que o partido de Alfonsín terá o dobro dos votos obtidos pelos peronistas. Se não avançarem sobre os indecisos, porém, os radicais terão menos votos do que na última eleição, o que tiraria parte do brilho da vitória.

Por isso mesmo, nestes últimos dias da campanha os radicais estão se lançando de corpo e alma. Segundo seus adversários, o Partido do Governo estaria gastando 10 milhões de dólares na propaganda eleitoral, mas os dirigentes radicais dizem que os gastos estão em torno de 5 milhões de dólares, o que não deixa de ser uma cifra elevada. Seus trunfos maiores, porém, são o fato de Alfonsín ter dado respostas satisfatórias até agora para os três principais problemas que preocupavam os argentinos: a paz com o Chile (o tratado sobre Beagle aprovado através de plebiscito), a questão dos direitos humanos (os ex-ditadores militares estão presos e sendo julgados publicamente) e a inflação (controlada nos últimos quatro meses pelo Plano Austral). Resta esperar a voz do povo, através das urnas.

Obituário

Rio de Janeiro

Nancy Lopes Dionízyo, 56, de câncer, em casa, Ipanema. Carioca, divorciada. Tinha um filho, José Carlos, e um neto, Pedro. Será sepultada às 9h no Cemitério São João Batista.

Walter Brandes, 58, de doença pulmonar obstrutiva, no Hospital Evangélico.

Alice Pinto Leite, 87, de caquexia, em casa, Jardim Botânico. Carioca, viúva de Hermínio Pinto Leite. Tinha dois filhos.

Caetano Mazzei Azzalini, 70, de infarto, em casa, Copacabana. Gaúcho, bancário aposentado. Casado com Helena Achutti Azzalini, tinha um filho.

Lauro Barroso Studart, 81, de embolia pulmonar, na Clínica Santa Marta. Cearense, médico. Casado com Alice Paranhos da Silva Studart, tinha dois filhos. Morava em Copacabana.

Jason Moreira Bastos, 76, de insuficiência respiratória, na Beneficência Espanhola. Carioca, casado com Maria de Lourdes Machado Bastos. Tinha um filho, morava em Ipanema.

Félix Gonçalves Moreira, 74, de edema pulmonar, na Clínica Pró-Cardíaco. Português, casado com Maria Teixeira Moreira. Tinha dois filhos, morava no Méier.

Francisco de Assis Gonçalves, 81, de insuficiência respiratória, no Sanatório Santa Teresa. Carioca, casado com Irene Nery Gonçalves. Morava no Centro.

Marília Ferreira dos Santos, 50, de câncer, no Hospital da Ordem 3ª da Penitência. Carioca, funcionária pública. Solteira, morava no Grajaú.

Celina Faria da Conceição, 93, de edema pulmonar, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, viúva de Theodomiro Cardoso Martins. Morava na Tijuca.

Jader Leite Vieira, 45, de edema cerebral, no Hospital do INAMPS do Andaraí. Carioca, pintor de parede. Solteiro, tinha um filho. Morava em Mangueira.

Wilson Santos, 60, de acidente vascular encefálico, em casa, Olaria. Sergipano, casado com Maria da Paz dos Santos. Tinha oito filhos.

Adelaide Senna, 72, de infarto, em casa, Sampaio. Carioca, solteira.

José Francisco de Oliveira, 38, de contusão craniana, no Hospital Cardoso Fontes. Carioca, solteiro.

Luiz Jorge, 78, de insuficiência respiratória. Português, viúvo.

José Duarte Xavier, 28, de fratura de crânio, em casa, Centro. Cearense, balconista. Casado com Raimunda de Oliveira Xavier, tinha um filho.

Vicente Renda, 81, de insuficiência respiratória. Italiano, viúvo. Tinha cinco filhos, morava em Cabo Frio.

Angelina da Silva Pinheiro, 81, de acidente vascular encefálico, no Hospital Evangélico. Carioca, tinha cinco filhos. Morava em São Cristóvão.

Hilário Pereira Baptista, 47, de insuficiência coronariana, no Hospital Miguel Couto. Carioca, motorista. Casado com Tânia da Silva Baptista, tinha dois filhos. Morava no Centro.

Eunice Alves dos Santos, 55, de acidente vascular encefálico, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, cabeleireira. Casada, morava no Centro.

Exterior

Madame Simon, 108, numa clínica de Bayonne, França. Atriz dramática e escritora, Pauline Penda — seu nome de batismo — nasceu em 3 de abril de 1877 e em 1900 estreava no teatro, em Bruxelas, numa obra de Henri Bataille. Sua primeira apresentação em Paris ocorreu dois anos depois no Teatro do Ginásio. Interpretou a **Comédia Francesa** e em 1930 publicou sua primeira novela, **A Desordem**. A partir de então consagrou-se como autora de novelas, obras teatrais e de recordações. Recebeu a Ordem Nacional do Mérito das Artes e das Letras e em 1960 ganhou o Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa. Jean-Jacques Gautier, da Academia Francesa, disse que Simon "era extraordinária, única, um fenômeno que tinha um imenso lugar na inteligência, no teatro, na novela, nas letras, na sociedade e na vida. Encarnou criaturas nefastas, heroínas de sonho. Inspirou a muitos autores e foi uma grande escritora de novelas. Não se repetirá nunca. O cenário artístico, a literatura, o espírito e a memória perderam uma personalidade insubstituível".

Stefan Askenase, 90, em Bonn, Alemanha Ocidental. Pianista de fama mundial, nasceu na cidade ucraniana de Lwow, então austro-húngara com o nome de Lemberg, que pertenceria mais tarde à Polônia e depois à Alemanha. Askenase estava realizando uma excursão desde o início deste mês percorrendo entre outras cidades Baden-Baden, Viena e Dusseldorf, num total de 40 concertos. Um dia antes de morrer apresentou se na sala Gurzenich de Colônia interpretando obras de Chopin. Tomou parte na Primeira Grande Guerra como oficial do Império Austro-Húngaro combatendo na frente italiana. Ao terminar a guerra, sem poder regressar à Polônia, foi para o Cairo, no Egito, transferindo-se em seguida para a Bélgica, onde obteve a cidadania belga e começou a lecionar piano, com uma cátedra no Conservatório. Durante a Segunda Grande Guerra, com a ocupação alemã, Askenase, que era judeu, teve de se esconder e em 1942 emigrou para a França. Em 1961 mudou-se para Bonn, onde radicou-se em definitivo.

Joseph Rosenstock, 90, em casa, na cidade de Nova Iorque. Ex-diretor da Orquestra Metropolitana de Nova Iorque, dirigiu óperas na Alemanha antes da guerra e no Japão. Nasceu na Polônia. Dirigiu a Filarmônica de Viena e estreou em Nova Iorque à frente da ópera alemã. Antes de se mudar para a Alemanha comandou a ópera de Mannheim. Obrigado a abandonar a Alemanha nazista por ser judeu, Rosenstock emigrou para Tóquio em 1936 e dirigiu a Filarmônica até o fim da guerra.

Campanha contra o lixo começa na Zona Sul com distribuição de sacos

Motoristas de ônibus, motoqueiros e até os banhistas, mais interessados em aproveitar o lindo dia de sol, com praias cheias, água morna e temperatura a 28 graus, foram surpreendidos ontem de manhã com a distribuição de 100 mil sacos plásticos por 80 garis-mirins nas praias da Zona Sul, como parte da campanha da Comlurb denominada **O Rio Contra o Lixo**.

As reações foram as mais diversas. Alguns pegaram o pequeno saco plástico com as instruções para o uso e olharam curiosamente; outros, guardaram por achar "bonitinho"; os desconfiados, simplesmente recusaram por achar que teriam de pagar. Por causa disso, os garis-mirins faziam uma espécie de apelo à população, principalmente aos motoristas: "Pode pegar moço, é de graça", como dizia Celso Santos Barbosa, 16 anos, na Avenida Atlântica em frente à Rua Siqueira Campos.

A campanha da Comlurb começou no início do mês com a instalação de milhares de novas caixas coletoras por toda a cidade. Mas foram os saquinhos, distribuídos por jovens do setor de limpeza de praias, que recebeu os maiores elogios. Até infratores, como Silvana Guimarães, sentada na areia em frente à Rua Figueiredo Magalhães ao lado de seu cachorro, um pastor-alemão, prometeram colaborar.

AMELIA MOUTINHO ANTUNES OLIVEIRA
7º DIA

✝ Sua família confortada pela certeza da feliz Ressurreição convida para a Missa de 7º Dia que será celebrada dia 23, 4ª feira, às 10:30 horas na Igreja São Paulo Apóstolo.

RENATO DE ALMEIDA
Ex-Procurador Geral do IAPAS

✝ Maria Itana Almeida de Souza, família e amigos, comunicam com grande pesar, o falecimento de seu querido filho e amigo RENATO DE ALMEIDA, e convidam para a Missa de 7º Dia, que será celebrada no dia 22 de outrubro, às 10:30 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Ilha Grande/Angra dos Reis — Foto de Delfim Vieira

Os recapturados xingaram os PMs e um deles foi ferido de raspão com um tiro na testa

PM recaptura cinco presos fugitivos da Ilha Grande

J. Paulo da Silva

A Polícia Militar recapturou ontem cinco dos oito presos que fugiram do presídio da Ilha Grande e estavam escondidos no mato há 15 dias. Xingando os policiais que os prenderam, os fugitivos foram embarcados em um caminhão. Pouco depois, soube-se que um deles foi atingido por um tiro de raspão na testa pelo PM Benvindo, que tinha sido agredido, conforme versão da Polícia Militar.

As informações são divergentes, e o clima na Ilha Grande é de tensão e medo. O diretor do Instituto Penal Cândido Mendes, Major da PM Paulo Bernardes da Cunha, informa que três fugitivos estão escondidos na mata, mas admite que possa haver mais: os soldados do Destacamento da PM asseguram que são cinco e os moradores, que se armaram, garantem que pelo menos 15 presos foragidos estão escondidos, esperando oportunidade de nova investida: invadir casas, seqüestrar as pessoas e fugir com suas embarcações para chegar ao continente. Dois casos de fuga com seqüestro foram registrados nos últimos 15 dias, na Ilha Grande.

— Não temos meios de evitar as fugas — confessou o Major Cunha. De acordo com informações de alguns de seus auxiliares — que criticam a sua administração, mantendo-se no anonimato — o militar teria perdido o controle do presídio, atualmente com 720 internos, a maioria do **Comando Vermelho** — um grupo que controla a população carcerária e promove fugas. O presídio está em crise: o vice-diretor, Capitão da PM Conrado Queirós, pediu exoneração do cargo "por não suportar o clima na penitenciária". O mesmo fez o chefe da segurança, Moiséis Alves de Almeida e seu assistente, Carlos Alberto.

Providências

Devido à "situação insustentável" que se estabeleceu na Ilha Grande, a presidente da Associação de Moradores e Amigos da Ilha Grande, Laurinda Peixoto, está redigindo carta ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra, pedindo solução para o problema. Segundo Laurinda, os fugitivos escondidos na mata tornam-se uma ameaça aos moradores, que basicamente vivem da pesca. Os pescadores, com medo, não estão trabalhando, porque temem serem seqüestrados.

— Isso está prejudicando a maior fonte de renda da Ilha Grande, que é a pesca — assegurou Laurinda. Contou também que o clima entre os moradores é de tanto medo que muitas crianças não estão indo à escola e, quando vão, seus pais as acompanham, armados.

Embora não tenha admitido que o presídio está em crise, o Major Cunha revelou que, devido às fugas, a maioria das 102 praias da Ilha Grande está cercada. Soldados da PM e guardas do próprio presídio fazem a segurança dos moradores, sobretudo nos fins de semana, quando aumenta o número de pessoas na Ilha Grande.

O Major Cunha reclamou da falta de recursos para melhorar o presídio, praticamente destruído, com as celas depredadas, quase em ruínas. Explicou que as fugas, dessa forma, são inevitáveis. Informou que há apenas 130 guardas penitenciários, muitos dos quais estão em regime de férias, o que não é suficiente para vigiar todos os 720 internos. Alguns presos de bom comportamento trabalham livremente e, quando podem, fogem para o mato, onde esperam oportunidade de arranjar um barco para chegar ao continente.

Mas, enquanto o militar explica e lamenta as condições do presídio, toda a Ilha Grande ainda comenta, assustada, os dois casos de fuga de presos com seqüestro, ocorrido nos últimos 15 dias. A primeira investida foi no Sítio do Lobo, próximo à Praia do Abraão, a mais povoada da Ilha.

O sítio pertence ao empresário José Serrado. No sábado passado, ele e a mulher, Julia, promoviam um churrasco para um casal amigo, quando inesperadamente o fugitivo apareceu e dominou uma das visitas, D. Luisa, com uma faca. Ameaçando matá-la, o bandido — o diretor não soube dizer o eu nome — obrigou José Serrado a entrar em sua lancha, a **For Men**, e, mantendo D. Luisa como refém, embarcou e determinou que o levasse até Mangaratiba, onde fugiu depois de ironicamente agradecer o **passeio**.

— Foi tudo muito rápido e nós não pudemos fazer nada — lembra o caseiro do Sítio do Lobo, Décio da Costa. Ainda assustado, Décio protege, agora, sua mulher, Sueli, e seis filhos com uma espingarda calibre 12.

— Tenho de ficar prevenido. Tem mais presos no mato e pode aparecer outro por aqui — comentou. Décio, além de caseiro do Sítio do Lobo, vive da pesca como muitos outros homens da Ilha Grande. Mas, devido ao que aconteceu com seu patrão e a informação de que muitos presos estão escondidos na mata, acha que não dá para trabalhar. "E minha mulher e as crianças?"

Seqüestro e fuga

Os moradores também lembram com detalhes a tentativa de fuga de oito presos, depois de seqüestrarem o funcionário do Banco do Brasil, Sérgio Barcellar Vahia de Abreu e seu veleiro. Sérgio foi pego de surpresa pelos oito fugitivos que chegaram ao veleiro, — que estava na praia do Abraãozinho — em um bote.

Armados de facas e estoques, os fugitivos determinaram que os levassem também a Mangaratiba, mas foram vistos por pescadores que chamaram os guardas do presídio. A lancha do presídio estava avariada, mas, graças a um veranista, proprietário de um iate, os presos foram recapturados.

— Foi uma loucura. Eram oito contra um e meu pai não pôde fazer nada. Se os policiais não chegassem, os presos teriam conseguido fugir — comentou Fernanda Vahia, filha de Sérgio.

— Isso sempre existiu na Ilha e sempre vai existir — reagiu o diretor do presídio, Major Cunha, depois de ouvir o relato do pescador Décio da Costa.

— Mas é preciso fazer alguma coisa para acabar com isso, diretor. A população não pode viver dessa forma, em pânico — retrucou Laurindo Peixoto, da Associação dos Moradores e Amigo da Ilha Grande, que é a favor da desativação do Instituto Penal Cândido Mendes, "para evitar que esse povo viva dessa forma."

A situação da Ilha Grande — distrito do município de Angra dos Reis, reflete entre os políticos, sobretudo os que, segundo as pesquisas locais, estão com a maioria dos votos: José Luís Rezeck (PFL); Arthur Jordao (PMDB) e Jorge Elias (PDT). Eles criticam a situação da Ilha Grande e alguns responsabilizam o Prefeito de Angra dos Reis, João Luís (PDS).

Recapturados

Ontem, cinco presos que estavam na mata foram recapturados: Nélio Torres de Souza, Gregório Cristiano Dias, Mário Luís da Silva, João José de Santana e Pedro Ribeiro.

Durante o embarque em um caminhão da PM os presos estavam irritados e xingaram os PMs que os escoltavam e os jornalistas. Horas depois, chegou a notícia, confirmada pelo Major Cunha, de que um deles, Mário Luís da Silva, havia sido baleado com um tiro de raspão na cabeça.

— Ele agrediu o soldado Benvindo e o PM sacou da arma e atirou — justificou o Major Cunha. O episódio teria ocorrido enquanto ele estava sendo entrevistado pelos jornalistas. A notícia, contudo, chegou ao conhecimento do Major Cunho durante uma discussão com o advogado Jair Areias, ao qual o diretor do presídio acusou de não dar boa assistência jurídica aos presos, embora receba do Estado para isso.

— Eu atendo cinco casos por semana, senhor diretor — disse o advogado Jair. E continuou: "Enquanto o senhor está aqui, não está vendo o que está acontecendo no presídio: Um soldado da PM deu um tiro na cabeça de um preso graciosamente" — disse, revoltado, o advogado, lamentando que deveria dar voz de prisão ao soldado, por tentativa de homicídio, de acordo com o Artigo 121 do Código Penal.

Após a discussão e a saída do advogado, o Major Cunha informou que vai pedir a exoneração do assistente jurídico. "Ele não serve para trabalhar comigo", disse.

Além das constantes fugas, os moradores reclamam também das regalias de que gozam alguns presos, a exemplo do traficante José Carlos dos Reis Ensina, o **Escadinha**. Segundo Laurinda, **Escadinha** é visto passeando pela Ilha Grande, embora o Major Cunha negue.

— É por isso que as famílias estão armadas. Todo mundo está com medo — disse Laurinda e lembrou um caso, ocorrido há dois anos, quando um preso invadiu a casa do engenheiro Carl Vieira de Melo, na Praia de Iguaçu. A mulher de Carl, Romilda de Melo, matou o preso Luís Fernando Mata Maciel quando ele e mais quatro fugitivos tentaram dominar o engenheiro para fugir com sua lancha.

PM mata autores de seqüestro

Momentos após terem seqüestrado na Barra da Tijuca o engenheiro Paulo Maciel e sua namorada, a estudante de Direito Maristela Garrido, os ladrões Jorge Gomes Vieira, 29 anos, e Álvaro Araújo Pereira, 31, foram perseguidos e mortos em tiroteio com a polícia, na Taquara, em Jacarepaguá.

Os assaltantes ocupavam o carro do engenheiro, o Passat YU-2005, e Paulo e Maristela para evitar os tiros, permaneceram abaixados no banco traseiro. Uma patrulha levou os assaltantes para o Hospital Cardoso Fontes, onde morreram na sala de operações.

AMEAÇA

Na 32ª DP (Jacarepaguá), Paulo contou ao delegado Joel Carneiro que o seqüestro ocorreu na Avenida Sernambetiba, quando conversava com Maristela dentro do carro. A princípio, pensou em reagir, mas desistiu quando viu o outro assaltante com o revólver encostado na cabeça da moça. Com violência, foram colocados no banco traseiro. Jorge Gomes dirigiu o carro.

Um outro casal, que conversava dentro de um Chevette, comunicou o seqüestro à polícia e o Centro de Controle e Operações da Polícia Militar mobilizou todas as patrulhas de serviço na área. Segundo o engenheiro, os ladrões disseram que iam levá-lo com Maristela para a Cidade de Deus, onde seriam mortos se não entregassem dinheiro e jóias.

A radiopatrulha 54-0434, com o cabo Silva e o soldado Rosiel, localizou o Passat na Rua André Rocha e deu início à perseguição. Em velocidade e atirando na viatura policial, os assaltantes rumaram para a Estrada do Tindiba e depois para a Avenida Nélson Cardoso e a Estrada do Cafundá. Na Rua Iguatiá, na Taquara, a patrulha conseguiu ultrapassar o Passat, obrigando Jorge Gomes a parar.

Os PMs abandonaram o veículo porque um dos tiros estilhaçou o pára-brisa dianteiro da patrulha. Jorge Gomes levou o primeiro tiro e Álvaro Araújo foi atingido quando soltou do carro e tentou fugir correndo. Com tiros na cabeça, tórax e nas costas os dois foram levados ao hospital, onde morreram.

Paciente do transplante não melhora

A situação do escrevente juramentado Joaquim Domingos da Silva, de 50 anos, primeiro paciente a sofrer transplante de coração no Rio, mantém-se estável, sem alterações que possam significar melhora ou piora do estado grave em que se encontra depois de ter sofrido parada cardiorrespiratória terça-feira última, no Hospital dos Servidores do Estado.

O boletim médico de ontem afirma que "não houve alterações no quadro neurológico nas últimas 24 horas. Pressão arterial e pulsos mantidos. O estado do paciente continua grave". Assinou o boletim o médico Allan Tonassi Pascoal, cirugião cardíaco.

BARTOLOMEU SIQUEIRA CAVALCANTI PESSÔA DE MELLO
(MISSA DE 7º DIA)

✝ SUELY, JACQUELINE, MARIA HELENA, POMPÉIA, FREDERICO, FERNANDO e demais parentes agradecem as manifestações de pesar e convidam para a Missa de 7º Dia do querido e inesquecível BARTHÔ a ser celebrada 2ª feira, 21/10/85 às 10:30 horas, na Igreja S. Paulo Apóstolo à Rua Barão de Ipanema 85 — Copacabana.

BETH BICALHO
(MISSA DE 7º DIA)

✝ Mãe, irmãos, filhos, tios e sobrinhos, comunicam o falecimento e convidam para a Missa de 7º Dia a ser realizada dia 21/10 (segunda-feira) às 18:30 h na Igreja de São Paulo Apóstolo à Rua Barão de Ipanema, 85 — Copa.

Loteria Federal

A extração 2.202 da Loteria Federal premiou ontem o bilhete nº 14.025, vendido em São Paulo, com Cr$ 300 milhões. Os demais prêmios foram: 06.249 (SP), Cr$ 40 milhões; 72.372 (SP), Cr$ 20 milhões; 30.137 (RJ), Cr$ 15 milhões; 36.522 (SP), Cr$ 8 milhões 500 mil.

O milhar 4.025 paga Cr$ 935 mil; o milhar 6522, Cr$ 106 mil; os milhares 0137, 2372 e 6249 pagam Cr$ 80 mil; a centena 025 paga Cr$ 130 mil; as centenas 205 e 522 pagam Cr$ 76 mil; as centenas 052, 137, 249, 250, 372, 502 e 520 pagam Cr$ 50 mil; a dezena 25 paga Cr$ 50 mil; a 22, Cr$ 52 mil; as dezenas 23, 24, 26, 27, 28, 37, 49 e 72 pagam Cr$ 26 mil; a unidade final do primeiro prêmio — 5 — paga Cr$ 26 mil.

Tempo

Satélite — GOES — INPE — Cachoeira Paulista (19/10/85) 18 horas

A frente fria que ontem estava no litoral da Argentina, deslocou-se para o Rio Grande do Sul e já ocasiona nebulosidade e chuva. Os demais estados da Região Sul também passarão a instável a partir de hoje.

A massa de ar tropical que predomina na Região Sudeste contribui para elevar a temperatura e provocar pancadas de chuvas passageiras em alguns estados.

Nas demais regiões do país o tempo varia de bom com nebulosidade a possibilidade de chuvas isoladas no Amazonas e litoral do Nordeste.

No Rio e em Niterói

Claro a parcialmente nublado. Pancadas e trovoadas isoladas na madrugada e ao entardecer. Temperatura em ligeira elevação. Ventos Norte/Noroeste a Sudeste fracos a moderados. Visibilidade boa a moderada. A máxima de ontem foi de 33.0, em Realengo, e a mínima, 18.4, no Alto da Boa Vista.

Precipitação das chuvas em mm	
Últimas 24 horas	0.0
Acumulada no mês	32.9
Normal mensal	74.0
Acumulada no ano	1.323.9
Normal anual	1.075.8

O Sol	Nascerá às	05h16min
	Ocaso às	17h58min
O Mar	Preamar	Baixamar
Rio	11h27min/1.0m	02h29min/0.4m
	18h41min/0.9m	15h27min/0.7
Angra	05h17min/1.0m	01h43min/0.4m
	10h27min/1.0m	20h09min/0.6m
Cabo Frio	08h56min/0.9m	00h47min/0.3m
	16h34min/0.8m	—

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 20 graus. Banhos liberados.

A Lua

Nova — Até hoje
Crescente — 21/10
Cheia — 28/10
Minguante — 05/11

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
RO:	nub temp estável	29.6	23.6
AM:	nub	32.2	22.9
AP:	nub	24.4	25.2
PA:	pte nub	31.4	21.6
MA:	pte nub	30.5	24.9
PI:	pte nub	—	—
CE:	clr	30.6	25.0
RN:	nub c/chvs	—	—
PB:	nub	30.4	24.6
PE:	nub	29.7	21.0
AL:	nub	—	21.8
SE:	nub	28.0	23.3
BA:	nub	27.6	22.2
ES:	pte nub	27.1	21.4
MG:	pte nub	29.8	17.0
DF:	clr	27.8	15.4
SP:	pte nub	32.3	18.6
PR:	nub	29.2	16.4
SC:	instável	22.6	19.5
RS:	instável	30.5	19.4
AC:	nub	—	—
RO:	pte nub	—	—
GO:	clr	32.4	18.1
MT:	nub	33.0	24.2
MS:	pte nub	30.6	20.6

No Mundo

Atenas	nublado	18	12
Berlim	nublado	14	06
Bogotá	nublado	18	06
Buenos Aires	chuvoso	19	13
Caracas	claro	27	19
Jerusalém	chuvoso	19	12
Havana	nublado	28	25
Lima	nublado	19	14
Lisboa	nublado	24	14
Londres	nublado	15	10
Los Angeles	nublado	25	19
Madri	claro	25	10
México	nublado	24	11
Montevidéu	nublado	18	13
Moscou	nublado	05	00
Nova Iorque	nublado	18	10
Paris	claro	15	09
Pequim	nublado	17	04
Roma	claro	21	03
Santiago	claro	23	10
Tóquio	claro	19	11

MOYSÉS WELTMAN Z'L
SHLOSHIM (30 DIAS)

A família convida para a Haskará de Shloshim (30 dias) em sua memória, que será realizada no dia 21 de outubro, segunda-feira, às 20h30min, na Sinagoga Kehilat Yakov - Rua Capelão Álvares da Silva, 15 - Bairro Peixoto, Copacabana.

MOYSÉS WELTMAN Z'L
SHLOSHIM (30 DIAS)

A Rede Manchete e Bloch Editores convidam para a Haskará de Shloshim (30 dias) em sua memória, que será realizada no dia 21 de outubro, segunda-feira, às 20h30min., na Sinagoga Kehilat Yakov - Rua Capelão Alvares da Silva, 15 - Bairro Peixoto, Copacabana.

MOYSÉS WELTMAN Z'L
SHLOSHIM (30 DIAS)

A ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA DO RIO DE JANEIRO convida para a Haskará de Shloshim (30 dias), cerimônia religiosa em memória de seu colaborador MOYSÉS WELTMAN, que será realizada na 2ª-feira, dia 21 de outubro, às 20h30min., na Sinagoga Kehilat Yakov, à Rua Capelão Alvares da Silva, 15 - Bairro Peixoto, Copacabana.

Obituário

Rio de Janeiro

Nancy Lopes Dionizyo, 56, de câncer, em casa, Ipanema. Carioca, divorciada. Tinha um filho, José Carlos, e um neto, Pedro. Será sepultada às 9h no Cemitário São João Batista.

Walter Brandes, 58, de doença pulmonar obstrutiva, no Hospital Evangélico.

Alice Pinto Leite, 87, de caquexia, em casa, Jardim Botânico. Carioca, viúva de Hermínio Pinto Leite. Tinha dois filhos.

Caetano Mazzei Azzalini, 70, de infarto, em casa, Copacabana. Gaúcho, bancário aposentado. Casado com Helena Achutti Azzalini, tinha um filho.

Lauro Barroso Studart, 81, de embolia pulmonar, na Clínica Santa Marta. Cearense, médico. Casado com Alice Paranhos da Silva Studart, tinha dois filhos. Morava em Copacabana.

Jason Moreira Bastos, 76, de insuficiência respiratória, na Beneficência Espanhola. Carioca, casado com Maria de Lourdes Machado Bastos. Tinha um filho, morava em Ipanema.

Félix Gonçalves Moreira, 74, de edema pulmonar, na Clínica Pró-Cardíaco. Português, casado com Maria Teixeira Moreira. Tinha dois filhos, morava no Méier.

Francisco de Assis Gonçalves, 81, de insuficiência respiratória, no Sanatório Santa Teresa. Carioca, casado com Irene Nery Gonçalves. Morava no Centro.

Marília Ferreira dos Santos, 50, de câncer, no Hospital da Ordem 3ª da Penitência. Carioca, funcionária pública. Solteira, morava no Grajaú.

Celina Faria da Conceição, 93, de edema pulmonar, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, viúva de Theodomiro Cardoso Martins. Morava na Tijuca.

Jader Leite Vieira, 45, de edema cerebral, no Hospital do INAMPS do Andaraí. Carioca, pintor de parede. Solteiro, tinha um filho. Morava em Mangueira.

Wilson Santos, 60, de acidente vascular encefálico, em casa, Olaria. Sergipano, casado com Maria da Paz dos Santos. Tinha oito filhos.

Adelaide Senna, 72, de infarto, em casa, Sampaio. Carioca, solteira.

José Francisco de Oliveira, 38, de contusão craniana, no Hospital Cardoso Fontes. Carioca, solteiro.

Luiz Jorge, 78, de insuficiência respiratória. Português, viúvo.

José Duarte Xavier, 28, de fratura de crânio, em casa, Centro. Cearense, balconista. Casado com Raimunda de Oliveira Xavier, tinha um filho.

Vicente Renda, 81, de insuficiência respiratória. Italiano, viúvo. Tinha cinco filhos, morava em Cabo Frio.

Angelina da Silva Pinheiro, 84, de acidente vascular encefálico, no Hospital Evangélico. Carioca, tinha cinco filhos. Morava em São Cristóvão.

Hilário Pereira Baptista, 47, de insuficiência coronariana, no Hospital Miguel Couto. Carioca, motorista. Casado com Tânia da Silva Baptista, tinha dois filhos. Morava no Centro.

Eunice Alves dos Santos, 55, de acidente vascular encefálico, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, cabeleireira. Casada, morava no Centro.

Exterior

Madame Simon, 108, numa clínica de Bayonne, França. Atriz dramática e escritora, Pauline Penda — seu nome de batismo — nasceu em 3 de abril de 1877 e em 1900 estreava no teatro, em Bruxelas, numa obra de Henri Bataille. Sua primeira apresentação em Paris ocorreu dois anos depois no Teatro do Ginásio. Interpretou a **Comédia Francesa** e em 1930 publicou sua primeira novela, **A Desordem**. A partir de então consagrou-se como autora de novelas, obras teatrais e de recordações. Recebeu a Ordem Nacional do Mérito das Artes e das Letras e em 1960 ganhou o Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa. Jean-Jacques Gautier, da Academia Francesa, disse que Simon "era extraordinária, única, um fenômeno que tinha um imenso lugar na inteligência, no teatro, na novela, nas letras, na sociedade e na vida. Encarnou criaturas nefastas, heroínas de sonho. Inspirou a muitos autores e foi uma grande escritora de novelas. Não se repetirá nunca. O cenário artístico, a literatura, o espírito e a memória perderam uma personalidade insubstituível".

Stefan Askenase, 90, em Bonn, Alemanha Ocidental. Pianista de fama mundial, nasceu na cidade ucraniana de Lwow, então austro-húngara com o nome de Lemberg, que pertenceria mais tarde à Polônia e depois à Alemanha. Askenase estava realizando uma excursão desde o início deste mês percorrendo entre outras cidades Baden-Baden, Viena e Dusseldorf, num total de 40 concertos. Um dia antes de morrer apresentou se na sala Gurzenich de Colônia interpretando obras de Chopin. Tomou parte na Primeira Grande Guerra como oficial do Império Austro-Húngaro combatendo na frente italiana. Ao terminar a guerra, sem poder regressar à Polônia, foi para o Cairo, no Egito, transferindo-se em seguida para a Bélgica, onde obteve a cidadania belga e começou a lecionar piano, com uma cátedra no Conservatório. Durante a Segunda Grande Guerra, com a ocupação alemã, Askenase, que era judeu, teve de se esconder e em 1942 emigrou para a França. Em 1961 mudou-se para Bonn, onde radicou-se em definitivo.

Joseph Rosenstock, 90, em casa, na cidade de Nova Iorque. Ex-diretor da Orquestra Metropolitana de Nova Iorque, dirigiu óperas na Alemanha antes da guerra e no Japão. Nasceu na Polônia. Dirigiu a Filarmônica de Viena e estreou em Nova Iorque à frente da ópera alemã. Antes de se mudar para a Alemanha comandou a ópera de Mannheim. Obrigado a abandonar a Alemanha nazista por ser judeu, Rosenstock emigrou para Tóquio em 1936 e dirigiu a Filarmônica até o fim da guerra.

Ilha Grande/Angra dos Reis — Foto de Delfim Vieira

Os recapturados xingaram os PMs e um deles foi ferido de raspão com um tiro na testa

PM recaptura cinco presos fugitivos da Ilha Grande

J. Paulo da Silva

A Polícia Militar recapturou ontem cinco dos oito presos que fugiram do presídio da Ilha Grande e estavam escondidos no mato há 15 dias. Xingando os policiais que os prenderam, os fugitivos foram embarcados em um caminhão. Pouco depois, soube-se que um deles foi atingido por um tiro de raspão na testa pelo PM Benvindo, que tinha sido agredido, conforme versão da Polícia Militar.

As informações são divergentes, e o clima na Ilha Grande é de tensão e medo. O diretor do Instituto Penal Cândido Mendes, Major da PM Paulo Bernardes da Cunha, informa que três fugitivos estão escondidos na mata, mas admite que possa haver mais: os soldados do Destacamento da PM asseguram que são cinco e os moradores, que se armaram, garantem que pelo menos 15 presos foragidos estão escondidos, esperando oportunidade de nova investida: invadir casas, seqüestrar as pessoas e fugir com suas embarcações para chegar ao continente. Dois casos de fuga com seqüestro foram registrados nos últimos 15 dias, na Ilha Grande.

— Não temos meios de evitar as fugas — confessou o Major Cunha. De acordo com informações de alguns de seus auxiliares — que criticam a sua administração, mantendo-se no anonimato — o militar teria perdido o controle do presídio, atualmente com 720 internos, a maioria do **Comando Vermelho** — um grupo que controla a população carcerária e promove fugas. O presídio está em crise: o vice-diretor, Capitão da PM Conrado Queirós, pediu exoneração do cargo "por não suportar o clima na penitenciária". O mesmo fez o chefe da segurança, Moiséis Alves de Almeida e seu assistente, Carlos Alberto.

Providências

Devido à "situação insustentável" que se estabeleceu na Ilha Grande, a presidente da Associação de Moradores e Amigos da Ilha Grande, Laurinda Peixoto, está redigindo carta ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra, pedindo solução para o problema. Segundo Laurinda, os fugitivos escondidos na mata tornam-se uma ameaça aos moradores, que basicamente vivem da pesca. Os pescadores, com medo, não estão trabalhando, porque temem serem seqüestrados.

— Isso está prejudicando a maior fonte de renda da Ilha Grande, que é a pesca — assegurou Laurinda. Contou também que o clima entre os moradores é de tanto medo que muitas crianças não estão indo à escola e, quando vão, seus pais as acompanham, armados.

Embora não tenha admitido que o presídio está em crise, o Major Cunha revelou que, devido às fugas, a maioria das 102 praias da Ilha Grande está cercada. Soldados da PM e guardas do próprio presídio fazem a segurança dos moradores, sobretudo nos fins de semana, quando aumenta o número de pessoas na Ilha Grande.

O Major Cunha reclamou da falta de recursos para melhorar o presídio, praticamente destruído, com as celas depredadas, quase em ruínas. Explicou que as fugas, dessa forma, são inevitáveis. Informou que há apenas 130 guardas penitenciários, muitos dos quais estão em regime de férias, o que não é suficiente para vigiar todos os 720 internos. Alguns presos de bom comportamento trabalham livremente e, quando podem, fogem para o mato, onde esperam oportunidade de arranjar um barco para chegar ao continente.

Mas, enquanto o militar explica e lamenta as condições do presídio, toda a Ilha Grande ainda comenta, assustada, os dois casos de fuga de presos com seqüestro, ocorrido nos últimos 15 dias. A primeira investida foi no Sítio do Lobo, próximo à Praia do Abraão, a mais povoada da Ilha.

O sítio pertence ao empresário José Serrado. No sábado passado, ele e a mulher, Julia, promoviam um churrasco para um casal amigo, quando inesperadamente o fugitivo apareceu e dominou uma das visitas, D. Luisa, com uma faca. Ameaçando matá-la, o bandido — o diretor não soube dizer o eu nome — obrigou José Serrado a entrar em sua lancha, a **For Men**, e, mantendo D. Luisa como refém, embarcou e determinou que o levasse até Mangaratiba, onde fugiu depois de ironicamente agradecer o passeio.

— Foi tudo muito rápido e nós não pudemos fazer nada — lembra o caseiro do Sítio do Lobo, Décio da Costa. Ainda assustado, Décio protege, agora, sua mulher, Sueli, e seis filhos com uma espingarda calibre 12.

— Tenho de ficar prevenido. Tem mais presos no mato e pode aparecer outro por aqui — comentou. Décio, além de caseiro do Sítio do Lobo, vive da pesca como muitos outros homens da Ilha Grande. Mas, devido ao que aconteceu com seu patrão e a informação de que muitos presos estão escondidos na mata, acha que não dá para trabalhar. "E minha mulher e as crianças?"

Seqüestro e fuga

Os moradores também lembram com detalhes a tentativa de fuga de oito presos, depois de seqüestrarem o funcionário do Banco do Brasil, Sérgio Barcellar Vahia de Abreu e seu veleiro. Sérgio foi pego de surpresa pelos oito fugitivos que chegaram ao veleiro, — que estava na praia do Abraãozinho — em um bote.

Armados de facas e estoques, os fugitivos determinaram que os levassem também a Mangaratiba, mas foram vistos por pescadores que chamaram os guardas do presídio. A lancha do presídio estava avariada, mas, graças a um veranista, proprietário de um iate, os presos foram recapturados.

— Foi uma loucura. Eram oito contra um e meu pai não pôde fazer nada. Se os policiais não chegassem, os presos teriam conseguido fugir — comentou Fernanda Vahia, filha de Sérgio.

— Isso sempre existiu na Ilha e sempre vai existir — reagiu o diretor do presídio, Major Cunha, depois de ouvir o relato do pescador Décio da Costa.

— Mas é preciso fazer alguma coisa para acabar com isso, diretor. A população não pode viver dessa forma, em pânico — retrucou Laurindo Peixoto, da Associação dos Moradores e Amigo da Ilha Grande, que é a favor da desativação do Instituto Penal Cândido Mendes, "para evitar que esse povo viva dessa forma."

A situação da Ilha Grande — distrito do município de Angra dos Reis, reflete entre os políticos, sobretudo os que, segundo as pesquisas locais, estão com a maioria dos votos: José Luís Rezeck (PFL); Arthur Jordao (PMDB) e Jorge Elias (PDT). Eles criticam a situação da Ilha Grande e alguns responsabilizam o Prefeito de Angra dos Reis, João Luís (PDS).

Recapturados

Ontem, cinco presos que estavam na mata foram recapturados: Nélio Torres de Souza, Gregório Cristiano Dias, Mário Luís da Silva, João José de Santana e Pedro Ribeiro.

Durante o embarque em um caminhão da PM os presos estavam irritados e xingaram os PMs que os escoltavam e os jornalistas. Horas depois, chegou a notícia, confirmada pelo Major Cunha, de que um deles, Mário Luís da Silva, havia sido baleado com um tiro de raspão na cabeça.

— Ele agrediu o soldado Benvindo e o PM sacou da arma e atirou — justificou o Major Cunha. O episódio teria ocorrido enquanto ele estava sendo entrevistado pelos jornalistas. A notícia, contudo, chegou ao conhecimento do Major Cunho durante uma discussão com o advogado Jair Areias, ao qual o diretor do presídio acusou de não dar boa assistência jurídica aos presos, embora receba do Estado para isso.

— Eu atendo cinco casos por semana, senhor diretor — disse o advogado Jair. E continuou: "Enquanto o senhor está aqui, não está vendo o que está acontecendo no presídio: Um soldado da PM deu um tiro na cabeça de um preso graciosamente" — disse, revoltado, o advogado, lamentando que deveria dar voz de prisão ao soldado, por tentativa de homicídio, de acordo com o Artigo 121 do Código Penal.

Após a discussão e a saída do advogado, o Major Cunha informou que vai pedir a exoneração do assistente jurídico. "Ele não serve para trabalhar comigo", disse.

Além das constantes fugas, os moradores reclamam também das regalias de que gozam alguns presos, a exemplo do traficante José Carlos dos Reis Ensina, o **Escadinha**. Segundo Laurinda, **Escadinha** é visto passeando pela Ilha Grande, embora o Major Cunha negue.

— É por isso que as famílias estão armadas. Todo mundo está com medo — disse Laurinda e lembrou um caso, ocorrido há dois anos, quando um preso invadiu a casa do engenheiro Carl Vieira de Melo, na Praia de Iguaçu. A mulher de Carl, Romilda de Melo, matou o preso Luís Fernando Mata Maciel quando ele e mais quatro fugitivos tentaram dominar o engenheiro para fugir com sua lancha.

Assalto a ônibus tem um morto

Quatro bandidos assaltaram, ontem à noite, o ônibus da Viação Eval, que faz a linha Rio-Sul/Metrô (Estação de Botafogo), de placa FY 0388, dirigido pelo motorista Patrick John Doyle, quando deixava o ponto inicial na Rua Lauro Muller, e depois de matarem Luiz Antônio Chagas, segurança do Rio-Sul — com um tiro de 45 no peito' —, que viajava no último banco, ordenaram que o coletivo fosse desviado para a Avenida Brasil.

Durante o percurso do Rio-Sul para a Avenida Brasil, onde fugiram perto do Viaduto Ataulfo Alves, em Benfica, os assaltantes saquearam os 44 passageiros e o motorista do coletivo, levando jóias, dinheiro, relógios, embrulhos com compras e objetos de valor. Na 10ª DP, apenas quatro passageiros apareceram para registrar a queixa e todos disseram que não tinham condições de descrever os bandidos, porque estava escuro dentro do ônibus.

COMO FOI

O Rio-Sul mantém uma linha de ônibus fazendo a ligação Rio-Sul/Metrô (Estação de Botafogo) para facilitar a freqüência de seus clientes. Ontem, o **frescão** FY 0388 dirigido por Patrick John Doyle — 41 anos, filho de norte-americanos e morador em Queimados, na Baixada Fluminense — saiu do ponto inicial às 18h27min com sua lotação esgotada: 44 passageiros. O último a embarcar foi o segurança Luiz Antônio Chagas, que controlava as filas do **frescão** e sentou-se no último banco.

Tão logo o motorista deu a partida, um dos bandidos levantou-se e virando-se para o segurança, disse: "Você eu já conheço. É o segurança. Levanta para morrer que eu não mato gente sentada". Quando Luiz fez menção de se levantar (estava desarmado), foi atingido por um tiro de pistola 45 no peito, morrendo instantaneamente. Em seguida, os bandidos mandaram que o motorista desviasse para a Avenida Brasil, onde saquearam a todos. Depois da fuga dos ladrões, o motorista foi para o Hospital do INAMPS de Bonsucesso onde deixou o cadáver e foi para a 21ª DP dar queixa. Ali mandaram que ele fosse para a 10ª DP e nem se preocuparam em dar uma **batida** para pegar os ladrões.

Foto de Custódio Coimbra

Motorista Patrick

Paciente do transplante não melhora

A situação do escrevente juramentado Joaquim Domingos da Silva, de 50 anos, primeiro paciente a sofrer transplante de coração no Rio, mantém-se estável, sem alterações que possam significar melhora ou piora do estado grave em que se encontra depois de ter sofrido parada cardiorrespiratória terça-feira última, no Hospital dos Servidores do Estado.

O boletim médico de ontem afirma que "não houve alterações no quadro neurológico nas últimas 24 horas. Pressão arterial e pulsos mantidos. O estado do paciente continua grave". Assinou o boletim o médico Allan Tonassi Pascoal, cirurgião cardíaco.

Loteria Federal

A extração 2.202 da Loteria Federal premiou ontem o bilhete nº 14.025, vendido em São Paulo, com Cr$ 300 milhões. Os demais prêmios foram: 06.249 (SP), Cr$ 40 milhões; 72.372 (SP), Cr$ 20 milhões; 30.137 (RJ), Cr$ 15 milhões; 36.522 (SP), Cr$ 8 milhões 500 mil.

O milhar 4.025 paga Cr$ 935 mil; o milhar 6522, Cr$ 106 mil; os milhares 0137, 2372 e 6249 pagam Cr$ 80 mil; a centena 025 paga Cr$ 130 mil; as centenas 205 e 522 pagam Cr$ 76 mil; as centenas 052, 137, 249, 250, 372, 502 e 520 pagam Cr$ 50 mil; a dezena 25 paga Cr$ 50 mil; a 22, Cr$ 52 mil; as dezenas 23, 24, 26, 27, 28, 37, 49 e 72 pagam Cr$ 26 mil; a unidade final do primeiro prêmio — 5 — paga Cr$ 26 mil.

Tempo

Satélite — GOES — INPE — Cachoeira Paulista (19/10/85) 18 horas

A frente fria que ontem estava no litoral da Argentina, deslocou-se para o Rio Grande do Sul e já ocasiona nebulosidade e chuva. Os demais estados da Região Sul também passarão a instável a partir de hoje.

A massa de ar tropical que predomina na Região Sudeste contribui para elevar a temperatura e provocar pancadas de chuvas passageiras em alguns estados.

Nas demais regiões do país o tempo varia de bom com nebulosidade a possibilidade de chuvas isoladas no Amazonas e litoral do Nordeste.

No Rio e em Niterói

Claro a parcialmente nublado. Pancadas e trovoadas isoladas na madrugada e ao entardecer. Temperatura em ligeira elevação. Ventos Norte/Noroeste a Sudeste fracos a moderados. Visibilidade boa a moderada. A máxima de ontem foi de 33.0, em Realengo, e a mínima, 18.4, no Alto da Boa Vista.

Precipitação das chuvas em mm	
Últimas 24 horas	0.0
Acumulada no mês	32.9
Normal mensal	74.0
Acumulada no ano	1.323.9
Normal anual	1.075.8

O Sol	Nascerá às	05h16min
	Ocaso às	17h58min
O Mar	**Preamar**	**Baixamar**
Rio	11h27min/1.0m	02h29min/0.4m
	18h41min/0.9m	15h27min/0.7
Angra	05h17min/1.0m	01h43min/0.4m
	10h27min/1.0m	20h09min/0.6m
Cabo Frio	00h56min/0.9m	00h47min/0.3m
	16h34min/0.8m	—

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 20 graus. Banhos liberados.

A Lua

Nova
Até hoje

Crescente
21/10

Cheia
28/10

Minguante
05/11

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
RO	nub temp estável	29.6	23.6
AM	nub	32.2	22.9
AP	nub	24.4	25.2
PA	pte nub	31.4	21.6
MA	pte nub	30.5	24.9
PI	pte nub	—	—
CE	clr	30.6	25.0
RN	nub c/chuv	—	—
PB	nub	30.4	24.6
PE	nub	29.7	21.0
AL	nub	—	21.8
SE	nub	28.0	23.3
BA	nub	27.6	22.2
ES	pte nub	27.1	21.4
MG	pte nub	29.8	17.0
DF	clr	27.8	15.4
SP	pte nub	32.3	18.6
PR	nub	29.2	16.4
SC	instável	22.6	19.5
RS	instável	30.5	19.4
AC	nub	—	—
RO	pte nub	—	—
GO	clr	32.4	18.1
MT	nub	33.0	24.2
MS	pte nub	30.6	20.6

No Mundo

Atenas	nublado	18	12
Berlim	nublado	14	06
Bogotá	nublado	18	06
Buenos Aires	chuvoso	19	13
Caracas	claro	27	19
Jerusalém	chuvoso	19	12
Havana	nublado	28	25
Lima	nublado	19	14
Lisboa	nublado	24	14
Londres	nublado	15	10
Los Angeles	nublado	25	19
Madri	claro	25	10
México	nublado	24	11
Montevidéu	nublado	18	13
Moscou	nublado	05	00
Nova Iorque	nublado	18	10
Paris	claro	15	09
Pequim	nublado	17	04
Roma	claro	21	03
Santiago	claro	23	10
Tóquio	claro	19	11

BNDES prevê crescimento anual acima de 7% até 1990

A economia brasileira retomará este ano sua taxa histórica de 7% de crescimento anual, avançará 8,5% em 86, repetirá os 7% em 87 e daí até o final da década manterá taxas anuais de 8%. Essa é a principal projeção da equipe técnica do BNDES — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — sobre o provável comportamento da economia brasileira até 1990.

Chefiada por Júlio Mourão, a equipe do BNDES conta com um alívio no setor externo, destacando uma redução do volume de juros da dívida em 86 (9,7 bilhões de dólares), em 89 (8,9 bilhões) e 1990 (8,6 bilhões), além da estabilização do preço do petróleo em 27 dólares o barril até o fim da década e um sensível aumento da produção nacional, que passaria de 570 milhões de barris este ano a 780 milhões em 1990.

CRESCEM AS RESERVAS

A relativa folga no setor externo permitirá um crescimento constante das reservas brutas totais do país para 14,1 bilhões de dólares este ano, 16,7 bilhões em 86 e 19,5 bilhões em 87, chegando a 28,3 bilhões em 1990. Isso possibilitará manter reservas de segurança de 12 bilhões de dólares e até mesmo reservas extras — para importações adicionais ou amortização da dívida.

Com esse colchão de liquidez, se o Governo decidir manter a dívida externa constante em 100 bilhões de dólares até 1990, ainda assim a relação dívida líquida/exportações cairá de 3,3 em 1985, para 1,9 daqui a cinco anos. Se optar por usar as reservas extras para reduzir a dívida (e pagar menos juros), ela poderá cair para 83,7 bilhões de dólares no final da década.

As projeções — ainda preliminares — parecem extremamente otimistas, mas partem do mesmo grupo que, em 1984, ao antecipar cenários para a economia brasileira, previu taxas de crescimento do PIB de 2,5% para aquele ano, 4% para 85 e 5% para 86. Quando surgiu, mal a economia começava a sair de sua pior recessão, o diagnóstico chegou a chocar, mas a realidade se encarregou de confirmar, com sobras, a previsão. O crescimento do PIB, em 84, não ficou nos 2,5%, mas atingiu 4,5%. Para este ano, os 4% já são uma estimativa tímida e os próprios técnicos do BNDES a revisaram para 7%.

O trabalho aponta ainda para uma taxa de expansão do emprego formal que varia de 4,2%, este ano, a 4,8% em 88, 89 e 90, passando por um pique de 5,1% em 86 — sempre acima do crescimento da população, que está ao redor de 2,7%. Com isso, a oferta de novos empregos superará, nos próximos anos, a entrada de trabalhadores no mercado.

Comércio prevê para este ano um Natal melhor do que o de 1984

O comércio não tem mais dúvidas. O Natal será bem melhor do que o de 1984. Passado o período de indecisão política e econômica, o mercado reagiu de forma saudável e se aqueceu, nada indicando uma reversão da febre de consumo. Mesmo assim, o supérfluo não terá muita chance. Os consumidores vão procurar presentes que tenham alguma utilidade. E o tropicalismo invadirá as ceias, com mangas e abacaxis substituindo os caros produtos importados. Vinhos chilenos desbancarão os alemães.

Ao contrário do ano passado, quando os comerciantes ainda mantinham um estoque razoável após o Natal, neste ano poderá faltar produtos nas prateleiras. Com o crescimento da demanda a partir do segundo semestre, lojas e indústrias esgotaram seus estoques e a reposição não se verifica no mesmo ritmo das vendas. Como argumenta o diretor comercial da Casa Garson, Armando Santiago, a indústria mantém a produção sob controle e ainda demonstra certa cautela em seus planos expansionistas.

Em São Paulo, o presidente da G. Aronson, Girz Aronson, que vende tanto no varejo como no atacado para lojas como Mappin, Pão de Açúcar, Casas da Banha, Garson, Sendas e Ponto Frio revela que ficou sem estoques de televisores em cores, máquinas de lavar, **freezers**, fornos de microondas e vários modelos de aparelho de som, e vem pressionando a indústria para produzir mais.

Ganhos salariais reais, crescimento dos níveis de emprego, controle de preços administrados pelo Governo e dos produtos industriais mais a queda da rentabilidade das cadernetas de poupança, em agosto, deram um bom empurrão nas vendas, observa o diretor comercial do Mappin, Eduardo Buarque de Almeida.

Apesar da euforia generalizada do comércio, ele julga que ainda é cedo para garantir que nada mudará até o Natal. Uma mudança na política econômica ou até uma greve de maiores proporções pode alterar todo o comportamento do consumidor, argumenta o diretor do Mappin, quarta maior rede de lojas de departamento do país.

Ele aposta na venda de videogames, video-cassetes e microcomputadores, mas está certo de que as indústrias não poderão atender adequadamente ao comércio se por acaso ocorrer um crescimento exagerado da demanda.

— Como a maioria dos componentes desses equipamentos é importada, os fabricantes nacionais não podem aumentar a produção de uma hora para outra. Além disso, a valorização do ien frente ao dólar, tende a elevar bastante os preços dos aparelhos eletrônicos, já que os componentes são adquiridos no Japão, afirma Eduardo Buarque de Almeida.

O comércio já esperava que 1985 seria um ano consumista, o que vem se comprovando. Só que os sonhos de consumo mudaram e passaram para um patamar mais baixo, atesta o diretor comercial do RioSul, Marco Aurélio Jardim. Quem pretendia comprar um apartamento e verificou que não teria condições para tal investimento, diz ele, resolveu gastar logo a poupança e trocar de carro. Da mesma forma, quem teve desfeito o sonho do carro novo, comprou um aparelho de som, e assim por diante.

Se por um lado o ganho real de algumas categorias esquentou o comércio, as elevadas taxas de inflação e a diminuição dos lucros no mercado financeiro modificaram o comportamento dos investidores que trocaram a poupança pelo consumo. As altas taxas de juros provocaram uma redução nas compras a prazo, verificando-se uma tendência de aumento nas compras à vista. Hoje, 35% das vendas da Casa Garson são efetuadas à vista, percentual que deve aumentar, comenta Santiago.

No setor de bebidas e comidas típicas da época do Natal, a novidade apontada por um dos donos do hipermercado Freeway é a grande venda que se espera dos vinhos chilenos, em substituição aos alemães, que respondiam por 55% das bebidas importadas. Além de mais caros, os vinhos alemães enfrentam ainda as notícias de sua contaminação.

Carlos Maurício aposta também **nas frutas nacionais** cujo consumo deverá aumentar 30%, enquanto os produtos importados deverão registrar uma queda de 10%. Ele observa que os importados vêm sendo substituídos lentamente pelos produtos nacionais. Para a ceia, o maior consumo será de carnes, presuntos e o tradicional peru, prevendo-se pouca saída para o bacalhau, devido ao preço elevado.

Halley antecipa consumo do Natal

A novidade desse verão é o Cometa Halley e, com ele, toda a sorte de produtos, desde lunetas e livros específicos até a infinidade de objetos, de camisetas a chaveiros, bem do jeito que os comerciantes gostam na época do Natal. Moorie-boogie, uma prancha para "pegar jacaré" mais sofisticada do que as de isopor e mais barata do que as de surf — cerca de Cr$ 800 mil — promete ser a sensação entre os jovens que curtem praia.

Os eletrônicos cada vez agradam mais, embora fiquem limitados a uma faixa de consumidores de renda mais elevada. Entre eles, a atração, sem dúvida, é o aparelho de som a **laser**, embora os discos ainda sejam importados e tenham um custo seis vezes superior ao preço de um **long-play** comum. O preço varia entre Cr$ 6 milhões a Cr$ 8 milhões, a mesma faixa dos videocassetes, cujas vendas tendem a aumentar com a entrada no mercado de filmes dublados ou legendados.

Os microcomputadores Expert, da Gradiente, e Hot Bit, da Epcom, subsidiá-ria da Sharp, vendidos a um preço que varia de 50 a 60 ORTNs (de Cr$ 2 milhões 915 mil a Cr$ 3 milhões 498 mil), têm tudo para se transformar nas grandes vedetes de vendas de fim de ano, informaram essas empresas em São Paulo. Tais micros enfrentarão concorrentes, como o TK 90X, da Microdigital, lançado em agosto, por um preço equivalente. Mas há muitas marcas no mercado e a disputa será das mais duras, segundo um diretor da Gradiente.

Embora com preços sensivelmente superiores aos dos brinquedos — área em que as novidades são sempre em maior número — os micros estão sendo procurados também por serem uma "diversão" para toda a família, em particular para os adolescentes, em função dos múltiplos jogos contidos em suas memórias. Uma das empresas mais otimistas é a Prológica, com as vendas do seu CP-400, vendido por mais de Cr$ 3 milhões.

Entre as novidades sofisticadas, destaca-se o lançamento de dois pequenos televisores pela Semp-Toshiba, de 5 e 8 polegadas, os menores até hoje produzidos no País. Eles podem ser levados para qualquer lugar, até mesmo à praia, já que podem ser ligados na bateria do carro, explica em São Paulo o presidente da empresa, Affonso Brandão Hennel.

No setor de brinquedos, a Estrela — maior fabricante nacional do setor — saiu, como sempre, na frente, com 200 lançamentos, para meninos e meninas de todas as idades. O robô Ding-Bo, que anda, carrega pequenos objetos e reconhece seu dono já está se transformando num dos carros-chefes da empresa, que também aposta nos Transformers, carros e caminhões que se transformam em robôs; a linha Força Bruta, veículos movidos a pilha com pneus tala larga e tração nas quatro rodas; a Boneca Amore, que fala 10 frases diferentes; o cachorrinho Snif-Snif e a Motorama, uma pista de corridas para motos, movidas a manivela.

Na Trol — que tem entre seus controladores o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro — seu diretor comercial, Valter Gonçalves Pena anuncia a colocação de 60 novos brinquedos no mercado esse ano. A tradicional linha Play-Mobil foi complementada "devido" ao seu permanente sucesso entre as crianças". Nessa linha, a Fórmula I, o Rallye, a Lancha de Corrida, a Caravela Pirata e a Caça Submarina se destacam como as principais novidades para o fim do ano. A linha feminina da Trol é liderada por duas bonecas novas: a Bombom, com seus cabelos de lã coloridos, e a Dilim, que brilha como um vagalume quando a criança a aperta junto ao peito.

Muitas novidades também na Grow, cujo presidente, Oded Grajew, espera um crescimento de vendas da ordem de 50% em relação ao ano passado. Lançada agora, a Casa Maluca — uma disputa para reconstituir um rosto no menor tempo possível — deverá ser um dos líderes de venda da empresa, junto com o novo jogo de Veja — perguntas e respostas de fatos publicados pela Revista Veja nos últimos 15 anos — e no enlouquecedor quebra-cabeça de 5 mil peças. As bonecas Trancinha — seu cabelo cresce e pode ser cortado várias vezes — e o Rouba-Queijo — os ratinhos ladrões se movem atraídos por ímãs — também são carros-chefe em que a Grow aposta.

A Monark está com muita confiança na sua bicicleta Snoopy, uma réplica dos modelos maiores, que pode ser adquirida hoje por pouco mais de Cr$ 300 mil. E alguns pais que fiquem prevenidos: a réplica do super-herói He-Man — o desenho de maior sucesso na televisão — é irresistível para a maioria das crianças. O grande problema é que o boneco, que move braços, pernas e cabeça, é importado e custa cerca de Cr$ 400 mil, apesar de seu pequeno tamanho, pouco menos de um palmo.

Empresa lança "kit" para preparar a vodca caseira

São Paulo — Para quem acha que fazer bebidas alcóolicas de boa qualidade em casa é um **hobby** caro e difícil — por exigir complexos equipamentos de produção e cuidados rigorosos no manuseio dos ingredientes —, uma empresa paulista está disposta a provar o contrário. A Post House, que nos últimos dois anos conseguiu que mais de 10 mil brasileiros fizessem sua própria cerveja, está lançando um **kit** com o qual é possível preparar um litro de vodca caseira em 10 minutos.

O **kit** completo custa Cr$ 140 mil e só não vem com a água destilada — que pode ser adquirida em farmácias — e dá para a produção de nove litros de **Russian Vodca**, a marca exclusiva da empresa. Ele contém dois litros de álcool de cereais, duas garrafas para guardar e servir o produto acabado, uma coqueteleira com graduação, um pote de extrato, uma garrafinha de bolso, nove tampas em plástico e quatro taças de cristal.

É possível, assim, explica Sandra Vieira França, diretora administrativa da empresa, engarrafar dois litros de cada vez nas garrafas com o rótulo vermelho da **Russan Vodca**. Mas, se o "fabricante" quiser pode produzir os nove litros de uma vez; basta usar outras garrafas de um litro.

O modo de preparo é dos mais simples: coloque 350 ml de álcool de cereais na coqueteleira, adicione 10cm³ do extrato **Russian Vodca** — o extrato garante o sabor característico da bebida; misture bem e ponha tudo na garrafa. Em seguida, complete o litro com 640 ml de água destilada ou mineral sem gás, tampe-o e deixe-o descansar por 24 horas fora da geladeira. Depois é só colocar a garrafa no **freezer** e servir a vodca bem gelada.

Quando os ingredientes do **kit** terminarem, não é necessário comprar outro. Basta ligar ou escrever para Post House e pedir mais álcool de cereais (de arroz, no caso). A mesma quantidade contida num **kit** — dois litros de álcool e um frasco de extrato (um preparado à base de álcool de batata, para dar o sabor característico das vodcas eslavas) — custa apenas Cr$ 45 mil.

Carlos França, outro diretor da Post House, informa que o álcool de cereais pode ser encontrado em qualquer farmácia de manipulação, porém o extrato só na sua empresa, que vende no atacado e no varejo e não anuncia seus produtos nos grandes veículos de comunicação, como a televisão. "O extrato é o nosso pulo do gato", explica.

— Como o álcool contido no **kit** dá para a produção de seis litros de **Russian Vodka**, e o extrato para nove litros, convém ao produtor caseiro adquirir, às vezes, o álcool vendido nas farmácias especializadas. Carlos França dá um conselho: "Evite comprar álcool destilado de milho; prefira o de arroz e evite dores de cabeça".

A Post House começou a promover seu novo **kit** há apenas 15 dias, por isso as vendas são ainda pequenas, em comparação às quantidades já entregues do **kit** da cerveja caseira, lançado há dois anos. Mas a empresa espera vender "milhares" de unidades do novo lançamento, prevendo um faturamento de Cr$ 500 milhões durante todo o tempo em que ele estiver na praça (este, um outro segredo dos França).

— Pensávamos que o **kit** da cerveja fosse logo cair de moda, mas até hoje já faturamos mais de Cr$ 1 bilhão 200 milhões com o produto. Nossos produtos são testados por provadores profissionais de bebidas, mas quem mais os divulga são os próprios clientes, que os preparam, servem aos amigos e estes acabam nos procurando para também produzir sua própria bebida. Existe prova maior de qualidade? — pergunta Carlos França.

Ao se decidir por esse novo lançamento, a empresa apostou no crescimento do consumo de vodca no Brasil, que, no ano passado, chegou a 9 milhões 500 mil litros.

Poupança cresce no Nordeste

Recife — Os dez agentes do Sistema Brasileiro de Poupança em Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte encerraram o mês de setembro com um saldo de Cr$ 2,5 trilhões, com uma captação líquida de Cr$ 125,2 bilhões, o que corresponde a um crescimento real de 6,11 sobre o saldo de agosto.

— Estes números são os primeiros resultados da retomada da competitividade das cadernetas de poupança, que voltaram a oferecer remuneração superior à inflação. A partir de agora a tendência é acelerar o crescimento e recuperar as perdas dos meses anteriores, o que já está se confirmando em outubro, revela Hercílio Ricardo Filho, presidente da Associação do Nordeste das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança — Anecip.

Os dez agentes do sistema dispõem de 650 pontos de captação, espalhados pelas capitais e interior dos quatro Estados. São 2.226.488 contas de poupança, das quais 1.227.378 em Pernambuco; 358.217 na Paraíba; 283.110 no Rio Grande do Norte e 357.783 em Alagoas.

— Já está provado que o poupador não troca a rentabilidade real, a simplicidade e a garantia da caderneta de poupança para se aventurar no mercado de risco, por exemplo. Isso consagrou a caderneta como o mais popular tipo de investimento no Brasil, que é o terceiro país do mundo de poupadores, concluiu Hercílio Ricardo Filho.

Governo não demitirá funcionários

Brasília — Desde a Velha República os salários do funcionalismo público são usados como argumento contra a adoção de políticas e legislação de salário mais liberais, e o fantasma invocado logo que o assunto volta à discussão é sempre o déficit do Governo. A história se repete na Nova República.

— O Governo é tolerante com a trimestralidade no setor industrial privado, mas se recusa a transformá-la em lei, assim como repele a escala móvel — reajuste dos salários a partir de certo patamar de inflação — inscrita no programa do partido no poder, o PMDB, para evitar o aumento dos seus próprios gastos.

O argumento é o de sempre: de que a antecipação dos aumentos salariais realimenta a inflação, e o governo não tem como estender o controle de preços realizado na indústria, ao comércio e ao setor público. No entanto, é generalizada a noção de que o Governo emprega muito e paga mal.

Um levantamento ainda não concluído pelo ministério estima entre 1 milhão 800 e 2 milhões, o total de funcionários públicos federais. O Ministro Aluízio Alves não acha que seja muito.

— Existem cinco novos ministérios e não foram criados quadros administrativos para preencher as novas funções — alega.

Dentro de 90 dias, o Ministro espera apurar os possíveis excessos e as necessidades de remanejamento. Demitir, segundo ele, não é a solução, tampouco reduzir salários, o que não pode ser feito por lei.

— O Governo perderia a autoridade para combater o desemprego, se começasse por demitir os seus próprios funcionários, argumenta Aluizio Alves.

Medidas cirúrgicas para eliminar os excessos, portanto, não vai haver, até porque, segundo o Secretário para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Luís Gonzaga Belluzzo, um corte de 100 mil funcionários resultaria numa economia de apenas Cr$ 3 trilhões — uma gota, no mar do déficit público estimado em Cr$ 211 trilhões para o próximo ano.

O governo admite apenas segurar os aumentos salariais dos seus funcionários, para evitar que se repita o acréscimo real de 45% na folha de pagamento, herdado da Velha República.

Através de um simples despacho administrativo, o ex-Presidente João Figueiredo distribuiu 12 referências salariais, primeiro para os funcionários civis dos ministérios militares, no final de 1984, e depois para todos os funcionários civis, às vésperas de deixar o governo, em março deste ano.

Concedidas cumulativamente, as 12 referências resultaram em aumentos salariais de até 80%, beneficiando principalmente os funcionários novos, que tinham degraus salariais a galgar à frente. Essa liberalidade gerou um gasto adicional de Cr$ 4 trilhões na folha salarial do Governo, que, com a adoção da semestralidade, pulou de Cr$ 9 trilhões para Cr$ 45 trilhões, em um ano.

Brasil poderá integrar Fundo Latino-Americano

Lima — A possível incorporação do Brasil, Argentina e México ao Fundo Andino de Reserva (FAR) significará um importante passo para a formação do Fundo Monetário Latino-Americano, afirmou ontem o presidente do FAR, Guillermo Castaneda.

Ele admitiu que o FAR pode substituir parcialmente o Fundo Monetário Internacional. Brasil, Argentina e México têm demonstrado interesse em integrar essa entidade, considerada a de melhor condições para influenciar o processo de integração do Continente, assegurou Castaneda.

O FAR, que acabou de elevar seu capital para 500 milhões de dólares, tem sido o melhor elemento de apoio para cobrir o déficit da balança de pagamentos da Bolívia, Equador, Colômbia e Peru, com empréstimos superiores a 630 milhões de dólares.

Escala-móvel tem apoio no Espírito Santo

Vitória — A Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) defende a adoção de reajustes salariais automáticos, pelo critério denominado escala móvel, sempre que a inflação crescer 20 por cento. O presidente da entidade capixaba, Hélcio Rezende Dias, considera que a reposição do valor dos salários por período de tempo — semestral, trimestral — funciona como "excitante inflacionário".

A opinião predominante entre os empresários do Espírito Santo, consultados pela Federação das Indústrias, é favorável à negociação livre e direta entre empregados e empregadores. Consideram a atual política salarial "defasada, à medida que o Estado arbitra normas para que se processem ou se encaminhem acordos".

O dirigente sindical acha "incoerente" o Estado assumir posição de resistência à trimestralidade e à automatização dos reajustes salariais, realizando ele próprio ambas as práticas. "Os preços dos bens e serviços administrados pelo Estado, como as tarifas postais, de energia, de telefone, os preços dos combustíveis e outros, não se defasam e têm correções automáticas em períodos menores do que a trimestralidade", lembra.

O presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo julga que o peso mais expressivo nos custos impostos às empresas, principalmente às pequenas e médias, "reside na carga tributária, excessivamente pesada e severa".

IPEA conclui que uso de robô não gera mais empregos

Cândida Vieira

São Paulo — A automação industrial, que tem como as "estrelas" evidentes os robôs, se não provoca desemprego, ao menos deixa de criar novos postos de trabalho. Somente as linhas de soldagem automatizadas de duas indústrias automobilísticas de São Bernardo — Ford e Volkswagen — empregam de 15% a 30% menos trabalhadores do que as convencionais, revela estudo do Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA), ligado ao Ministério do Planejamento.

Pioneiras na importação e uso de robôs na indústria automobilística, a Volkswagen e a Ford argumentam, para automatizar suas linhas de produção, com a necessidade de melhorar a qualidade dos produtos para continuar competindo no mercado internacional, com a garantia de que os trabalhadores deslocados serão absorvidos em funções criadas pelas novas tecnologias.

Do lado dos trabalhadores, as lideranças declaram não serem contra o progresso tecnológico, mas reivindicam o direito de negociar a introdução de novas máquinas — como ocorre em outros países onde a automação é infinitamente maior — sentindo-se ameaçados inclusive com o desaparecimento de algumas profissões qualificadas. E iniciam uma mobilização em torno da tecnologia, que deverá ocupar cada vez mais espaço nas negociações com os empresários.

Enquanto as duas partes não se sentam à mesa para conversar sobre a questão, o processo de automação avança ainda que de forma seletiva. Na unidade da Ford, em São Bernardo, na linha de produção do Escort, estão instalados sete robôs, que trabalham ao lado dos operários soldando parte dos carros. Produzidos pela Kawasaki, empresa japonesa, os robôs parecem "formigos" brancos, que tocam música — alerta de segurança aos trabalhadores — quando giram velozmente seus braços para realizarem suas tarefas. Mais um está sendo instalado na linha de pintura. Existem informações de que mais oito serão implantados, embora a empresa revele apenas ter planos nesse sentido, sem citar números.

Na Volkswagen, segundo a empresa, estão em funcionamento quatro robôs (R 30), fabricados pela matriz, para soldagem das carrocerias do Santana e Quantum. Um outro (K 15) serve como reposição para os que trabalham. Um sexto robô está em sistema de comodato no Centro Tecnológico de Informática (CTI), em Campinas, sendo examinado por técnicos brasileiros. A Volkswagen já recebeu autorização da Secretaria Especial de Informática (SEI) para importar mais 15 robôs, que deverão ser instalados no final do ano, durante as férias coletivas da empresa. Outros cinco serão comprados de indústrias nacionais, e, provavelmente, irão para as linhas de produção em 1986.

Os trabalhadores começam a perceber de forma cada vez mais clara que, além do desemprego ou da não criação de novos empregos, a automação industrial provoca profundas alterações nos processos de produção nas fábricas, com aumento no ritmo do trabalho, maior controle da produção e desaparecimento de profissões — como inspetores de qualidade e torneiros mecânicos — até há pouco tempo qualificadas e com salários melhores em comparação com outros.

Isso pode ser constatado pela pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec), que fez cerca de 90 entrevistas com lideranças de quatro sindicatos e 11 comissões de fábricas no Estado de São Paulo, enquanto o IPEA cuidou da parte das duas montadoras. A análise dos impactos sociais da automação está sendo feita em convênio com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), organismo da ONU, e é o primeiro de grande fôlego a abordar a questão.

Os trabalhadores, ao terem maior consciência da importância da tecnologia no seu dia-a-dia, começam também a usar algumas delas em seus sindicatos para poderem negociar em melhores condições com os empresários. Diversos sindicatos já estão usando ou instalando micros e minicomputadores, que ajudam no trabalho administrativo dos órgãos, auxiliam na análise de balanços de empresas ou ainda fazem os cálculos do Fundo de Garantia e homologações de demissões.

Competitividade justifica automação

São Paulo — A indústria automobilística do Brasil deverá exportar cerca de 30% de sua produção em 1985. Até setembro, foram produzidos 530 mil 100 veículos e foram vendidos ao exterior 150 mil 727 unidades, o que representa 28,4% do total fabricado. Essa competitividade no mercado internacional é o principal argumento usado pela Ford e pela Volkswagen para automatizarem suas linhas de produção, uma vez que os importadores são extremamente exigentes com a qualidade dos produtos.

Os robôs, com sua flexibilidade, e as máquinas com comandos numéricos — fazem um torno em oito minutos, quando um trabalhador leva horas para fazer a mesma peça — garantem a qualidade dos carros, segundo as empresas, porque repetem com precisão quase absoluta, por exemplo, 150 perfurações numa única placa a ser usada em um veículo.

Na Ford, o diretor de manutenção, José Maria Branco Ribeiro, diz que, em trabalhos repetitivos, existem limitações musculares e emocionais do homem. Além do fato de que, para aumentar produção, existe um limite de espaço para colocar mais trabalhadores. Ele apresentou uma comparação: na fábrica de São Bernardo eram pintados 30 carros por hora. Com um robô podem ser pintados 60 veículos por hora.

Na Volkswagen, argumentos parecidos são usados pelo diretor de relações industriais, Jacy Mendonça, que aponta estarem os robôs sendo introduzidos em áreas de alta precisão e em atividades insalubres, como soldagem e pintura. Em ambas as empresas, os robôs foram implantados em novas linhas de produção — Escort, da Ford e Santana e Quantum, da Volkswagen — não havendo, assim, afastamento de trabalhadores.

A implantação da linha Escort — iniciada em 1983 com investimentos da ordem de 400 milhões de dólares incluindo os robôs — não gerou desemprego, segundo Branco Ribeiro, destacando que, no final, a empresa contratou mais 1 mil 500 pessoas para fabricar esse novo modelo. Na Volkswagen, Jacy Mendonça também afirma não terem ocorrido demissões, mas não revela números de novas contratações. Ele acredita que, se a empresa não se modernizasse, não conseguiria manter a competitividade no mercado internacional e aí sim muitos perderiam o emprego, como conseqüência da redução de sua fatia no mercado.

O estudo do IPEA — que em nenhum momento cita o nome das duas empresas — observa que as duas indústrias instalaram robôs em linhas novas, constatando: na linha mais automatizada (Ford), são empregados de 25% a 30% menos trabalhadores, enquanto na menos automatizada (Volkswagen) existem de 15% a 20% menos soldadores.

Os diretores das duas montadoras garantem que, neste momento, o uso de robôs se dá pela necessidade de qualidade dos produtos, mais do que por economia. O metalúrgico brasileiro, de acordo com dados de Branco Ribeiro, recebe de 3 a 4 dólares por hora, enquanto, na Inglaterra, o mesmo trabalhador recebe de 12 a 16 dólares; na Alemanha de 16 a 17 dólares e, nos Estados Unidos, de 22 a 26 dólares. Nesses países, a principal componente para uso de robôs é a econômica. Ele acredita que, se existir uma indústria nacional competitiva para produção dessas máquinas e se os salários atingirem 9 dólares por hora, como no Japão, o fator econômico passará a ser o principal.

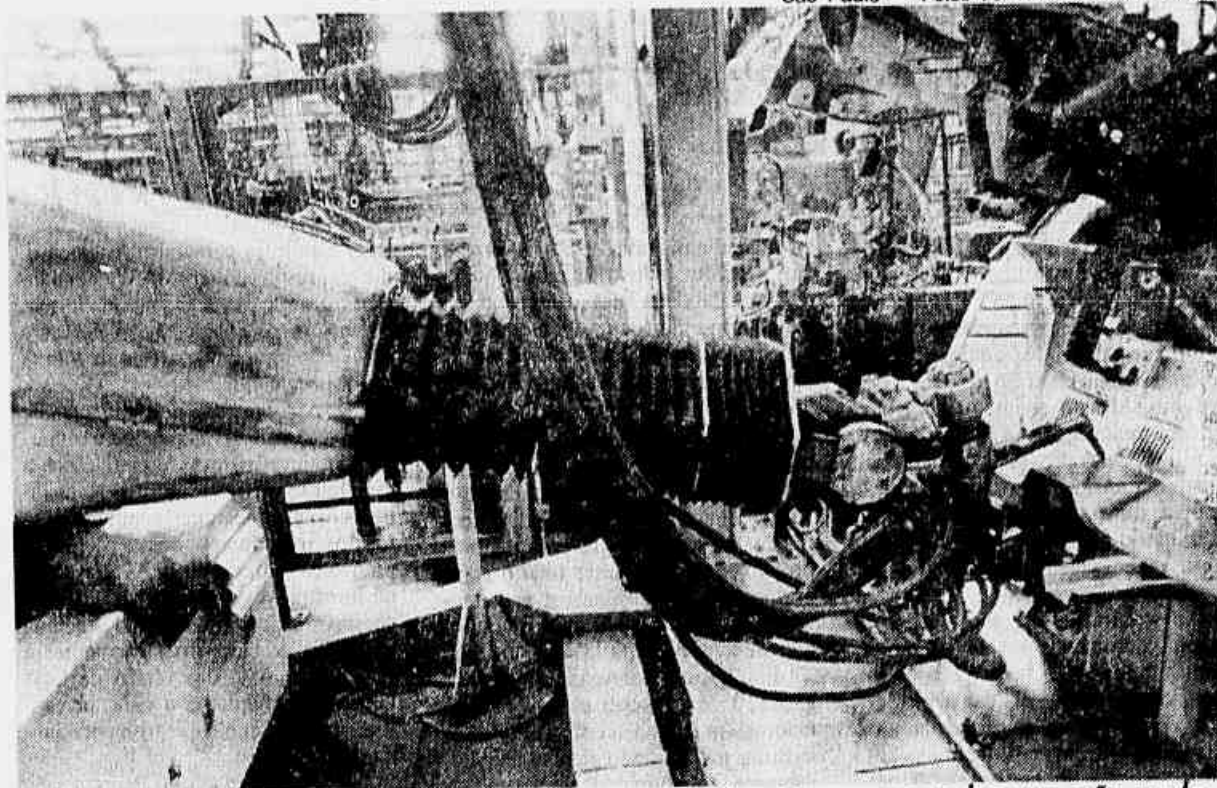
O trabalho elaborado pelo IPEA considera que os salários no Brasil não são o parâmetro básico para as indústrias automobilísticas estarem se automatizando. As empresas instaladas aqui precisam acompanhar o padrão tecnológico de suas matrizes, que enfrentam concorrências acirradas entre Estados Unidos, Europa e Japão. E para elas exportarem para esses mercados, são obrigadas a obedecer as exigentes especificações técnicas criadas por essa concorrência.

Preocupação

Embora a automação nas indústrias automobilísticas no Brasil ainda esteja no começo, ela provoca preocupações entre especialistas e trabalhadores. Paulo Roberto Feldman, diretor financeiro e de informática da Caixa Econômica de São Paulo, deverá apresentar sua tese de doutoramento, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), sobre impactos sociais de automação industrial, no início de 1986.

Segundo ele, dos 24 mil robôs existentes no Japão, 32% estão instalados em indústrias eletroeletrônicas, 30% nas automobilísticas, 9% em indústrias de plásticos, 2% na têxtil e 27% em outros setores (maioria nas siderúrgicas). No caso da indústria automobilística japonesa, Feldman lembra que, em 1972, com 500 mil operários eram produzidos 2 milhões 700 mil carros por ano. Em 1982, com os mesmos 500 mil operários foram produzidos 10 milhões de veículos, sendo dois terços deles exportados. E ele concluiu: se os trabalhadores não foram demitidos, também novos empregos não foram criados, embora a produção tenha quadruplicado.

Um outro estudo, publicado em junho, foi realizado por institutos da França, Inglaterra e Alemanha com pesquisa em 1 mil 600 empresas de cada um desses países, derruba argumentos de que as novas tecnologias absorverão a mão-de-obra substituída por máquinas ou pela não geração de novos empregos: segundo o estudo, para cada três empregos perdidos pelo uso da microeletrônica na área industrial é criado somente um emprego, com a utilização das novas tecnologias.

São Paulo — Fotos de Arlovaldo dos Santos

O robô pode repetir infinitamente os mesmos movimentos, o que o homem não pode

Brasil recebe tecnologia da Hitachi

São Paulo — Ainda este ano, o Brasil conhecerá os seus robôs "modelo 19": estrangeiros, com alguns componentes nacionais. O primeiro deles será a principal atração da mostra de produtos que acompanha o 2º Congresso Nacional de Automação Industrial (2º Conai), que se realiza de 25 a 29 de novembro próximo no Parque Anhembi.

É um dos 150 robôs que a empresa japonesa Hitachi produz a cada mês. Um modelo de última geração, lançado no mercado há apenas cinco meses, e que exibirá sua **performance** executando uma solda com aplicação de raios **laser**. Embora totalmente importado, ele tem de nacional o sistema de operação, desenvolvido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A Hitachi está transferindo tecnologia para o grupo empresarial Villares, um dos quatro selecionados pela Secretaria Especial de Informática (SEI) para fabricar robôs no Brasil, usando tecnologia adquirida no exterior.

Com tecnologia comprada da Asea sueca, A D.F. Vasconcellos, tradicional fabricante de produtos óticos e de armamentos (inclusive o míssel ar-ar **Piranha**, em fase de testes de campo) pretende entregar os seus primeiros "modelos 19" da nascente indústria de robótica do Brasil ainda em dezembro. É o que garante Lenio Ribas Zimmer, diretor administrativo da divisão robótica da empresa que está com o programa mais adiantado. A D.F. Vasconcellos diz ter pelo menos 12 negócios em andamento e é forte candidata a fornecer um dos quatro robôs para solda a ponto que a Volkswagen está autorizada a comprar no mercado brasileiro.

O presidente da Sociedade Brasileira de Comando Numérico, Victor Gonçalves, assegura, entretanto, que os robôs serão as "vedetes" da próxima feira da mecânica (18 a 25 de março do próximo ano), evento que ficará como marco do ingresso definitivo do Brasil no campo da robótica. Além dos quatro fabricantes selecionados, outras 16 empresas brasileiras estão credenciadas para fabricar robôs com tecnologia desenvolvida no País.

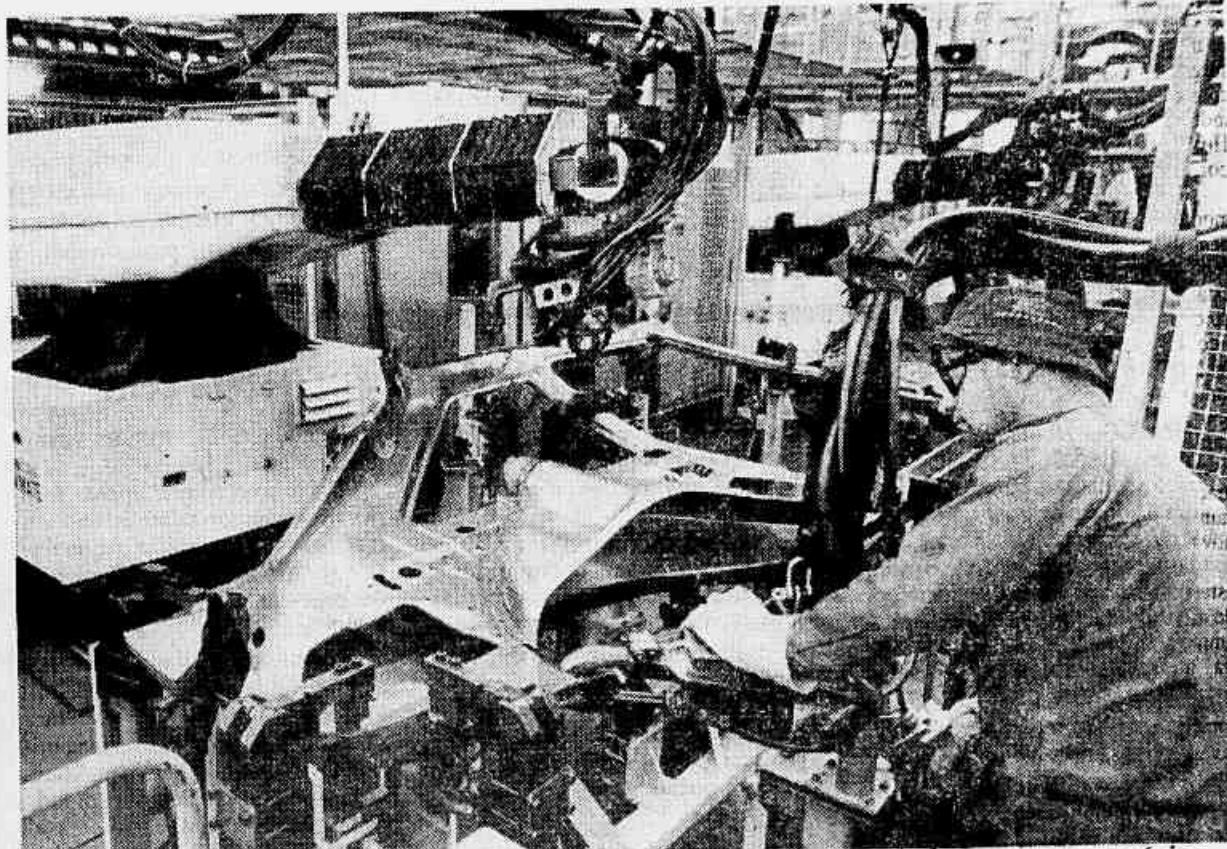
A importação de tecnologia, segundo Marcos Telles Almeida Santos, superintendente da Mentat (formada pela associação das empresas Mangels e Varga), foi a alternativa para apressar o domínio técnico de produção e operação dos sistemas de robótica. Há o compromisso das empresas selecionadas de fazer uma única importação de tecnologia e abrir o mercado interno para esses novos produtos de bens de capital.

A Mentat adquiriu tecnologia da Siemens alemã, receberá o seu primeiro robô importado em janeiro e promete a maior nacionalização a curto prazo, da ordem de 70%. Essa façanha será possível por estar ligada a outra empresa, Maxitex, fabricante de comandos numéricos e que detém tecnologia para produzir os controladores eletrônicos, equipamentos que representam 60% num sistema robotizado.

Até dezembro, outra empresa selecionada e a única localizada no interior, a Ipso, da cidade de Boituva (formada pela associação da MCS Engenharia e a Taunus), terá também o seu primeiro "modelo 19", fabricado pela empresa Reis, da Alemanha. Ela vai fabricar três tipos de robôs — dois de 15kg, um de 40kg e outro de 60kg — todos com seis graus de liberdade. Um deles, além das seis funções articuladas, pode deslocar-se sobre um trilho a uma distância de 50 metros.

A família de robôs conhecida no Brasil tem, até agora, apenas 14 membros: compõe-se dos oito robôs japoneses (Kawasaki) e um alemão (Reis) importados tempos atrás pela Ford e os cinco alemães, adquiridos de uma sua subsidiária pela Volkswagen. O presidente da Sobracon não acredita que ele cresça muito rapidamente, porque só agora o Brasil ingressa nesse campo e não existe ainda um mercado devidamente avaliado. As empresas nacionais, de tecnologia importada ou própria, terão que criar e desenvolver esse mercado e, nessa tarefa, contam com um grande aliado: o mercado externo.

Para o gerente de **marketing** da Villares, José Maria Ribeiro, a presença do Brasil no mercado internacional praticamente vai obrigar as suas empresas a se robotizarem, sob pena de perderem progressivamente posição no exterior. Seu ponto-de-vista é de que a economia brasileira tende a internacionalizar-se cada vez mais e, para isso, terão sobretudo que apresentar uma qualidade igual aos concorrentes externos. Marcos Telles Almeida Santos, da Mentat, destaca que somente o robô pode oferecer essa garantia de qualidade, pela capacidade de repetir sistematicamente a mesma operação, com a mesma qualidade, ou ainda executar, por exemplo, o controle de qualidade numa linha de montagem com peças em movimento, missão impossível para um ser humano.

O presidente da Sobracon, Victor Gonçalves, estima que a produção de robôs no Brasil e o desenvolvimento de tecnologia própria vão absorver, numa primeira fase, investimentos nunca inferiores a 30 milhões de dólares e, para ter sucesso, as empresas precisarão ter consciência da necessidade de investir. Para Almeida Santos, a propalada ameaça de o robô provocar desemprego esbarra num fator limitativo da proliferação do robô no Brasil: seu preço. Um sistema de robô de simples configuração custa pelo menos 30 mil dólares e, dependendo da configuração, alcança preços até superiores a 200 mil.

Na linha de produção do Escort, os robôs trabalham lado a lado com os operários

Sindicatos também se sofisticam

São Paulo — Os sindicatos dos trabalhadores também estão começando a usar as "armas" de novas tecnologias. Muitos deles estão com micro e minicomputadores instalados ou em fase de implantação, que ajudam com uma série de dados econômicos — utilizados nas negociações salariais — e auxiliam a própria administração das entidades.

Um dos primeiros a instalar micros foi o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), que desde 1982 utiliza dois micros para elaborar o custo de vida mensal de diversas capitais, bem como os dados da ração essencial para os trabalhadores. Luiz Eudoardo Hideo Hirano, responsável pelo processamento de dados no DIEESE, informa que estão em implantação projetos — atualmente manuais — para acompanhar as greves e os acordos das diversas categorias profissionais e dados dos balanços das matrizes de empresas multinacionais.

O DIEESE já analisa a possibilidade de adquirir um minicomputador onde amplia o número de micros para, futuramente, formar uma rede à qual os sindicatos teriam acesso aos seus dados. O sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — o maior da América Latina — já possui micro há quatro anos e há aproximadamente oito meses comprou um mini, que está em fase de implantação, com conversão de dados para o novo equipamento. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo também tem dois microcomputadores, usados, por exemplo, para o controle da arrecadação das mensalidades dos 65 mil filiados e também para desenvolver cálculos de ações contra empresas.

A Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, segundo o economista Fernando Blanco Filho, faz em seu micro análise de balanços de empresas, tabulação de homologações, cálculos de fundo de garantia dos 43 sindicatos metalúrgicos filiados a ela, além de ter um banco de dados para etiquetas de mala direta.

Na semana passada, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) — com 937 sindicatos filiados, que representam aproximadamente 12 milhões de trabalhadores — comprou um micro, que deverá entre outras funções, acompanhar os movimentos e encontros promovidos pela entidade.

Movimento sindical se prepara para discutir nova tecnologia

São Paulo — O movimento sindical começa a se preparar para colocar com mais ênfase, na mesa de negociações com os empresários, a questão de novas tecnologias, que afetam os níveis de emprego e provocam profundas transformações nas rotinas das fábricas. Cursos, seminários, elaboração de estudos e debates começam a se multiplicar para esclarecer as lideranças dos trabalhadores nos sindicatos e nas comissões de fábricas.

O atraso do movimento sindical em relação à automação industrial — que mostra sua face mais visível nos robôs — é reconhecido pelo presidente da Central Única dos Trabalhadores (ligada ao PT), Jair Meneguelli, e também pelo vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros, vinculado à Coordenação Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat).

"Barriga fala mais alto"

Meneguelli afirma que as lideranças sindicais vivem numa "maratona absurda do dia-a-dia", dedicando-se quase que exclusivamente às campanhas salariais e de eleições sindicais, deixando para traz problemas tão importantes como a da automação. Quase na mesma linha de raciocínio, Medeiros diz que a "barriga tem falado mais alto", com os trabalhadores reivindicando trimestralidade, redução da jornada de trabalho e aumentos de produtividade de salários.

Mesmo as questões econômicas acossando os trabalhadores, os sindicatos de metalúrgicos têm procurado colocar na mesa de negociações o problema das novas tecnologias. Nas campanhas de 1983 e 1984, e novamente este ano, entre as reivindicações está a discussão prévia de novas tecnologias, antes de serem introduzidas nas empresas.

Nos anos anteriores, essa reivindicação não foi aceita pelos empresários. E, este ano, a história se repete. O subcoordenador da comissão de negociação do Grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Roberto Luiz Pinto e Silva, considera que esse problema deve ser debatido em âmbito mais amplo, porque as novas tecnologias mexem com a administração da empresa. Além disso, segundo ele, "nada confirma que automação cause desemprego".

Os trabalhadores começaram a discutir a questão da automação ao participarem, com técnicos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), das comissões sobre impactos sociais da informática, promovidas pela Secretaria Especial de Informática (SEI), em 1983 e 1984.

Em novembro do ano passado, os trabalhadores participaram do 1º Simpósio sobre Impactos Sócio-Econômicos da Informática: Os Efeitos da Automação, promovido pela SEI, Ministério do Trabalho e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O encontro apresentou, entre as principais reivindicações, a constituição de comissões paritárias nas empresas para negociações da introdução de novas tecnologias.

São Paulo — Foto de Fernando Pereira

Nas fábricas, operários já debatem a automação

O Dieese, há quase dois anos, publica uma coluna fixa — Linha de Produção — em seu boletim mensal, sobre as mudanças tecnológicas nas empresas, além de artigos com experiências de outros países. O órgão também realizou alguns cursos e debates sobre automação durante os anos 1983 e 1984. Este ano, os debates têm se intensificado, com diversos cursos para líderes sindicais e para os membros das comissões de fábrica.

No mês de junho, no Rio de Janeiro, com o patrocínio do Sindicato dos Engenheiros do Estado e da secretaria de política sindical da CUT, foi realizado um seminário com representantes da CFDT, a central socialista francesa, sobre os problemas gerados pela automação. Em julho e agosto, o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) organizou encontros para debater com sindicalistas os resultados de trabalho que está sendo elaborado em convênio com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Um novo debate, com a participação de representantes da CUT e Conclat, será promovido em dezembro pelo Cedec.

O robô na fábrica

Em seu estudo, ainda não terminado — com cerca de 90 entrevistados de sindicatos de metalúrgicos de São Bernardo, São Paulo, Osasco e São Caetano e membros de 11 comissões de fábricas do setor automobilístico e metal-mecânico — o Cedec constata que os trabalhadores perceberam que o uso de robôs e outros processos de automatização, além de afetarem o nível de emprego, provocam mudanças na concepção das linhas de montagem.

Entre essas mudanças na rotina das fábricas, os trabalhadores, em seus depoimentos, afirmam que os novos equipamentos geram um ritmo de trabalho mais intenso, apesar do esforço físico ser menor. Surgem, também, alterações nas relações de chefia e trabalhadores, porque muitos feitores — geralmente empregados em fim de carreira — são substituídos por engenheiros, que controlam o processo, uma vez que os equipamentos sofisticados exigem uma maior atenção.

Outros depoimentos dos trabalhadores, de acordo com o pesquisador Ricardo Toledo Neder, do Cedec, revela que as novas linhas de produção, ao contrário do que esperavam os operários, não foram constituídas pelo pessoal mais qualificado profissionalmente. Nas duas empresas automobilísticas estudadas pela Ipea, foram escolhidas pessoas de qualificação média ou baixa, em comparação com as outras linhas convencionais. O pessoal mais qualificado está se concentrando na área de manutenção e a tendência é de eliminar certas funções como controladores de qualidade, já que as máquinas executam esse papel.

A pesquisa também verificou que os trabalhadores consideram que a prioridade das empresas é com a lucratividade e, para eles, o bem-estar passa pela defesa do emprego, da qualificação profissional, preservação de espaço para criatividade e eliminação de periculosidade.

Na avaliação de Ricardo Neder, o movimento sindical está em transição, da posição defensiva para ofensiva, em relação à automação industrial, porque os trabalhadores não fazem mais apenas a ligação de automação com desemprego, percebendo que as relações produtivas estão se modificando. Como a introdução dos novos equipamentos está ocorrendo em ritmo ainda lento, o movimento sindical, a partir dessas experiências, poderá se preparar para negociar com as empresas.

Detroit espera recorde este ano, mas ainda vive a crise

Trajano de Moraes

A greve dos 80 mil empregados da Chrysler nos Estados Unidos e no Canadá está ameaçando o ano de ouro da indústria automobilística norte-americana e a previsão de que a produção de 8 milhões 200 mil veículos supere o recorde de 1978. A paralisação custará à empresa 70 milhões de dólares semanais.

Para o ano comercial encerrado em 30 de setembro, contudo, não há mais dúvidas: as vendas de automóveis e caminhões, de produção americana e importados, chegaram a 15 milhões 600 mil unidades e bateram por 300 mil veículos o recorde de sete anos atrás.

Crise em Detroit

Em Detroit, na auto-estrada entre o aeroporto e a cidade, um grande painel eletrônico conta, a cada segundo, a saída de um veículo novo das linhas de montagem da General Motors, Ford e Chrysler instaladas na região. No final de setembro, ele já indicava mais de 6 milhões de unidades produzidas.

Na cidade, porém, provavelmente nada será como antes. O ressurgimento da indústria foi feito a partir de um grande esforço para elevar a produtividade e o desemprego na capital do automóvel ainda é pelo menos o dobro da média nacional americana, de 7%. E a indústria automobilística responde por 1/3 do desemprego total na região.

Desde 1980, o número de empregos nas fábricas de automóveis caiu drasticamente, principalmente para os trabalhadores não especializados. Apenas para citar o caso da Chrysler, que quase faliu em 1980, o plano de recuperação da empresa significou a redução de sua força de trabalho de 150 mil para 60 mil pessoas.

Como resultado da crise, Detroit é hoje a cidade norte-americana com maior oferta de moradias a preços inferiores às demais zonas metropolitanas nos EUA. A população migra em busca de trabalho: em 1950, a cidade tinha 1,9 milhão de habitantes, no ano passado moravam lá 1 milhão 89 mil pessoas e para 1990, a projeção é de uma população de 1 milhão. A maioria negra — 65% no ano passado — deverá atingir 90% em 1990.

Os problemas sociais — criminalidade, prostituição, drogas — são muito grandes. A professora Corinne Gibbs, da Universidade Wayne e profunda conhecedora da história da cidade, acha que Detroit hoje exibe uma fisionomia de cidade do 3º Mundo, com uma parte afluente e outra extremamente pobre para padrões norte-americanos.

Nos bairros negros, a evasão nas escolas do 1º grau está na faixa dos 44% a 60%. O desemprego entre os adolescentes atinge estonteantes 70%. A taxa de natalidade é muito elevada, como no 3º Mundo, e há até a chamada **welfare mother** — a mãe solteira que tem filhos para receber assistência social. Na luta pelo mercado de trabalho, os negros sofrem a concorrência dos imigrantes, que chegam em grande número à cidade, principalmente da Europa Oriental.

A administração da cidade, juntamente com empresários, criou vários órgãos para induzir o desenvolvimento e tentar reverter o declínio histórico. A principal preocupação é diversificar a economia local, tentando fugir à dependência da indústria automobilística, cuja evolução determina o bem-estar ou a crise em Detroit. Com esses esforços, tem crescido o número de empregos nas áreas serviços, financeira e gerencial. As autoridades locais têm planos também para criar em Detroit um centro de alta tecnologia, a exemplo do que fez, com grande sucesso, o Estado de Massachusetts, cuja economia se baseava em indústrias tradicionais.

Outra iniciativa do empresariado da cidade, destacando-se Henry Ford, foi a construção do Renaissance Center, um enorme complexo comercial-hoteleiro de arquitetura avançada às margens do rio Detroit, com nada menos de 70 andares em sua torre mais alta. O objetivo de fazer reviver o centro de Detroit, ao que parece, não encontrou muito eco na realidade. As pessoas que habitualmente circulam por lá não estão entre os mais aquinhoados da cidade. Estes, por sua vez, dificilmente escolhem o centro de Detroit para gastar seu dinheiro. O Renaissance Center continua mais conhecido por ter sediado a convenção do Partido Republicano e por suas lojas quase desertas.

A vitalidade da indústria automobilística americana este ano tem sido um dos esteios do crescimento econômico nos EUA, e não se pode negar que exista um novo ânimo em Detroit. As campanhas de venda dos estoques de modelos 85, com taxas de financiamento de 7,7% ao ano, foram um dos **hits** nos últimos meses. A General Motors, líder do mercado, continua oferecendo taxas de 8,8% ao ano para venda de sete de suas marcas, modelos 85 ou 86. São taxas impossíveis de serem igualadas pelos bancos no crédito ao consumidor e que aumentam o braço financeiro das empresas automobilísticas.

As fábricas norte-americanas descobriram um novo filão nas peruas (**vans**) com aparência de resistentes veículos comerciais, mas que trazem toda a sofisticação e o conforto de modernos carros de passageiros e que são dirigidas de forma crescente por mulheres. Mas os carros importados continuam seu avanço aparentemente inexorável no mercado americano. No segmento dos mini, a hora é dos modelos coreanos e iugoslavos.

As empresas dos EUA adotaram táticas de vender com suas marcas modelos importados até do Japão, de suas subsidiárias e associadas. Também cresce o número de projetos de fabricação conjunta entre empresas japonesas e americanas nos EUA, o que dá emprego internamente e permite às companhias estrangeiras contornar a pressão protecionista.

À exceção da nova fábrica da Mazda, esses novos empreendimentos procuram fugir da área de Detroit, onde o custo da mão-de-obra é de 25 a 30 dólares a hora, contra 18 dólares no Japão e menos de 15 dólares na Índia. A GM e a Toyota estão produzindo Chevrolets Nova na Califórnia, a Nissan utilitários na Pensilvânia e a nova fábrica da GM para o inovador modelo Saturn fica no Tennessee. O UAW, o poderoso sindicato dos trabalhadores na indústria automobilística, que reina absoluto em Detroit, não tem tido sucesso em suas investidas para penetrar nessas novas áreas.

Trabalhadores já sentem as mudanças

São Paulo — As comissões de fábrica, que convivem no dia-a-dia com as rotinas dos processos industriais, já estão percebendo as alterações que surgem com a automação industrial e, de alguma forma, distinguem o que foi o desemprego provocado pela recessão econômica e o resultante da introdução de novas tecnologias como os robôs e máquinas com comandos numéricos.

O secretário-geral da Comissão de Fábrica da Ford de São Bernardo, José Lopez Feijó, observa que naquela unidade estão empregados 10 mil 200 horistas, os mesmos níveis de 1979 a 1980, quando surgiu a crise econômica. Naqueles anos, com o mesmo número de empregados a indústria produzia 400 carros por dia. Hoje, porém, são fabricados 720 veículos por dia, o que representa 56 por hora.

Os trabalhadores na Ford de um modo geral, segundo ele, tiveram até bem pouco tempo dificuldades para perceber que as novas modificações que estão sendo introduzidas afetam o nível de emprego. Como a fábrica havia demitido aproximadamente 2 mil trabalhadores na época da crise, teve que recontratar praticamente o mesmo número de empregados quando colocou em funcionamento a nova linha de produção do Escort, em 1983, com processos de automação. Com isso, os operários consideraram que robôs e a automação criavam novos empregos.

Feijó constata, também, que na nova estamparia da Ford, que prensa chapas de aço para moldar peças do carro, estão empregados na manutenção, ferramentaria e produção somente 17 operários, enquanto na estamparia tradicional eram necessárias 90 pessoas.

Outro membro da comissão da fábrica, Zoroastro Pinheiro da Silva, teme que seu emprego esteja ameaçado. Ele é inspetor de auditoria na usinagem e já assistiu à eliminação da inspetoria de qualidade, um dos estágios anteriores à auditoria. Há cerca de duas semanas, está em funcionamento, com apenas 60% de sua capacidade, uma máquina com comando numérico na linha de "camisa" (peça do motor) que tinha 18 trabalhadores, sendo 14 operadores, dois seletores de material e dois inspetores de qualidade. Esses quatro já não estão mais trabalhando e mais quatro foram transferidos. Ele acredita que quando a máquina estiver funcionando 100% restarão quatro pessoas.

Num processo de usinagem tradicional, diz Zoroastro, existiam o operador de máquina, inspetor de processos, preparador de máquina, operador, líder e inspeção final. Com a automação, o que se verifica é que estão restando o operador e o inspetor final, mas este também tenderá a desaparecer, porque a própria máquina poderá informar a inspeção, comunicando se está tudo "ok" ou não. Muitos que trabalhavam nessas áreas estão em outras partes das fábricas, ganhando salários de operadores, que não são os melhores.

Com essas alterações nos processos de produção, os dois consideram que muitos trabalhadores estão perdendo suas qualificações profissionais, que exigiam cursos especializados. Um inspetor de qualidade, ou um soldador, por exemplo, precisam fazer um curso de dois anos no Senai, enquanto um operador de máquinas convencionais estuda um ano para a função. Normalmente, esses trabalhadores necessitam de formação mínima do primeiro grau para operar as máquinas de comando numérico, o tempo de treinamento é menor.

Os sindicalistas também criticam o "processo de perfumaria" com que as empresas "vendem" os novos equipamentos aos trabalhadores, para que elas não odeiem as máquinas e não venham a causar problemas como sabotagem. Feijó e Zoroastro afirmam que, para isso, foram criados os círculos de controle de qualidade na Volkswagen e o "trabalho participativo" na Ford, onde se solicitam sugestões dos operários para melhorar a segurança no trabalho. Para ele, essas medidas, no fundo, visam a melhoria de produtividade e qualidade dos produtos. Segundo Feijó, na estamparia do prédio 4 da Ford, um grupo de ferramenteiros tem apresentado sugestões, por falta de conhecimento, que redundarão no afastamento de 15 trabalhadores.

Feijó acredita que muitos dos trabalhadores já estão percebendo o que ocorre com a automação, enquanto outros não. A comissão de fábrica tem pedido à Ford que informe com antecipação seus planos de introdução de novas máquinas e não tem sido atendida. Segundo ele, com maiores esclarecimentos sobre a situação, os trabalhadores serão obrigados a fazer greves para negociar o problema da automação, embora eles não sejam contra o progresso tecnológico.

Indústria de cerâmica cresce 10%

São Paulo — O setor brasileiro de cerâmica — representado por 60 fabricantes de pisos, azulejos e pastilhas —, que só perde em capacidade instalada de produção para a Itália, graças à descoberta de consumidores para produtos sofisticados no mercado interno e a uma ofensiva nas exportações que já chega até à China, vem crescendo cerca de 10% ao ano desde 1982.

O presidente da Incepa — Indústria Cerâmica do Paraná — e vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica, Augusto da Costa Ávila, que inaugurou um **show-room** de sua empresa em São Paulo, afirmou que acredita na continuidade desta tendência. A Incepa — que este ano exportará perto de 9 milhões de dólares (cerca de Cr$ 90 bilhões) e espera um faturamento de Cr$ 350 bilhões em 1985 — é responsável pela metade das vendas para o exterior.

O empresário explicou que a Incepa conseguiu diblar a crise da construção civil brasileira, optando por uma produção de cerâmicas destinadas a consumidores de alto poder aquisitivo e investindo no mercado de imóveis em reformas.

Fundos de ações crescem Cr$ 10 trilhões em 4 meses

De Cr$ 1 trilhão 419 bilhões para Cr$ 11 trilhões 419 bilhões: exatamente Cr$ 10 trilhões. Esse foi o crescimento do patrimônio dos fundos de ações no período de quatro meses, de junho a setembro deste ano. Trata-se de uma forma de aplicação coletiva em ações, possibilitando que investidores de médio ou pequeno porte, ou os que não têm como acompanhar de perto a evolução das Bolsas, participem do mercado.

O patrimônio de cada um dos fundos de ações é dividido por cotas que variam de acordo com a evolução dos preços das ações e com o fluxo de captação e resgate das cotas. De uma maneira geral, quase a totalidade das reservas dos fundos está aplicada em ações, com as instituições mantendo percentual mínimo de liquidez no **open** para atender necessidades de caixa.

Vantagens

Os fundos de ações são administrados por bancos de investimentos e corretoras que montam a carteira de ações com base nos estudos e projeções do departamento técnico sobre as empresas com títulos negociados na Bolsa. Quanto maior é o fundo, maior é o número de ações da carteira. Boa parte dos fundos procura adotar uma estratégia conservadora na escolha das ações, procurando aplicar em empresas sólidas e tradicionais do mercado e, mesmo assim, diversificando a carteira para diminuir os riscos.

Segundo Pedro Filipo, gerente do departamento de administração de carteiras, do London Multiplic de Investimentos, 80% do patrimônio do fundo estão investidos em ações tradicionais, de segunda linha, como Alpargatas, Casa Anglo, Casa José Silva, Manah, Agroceres, além de Vale do Rio Doce.

A vantagem do investidor é não ficar se preocupando em acompanhar o mercado, para ver se é hora de comprar ou vender, deixando esta tarefa a cargo da equipe de administradores e técnicos das intituições, comenta Julius Haupt, vice-diretor da área de fundos e carteiras de investimentos do Banco Lar Brasileiro. A simplicidade no tratamento tributário dos rendimentos das aplicações nos fundos de ações também foi ressaltada por Haupt: "o investidor tem apenas que declarar o número de cotas e o rendimento é isento de Imposto de Renda".

Já o diretor do departamento de mercado de capitais do Bradesco, Mário Teixeira, ressalva que ao adquirir cotas dos fundos de ações o investidor deve ter um horizonte de retorno de médio e longo prazo para sua aplicação, já que a curto prazo o risco de ter uma rentabilidade abaixo da expectativa é bem maior.

O administrador do Fidep, fundo de ações da Corretora Adolpho de Oliveira, Luiz Henrique Gurvitz, cita também a agilidade das instituições em operar alterações na carteira de títulos em conseqüência de uma alteração inesperada das perspectivas das empresas do setor da economia do país ou da tendência de mercado.

Como aplicar

Os limites mínimos de aplicação inicial nos fundos de ações variam, na maioria dos casos, entre Cr$ 1 milhão e Cr$ 2 milhões. Em alguns bancos, como no Lar Brasileiro, não é necessário ser cliente do banco para entrar para um fundo de ações. Outros, como o Bradesco, mantêm essa exigência.

A valorização das cotas pode ser acompanhada nas páginas de economia dos jornais que publicam, diariamente ou semanalmente, o levantamento feito pela Anbid—Associação Nacional dos Bancos de Investimentos — que inclui, também, o comportamento dos fundos mútuos de renda fixa.

A sistemática de liquidação das operações de compra e venda das cotas dos fundos de ações obedece às normas fixadas pelo Conselho Monetário Nacional: na compra, o valor da cota é o do dia seguinte ao pagamento, sendo creditada ao investidor dois dias depois. Para o resgate das cotas, o prazo é um pouco maior, em geral de quatro dias depois que o pedido foi feito, uma vez que o prazo para a liquidação das operações nas Bolsas de Valores é de três dias, no mínimo.

Crescimento

O vertiginoso crescimento dos fundos de ações nos últimos meses é creditado, em grande parte, à alta do mercado de ações mas também ao crescimento do número de pessoas interessadas em participar dos investimentos na Bolsa, o que não deixa de estar relacionado com a rentabilidade dos papéis.

Inaugurado no início do mês, o Flexipar, administrado pelo Lar Brasileiro, captou, em treze dias úteis, Cr$ 130 bilhões, numa média de Cr$ 10 bilhões por dia, e obteve uma rentabilidade de 11% no período. O Fidep, da Adolpho de Oliveira, com 1 mil cotistas e um patrimônio de Cr$ 40 bilhões, proporcionou uma valorização de 978,8% aos seus cotistas no primeiro ano de existência. O London Multiplic, segundo Pedro Filipo, deverá apresentar uma rentabilidade superior ao dobro da inflação este ano.

Outro fator que influiu na expansão da indústria dos fundos de ações foi a transformação de vários Fundos fiscais 157 em fundos mútuos de ações, autorizada no início do atual Governo.

FUNDOS MÚTUOS DE AÇÕES	VALOR PATRIMONIAL LÍQUIDO SETEMBRO Cr$ MILHÕES	VALOR DA COTA EM 16.10.1985 Cr$	RENTABIL ACUMULADA NO ANO (%)
Alfa-Unibanco	257.936,1	4.541,722	285,37
América do Sul Ações	128.616,0	1.957,818	351,14
Arbi-Equilíbrio	1.479,8	12.527,976	230,11
Auxiliar Ações	71.231,2	206,880	385,77
Aymoré Ações	19.965,7	657,646	355,24
Bamerindus Ações	443.656,3		
Bandeirantes ações	89.360,7	893,284	357,03
Bandeirantes BBC	8.186,5	786,770	347,05
Banerj	87.501,4	40,999	304,01
Banespa Ações	140.614,1		
Condomínio Banorte	96.489,4	338,112	270,32
Banrisul (1)	35.824,0	2.394,730	412,41
Banrisul Ações (1)	71.253,6	5.241,500	341,91
BCN Ações	100.187,9		
Boavista Ações	95.613,0		
Boston Sodril	144.282,1	9,064	358,94
BMG Ações		912,178	382,85
Bozano Ações	93.054,7	1.435,551	321,78
Bozano Investimento	83.068,3	7.226,881	274,89
BBI Bradesco	29.283,3	1.884,698	3677,95
Bradesco Ações	2.878.232,0	3.734,847	347,62
Brascan Montrealbank	48.584,1	1.408,418	357,96
Brascan Montrealb Ações (1)	121.008,4	48.987,116	317,67
Cidade de São Paulo	8.191,0	3,381	—
Comind Ações	242.757,7	1.490,071	390,16
Credibanco Ações	107.771,6	1.038,323	368,65
Credibanco FBI	127.532,3	537,855	448,81
Crefisul	87.227,2	1.742,720	270,02
Crefisul Ações	138.399,7	1.828,324	300,19
Crescimento Unibanco	1.188.158,5	2.407,216	334,48
CSA Boavista	215.634,1	5.454,723	445,47
Denasa Ações	160.332,7	2.576,074	378,91
Denasa Miner. e Metal.	12.797,4	18.403,284	403,61
Econômico	275.942,8	326,558	371,48
Elite	5.835,1	11,428	429,08
Fidep	24.123,7	18,566	457,04
Fidesa	8.110,7	45.318,367	353,18*
Finasa Ações	282.006,1	3.339,760	338,11
Garantia	19.157,2	9.776,088	318,42
Industrial	15.736,0	13.527,911	248,50
Iochpe Ações		1.034,020	—
Itauações	746.249,0	3.419,055	—
Itaú Capital Market	1.766.079,6	5.115,451	333,20
FMALB	166.687,4	891,006	357,08
Lopcred Ações	1.334,7	65,839	—
London Multiplic	160.376,8	548,324	386,66
Maisonnave Ações	91.709,5	5.054,339	342,89
Maisonnave Condomínio	10.122,9	227,051	480,38
Mercantil Ações	1.790,6	223,134	380,20
Mercantil do Brasil	153.000,1	724,310	341,57
Multi-Banco			
Nacional	587.145,6	2.580,003	280,12
Paulo Willemsens	1.668,5	101,252	—
Prime	22.152,8	196,002	374,90
Real		2.552,510	415,47
Chase Flex Par	72,8	17.763,653	—
Safra Investimento	71.606,1	873,976	290,59
Segurdade (1)	14.718,6	482,755	373,51
Sul Brasileiro Ações			
Unibanco	75.065,3	1.671,721	366,03
London Multiplic Ações		934,450	351,08
Investdol	11.798,9	5.508,025	—
Noroeste Ações	75.535,6	477,330	298,13
Total	11.419.791,7		
Fonte ANBID			

Bradesco lidera operações

Brasília — No final de setembro, o Bradesco conservou a primeira colocação entre os 162 fundos mútuos de investimento e entre os 88 fundos mútuos de ações, enquanto o Citibank liderou as operações feitas pelos 74 fundos mútuos de renda fixa, segundo a análise elaborada pelo Departamento de Organização do Mercado de Capitais (Deorc) do Banco Central.

Com um volume total da carteira de Cr$ 27 trilhões 300 bilhões, os fundos mútuos de investimento tiveram uma rentabilidade real (acima da inflação), no mês passado, de 9,37%. O acumulado real do ano, até agora, é de 27,6%. Depois do Bradesco, que tem Cr$ 2 trilhões 880 bilhões, a segunda maior carteira pertence ao Citibank, com Cr$ 2 trilhões 4 bilhões. O Banespa ficou em terceiro (Cr$ 1 trilhão 840 bilhões), enquanto o CSC-7 Crefisul ocupou a quarta posição (Cr$ 1 trilhão 800 bilhões.)

A maior parte (43,6%) das aplicações dos fundos mútuos de investimento ficou por conta das ações, com Cr$ 11 trilhões 900 bilhões. Em segundo plano, ficaram as compras de ORTN, com Cr$ 10 trilhões 900 bilhões. Em setembro, esses fundos aumentaram sensivelmente o volume de ORTN em suas carteiras, diminuindo suas posições em LTN (apenas 7,09%, contra 18,13% no mês de agosto).

Renda fixa

O total da carteira dos 74 fundos de renda fixa alcançou Cr$ 14 trilhões 200 bilhões, no final do mês passado, com uma rentabilidade real, no período, de apenas 0,69%. Mas, em termos anuais, o rendimento acima da inflação ficou no patamar de 27,08%.

O Citibank é o primeiro fundo mútuo de renda fixa, com Cr$ 2 trilhões 4 bilhões em carteira. Seguem-se: Banespa (Cr$ 1 trilhão 840 bilhões; CSC-7 Crefisul (Cr$ 1 trilhão 800 bilhões); Itaú (Cr$ 1 trilhão 520 bilhões) e Bradesco (Cr$ 1 trilhão 140 bilhões).

Os Fundos Mútuos de Renda Fixa, basicamente, concentram suas aplicações na aquisição de ORTN, com um volume total de Cr$ 10 trilhões 430 bilhões (73,34% do total da carteira).

As LTN estão em segundo lugar, com 10,93%.

Ações

Com uma carteira avaliada em Cr$ 3 trilhões 300 bilhões, o Bradesco se apresentou, ao final de setembro, como o principal fundo mútuo de ações. O Itaú, com Cr$ 1 trilhão 770 bilhões, ficou em segundo lugar, seguindo-se Crescimento-Unibanco (Cr$ 1 trilhão 190 bilhões), Real (Cr$ 1 trilhão 120 bilhões) e Nacional (Cr$ 600 bilhões). Esses cinco fundos foram responsáveis por 57,71% de todas as operações das 88 empresas que atuam no setor.

Funcionários da Caixa preparam paralisação de um dia em outubro

Brasília — Os 800 representantes dos 40 mil funcionários da Caixa Econômica Federal (CEF), reunidos em seu 1º Congresso Nacional, decidem hoje a data e a duração da greve nacional que pretendem realizar, para obter jornada de trabalho de seis horas, idêntica à dos bancários, direito de sindicalização, estabilidade no emprego, reajustes trimestrais de salários e realização de concurso público para contratação de novos funcionários.

Os funcionários da Caixa abriram ontem seu Congresso com o coro "greve, greve" e, segundo avaliação de sindicalistas da Comissão Nacional de Mobilização, deverão aprovar a proposta da Associação dos Economiários (funcionários da CEF) do Rio Grande do Sul: paralisação, por 24 horas, em 29 de outubro, e, caso não haja resposta do Governo, greve geral a partir de 5 de novembro. Os economiários farão, amanhã, comício de protesto às 12h30min, em frente ao Congresso Nacional, e passeata até o Ministério do Trabalho.

Proibidos de se sindicalizar sob o argumento de que pertencem ao funcionalismo público, os economiários reivindicam sua integração aos sindicatos de bancários na manifestação de amanhã, pretendem entregar ao Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, as fichas de sindicalização, provocando o Ministério a se pronunciar sobre o direito dos economiários de agregarem-se aos sindicatos dos bancários.

Os economiários criticaram o PMDB e o líder do Partido na Câmara, Pimenta da Veiga, por não aprovar o requerimento de urgência para o projeto do deputado Léo Simões (PFL-RJ), que garante para os economiários jornada de trabalho de seis horas. Os delegados do Ceará resolveram boicotar o PMDB nas eleições municipais de novembro, caso o deputado Pimenta da Veiga não encaminhe o projeto para votação. Eles propõem que todos os funcionários da Caixa Econômica façam o mesmo, deixando de votar nos candidatos do PMDB.

O Congresso contou com ativa participação dos sindicatos dos bancários do Rio, Recife, Brasília e Rio Grande do Sul. O Presidente do Sindicato dos Bancários do Rio, Ronald Barata, fez o primeiro discurso, falando também em nome da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Foi muito aplaudido.

Greve atrasa o Desafio da Bolsa

Pela segunda vez este ano, a greve nos serviços postais prejudica o andamento do concurso "Desafio da Bolsa", promoção do JORNAL DO BRASIL e da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Como o início do movimento grevista ocorreu na quarta-feira, dia 16, muitos participantes não puderam enviar o cupom de número 8, publicado na edição de domingo passado, dia 13, já que, em sua maioria, deixam para fazê-lo no último dia permitido, que é a quinta-feira.

Desta forma, decidiu-se prorrogar, até a quinta-feira da semana que se inicia, a remessa do cupom de número 8, já que, ao que tudo indica, o serviço de Correios deverá ser normalizado.

Em virtude disso, não se publica, na presente edição, o cupom de número 9, que dá seqüência ao concurso. Ele será publicado, normalmente, na edição do próximo domingo, dia 27, do JORNAL DO BRASIL, servindo para a continuidade da série de quatro semanas daqueles que já estão participando ou para os que venham a iniciar as suas aplicações simuladas.

Direitos dos acionistas

EMPRESAS	DIVIDENDOS EM CR$	BONIFICAÇÃO EM %	SUBSCRIÇÃO %	SUBSCRIÇÃO CR$	FORMA DE NEGOCIAÇÃO
BESC	0,12	—	—	—	01.10 a 21.10.85
BANRISUL	—	—	38,9	1,00	04.10 a 29.10.85
BANESPA	0,45	—	—	—	18.09 a 28.10.85
BANERJ	OBS.1	—	—	—	15.10 a 04.11.85
BRAHMA	0,40	—	—	—	08.10 a 28.10.85
BRASILIT	10,00	—	—	—	10.10 a 30.10.85
BIOBRÁS	—	—	98,658237	4,50	14.10 a 11.11.85
CATAGUAZES LEOPOLDINA	0,06 ORD e PREF "A" 0,03 PREF. "B"	—	—	—	01.10 a 21.10.85
CICA	0,12	—	—	—	17.10 a 06.11.85
CIA. HERING	0,12	—	—	—	16.10 a 05.11.85
DOVA	0,46	1,400	50	1,10	10.10 a 08.11.85
FIBAM	—	400	10	1,60	02.10 a 29.10.85
FUJIWARA	—	—	33,817	1,90	08.10 a 05.11.85
IOCHPE	0,10	—	—	—	21.10 a 08.11.85
J.B.DUARTE	0,10	—	—	—	15.10 a 04.11.85
J.H.SANTOS	—	—	OBS.2	1,50	16.10 a 14.11.85
LIX DA CUNHA	—	—	5,528	1,20	07.10 a 28.10.85
MANAH	—	—	12	5,60	01.10 a 29.10.85
METISA	0,13	—	—	—	21.10 a 08.11.85
MULTITEXTIL	0,0884	—	—	—	01.10 a 21.10.85
PROMETAL	0,15	300	25	2,20	11.10 a 11.11.85
SANTANENSE	0,10	—	—	—	01.10 a 21.10.85
SHARP	0,16	—	—	—	30.10 a 20.11.85
TELEMIG	—	—	6,6914	97,684	04.10 a 25.10.85

OBS.: 1 — Cr$ 0,57419 relativo ao exercício de 1984 e Cr$ 0,25268 relativo aos 1ºs. 1985.
OBS.: 2 — Titulares de ações ordinárias 49,415% no respectivo tipo e 50,584 em preferenciais. Titulares de ações preferenciais 100% no respectivo tipo.

Os primeiros individuais

Resultados dos 50 primeiros colocados entre os investidores individuais do quarto grupo deste trimestre do Desafio da Bolsa, que iniciaram suas aplicações com o cupom publicado na edição de 8 de setembro do JORNAL DO BRASIL. A lista completa, por ordem alfabética, sai no caderno **Classificados** e está disponível também nas agências do JB.

POSIÇÃO	NOME DO PARTICIPANTE	VALOR TOTAL
0001	Wagner Granja Victer	17.364.000
0002	Carlos Alberto do S. Santos	16.681.506
0003	Jairo Diniz Silva	16.253.400
0004	Mariza Wods Pfeiffer	16.232.564
0005	Luciano da Silva	15.808.834
0006	Gilza Junqueira Barbosa Vianna	15.371.728
0007	Max Sengider	15.168.900
0008	Walter Galvão Krause	15.026.812
0009	Cesar Augusto Gonçalves	14.819.019
0010	Ruber Jatoba Mesquita	14.773.398
0011	Luiz Eduardo Guimarães	14.534.994
0012	Ruben Colombo Wien	14.339.100
0013	Celia de Almeida Correa	14.283.000
0014	Joaquim dos Santos Camaru	14.213.521
0015	Osmar Caetano Antunes	14.206.707
0016	Brasilio Borges Guerra	14.203.692
0017	Arydovaldo de Almeida Prado	14.203.692
0018	Fatima Deise Sacramento Porcidonio	14.130.600
0019	Nara Esteves Coelho Costa	14.043.240
0020	Gilberto Jacques Steinbruch	14.005.754
0021	Eduardo a Kratz	13.932.186
0022	Elias Pereira Pontes de Lima	13.855.257
0023	Francinei Sousa Lucena	13.854.941
0024	Raul Jose Marchesini Fonseca	13.692.671
0025	Fernando Antonio Navarro de Oliveira	13.670.765
0026	Ricardo Jose dos Santos	13.650.730
0027	Jose Luiz Silva Nunes	13.641.474
0028	Luiz Alexandre Santos dos Reis	13.635.400
0029	Victor Cezar Braga	13.624.600
0030	Ricardo N A Dick	13.612.680
0031	Domingos Pedro Martire	13.416.686
0032	Glaucia Helena Barbosa	13.359.877
0033	Eduardo Werner Hackradt	13.344.448
0034	Angela Lidia de Almeida Pereira	13.341.726
0035	Sergio Zajd	13.301.660
0036	Luis Augusto Mascarenhas Aguiar	13.283.261
0037	Ricardo Luiz Galanternick de Faria Braga	13.222.681
0038	Jucimara Sobreira de Campos Vallo	13.217.504
0039	Carlos Fernando Lagrota Rezende Lopes	13.199.303
0040	Abrão Mailihzon	13.186.088
0041	Francisco Edgar da Silva Filho	13.180.786
0042	Emilio Castelar Pires Pereira	12.964.200
0043	Carlos Gutemberg dos Santos Gonçalves	12.842.247
0044	Roberto Teixeira	12.804.345
0045	Rosamaria da Rocha Coelho Rondon	12.783.648
0046	Pedro Ernesto Guimares	12.729.830
0047	Luiz Carlos Gomes	12.713.130
0048	Oliveira Teixeira Nobre	12.701.286
0049	Geraldo da Silva e Souza	12.683.821
0050	Rosario de Maria Gorete Rodrigues Martins	12.651.490

Os primeiros clubes

Resultados dos 50 primeiros colocados entre os clubes de investimento do quarto grupo deste trimestre do Desafio da Bolsa, que iniciaram suas aplicações com o cupom publicado na edição de 8 de setembro do JORNAL DO BRASIL. A lista completa, por ordem alfabética, sai no caderno **Classificados** e está disponível também nas agências do JB.

POSIÇÃO	NOME DO PARTICIPANTE	VALOR TOTAL
0001	Carlos Alberto Guedes da Silva	159.248.556
0002	Diogo Silva Gomes	159.103.924
0003	Wish You Were Here	154.719.089
0004	Clube de Investimento 71	154.607.724
0005	Clube Maneiro	152.627.010
0006	Petroleo Investimentos	151.419.869
0007	Clube de Investimento Maravilha	151.327.322
0008	Clube de Investimento Fumaça	151.234.775
0009	Clube de Investimento Bamba	151.142.227
0010	Clube Bem Bom	151.052.572
0011	Clube Junior	150.960.025
0012	Clube Fertil	150.870.370
0013	Clube de Investimento Brasileiro	150.856.460
0014	Clube de Investimentos 70	150.775.894
0015	Metralha Investimentos	150.698.358
0016	Clube de Investimentos do Canal	150.269.365
0017	Clube de Investimento Bravo	146.460.951
0018	Clube de Investimentos 45	143.738.134
0019	Aureo Pinheiro Santos	143.700.900
0020	Morro do Moreno	143.212.294
0021	Quatro Ases Investimentos	141.657.940
0022	Doçura Investimentos	140.675.680
0023	Clube de Investimento Extra	138.000.355
0024	Clube de Investimentos 31	137.160.000
0025	Clube de Investimento D Pedro	137.141.398
0026	CBA Grupo Geraldo Veiga Gilard	134.414.200
0027	Clube de Investimento Aceso	129.688.434
0028	Leonor Ferreira de Souza	129.341.330
0029	CBA Grupo Marcus Rieder Grael	129.021.460
0030	Rebeldes Sem Causa	127.954.390
0031	Caledonia	125.899.979
0032	Apolo Zero	125.467.258
0033	Clube de Investimentos Cartago	123.677.510
0034	CBA GR Fernando Augusto Carneiro Pinto	123.230.616
0035	Clube Fé na República	122.711.893
0036	Ten CC	121.414.405
0037	Pedra do Sapo	121.154.448
0038	Clube Monte Python	120.790.328
0039	Barra Investimentos	120.748.627
0040	Clube Santissimo	120.501.412
0041	Time	120.457.104
0042	Karajas Invest VI	120.071.764
0043	Maria Aparecida Pires Golfir	119.769.400
0044	Vale Tudo Investimentos	119.728.320
0045	Clube de Investimento Super	119.283.273
0046	União Investimentos	119.039.858
0047	Clube To Duro mas Não Perco a Pose	118.445.000
0048	Clube de Investimentos 72	115.332.592
0049	Vale Mais Investimentos	115.140.436
0050	Clube Monte Branco	114.845.998

As ações que entram no "Desafio"

Embora não se esteja publicando, na presente edição, o cupom de participação no "Desafio da Bolsa", são divulgadas a seguir as informações sobre o desempenho, durante a semana, dos títulos considerados para efeito do concurso, de forma a que os participantes não percam a seqüência que pode ajudá-los em suas decisões de investimentos.

AÇÕES	CÓDIGO	TIPO	ÚLTIMO BALANÇO	LUCRO POR AÇÃO	ÚLTIMA COTAÇÃO MÉDIA	P.L. (*)	PATRIMÔNIO LÍQUIDO (**) P/AÇÃO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO (**) PREÇO/VLR.PATR.AÇÃO (*)	VARIAÇÃO % NA SEMANA
Acesita	ACES	OP	12/84	PR	7,90	—	3,44	2,30	+ 40,57
Acesita	ACES	PP	12/84	PR	5,74	—	3,44	1,67	+ 31,35
Barreto Araújo	BAPC	PB	04/85	1,22	5,41	4,4	10,13	0,54	+ 10,63
Banco do Brasil	BB	ON	12/84	27,63	521,20	18,9	186,45	2,80	+ 0,64
Banco do Brasil	BB	PP	12/84	27,63	715,61	25,9	186,45	3,84	+ 7,90
Belgo Mineira	BELG	OP	12/84	2,02	43,48	21,5	10,83	4,01	+ 24,58
Banerj	BERJ	PP	12/84	PR	31,60	—	22,42	1,41	+ 45,15
Banespa	BESP	PP	12/84	1,11	30,95	27,9	9,45	3,27	+ 31,48
Banco Nacional	BNAC	PN	12/84	1,03	8,70	8,4	15,92	0,54	+ 2,35
Bradesco	BRAD	PS	12/84	1,50	47,49	31,7	14,64	3,25	+ 26,91
Brahma	BRHA	PP	12/84	0,97	26,87	27,7	14,17	1,90	+ 3,07
Cemig	CMIG	PP	12/84	0,45	1,89	4,2	4,93	0,38	+ 10,53
Corrêa Ribeiro	CORI	PP	03/85	PR	2,79	—	5,86	0,48	+ 29,17
Souza Cruz	CRUZ	OP	12/84	40,95	332,42	32,5	145,90	9,13	+ 36,79
C.S.Brasília	CSBR	PP	12/84	0,38	3,26	8,6	3,30	0,99	+ 9,03
Citro-Pectina	CTPP	PP	04/85	0,38	6,60	8,5	8,02	1,14	− 9,59
Docas	DOCA	OP	12/84	0,33	49,33	149,5	13,07	3,77	+ 18,55
Docas	DOCA	PP	12/84	0,33	49,41	149,7	13,07	3,79	+ 23,80
Eluma	ELUM	PP	12/84	1,01	6,17	6,1	19,42	0,32	+ 31,84
Ferbasa	FERB	PP	12/84	1,23	36,15	29,4	6,79	5,32	+ 9,91
Fertisul	FERT	PB	12/84	0,55	3,64	6,6	6,24	0,58	+ 3,70
F.L.C.Leopoldina	FLCL	PA	12/84	0,41	3,16	7,7	6,66	0,47	+ 32,77
L.Americanas (a)	LAME	OS	10/84	4,93	460,00	93,3	46,29	9,94	0,00
Luxma (a)	LUSC	PP	01/85	1,13	8,98	7,9	12,09	0,74	+ 19,26
Mannesmann	MANM	OP	12/84	0,39	6,29	16,1	1,08	5,92	+ 27,07
Mannesmann	MANM	PP	12/84	0,39	4,80	12,3	1,08	4,44	+ 17,94
Mendes Junior	MEND	PA	12/84	1,82	47,28	26,0	16,89	2,80	+ 28,65
Mesbla (b)	MESB	PP	01/85	5,13	278,88	54,3	118,73	2,34	− 0,40
Moinho Fluminense	MFLU	OP	06/85	6,03	99,60	15,9	37,26	13,48	+ 9,31
Montreal (c)	MONT	PP	09/84	2,57	49,87	19,4	7,08	7,04	+ 24,80
Petrobrás	PETR	ON	12/84	15,82	386,10	24,4	204,95	1,98	− 4,22
Petrobrás	PETR	PP	12/84	15,82	843,98	53,3	204,95	4,11	+ 24,99
Paranapanema	PMA	PP	12/84	0,81	53,13	65,6	1,01	52,60	+ 13,67
Petr.Ipiranga (b)	PTIP	PP	01/85	1,07	7,08	6,6	9,63	0,73	+ 39,64
Samitri	SAMI	OP	12/84	5,87	247,84	42,2	24,94	9,94	+ 52,56
Telerj	TERJ	PN	12/84	10,48	52,97	5,0	238,56	0,22	+ 1,87
Unipar	UNIP	PB	12/84	1,30	5,75	4,4	7,64	0,73	+ 19,05
Vale do Rio Doce	VALE	OP	12/84	63,75	502,01	7,9	282,39	1,78	+ 12,08
Vale do Rio Doce	VALE	PP	12/84	63,75	737,17	11,6	282,39	2,61	− 8,23
Varig	VARG	PP	12/84	3,02	13,48	4,4	11,33	1,19	+ 22,55
Aços Vilares (a)	VILA	PP	01/85	0,10	24,56	245,6	3,84	6,40	+ 11,69
White Martins	WHMT	OP	12/84	0,63	6,52	10,3	3,24	2,01	+ 7,41
Zanini	ZANI	PA	12/84	0,16	3,02	18,9	2,77	1,09	+ 3,78

(a) Empresas excluídas do IBV, mas que continuarão a fazer parte do Desafio/Bolsa.
(b) Exercício de onze meses.
(c) Exercício de dez meses.
(*) Relativo à última cotação.
(**) Último Balanço Anual + Subscrições.

Modernização no setor de autopeças exige estímulos

Marco Antonio Antunes

São Paulo — A indústria de autopeças acaba de entregar ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) um documento em que demonstra estar o setor impossibilitado de investir, no ritmo desejável, em programas de ampliação e modernização da produção. Por isso, propõe novas formas de estímulo, a fim de evitar que suas empresas se tornem obsoletas dentro de cinco anos, no máximo.

Ao comentar, ontem, o trabalho, feito por especialistas do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), o presidente da entidade, Pedro Eberhardt, advertiu que o perigo maior da diminuição dos investimentos — provocada pelo alto custo do dinheiro e pela ausência total de incentivos — "é a desnacionalização do setor".

Segundo ele, o ramo de autopeças é constituído de 550 fábricas em todo o país, das quais cerca de 80% são pequenas e médias. A maior parte delas é controlada por empresários brasileiros, ao contrário das montadoras, todas, com raras exceções, filiais de grandes corporações internacionais.

Pedro Eberhardt informou que o trabalho realizado pelo Sindipeças levou em consideração os problemas de praticamente todas as produtoras de peças e concluiu que são poucas as que conseguem levar adiante seus programas de desenvolvimento tecnológico. Não há recursos suficientes sequer para simples planos de expansão.

— Se nada mudar — alertou —, em poucos anos as indústrias perderão totalmente seu poder de competitividade, que por enquanto é mantido. Nossa qualidade ainda é reconhecida mundialmente, tanto que o setor exportará este ano, direta e indiretamente, cerca de 1 bilhão 400 milhões de dólares. Além disso, atendemos a todos os requisitos dos projetos dos carros mundiais lançados no Brasil pela General Motors, Ford e Fiat.

Com a perda gradativa da competitividade do setor, observou ainda o empresário, a indústria automobilística tende a verticalizar toda a sua produção: ou seja, as próprias montadoras de veículos passarão a fabricar, também, as peças de que necessita. A partir desse momento, estará caracterizada a desnacionalização do setor, que hoje emprega 241 mil trabalhadores, trazendo novos problemas sociais para o país.

A idéia do estudo sobre a necessidade de modernização do parque industrial do ramo de autopeças, segundo Pedro Eberhardt, já havia sido debatida há quase dois meses com o então presidente do BNDES, Dílson Funaro, hoje Ministro da Fazenda. "Ele entendeu os motivos da nossa preocupação e deu sinal verde para que levássemos o estudo adiante. Não tenho dúvida de que o Governo o apreciará com carinho", disse o presidente do Sindipeças.

Eberhardt prefere não revelar ainda (só o fará na próxima terça-feira) que tipo de estímulo o Sindipeças pediu ao Governo. Mas, nesses casos, é comum que se solicitem linhas especiais de crédito ou diminuição da carga tributária, conforme observou outro empréstimo da área.

A legislação industrial brasileira proíbe a verticalização da produção pelas montadoras desde 1983, quando o Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) colocou em vigor a resolução nº 63. Isso ocorreu meses depois da famosa "briga" da presidente da Molas Sueden, Miriam Lee, contra a Ford Brasil, que naquele ano estava implantando uma fábrica de molas para veículos no Município de Jaboatão, Pernambuco.

Miriam Lee, aliás, se desentendeu não apenas com a Ford. Ela reclamou da falta de apoio do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, e do então presidente do Sindipeças, Carlos Fanuchi de Oliveira. No final, a Ford levou a melhor, pois conseguiu implantar sua fábrica de molas, ainda que com uma produção menor que a prevista no projeto original.

Volks embarca 2.950 Passat

São Paulo — A Volkswagen enviou um novo lote, de 2 mil 950 **Passat** para o Iraque, completando o embarque, para aquele país, de 29 mil 837 unidades do modelo. Até o final do ano a montadora pretende exportar outros 20 mil **Passat**, o que totalizaria o envio, em 1985, de 50 mil unidades do modelo para aquele mercado.

A fábrica brasileira tem um contrato com o Iraque para exportar 100 mil **Passat**, no valor de 600 milhões de dólares. As primeiras 50 mil unidades devem ser enviadas este ano e as restantes no próximo ano. O Iraque é, atualmente, o principal mercado exportador da Volkswagen, vindo a seguir a Nigéria.

A Ford anunciou que exportará, ainda este ano, 1 mil 100 **Escort** para a Escandinávia, além dos 21 mil já garantidos para 1985. Portanto, ela recuperou 25% dos 4 mil **Escort** que deveria exportar em abril e maio, mas não foi possível devido à greve dos metalúrgicos.

Este ano a Ford exportará o equivalente a 530 milhões de dólares, contra 480 milhões de dólares do ano passado. De suas exportações 250 milhões de dólares correspondem às vendas, pela Philco — empresa do Grupo Ford —, de rádios e componentes para os Estados Unidos e Inglaterra, que não são vendidos no Brasil.

Desembolsos da Finame cresceram 24,6% reais

Wilson Thimoteo

Os desembolsos da Agência Especial de Financiamento Industrial — Finame (subsidiária do BNDES) registraram crescimento real (descontando a variação da ORTN no período) de 24,6%, nos primeiros nove meses do ano em relação ao mesmo período do ano passado, confirmando a tendência de reativação das compras industriais de máquinas e equipamentos, já observada nos dois últimos meses.

De acordo com o diretor executivo da Finame, Irimá da Silveira, o crescimento de 30,8% também observado no valor total (Cr$ 4 trilhões 647 bilhões) dos pedidos de financiamentos aprovados, no mesmo período, está reafirmando uma tendência constatada pelos técnicos do BNDES: a de que a aplicação e a demanda dos financiamentos para compra de máquinas e equipamentos está respondendo mais a um processo de expansão de fábricas já existentes e de renovação e substituição de equipamentos do que a uma nova fase de instalação de novos projetos industriais.

Sinais positivos

O diretor executivo da Finame manifestou também certo otimismo em relação ao número de operações (abertura de linhas de financiamentos) realizadas, nos primeiros nove meses deste ano, que já alcançou a casa das 12 mil 778, devendo chegar às 20 mil — um número importante, mais ainda inferior ao de 79, ano de melhor desempenho da Finame.

Irimá da Silveira, admitiu que São Paulo absorveu a maior fatia, como sempre ocorreu. Na verdade, conforme os dados oficiais do BNDES para o período compreendido entre janeiro e julho deste ano, a Finame desembolsou Cr$ 1 trilhão 879 bilhões para todo o país, sendo que São Paulo absorveu Cr$ 744 bilhões, representando 40% do total das aplicações e quase 70% do que foi desembolsado para a região Sudeste. O Rio de Janeiro ficou com apenas Cr$ 115 bilhões, Minas Gerais com Cr$ 135 bilhões e o Rio Grande do Sul com Cr$ 81 bilhões.

Os dados dos primeiros nove meses revelam que os financiamentos aprovados para as pequenas e médias empresas destinados à compra de máquinas e equipamentos, em termos de valor, tiveram aumento real (descontando a correção monetária do período) de 75,9%, em relação ao mesmo período do ano passado. Para o programa de longo prazo da Finame, que opera com empresas de grande porte, o crescimento foi de 93,4% e para o programa especial, que financia bens de capital para projetos (novas instalações) de maior porte, a queda foi de 8,1%.

No terreno dos desembolsos realizados, no mesmo período, o programa de pequenas e médias empresas registrou aumento real de 44%, o de longo prazo de 64,7% e o programa especial queda de 8,8%.

Concentração no Sudeste

A análise dos dados relativos às aprovações de novos financiamentos, no primeiro semestre deste ano (último dado disponível), revela também que é forte a concentração de deferimentos de novos créditos para o Sudeste. De um total de Cr$ 1 trilhão 922 bilhões aprovados pela Finame no primeiro semestre para desembolsos futuros, a região Sudeste ficou com Cr$ 1 trilhão 241 bilhões, representando 64,6% do total e o Estado de São Paulo, isoladamente, com Cr$ 745 bilhões, equivalendo a 38,8%.

Nos três outros Estados que integram a região Sudeste, a distribuição dos recursos aprovados pela Finame é a seguinte: Minas Gerais ficou com Cr$ 181 bilhões (9,4% do total do país), Espírito Santo com Cr$ 185 bilhões (9,6% do total) e o Rio de Janeiro com Cr$ 129 bilhões (6,7% do total).

A região Sul absorveu apenas 17% do total dos financiamentos aprovados, a região Nordeste 12%, a região Norte 4% e a Centro-Oeste 2%.

Do total já efetivamente desembolsado, no primeiro semestre, a região Sudeste teve uma participação de 62%, sendo que São Paulo, isoladamente, ficou com 42%. Em valores, a Finame desembolsou Cr$ 1 trilhão 467 bilhões, no período.

Em termos setoriais, os maiores financiamentos aprovados, no período em questão, foram destinados à indústria de transporte, que absorveu uma fatia equivalente a 16% do total.

A indústria metalúrgica foi favorecida com aprovações correspondentes a 8,84% do total, enquanto os serviços de utilidades públicas ficou com 8%.

Para a compra de equipamentos agrícolas a Finame aprovou apenas Cr$ 108 bilhões, o que correspondeu a 5,66% do total aprovado, no primeiro semestre.

Preço do álcool deve subir

A tendência do Governo é aumentar o preço do álcool utilizado nos automóveis. Isto deverá ser feito junto com novos aumentos da gasolina, ou isoladamente, reduzindo a diferença entre o preço da gasolina e o do álcool. Este é o sentimento atual existente na Petrobrás e nas entidades que reúnem as empresas produtoras de álcool carburante.

Desde que o Governo Federal resolveu conter os aumentos da gasolina e do álcool para o consumidor, a Petrobrás vem acumulando elevados prejuízos. Antes do aumento de terça-feira passada, a Petrobrás **bancava** mais de Cr$ 800 em cada litro de álcool vendido nos postos aos proprietários de automóveis. Com o aumento, esse valor foi reduzido para Cr$ 205 (para o álcool adquirido em São Paulo), ou Cr$ 233 (para o do Rio de Janeiro), ou ainda Cr$ 285 (para o do Nordeste). A Petrobrás compra o produto das usinas e paga um preço diferente para cada região de produção, além de arcar com os custos do transporte e da armazenagem.

Os prejuízos da empresa estatal têm sido tão elevados que na segunda-feira passada o diretor comercial da Petrobrás, Carlos Sant'Anna, enviou um telex ao Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) avisando que a Petrobrás não tem mais dinheiro para comprar álcool. Dos Cr$ 8 trilhões 500 bilhões autorizados pela SEST para as compras deste ano, Cr$ 6 trilhões 600 bilhões já haviam sido gastos, restando assim Cr$ 1 trilhão 900 bilhões ("que são suficientes apenas para a aquisição de pouco menos de 2/3 da cota de outubro"). Sant'Anna disse ainda que o Fundo do Álcool, onde estão depositados os recursos para compra do álcool anidro (de elaboração mais sofisticada) para ser misturado à gasolina, acumulou um déficit de Cr$ 500 bilhões.

Mas os problemas do álcool brasileiro não param aí. Os técnicos da Petrobrás dizem que existe um estoque do produto muito alto. O Conselho Nacional do Petróleo (CNP) já sugeriu ao Governo Federal a redução da produção de álcool na safra 85/86, num volume de 1 bilhão 600 milhões de litros, ou pouco menos que 10% da produção prevista, entre 11 bilhões e 12 bilhões de litros. Além disso, as exportações para os Estados Unidos estão bloqueadas em virtude de diversos obstáculos criados pelos produtores americanos de álcool de milho.

Do outro lado dessa polêmica estão os produtores de álcool, os plantadores de cana e o próprio IAA. Nenhum destes quer ver reduzida a produção de álcool e contestam o argumento de que os estoques são elevados. Segundo as estatísticas oficiais do IAA, em setembro os estoques de álcool eram de 6 bilhões 133 milhões de litros, quantidade que inclui o estoque de segurança de 1 bilhão 500 milhões de litros.

As estimativas dos técnicos da Federação Nacional dos Plantadores de Cana, da Sopral (Sociedade dos Produtores de Álcool) e do Instituto do Açúcar e do Álcool é que o excedente do produto não ultrapassa 1 bilhão de litros, justamente o volume que deveria ser vendido no exterior. Além disso, exibem um argumento que julgam definitivo: a seca que atinge o interior de São Paulo há quatro meses vai provocar uma redução de uns 15% na próxima safra.

Socialistas espanhóis apóiam a iniciativa privada

Noenio Spinola

Madri — Três anos depois de ter conseguido maioria absoluta na Câmara e guindado Felipe Gonzalez à Presidência, o Partido Socialista e Operário da Espanha — PSOE faz uma profissão de fé no desenvolvimento sustentado pelas empresas privadas que vem provocando surpresas e curiosidades muito além de suas fronteiras.

— No último congresso do Partido aprovamos uma resolução na qual concluímos claramente que não queremos um setor estatal **maior**. Queremos um **melhor** setor estatal — disse em uma longa entrevista ao JORNAL DO BRASIL Manuel Chaves, o Secretário-Geral do PSOE para assuntos econômicos e sindicais. Chaves, de 40 anos, antes de falar uma linguagem técnica, procura explicar o que levou o PSOE ao poder e o crescimento de sua base política através dos mecanismos consensuais de convivência entre empregados, empresários e Governo. Uma visão pragmática do que desejavam os espanhóis como forma de transição política parece estar no miolo do sucesso político do PSOE e na marginalização crescente dos comunistas e dos que insistiram em uma radicalização ideológica.

O primeiro grande pacto político e social que a Espanha pós-franquista conheceu foi o pacto de Moncloa, firmado em 1977. De lá para cá, vários acordos se sucederam, até o Acordo Econômico e Social, cuja existência é agora questionada às vésperas de eleições regionais e nacionais.

JB — Desde 1977, e em particular desde o Pacto da Moncloa, a Espanha parece ter encontrado fórmulas razoáveis de convivência entre sindicatos, empresas públicas e privadas. Como o Sr. caracteriza o quadro atual e o papel do Partido Socialista nesse contexto, já que o chamado Acordo Econômico e Social vigente parece estar expirando?

Chaves — A origem dessa política de busca de consenso é nitidamente sindical. Em 1977, quando ocorreu a legalização efetiva de partidos e sindicatos, existia uma concordância muito grande entre a CCOO (**Comissiones Obreras**, entidade sindical comunista) e a UGT (união de trabalhadores socialistas). Ambas passaram da clandestinidade para a legalidade com uma forte carga ideológica, muito vinculados aos interesses dos trabalhadores de vanguarda que estavam nas grandes empresas, tinham mais consciência sindical e eram mais combativos. Esqueceu-se a maioria dos trabalhadores, os que estavam empregados em pequenas e médias empresas e não tinham o mesmo nível de combatividade. Apesar das divergências entre os dois grupos sindicais, havia entretanto uma coincidência estratégica. As iniciativas, no primeiro round, pertenciam à CCOO, e nas eleições sindicais de 1978 a vantagem para esse grupo era de 12% sobre a UGT.

A partir daí a UGT reavalia sua estratégia, abandona colocações ideológicas rígidas e parte para levar em conta a pluralidade dos trabalhadores. Buscamos superar as diferenças nas condições trabalhistas não só entre grandes e pequenas empresas mas ainda entre indústria e agricultura, ou entre diferentes regiões mais desenvolvidas ou menos desenvolvidas industrialmente como o país Basco ou a Andaluzia. Isso levou a UGT a buscar uma política consensual e a acordos de cúpula com empresários e, se possível, envolvendo o governo.

JB — Em que época houve essa mudança de estratégia?

Chaves — Estávamos por volta de 1978, 79. O Governo estava em mãos de um partido de centro-direita, ainda na esteira da sucessão e de todos os fatos que ocorreram depois da morte de Franco (o ditador morreu em 1975, ano em que se instala oficialmente a monarquia na Espanha). Em julho de 1979 houve um acordo de cúpula entre a Central Empresarial — CEOE — e a central sindical socialista, UGT, de que resultou a primeira legislação trabalhista no país dentro do regime democrático. O que se buscou a seguir, com outro acordo, chamado Acordo Marco Interconfederado, foi racionalizar a estrutura de negociações coletivas de acordos de trabalho e procurar uma fórmula para melhorar os assalariados menos favorecidos.

JB — O objetivo foi então atender não só aos trabalhadores da chamada elite sindical, mas ainda aqueles que não tinham poder de barganha tão forte.

Chaves — Sim. Tanto que a legislação salarial que saiu previa uma escala de reajustes dentro de uma faixa de 12% a 16%. Houve uma evolução rápida nessas práticas de negociação e chegamos a 1981/82 já com um acordo tripartite, envolvendo o Governo, as entidades patronais e a UGT. O Partido Socialista chega ao Governo em 1982, conseguindo a maioria absoluta no Parlamento (com 202 das 350 cadeiras da Câmara) e a presidência é assumida por Felipe Gonzalez. Parece evidente que a sociedade apoiava a forma consensual que estávamos buscando nas negociações, e buscamos então um Acordo Econômico e Social para 1985 e 86. (Esse acordo foi firmado em outubro de 1984.)

JB — O que explicaria a dissociação, o distanciamento que ocorreu entre comunistas e os ortodoxos da ideologia comunista e o Partido Socialista?

Chaves — A verdade é que o PC acabou em termos eleitorais na Espanha, acabou em termos políticos, e o único instrumento que lhe restou foi a central sindical (CCOO). A CCOO subordinou então sua estratégia ao Partido Comunista, que não quer endossar a política econômica do Governo socialista.

O Acordo Econômico e Social de 1985, que foi subscrito pela UGT, pelos empresários e o Governo, cumpriu seus objetivos em termos de manutenção do poder aquisitivo dos trabalhadores e outros. Mas é evidente que existe um contexto político em desenvolvimento e a vida do Acordo reflete esse ambiente político.

JB — Os jornais de Madri publicaram nas últimas semanas que tanto a central empresarial quanto os sindicatos estão se afastando do Acordo.

Chaves — Os empresários querem modificar o sistema de demissão de trabalhadores, que na Espanha é subordinado a várias regras, entre as quais a de autorização pelas administrações locais ou estaduais. Os empresários querem que isso desapareça e querem também reduzir os custos das demissões que implicam uma indenização de 45 dias por ano trabalhado. Os sindicatos estão contra. A legislação espanhola prevê quatro tipos básicos de demissão: a disciplinar (justa causa), que pode ocorrer sem indenização; a que visa a amortização de cargo e duas outras formas que podem envolver, inclusive, o encerramento de atividades de uma empresa, parte dela, ou subsidiária. O que o Partido Socialista acha é que as formas atuais de contratação de novos empregados — que permitem contratação por tempo limitado — já resolvem o problema.

É evidente que este ponto, tanto para os comunistas quanto para a central empresarial, será um ponto "quente", já que teremos eleições regionais neste fim de ano e eleições gerais no ano que vem. Isso explica o contexto difícil para a manutenção atual do Acordo Econômico e Social que foi firmado em 1984 para vigorar até 1986. Mas há outros pontos a considerar. A Espanha está entrando no Mercado Comum Europeu, e sua legislação trabalhista deve se adequar, se ajustar à do MCE. A realidade é que nossa mão-de-obra ainda é mais barata do que a de outros países do MCE. Assim, é impossível querer pensar em modificar a nossa legislação trabalhista nos pontos em que ela seja mais favorável que a da Comunidade Européia. Passado esse período de disputa política, certamente será possível voltar a uma estratégia de consenso nacional e a um novo acordo que reúna todas as partes.

JB — Mas é um paradoxo que tenha sido exatamente o Partido Socialista que adotou uma política de racionalização das empresas públicas que resultou em aumento do desemprego na Espanha. Como então o Sr. caracterizaria essa estratégia? E qual o papel que se reserva ao sindicato, ao Estado e às empresas privadas em seu país?

Chaves — É minoritária aqui, acredito, a idéia de que os trabalhadores devem participar como acionistas, ou nos lucros das empresas, e que portanto se co-responsabilizem na gestão econômica e financeira das empresas. Isso não é o que querem hoje os sindicatos, que caminham em outra direção. O que eles querem é participar em órgãos de controle e vigilância sobre a gestão, e não uma participação direta na gestão, com a qual não querem se comprometer. Caminhamos em uma direção diferente do que pode ocorrer em outros países europeus com governos socialistas. Estamos, contudo, atribuindo importância às cooperativas e outras organizações semelhantes.

JB — De onde, então, o Governo vai tirar as forças básicas que irão impulsionar a economia? Das empresas públicas? Das empresas privadas?

Chaves — Um dos dogmas da esquerda na Espanha ou em qualquer país com regime social-democrata ao longo de muitos anos tem sido o de considerar o setor público como motor, como locomotiva que arrasta a economia, os investimentos privados etc. Isso é possível em países como a Alemanha, ou em nações mais industrializadas e com economia muito mais aberta que a espanhola. O governo socialista recebeu do regime franquista empresas públicas que não se reciclaram. A tarefa de reciclar e tornar rentáveis essas empresas foi assumida pelo governo socialista porque os anteriores não se atreveram a fazê-lo, devido aos custos sociais que isso implicaria. Entre 14 mil e 18 mil empregos foram suprimidos nas empresas públicas e estimamos que uns 60 mil são dispensáveis. Isso, é claro, teve um custo social enorme, mas criamos vários mecanismos para contornar os problemas com as demissões, que foram desde aposentadorias antecipadas até mecanismos de reabsorção futura enquanto o desocupado se mantém com parte do salário que recebia enquanto estava empregado.

JB — É evidente que a entrada da Espanha na Comunidade Econômica Européia forçou essa modernização.

Chaves — Sim, isso é um dado, porque não poderíamos adotar a legislação da CEE com empresas com custos altos e incapazes de competir. Elas seriam esmagadas.

JB — Então o setor público não funcionará como motor da economia...

Chaves — O que quero dizer com isso é que o setor público na Espanha não está em condições de puxar a economia. Não pode exercer o papel de locomotiva e também não pode criar empregos novos. Em resolução tirada no último congresso do Partido Socialista é dito que não queremos um setor público **maior**; queremos um **melhor** setor público, que ao longo de vários anos possa vir a funcionar como motor. Portanto, o Governo espanhol tem agora que contar com o setor privado, pois é ele que emprega de 90% a 85% da força-trabalho deste país. O que o Governo está fazendo, sem abandonar o setor público, é favorecer o setor privado.

JB — Como se faz esse apoio?

Chaves — Em larga medida este país tem pequenas e médias empresas. Adotamos vários mecanismos para desenvolver essas empresas, como descompressão fiscal, bonificações por criação de novos empregos etc. Tudo o que estamos fazendo nesse sentido se dirige a fomentar o consumo privado, reduzindo custos trabalhistas e outros. Parece que já há sintomas de recuperação dos investimentos privados neste país.

JB — A forma como as empresas vão investir, contudo, é um problema do Estado ou das empresas?

Chaves — Este é um problema das empresas. Mas elas terão de levar em conta a entrada da Espanha na CEE e o fato de que agora terão de competir com alemães, franceses e outros, que talvez estejam em melhores condições.

JB — Quando o Sr afirma que o governo quer aumentar o consumo e os investimentos privados e reduzir os gastos públicos, isso se reflete no orçamento que está em discussão?

Chaves — Pelo orçamento em discussão reduzem-se os investimentos públicos e são aumentadas as transferências ao setor privado em 8%, creio eu.

O que é Pacto Social

O Acordo Econômico e Social firmado em 1984 pelo Governo socialista, a central sindical da UGT, a central patronal — CEOE e a CEPYME, que representa as pequenas e médias empresas, é um documento curto e objetivo que procura orientar as soluções dos problemas econômicos e sociais do país através do consenso entre as partes que o subscreveram.

Um pequeno volume editado pelo Ministério do Trabalho abre com uma declaração do Governo na qual este assume certos compromissos: a taxa de crescimento econômico projetada (3% para 1985 e 3,5% para 1986), pressão fiscal (o aumento da carga tributária não seria através de aumento de impostos, mas da melhoria na fiscalização), compromisso de reduzir o déficit público de 5% do Produto Bruto este ano para 4,5% em 1986, melhores condições de financiamento das empresas privadas e promessa de criação de 25.000 novos empregos.

O primeiro capítulo descreve o acordo e os compromissos que as partes assumem. O Título I trata dos acordos de caráter fiscal — com os compromissos assumidos pelo Estado, entre os quais encontra-se o de melhorar a fiscalização, aumentar a dedutibilidade por subscrição de ações de 15 para 17% e benefícios fiscais pela criação de empregos novos nas empresas.

O Capítulo II trata dos investimentos públicos e dos projetos prioritários, bem como de onde o Governo pretende gerar novos empregos sem prejudicar sua meta principal de aumentar a eficiência do setor público. A reciclagem do setor público implicou em desemprego de funcionários que foram dispensados para permitirem a renovação de fábricas ou instituições, mas ficaram recebendo parte do salário e à espera de reaproveitamento em outras funções. Neste capítulo tratou-se da criação de um Fundo de Solidariedade nos moldes do Fundo Social Europeu.

No Capítulo III trata-se da fixação de um teto (que ficou abaixo da inflação) para o aumento do funcionalismo. No Capítulo IV e no V foram considerados os problemas de desemprego e previdência social. O Capítulo VI é dedicado aos problemas de contratação de empregados e convênios coletivos de trabalho. (Este ponto tem provocado divergências entre patrões e sindicatos socialistas que são explicadas na entrevista de Chaves).

O Capítulo IX é o mais singular de todos e talvez fosse inaceitável no Brasil. Com dois parágrafos apenas, diz o primeiro deles:

"A CEOE (central empresarial) e a CEPYME (central das pequenas e médias empresas) prepararão um informe em que se analisará o papel da empresa pública, dentro do contexto econômico nacional, atendendo a critérios de racionalidade, competitividade e incidência e importância dos setores estratégicos no conjunto do setor público".

O Informe deveria ser remetido ao Governo. Tratando-se de um governo socialista, evidentemente esse parágrafo deveria ter um contraponto. O seguinte estabelecia que o Governo, através da UGT, iniciaria negociações para participação sindical na discussão dos direitos sindicais em empresas públicas.

Williams domina o triste GP da África do Sul

Johannesburgo — O brasileiro Nélson Piquet tinha boas razões para deixar satisfeito o Autódromo de Kyalami. Não, evidentemente, por causa de sua participação no Grande Prêmio da África do sul, a penúltima etapa do Mundial de Fórmula-1, disputada ontem, e sim porque pôde ver, mais uma vez, a força do carro que vai pilotar no ano que vem. A Williams foi a grande vencedora da prova, com inglês Nigel Mansel, em primeiro lugar — a sua segunda vitória consecutiva — e o finlandês Keke Rosberg, em segundo.

Piquet se viu obrigado a abandonar a prova na sexta volta, batido pela altitude de Johannesburgo (1.800m acima do nível do mar), que fundiu o motor da Brabham que conduzia. O mesmo motivo afastou Ayrton Senna da corrida, na oitava volta, assim como a quase totalidade dos pilotos: dos 20 carros que largaram, apenas sete concluíram o GP da África do Sul. E um deles, o veterano Alan Jones, da Lola, nem chegou a largar, pois se sentiu mal pouco antes de começar a corrida.

Oásis de paz

O Autódromo de Kyalami parecia um oásis de tranqüilidade no meio de uma grave crise política que se abate sobre a África do Sul. No centro de Johannesburgo, perto dali, milhares de negros saíam às ruas para protestar contra o regime do **apartheid**, que ontem enforcou o poeta negro Benjamim Moloise, de apenas 28 anos. Aparantemente alheios aos incidentes, 75 mil pessoas assistiram à prova em Kyalami.

E ninguém teve nada do que reclamar. Foi uma grande corrida. Mansel, o **pole position**, largou bem, mas perdeu a primeira posição para Rosberg, que imprimia um ritmo forte à prova. A liderança do finlandês, contudo, durou pouco. Na oitava volta, a sua Williams rodou em uma mancha de óleo e Mansel retomou a liderança para dela não mais se afastar até ao final das 75 voltas.

Os pilotos também pareciam alheios ao que acontecia na África do Sul. Antes de começar a prova, Alain Prost prometia não subir ao pódio, se ficasse entre os primeiros colocados, como uma forma de protesto contra o **apartheid**. A fábrica de cigarros que patrocina a McLaren, mandou retirar a sua marca do carro de Prost e Niki Lauda. O protesto, na verdade, ficou só nisso. Terceiro classificado na prova, o piloto francês, campeão mundial nesta temporada, subiu ao pódio normalmente e festejou como se estivesse mesmo em um oásis de tranqüilidade.

De qualquer forma, Prost tinha mesmo motivos para estar feliz. Ele obteve o terceiro lugar com a garra de um verdadeiro campeão. Na última volta, o combustível acabou e o piloto da McLaren teve que cruzar a linha de chegada impulsionando o carro com a força de seu corpo.

Prost chegara até a ocupar a segunda posição na prova, mas não foi capaz de suportar o ímpeto de Keke Rosberg nas últimas cinco voltas. O "finlandês voador", que parara nos boxes duas vezes para trocar pneus, impôs um ritmo tão forte que se tornou um espetáculo à parte. Sem respeitar medidas, Rosberg saiu em perseguição de Mansel e chegou a bater o recorde da pista de Kyalami, com 1min08s100, a média de 216,9 km por hora.

Apesar de todo o esforço, Rosberg não conseguiu roubar o primeiro lugar de Mansel, mas ficou em segundo, em condições de conquistar ainda a terceira posição no campeonato em disputa com Senna, com o italiano Elio de Angelis e com o próprio Mansel. Senna, que tinha ainda possibilidades de ser vice campeão, perdeu completamente as chances e a posição ficou definitivamente para o italiano Michele Alboreto, da Ferrari.

Prejuízo em 85 pode cancelar prova de 86

O que os protestos internacionais não conseguiram, o dinheiro é capaz de obter. O Grande Prêmio da África do Sul poderá ser cancelado na próxima temporada e substituído por um ressuscitado GP da Argentina. A hipótese foi levantada ontem, em Johannesburg, pelo porta-voz da Associação dos Construtores de Fórmula-1 (FOCA), Alec Whitacker.

Tudo por causa do cancelamento da transmissão pela TV para 17 países, sobretudo da Europa, em protesto contra a execução, anteontem, do poeta Benjamin Moloise, militante do Congresso Nacional Africano — o proscrito CNA — que luta contra o regime racista da África do Sul. Há duas semanas, 44 canais de televisão transmitiram o GP da Europa, em Brands Hatch. Ontem, a transmissão ficou restrita a 27 emissoras, apenas.

— Isso é uma verdadeira catástrofe financeira. Perdemos muito dinheiro e já se estudam mudanças — revelou Whitacker.

Classificação do GP

	Piloto	Equipe	Tempo
1 —	Nigel Mansel (Inglaterra)	Williams	1h28min22s866
2 —	Keke Rosberg (Finlândia)	Williams	1h28min30s438
3 —	Alain Prost (França)	McLaren	1h30min14s660
4 —	Stefan Johansson (Suécia)	Ferrari	a uma volta
5 —	Gerhard Berger (Austria)	Arrows	a uma volta
6 —	Thierry Boutsen (Bélgica)	Arrows	a uma volta
7 —	Martin Brundle (Inglaterra)	Tyrrel	a duas voltas

Johannesburgo/Foto da FP

No final da corrida, Rosberg perdeu a medida e correu atrás da vitória. Foi um espetáculo à parte

Classificação do Mundial

	Piloto	Equipe	pontos
1 —	Alain Prost (França)	McLaren	76
2 —	Michele Alboreto (Itália)	Ferrari	53
3 —	**Ayrton Senna (Brasil)**	**Lotus**	**38**
4 —	Elio de Angelis (Itália)	Lotus	33
5 —	Keke Rosberg (Finlândia)	Williams	31
	Nigel Mansel (Inglaterra)	Williams	31
7 —	Stefan Johansson (Suécia)	Ferrari	24
8 —	**Nélson Piquet (Brasil)**	**Brabham**	**21**
9 —	Niki Lauda (Áustria)	McLaren	14
10 —	Thierry Boutsen (Bélgica)	Arrows	11
	Patrick Tambay (França)	Renault	11
12 —	Jacques Laffite (França)	Ligier	10
13 —	Marc Sures (Suíça)	Brabham	5
14 —	Dereck Warwick (Inglaterra)	Renault	5
15 —	Stefan Bellof (Alemanha Ocidental)	Ram	4
16 —	Andrea de Cesaris (Itália)	Ligier	3
	Rene Arnoux (França)	Ferrari	3
18 —	Gerhard Berger (Áustria)	Arrows	2

Mundial de construtores

	Equipe	pontos
1 —	McLaren	90
2 —	Ferrari	80
3 —	Lotus	71
4 —	Williams	62
5 —	Brabham	26
6 —	Renault	16
7 —	Ligier	13
	Arrows	13
9 —	Tyrrel	4

Próxima prova: GP da Austrália, 3 de novembro, em Adelaide

Senna perde da altitude

Ter que abandonar a prova na oitava volta não chegou a surpreender o brasileiro Ayrton Senna. Desde os primeiros treinos, ele já sabia que poderia ficar no meio do caminho. A sua Lotus, em momento algum, suportou a altitude de Johannesburg (1.800m) e a expectativa dos pilotos não era muito positiva. Para complicar ainda mais, o calor de 30 graus prejudicou muito o desempenho do motor.

— Quase não consegui largar. Tive que pisar na embreagem e acelerar forte. Com três voltas, a temperatura subira em excesso. Ainda insisti, mas fui obrigado a parar.

Com isso, Senna ficou definitivamente afastado da luta pelo vice-campeonato. Agora, o brasileiro tentará o terceiro lugar, mas não está preocupado com isso neste momento:

— Quero mesmo é descansar uns dias na Ilha Mauricius. Sexta-feira sigo para Adelaide.

Quem ficou surpreso com o fraco rendimento do carro foi Nélson Piquet. Antes da prova, ele fizera um excelente treino e tudo parecia muito bem.

— No início da corrida o carro estava perfeito. E o pior é que o painel não indicou nenhuma falha do motor. Fiquei surpreso quando o motor parou repentinamente.

Piquet contou que tudo tinha sido planejado com a máxima atenção. Os mecânicos da Brabham escolheram uma turbina de maior porte para que o motor resistisse mais a altitude:

— A turbina grande gira menos e, por isso, pensava que era a melhor. Achava até que venceria a prova.

No fundo, Piquet tinha boas razões para estar feliz. Ele pôde assistir à excelente atuação da Williams, a sua equipe da próxima temporada:

— O carro é ótimo e acho que serei campeão de novo.

Carcasci tenta outro título

Londres — O brasileiro Paulo Carcasci — campeão europeu da Fórmula-Ford 1.600 — pode conquistar hoje outro título importante na categoria: o Campeonato Inglês. Carcasci disputa a última etapa da competição, no Autódromo de Truxton, para onde está marcada a tomada de tempo pela manhã.

Carcasci está em terceiro lugar no Inglês de Fórmula-Ford 1.600, com 122 pontos. O líder é Mark Brundell, da Inglaterra, com 139, seguido do belga Bertrand Gachot, com 136. O brasileiro precisa, para chegar ao título, terminar até na terceira posição, desde que os dois primeiros colocados não marquem pontos. Ele fica com o título, se vencer a prova, independente dos resultados de Brundell e Garchot. Pelo regulamento da disputa, a vitória vale 20 pontos.

Fórmula-2

Oito pilotos brasileiros participam hoje de mais uma etapa do Campeonato Sul-Americano de Fórmula-2. A prova será em San Juan, a 1.600 quilômetros de Buenos Aires. O líder da competição é Guillermo Maldonado, com 45 pontos — cinco vitórias em sete corridas. Os brasileiros mais bem colocados são Leonel Friedrich e César Pegoraro, que estão em oitavo lugar, com sete pontos.

Cubanos chegam para o basquete do Botafogo

O pivô Félix Morales e o ala Raul Doboys, ambos titulares da Seleção Cubana de basquete, podem chegar ao Brasil na próxima quarta-feira ou no dia 30 deste mês. O diretor de basquete do Botafogo, Aurélio Tomassini, que está trazendo os jogadores, confirmou ontem que todos os detalhes para definir a vinda de Morales e Duboys já foram resolvidos.

Há duas semanas em Havana, Aurélio ficou dois dias em Lima, no Peru, onde pegou na embaixada brasileira os vistos de entrada para Félix Morales e Raul Duboys. Os dois jogadores se encontraram com Aurélio depois de terem disputado a Copa Cristovão Colombo (em Porto Rico.

— O Morales desfila pelas ruas de Havana com a camisa do Botafogo e os dois estão ansiosos para chegarem no Brasil e começarem a jogar — comentou entusiasmado Aurélio Tomassini, que levou o último disco de Hermeto Paschoal para Morales e o de Roberto Carlos para Duboys.

Caso não consiga encontrar lugares no vôo que sai de Cuba na próxima semana, Aurélio enviará os documentos de Morales e Duboys pelo jornalista Ronaldo Brasil, correspondente do Pasquim em Cuba, que chegará ao Brasil na quarta-feira.

— Ele poderá iniciar o processo de legalização dos jogadores junto à Federação e à CBB para o Botafogo — explicou Tomassini.

Na bagagem para Havana, além de levar os documentos de Félix Morales e Raul Duboys e os discos de presente, Aurélio foi também com o currículo do técnico de futebol Humberto Redes, que iniciará um trabalho de desenvolvimento do esporte naquele país.

Técnica do Fla derrota Bradesco

O Flamengo foi uma equipe mais técnica, seus jogadores apresentaram muita determinação e não encontraram dificuldades para derrotar o Bradesco por 88 a 60 (44 a 34) ontem no ginásio do Tijuca, em partida válida pela quinta rodada do Campeonato Estadual de Basquete. Com a vitória, o Flamengo deu um importante passo para a conquista do título do turno, que tem o Vasco como líder.

Desde o início da partida, o Flamengo mostrou mais disposição que o Bradesco. Almir que entrou na quadra sentindo a perna esquerda; e Filloy, que sofreu uma leve torção no tornozelo no começo do jogo; ignoraram suas contusões e continuaram atuando normalmente. O Bradesco não apresentou esquema de jogo definido.

A vantagem de dez pontos que o Flamengo conseguiu no primeiro tempo foi aumentando progressivamente na segunda etapa. Bem organizado na defesa — o time ganhou a maioria dos rebotes — e contando também com uma excelente atuação do pivô gaúcho Evandro — cravou duas bolas sensacionais —, o Flamengo praticamente ignorou o Bradesco.

No fim da partida, os jogadores dedicaram a vitória do irrequieto técnico Emanuel Bonfim, que não parou de gritar e orientar a sua equipe um instante sequer. O Flamengo jogou com: Raul (11), Filloy (12), Cruxen (14), Evandro (24) cestinha da partida, Almir (20), Zé Luís (5) e Pedrinho (2). O Bradesco — Bigu (7), Gilson (12), João Batista, que não conseguiu realizar o "Cipó Voador", Pelezinho (7), Marquinhos (17), Walter (2), Jorginho (6) e Alexey (6).

Sob o sol de sábado, a festa do Rali Ultra-Leve

Edson Filho e Fred Barroso lideram a contagem de pontos do I Rali Ultra-Leve, que teve sua primeira etapa disputada ontem, no percurso entre o Campo do Céu, em Jacarepaguá, e o Hotel do Frade, em Angra dos Reis. Ambos estão com 950 pontos, depois de computadas só as **performances** até Itacuruçá, já que um problema no medidor de combustível impediu os organizadores da competição de calcularem os pontos de Itacuruçá a Angra dos Reis. A prova prossegue hoje, com a disputa de pouso de precisão e arremessos.

Era 8h30min da manhã ensolarada de sábado, quando 18 pilotos largaram, a cada um minuto, do Campo do Céu, atrás do autódromo de Jacarepaguá. Orlando Vinagre, com o ultra-leve de número 14, teve problemas de vela e retornou, reclamando que haviam mexido no seu motor. Renato Padilha, de número 13, também não teve sorte e retornou várias vezes após largar, para consertar um pino solto no aparelho.

Na verdade o I Rali Ultra-Leve foi um grande passeio sobre mar, sobrevoando as 365 ilhas de Angra dos Reis, de rara beleza. O vento, surpreendentemente, estava favorável e a chegada prevista para o meio-dia, no Hotel do Frade, contando com o reabastecimento em Coroa Grade, acabou acontecendo antes das 11 horas. Durante o percurso, só houve um problema: Foi quando a descarga do ultra-leve de Fred Barroso se soltou e ele teve de prosseguir com o aparelho sem muita potência. Mesmo assim é um dos líderes, graças à sua experiência. Já voa há três anos e é proprietário da Fox, que fabrica ultra-leves, modelo nacional, ao preço de Cr$ 50 milhões.

Outro destaque da competição foi o Comandante Lourenço Miranda, com o número 072. Ex-piloto, hoje aposentado da Pan-Air, já atravessou o Atlântico mais de 800 vezes, na rota para o Oriente Médio, e diz que a descoberta do ultraleve foi para ele uma salvação, já que quando parou de pilotar sentiu um grande vazio.

— Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, especialmente porque vôo com meus filhos, João Américo e José Lourenço, que são engenheiros e donos da Ultra-Rex, firma de vendas, representações e manutenção. Consegui unir o útil ao agradável.

O ex-piloto de motonáutica, campeão brasileiro durante oito anos, Édson Mascarenhas, trocou de esporte e aprovou. Ontem ele teve dificuldades de fazer seu ultraleve pegar, mas acabou largando e chegando bem em Angra, onde a praia, em frente ao Hotel do Frade, estava cheia, com turistas que aproveitavam o sol e assistiam aos vôos dos pilotos, com suas asas coloridas.

O vencedor do Rali ganhará uma passagem para o Caribe e os primeiros classificados ficam automaticamente inscritos para o Campeonato Brasileiro, sem data definida.

Foto de André Câmara

A largada: pilotos alinhados para enfrentar o céu

Nova goleada — A Seleção Brasileira continua goleando no Campeonato Mundial de Futebol de Salão, disputado na Espanha. Ontem, em Elche, marcou 16 a 0 sobre a fraca equipe holandesa, que — segundo a imprensa — mais parecia um grupo de turistas. Mais uma vez, o grande nome do jogo foi Jackson, que marcou um gol e saiu muito aplaudido da quadra. Os outros gols foram marcados por Douglas (4), Paulo Eduardo (3), Murrua (3), Raul (3) e Carlos Alberto (2). Na estréia, a Seleção Brasileira, que tenta o bicampeonato e é apontada favorita, vencera a Argentina por 11 a 0, anteontem à noite. Amanhã, em Valença, o Brasil enfrenta o Japão.

Último Macho tem destaque no Salgado Filho

A principal prova desta tarde no Hipódromo da Gávea é o Grande Prêmio Salgado Filho, em 1 mil 600 metros, na grama, com a dotação de Cr$ 15 milhões para o proprietário do ganhador. Dois nomes aparecem com destaque no clássico: Ultimo Macho (Banner's Sport em La Serrana), de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande e Foujita (Felicio em Ipojuca), de criação e propriedade do Haras São José e Expedictus, 2º e 3º colocados respectivamente na milha internacional, Grande Prêmio Presidente da República.

Ultimo Macho, pensionista de Alcides Morales, é o nome mais categorizado do páreo, tanto que, na distância de 1 mil 600 metros, já foi por duas vezes segundo colocado na milha internacional (84/85). Bem-preparado em sistema de partidas curtas e na direção de José Aurélio, que o conhece bem, deve disputar a primeira colocação em corrida normal.

Foujita, que tem sempre chegado imediatamente atrás de Ultimo Macho, mas sempre muito perto do conduzido de José Aurélio, continua como seu principal adversário em corrida normal. Bem-preparado por Francisco Saraiva, seu treinador, que acredita numa boa atuação de seu pensinista, o defensor dos Haras São José e Expedictus ostenta excelente estado e deve cumprir uma apresentação de destaque.

Amir-El-Arab, ganhador da Copa ANPC, tem o melhor apronto do clássico e atravessa fase de franca evolução. Pode surpreender os dois favoritos caso confirme sua última atuação quando venceu em forte atropelada a Copa ANPC. Montado por Paulo Cardoso e bem apresentado por Paulos Salas, o filho de Aporema, não deve ser abandonado nas apostas, pois seu estado é magnífico, como tem ficado evidente em seus exercícios.

Foto de José Camilo da Silva

Income derrota Dix-Huit, por fora, e o favorito Barouk, que tenta avançar, para vencer com firmeza

Edson Ferreira espera boa atuação de Foujita

O freio Edson Ferreira, piloto de Foujita, um dos favoritos de hoje à tarde na Gávea, no Grande Prêmio Salgado Filho, confia numa grande atuação do filho de Felicio, pois é bastante corredor como já provou secundando Ultimo Macho na prova preparatória para o GP Presidente da República e depois, no próprio clássico, chegando em terceiro para Kew Gardens, o ganhador, e o mesmo Ultimo Macho.

Ferreira respeita muito o pilotado de José Aurélio e também Amir-El-Arab, vencedor da II Copa ANPC, mas é em Ultimo Macho que residem suas maiores preocupações:

— Amir-El-Araba é um cavalo em evolução e confirmando aquela viria na Copa ANPC derrotando Alitak e Giverny é um nome de respeito porém Ultimo Macho, na milha, tem que ser encarado como o melhor nome do páreo.

Apesar de Foujita ter sido derrotado duas vezes por timo Macho, Edson comenta que cada corrida é uma história diferente:

— Olha, esse cavalo do Aurélio é realmente muito bom mas a prova pode ter um desenrolar favorável ao meu pilotado e sair vitorioso da raia. Vou torcer para uma pista de macia para pesada, onde Foujita rende mais, e dar a melhor direção possível. A decisão da carreira poderá ser influenciada por peripécias no percurso e espero que, se houverem, sejam favoráveis ao meu pilotado.

Aurélio otimista

Já o bridão José Aurélio está entusiasmado com a forma atual de Último Macho e apesar da presença de alguns adversários perigosos o jóquei cearense espera a vitória do pensionista de Alcides Morales, que, segundo ele, tem muita categoria e além disso é um especialista na distância:

— Último Macho é um cavalo de alto gabarito e sua apresentação na milha internacional, quando só foi derrotado por Kew Gardens, o coloca na posição de força absoluta do clássico de amanhã (hoje). No entanto, terá que ter sorte no percurso e correr dentro de seu padrão normal para superar a Foujita e Amir-El-Arab, seus principais adversários.

Apesar dos seus seis anos, é o mais velho do lote, Último Macho, na opinião de José Aurélio, atravessa uma fase tão boa que até parece um potro, tal a disposição com que tem galopado:

— Outro dia eu tentei fazer um exercício suave e não consegui, pois ele fazia força em todo o percurso querendo disparar. Normalmente acho que não será derrotado no clássico de amanhã (hoje) à tarde.

Volta Fechada

Hoje, em Cidade Jardim, será corrida a segunda prova da tríplice-coroa de éguas, grandíssimo clássico Diana (Grupo I), o Oaks paulista. Em dois mil metros e na grama, o Diana oferece à sua ganhadora um prêmio de Cr$ 150 milhões. Quatorze potrancas nacionais estão inscritas.

A favorita da prova é Dimane (Janus II em Oscilação, por Waldmeister), criação e propriedade da Fazenda Mondesir, recente ganhadora, em ótimo estilo, da milha da Taça de Prata de potrancas, grande clássico Criação Nacional (Grupo I). No entanto, a candidata à tríplice-coroa, que não é levantada desde 1977 quando, invicta, Emerald Hill (Locris em Embuia, por Sunny Boy), criação do Haras Guanabara e propriedade do Haras Rosa do Sul, passou vitoriosamente pelas três provas, é outra potranca de criação da Fazenda Mondesir mas de propriedade de Roger Guedon, Double Dutch (Free Hand em Riecka, por Cambremont), primeira nas One Thousand Guineas, grande clássico Barão de Piracicaba (Grupo I)

Principais rivais

Estas duas potrancas são treinadas no Rio, assim como a principal rival delas, Byzantine (Sabinus em Victress, por Hornbeam), criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande. Das paulistas, as mais comentadas são Come Together (Falkland em Donivá, por Double Jay), criação do Haras Santo Alberto e propriedade do Haras Equipage Brasil, Bucarelli (Egoísmo em Ouuster, por Kamel), criação do Haras Santa Ana do Rio Grande e propriedade de Delmar Biazóli Martins, Jane's Lark (Tumble Lark em Ponteseria, por Imbroglio), criação e propriedade do Haras Rosa do Sul, Classical Music (Malecite em Sonrora Field, por Bosworth Field), criação do Haras Inshalla e propriedade do Stud Inshalla, e, the last but not the least, Serikib, dona de altamente clássica filiação, Van Houtem na Oaks winner paulista Late Win (Earldom II em Water Lilly, por Sandjar), criação e propriedade de modelar Haras Faxina.

Dois páreos antes, outra pattern race reservada à nova geração será disputada. Trata-se dos 2 mil 200 metros do importante clássico Antônio Correia Barbosa (Grupo II), na areia, o Prix Noailles paulista. Entre os quatro inscritos, dois parecem ter destaque. O primeiro, já com colocação de pattern race na areia, é o estimado e elogiado Henry Junior, um Henri Le Balafré em Rosse Velvet, por Locris, criação e propriedade do Haras Serrano. O outro, sem experiência clássica, é dono de filiação mais do que comprovada e consagrada, pois irmão próprio de Campal e Full Love: Heckel (Figurón em Varanda, por Gabari), criação e propriedade do Haras Rio das Pedras. Um teste aparentemente limitado e modesto para o próximo grandíssimo clássico Derby Paulista (Grupo I).

Escorial

GÁVEA

Income (Big Poker em Serna), venceu com autoridade o páreo de potros derrotando Dix-Huit e o favorito Barouk contando com boa direção de Francisco Pereira Filho. Estes foram os resultados das dez provas disputadas ontem na Gávea em pistas de areia e grama leves:

1º páreo — 1 mil 300 metros — grama — 1º Manzoni J. Ricardo 2º Xereco J. Malta vencedor (1) 1,10 dupla (13) 7,50 place (1) 1,20 (5) 2,90 tempo 1 min 18s1 exata (1-5) 36,80.

2º páreo — 1 mil 300 metros — grama — Prova Extraordinária — 1º Amaranda J. Pinto 2º Recount M. Monteiro vencedor (1) 1,60 dupla (11) 4,60 place único (1) 1,50 tempo 1 min 17s1.

3º páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Income F. Pereira Filho 2º Dix-Huit G.F. Almeida vencedor (3) 6,00 dupla (23) 13,10 place (3) 1,80 (2) 1,90 tempo 1 min 23s3.

4º páreo — 1 mil 300 metros — areia — 1º Alpine Star F. Pereira Filho 2º Plena C. Lavor vencedor (5) 4,20 dupla (23) 10,80 place (5) 2,40 (4) 5, 50 tempo 1 min 21s3 exata (5-4) 47,20.

5º páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Lyra's Star G.F. Almeida 2º Advento R. Antônio vencedor (3) 1,30 dupla (24) 1,80 place (3) 1,00 (8) 1,00 tempo 1 min 24s3 — Não correram — Taj-El-Moluk, Dahlak, Içuara, Uruguaya e Quebala.

6º páreo — 1 mil 500 metros — grama — 1º Vic Day F. Pereira Filho 2º Armador, J. Ricardo vencedor (2) 3,00 dupla (11) 3,60 place (2) 1,30 (1) 1,20 tempo 1 min 30s3 — Não correu — El Pass.

7º páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Nerium Jz Garcia 2º Echo Summit E.B. Queiroz vencedor (3) 8,30 dupla (11) 21,00 place (3) 4,20 (2) 11, 20 tempo 1 min 25s exata (3-2) 182,90.

8º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Desaforado R. Vieira 2º Opus J. Aurélio vencedor (4) 8,90 dupla (12) 3,20 place (4) 3,80 (1) 1,90 tempo 58s.

9º páreo — 1 mil 300 metros — areia — 1º Isco J.C. Castilho 2º Glayo E. Ferreira vencedor (3) 7,10 dupla (22) 8,60 place (3) 3,60 (2) 2,50 tempo 1 min 21s — Não correram — Avarento e Polvo.

10º páreo — 1 mil 300 metros — areia — 1º Junino C. Lavor 2º Polaquinho G.F. Almeida vencedor (3) 2,40 dupla (12) 2,10 place (3) 1,80 (2) 2,20 tempo 1 min 22s3 exata (3-2) 14,10.

Esta tarde, na Gávea

1º PÁREO — Às 14h00min — 1.500 metros — GRAMA — Recorde: 88s1 (ALPINE SKY) — Dotação: Cr$ 3.500.000 — 1º PÁREO DA DUPLA EXATA Cavalos nacionais de 4 anos, com uma e duas vitórias no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga

1—1	Gianpietro	57	8 E.Ferreira	444 F.Saraiva	0-1-3	21/09	2º- 9 Boy Boy	1.4 GM 83s2	2,50 E.Ferreira
2	Lambu	57	1 A.Oliveira	483 W.Penelas	1-6-4	10/10	4º- 7 Caballero	1.3 NM 81s	4,60 E.S.Gomes
3	Herel	57	4 J.L.Marins	490 J.B.Silva	5-2-8	30/09	5º- 6 I.Horse	1.3 NP 81s4	9,40 J.L.Marins
2—4	Auckland	57	3 J.Pinto	443 A.Morales	3-6-1	07/10	2º- 7 Gremiur	1.6 NP 102s2	7,80 J.Pinto
5	Acunhado	57	6 J.Malta	410 D.Guignoni	4-2-0	21/09	8º- 9 Julius Mariner	1.4 GM 84s4	9,40 J.Malta
3—6	Kimar	57	5 C.Lavor	470 L.Previatti	9-3-2	07/10	4º- 7 Gremiur	1.6 NP 102s2	2,30 C.Lavor
7	Flete Belo	57	9 R.Vieira Ap.1	450 J.Piotto	1-1-u	21/09	5º- 9 Julius Mariner	1.4 GM 84s4	3,90 R.Vieira
4—8	Xara's Conde	57	7 J.Aurelio	432 P.Morgado	4-1-9	21/09	4º- 9 Boy Boy	1.4 GM 83s2	7,20 J.Queiroz
9	Asdrubal	57	2 F.Pereira Fº	442 A.Araújo	3-4-5	08/09	6º- 6 Polvo	1.6 AP 102s	3,10 J.F.Reis

2º PÁREO — Às 14h30min — 1.000 metros — GRAMA — Recorde: 55s4 (HATU) — Dotação: Cr$ 5.600.000 — Potrancas de 3 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga

1—1	Burnside	56	6 A.Oliveira	400 A.Morales	x-3-1	22/09	2º- 9 Amaranda	1.0 GM 57s4	2,00 J.Ricardo
2—2	Hamaca	56	7 A.Machado Fº	445 A.Nahid	x-x-1	22/09	3º- 9 Amaranda	1.0 GM 57s4	2,80 J.Aurélio
3	Heabelle	56	4 J.Aurélio	400 C.Rosa	6-5-3	13/10	1º- 9 Hessite -d-	1.0 GL 58s1	2,40 M.Nascimento
3—4	Makana	52	5 A.Chaffin Ap.3	Est W.P.Lavor	E 5 T	ESTREANTE			
5	Cara Sun	56	3 L.F.Gomes Ap.2	443 J.Santos Fº	x-x-4	19/09	1º-12 Quiromante	1.1 NL 69s4	16,40 L.F.Gomes
4—6	Hermosura	56	2 E.S.Gomes Ap.3	440 D.Netto	3-6-2	12/10	5º-10 Gran Ball	1.4 GL 84s	12,80 E.S.Gomes
"	Libiana	56	1 J.R.Silva	400 D.Netto	8-1-u	03/10	5º- 5 Banka *	1.1 NP 69s1	2,40 J.R.Silva

3º PÁREO — Às 15h00min — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 65s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 3.000.000 Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 4.500.000 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga

1—1	Empois	55	7 A.Ramos	449 J.G.Veira	u-u-2	23/09	1º-8 Azuka	1.1 NM 69s2	3,40 A.Ramos
2—2	Curupai	58	5 D.F.Graça	430 H.Tobias	6-5-5	28/09	9º-10 Ennius	1.5 GM 89s4	86,10 W.Gonçalves
3	Maret	55	2 J.L.Manns	435 S.França	6-5-5	28/09	5º-8 C.Starlet	1.3 AM 81s4	45,60 G.Pessanha
3—4	Viril	58	1 L.F.Gomes Ap.2	465 J.Bononi	8-2-1	07/10	7º- 8 Obelisk	1.3 NP 82s2	11,40 L.F.Gomes
5	Combu	55	4 R.Antônio Ap.1	443 D.Netto	2-3-7	07/10	5º- 5 Overloquista *	1.3 NP 83s	1,30 W.Gonçalves
4—6	Ever Wood	57	6 J.Pedro Fº	415 J.B.Silva	6-4-1	21/09	5º- 8 Dunlee	1.4 GM 84s1	36,30 G.Guimarães
7	Fintador	57	3 J.F.Reis	450 W.Penelas	1-2-1	26/09	4º- 6 Faden	1.1 NP 69s3	5,40 J.Aurélio

4º PÁREO — Às 15h30min — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 65s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 5.600.000 Potros nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio em São Paulo — Pesos da tabela (I) 2º PÁREO DE DUPLA EXATA E INÍCIO DO CONCURSO DE 7 PONTOS — ENCERRAMENTO DAS APOSTAS ÀS 15h.

1—1	Imprint	56	4 R.Vieira Ap.1	Est J.L.Piotto	7-1-u	23/06	8º- 8 El Ibijau (RS)	1.3 GU 81s	1,30 H.F.Santos
2	Great Incredulos	56	1 C.Lavor	400 J.R.Loureiro	9-u-6	03/10	10º-10 Hakatu	1.1 NP 70s1	26,80 G.F.Silva
2—3	Dividendo	56	9 A.Machado Fº	430 C.F.Santos	x-6-2	24/03	3º- 7 Honest Winner	1.2 AL 76s	5,80 G.F.Almeida
4	El Mucho Loco	56	6 M.A.Nunes	429 M.Niclevisk	u-u-5	01/09	4º-10 Dai-Kan-San	1.1 NP 70s	13,10 C.A.Martins
3—5	Jurango	56	7 J.Aurélio	476 J.L.Pedrosa	u-6-5	29/09	3º- 9 Barracão	1.1 NP 69s	14,70 C.Lavor
6	Decatlo	56	8 G.Pessanha	Est M.A.Silva	Est	Estreante			
4—7	Quantieme	56	3 F.Pereira Fº	458 W.P.Lavor	x-x-x	03/10	3º-10 Hakau	1.1 NP 70s1	7,60 F.Pereira Fº
8	Talbot	56	5 C.Xavier	407 M.A.Silva	u-6-6	03/10	4º-10 Hakau	1.1 NP 70s1	34,30 C.Xavier
9	Nice Gold	56	2 J.Pinto	Est H.Tobias	Est	Estreante			

5º PÁREO — Às 16h00min — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 81s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 5.700.000 — Potros nacionais de 3 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga — PROVA ESPECIAL DE LEILÃO

1—1	General Peter	56	2 J.F.Reis	422 A.Araújo	6-3-1	05/10	2º- 8 Great Impact	1.3 GM 78s3	10,30 J.F.Reis
2	Botelho	56	6 E.B.Queiroz	458 H.Vasconcelos	8-2-3	22/09	1º- 8 Tadeiro	1.0 GM 59s	1,40 J.Ricardo
2—3	Great Illustrious	56	3 C.Lavor	440 J.J.Tavares	x-x-x	12/09	1º- 7 Barracão	1.3 NP 83s2	3,30 J.F.Reis
4	Cendrier	56	5 J.Pedro Fº	454 S.Morales	2-3-1	05/10	4º- 8 Great Impact	1.3 GM 78s3	5,10 J.Pinto
3—5	Battiston	56	4 R.Antônio Ap.1	448 D.Netto	2-5-6	14/10	2º- 7 So Perk *	1.3 NL 80s4	3,50 W.Gonçalves
6	Easy Runner	56	7 A.Chaffin Ap.3	422 D.M.Fernandes	1-u-u	05/10	7º- 8 Great Impact	1.3 GM 78s3	67,60 A.P.Souza
4—7	Builder	56	8 J.Aurelio	420 P.Morgado	x-u-4	06/10	1º- 5 Recount	1.3 AL 82s	2,20 J.F.Reis
8	Ofuscante	56	1 F.Pereira Fº	444 J.D.Moreira	u-3-6	05/10	5º- 8 Great Impact	1.3 GM 78s3	5,20 L.Lanes

6º PÁREO — Às 16h30min — 1.300 metros — GRAMA — Recorde: 75s4 (CAROATÁ e ÚLTIMA EVA) — Dotação: Cr$ 5.600.000 Potros nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1—1	Hillroy	56	5 L.Esteves	475 L.D.Guedes	x-x-x	14/09	4º- 9 Rua Branca +	1.0 GM 57s3	3,20 L.Esteves
"	Hot Dancer	56	8 E.Ferreira	424 F.Saraiva	x-x-x	15/09	6º-10 Tolho -d-	1.0 GL 59s	6,20 E.Ferreira
2—2	Robertino	50	3 R.Vieira Ap.1	441 J.L.Piotto	3-2-3	05/10	4º- 9 Haja Garbo	1.5 GM 91s	5,60 R.Vieira
3	Aguaceiro	56	2 F.Pereira Fº	415 G.F.Santos	4-6-6	10/08	6º- 8 Amaranda	1.1 AL 69s1	7,20 G.F.Almeida
3—4	Jiffy	56	1 A.Machado Fº	448 L.Coelho	3-2-4	22/09	4º- 9 Barouk	1.4 GM 84s	3,40 C.Lavor
5	Javre	56	7 J.Pinto	464 J.L.Pedrosa	1-1-4	05/10	7º- 9 Haja Garbo	1.5 GM 91s	12,10 J.Pinto
4—6	Alpedo	56	6 C.Lavor	468 W.P.Lavor	3-2-8	05/10	5º- 9 Haja Garbo +	1.5 GM 91s	4,10 C.Lavor
7	Reifor	56	4 M.A.Nunes	Est M.Niclevisk	u-7-6	29/06	4º- 7 Furious (RS)	1.2 GU 75s1	5,70 D.Bencke

7º PÁREO — Às 17h00min — 1.600 metros — GRAMA — Recorde: 93s4 (LUCCARNO, INDAIAL e CATHEN) — Dotação: Cr$ 15.000.000 — GRP SALGADO FILHO — Animais de qualquer País de 5 anos e mais — Pesos da tabela (II), com descarga 3º PÁREO DA DUPLA EXATA — ENCERRAMENTO DAS APOSTAS ÀS 16h30min

1—1	Amir-El-Arab	59	13 P.Cardoso	444 P.Salas	6-2-3	22/09	1º-17 Alitak	1.4 GM 83s	16,30 J.Queiroz
"	Taj-El-Moluk	60	5 E.R.Ferreira	450 P.Salas	5-1-u	28/09	2º-10 Ennius	1.5 GM 89s4	4,70 J.Pinto
2	On The Top	60	7 F.Pereira Fº	540 W.P.Lavor	4-1-5	15/09	2º- 7 Foujita	1.6 GL 95s1	4,10 F.Pereira Fº
2—3	Ultimo Macho	60	3 J.Aurélio	457 A.Morales	4-4-1	01/09	2º-19 Kew Gardens	1.6 GP 97s	4,20 J.Ricardo
"	Angelical	57	14 A.Oliveira	446 A.Morales	4-u-6	06/10	1º-10 Delightful +	1.4 GL3 83s4	2,10 F.Pereira Fº
4	Boy Boy	60	9 W.Gonçalves	488 D.Netto	1-2-1	28/09	1º- 7 Aarão	1.3 NM 82s1	1,60 W.Gonçalves
3—5	Jonn	60	10 J.F.Reis	441 L.G.F.Ulloa	1-9-2	21/09	2º- 7 Faxineiro	2.0 GM 121s1	3,80 J.F.Reis
6	Foujita	60	6 E.Ferreira	448 F.Saraiva	3-2-3	15/09	1º- 7 On The Top	1.6 GL 95s1	1.00 E.Ferreira
7	Cambrinus	60	1 J.Pinto	445 A.Nahid	u-0-u	31/06	16º-20 Justo Jansen	1.0 GP 58s	7,80 F.Pereira Fº
8	Harol	58	11 C.Lavor	427 M.Niclevisk	1-1-2	05/10	4º- 8 Liomar	1.0 GM 57s4	6,40 C.Lavor
4—9	Bella Sola	59	12 A.Machado Fº	467 G.F.Santos	2-1-3	01/09	10º-19 Kew Gardens +	1.6 GP 97s	2,20 G.F.Almeida
10	Alitak	59	2 M.Ferreira Ap.1	427 J.Coutinho	1-6-u	22/09	2º-17 Amir-El-Arab +	1.4 GM 83s	18,20 F.Pereira Fº
11	Ingratz	59	8 Jz Garcia	450 R.Carrapito	5-2-2	01/09	11º-21 Grison	2.4 GP 150s	41,90 A.Machado Fº
12	Djezzar	59	4 R.Antônio Ap.1	484 J.R.Lumiro	2-5-7	18/08	7º- 8 Resoluto	1.5 GL 90s1	7,90 R.Freira

8º PÁREO — Às 17h30min — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 65s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 3.000.000 Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.500.000 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga

1—1	Sotalinsk	57	7 L.Esteves	397 J.Coutinho Fº	3-2-2	16/09	2º- 8 Lecionarius	1.1 NL 69s	2,90 J.F.Reis
2	Pergamon	56	11 C.Xavier	474 N.A.Silva	4-4-3	09/09	7º- 8 Il Cantatore -I-	1.3 NP 84s4	90,20 C.Xavier
2—3	King	58	6 E.S.Gomes Ap.3	438 N.Souza	7-5-7	12/10	2º- 9 Desaforado	1.1 AM 69s2	18,30 E.S.Gomes
4	Show Constelation	56	4 E.R.Ferreira	414 E.P.Coutinho	6-4-u	23/06	7º-11 First Boy +	1.5 GL 92s3	4,50 C.A.Martins
5	Ornitorrinco	57	10 J.R.Silva	448 D.Netto	2-u-u	14/10	6º- 9 Kampeão Ten	1.1 NL 68s	46,10 J.R.Silva
3—6	Even Up	58	9 A.Ferreira	470 E.Cardoso	7-2-7	07/10	2º- 6 Doubs -af-	1.3 NL 82s4	4,40 A.Ferreira
7	Galvão	58	5 J.Lourenço Ap.4	419 A.V.Neves	u-5-u	22/09	8º- 8 Xrocapucho	1.3 NM 83s	10,90 E.R.Ferreira
8	Indico Igo	58	2 J.B.Fonseca	428 L.Acuña	1-5-4	12/10	xº- 9 Desaforado -af-	1.1 AM 69s2	3,70 J.B.Fonseca
4—9	Fórcis	58	1 J.Pinto	437 J.L.Pedrosa	7-5-u	12/10	4º- 9 Desaforado	1.1 AM 69s2	5,20 D.F.Graça
10	Noche Bella	55	3 J.Motta	389 J.Coutinho	6-4-u	27/06	3º- 7 Bar Bell	1.3 NL 84s2	15,60 D.F.Graça
11	Guru	58	8 A.Machado Fº	386 O.Ribeiro	8-u-3	06/10	11º-11 Concorde +	1.0 GL 59s1	4,40 E.S.Gomes

9º PÁREO — Às 18h00min — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 65s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 3.000.000 Animais nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 4.500.000 em 1º lugar no País — peso: 58 quilos, com descarga

1—1	Hac	57	7 L.Esteves	441 E.P.Coutinho	4-8-7	03/10	1º- 8 Tenho Dito	1.1 NP 70s3	3,70 L.Esteves
2—2	Vespertino	58	5 J.F.Reis	448 M.Niclevisk	8-1-6	14/10	3º- 6 Lorhu	1.1 NL 68s2	4,00 J.F.Reis
3	Freycinet	56	3 W.Guimarães Ap.4	363 F.Abreu	3-3-3	14/09	4º- 7 Falerias	1.0 GM 58s4	2,70 J.F.Reis
3—4	Ensemble	58	4 J.Pinto	439 F.Madalena	1-4-4	07/10	5º- 8 Obelisk	1.3 NP 82s2	4,40 J.Pinto
5	Itapissuma	56	6 A.Machado Fº	462 D.Netto	2-7-2	07/10	2º- 5 Overloquista +	1.3 NP 83s	1,30 R.Antônio
4—6	Solcoc	58	2 A.Ferreira	464 M.A.Silva	u-3-2	24/08	1º-10 Marron Glacê	1.1 NP 69s	4,00 A.Ferreira
7	Hal Gremito	58	1 A.Chaffin Ap.3	454 G.Ulloa	1-u-6	07/10	8º- 8 Obelisk -af-	1.3 NP 82s2	15,10 A.Chaffin

10º PÁREO — Às 18h30min — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 65s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 3.500.000 Éguas nacionais de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I) 4º PÁREO DA DUPLA EXATA — ENCERRAMENTO DAS APOSTAS ÀS 18h00min

1—1	Emption	57	5 E.B.Queiroz	447 J.G.Vieira	6-2-3	05/10	7º- 9 Greece	1.0 GM 59s1	2,50 E.B.Queiroz
2	Sumpega	57	12 J.F.Reis	390 R.Tripodi	5-5-4	05/10	5º- 9 Greece	1.0 GM 59s1	5,10 W.Gonçalves
3	Camaleone	57	9 A.Chaffin Ap.3	390 H.Tobias	7-8-9	21/09	10º-10 Disdainful	1.0 GM 59s1	18,40 J.Pinto
2—4	Ilha da Fantasia	57	10 E.S.Gomes Ap.3	426 D.Netto	4-3-0	14/07	7º- 9 Flondezza (SP)	1.0 GL 59s2	45,00 W.Natal
5	My Lip	57	1 J.Lourenço Ap.4	411 S.B.Silva	u-7-6	14/02	5º- 7 Bise Du Lac	1.1 NL 69s	18,10 Jz.Garcia
6	Onda	57	3 R.Vieira Ap.1	403 J.Piotto	5-5-5	01/09	9º-15 Mesosun +	1.1 NP 69s3	67,10 R.Vieira
3—7	Celda	57	6 E.Barbosa Ap.1	468 D.Guignoni	1-5-1	22/09	9º-10 Vitória Tina	1.0 GM 59s	6,10 A.Torres
8	Denis	57	11 C.A.Martins	412 M.Niclevisk	2-4-3	06/10	5º- 9 Comesun	1.0 GL 59s2	19,10 L.S.Santos
9	Dona Stella	57	2 M.Andrade	434 A.Correa	1-6-4	15/08	5º- 5 Hona Flete	1.3 NL 83s	12,00 A.Torres
4—10	Quatiguara	57	4 P.Cardoso	439 C.H.Toutinho	4-3-0	22/09	10º-10 Vitória Tina -d-	1.0 GM 59s	5,30 P.Cardoso
11	Snow Ametista	57	7 R.Antônio Ap.1	425 S.M.Almeida	4-5-6	12/10	3º- 9 Afrola	1.4 GL 84s2	8,10 R.Silva
12	Opacité	57	8 C.Xavier	459 N.A.Silva	6-7-8	20/07	9º-10 Auditoria	1.1 NL 70s3	39,50 C.Xavier

Indicações

Paulo Gama

1º Páreo: Gianpietro • Asdrubal • Auckland — Reapareceu correndo muinto o Gianpietro, que ficou como força absoluta. Asdrubal reaparece com excelentes exercícios e deve formar a dupla. Auckland atravessa boa fase.

2º Páreo: Burnside • Hamaca • Heabelle — Perdeu uma corrida sem sorte na última atuação a Burnside, que é a força do retrospecto. Hamaca tem dado vantagem na partida mas deve ser cogitada. Heabelle corre muito na grama.

3º Páreo: Empois • Viril • Curupai — Ganhou com rara facilidade a égua Empois, que pode seguir vencendo, pois a companhia não tem nenhuma especialidade. Viril e Curupai disputam a formação da dupla.

4º Páreo: Nice Gold • Imprint • Quantieme — Nice Gold estréia muito bem preparado e pode ganhar logo de saída. Imprint, Quantieme e Dividendo também são nomes positivos numa prova muito equilibrada.

5º Páreo: General Peter • Ofuscante • Battiston — Sempre evoluindo em sua forma o potro General Peter nos parece uma excelente indicação. No entanto deve respeitar a presença de Ofuscante que baixou de turma e aprecia a grama. Battiston tem ocorrido com regularidade.

6º Páreo: Robertino • Jiffy • Alpedo — Muito ligeiro e bem colocado no percurso Robertino nos parece a melhor indicação. Jiffy ostenta excelente estado e deve formar a dupla. Alpedo correu pouco mas pode mostrar mais. Hilltroy trabalhou bem.

7º Páreo: Último Macho • Foujita • Amir-El-arab

8º Páreo: Sotalinsk • Even Up • King — Vem de três segundos lugares consecutivos o Sotalinsk e dificilmente será derrotado em corrida normal. Even Up e King aparecem como principais inimigos.

9º Páreo: Vespertino • Hac • Ensemble — Ficou fraca a companhia para o ligeiro Vespertino, que deve desencabular. Hac ganhou com sobras e atravessa ótima forma. Ensemble e Freycinet têm possibilidades.

10º Páreo: Sumpega • Emption • Celda — Sumpega pode ser uma boa pule neste último páreo. Emption vai mostrar mais e Celda pode surpreender.

Foto de Gilson Barreto

A poucos metros da linha de chegada, o oito do Flamengo ultrapassa o do Botafogo, e vence a prova. Sem índice, as duas guarnições voltam hoje à raia da Lagoa

Fla e Botafogo não atingem o índice do "oito"

As guarnições do Flamengo e Botafogo, que disputaram, ontem na Lagoa Rodrigo de Freitas, a eliminatória do **oito** para o Pan-Americano de Júniores, não conseguiram atingir o índice estabelecido pela Confederação Brasileira de Remo, adiando para hoje uma nova tentativa. Esta eliminatória define a última vaga na Seleção Brasileira que irá a Porto Alegre, onde será realizado o campeonato, a partir do dia 24.

O técnico Buck, do Flamengo, que pela primeira vez dirigirá uma equipe num Sul-Americano de júniores, sugeriu que fosse formado um só barco, com remadores do Botafogo e do Flamengo, mas Doquinha, técnico do Botafogo não aceitou. Caso, hoje, o índice não seja atingido por uma das equipes, esta fusão poderá acontecer, segundo afirmou Buck.

Um vento fraco lateral, não favoreceu a descida da raia. Até a altura dos 1.000 metros, as duas guarnições mantinham posições lado a lado, mas quando baixaram os mil, o barco do Botafogo começou a abrir uma boa vantagem, que manteve quase até a chegada, quando o Flamengo reagiu espetacularmente, cruzando a faixa de chegada em 4min38s60, contra 4min39s05 do Botafogo.

O índice estabelecido pela confederação é de 4min30s, tempo considerado suficiente para conseguir uma vitória sobre a equipe argentina, que divide o favoritismo da prova com o Brasil. Hoje, as duas guarnições descerão novamente os 1.500 metros, na tentativa de um melhor tempo, o que deve acontecer, na opinião de Buck. O Flamengo contou com os remadores Vinícius, Luís Afonso, Pablo, Édson, Carlos, Renato, Marcos e Marcelo, enquanto pelo Botafogo remaram Alexandre, Francisco, Rogério, José, Ronaldo, Marcelo, Pedro e João.

Adiamento — O desafiante Garry Kasparov pediu o adiamento da décima oitava partida da série pelo título mundial de xadrez, contra o campeão Anatoly Karpov. O jogo estava marcado para ontem, na Sala Tchaikovsky, em Moscou, e será disputado agora terça-feira. Foi a segunda vez que Kasparov usou do direito de pedir o adiamento de partida.

Karpov aproveitou a interrupção da série, que perde por 9 a 8, para estudar a melhor forma de neutralizar a variante de gambito de dama, que vem sendo usada com eficiência pelo desafiante. Para isso, o campeão pediu a análise da jogada — já conhecida por Gambito de Garry — publicada em um jornal iugoslavo pelo mestre internacional Sasa Velickovi.

Em Foco

Meninos não entram

Fundado no fim do ano passado, um novo clube já começa a fustigar a hegemonia do Internacional no Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino: é o independente, formado por jogadoras do extinto departamento do Grêmio, que semana passada fechou contrato de patrocínio com a Exportadora de Cereais Agroven, de Camaqua. Sem salário mensal, as atletas recebem Cr$ 60 mil por partida, seja qual for o resultado.

O tricolor independente — camisa verde, banca e vermelha — é o primeiro clube gaúcho que nasce com o objetivo único de promover o futebol jogado por mulheres. Entre seus planos está a fundação de uma escolinha para iniciar garotas na arte do futebol, o aluguel de um campo e a conquista do campeonato estadual deste ano. O clube já lançou uma bem-sucedida campanha para arregimentação de sócios.

Qualidade técnica não falta ao independente, pois a maioria de suas jogadoras (ex-Grêmio) já jogou nas seleções Gaúcha e Brasileira. É o caso de Marianita, uma meia-direita goleadora que ano passado impressionou várias cidades espanholas, jogando pelo Brasil. O time foi reforçado com três contratações do Esportivo, de Bento Gonçalves: a goleira Geni (1,85m), a centroavante Keti e a ponta-esquerda Salete.

A intimidade de Puskas com a bola

Privilégio paraguaio

Os mais velhos lembram-se ainda daquele estilo próprio, daquele jeito preciso e pessoal que marcou toda uma geração de amantes do futebol. Mago com a bola nos pés, ele foi o craque internacional dos anos 50 e figura, hoje, na restrita lista dos jogadores inesquecíveis. Uma história construída de dribles nunca desnecessários, de gols marcantes, de jogadas de efeitos, de passes corretos.

É Puskas, aquele capaz de chutar uma bola com a mesma precisão com o pé direito ou com o pé esquerdo. Um dos grandes nomes da Copa de 54, titular do Honved e da Seleção Húngara, hoje um mito, o velho Puskas — 58 anos — tenta agora prosseguir na América do Sul a sua carreira de treinador. Carreira, na verdade, não muito brilhante, bem distante da que passeou pelos campos do mundo inteiro, como jogador.

Ferenc Puskas — o mesmo que abandonou a Hungria e fez sucesso no Futebol Espanhol, chegando à Seleção — assumiu esta semana a direção do Sol da América, um dos finalistas do Campeonato Paraguaio de Futebol. Que o sol da América lhe traga sorte.

Só em 88 — A União Européia de Futebol Associado (UEFA) decidiu que as equipes inglesas poderão voltar a competir nas copas da Europa a partir de 1988 — e mesmo assim se cumprirem até lá as normas de disciplina e comportamento da torcida. Todos os times ingleses foram suspensos dos campeonatos no continente europeu depois da chamada "Tragédia de Bruxelas", quando 39 pessoas morreram no Estádio Heysel.

Craques de Minas fazem sucesso como técnicos

Uma nova safra de técnicos está surgindo no futebol mineiro, que parece estar descobrindo que a solução para dirigir suas equipes não é mais a de técnicos conhecidos e andarilhos. Os três principais clubes da capital estão partindo para soluções caseiras, lançando novos nomes. A última novidade é o atacante Palhinha. Mesmo ainda atuando como jogador, ele já dirigiu o América no empate de 0 a 0 com o Democrata-Gv, no Mineirão.

Primeiro foi o Cruzeiro, que efetivou o supervisor Morais, ex-zagueiro, campeão da Taça Libertadores da América de 1976. O time ganhou o primeiro turno.

O auxiliar de Morais dizem ser mais competente que ele. Trata-se do antigo craque Zé Carlos, que conduziu o Cruzeiro a grandes vitórias.

No Atlético, com a saída de Cento e Nove, promoveu-se o zagueiro Oliveira, uruguaio, mas o melhor técnico do Atlético surgirá provavelmente ano que vem: o veterano lateral Nelinho (cinco títulos mineiros pelo Cruzeiro, dois pelo Atlético e participação em duas Copas do Mundo).

Seleção feminina de vôlei vence Bulgária

Limeira, SP — A Seleção Brasileira de Vôlei feminino conseguiu, ontem, no Ginásio Fortunato Lucato, sua primeira vitória na série de oito amistosos contra seleção búlgara, na preparação para a Copa do Mundo, em novembro, no Japão, em que o Brasil estréia dia 10 contra a União Soviética. Diante de um público reduzido, mas que incentivou o time durante todo o jogo, a seleção não encontrou dificuldade para derrotar as búlgaras por 3 a 0 (15/12, 15/10 e 15/14).

Jogando pela primeira vez sem as estrelas Isabel, Jaqueline, Vera Mossa e Dulce, a Seleção pareceu um pouco nervosa e não conseguiu impor um ritmo de jogo, apesar da fácil vitória. Porém, a equipe búlgara — que não se classificou para o mundial — também se encontra em fase de renovação, reunindo jovens atletas de 19 anos, que começaram a treinar em abril para o Campeonato Mundial de 86 na Tcheco-Eslováquia.

O Brasil que começou com Ivonete, Heloísa, Ida, Eliane, Regina Uchôa e Vânia, fechou o primeiro set em 17 minutos, pelo placar de 15 a 12, errando alguns passes. No segundo set, a equipe levou 15 minutos para derrotar as búlgaras por 15 a 10, permitindo que elas encostassem no marcador após estabelecer uma diferença de sete pontos. Ana Lúcia, que substituiu Vânia no terceiro set, se destacou nos saques, assim como Ida, que marcou sete pontos diretos em toda a partida. O Brasil venceu com muita facilidade por 15 a 4. O próximo jogo será hoje, às 15 horas, no Ibirapuera, quando a Seleção da Bulgária deverá ter uma melhor apresentação, já mais ambientada ao clima e ao fuso horário brasileiro.

Seleção Brasileira

A Seleção Brasileira Masculina, que também se prepara para a Copa do Mundo, encerra hoje a série de amistosos contra a Tcheco-Eslováquia. A partida está marcada para Belém.

Foto de Custódio Coimbra

O policial, que acabou perdendo o controle sobre o cachorro, usou o cacetete na tentativa de conter o conflito na torcida

Eleição gera conflito no Vasco

A política e a grande rivalidade entre as facções dos candidatos à presidência do Vasco, Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda, causaram um grande tumulto ontem à tarde, em São Januário, que interrompeu o jogo com o Goitacás por 10 minutos, quase no fim. Houve conflito no meio do campo entre a torcida e a polícia, que causou seis feridos medicados na enfermaria do clube e mais um soldado, que foi levado para o Hospital da PM.

O ambiente agitado em São Januário está prejudicando tanto o time que o técnico Antônio Lopes pedirá aos dirigentes que os próximos jogos marcados para aquele campo sejam mudados de local até que se defina o futuro presidente do clube, nas eleições do dia 12 de novembro. O atacante Roberto, capitão do time, afirmou que esse tipo de incidente prejudica a imagem dos dois candidatos e, o que é pior, do próprio Vasco.

Antes do jogo, um trio elétrico do presidente Antônio Soares Calçada, que tenta a reeleição, tocava tão alto, fora do estádio, que abafava o barulho da torcida nas arquibancadas. A rivalidade entre os grupos de Calçada e Eurico já se acirrava antes do jogo. Quase no fim, quando a vitória do Vasco estava assegurada (3 a 0), um adepto de Calçada pulou o alambrado e arrancou uma faixa atrás do gol do Goitacás, que dizia: "Eurico é a nossa voz".

Foi o suficiente para que torcedores aliados a Eurico invadissem o campo para caçar o adversário, interrompessem a partida — os jogadores do Goitacás chegaram a temer que fossem agredidos — e entrassem em conflito com soldados da PM, armados de cassetetes, revólveres e com cachorros. O nervosismo tomou conta de torcedores e jogadores. Um dos cachorros, enraivecido, voltou-se contra o próprio soldado da PM, mordendo seu coldre e rasgando sua calça.

Quase 10 minutos se passaram até que a polícia conseguiu retirar os torcedores de campo para que o jogo recomeçasse. No fim, o técnico Antônio Lopes e os jogadores foram os primeiros a condenar o clima político que está envolvendo o futebol do Vasco.

Uma vitória fácil, mesmo sem jogar bem

De futebol mesmo houve pouca coisa em São Januário, apesar da fácil vitória do Vasco sobre o Goitacás, por 3 a 0. O time não fez uma grande partida, mas jogou o suficiente para dominar o adversário com sua maior categoria, pressioná-lo durante quase todo o tempo e construir com tranqüilidade a vitória.

O Goitacás foi um time muito defensivo, o que facilitou o domínio das ações por parte do Vasco. Aos 4 minutos, Roberto já havia perdido um gol: matou bem no peito, mas, na virada, chutou fraco e o goleiro Gato Félix defendeu. Mas o próprio Roberto se encarregaria de abrir o marcador, aos 27 minutos, pulando mais alto que o zagueiro Cléber e cabeceando um bom cruzamento de Luís Carlos.

VASCO 3 X 0 GOITACÁS

Local: São Januário
Renda: Cr$ 45 milhões 810 mil
Público pagante: 3 mil 111
Juiz: Luís Carlos Gonçalves
Cartão amarelo: César
Vasco: Acácio, Heitor, Newmar, Fernando e Paulo César; Vitor, Luís Carlos e Gersinho; Mauricinho (Santos), Roberto e Romário (Silvinho)
Técnico: Antônio Lopes
Goitacás: Gato Félix, Ronaldo, Amaral, Cléber e César; Fazoli, Mamão (Amauri) e Edvaldo (Rubens Gálaxe); Bel, Arildo e Cosme
Técnico: Dawson Laviola
Gols: no primeiro tempo, Roberto (27min); no segundo tempo, Santos (16min) e Silvinho (24min).

XIII Copa do Mundo

Oldemário Touguinhó

No México, uma Copa com todos os campeões

Com a classificação da Inglaterra, o México terá o orgulho de realizar uma Copa com a presença de todos os campeões Mundiais: Uruguai (1930 e 50), Itália (34, 38 e 82), Brasil (58, 62 e 70), Alemanha Ocidental (54 e 74), Inglaterra (66) e Argentina (78).

Agora, o bom nível técnico já está garantido. No entanto, ele ainda pode melhorar muito mais se França, Dinamarca e União Soviética garantirem suas vagas, pois todos eles vêm exibindo uma técnica de excelente qualidade, principalmente os dinamarqueses. Todos os outros europeus classificados — Polônia, Portugal, Bulgária, Hungria e Espanha — se firmam a cada apresentação.

Aos poucos começam a surgir algumas estrelas em condições de se consagrar na Copa. Na recente vitória da Inglaterra sobre a Turquia por 5 a 0, Lineker conquistou três gols, confirmando sua presença de goleador. Aliás, os ingleses, mesmo levando-se em consideração a baixa qualidade do adversário, apresentaram um futebol de muita técnica e objetividade no caminho do meio-de-campo à área turca.

Vitória de Portugal alegra todo Brasil

O torcedor brasileiro ficou muito alegre com a classificação de Portugal. Em muitos bares no Rio, houve festa por toda a madrugada, em comemoração à vitória de 1 a 0 sobre a Alemanha Ocidental, que garantiu a vaga no México.

O que deu mais emoção à vitória portuguesa é que já não se esperava mais a classificação, pois parecia quase impossível o time derrotar a Alemanha, em Stuttgart. O adversário, já classificado, entraria em campo tranqüilo, para mostrar a sua superioridade, inclusive por contar com astros internacionais como Rummenigge, Littbarski, Briegel e Schumacher, entre outros.

Faria, de Bonsucesso ao Marrocos

Jamais seus amigos do bairro de Bonsucesso, integrantes do time de futebol de salão do York, poderiam imaginar que algum dia o arisco pivô da equipe acabasse como técnico de futebol de campo, dirigindo uma Seleção em Copa do Mundo. No entanto, a verdade é que este jogador da década de 50, que já levou o Qatar ao Mundial de Juniores, acaba de classificar o Marrocos para a Copa do México: José Faria, ex-treinador do juvenil do Fluminense.

Ontem, como quase sempre ele faz após as grandes conquistas, telefonou para seus filhos no Rio, Heitor e Hilton, pedindo que eles comecem a colocar as bebidas na geladeira, porque, apesar da festa e das homenagens que está recebendo no Marrocos, só se sentirá mesmo feliz quando for beijado por toda a família, em casa.

Eliminatórias
outubro (4ª semana) — dia 23: Austrália x Formosa; dia 26: Nova Zelândia x Israel; dia 27: Paraguai x Colômbia; Chile x Peru; Formosa x Austrália; Albânia x Grécia; França x Luxemburgo; URSS x Noruega.

Bola Dividida

DURANTE muito tempo, jornais e rádios se alimentaram das crises do Botafogo, Fluminense ou Vasco. O primeiro, arruinado desde que lhe venderam a sede e o campo, foi um prato cheio para as manchetes sensacionalistas. O Vasco, com seus inseparáveis problemas políticos, também foi assunto freqüente nesse tipo de noticiário. E o Fluminense, antes um clube fechado, resolvendo seus problemas entre as grossas paredes de sua sede, até ele não escapou, tendo as brigas da cartolagem e a crise financeira vasculhadas por todos os lados.

Desta agitação só o Flamengo escapava. Primeiro, porque andava ganhando e na vitória se desculpam ou se esquecem as mazelas. Depois, porque os males de um vencedor são rapidamente sanáveis.

Mas os anos de fartura acabaram e o Flamengo passou a conhecer os magros dias das derrotas. Teve Zico de volta e ainda esnobou trazendo também Sócrates, mas uma bruxa solta na Gávea pegou o joelho de um e quebrou o pé de outro. O time desarvorou, as derrotas começaram a aparecer, algumas inacreditáveis, como aquela para a Portuguesa ou essa recente surra de 4 a 0 aplicada pelo Vasco, e a paciênca estourou. Mal-acostumada, a torcida não se conformava em ver o time de que tanto se orgulhava fora das finais. Acesa a crise foi crepitando, rápida e devastadora como fogo em capim seco, e num instante toda a nação rubro-negra estava em pé de guerra. O técnico foi demitido, junto com ele o diretor de futebol e o médico Célio Cotecchia, com 23 anos de dedicação ao clube, resolveu demitir-se. Manifestos são divulgados, protestos brotam a toda hora e o presidente tem até sua dignidade pessoal duramente atingida. Tantas e tão graves acusações vêm sendo feitas que o próprio clube se vê respingado pelos rancores dos rubro-negros em revolta.

Hoje o Flamengo joga com o Bangu e não se sabe se terá nervos para agüentar uma nova derrota. O jogo é difícil, até porque o Bangu sempre foi duro adversário mesmo nos melhores momentos do time da Gávea.

O Flamengo, no entanto, precisa como nunca dessa vitória. Ela não vai curar suas feridas, que são profundas demais, e muitas delas estranhas à atuação do futebol. Mas será sempre um bálsamo para acalmar o torcedor das arquibancadas que, acima das disputas políticas, deseja ver seu time vencedor como antes. Já uma derrota teria conseqüências imprevisíveis. Tanto para o Flamengo como para o campeonato.

Embora já tenha se acostumado a conviver com as crises, o Botafogo continua tentando reagir. Na semana passada, o time andou descansando em Três Rio e com bons resultados para os jogadores, segundo me disse o diretor de futebol Maurício Porto, um dos que mais procuram trabalhar, se dedicando e se interessando para melhorar a situação do clube.

O Botafogo joga em Caio Martins com o Volta Redonda e tomara que desta vez escape dos habituais vexames. A torcida merece uma vitória, mínima que seja.

■

Histórias: Sempre que passa pelo Rio, Manga não esquece de perguntar pelo seu velho Botafogo. Ontem ouvia, não muito satisfeito naturalmente, a campanha do time. A falta de uma definição tática, os gols que toma, os muitos que perde.

— O Botafogo não tem um artilheiro — explicava Didi. Erra muito os tiros a gol.

Manga então advertiu:

— Erra e vai continuar errando, enquanto estiver em Marechal Hermes.

E concluiu atualíssimo:

— Ali por aquelas bandas os artilheiros não são muito de acertar com a pontaria...

Sandro Moreyra

Técnico do América teme a Portuguesa

O América, que estreou no segundo turno com uma vitória sobre o Botafogo, por 2 a 1, joga hoje contra a Portuguesa, no Andaraí, preocupado com a retranca do time adversário.

O técnico Leone, que assistiu ao empate da Portuguesa com o Vasco (0 a 0) concorda que a melhor maneira de se penetrar numa retranca é jogar pelas pontas e deu ordens para que Maurício e Canhotinho façam jogadas rápidas pelos flancos, onde o adversário parece mais vulnerável.

A partida começará às 10 horas com arbitragem de Luís Carlos Félix, que será auxiliado por Teodoro Castro Lino e Dilermando Sampaio. O **América** jogará com: Paulo Sérgio; Polaco, Bené, Denilson (Zedilson) e Paulo César; Muller, Demétrio e Gaúcho; Maurício, Luisinho e Canhotinho. Técnico — Leone; **Portuguesa** — Jorge Lourenço; Armando, Sérgio Roberto, Elenilson e Marco Aurélio; Baiano, Toninho e Batista; João Mauro, Jorge Luís e Jairo. Técnico — Sérgio Cosme. A arquibancada custa Cr$ 15 mil.

Foto de Custódio Coimbra

O policial, que acabou perdendo o controle sobre o cachorro, usou o cassetete na tentativa de conter o conflito na torcida

Eleição gera conflito no Vasco

A política e a grande rivalidade entre as facções dos candidatos à presidência do Vasco, Antônio Soares Calçada e Eurico Miranda, causaram um grande tumulto ontem à tarde, em São Januário, que interrompeu o jogo com o Goitacás por 10 minutos, quase no fim. Houve conflito no meio do campo entre a torcida e a polícia, que causou seis feridos medicados na enfermaria do clube e mais um soldado, que foi levado para o Hospital da PM.

O ambiente agitado em São Januário está prejudicando tanto o time que o técnico Antônio Lopes pedirá aos dirigentes que os próximos jogos marcados para aquele campo sejam mudados de local até que se defina o futuro presidente do clube, nas eleições do dia 12 de novembro. O atacante Roberto, capitão do time, afirmou que esse tipo de incidente prejudica a imagem dos dois candidatos e, o que é pior, do próprio Vasco.

Antes do jogo, um trio elétrico do presidente Antônio Soares Calçada, que tenta a reeleição, tocava tão alto, fora do estádio, que abafava o barulho da torcida nas arquibancadas. A rivalidade entre os grupos de Calçada e Eurico já se acirrava antes do jogo. Quase no fim, quando a vitória do Vasco estava assegurada (3 a 0), um adepto de Calçada pulou o alambrado e arrancou uma faixa atrás do gol do Goitacás, que dizia: "Eurico é a nossa voz".

Foi o suficiente para que torcedores aliados a Eurico invadissem o campo para caçar o adversário, interrompessem a partida — os jogadores do Goitacás chegaram a temer que fossem agredidos — e entrassem em conflito com soldados da PM, armados de cassetetes, revólveres e com cachorros. O nervosismo tomou conta de torcedores e jogadores. Um dos cachorros, enraivecido, voltou-se contra o próprio soldado da PM, mordendo seu coldre e rasgando sua calça.

Quase 10 minutos se passaram até que a polícia conseguiu retirar os torcedores de campo para que o jogo recomeçasse. No fim, o técnico Antônio Lopes e os jogadores foram os primeiros a condenar o clima político que está envolvendo o futebol do Vasco.

Uma vitória fácil, mesmo sem jogar bem

De futebol mesmo houve pouca coisa em São Januário, apesar da fácil vitória do Vasco sobre o Goitacás, por 3 a 0. O time não fez uma grande partida, mas jogou o suficiente para dominar o adversário com sua maior categoria, pressioná-lo durante quase todo o tempo e construir com tranqüilidade a vitória.

O Goitacás foi um time muito defensivo, o que facilitou o domínio das ações por parte do Vasco. Aos 4 minutos, Roberto já havia perdido um gol: matou bem no peito, mas, na virada, chutou fraco e o goleiro Gato Félix defendeu. Mas o próprio Roberto se encarregaria de abrir o marcador, aos 27 minutos, pulando mais alto que o zagueiro Cléber e cabeceando um bom cruzamento de Luís Carlos.

Mauricinho era marcado com violência e deixou o campo ainda no primeiro tempo por causa de uma contusão na coxa. Seu marcador, César, levou apenas cartão amarelo. No segundo tempo, Santos, que substituiu Mauricinho, fez um gol bonito aos 16 minutos. Recebeu um passe de Gersinho e a defesa do Goitacás parou, pedindo impedimento que houve. Gersinho entrou livre, driblou o goleiro e fez 2 a 0.

O terceiro gol foi de Silvinho, que entrou no lugar de Romário. O meio-campo Luís Carlos, o melhor do jogo, enfiou em profundidade para Heitor, na linha de fundo. Ele centrou para trás e Silvinho, que vinha na corrida, emendou um pouco com o pé, um pouco com a canela. Depois só houve tumulto e briga.

VASCO 3 X 0 GOITACÁS

Local: São Januário
Renda: Cr$ 45 milhões 810 mil
Público pagante: 3 mil 111
Juiz: Luís Carlos Gonçalves
Cartão amarelo: César
Vasco: Acácio, Heitor, Newmar, Fernando e Paulo César; Vitor, Luís Carlos e Gersinho; Mauricinho (Santos), Roberto e Romário (Silvinho)
Técnico: Antônio Lopes
Goitacás: Gato Félix, Ronaldo, Amaral, Cléber e César; Fazoli, Mamão (Amauri) e Edvaldo (Rubens Gálaxe); Bel, Arildo e Cosme
Técnico: Dawson Laviola
Gols: no primeiro tempo, Roberto (27min); no segundo tempo, Santos (16min) e Silvinho (24min).

CAMPEONATO ESTADUAL

Taça Rio de Janeiro

Ontem

Vasco 3 x 0 Goytacaz

Hoje

América x Portuguesa
Bonsucesso x Olaria
Botafogo x Volta Redonda
Americano x Fluminense
Bangu x Flamengo

	PG	J	V	E	D	G	GC	TPG
1 Vasco	3	2	1	1	—	3	—	20
2 Fluminense	2	1	1	—	—	2	—	21
Bangu	2	1	1	—	—	1	—	18
Americano	2	1	1	—	—	1	—	11
América	2	1	1	—	—	2	1	11
6 Portuguesa	1	1	—	1	—	—	—	8
7 Botafogo	—	1	—	—	1	1	2	11
Volta Redonda	—	1	—	—	1	—	1	9
Olaria	—	1	—	—	1	1	2	9
Goytacaz	—	2	—	—	1	—	4	7

XIII Copa do Mundo

Oldemário Touguinhó

No México, uma Copa com todos os campeões

Com a classificação da Inglaterra, o México terá o orgulho de realizar uma Copa com a presença de todos os campeões Mundiais: Uruguai (1930 e 50), Itália (34, 38 e 82), Brasil (58, 62 e 70), Alemanha Ocidental (54 e 74), Inglaterra (66) e Argentina (78).

Agora, o bom nível técnico já está garantido. No entanto, ele ainda pode melhorar muito mais se França, Dinamarca e União Soviética garantirem suas vagas, pois todos eles vêm exibindo uma técnica de excelente qualidade, principalmente os dinamarqueses. Todos os outros europeus classificados — Polônia, Portugal, Bulgária, Hungria e Espanha — se firmam a cada apresentação.

Aos poucos começam a surgir algumas estrelas em condições de se consagrar na Copa. Na recente vitória da Inglaterra sobre a Turquia por 5 a 0, Lineker conquistou três gols, confirmando sua presença de goleador. Aliás, os ingleses, mesmo levando-se em consideração a baixa qualidade do adversário, apresentaram um futebol de muita técnica e objetividade no caminho do meio-de-campo à área turca.

Copa começa a se despedir da Itália

A Copa do Mundo começa a se despedir dos italianos a partir do dia 13. O troféu está sendo exibido em várias cidades e deve terminar o seu roteiro no máximo dia 10 de dezembro, quando será transportada diretamente para o Palácio das Artes, no México, onde no dia 15 serão sorteados os grupos do Mundial.

A viagem do troféu começou em Turim e a última passagem será por Roma. Junto à Copa estará mais uma vez o capitão da Seleção de 82, o goleiro Zoff, que já abandonou o futebol. Por isso, mesmo que a taça volte em 86 à Itália, não será mais pelas firmes e fortes mãos de Zoff.

Campeões e FIFA jogam no campo do Dr. Lídio

O Dr. Lídio Toledo, que acabou de receber o título de Benemérito do Rio de Janeiro, vai organizar em dezembro uma festa, em seu sítio, no Recreio dos Bandeirantes, com um torneio de futebol. Só que os jogadores serão João Havelange, Joseph Blatter (secretário geral da FIFA), Mauro Pompeu, Carlos Alberto Pinheiro (o Carabina), Admildo Chirol, Gérson, Rivelino, Jairzinho e outros campeões do mundo. Também devem participar muitos membros dos comitês da FIFA que estarão de passagem, a caminho do México para o Sorteio dos Grupos da Copa do Mundo.

Vitória de Portugal alegra todo Brasil

O torcedor brasileiro ficou muito alegre com a classificação de Portugal. Em muitos bares no Rio, houve festa por toda a madrugada, em comemoração à vitória de 1 a 0 sobre a Alemanha Ocidental, que garantiu a vaga no México.

O que deu mais emoção à vitória portuguesa é que já não se esperava mais a classificação, pois parecia quase impossível o time derrotar a Alemanha, em Stuttgart. O adversário, já classificado, entraria em campo tranqüilo, para mostrar a sua superioridade.

Felizmente, Carlos Manuel fez um gol e Portugal volta à Copa depois de quase 20 anos de ausência. Vamos sentir saudades de Eusébio, mas no México reencontraremos Torres, não como aquele ponta-de-lança grandão de 66, mas como o treinador revelação 86.

Faria, de Bonsucesso ao Marrocos

Jamais seus amigos do bairro de Bonsucesso, integrantes do time de futebol de salão do York, poderiam imaginar que algum dia o arisco pivô da equipe acabasse como técnico de futebol de campo, dirigindo uma Seleção em Copa do Mundo. No entanto, a verdade é que este jogador da década de 50, que já levou o Qatar ao Mundial de Juniores, acaba de classificar o Marrocos para a Copa do México: José Faria, ex-treinador do juvenil do Fluminense.

Ontem, como quase sempre ele faz após as grandes conquistas, telefonou para seus filhos no Rio, Heitor e Hílton, pedindo que eles comecem a colocar as bebidas na geladeira, porque, apesar da festa e das homenagens que está recebendo no Marrocos, só se sentirá mesmo feliz quando for beijado por toda a família, em casa.

Eliminatórias
outubro (4ª semana) — dia 23: Austrália x Formosa; dia 26: Nova Zelândia x Israel; dia 27: Paraguai x Colômbia; Chile x Peru; Formosa x Austrália; Albânia x Grécia; França x Luxemburgo; URSS x Noruega.

Bola Dividida

DURANTE muito tempo, jornais e rádios se alimentaram das crises do Botafogo, Fluminense ou Vasco. O primeiro, arruinado desde que lhe venderam a sede e o campo, foi um prato cheio para as manchetes sensacionalistas. O Vasco, com seus inseparáveis problemas políticos, também foi assunto freqüente nesse tipo de noticiário. E o Fluminense, antes um clube fechado, resolvendo seus problemas entre as grossas paredes de sua sede, até ele não escapou, tendo as brigas da cartolagem e a crise financeira vasculhadas por todos os lados.

Desta agitação só o Flamengo escapava. Primeiro, porque andava ganhando e na vitória se desculpam ou se esquecem as mazelas. Depois, porque os males de um vencedor são rapidamente sanáveis.

Mas os anos de fartura acabaram e o Flamengo passou a conhecer os magros dias das derrotas. Teve Zico de volta e ainda esnobou trazendo também Sócrates, mas uma bruxa solta na Gávea pegou o joelho de um e quebrou o pé de outro. O time desarvorou, as derrotas começaram a aparecer, algumas inacreditáveis, como aquela para a Portuguesa ou essa recente surra de 4 a 0 aplicada pelo Vasco, e a paciênca estourou. Mal-acostumada, a torcida não se conformava em ver o time de que tanto se orgulhava fora das finais. Acesa a crise foi crepitando, rápida e devastadora como fogo em capim seco, e num instante toda a nação rubro-negra estava em pé de guerra. O técnico foi demitido, junto com ele o diretor de futebol e o médico Célio Cotecchia, com 23 anos de dedicação ao clube, resolveu demitir-se. Manifestos são divulgados, protestos brotam a toda hora e o presidente tem até sua dignidade pessoal duramente atingida. Tantas e tão graves acusações vêm sendo feitas que o próprio clube se vê respingado pelos rancores dos rubro-negros em revolta.

Hoje o Flamengo joga com o Bangu e não se sabe se terá nervos para agüentar uma nova derrota. O jogo é difícil, até porque o Bangu sempre foi duro adversário mesmo nos melhores momentos do time da Gávea.

O Flamengo, no entanto, precisa como nunca dessa vitória. Ela não vai curar suas feridas, que são profundas demais, e muitas delas estranhas à atuação do futebol. Mas será sempre um bálsamo para acalmar o torcedor das arquibancadas que, acima das disputas políticas, deseja ver seu time vencedor como antes. Já uma derrota teria conseqüências imprevisíveis. Tanto para o Flamengo como para o campeonato.

■

Embora já tenha se acostumado a conviver com as crises, o Botafogo continua tentando reagir. Na semana passada, o time andou descansando em Três Rio e com bons resultados para os jogadores, segundo me disse o diretor de futebol Maurício Porto, um dos que mais procuram trabalhar, se dedicando e se interessando para melhorar a situação do clube.

O Botafogo joga em Caio Martins com o Volta Redonda e tomara que desta vez escape dos habituais vexames. A torcida merece uma vitória, mínima que seja.

■

Histórias: Sempre que passa pelo Rio, Manga não esquece de perguntar pelo seu velho Botafogo. Ontem ouvia, não muito satisfeito naturalmente, a campanha do time. A falta de uma definição tática, os gols que toma, os muitos que perde.

— O Botafogo não tem um artilheiro — explicava Didi. Erra muito os tiros a gol.

Manga então advertiu:

— Erra e vai continuar errando, enquanto estiver em Marechal Hermes.

E concluiu atualíssimo:

— Ali por aquelas bandas os artilheiros não são muito de acertar com a pontaria...

Sandro Moreyra

Técnico do América teme a Portuguesa

O América, que estreou no segundo turno com uma vitória sobre o Botafogo, por 2 a 1, joga hoje contra a Portuguesa, no Andaraí, preocupado com a retranca do time adversário.

O técnico Leone, que assistiu ao empate da Portuguesa com o Vasco (0 a 0) concorda que a melhor maneira de se penetrar numa retranca é jogar pelas pontas e deu ordens para que Maurício e Canhotinho façam jogadas rápidas pelos flancos, onde o adversário parece mais vulnerável.

No treino tático-técnico de sexta-feira, Leone voltou a insistir nas penetrações do centroavante, sempre auxiliado pelos pontas Maurício e Canhotinho. Segundo ele, esta partida tem característica de um jogo de xadrez.

— A paciência é um fator muito importante. Não podemos nos preocupar com os minutos. O gol deve vir naturalmente. Os jogadores já estão sabendo disso — explicou o técnico.

A partida começará às 10 horas com arbitragem de Luís Carlos Félix, que será auxiliado por Teodoro Castro Lino e Dilermando Sampaio. O **América** jogará com: Paulo Sérgio; Polaco, Bené, Denilson (Zedilson) e Paulo César; Muller, Demétrio e Gaúcho; Maurício, Luisinho e Canhotinho. Técnico — Leone; **Portuguesa** — Jorge Lourenço; Armando, Sérgio Roberto, Elenilson e Marco Aurélio; Baiano, Toninho e Batista; João Mauro, Jorge Luís e Jairo. Técnico — Sérgio Cosme. A arquibancada custa Cr$ 15 mil.

Palmeiras empata com o XV em Piracicaba

São Paulo — Na única partida de ontem pelo segundo turno do Campeonato Paulista, o Palmeiras empatou com o XV de Novembro, de 2 a 2, em Piracicaba, mantendo-se na luta para a disputa do quadrangular decisivo da competição. Os gols foram marcados pelo zagueiro Amarildo, do Palmeiras, e pelo centroavante Gaúcho, do XV de Novembro.

Com o empate, o Palmeiras soma agora 14 pontos ganhos, ocupando a terceira colocação, ao lado de Santos, Guarani, América, Ferroviária e Paulista. A equipe do Palmeiras abriu o marcador aos 18 minutos do primeiro tempo, quando Amarildo aproveitou uma sobra na defesa adversária. Paulo Roberto, aos 32 minutos, cometeu pênalti. Gaúcho cobrou e empatou. No segundo tempo, na cobrança de uma falta, aos 31 minutos, Amarildo colocou a bola no ângulo, mas Gaúcho, novamente, aos 33 minutos, empatou.

O Palmeiras jogou com Leão, Diogo, Amarildo, Márcio e Paulo Roberto; Paulinho, Gérson Caçapava e Mendonça; Barbosa, Reinaldo Xavier (Esquerdinha) e Edu.

Futebol mergulha na crise e clubes afundam

Hideki Takizawa

Assustadoras perspectivas quanto ao sucesso da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, no México, povoam as angustiadas cabeças de milhões de apaixonados torcedores. Celeiros de memoráveis seleções que nos encantaram — diga-se, oportunamente, há saudosos 15 anos — com a glória do tricampeonato mundial, os grandes clubes brasileiros navegam à deriva em turbulentas crises técnicas e financeiras. Dívidas superiores a Cr$ 7 bilhões sufocam Santos, Botafogo e Internacional. O Flamengo, orgulhoso por resgatar os artilheiros Zico e Sócrates do milionário futebol italiano, mergulhou numa das mais sérias crises administrativas de sua história. Corintians e Atlético Mineiro vivem dramas semelhantes.

O Flamengo foi o clube que mais investiu e sua diretoria diz possuir os melhores jogadores do país. Mas até o momento o investimento de Cr$ 6 bilhões 650 milhões por Zico e os salários de Cr$ 55 milhões, além da cota de um amistoso contra o Fiorentina, em Florença, a serem pagos ao meia-esquerda Sócrates, não deram o retorno esperado pela decepcionada torcida rubro-negra. Para azar, principalmente, do presidente George Helal, Sócrates fraturou o tornozelo esquerdo antes da estréia e Zico, vítima de covarde agressão do lateral Márcio, do Bangu, terá de operar o joelho.

Foto de Luiz Morier

Estádios vazios, violência, pouco dinheiro, dirigentes ultrapassados, jogadores sem talento, tática superada, técnica deficiente... É o retrato de um futebol que agoniza

A reclamação de Zico

Nem mesmo o cauteloso e vitorioso técnico Zagalo resistiu às pressões após a desclassificação na Taça de Ouro diante do modesto e aguerrido Brasil, de Pelotas. Seu substituto, o ex-zagueiro Jouber, que também dera um título carioca em 74, acabou demitido — via telefone — após fracasso na Taça Guanabara. O ex-presidente Márcio Braga, responsável pela reestruturação do Flamengo a partir de 76, iniciando a grande fase de expressivos títulos internacionais, detectou as causas da crise:

— Falta comando porque o grupo é o melhor do Brasil. E tem jogador recebendo salários milionários com futebol de várzea.

A folha de pagamento do Departamento de Futebol aumentou de Cr$ 360 milhões para Cr$ 665 milhões com os reforços de Zico e Sócrates. Só para entrar em campo, o Flamengo gasta Cr$ 200 milhões. Os mais pragmáticos torcedores admitem que a série de contusões de todo o time, exceção do goleiro Cantarele, contribuiu para o desastre rubro-negro. Zico reclama da violência:

— O futebol e os jogadores estão nivelados por baixo porque a preocupação é a perna do adversário. Se o craque entra em campo preocupado com a pancada, não tem cabeça para criar.

A desilusão de Renato

Mas de nada adianta ter habilidade, talento e criatividade "sem dinheiro para pagar aluguel", dispara o meia-esquerda Renato, do Botafogo. O reserva de Zico na Copa do Mundo de 82, comprado ao São Paulo por Cr$ 600 milhões não esconde sua desilusão por trocar o Morumbi "pelo esburacado campo" de Marechal Hermes. É mais um profissional atormentado pela crise assustadora do Botafogo que não consegue se livrar do estigmados títulos perdidos há 17 anos.

Atingido por processos trabalhistas, crise de relacionamento entre seus titulares e por uma dívida superior a Cr$ 2 bilhões, o presidente Altemar Dutra de Castilho recorre à estratégia de pagar um salário quando o terceiro está por vencer. Se o esquema atende aos interesses dos dirigentes, serve para gerar intranqüilidade e insatisfação dos jogadores — na maioria remunerados com salários entre Cr$ 15 a 20 milhões — e Renato já desabafou:

— Se o Botafogo não chegar à final, vou embora do Rio de Janeiro. Chega de sofrimento.

A sensibilidade de Adílio

Impedido de jogar pelo menos durante mais seis semanas — só deverá ser aproveitado nas rodadas finais — para se recuperar da fratura no tornozelo, Sócrates sofre:

— Quero mostrar que meu futebol não acabou como tentam insinuar.

Mas seu afastamento e o de Zico contribuíram para "baixar o astral do grupo. A troca de treinadores, a pressão da torcida principalmente depois da derrota para a Portuguesa geraram instabilidade emocional dos mais jovens" — testemunha o zagueiro Leandro. O meia-armador Adílio repele a acusação de que o time está saturado de títulos e jogos:

— A gente é sensível. As vaias dos torcedores impacientes abalam parte do grupo — explica indiretamente se referindo ao tímido centroavante Chiquinho e até no seu caso.

A solução de Casagrande

A torcida do Corintians se identifica com a do Flamengo e tenta interferir nas decisões da diretoria. Desesperados com o jejum de vitória há um mês, os corintianos pedem o afastamento dos dirigentes e chegam ao extremo das ameaças físicas. A crise técnica começou a partir da vitória de Roberto Pasqua sobre Adílson Monteiro Alves na disputa pela presidência e o paliativo tradicional foi a sucessiva troca de treinadores: Jorge Vieira, Mário Travaglini, Jair Picerni, Carlos Alberto Torres e agora novamente Travaglini.

Os torcedores consideram o grupo de jogadores — com destaque para Carlos, De Leon, Casagrande, Serginho, Juninho, João Paulo, Dunga e Wladimir — como o melhor do Brasil e Travaglini atribui os maus resultados às contusões: "O futebol está muito violento e desleal". Mas o que existe no Parque São Jorge é um ambiente deteriorado por rivalidade na briga pelas posições. O Corintians paga seus profissionais em dia — cerca de Cr$ 400 milhões mensais — e o vice-presidente de futebol, Antôine Gebran diz:

— O baixo nível técnico se deve às retrancas dos clubes do interior preocupados em não cair para a segunda divisão".

O meia-esquerda Casagrande reconhece a crise de relacionamento:

— A solução é reformular todo o grupo. O time tem grandes jogadores que provaram suas qualidades em outros clubes, mas não conseguem repetir o mesmo futebol juntos no Corintians.

O presidente Elias Kalil, do Atlético Mineiro, e que tem mais dois meses de mandato, se orgulha de "passar o clube sem dívidas" e ter receita superior a Cr$ 1 bilhão. Mas foi obrigado a dispensar temporariamente os atacantes Reinaldo e Eder para não inflacionar a folha de pagamento em Cr$ 140 milhões. O centroavante está emprestado ao Palmeiras e o ponta-esquerda à Inter de Limeira, representando economia de Cr$ 140 milhões mensais. Kalil resolveu apostar na nova geração, mas os resultados foram desastrosos e o Cruzeiro ganhou o primeiro turno. A torcida está se afastando e a média de público foi de 3 mil 094 por jogo e Kalil admite jogar de portões abertos, quarta-feira, contra o Vila Nova, no Mineirão:

— O jogo será à tarde e gratuitamente. O bicho será pago com fontes alternativas. O Atlético não depende do futebol para sobreviver.

A justificada de Castilho

Um privilégio de fazer inveja ao outrora temido Santos, atualmente mergulhado em dívida de Cr$ 2 bilhões. Os amistosos, de preferência no exterior, são as alternativas da diretoria para pagar os salários nem sempre em dia de sua folha de Cr$ 180 milhões mensais. Mas as desgastantes viagens e os jogos constantes prejudicaram o time no Campeonato Paulista. No primeiro turno, o Santos acumulou tantos jogos para excursionar pela Itália que ao voltar foi obrigado a disputar quatro numa semana:

— Enquanto Dema, Serginho, Lino e Humberto formaram o meio-campo, estivemos bem no Campeonato. As contusões foram inevitáveis e o time se desestruturou — tenta justificar o técnico Carlos Castilho.

Semana passada, o Santos foi a Lima jogar contra a seleção do Peru, quinta-feira. A delegação voltou na mesma noite, chegou sexta-feira à tarde e seguiu direto de ônibus para Bauru, onde no dia seguinte, sob temperatura de 36 graus, não resistiu ao Noroeste (1 a 3). Castilho admitia perder para os peruanos e vencer no Campeonato. O atacante Humberto, indiferente aos resultados do amistoso (0 a 0), acusa a diretoria:

— Queremos ganhar o bi, mas os dirigentes só pensam em dinheiro.

O presidente Milton Teixeira, apesar de admitir a crise técnica, contesta:

— Precisamos jogar pelo menos seis vezes por mês e os dólares dos amistosos servem para pagar os salários. Eles são empregados e têm de jogar quando e onde for determinado — concluiu o dirigente que não saboreia uma vitória desde o dia 2, na Vila Belmiro, onde o Santos derrotou a Ponte Preta por 1 a 0.

A insegurança de Mauro Galvão

Em pior situação está o Internacional convulsionado por dívidas de quase Cr$ 5 bilhões. A maior prova da crise financeira são os dois anos sem que os funcionários recebam o 13º salário e o pagamento de respectivamente Cr$ 92 milhões e Cr$ 26 milhões aos ex-jogadores do clube, Tato e Jandir, que reivindicaram na Justiça os 15% de seus passes vendidos ao Fluminense. Renê pleiteia Cr$ 90 milhões pelo mesmo motivo e o Inter já pagou mais de Cr$ 600 milhões de ações trabalhistas.

As despesas com o futebol somam Cr$ 250 milhões, sendo Cr$ 50 milhões para manutenção do estádio Beira-Rio. Cada vez que o Inter joga em seu campo, gasta Cr$ 15 milhões. Os salários dos quase 100 funcionários superam as despesas com o time. O desgastado presidente Roberto Borba tem recorrido aos empréstimos bancários para garantir o pagamento dos salários e reconhece que o clube atravessa a pior crise técnico-administrativa desde sua formação.

Borba já recompôs duas vezes a sua diretoria e trocou três técnicos em sua administração. Firmou estranha aliança com o ex-presidente Artur Delagrave, que assumiu o comando do futebol e demitiu Paulo César Carpegiani após dois meses de trabalho à frente da equipe. A torcida abandonou o Inter após a desclassificação na Taça de Ouro e Tita apoiado pelo capitão e zagueiro Mauro Galvão atribui à inconstância dos dirigentes a grave crise do futebol brasileiro:

— Um técnico tem sua filosofia de trabalho. De repente, chega outro com métodos e táticas diferentes. Quem sofre é o time, que não consegue se acertar, e os maus resultados irritam e afugentam os torcedores. A troca de treinadores só faz aumentar a insegurança do grupo. A gente dorme e no dia seguinte a diretoria contrata outro técnico. O prejuízo é sempre do jogador — garante o zagueiro, comprovando que, a persistir a grave crise técnica e administrativa dos grandes clubes, a Seleção Brasileira sofrerá reflexos irreversíveis para a disputa da Copa do Mundo de 86.

Colaboraram Ouhydes Fonseca (SP), Cláudio Arreguy (MG) e Guaracy Cunha (RS)

Fla tem que derrotar Bangu para vencer crise

Foto de Carlos Hungria

Nelsinho acompanhou sempre de perto cada lance do treino do Flu

Foto de Ari Gomes

Bebeto esteve para ser vetado, mas treinou bem e vai jogar

Só a vitória hoje sobre o Bangu poderá atenuar a crise técnica e política que atinge o Flamengo. A responsabilidade do time é muito grande e, sabendo disso, o treinador Lazarone procurou os jogadores mais jovens, como Valtinho, Zé Carlos, Ném, Paulo Henrique e Vinícius, a fim de tranqüilizá-los para que possam render todo o potencial que possuem.

O esquema de jogo armado por Lazarone será muito ofensivo e ele não abre mão desta filosofia, ainda mais que o Flamengo precisa vencer para se firmar e entrar no returno com o moral alto. O técnico sente uma certa apreensão por parte dos jogadores, mas está certo que todos eles saberão superar todos os problemas que envolvem o clube.

O ex-presidente Márcio Braga, que se encontra em Friburgo, telefonou ontem para a Gávea a fim de dar seu apoio a George Helal. Sobre as críticas feitas no dia anterior, explicou que elas não foram bem entendidas:

— Falei do Flamengo instituição e do Flamengo futebol. O primeiro Flamengo, vai bem obrigado. Aumentou seu quadro social, melhorou suas dependências. Mas fiz alguns reparos: precisa fazer uma retomada dos seus gastos. O quadro dos funcionários é muito grande. O segundo Flamengo, o do futebol, envolvendo paixão, é que está sem comando e não ganha nada há três anos. Isto não quer dizer que não estou com Helal.

George Helal, ao saber que existe um movimento para que o Conselho Deliberativo peça seu **impeachment**, anunciou que reunirá os conselheiros para que o assunto seja debatido.

— Não precisa ninguém iniciar o movimento. Eu mesmo convocarei o Conselho e responderei a tudo que quiserem.

O treino transcorria normalmente, quando um curioso entrou na sala de imprensa e sem que nada lhe fosse perguntado (parecendo inclusive alterado), passou a esbravejar:

— O Flamengo vive um dos momentos mais tranqüilos da sua história. A culpa é da imprensa. O tiro, o remo, a bocha, o basquete vão muito bem.

Os jornalistas se entreolharam; alguns riram, outros ainda tentaram rebater, mas sem sucesso, pois aquela curiosa figura não queria entender que o momento é pelo menos "difícil". Para concluir, o estranho passou a se auto-elogiar:

— Sou um grande advogado criminalista. Vejam bem: um grande criminalista. Eu ganho minhas causas. Quem quer ver minhas credenciais? Silenciarei a imprensa. Já silenciei três vezes a imprensa.

O nome dele? Nem mesmo o porteiro sabia ao certo:

— Não sei, não. Mas parece que é um tal de Peixoto. O homem deve ser mesmo advogado. Pelo menos gosta de ser chamado de "doutor".

Moisés garante futebol ofensivo

O Bangu enfrenta o Flamengo com muita confiança na vitória, e entusiasmado porque o ponta Marinho vai receber a Chuteira de Bronze, da Adidas, por ter sido o terceiro artilheiro da Copa Brasil, com 16 gols.

Com a ausência de Mário, o técnico Moisés decidiu lançar João Cláudio, que mesmo não sendo tão bom marcador como o titular, é mais um homem de ataque, o que tornará o Bangu mais agressivo.

O que se pode observar em Bangu é que as constantes contusões não deixam Moisés escalar a mesma equipe seguidamente, o que dificulta ao técnico formar o melhor conjunto.

Ontem houve um treino de conjunto de 30 minutos e mais uma vez Marinho foi testado, pois ainda não está completamente recuperado de uma antiga contusão. Mas vai jogar confiante:

— Quero entrar em plena forma e, se agora vou ganhar a Chuteira de Bronze, no ano que vem quero ganhar a de ouro.

BANGU X FLAMENGO
Local: Maracanã
Horário: 17 horas
Ingressos: camarote — Cr$ 100 mil; cadeira especial — Cr$ 50 mil; cadeira azul — Cr$ 20 mil; arquibancada — Cr$ 10 mil; geral — Cr$ 3 mil.
Juiz: José Roberto Wright.
Auxiliares: João Batista Santana e José Inácio Teixeira.
Bangu: Gilmar, Velton, Jair, Cardoso e Márcio; Russo, João Cláudio e Arturzinho; Marinho, Macaé e Ado.
Técnico: Moisés
Flamengo: Cantarele, Jorginho, Leandro, Zé Carlos e Ném; Valtinho, Adílio e Gilmar; Bebeto, Vinícius e Paulo Henrique.
Técnico: Lazarone

Romerito chega atrasado mas viaja com Flu a Campos

Apesar de ter interrompido sua lua-de-mel **para** defender o Fluminense, hoje à tarde, **contra** o Americano, Romerito deve pagar à **caixinha** dos jogadores cerca de Cr$ 100 mil de **multa** pelos 20 minutos que atrasou no embar**que da** delegação para Campos.

Desde às 15h30min. o ônibus estava preparado para sair da sede. No entanto, Romerito não chegava. Finalmente, apareceram o jogador e sua mulher. Ele a beijou longamente, ela tomou a direção do Escort preto e foi embora. A entrada de Romerito no ônibus foi muito festejada.

— Ninguém vai livrá-lo da multa pelo atraso, apesar de reconhecer que tudo deve ter sido em razão de uma saideira — brincou um dirigente.

O importante é que ficou evidenciado o bom ambiente que Romerito tem junto aos companheiros. Todos estavam contentes com a festa do casamento, na quinta-feira. O lateral Branco, um dos padrinhos, disse que muito em breve será sua vez de se casar. Romerito será liberado após o jogo, já que viaja ao Paraguai para se integrar à Seleção que enfrenta a Colômbia, dia 27, pela repescagem da Copa do Mundo.

O técnico Nelsinho acredita numa boa atuação em Campos, apesar da ausência de Tato, que com dores no tornozelo foi afastado da delegação e será substituído por Paulinho.

A única preocupação da equipe é com respeito aos cartões amarelos, pois Jandir, Delei, Ricardo e Renê estão com dois. O goleiro Paulo Vitor está otimista com sua volta como titular por se achar em forma, apesar dos 18 dias que esteve inativo devido a uma forte torção no tornozelo.

Delei, que lançou um novo estilo de corte de cabelo (bastante aparado nos lados), chegou usando óculos escuros modernos e muito apressado, para encontrar um bom lugar.

Pela manhã houve apenas um treino leve no ginásio porque o campo ainda está com a grama em tratamento.

— Até agora tudo verdinho. Será que vai continuar assim quando ele for liberado para os treinos — perguntava Nelsinho, já preocupado com o excesso de treinamentos sempre que o campo é entregue ao futebol.

Americano tem Zezé Gomes

Campos — O Americano poderá contar para o jogo de hoje, contra o Fluminense, com a presença do atacante Zezé Gomes, que lhe foi emprestado justamente pelo adversário. Quem confirmou a presença do centroavante foi o próprio presidente do Americano, Dejanir Azevedo, que revelou não haver nenhum acordo entre os dois clubes que proíba a escalação daquele que hoje é apontado como a solução para o ataque do Americano.

Por ter conquistado a Taça Guanabara e por ser o favorito do Campeonato, é provável que o Fluminense leve ao Estádio Godogredo Cruz um bom público, apesar do preço do ingresso custar Cr$ 15 mil.

Zezé Gomes, que vem sendo a principal atração do time desde que foi emprestado pelo Fluminense, está entusiasmado por enfrentar seu ex-clube, e admitiu que o Americano tem condições de surpreender o Fluminense nos contra-ataques.

AMERICANO X FLUMINENSE
Local: Estádio Godofredo Cruz (Campos)
Horário: 17 horas
Juiz: Roberto Costa
Auxiliares: Antônio Renê do Amaral e Júlio César Vogueler
Americano: Geraldo, Jaílton, Luciano, Paulo Marcos e Abelardo; Índio, Gilmar e Vandinho; Zezé Gomes, Ferreira e Giba.
Técnico: Pinheiro
Fluminense: Paulo Vítor, Aldo, Vica, Ricardo e Branco; Jandir, Delei e Renê; Romerito, Washington e Paulinho
Técnico: Nelsinho

Botafogo quer mostrar novo estilo em Niterói

Apesar de todos os problemas enfrentados em Três Rios, o técnico Abel acha que a semana na cidade fluminense foi positiva no aspecto técnico e físico, e quer ver o time jogando duro e chegando junto na marcação para derrotar o Volta Redonda hoje à tarde, no Caio Martins, em Niterói, ou seja, atuando de maneira bem diferente de jogos anteriores.

Abel lembrou que no primeiro turno não teve tempo para preparar os jogadores, pois o time chegou da excursão à Europa e África, já jogando. Para o técnico, esse foi o principal motivo do fraco rendimento do Botafogo na Taça Guanabara.

— O próprio jogo contra o Volta Redonda serve de exemplo. Começamos a partida muito bem, tivemos várias oportunidades de gol, mas o time acabou afrouxando e perdeu por 1 a 0. Agora, estou certo de que os jogadores têm condições físicas de suportarem um jogo corrido, e por isso acredito no sucesso da equipe — disse Abel.

As ausências de Elói e Helinho serão supridas por Berg e Mário, que treinaram com desenvoltura em Três Rios e atuaram bem no jogo treino com o Entrerriense, na última sexta-feira à noite, vencido pelo Botafogo por 1 a 0. Abel também gostou do jogo ser em Caio Martins, "pois o gramado de Marechal Hermes está em péssimo estado".

Volta Redonda — Depois de uma semana de crise, provocada pela derrota, em casa, para o Americano, e agravada com o pedido de demissão do diretor de futebol, Giussepe Garófalo, o Volta Redonda considera superados todos os problemas e tem confiança na tradição de atuar bem contra o Botafogo, para vencer o jogo de hoje, no Caio Martins.

— Para melhorar o ambiente, a federação escalou o juiz Wilson Carlos dos Santos, "o melhor do seu quadro". Segundo o presidente Fausto Possidente:

— Estamos certos de que vamos poder mostrar o nosso ritmo de jogo, sem preocupação, porque o Wilson é um juiz que não quer saber se estão jogando um grande e um pequeno: ele cumpre as regras, com rigor.

O treinador Wilson Francisco reforçou o sistema defensivo e espera um bom desempenho do meio campo, dando maior velocidade na ligação entre a defesa e o ataque. Para tanto, confia no futebol criativo de Gilvan, que vai ter mais liberdade, com a escalação de Assis, na cabeça da área.

Não se surpreendam se o Volta Redonda voltar a ganhar do Botafogo, como fez na partida da Taça Guanabara — diz, otimista, o técnico.

BOTAFOGO X VOLTA REDONDA
Local: Caio Martins
Horário: 15h30min
Juiz: Wilson Carlos dos Santos
Auxiliares: Aloisio Viug e Adalton Rodrigues
Botafogo: Luís Carlos, Josimar, Marinho, Leiz e Vagner; Alemão, Renato e Berg; Mário, Petróleo e Antonio Carlos.
Técnico: Abel
Volta Redonda: Leite, Almir, Gaúcho, Edson Moita e Roberto Silva; Assis, Gilvan e Freitas; Touché, Rubão e Isaías.
Técnico: Wilson Francisco

João Saldanha

Jalisco de Guadalajara

TENHO acompanhado o entusiasmo de alguns porque nos coube Guadalajara como sede. Claro que isto foi o resultado da Copa de 70 e que não tem nada a ver. Pois fiquem sabendo que ficamos muito apreensivos com o sorteio (foi por sorteio) que nos fez cair lá. Duas razões: a primeira foi que nos coube o grupo mais forte de todos. Lá estavam a Tcheco-Eslováquia campeã da Europa de seleções. Tinha um timaço. Os ingleses, como todos sabem, tinham sido os últimos campeões do mundo e a Romênia com o melhor time de todos os tempos. Aquele de Dobrin, Lucescu, Raducanu, o melhor goleiro da Copa, Dobbias, também da seleção da Copa. Carne de pescoço e arrisquei dizer que o campeão daquele grupo deveria ser o campeão da Copa. E foi.

Mas o sorteio nos pegou de calça curta. Tinham nos prometido que estaríamos em Puebla, a 2.600 mts de altitude, próximo à cidade do México e também com excelentes instalações. Aliás, neste ponto, o México, se não for o mais bem aparelhado do mundo, só deve perder para um ou dois. Quem não sei, mas três não existe. O único lugar que não é muito bom é a própria cidade do México. Havia a Vila Olímpica mas fizeram ali ao lado uma fábrica de adubos que empestiou tudo. Então era Puebla e eu e Antonio do Passo fechamos — de boca — o arrendamento de um pequeno e magnífico hotel. Veio o sorteio e fomos parar em Guadalajara. Todo o nosso plano foi para o brejo. Guadalajara, no estádio Jalisco fica a mil e quinhentos, quase mil e seiscentos metros. Nossa intenção era sair dali vitoriosos mas teríamos de **subir o morro** e então sim jogar em altitude que incide seriamente no homem e mais ainda no atleta. México tem 2.450 em média e a barba cresce a partir dos 2.000, 2.100. Tivemos de antecipar tudo, não havia dinheiro e conseguimos Guanajuato num hotel (Posada San Xavier) a 2.200 mts. A cidade tem, em média, dois mil e cem. Ali tivemos de ficar a doze dólares por dia, barato, 28 ou 29 pessoas. Desceríamos para Guadalajara na Suítes Caribe (tem várias dúzias iguais) mas era bom porque junto ao campo de treino. Dava para ir a pé. E como seria apenas uns dezesseis dias ninguém perderia o condicionamento adquirido lá em cima. Os glóbulos vermelhos acumulados agüentariam até mais de dois meses. Tudo bem, mas complicou e encareceu. Repito, não havia dinheiro e não sei onde Havelange cavocou e arranjou. Os bichos eram pequenos e a despesa bem reduzida. Passo, ferozmente controlava a grana escassa. Deu certo e pagamos os italianos aos pedaços vindos de terrível semifinal. Desaclimatados e uma encrenca com os garçons do hotel, na saída para Toluca, fez a torcida pender para nós. Em Guadalajara tinham gana nos ingleses que levaram ônibus e água da Europa e nós exploramos bem isto. Além do mais o clube inglês de lá, o Oro, não era nada popular. Aceitava "gringos". O clube popular era o próprio Guadalajara.

O ideal agora seria uma cidade do altiplano. Leon; Guadalajara, Queretaro, Monterrey são de baixa altitude. O bom seria Puebla, Toluca ou México. Faríamos lá mesmo a adaptação sem deslocamentos. Em Guanajuato não havia campo para treinar futebol. Tínhamos de ir para Queretaro, Irapuato ou Leon mais ou menos a uma hora e meia de Guanajuato. Não era mau, quebraria certa monotonia mas eram deslocamentos. Guadalajara tem um lado sentimental mas podem ficar certos que só torceram e só torcerão para nós depois do México decidir se continua ou não na Copa. O primeiro gol da Tcheco-Eslováquia em Guadalajara daquele cara que se ajoelhou e rezou, o Petras, eles bateram muita palma. Foi igual quando o Jair empatou e também fez sua reza. Sim, os mexicanos até poderão torcer por nós. Mas se saírem do páreo. De um modo geral eles torcem para o time que estiver jogando bem. Foi o nosso caso. Mas eles gostam muito dos argentinos também que, aliás, não estavam lá em 70. Devagar com o andor. Eu preferiria Puebla, Toluca ou cidade do México.

CINEMA
2ª a sábado no Caderno B

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 20 de outubro de 1985

CADERNO B ESPECIAL

Roque Santeiro está em questão

A trapaça permeia todos os personagens — MARINA

Asa Branca é o país reduzido a uma cidadezinha — MUNIZ

Por que o Brasil quer se ver como farsa? — GERALDINHO

Depois de 20 anos de ditadura, só entreter é pouco — BETTY

É como se fosse um fenômeno de pós-guerra — BARRETO

Carlos Eduardo Novaes

O pistolão

OS chefes de Estado das chamadas grandes potências não deveriam visitar países endividados nestes tempos de crise. Fica todo mundo pedindo uma **mãozinha** na questão da dívida. O velho Mit, desde o momento em que botou os pés em Brasília, foi transformado pelas autoridades brasileiras — Sarney à frente — numa espécie de messias da nossa dívida externa. Não sei se o Ibope ou o Gallup fez alguma pesquisa, mas o Pierre, segurança do Presidente, amigo meu, disse-me que 98,7% das conversas dos nossos homens com Mitterrand giraram em torno da dívida. Evidente que tudo feito com muita diplomacia, como exigia a ocasião. O próprio Sarney no primeiro encontro, no aeroporto, teve o cuidado de não pedir **a mãozinha**. Limitou-se a falar durante 45 minutos sobre nossas dificuldades para pagar os juros.

— O senhor sabe, somos um país pobre, sobrevivemos a duras penas, não temos condições de pagar pelo serviço da dívida e...

Mitterrand ouviu pacientemente. Sarney parecia uma dessas pessoas que pedem esmolas, precedendo o pedido com uma longa explicação. O velho Mit entendeu onde nosso Presidente queria chegar. Interrompeu-o:

— Pode deixar que vou ajudar vocês na negociação da dívida.

Os olhos do nosso Presidente brilharam. Era tudo o que ele queria ouvir. Teve ímpetos de perguntar: "Jura?" Mas limitou-se a um emocionado agradecimento. Enfim conseguiamos um pistolão — um bom pistolão — para interceder junto aos credores. Mitterrand achou que o papo da dívida tinha morrido aí. Enganou-se. Vocês sabem como ficamos aflitos quando dependemos de um pistolão (quem já não dependeu de algum, à procura de um emprego, um empréstimo, uma promoção na firma?). Queremos dar detalhes. Queremos orientá-lo pelos melhores caminhos. "Ajudar vocês" era algo muito vago para Sarney.

Na primeira reunião de trabalho, Mitterrand interessado em conversar sobre amenidades — como sempre acontece nesses encontros que não resolvem nada — e Sarney insistindo em bater na tecla da dívida.

— O senhor conhece o presidente do FMI?

— Quem? O Jacques? Jacques de Larosière? — Mitterrand fez um ar superior. — Muito!

Sarney olhou para o francês com aquela subserviência que caracteriza o cidadão diante do seu pistolão.

— Poxa... será que dava para o senhor falar com ele? — fez uma pausa e prosseguiu reticente. — Quer dizer, se o senhor... se o senhor... tem intimidade para falar da nossa dívida.

— Claro. Lógico. Nós freqüentamos a mesma estação de esquis...

Sarney observava Mitterrand quase babando de admiração. Mitterrand talvez não fosse tão próximo de Larosière. Mas como todo pistolão que se preza se fazia parecer amigo de infância.

— Pode deixar. Logo que chegar a Paris dou uma ligadinha pra ele.

Sarney era um poço de agradecimentos.

— Seria maravilhoso. O senhor não sabe o que temos sofrido nas mãos dele e...

Mitterrand se sentia mais importante do que o Reagan. Fez ver, porém, a Sarney — usando as velhas manhas do pistolão —, que as coisas não seriam tão simples.

— Você sabe, o Jacques é um homem que viaja muito... não é fácil encontrá-lo. De modo que posso demorar um pouco...

Sarney se contorceu cheio de compreensão.

— Não. Tudo bem, tudo bem. Não se preocupe, Presidente. Quando o senhor puder... Poxa, só o senhor se oferecer para falar com ele!

À noite, no jantar do Itamarati, Mitterrand tinha vontade de falar sobre frutas tropicais, mas percebeu que seu ibope crescia na relação direta das conversas sobre a dívida. Era por aí que ele conseguiria vender mais tecnologia francesa ao Brasil. Esperou cercar-se de muitas autoridades tupiniquins e lascou:

— Tenho certeza de que vocês vão resolver seus problemas. O Brasil não nasceu devedor... não vai morrer devedor.

Nossas autoridades concordavam com a cabeça. Estavam encantadas. Só faltavam se jogar aos pés de Mitterrand. Alguém comentou das dificuldades de sairmos do buraco, sozinhos. Sarney aproveitou a **deixa**:

— E no Banco Mundial? O senhor conhece alguém?

— Banco Mundial? — Mitterrand fez um ar de quem ia começar a cantar **A Marselhesa** — Conheço toda a diretoria. O vice-presidente é da minha região. O presidente foi meu colega de ginásio.

Sarney adiantou-se meio sem jeito.

— Sabe, Presidente, estive falando com nossos ministros. Se o senhor pudesse dar um toque nele...

— Não me custa nada...

Nem terminou a frase, Setúbal botou nas mãos do francês um relatório com 452 páginas. Explicou tratar-se de um pequeno histórico das nossas dívidas.

— Se o senhor tiver tempo para ler e enviar ao presidente do Banco Mundial com uma recomendação... tenho certeza que ele vai atendê-lo.

Mitterrand chegou à sua suíte no hotel e deu de cara com uma pilha de metro e meio de papéis, documentos, explanações, relatórios sobre a dívida, enviados a mando do Planalto. Anexo, um bilhete do nosso Presidente: "Para que V. Exa se inteire dos nossos problemas. Desde já agradecemos o empenho". Terça-feira Mitterrand dirigiu-se à segunda reunião de trabalho imaginando que já poderiam conversar sobre os pratos típicos do país. Sarney porém agarrava-se ao pistolão com unhas e dentes. Quando teremos outro Presidente de grande potência por aqui?

— O senhor conhece algum daqueles banqueiros de Manhattan?

— Tenho dois ou três amigos entre eles — Mit tentou mudar o rumo da conversa (não agüentava mais). — Fale-me sobre esse tal de jerimum, Presidente.

Sarney resistia a alterações no curso da conversa. Insistia no seu samba de uma nota só.

— O senhor se dá bem com o Reagan?

— Mais ou menos. Temos tido alguns problemas — aproveitou para fazer média — alguns até por causa de vocês, latino-americanos...

Sarney baixou os olhos e soltou um muxoxo:

— É uma pena...

— Quem se dá muito bem com ele é a Tatcher.

Sarney recuperou o ânimo.

— E o senhor se dá bem com ela?

Antes de terminar a reunião, Sarney quis saber como obteria notícias das conversas do francês. "O senhor me liga ou ligo para o senhor?".

— Melhor você me ligar. Tenho andado muito ocupado...

— E caso o senhor esteja em reunião?

Mitterrand deu a resposta típica dos pistolões "frios".

— Deixa recado com a minha secretária.

Parece que estou vendo: daqui a seis, oito, meses, quando, enfim, Sarney conseguir entrar em contato com Mitterrand.

— O telefone do Jacques — dirá o francês —, chama, chama e ninguém atende.

Mitterrand vai acrescentar que "sem falar com Jacques não adianta falar com os outros" e tudo só não continuará como antes porque já teremos aumentado nossa dívida com a França.

ZÓZIMO

"Gatilho"

• Só agora se soube é que o antigo Rolls-Royce que serviu o Presidente François Mitterrand em Brasília circulou o tempo inteiro com gatilhos, como se diz na gíria automobilística.
• Quando o Itamarati, com a indispensável antecedência, começou a aprontá-lo para o transporte do visitante, percebeu que os freios, gastos, não funcionavam.
• Tentou, primeiro, a fábrica na Inglaterra mas nada conseguiu. O passo seguinte foi apelar para o gatilho, improvisando-se freios de um outro modelo. Experimenta daqui, experimenta dali, acabou-se achando o substituto ideal.
• O Rolls que transportou Mitterrand rolava pelas avenidas da Capital com freios de Opala.

Só três

• Apenas três deputados federais do PDT foram convidados para o jantar oferecido pelo Governador Leonel Brizola em homenagem ao Presidente Mitterrand.
• Abdias Nascimento, Bocayuva Cunha e José Colagrossi.

Missa inteira

• No episódio da saída do ex-presidente do INCRA, José Gomes da Silva, ainda não se contou da missa a metade.

• Na verdade, Gomes da Silva pulou fora por sugestão do Presidente José Sarney, irritado com os ataques que vinha sofrendo de um jornal paulista da imprensa alternativa, crítico contumaz dele e da reforma agrária.

■ ■ ■

• Os ataques levavam a assinatura de um filho de Gomes da Silva.

■ ■ ■

Dois méritos

• A recente 40ª Regata da Escola Naval, que singrou as águas do litoral carioca há semanas sob o comando de Franco Bruni, trouxe para o Brasil dois méritos — é a nova recordista sul-americana e o quinto maior evento de competição naval do mundo.

• E não é para menos: afinal, participaram da regata nada menos que 840 barcos, de 56 classes diferentes, com um total de 5 mil 700 iatistas.

■ ■ ■

Mitterrand e os vinhos

• Desprezado por Brasília, o vinho brasileiro, depois de lá, não deixou mais a mesa do Presidente François Mitterrand até a sua partida.

• No Palácio Guanabara, o visitante foi apresentado ao Forestier branco e em São Paulo, na recepção oferecida pelo Governador Franco Montoro, teve a oportunidade de provar o D Eudes branco (o que muito envaideceu Sua Alteza, dono da marca, até porque, por um momento, o socialismo curvou-se ante a monarquia) e o Almaden tinto.
• No capítulo dos champanhes, Mitterrand tomou no Itamarati o De Greville, na noite gastronomicamente mais negra de sua passagem pelo Brasil, e em São Paulo, o M Chandon.

* * *

• Não se conhece qualquer opinião do visitante sobre a degustação.

■ ■ ■

Disparando

• O segurança que passou a acompanhar nos últimos dias o candidato Rubem Medina por onde quer que ele vá não é outro senão o conhecido **Cromado** lançado nas manchetes dos jornais por sua ligação com o time do detetive Mariel Mariscotte de Matos.

• **Cromado** deve ter sido contratado pelo partido para ajudar Medina a disparar nas pesquisas.

SUGESTÃO

• Diante da série de tropeços dos cerimoniais dos Estados e do Governo cometidos durante a visita do Presidente François Mitterrand, já houve pelo menos uma voz em Brasília que se levantou veementemente contra o ocorrido.
• Sugeriu ao Itamarati contratar Os Trapalhões para organizarem a próxima visita oficial de um Chefe de Estado estrangeiro ao Brasil.

Maria da Glória e Rodolfo Antici nos salões do Rio

Convite oficioso

• O Governador Leonel Brizola deverá visitar a França em 86, naturalmente se seus compromissos políticos e suas múltiplas viagens particulares o permitirem.

• O convite, não oficial, lhe foi feito pelo colega socialista François Mitterrand nas despedidas da visita que fez ao Rio.

* * *

• Mitterrand deve estar, no fundo, louco para ir à forra e levar Brizola para conhecer uma escola pública — a 7 de Setembro — plantada no subúrbio mais longínquo do mapa de Paris.

■ ■ ■

Balanço próprio

• Se há uma coisa que aborrece o Ministro Roberto Gusmão é ser rotulado de conservador.

• Ele está esperando o momento mais oportuno para mostrar à opinião pública que é, ao contrário, um dos mais eficientes — mais, inclusive, do que muitos de seus pares que se incluem entre os progressistas.

• Gusmão vai mostrar que tudo aquilo a que se propôs está sendo executado — a reforma administrativa de seu Ministério, com nova estrutura; a reforma das empresas vinculadas ao Ministério da Indústria e do Comércio, e a definição da nova política industrial do país levando-se em conta as realidades regionais.

* * *

• Esse balanço deve vir a público até o final do ano.

Dois extremos

• O ex-guerrilheiro Régis Debray, em entrevista à revista **Status** que está nas bancas, declara, lá pelo meio de sua falação, que "hoje, por exemplo, a França tem um Governo que é o mais reacionário de sua história".
• Quando se sabe que Debray integrou com destaque a comitiva que acompanhou o Presidente da França em sua viagem ao Brasil — ele é, inclusive, íntimo da Primeira-Dama — conclui-se que, apesar do Governo "ser o mais reacionário da história do país", seu Presidente, François Mitterrand, deve ser também o mais liberal de todos.

Tiro perdido

• O Embaixador Roberto Campos, adversário feroz da política imposta pelo Ministro Renato Archer à pasta da Ciência e Tecnologia, não perdeu a primeira oportunidade que se apresentou para canhonear o inimigo.
• Como presidente da Comissão de Orçamento do Senado, Campos sugeriu na última reunião da comissão mista do Congresso que aprecia o orçamento do ano que vem a extinção pura e simples dos Ministérios da Ciência e Tecnologia e da Cultura.
• Rotulou-os, fundamentando sua pretensão, de meros "guichets de repasse".

• Como acontece no jogo Batalha Naval, é certo que o tiro cairá nágua.

Em família

• O presente que o casal François Mitterrand mais gostou de levar do Brasil não foi nenhum dos mimos oficiais com o qual foi brindado durante sua visita encerrada anteontem.

• Foi, na verdade, uma tela de 1m x 0,70m da pintora Maria Tomaselli Cirne Lima oferecida a eles como lembrança da viagem pela cunhada e o irmão, Arlette e Robert Mitterrand.

■ ■ ■

Incompatibilidade

• Consuma-se esta semana a saída do jornalista Antonio Britto da TV Globo.

• Por pura incompatibilidade entre a função de jornalista, que pressupõe isenção, e a atividade política como candidato ano que vem a uma cadeira na Constituinte.

Roda-Viva

• Já começa a movimentar os meios sociais, políticos e artísticos do país o grande almoço de adesões que os amigos estão organizando para homenagear, dia 26 de novembro, a Sra Niomar Moniz Sodré Bittencourt, fundadora e presidente de honra do MAM do Rio.

• Voou para Nova Iorque para assistir ao nascimento do neto Regina Bilac Pinto Zingoni.

• A convite do Embaixador e Sra Adriano Carvalho, o Presidente e Sra José Sarney jantarão dia 25 na Embaixada de Portugal homenageando o acadêmico e Sra Josué Montello.

• A galeria Estampa movimentará esta semana as artes plásticas inaugurando na quarta-feira uma grande exposição de Glauco Rodrigues.

• A escola pública Desembargador Tenório, na Gávea, só brindou seus alunos semana passada com dois dias de aula. Não é a primeira vez que isto acontece, pelo contrário.

• O Chanceler Olavo Setúbal vai hastear no Itamarati dia 24 a bandeira da ONU, que estará comemorando 40 anos de existência.

• Bebel e Álvaro Teixeira de Mello movimentaram Brasília recebendo para um jantar em torno da Sra Nieta Castelo Branco Diniz. Entre os presentes, D Marly Sarney.

• Uma exposição, armada a partir de sexta-feira que vem no Centro Pompidou, vai lançar o novo logotipo da Air France. Com a presença do Presidente François Mitterrand.

• Poderá caber ao Embaixador Afonso Arinos de Mello Franco Filho, indeciso se envereda ou não pela política, a Embaixada do Brasil no Vaticano.

NÃO VOLTA

• Atualmente em Moscou, não deverá mais voltar ao Brasil o Embaixador da União Soviética, Vladimir Tchernichov.

• Está doente e sua recuperação se mostra lenta e difícil.

Zózimo Barrozo do Amaral

Affonso Romano de Sant'Anna

Ah! Como a vanguarda está velha

OUTRO dia esteve por aqui o compositor americano John Cage, saudado como uma das expressões do vanguardismo ocidental. Ele fez muito bem em não apresentar seu famoso concerto 4'33", que consiste no seguinte: o pianista fica sentado ao piano exatamento quatro minutos e 33 segundos, sem tocar nas teclas. A música que surge é o ruído da própria platéia.

Se tivesse apresentado essa sua sonata silenciosa, eu teria que me levantar na platéia e acusá-lo de plágio. Aliás, um plágio ruim. Porque a idéia original de Giovanni Papini exposta em 1931 no seu livro **Gog** é muito melhor. Trata-se da "música do silêncio". Um maestro à frente de uma orquestra de bonecos de cera. Só o maestro, em sua agitação, é verdadeiro. Mas Papini vai ainda mais longe: diz que um de seus personagens inventou a música natural sem recorrer aos instrumentos convencionais. E aí organiza um concerto com ruído de repuxos, rugidos de leões, farfalhar de cataventos, barulhos de máquina de escrever, arrulhos de pombos e fuzilaria de buzinas.

Esse livro de Papini me veio à cabeça também depois de ver a 18ª Bienal de São Paulo. Tirando seções como o Turista Aprendiz, a escultura do espanhol Francisco Leiro, o colombiano Fernando Botero, o peruano Herman Braun Vega, o dinamarquês Ole Sporring, a boa seção de gravuras, sobretudo as de Carlos Martins ou a **Festa na Casa da Rainha do Frango Assado** de Alex Valauri, poucas coisas sobram. Por isto **Madame** Mitterrand que chegou à Bienal essa semana e quis logo ver os franceses, deve ter saído com o orgulho nacional amarrado num barbante. Pior que os franceses, só os belgas, os irlandeses, os israelenses, os americanos e mesmo esses decantados alemães, que encantam os inseguros e neófitos. Por isto, muita razão também tem Aracy Amaral de propor que se faça uma Bienal Latino-Americana, que pode ter mais força e originalidade que esse pestiche multinacional da antiinventividade. Porque esse é o problema: a concepção dessa Bienal é tão velha quanto velha é o vanguardismo serôdio que aí se expõe, incapaz de ir além do que a inventiva e autêntica vanguarda propôs no princípio do século.

Mas voltemos ao bom humor de Papini. No seu livro ele imagina um personagem demoníaco que fica milionário e resolve visitar grandes personalidades e patrocinar artistas de vanguarda. E então ele imagina cenas que, quase 60 anos depois, os retardatários se dão o trabalho de concretizar. Por exemplo: em plena Bienal está lá uma obra de um tal Fritz Dobbert: um piano de cauda fechado com uma advertência em cima: "Não toque". Oh, suprema originalidade!

Prefiro, de novo, **Gog**. Ele imagina um escultor que teoriza que a escultura tem que ser como a música: durar um só instante. É o que hoje se chamaria de "escultor gestual". Ao invés de trabalhar com a pedra, o mármore e o bronze, inventa a escultura com a flacidez de um creme, que se desmancha como o gelo. Em suas andanças também descobre um dramaturgo que inventa o "teatro sem atores", pois "o teatro não deve ser a imitação da vida real, mas a exata reprodução da vida". Daí sugerir que, nas peças de Shakespeare, César seja apunhalado de verdade e que Desdêmona morresse mesmo, sufocada debaixo dos travesseiros. Enfim, um apologista também do "teatro da crueldade".

Entre os poetas descobre um que cria a poesia escrita em várias línguas, pensando, como se diria hoje, na aldeia global, na estética multinacional. Outro lança a poesia fonética (como os dadaístas), outro, as palavras soltas, como no concretismo. Já outro poeta escreveu uma epopéia de 50 mil 600 versos e depois de muitos anos consegue reduzi-la a uma única palavra: "**entbindung**" — súmula de todo o conhecimento. Finalmente, outro fez um livro só com os títulos dos poemas, cabendo ao leitor pensar e escrever o texto numa práxis instauradora.

Outro dia tratava desse assunto com alunos e lhes lembrava que Malevitch já havia pintado uma série de "Branco sobre o Branco". Mostrei o **slide** de um livro de Franz Eerhard Warther, feito em 1939, todo em branco. Ao indagar se conheciam esse livro ou se, porventura, alguém o havia lido, um aluno disse: "Ainda não, porque ainda não foi traduzido."

É isso aí. É preciso coragem para desmascarar a vanguarda velha. É preciso discernimento para se instalar de vez no espaço da pós-vanguarda.

Uma concepção

□ Duas palestras sobre o Centro Popular de Cultura põem novamente em questão o sentido social da arte. Segunda-feira passada, na Funarte, foi a vez do poeta Ferreira Gullar, um dos seus mais ativos participantes. Amanhã, de um dos seus críticos, a professora de Filosofia da Universidade Estadual de São Paulo, Iná Camargo Costa. Gullar reconhece os erros e sectarismos do CPC, embora admita que dele nasceu a lição de que "só se encontra a arte brasileira compreendendo a realidade brasileira." Por sua vez, Iná Costa adverte para o perigo de "farsa" na eventual repetição da experiência, concluindo que o CPC não passou de uma "agência de agitação política", coisa de líderes estudantis que tentavam "seduzir artistas para sua causa." Aqui, um resumo dos dois pontos de vista.

Ferreira Gullar

O CPC não provocou o golpe

O que fazer da arte? Esta é a questão que se coloca a todos que fazem arte. Qual o sentido social do que fazemos? Em dado momento de nossa história, depois que movimentos revolucionários surgiram em toda a América Latina, parecidos com o movimento cubano, ocorreu aos atores do Teatro de Arena que as obras apresentadas eram para um público praticamente o mesmo que freqüentava o Teatro Nacional de Comédia: então, que finalidade tinha esta atividade, num país com tantas injustiças?

Entre eles, estavam Boal e Vianinha. Desta pergunta, resultou uma tomada de atitude que iria dividir o Teatro de Arena e viria a dar origem ao CPC. Havia um outro fator: surgira a TV, que começava a mostrar o seu poder na sociedade. Quando os intelectuais achavam que ação artística estava a serviço do social, vinha um veículo, a TV, dizer o contrário e disputar com eles a capacidade de influir no povo. Vocês podem até rir da idéia de que o CPC queria concorrer com a TV, mas havia a questão colocada. Não tínhamos recursos e não pretendíamos nos manter com bilheteria.

Era fatal que existisse a associação com a UNE. A UNE tinha alguns recursos, provenientes do próprio governo, os interesses ~~da juventude uni~~versitária se harmonizavam com os objetivos do CPC. O CPC foi criado em 1962. Seu primeiro presidente foi Carlos Estevam. A visão era basicamente marxista. Fazíamos a crítica da cultura da classe dominante.

Carlos Estevam dizia que cultura popular sem consciência política era diversão, festa. Ao CPC, não cabia negá-las, mas aliar-se a elas, para dar-lhes conteúdo político. A proposta do CPC era se valer das formas existentes, não concorrer com a vanguarda, mas usar formas para levar consciência política. O CPC não tinha a visão paternalista de que o povo não cria nada, mas permanece passivo à espera do CPC. Ele queria fazer arte para e com o povo. Para o povo — poemas, filmes, com visão crítica. Com o povo — nos sindicatos, nas favelas, grupos de teatro, poetas, para que eles elaborassem suas próprias formas.

Carlos Estevam publicou essas idéias em **A questão da cultura popular** (1963). Mas nem sempre suas idéias tinham a aquiescência de todos. Enquanto Carlos Estevam dizia, por exemplo, que se deveria levar à escola de samba visão política, na prática isso não era possível. Quem sabe da organicidade de uma escola de samba sabe que esse tipo de atividade pode acontecer lá dentro, mas a partir de grupos que manifestem espontaneamente sua crítica.

Pouco antes do golpe de 1964, debates com relação a essas questões mostravam a defasagem entre teoria e prática. Nossos esquetes e autos apresentados nas favelas mostravam a dominação imperialista no país. Mas observávamos que a mensagem não estava passando porque o pessoal não tinha os dados primeiros para entender o que se estava querendo mostrar. A atividade real, então, tinha que ser a alfabetização, um estágio anterior ao que se estava fazendo. Quando quisemos fazer os autos no sindicato, não houve interesse. Em compensação, quando o sindicato resolveu dar uma festa, foi todo mundo. Aí, entendemos que a prática estava errada. Dizer a eles que vem aí um grupo de intelectuais fazer uma peça não dizia nada. Tampouco conseguimos montar um teatro entre os metalúrgicos.

A atividade política mobilizava, mas não a atividade cultural, que para eles parecia distante. Com a UNE volante, conseguimos espalhar CPCs pelo país inteiro, alguns dos autos foram mimeografados e apresentados em universidades, seguidos de debates. Em 1964, a UNE foi incendiada e todos os CPCs fechados.

Talvez um dos equívocos do CPC na prática tenha sido a subestimação das outras formas de arte, independente das

de arte 23 anos depois

que serviam à prática política. O que em geral se combatia eram as pessoas que se restringem aos limites da própria cultura sem função política, que discriminam a arte com conteúdo político, como se fosse uma fraude sem legitimidade na sociedade.

O Borges, por exemplo, é um grande escritor. O exame ideológico de sua obra dirá que ele é um escritor até reacionário. Mas não seria justo apreciar sua obra apenas sob o ponto-de-vista ideológico, que seria pobre, e desconheceria os elementos que formam a carne, a riqueza de sua obra.

Os integrantes do CPC eram todos de classe média: Vianinha, Carlos Estevam, Armando Costa, o Leon Hirszman era filho de um comerciante da Tijuca. Me dá prazer falar do CPC. Era constituído de intelectuais, dramaturgos, escritores. Ao mesmo tempo que a gente estava querendo participar politicamente, estava dando resposta a um impasse cultural. A ruptura se estende ao CPC não como entidade política, mas cultural. Assim como em 22 rompeu-se com a pintura romântica, poemas rimados, imagens da Grécia, o CPC rompia com o TNC, os problemas existenciais da poesia vinda de 1945, que buscava o aprimoramento da forma. Dava prioridade ao conteúdo. Nem sempre a resposta aos impasses estéticos se dá no plano estético. Eliot já dizia que "toda revolução poética consiste num retorno à linguagem coloquial."

Vamos falar de **Cinco vezes favela**. O filme peca na maioria dos seus episódios por sectarismo a toda prova. Um dos episódios, **Escola de samba Alegria de Viver**, põe em cena a tese lamentável de Carlos Estevam. Dele me ficou principalmente um diálogo que reproduz o clima. Havia um sambista essencial para a Escola, chamado Babaú, ameaçado de não participar do desfile. Em dado momento, alguém diz: "Sem Babaú, babau." Miguel Borges coloca a classe dominante seminua, na esbórnia. Mas o filme mostra Cacá Diegues, Leon Hirszman, Miguel Borges, Jabor, toda a hoje velha guarda da bossa nova, que soube corrigir o rumo do que ia fazendo. Quando o Glauber entrou para o CPC de Salvador era um esteticista que tinha feito um filme, **O pátio**, no estilo do cinema francês de Cocteau. Depois do CPC, ele fez **Barravento**. Tinha nascido a compreensão: só se encontra a arte brasileira compreendendo a realidade brasileira. Na medida que os cineastas se aprofundaram nessa realidade, foram saudados pela **nouvelle vague**. Justamente porque não estavam reproduzindo a **nouvelle vague**, mas sua terra.

O CPC era sectário, mas não era só o CPC. Muitos profissionais de política eram bastante sectários e não é à toa que veio o golpe, precedido de muitos erros. O CPC não provocou o golpe, contribuiu só um pouquinho.

Iná Camargo da Costa

Glauber se atormentava

O Centro Popular de Cultura nunca foi uma agência de produção artística, mas uma agência de agitação política. Vinte e três anos depois de suas experiências, é preciso que se realize um estudo profundo de suas atividades e se reavalie suas táticas que utilizava a arte com fim de propaganda política.

Todos os integrantes do CPC utilizavam naquele início da conturbada década de 60 descobertas da arte de elite adaptadas para um público mais "popular", segundo admitia naquela ocasião o próprio Carlos Estevam, um dos principais teóricos do grupo, que chegou a descartar o CPC como postura artística, já que era um instrumento de propaganda revolucionária.

O próprio Lênin, em 1901, ao analisar o conteúdo da revista de agitação política **Svoboda**, dizia que a popularização da arte estava muito distante da vulgarização. Por isso, o escritor popular não deseja o leitor que não pensa e o estimula a fazer suas próprias descobertas e dar os seus primeiros passos. Já o escritor vulgar quer o leitor que não pensa e já oferece todo o seu conteúdo preparado fazendo com que ele não precise mastigar a mensagem. É oferecido a ele uma "papa" já pronta. Todo esse raciocínio de Lênin serve para o pessoal do CPC, já que o próprio Carlos Estevam dizia que o povo era artisticamente inculto.

O Partido Comunista subestima a inteligência da classe operária brasileira. Se queria organizar os trabalhadores deveria utilizar-se de processos normais de organização como jornais ou panfletos, mas não o teatro. E mesmo naquele momento político delicado, discordo da avaliação daquela conjuntura pelo Partido Comunista que acreditava estar com o poder na mão, mas tinha visão tão equivocada que acabou no golpe de 1964. Não se pode esquecer de maneira nenhuma que o CPC fez parte dessa conjuntura.

Toda aquela avaliação "delirante", do meu ponto de vista, era um processo de mistificação política. Lembro da passagem que uma peça do próprio CPC que tratava sobre as questões daquele momento previa um golpe de estado e chegava a imaginar, em cena, o incêndio do prédio da UNE, o que acabou acontecendo. Toda a encenação no dia do ensaio geral foi vetada pela direção da UNE que sequer em encenação teatral admitira a possibilidade de acontecer um golpe de estado.

Acredito que a importância maior do CPC está naquilo que veio depois. Boa parte da produção de autores de grande importância foi decorrência das experiências do CPC. O teatro de Oduvaldo Viana Filho, Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e do próprio Dias Gomes foi influenciado pelas experiências daquela época. Até mesmo Chico Buarque de Holanda que estava naquele contexto todo, apesar de ser muito menino, foi influenciado nas suas composições.

O Centro Popular de Cultura apesar de rejeitar uma série de experiências formais da época faziam essas experiências. Glauber Rocha, que teve participação no CPC mas sempre viveu com um pé em duas canoas, foi o maior experimentador daquela época e vivia atormentado com as ações do CPC.

A ilusão de que o artista está inserido fora do contexto de uma sociedade capitalista foi largamente alimentada pelo CPC. Imaginavam que o artista não era povo, mas somente identificado com sua causa. O artista sempre foi um assalariado e esta discussão o CPC nunca colocou em pauta. Tinha em mente a idéia de que traziam a "boa nova" e o povo faria a revolução.

Com essas ilusões, era uma presa muito fácil para os partidos populistas, como o PTB de Brizola naquela ocasião. Ganhava votos no caminho aberto pelo CPC que prestava seus serviços, mas não fazia qualquer esclarecimento. Dessa forma, ajudavam não só o Partido Comunista ou a União Nacional dos Estudantes, mas muitos outros interesses.

Todos se diziam marxistas-leninistas, mas desaprenderam as lições mais básicas da doutrina. Praticavam uma ofensa ao subestimar o seu interlocutor e mantê-lo preso aos mesmos cordões em que se encontravam anteriormente. Um dos poucos méritos do CPC foram suas descobertas culturais como Cartola (que desmistificou o samba) e Nelson Cavaquinho. No entanto, eles faziam as descobertas que posteriormente eram utilizadas pela indústria cultural.

Ainda não entendi, apesar de estudar há algum tempo o assunto, as estratégias adotadas em arte pelo Partido Comunista, que são extremamente autoritárias. Eles são dogmáticos e se pensam hoje em reeditar a tragédia que foi o CPC, é bom lembrar que a repetição de uma tragédia sempre é uma farsa. O CPC é uma lição a ser assimilada e nunca repetida.

Qualquer discussão cultural que não colocar como questão central o próprio capitalismo e a determinação da arte pelo mercado não terá qualquer eficácia. Esse fator foi esquecido pelo CPC e isso não se desculpa nem com a História. A movimentação cultural do CPC naquele período não tem a menor afinidade com a movimentação dos artistas independentes no final da década de 70, porque estes sem ter um discurso político questionam ideologicamente a própria arte e os seus conceitos.

A única afinidade entre os dois movimentos é que ambos pretendiam conquistar espaços para divulgação dos seus trabalhos. No entanto, hoje, os independentes vivem o segundo massacre que é a tentativa de tentar sobreviver diante da indústria cultural, que está nos "engrupindo" diariamente.

Os integrantes do CPC argumentaram posteriormente que a eles pouco restava além da posição adotada naquela ocasião. Eu não concordo com isso porque eles diziam que se não fosse adotado o trabalho que faziam só restava a "servidão", a "alienação" e a "lata de lixo". Glauber Rocha não adotou a trilha do CPC e fez um dos mais geniais trabalhos da década.

O manifesto do Centro Popular de Cultura tem que ser lido como plataforma política onde os artistas eram cooptados. Adotavam uma linguagem dogmática e autoritária que só era revolucionária se comparada com a imprensa daquela época. No fundo, o CPC foi uma estratégia de jovens líderes estudantis que tentavam seduzir artistas para a sua causa. Nunca serviu para responder as principais questões artísticas e minha desconfiança começa justamente na eficácia de todo aquele discurso. Se tudo aquilo que afirmo não for verdade, então acredito que devam estar faltando ainda muitas informações sobre o próprio Partido Comunista.

EM QUESTÃO/"Roque Santeiro"

O fenômeno cultural que

■ Um teórico da comunicação, Muniz Sodré; uma atriz, Betty Faria; um produtor cinematográfico, Luiz Carlos Barreto; uma escritora, Marina Colasanti; e um poeta, Geraldinho Carneiro, podem divergir sobre muitas coisas. Mas diante de **Roque Santeiro** proclamam pelo menos uma concordância: o Brasil assiste a um fenômeno cultural extraordinário, curioso e ambíguo e que reflete, de um jeito quase debochado, a alma e o rosto brasileiros. No debate, coordenado por Miriam Lage e Zuenir Ventura, eles discutem essa obra (de arte?) que prende a atenção de 70 milhões de espectadores.

JB — Como se explica o fenômeno "Roque Santeiro"?

Muniz — Uma novela, quando consegue essa unanimidade de público, de algum modo produz uma ficção onde contradições são resolvidas imaginariamente. Resta saber que contradições são essas no momento brasileiro. Nada nos assegura que ela teria esse mesmo sucesso 10 anos atrás. **Roque Santeiro** tem coisas do **Bem Amado**, tem rostos muito conhecidos, tem o próprio **know-how** da Globo de saber fazer, produzir, angular. Acho que ela é fácil de ser entendida, mas, principalmente, tem uma ficção de Brasil de depois da morte de Tancredo Neves. A morte de Tancredo foi vivida, neste país, como a morte de um santo, e essa coisa de santidade, do milagre, no Brasil é fundamental para um mito, uma história tribal global brasileira. O nosso país vive de milagres — o milagre da borracha, do ouro, do açúcar, o milagre econômico. A nossa História é marcada por um ritmo milagroso.

JB — Você acha que o público faz essa leitura de mito na novela?

Muniz — Não. O público não faz leitura porque o mito, quando é efetivo, não é do nível da leitura. Num país essencialmente religioso, em que a cultura dita de elite é para uma minoria e mostra um Brasil que não é real, essa é a contradição entre Brasil real e Brasil camuflado. Esse Brasil real é movido a mitos de natureza religiosa, tribal, que põem sempre em questão a dita grande cultura brasileira. Essa narrativa é um grande mito. É como se as pessoas estivessem ao pé da fogueira numa aldeiazinha vendo o Brasil sendo tratado como aldeia. Porque Asa Branca, **Roque Santeiro**, é o Brasil reduzido a dimensões de uma cidadezinha. Todas as contradições econômicas, políticas e sociais são imaginariamente resolvidas ali, e as coisas quase tratadas a nível de relações de vizinhança.

Betty — Não sei exatamente a que atribuir o sucesso, mas acho que é uma obra de arte popular. Os personagens são muito bem delineados; são várias histórias muito engraçadas. A novela é muito divertida, os atores são maravilhosos. Acho que a novela está muito bem-feita. Eu gosto e me divirto muito com ela.

Marina — O produto novela já está fartamente testado no país; mas por que **Roque Santeiro** está tendo mais sucesso do que os anteriores? Acho que ele traz coisas muito diferentes em relação aos outros. Primeiro, **Roque Santeiro** tira a farsa do horário das sete para o horário nobre, onde não tinha tido vez. Não é uma farsa infantil, irresponsável como a das 7h, mas uma farsa ligada à tradição de chanchada brasileira, à crítica política, à discussão do problema nacional. Há até os cacos de acordo com o escândalo político da semana: uns comem broa de milho com cachaça, outros falam em pedras preciosas. Outra coisa importante: pela primeira vez, aparece a novela ímpar, quer dizer, o casal não tem importância. Todas as novelas anteriores foram sempre centradas nas formações dos casais, para que tivéssemos um grande final de casamentos múltiplos. Nessa, os casais se entrecruzam com uma liberalidade quase libertina, porque todo mundo se relaciona com todo mundo. O eixo da novela não é saber quem vai ficar com quem. Isso pode ser muito atraente, porque, embora o ser humano sempre sonhe com o par, sempre vive com o ímpar. De repente, estamos diante de uma coisa mais cotidiana de cada um: o par possível, porém a vivência no ímpar. Isso é uma grande novidade. Outra característica muito marcada na novela é a pluralidade. Ela instituiu vários temperamentos para cada personagem, a tal ponto que um dos únicos personagens principais, que não podia ser plural, o padre Hipólito, foi desdobrado em outro padre. Ele não existia na versão inicial. Acabou aquela coisa retilínea que bom é bom, o mau é mau. A Mocinha, por exemplo, vai cair na gandaia amorosa e vai jogar a sua virgindade para o alto; todo mundo já sabe e está esperando por isso. Até personagens mais lineares como Mocinha e Pombinha estão saindo pelas laterais do trilho pré-traçado. Num país onde o mau-caráter é generalizado, todos os personagens da novela são assim, mas nós os amamos

Geraldinho Carneiro

■ Acho Dias Gomes admirável. **Roque Santeiro** é a um só tempo divina e diabólica

porque também são ótimas pessoas. Porcina é aproveitadora, interesseira, trata mal sua fiel empregada, dorme com os homens que na verdade não quer, quer desesperadamente e unicamente casar, vive à custa de um homem morto e de um homem vivo. Sinhozinho Malta é um tremendo mau-caráter. Roque é assaltante, também mau-caráter. A tramóia, a trapaça está permeando todos os personagens, e a gente reconhece uma certa coisa bastante familiar.

Geraldinho — A interpretação de Brasil que **Roque Santeiro** nos dá é muito aparentada com algumas interpretações do século XIX, revolucionárias para a época. Mas essa clave da farsa é uma novidade. O que eu me pergunto, fundamentalmente, é por que o Brasil está querendo se ver como farsa? Para mim, o grande mistério da farsa é esse. O modelo da farsa se dava muito bem às 22h, alguns anos atrás. Passou para 18h e contaminou as 19h, dando-se muito bem. A farsa é incompatível com o mito. O mito exige, sempre, uma linguagem sacralizadora, fundamentada na seriedade. Como se dessacraliza um mito instaurando-se um novo mito? Será que o Brasil finalmente aprendeu a lição de Macunaíma e quer se encarar de maneira pouco séria? Ou será que a Nova República é um conchavo tão misterioso e plural que diante da impossibilidade de nos vermos seriamente preferimos um espelho farsesco para nossa realidade? Essa pergunta é o que mais me intriga. Acho Dias Gomes admirável, mas reconheço que ele tem alguns limites de sua formação histórica. Ele tem até rompido com esses limites dentro da novela, fazendo uma viagem para o desconhecido, através de um imaginário ainda intocado em sua obra. No momento em que ele desmascara o lobisomem, reconheço o Dias Gomes que tem exibido publicamente um certo tipo de pensamento racional e ligado a um sistema filosófico realista. Mas, de repente, surge um outro lobisomem. Dias Gomes tem me surpreendido com **Roque Santeiro**. Eu acho que a graça maior da novela é ter trazido para um espaço sacralizador de comportamentos essa novidade de uma visão de uma realidade que não é sacralizadora.

Barreto — Esse fenômeno de **Roque Santeiro** está sendo lido de várias maneiras. Para nós, do Centro-Sul, é como se fôssemos um público francês vendo um filme brasileiro exótico. Considero a novela uma obra de arte do maior valor, uma grande obra de ficção de cultura popular. Eu louvo que o Brasil inteiro esteja mobilizado em torno de **Roque Santeiro**, e não de seriados americanos como **Dallas**. Isso é muito auspicioso, o país se mobilizar por um produto seu, uma realidade sua. No Nordeste, a novela é, no mínimo, uma coisa naturalista. Ela vai fundo no universo de Jorge Amado. Há muitas contradições que estão sendo resolvidas imaginariamente. Uma delas é o comportamento mítico do povo brasileiro, que tem sido a tônica dos fenômenos sociais, políticos e econômicos que, culturalmente, não têm sido levados em conta. A produção cultural brasileira ainda não os havia incorporado. A gente vê nessa novela muita coisa de Glauber Rocha, de **Terra Em Transe**, de **Deus E O Diabo Na Terra Do Sol**, muita coisa de chanchada, tanto de conteúdo quanto de comportamento.

Geraldinho — A identidade fundamental entre o mundo de **Roque** e o de Glauber é o messianismo. O Glauber acreditava no messianismo; Dias Gomes não acreditava, mas nessa novela ele tem acreditado de certa maneira. A postura antimessiânica é gozada na figura do cineasta quando diz "sou materialista histórico dialético". Nessa frase, Dias Gomes faz uma visão crítica dele próprio.

JB — Além da farsa, há uma dimensão naturalista muito forte. Como se vê essa contradição?

Geraldinho — Do ponto-de-vista de uma relação excessivamente empática do público com a novela, esse naturalismo continua vigorando, mas para o público um pouco mais esclarecido a novela tem uma irrealidade que é extremamente desejável e sedutora. De certa maneira, Roque Santeiro procura fazer uma fusão entre o velho Brasil, tancredista, que está morto mas continua no poder, e uma expectativa messiânica, quase um sentimento de precariedade. Mas falta uma figura redentora.

Barreto — Você não sente que a novela, visualmente, tem um tom de néon?

Geraldinho — É, um néon misturado com jegue.

Muniz — Eu acho que essa farsa, esse ser engraçado, essa gandaia institucional está ao nível do país. O Governo e o Estado perderam a moral na Velha República e, na Nova, ainda estamos olhando para ver o que vai acontecer. Eu acho que a falta de moral só pode ser coberta pelo riso. E uma coisa que dá nervoso. A novela é muito engraçada. O riso cobre o incômodo de enfrentar as situações de falta de ética e da desintegração de todas as formas de camuflagem e de modernidade que se tinha antes da desintegração dos partidos políticos. Tem-se, na novela, uma simulação de política, pois a política real deixou de existir. De repente, a novela restaura essas coisas. Porcina, por exemplo, diz o tempo todo que quer casar-se. Mas nós sabemos, na prática, que as pessoas dizem que já não querem tanto assim casar. Pelo menos, para o imaginário urbano, o discurso é diferente. O grande problema da contemporaneidade é exatamente esse: a diferença entre o que se diz e o que se faz. Isso a televisão tornou mais visível. A novela preenche a brecha que existe no Brasil, sutura os discursos imaginário e real.

Geraldinho — Talvez a atualidade da novela seja um instinto catastrófico que instila na gente. Aquela realidade não vai perdurar.

Marina — Apesar da novela falar o tempo todo do Brasil, os nossos grandes problemas não aparecem. Ninguém trabalha, o dinheiro não é problema para ninguém, não se vê ninguém trabalhando na terra, não tem dívida externa. Os problemas

Betty Faria

■ "O Brasil pode vir todo contra mim, mas não gosto desse tipo de mulher vivido pela Porcina"

reais do país não aparecem, porém há outros que tapeiam o telespectador: o fanatismo religioso e o "vamos resolver com o milagre", uma coisa muito nossa.

Geraldinho — Nem a razão que norteia a formação de Dias Gomes é capaz de dar jeito nisso. Estamos à beira do abismo e a razão não dá conta de resolver esse trajeto. Botar às 8 horas da noite, numa emissora de televisão, uma novela que eu suponho ter esse subtexto, é um acontecimento maravilhoso. Nós estamos na mão da paranormalidade, do sobrenatural. A novela não nos dá uma visão confortadora.

Betty — Agora vem a visão de atriz. Quando aceito fazer um personagem, eu estudo, faço o seu desenho psicológico, escrevo, faço anotações, porque, para interpretá-lo bem, preciso, antes de tudo, acreditar nele. O Brasil pode vir todo contra mim mas eu não gosto desse tipo de mulher vivido pela Porcina. Acho que a gente podia fazer um personagem que ajudasse a mulher brasileira, tão pouco esclarecida, tão massacrada. Porcina representa uma mulher de valores antigos. Não gosto dela como pessoa, nem do seu caráter. Eu convivi com Porcina há 10 anos e já não gostava dela. Na época, era muito difícil gravar, porque eu estava sempre criticando, nem conseguia ter carinho por ela. Quando recusei essa novela, foi porque tive que fazer uma opção entre coisas da minha vida particular ou fazer a novela e ficar presa sete, oito meses. Não estava em condições de ficar numa viagem dessas com um personagem de que eu não gostava muito. Quando vejo a novela hoje, tenho a certeza de que isso me faria muito mal; eu não gostaria de defender essa mulher. Durante todos esses anos de ditadura, fiz 17 novelas, e era sempre a história do sonho, do príncipe encantado, de fada. Mas nessa tradicional Nova República, eu gostaria de ter um personagem que pudesse ajudar em alguma coisa, não só fazer sucesso e o público rir o tempo todo. Um personagem com consciência. Essa é uma discussão muito, muito delicada. Em 18 anos de televisão eu senti na pele o reflexo dos personagens que fiz. Que culpa senti no dia em que me apareceu uma mocinha coberta de jóias, dizendo que eu tinha mudado sua vida! Ela tinha encontrado o Salviano Lisboa que sonhava. Fiquei olhando aquele homem que jamais poderia lhe satisfazer os desejos básicos de ser humano. Ela certamente ia ter muitas joinhas e ficar doente de mal amada. O personagem que fiz em **Água Viva** ajudou a mexer com a cabeça das mulheres em Portugal. Fazer, durante sete meses, uma novela apenas para entreter o público me pesa muito depois de 20 anos de ditadura. Aceitar um papel só para fazer sucesso, sair na capa da **Amiga** e todos dizerem que sou famosa não me agrada. Qual seria minha colaboração como mulher?

Marina — Uma coisa que vem bater com o que Betty está dizendo é o seriado **Malu Mulher**, que mexeu com este país e está mexendo com a cabeça das mulheres do mundo inteiro. Os personagens das novelas da Globo são feitos traçando-se o perfil dos telespectadores pelo departamento de pesquisa; os personagens têm que atender aos vários segmentos indicados pela pesquisa, para que cada um tenha seu reconhecimento e fique ligado na novela, para dar IBOPE e veicular muitos anúncios. Eu acho impensável que dentro desse sistema não existisse um único perfil de mulher fora do velho esquemão. Deveria haver uma contrapartida para Porcina, porque existe. Não há nenhuma mulher na novela que corresponda a uma mulher autosuficiente, que não apanhe do marido, que não é espezinhada pelos outros, que não guarda sua virgindade intacta por um homem que morreu há 17 anos. A única que parecia um pouco mais sólida era a Matilde, mas até ela, de repente, entrega tudo a um **macró**.

Geraldinho — São prostitutas e donas-de-casa. E ainda andam apregoando por aí que a novela é antimachista.

Muniz — Que tipo de sociedade é o Brasil neste momento em que 70 milhões de pessoas param diariamente durante uma hora para assistir a uma narrativa mítica e a levam a um determinado grau de realidade que chega a apontar soluções e caminhos a partir desse imaginário? Eu tenho um certo medo de que essa estória tão popularesca seja um **charme** discreto de uma certa burguesia plantada no Rio, São Paulo — a burguesia que é dona dessa mídia eletrônica.

Geraldinho — A impressão que dá quando se confunde a realidade com a ficção, como está sendo confundida no Brasil de hoje, é que nós não estamos vivendo uma nação, esta-

MÚSICA | *Tárik de Souza*

POPULAR

A volta dos malandros

Caso inédito na MPB, um mesmo tema origina três trilhas sonoras. A **Ópera do Malandro**, em sua versão teatral, deu um álbum duplo de alta qualidade e grande sucesso, comandado pelo autor, Chico Buarque, e respectivos convidados. Agora, com produção de Homero Ferreira e Carlinhos Vergueiro, o **Malandro** volta acompanhado de outras vozes: Ney Matogrosso (**Las Muchachas de Copacabana**), Ney Latorraca (**Hino da Repressão**), Paulinho da Viola (**Aquela Mulher**), Gal Costa (**Último Blues**), Zizi Possi (**Sentimental**) e Elba Ramalho (**Palavra de Mulher**). O próprio Chico é o intérprete de **A Volta do Malandro**, devidamente recauchutada, e mais a assim chamada **Marchinha dos Acontecimentos**. Em maio de 86, coincidindo com o lançamento do filme, sairá outra trilha sonora dupla, incluindo músicas incidentais e outras cantadas pelo próprio elenco da tela.

E, por falar em malandro, o decano de todos eles, Moreira da Silva, acaba de assinar um novo contrato de gravação, do alto de seus 83 anos. Com produção de Macalé, seu parceiro em vários shows, Moreira vem aí pela Top Tape com inéditas, como a oportuníssima **Inadimplente**: "Comprei um apê no BNH/sou inadimplente não posso pagar/estou a perigo/num mato sem cachorro/sou forçado a pedir socorro."

Chico Buarque

A Hora da Estrela

Este ano a cantora Marlene comemora com substância seu aniversário, dia 22 de novembro. Na semana de 18 a 22, faz espetáculos no Teatro Dulcina, revisando seu repertório. E a seguir, até o dia 29, com promoção de seu fã-clube acontece no Museu da Imagem e do Som o 1º Seminário da Estrela Marlene, *um bem-montado evento de multimedia, esquadrinhando a enorme popularidade da cantora que não estacionou nos auditórios da Rádio Nacional. De Marlene e o rádio falam Paulo Tapajós e Luis Carlos Saroldi; Marlene e o cinema serão conferências de Adolfo Cruz e Ipojuca Pontes. A cantora na TV será examinada por Augusto Cesar Vanucci. Sua discografia vai ser levantada por Jairo Severiano, enquanto Orlando Miranda, Roberto Azevedo e Érico de Freitas falam da teatral Marlene. Os* shows *da cantora ficam com Hermíneo Bello de Carvalho e Haroldo Costa, enquanto Albino Pinheiro e Ricardo Cravo Albim relacionam Marlene e o carnaval. Também o fenômeno dos fã-clubes constará do seminário, coordenado por Antonio Além, com a participação de três fãs escolhidos.*

James Taylor

Vôos solitários

Amanhã e terça-feira, o projeto **A Luz do Solo**, que tem desafiado a popularidade de **Roque Santeiro** lotando o Golden Room do Copa, chega a um de seus pontos mais altos: é a vez de Caetano Veloso contar e cantar repertórios escolhidos para um disco informal, gravado ao vivo. Lá fora, é a vez do solo de Maurice White, depois de 11 discos de ouro e platina como líder do grupo Earth, Wind & Fire. O disco de White sai em novembro, puxado por **I Need You**. Outro solitário em vôo é o introspectivo James Taylor que volta ao disco após cinco anos de jejum. Seu novo disco tem o sugestivo título de **That's Why I'm Here** (É por isso que estou aqui). Sai na primeira semana de dezembro.

reflete um certo Brasil

mos vivendo uma encenação. O jogo de palavras é intencional.

JB — Que fenômeno é esse? Muniz parece não lhe atribuir status de obra de arte. O que há então de específico do ponto de vista formal que faz com que uma determinada obra produza esses resultados?

Betty — Eu acho que quem faz um sucesso desses é craque; Dias Gomes é um craque. É uma obra de arte popular na medida em que os atores são fantásticos, a direção é muito boa, enfim, a novela é muito bem-feita.

Marina — Se tem um nível de qualidade narrativa e visual equiparável a qualquer filme considerado obra de arte, é obra de arte. Se cinema é arte, essa novela também se inclui entre os trabalhos de arte.

Geraldinho — Do ponto-de-vista da recepção, **Roque Santeiro** é uma obra de arte, pois está merecendo espaços inesperadíssimos. Recentemente, a revista **Domingo** publicou uma crítica exigindo que a novela fosse inovadora lingüisticamente. Isso é uma exigência que só se faz em relação a um objeto considerado obra de arte. E, se ela tem esse nível de contradição mítica que a gente está examinando, é realmente uma obra de arte.

Barreto — Como uma obra ficcional, ela sabe lidar com os elementos da realidade e transformá-los, ao nível da ficção, num plano irreal: isso caracteriza a obra de arte. Evidentemente que, se **Roque Santeiro** estivesse sendo difundido através de livro ou publicado em capítulos em uma revista, não alcançaria essa repercussão, nem obteria essa comunicação ao nível de massa. Se eu fizesse um filme a partir desse roteiro — aliás, na época da proibição chegamos até a cogitar — claro que não teria alcançado essa massificação. A discussão não é ser ou não ser obra de arte, mas o veículo de que a obra de arte está se servindo.

Muniz — Eu acho que não é pertinente para a novela o conceito de arte. A arte tem um compromisso com outro tipo de jogada, de intervenção, de história, de expectativa e um certo tipo de legitimação. Por exemplo, Machado de Assis produziu efeitos de grande escritor porque a instituição escola e um certo tipo de crítica literária legitimaram a língua produzida por ele como base para o vernáculo português. Isso ocorreu também com Graciliano Ramos, Guimarães Rosa. Não há arte sem reconhecimento. Arte é aquilo que o grupo decidir reconhecer como arte no momento. Shakespeare não era artístico quando fazia seu teatro, mas hoje sabemos que ele é considerado um artista universal. Pode ser que essa novela seja considerada obra de arte daqui a 100 anos, mas no momento isso não é pertinente para ela.

Marina — A Globo agora está aterrorizada com o que vai botar no ar depois de **Roque Santeiro**, porque, mesmo legitimada pelo público, ela pode quebrar a cara. Eles estão dizendo que vão remontar **Selva de Pedra** porque já foi legitimada pelo público dando o mais alto IBOPE da história das telenovelas. A legitimação do fabricante não é tão grande assim.

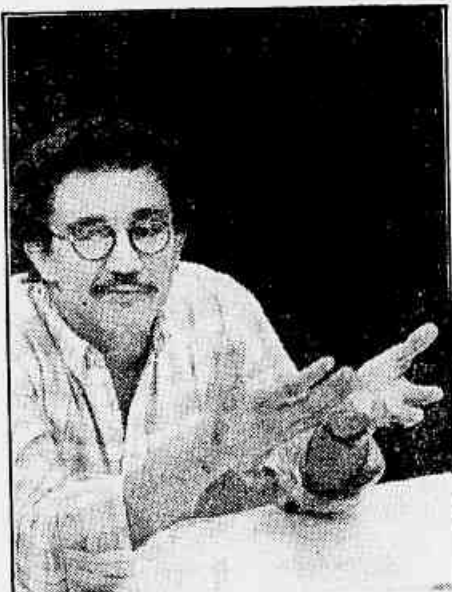
Geraldinho — Roque Santeiro é a um só tempo divina e diabólica, quando alcança um índice de recepção praticamente absoluto. Eu ouvi dizer que **Roque** já andou dando 100 no IBOPE. Se você transforma o negócio numa espécie de espelho absoluto da realidade, cria-se até um novo conceito de arte. Há uma modalidade de representação da realidade que atinge o absoluto, quer dizer, **Roque Santeiro**, de uma certa maneira, é Deus. O único ser de que tenho notícia que é capaz de representar todos os anseios é Deus.

Muniz — Vou dar um exemplo mais claro do que quero dizer: normalmente quando um cantor é bom, fala-se que ele é bom. Esse "ser bom" é um processo anterior a ele ser bom. O que acontece com a indústria cultural é que ela fala antes do artista ser bom. Ou seja, o cara não é falado porque é bom mas bom porque é falado. A legitimidade vem antes. O José Mauro de Vasconcelos, por exemplo; chora-se antes de ler-se o livro. A lágrima vem antes do olho.

Marina — Mas a gente que trabalha em publicidade sabe que você fala antes, mas, se o produto não for bom, não há falação que segure sua venda.

Muniz — É aquela história do cachorro de Pavlov. Se campainha soar e não vier o açúcar, o cachorro vai parar de salivar porque não é burro. Essa relação canina funciona com o público, tem que dar o açúcar.

Marina — É verdade, tem que dar o açúcar. Mas essa fala anterior serve para o público se orientar. Depois, ele faz sua própria escolha.

Muniz — A força da indústria cultural é criar um território próprio, essa é a força política do meio de informação. É um território simulado, que recobre o território nacional na medida em que a Eletrobrás avança. E a Rede Globo avançou na medida em que o território nacional foi sendo eletrificado. E esse território é plenamente político e representa um tipo de fala que nos últimos 20

Muniz Sodré

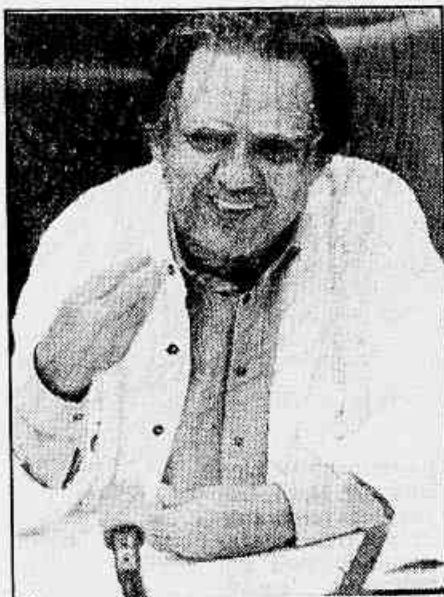
■ "Tenho um certo medo de que essa história tão popularesca seja o **charme** discreto de uma certa burguesia"

anos esteve no lugar de uma coisa que se retraiu: a política.

JB — Mas há um imponderável que faz com que alguns produtos funcionem melhor do que outros. Não parece haver essa relação puramente mecânica.

Geraldinho — A Globo se relaciona com isso com uma certa má-fé. Não sabe bem porque **Roque Santeiro** está fazendo esse sucesso e, ao invés de preparar alguma coisa com essa complexidade, simplesmente volta ao passado, faz um **revival** e exuma um cadáver: **Selva de Pedra**.

Marina — Seria curioso saber, se esse projeto de reprodução for levado adiante, até que ponto **Roque Santeiro** modificou a expectativa do telespectador que já não engole, com o mesmo apetite, uma novela feita nos moldes de anos atrás. Será que houve uma modificação no gosto popular?

Muniz — Essa novela é uma boa dosagem de sucessos anteriores. Isso aconteceu com os Beatles que eram uma boa dosagem de **rythim and blues**, Cole Porter e da música negra.

Luís Carlos Barreto

■ "Considero a novela uma obra de arte do maior valor, uma grande obra de ficção popular"

Eles fizeram uma coisa magistral mas, melodicamente, representam uma boa dosagem dos cancioneiros do passado. Em determinado momento a indústria cultural consegue combinar grandes sucessos do passado. Acho que **Roque Santeiro**, com essa ficção de unidade de Brasil, revive Tancredo Neves.

Geraldinho — Só discordo de você em uma coisa: **Roque Santeiro** não é só redundância. Acho que existe algum mistério na novela que nenhuma discussão vai apreender, um mistério mítico, uma mitologia que está lançada para o futuro. Reconheço essa mitologia no tal sentido de risco e, nesse sentido, me parece ser uma coisa inovadora, nunca vi nada parecido na televisão.

Marina — Na novela tradicional só existe o risco de os maus serem desmascarados. Em **Roque Santeiro**, todos correm o risco de serem desmascarados, menos o padre Alberto, embora já tenha entrado, também, no esquema da mentira.

Geraldinho — No fundo, o tal risco deve ser o **striptease** ideológico do Brasil, uma coisa que a novela, evidentemente, não irá completar. Mas o risco maior deve ser do desvendamento que não vai se dar dentro da novela, mas certamente fora dela.

Barreto — Eu tenho uma visão de **Roque Santeiro** como de um fenômeno pós-guerra. Esse fenômeno se produziu ao longo de seis meses em que a perplexidade dominou o país: nenhum projeto político, nenhum projeto econômico, a morte de Tancredo. Quer dizer, ela funciona como um mecanismo de substituição, ou seja, a novela preencheu um vazio magicamente. Não tem nada de científico, nada de imaginação da TV Globo; a novela já estava escrita, proibida, e entrou no ar nesse momento de perplexidade. Hoje, nós vivemos uma etapa em que houve dissolução de valores. E estabeleceu-se uma coisa conspícua, promíscua na sociedade brasileira. A promiscuidade, exercitada ao paroxismo nos últimos 20 anos, foi destruidora. E, no momento de se recuperar a esperança, o país frustrou-se. Não se tem, hoje, no Brasil, nenhum grande projeto como na época da ditadura, quando se pensava em Transamazônica, usinas atômicas, no "Brasil Grande". O projeto da Nova República é a Constituinte que não mobiliza mais de meia dúzia de juristas. O povo não é mobilizado. Na ausência dos grandes projetos que emulem o povo, apareceu **Roque Santeiro**. Caiu como um vinho reconstituinte.

Geraldinho — Parece que a única coisa que provoca uma catarse absoluta nesse país é a farsa.

Marina — Mas nessa farsa a gente nunca sabe para onde está indo. A narrativa da novela vai numa direção e quando se espera que vá acontecer uma determinada coisa, ela quebra e vai por outro lado oposto. Essa novela introduziu o breque.

Geraldinho — **Roque Santeiro** é muito ambíguo, tanto que cada um de nós tem opiniões conflitantes sobre esse projeto artístico. Uma frase dita pelo Ministro Fernando Lyra em relação à Nova República define essa novela: é a vanguarda do atraso. **Roque Santeiro** é uma fonte paradoxal de reflexão sobre o Brasil.

Marina — Voltando aos personagens femininos, eu acho que eles são de uma monotonia aterrorizante. Porcina pode ter os homens que quiser, mas ela só se salva se casar com Sinhozinho, e essa decisão depende dele; há 17 anos ela batalha por isso. Sem falar que Sinhozinho castra todos os homens que se relacionam com ela, ou que Porcina não faz em relação às mulheres que se relacionam com ele.

Muniz — Essa é a primeira novela brasileira onde tem uma relação de bestialismo: a Ninon pensa que transou com um lobisomem.

Geraldinho — Há uma fetichização da mulher, aparentemente muito

Marina Colasanti

■ "Os nossos grandes problemas não aparecem. Ninguém trabalha, não tem dívida externa"

charmosa, mas que coloca a mulher no mesmo atraso do passado. No plano ficcional, **Roque Santeiro** tem fantásticas qualidades. Mas no plano de refletir o comportamento das pessoas, a novela é de um atraso deslumbrante. A mulher, por exemplo, fica confinada ao bordel ou ao lar.

Marina — Mesmo no bordel, o sonho dela é casar. As duas manicures-dançarinas dizem o tempo inteiro que querem casar com um homem rico.

Betty — Isso quer dizer que Roque Santeiro continua incentivando o sonho da Cinderela brasileira. Como único meio de salvação.

Marina — Até para o casal como Zé das Medalhas e Lulu — em que ele espanca a mulher, não a ama, não a satisfaz, trata-a como se fosse uma débil-mental — o autor dá justificativas. Lulu está sempre com ânsias constantes e muito indefinidas; primeiro foi o Roque, agora é o Ronaldo. Isso dá argumento aos machistas de concordar com o que Zé faz. As personagens femininas se definem em uma só: a mulher que precisa casar. A única que não apelou para isso foi Amparito Hernandez, que depois de abandonada pelo noivo foi para a cidade grande e deu certo como vedete. Mesmo assim, ela tenta se enforcar no início da novela, mas é salva por Sinhozinho. Quer dizer que mulher casa ou se enforca?

Geraldinho — Do ponto de vista da recepção, nunca houve um entorpecente de tamanha eficácia como essa novela para segurar a nação brasileira das 8 às 9.

Betty — Por um lado é maravilhoso esse sucesso, mas por outro, depois de 20 anos de ditadura, onde até beijos eram censurados, não é esse tipo de mulher que eu gostaria de mostrar para a mulher brasileira, faltando tão pouco para o ano 2.000.

Barreto — Mas nós temos que ver mais democráticos com o fenômeno. A TV Globo já lançou outras novelas com todo poder dela, mas fracassaram; isso já aconteceu várias vezes. O próprio Dias Gomes, em conversa comigo, falou que o filme **Rei do Rio**, onde ele é sócio, não está dando quase renda porque o povo não sai de casa antes das 10 horas da noite. Até em Salvador, na peça da Itala Nandi, cujo texto é dele também, resolveram lotar o horário das 10 horas e fazer o seguinte anúncio na televisão: "Depois do Roque Santeiro continue assistindo Dias Gomes. Vá ao teatro."

Marina — Até agora nós só falamos dos Dias, mas o Aguinaldo Silva também tem uma grande responsabilidade pelo sucesso dessa novela. É um trabalho admirável.

Betty — Mas eu preferia fazer a Lili Carabina, do Aguinaldo; foi um personagem que me agradou mais. Ela era a Joana D'Arc da Baixada; tinha uma função muito mais interessante.

Geraldinho — O de que eu mais gosto em **Roque Santeiro** é ver que Dias Gomes e as pessoas que ele representa estão se libertando de uma visão de cartilha da realidade brasileira. O beato Salu não é mais uma figura pitoresca dentro da novela; eu tenho esperança de que o lobisomem não seja só um cidadão disfarçado de lobisomem. Enfim, esse imaginário brasileiro, que tinha sido desprezado, está ganhando uma certa força nessa novela. Está havendo um rearranjo ideológico no Brasil muito bem expressado em **Roque Santeiro**.

Marina — Como telespectadora tenho duas visões. Uma está se divertindo loucamente com o trabalho dos atores e com a narrativa. A outra está muito presa na linguagem. E é um alívio ver que não é retórica, não é didática, enfim, é uma linguagem muito bem trabalhada. Mas a feminista está uma fera. Eu acho que existem no Brasil todas as mulheres que estão ali, mas há uma outra mulher, que está crescendo, que não aparece.

Barreto — Eu vejo a novela como um nordestino exilado gozando com aqueles personagens caricatos. Gosto muito do labirinto dramatúrgico trabalhado pelos escritores desse texto: Dias Gomes, Aguinaldo Silva e Joaquim de Assis. Eles fazem um trabalho esplêndido de carpintaria dramatúrgica. Outro aspecto que me fascina é a ousadia que eles estão fazendo no campo da imagem, totalmente nova não só na TV brasileira como também na TV mundial. Pela primeira vez vejo a imagem tanto na angulação, como na iluminação, posicionamento de câmera se integrando com a dramaturgia, sem querer imitar o cinema. Eu atribuo a esse tratamento visual uma grande parte do sucesso da novela. Sinto falta também de um personagem feminino, tipo dona Elizabeth, do filme **Cabra Marcado para Morrer**, mas a novela é uma coisa dinâmica, de uma hora para outra pode aparecer uma dona Elizabeth.

MÚSICA CLÁSSICA | *Luiz Paulo Horta*

Feghali nos EUA

José Feghali, o jovem brasileiro que ganhou recentemente o prêmio Van Cliburn, um dos mais importantes para pianistas, estreou ontem no Carnegie Hall de Nova York tocando Haydn, Chopin, o **Carnaval** de Schumann e a **Bachianas nº 4** de Villas-Lobos, em meio a uma programação que inclui, proximamente, a soprano Kiri Te Kanawa, o violinista Nathan Milstein e a Filarmônica de Munique.

Uma tese

Acompanhando um recital de mestrado apresentado na Escola de Música da UFRJ, a pianista Estrela Caldi produziu uma tese minuciosíssima sobre "A Execução da Rítmica Brasileira no Rudepoema para piano de Heitor Villa-Lobos". A tese aborda, sobretudo, a possibilidade de que se quebra o rigor métrico na execução de Villa-Lobos (por maior que seja o rigor da leitura), já que na música brasileira (e sobretudo na de Villa-Lobos) há sutilezas impossíveis de serem grafadas, e que dependem de informação prévia sobre a música folclórica e popular, e sobre o processo cultural brasileiro em geral.

■ *O compositor e professor Aurelio de la Vega, professor na Universidade da Califórnia, está ministrando na Uni-Rio um curso sobre a música contemporânea na América Latina que se estenderá até 26 de novembro. O curso tem lugar às terças-feiras, das 10 às 12 horas.*

Lembrar Villa-Lobos

A França movimenta-se para comemorar o centenário de Villa-Lobos. Na França, especificamente em Paris, Villa-Lobos deu os primeiros passos para a glória internacional; e voltou, ao longo de toda a sua vida, à capital francesa, para ciclos inteiros de concertos. Ao lado do que isso representou de positivo para o compositor e para o Brasil, configurou-se uma situação um tanto ou quanto esdrúxula: boa parte da obra de Villa foi editada na França, o que coloca os intérpretes brasileiros na situação de depender, muitas vezes, de partituras francesas para executar o nosso maior compositor. Aproveitando o centenário, não seria oportuno criar um projeto que invertesse — ao menos em parte, senão no todo — esta situação? Uma edição brasileira (e competente) das obras de Villa seria o maior monumento que poderíamos levantar à sua memória. Não haverá quem patrocine esse monumento?

Mestres Brasileiros pela BASF

Depois de gravações de alto interesse musicológico voltadas para a Música Sacra Paulista, a BASF inaugura uma nova série — **Música de Câmara** — que é mais um espaço aberto aos intérpretes e compositores brasileiros. Em gravações feitas ao vivo sob a direção de Otto Drechsler, aparece em primeiro lugar um LP dedicado a Henrique Oswald (1852-1931), mestre da nossa música pré-nacionalista, aqui representado por um Quinteto para piano e cordas e pelo Quarteto de Cordas op. 46. José Eduardo Martins está ao piano, enquanto o quarteto de cordas apresenta-se com Elias Slon, Jorge Salim, Michel Verebes e Kim Cook.

O LP seguinte põe em destaque uma das coisas boas acontecidas recentemente no panorama musical brasileiro: a Orquestra de Câmara de Blumenau, regida por Norton Morozowicz, que se apresenta com Ruth Staerke (soprano) num programa dedicado a Alberto Nepomuceno. Este foi um patriarca do nosso nacionalismo, sobretudo nas canções com letra em português que Ruth Staerke interpreta; e o disco vale também como uma homenagem a esta excelente cantora. O Nepomuceno mais tradicional está representado pela **Suite Antiga**, de 1893, e por uma delicada **Serenata** para cordas que se prestou até a prefixo de novela nos tempos áureos da Rádio Nacional.

Dois caminhos para Goethe

Antonio Callado

TALVEZ seja mais difícil falar sobre Goethe do que sobre qualquer dos demais gênios da cultura européia. Quando se viu diante dessa tarefa — por haver ganho, em 1954, o Prêmio Goethe Hanseático da Universidade de Hamburgo — o poeta anglo-americano T. S. Eliot parou, diante do papel, e a si mesmo perguntou "se ainda havia alguma coisa a ser dita acerca de Goethe que já não tivesse sido dita, e mais bem dita, antes". E ficou por um momento atarantado diante do que chamou "o excesso de possibilidades", diante "dos inúmeros aspectos de Goethe e dos inúmeros contextos em que Goethe podia ser apreciado". Eliot acabou por analisar o que é que sentia, pessoalmente, diante da colossal obra de Goethe e de isolar o poeta alemão, ao lado de Dante e de Shakespeare, como um dos três incontestáveis professores de sabedoria da cultura européia.

Quem também ganhou um Prêmio Goethe foi Albert Schweitzer, essa goetheana figura de filósofo, médico, historiador, musicólogo. Ganhou, em 1928, o prêmio Goethe, "por serviços prestados à humanidade", da cidade natal de Goethe, Francfort-sobre-o-Meno. Já em pleno serviço no seu hospital africano de Lambarené, Schweitzer, no discurso de aceitação do prêmio, começou por dizer que ia "narrar em termos breves como entrei em contato com Goethe e qual foi a influência dele em minha vida". Schweitzer entoava um verdadeiro hino ao que chamava a filosofia da natureza, de Goethe, que se impacientava muito com os filósofos do seu tempo, como Kant, criadores de grandes sistemas especulativos. Imbuído fundamente de valores cristãos e da importância da caridade na salvação do mundo, Schwweitzer tinha marcada antipatia por Nietzsche. A Nietzsche contrapunha seu amado Goethe. Schweitzer fez mesmo uma profecia que a muitos parecerá extremamente arriscada: a de que as concepções filosóficas de Goethe continuarão a prevalecer quando as de Nietzsche não forem mais do que uma lembrança, uma relíquia do século XIX.

Outro grande homem e escritor, que sem dúvida ganhou mais de um Prêmio Goethe e que a vida inteira se debruçou sobre a vida do poeta foi Thomas Mann. De Mann pode-se dizer que, para se livrar de Goethe, para tirá-lo do sistema, não só escreveu todo um romance sobre ele, o **Carlota em Weimar**, como acabou por fazer a obra-prima que é o **Doutor Fausto**. No entanto Thomas Mann, um pouco como Eliot, tem uma espécie de curiosa resistência a Goethe. No caso de Mann essa resistência é ao lado mundano e vaidoso de Goethe.

Acabo de mencionar, em sua relação com Goethe, um grande poeta, um pensador, um grande romancista, e a lista poderia continuar, indefinidamente. Além de suas obras propriamente ditas, Goethe escreveu interminavelmente sobre si mesmo e falou de si próprio sem parar, como em suas **Conversações com Eckermann**. Quando ocorreu, em 1932, o centenário da sua morte, houve toda uma avalanche de estudos e ensaios goetheanos, alguns fundamentais, como o do poeta francês Paul Valéry, autor de um delicioso livro chamado **Meu Fausto**, ou o do ensaísta e historiador espanhol Salvador de Madariaga.

Diante da fecundidade do próprio Goethe, e da incrível abundância do que sobre ele se escreveu, em escala mundial, que há de dizer a respeito um escritor brasileiro, que sequer conhece o nobre mas espinhoso idioma alemão, também chamado língua de Goethe? Existem apenas dois caminhos. Dizer alguma coisa sobre a influência de Goethe na literatura brasileira e dar conta — como fazem todos os escritores quando colocados diante de Goethe — do efeito que ele teve sobre mim. Como eu passei a Segundo Guerra Mundial na Inglaterra e também na França, países que estavam em guerra com a Alemanha, creio que há um aspecto interessante no meu travar de relações com Goethe.

Acho que não incorro em erro se sugerir que no século passado o reflexo de Goethe no Brasil se limitou à primeira parte do **Fausto**, e, principalmente, à ópera, ao **bel canto**. A primeira referência ao Fausto de que me lembro, em minha casa, foi ao **Fausto** de Gounod e não ao de Goethe. Apesar de gostar de ópera, até hoje não consegui ver no palco o **Fausto** de Gounod. Mas tenho, gravada, por Bidu Sayão, a "ária das jóias", quando Gretchen é desencaminhada por Mefistófeles, para que caia nos braços de Fausto. Outra ópera extraída da obra de Goethe e que conquistou fama no Brasil foi **Mignon**, de outro francês, Ambroise Thomas, que se serviu dos mesmos libretistas de Gounod. Mignon se baseia numa figura que pouco aparece no **Wilhelm Meister**, mas tem no livro uma grande força. (**Wilhelm Meister**, vale lembrar entre parênteses, é um romance infindável, dos mais longos jamais escritos, e dele disse Henry James que "é um dos grandes livros ilegíveis". De um modo geral a opinião de James é verdadeira, exceto que, de repente, nos acomete um deslumbramento quando lemos **Wilhelm Meister**: um desses deslumbramentos é Mignon e outro Makarie, misteriosa, fascinante figura de mulher que Goethe, com suprema arte, não explica, não fixa, não esclarece.)

■ **Em nossos dias, Goethe foi mais solidamente anexado à cultura brasileira**

Em nossos dias, Goethe foi muito mais solidamente anexado à cultura brasileira. Ou pelo menos seu **Fausto**, já que suas demais obras, menos o delicioso e perturbador romance das **Afinidades Eletivas**, aguardam ainda voz em português. O **Fausto** completo, em suas duas partes, foi traduzido para a nossa língua em versos brasileiros de Jenny Klabin Segall. As traduções anteriores eram apenas da primeira parte. Desconheço uma outra, feita no século passado por Agostinho d' Ornelas, mas a tradução atual e acessível é a de Jenny Klabin Segall, da Editora Itatiaia e da Universidade de S. Paulo.

Entre nós, a influência mais insigne de Goethe ocorre no aparecimento do demônio em **Grande Sertão: Veredas**, o livro maior da literatura brasileira contemporânea. Sobre esse assunto, Roberto Schwarz escreveu um ensaio definitivo, intitulado **Grande Sertão e Dr. Faustus**, pondo, um diante do outro, os diabos de Rosa e Thomas Mann, e ambos esses tinhosos diante do Mefistófeles de Goethe. O ensaio de Schwarz foi coligido em seu livro **A Sereia e o Desconfiado**. Haroldo de Campos escreveu **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**, Carlos Nejar tratou do mesmo tema em seus poemas dramáticos, e, no teatro, Paulo Pontes, em 1975, escreveu sua memorável peça **Dr. Fausto da Silva**. O querido Paulo Pontes, morto tão jovem e na plena força do seu talento, não tinha ainda, ao compor **Dr. Fausto da Silva**, o grande controle criador que demonstrou em **A Gota Dágua**, feita de parceria com Chico Buarque. Mas escreveu, sem sombra de dúvida, uma peça infernal, e criou um pavoroso Fausto, que vi representado com louvável malevolência por Jorge Dória, sob a direção de Flávio Rangel. O Fausto televisivo que, para recuperar o ibope em queda vertical, traz ao seu programa a própria mãe agonizante, é uma figura assustadora. Havia um certo cheiro de enxofre no teatro, ao cair a cortina.

E outro dia, ao publicar um livro de contos intitulado **O Diabo só chega ao meio-dia**, Cícero Sandroni recapitulou o mito do Dr. Fausto, na história e na literatura. No conto, que dá título ao livro, Cícero também chega a um momento infernal: é quando o herói, voando para Francfort, fuma um capitoso cigarro de maconha no banheiro do Boeing e imagina, no seu delírio, que põe em chamas o avião inteiro.

E chego agora à minha relação, se assim posso dizer, pessoal com Goethe. Ela se deu, mais do que na Inglaterra, na França. Cheguei a Paris, para trabalhar no setor brasileiro da Radiodiffusion Française, no último trimestre do ano de 1944, pouco depois de os alemães se haverem retirado de Paris. A luta ainda continuava e só devia cessar em maio do ano seguinte. A primeira prova palpável que tive na França da existência de uma cultura européia sólida, contínua, e de certa forma quase indiferente a guerras e conflitos, foram as traduções bilíngües, francês-alemão, de obras clássicas alemãs, sobretudo Goethe. É claro que em Londres eu já havia sentido esse fenômeno da cultura européia contínua, mas a Inglaterra, afinal de contas, sofrera pouco com a guerra. Da minha estada em Londres, de fins de 1941 a fins de 1944, eu só tinha corrido um certo perigo imediato com a ofensiva de foguetes supersônicos alemães, que, como eu soube mais tarde, eram invenção do cientista Wernher von Braun. Antes da minha chegada à Inglaterra Londres muito havia sofrido com os bombardeios de 1940, sem dúvida. Mas os franceses, quando lá cheguei em 44, acabavam de amargar a ocupação de Paris e do país e continuavam com o inimigo dentro das fronteiras, ocupando, por exemplo, os portos de Lorient, de St. Nazaire. Como explicar, então, que nas livrarias de Paris a gente encontrasse, na excelente edição Aubier-Montaigne, todas aquelas obras alemãs, em língua alemã?

Conservo, até hoje, esses livros que comprei então. Desde o princípio da década de 30 a Aubier publicava sua edição bilíngüe, e a publicação prosseguiu tranqüilamente pelos anos da guerra afora. Primeiro li o **Fausto** e depois a deslumbrante coleção de poemas do **Divan Ocidental-Oriental**. Quando algum verso, na tradução francesa de Henri Lichtenberger, me atraía muito, eu lia o correspondente no texto alemão: sempre dá para se ter uma idéia da música original.

Li Goethe, assim como li alguma coisa de Schiller e de Novalis, nessas milagrosas edições Aubier, e, à medida que mergulhava nos estudos biográficos, ou no ensaio autobiográfico do próprio Goethe, deparei com um curioso problema. Goethe era sem dúvida, além de um gênio literário, um homem sábio, como achava o poeta Eliot. Mas, assim como assinalam todos os seus biógrafos, sofreu, durante anos e anos de sua vida e até a morte, de um inexplicável caso de teimosia e cega vaidade, que a princípio o faz baixar de estatura em nossa avaliação.

Goethe, como se sabe, além do que escrevia, e além de ter sido homem de governo, conselheiro de Estado em Weimar, tinha ainda um forte pendor científico para a botânica, a física, a química, a mineralogia, a anatomia. Em anatomia ele fez literalmente uma descoberta memorável: a do osso intermaxilar do homem. Quase que simultaneamente um cientista francês, Vicq-D'Azyr, fazia a mesma descoberta, justificando plenamente a intuição do amador Goethe.

No entanto, no terreno da ótica, das cores, Goethe não só fez experiências desastradas com prismas e lentes, como se empenhou, anos e anos a fio, em afirmar que Isaac Newton era um tolo em ter pretendido resolver os mesmos problemas com auxílio da matemática e de experiências de profundo rigor científico. Goethe se tornou uma espécie de inimigo figadal de Newton, que naturalmente já tinha morrido quando Goethe nasceu, mas que tinha deixado uma obra científica que atrapalhava Goethe exatamente na sua paixão, que era a teoria das cores. Newton, na ciência, era como aqueles antipáticos filósofos inventores de pesados, portentosos sistemas de pensar que acabavam separando o homem da natureza, transformando-o num animal seco, artificial.

Apesar de não propor uma solução para o caso Newton, como eu me disponho a fazer aqui, Richard Friedenthal, autor de **Goethe, sua vida e seu tempo**, relembra o ambiente cultural da Europa do tempo de Goethe. Escreve Friedenthal: "Naquela época as fronteiras entre as diferentes disciplinas eram imprecisas, uma ciência cavalgava a outra e os amadores penetravam freqüentemente no vasto domínio das descobertas. Um Priestley — com quem Goethe entrou em relações por ocasião dos trabalhos de ótica — teólogo, pregador, descobriu, no seu minúsculo laboratório particular, o oxigênio, o amoníaco, o ácido clorídrico, o óxido de carbono, tornando-se assim o maior precursor de Lavoisier. Rousseau escreveu um tratado de botânica. Um ótico de Londres, Dollond, fez a notável descoberta da lente acromática composta de vários tipos de vidro, abrindo caminho a vários progressos na astronomia. Herschel, professor de música e organista, foi um dos grandes astrônomos desse tempo. Franklin, tipógrafo, inventou o pára-raios, e o fabricante de papel Montgolfier se elevou nos ares a bordo do primeiro balão. (...) Este era o mundo de Goethe. Os velhos alquimistas que ele havia estudado com Fraulein von Klettenberg deixaram nela sua marca, e a sede de invenção que o cercava por todos os lados lhe emprestava asas. Não via por que não havia de fazer, ele também, alguma das grandes descobertas do século".

Eis aí o que diz Friedenthal, para justificar a irritação, ou mesmo o ódio, com que Goethe reagiu à matemática e à ciência newtonianas, que aprisionavam aquela que ele chamava sua "princesa das cores". A mim me parece que, por trás da furiosa oposição ao gênio que foi Newton, havia em Goethe a angústia de constatar que o governo invisível e benfazejo do mundo, que é uma filtragem da obra desinteressada dos homens sábios, de visão abrangente, estava sendo substituído por um novo saber, fragmentário, especializado, pronto para arrombar com fragor as portas da percepção, em vez de fazê-las abrir em silêncio, com um toque mágico. Goethe pressentia, nos novos cientistas, a nova era da cultura rachada em dois, do saber fraturado, esquizofrênico. O homem de cultura humanista não tem mais hoje o menor acesso à ciência do tempo. No máximo consegue dela uma idéia sintética e inexpressiva. O Mefistófeles da era nuclear é ininteligível.

Quando comecei, na França, a me familiarizar com as idéias de Goethe, passei a pensar com freqüência naquele patrício dele, von Braun, que mais de uma vez tinha me tirado o sono em Londres. Von Braun morreu rico e gordo, nos Estados Unidos, depois de haver conduzido a NASA ao primeiro pouso da raça humana na lua, feito que, em si, teria encantado Goethe. Os astronautas que von Braun levou à lua eram, como se sabe, americanos, e não alemães. Mas isso para von Braun não tinha a menor importância. Sou capaz de afirmar que, quando ele ainda trabalhava para a Alemanha, pouco lhe interessava que os foguetes que disparava contra a Inglaterra matassem ou deixassem de matar ingleses. Ou, menos ainda, que atingissem ou deixassem de atingir um jornalista brasileiro que por lá se encontrava. A especialidade de von Braun era soltar foguetes. Sua **Weltanschauung** era nenhuma.

Sir Isaac Newton, que aliás tinha também seu lado de teólogo e alquimista, não era, longe disso, um von Braun antecipado. No entanto, na medida em que Goethe identificou nele o novo cientista, o precursor das duas culturas, teve razão em repudiá-lo. E queira Deus que Albert Schweitzer tenha tido, por sua vez, razão em profetizar que há de prevalecer um dia, no mundo, uma filosofia como a de Goethe, variada, cambiante, viva e natural como as águas e os campos da Alemanha bucólica dos dias em que ele lá viveu sua longa vida, a qual se estendeu de 1749 a 1832.

CINEMA | *Wilson Cunha*

Homem mau, vai bem

Ele foi, admiravelmente, o John Glenn de Os Eleitos, *esteve aprontando em* Um Lugar no Coração *e agora é um insuportavelmente desenraizado mercenário, em notável composição de personagem, em* Sob Fogo Cerrado. *Mas Eddie Harris vem muito pior em* Sweet Dreams, *onde Jessica Lange revive a* country singer *Patsy Cline, e estrela* Code Name: Emerald, *uma espionagem à antiga. Aqui, Ed trai todo mundo — a caminho da glória.*

Trapalhões & De Souza: juntos, novamente

Deu certo

Foi uma experiência que funcionou — unir os desenhos animados de Maurício de Souza (foto) às aventuras dos Trapalhões, mais Xuxa, em **Os Trapalhões no Reino da Fantasia**. Agora, no novo filme da turma, ainda sem título definido mas com lançamento marcado para janeiro, um dos elementos de atração está certo: o traço de Maurício de Souza retorna às telas. Uma boa.

LINHA GERAL

■ Um dos mais importantes realizadores da história do cinema brasileiro, Nelson Pereira dos Santos, ganha o mais completo livro que se possa compor em torno de sua obra e personalidade. A jornalista Helena Salem deverá lançar seu trabalho sobre Nelson paralelamente à estréia de *Jubiabá* — o novo filme de Pereira dos Santos.

■ *Victor Lanoux, Michel Bouquet, Laurent Terzieff filmaram na África* Le Radeau de la Meduse. *Naufrágio de uma fragata em 1816...*

■ Maureen O'Sullivan e Barbara Eden se cruzaram na Ponte Aérea Los Angeles—Nova Iorque—Los Angeles. Já Hope Lange conversava com Barbara Carrera...

■ *Luiza Maranhão, de* A Grande Feira, *está de volta em* Chico Rey, *o superesperado filme de Walter Lima Jr. com estréia prevista para março.*

■ *Patriamada* de Tizuka Yamasaki ganhou Prêmio Especial no Festival de Biarritz.

■ *No mesmo festival, o Prêmio especial do Júri foi para* Tangos, L'Exil de Gardel, *de Fernando Solanas, enquanto ao peruano Franco Lombardi cabia o Grande Prêmio com* La Ciudad y Los Perros.

■ Eddie Murphy começa a filmar em fevereiro "uma exótica aventura de ação e fantasia," sob o título de *Golden Children*. Lançamento no Natal de 86. Coisas do Primeiro Mundo.

■ Nicaragua: No Passaran, *concorrendo a um prêmio de melhor documentário. Em Nova Iorque.*

Lange: curtindo

Eden: na ponte

Fest agita

Elemento polarizador para o mercado cinematográfico, o Fest-Rio, além de foro de debates e encontros entre realizadores, cumpre sua finalidade de atrair títulos que fazem as delícias dos fãs de cinema. Assim, mobilizados ao que consta pelo Fest-Rio, vários títulos já estão chegando. Entre estes, **Ran** de Akira Kurosawa, **Je Vou Salue, Marie** de Jean-Luc Godard, e **Mishima** de Paul Schrader. E mais: depois do **Festival** estes filmes devem ser lançados comercialmente. O Fest agita.

Hollywood no Tâmisa

■ *"O velho rótulo quando se chamava Londres de Hollywood sobre o Tâmisa pode ser utilizado novamente," dizem os ingleses diante da mais recente invasão americana. Em filmes de longa metragem ou em séries para a TV, têm trafegado por Londres ultimamente: Charles Bronson, Gene Wilder, Gilda Radner, Dom de Luise, Eva Marie Saint, George C. Scott, David McCallum, Michael Pollard, Nastassia Kinski e Al Pacino. Os ingleses, para variar, não estão nada contentes.*

Como é gostoso o meu francês

■ Assez! Nossa capacidade de ingestão terminou no dia em que a perna do francês foi comida no filme de Nélson

André Ervilha

MITTERRAND, mon chéri. Lang, mon amour. Voiez biens! Sur notre nez. Est-ce-qu'il y a une boule rouge ici? — Un moment... S'il vous plaît!!? Les choses ne sont pas bem assim. Em 1555, Villegaignon foi entrando a todo pano pela baía da Guanabara e quase ficou. Antes ainda dos portugueses, uns piratas franceses descobriram o que é hoje Alagoas. Chegaram a levar uns índios de amostra para o delirante gozo de Montaigne. Em 1594 ocuparam São Luís (do Maranhão do Presidente). Nos meados de 1700 tomaram conta do queijo de minas. Por causa disto, Tiradentes foi pendurado e depois cortado que nem queijo suíço. Em 1865, o duque de Broglie, juntamente com alguns seus amigos de caça, mandou uma linda cartinha a D. Pedro II pedindo para que libertasse os coitados dos nossos escravinhos. E embeveceram nossos literatos que criaram lábios pró-romantismo e até pedras no caminho do modernismo. Tudo bem. Foram bons prá nós. Mas tinham cancha, não é? Não era? Pois é. Era. Agora é tarde demais para uma nova invasão. O mundo mudou demais. O aristocrático falar retórico de salão ficou inatingível. Não dá mais para penetrar. As coisas têm que ser mais fáceis e diretas. Não dá pra botar o país por cinco anos a destrunchar tão bela língua. Mas isto nem mesmo é o mais catártico.

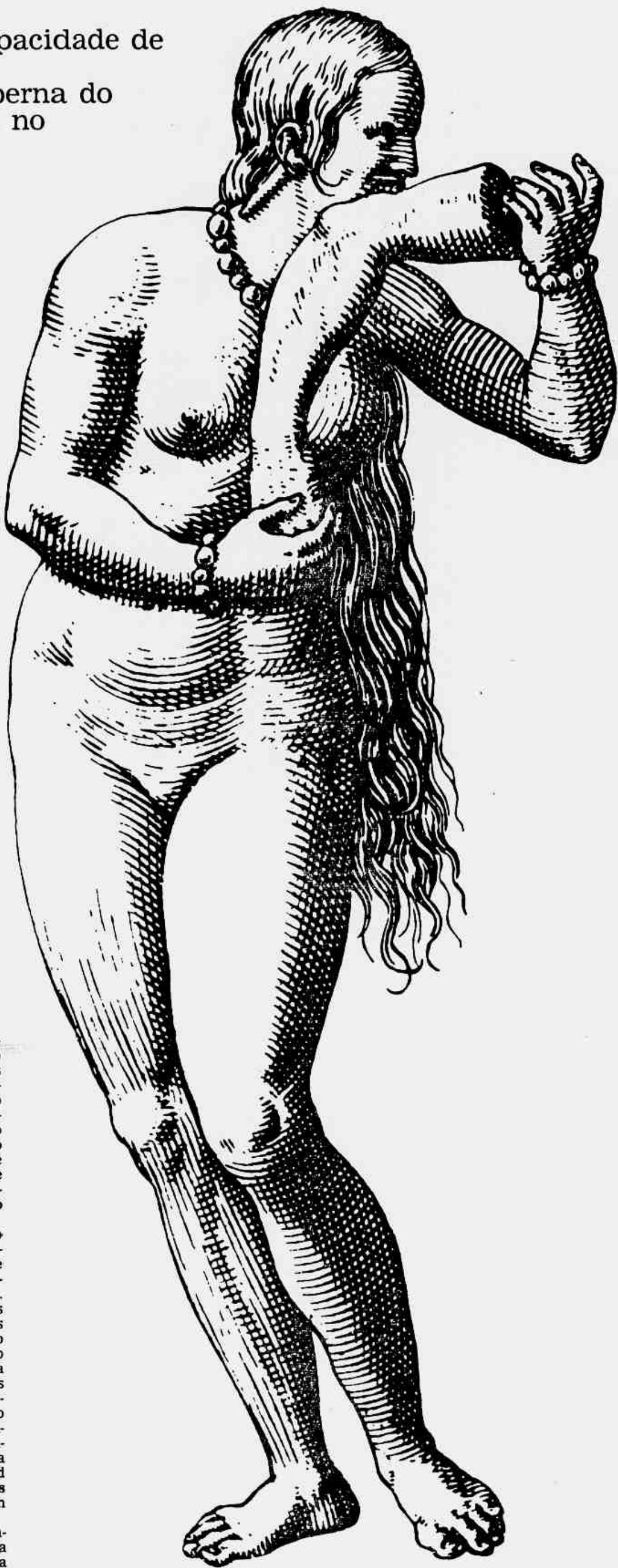
Politicamente, o projeto até que tem um certo jogo de cintura. Só que carnaval é carnaval. Ou seja, a dança não é esta. Dá pra entender. Vamos pelas pontas. Primeiro o pico. O ápice do nosso "problème". É! A gente tem aqui uns nossos probleminhas. Pra serem resolvidos por aqui. Na mesa da cozinha. Com muito café, pão-de-queijo, acarajé, farinha-d'água, Jeca Tatu, Macunaíma e até broa de milho. No meio da mesa um baralho de cartas separadas, com o zap e o sete de copas à nossa disposição. É que primeiro, antes de tudo, a gente tem que vencer aqui dentro. Não dá pra ficar pensando em assimilar novas culturas invasionistas, quando a nossa luta principal é articular o mercado interno. A gente não tem espaço nem pros trabalhos culturais desenvolvidos por brasileiros. Dá pra acreditar? Não é que a gente tenha alguma coisa séria contra vocês. Vocês até que são rapazes simpáticos. O tesouro cultural francês é uma verdade incontestável. País algum no mundo já produziu tantas celebridades. Talvez a Alemanha tenha gerado uns garotinhos excessivamente espertos; mas isto, com certeza, não os afetou como império cultural. Não estou aqui para ficar questionando o real valor da França apesar de concordar com Ledo Ivo, quando ele diz que, "depois da 2ª Grande Guerra, a França não produziu mais nenhum grande homem, à exceção de Sartre". Estou preocupado mesmo, e dá pra sentir uma certa tensão nestes ares poluídos, é com o desenvolvimento que vocês conseguiram criar. Tem gente importante por aí que caiu na armadilha só com uma broa na mão. A tal broa de caminho (Broadway) que o Millôr mencionou ontem, depois da gente ter comido pouca carne e bebido muito chopp.

"La préocupation basique" é que certas pessoas, desprovidas de bons olhos, ou — sei lá — de fácil compreensão dos fatos estratégicos, acreditam demais nesta proposta. Acham que isto irá resolver o problema cultural brasileiro. E esta baleia é fantasmagoricamente assustadora. Não é incorporando esta nova cultura, o que provocará — como disse Juatan Vilella (homem do cinema-documentário) — "um revide muito mais firme e poderoso dos Estados Unidos, que terminará por nos achatar. Que incorrerá na possibilidade do sumiço do resquício de nacionalidade que nos resta", que iremos resolver nossos problemas cruciais. Até fugiria um pouco do tema. Estamos num país à beira da Reforma Agrária e de uma Nova Constituinte. Estamos num país estrangulado, que na andadura de tracajá vai chegando perto do início de exigíveis ordenações, e vocês me vêm com um projeto de colaboração que não tem o menor pé. Onde constam comemorações de datas **sensíveis** aos dois países, como as de nascimento de Blaise Cendrars, Georges Bernanos, Villa-Lobos, ou o centenário da Abolição da Escravatura e a instauração da República no Brasil. Sendo que este último é o único que poderia ser visto como quase razoável. Como a viagem de 450 jovens do Brasil e o Festival Itinerante da música francesa que têm um acre cheiro de invasão. E o forte Casa França-Brasil estando prontíssimo para acolher toda esta "troupe-touristique-culturelle". Não. Muito obrigado. Não é por aí.

Existem, é claro, os bons intuitos. O projeto de cooperação científica com o Instituto Oswaldo Cruz, na transferência de tecnologia importante para a campanha de vacinação das crianças contra difteria, tétano e coqueluche é um espetáculo. Principalmente quando não se tem em mãos carta de Jack Lang, onde consta uma causa de preocupação da exportação de tão caras conseqüências, da doença de nossa ralé para os belos jardins de Paris.

Há, também a mencionada colaboração francesa com o Brasil, no "apoio aos pedidos de prazo mais longo que o Brasil fizer para o pagamento de sua dívida", como disse o escritor e jornalista francês Jean Daniel. Isto se não se atentar para o fato de o Clube de Paris estar cobrando duramente ao Brasil um atraso de pagamento de mais de 1 bilhão de dólares. Mas aqui, agora, o que incomoda verdadeiramente é a questão cultural. Voltemos.

Numa entrevista dada há quatro dias por Jack Lang, acossado, o raposo respondeu aos jornalistas sobre as medidas efetuadas na França contra a invasão da cultura americana. Citou alguns dispositivos (decretos do presidente) adotados em seu país a fim de evitar a proliferação do **made in usa**. Engraçado. Primeiro eles tomam medidas drásticas para proteger o mercado interno. Depois partem para uma visita terceiromundista em busca da expansão do mercado externo. Serviços de avanço, que, além da cara excessivamente imperialista, ainda utilizam da oportunidade para que Mitterrand seja fotografado ao lado dos **pobres meninos** e reestabeleça sua imagem socialista. Hipócrita, não?

Existe, além disto, uma outra lateral do projeto com aroma de pena de frango esturricada. É o cinema que entra a todo vapor na mira da luta pelo espaço nas propostas de co-produção. A nova fila — substituindo a dos portões da Embrafilme — que já quase se prevê. Acontece que alguns detalhes enrustidos parecem surgir de um ideólogo meio escroque. Quando se fala da penetração que os filmes brasileiros teriam no mercado francês, a coisa fica pouco clara. Tanto no que consta de salas públicas, como no que diz respeito às quatro redes estatais de televisão, nada se ouviu de concreto. Parece que nem mesmo rumores surgiram. O assunto, com certeza, é delicado.

Cacá Diegues, depois de ressaltar que teve uma experiência de co-produção com a França da qual não tem queixas, diz que o fato de ter tido este caso de sucesso não o priva do direito de questionar certos aspectos.

Primeiro, Cacá acredita que do ponto de vista crítico o cinema brasileiro já tem sua importância internacional instaurada. "O cinema brasileiro está entre os quatro ou cinco maiores produtores do mundo ocidental. Ao Brasil não interessa qualquer tipo de paternalismo. O que é necessário é a criação de um acordo entre os dois cinemas. E que fique claro nestas negociações que seria uma parceria entre **dois** grandes países." É óbvio que uma parceria deste nível só viria engrandecer o cinema brasileiro. Cinema este descoberto pela França, quando entrou a fuçar no meio internacional. Mas não é assim que as coisas vão tomando o **set**. Cacá acrescenta: "O que queremos não é uma troca de influência política por miséria social". As atividades teriam que se operar também em função da fragilidade económica a que o cinema brasileiro vive submetido. Isto seria preponderante no sentido de que estes filmes consagrados tivessem uma participação internacional condizente ao sucesso conseguido. Diz Cacá: "Por exemplo, se a televisão francesa começasse a apresentar um filme brasileiro por mês, em uma de suas quatro emissoras, já seriam doze filmes por ano. Ótimo". Só que não se ouve nada a este respeito.

Para ele, "o prioritário hoje é resolver o problema do mercado interno. Principalmente com o reforço da participação no mercado televisivo." E acrescentou com um murro na boca do estômago: "O problema é mais no fundo. A classe média está empobrecida. Ninguém vai ao cinema com fome". Enquanto eu me lembro do que Juantan dizia há pouco: "que é preciso criar uma forma de as classes mais pobres terem acesso ao cinema. Idéias eles têm. Mas e fazer? Concretizar? Cadê?"

Olha, Monsieur Mitterrand. Lang, mon amour. Não. Não vai dar. Já comemos cultura francesa demais. E muitas com aquela graça de "Trutas com amêndoa" (que, aliás, não desce bem com broa de milho). Além do que esta visita parece ter algo a ver com uma tentativa de se fazer esquecer aquele atentado ao **Green Peace**. Muito obrigado, mas estamos empanturrados. Nossa capacidade de ingestão terminou no dia em que Ana Maria Magalhães comeu a perna daquele francês, no filme de Nelson Pereira dos Santos, **Como era gostoso o meu francês**. E boas Torres.

André Ervilha, 23 anos, é poeta, crítico literário e roteirista de cinema

---

TEATRO

Interino

■ *São Paulo já tem também seus indicados do primeiro semestre para os Troféus Mambembe 85. São eles: autor de peça nacional, Luís Alberto de Abreu* (O Rei do Riso)*; diretor, Cacá Rosset* (Ubu, Folias Physicas, Pataphysicas e Musicais), *Luís Armando Queiroz* (Nossa Senhora das Flores) *e Ulisses Cruz* (Velhos Marinheiros)*; atriz, Beatriz Segall* (Emily), *exatamente a premiada carioca de 84, Rosi Campos* (Ubu) *e Tânia Bondezan (conjunto de trabalhos no TBC); ator, Hélio Cícero* (Velhos Marinheiros), *e Raul Cortez* (Ah! Mérica)*; cenógrafo, Domingos Fuschini* (Velhos Marinheiros)*; figurinista, Domingos Fuschini* (Velhos Marinheiros), *Lina Bo Bardi* (Ubu) *e Naum Alves de Souza* (A Divina Sarah), *premiado com o Molière carioca do ano passado; produtor, Cooperativa Paulista de Teatro (conjunto de trabalhos), TBC—Núcleo de Repertório (conjunto de trabalhos) e Pardieiro Produções Artísticas* (Exercício de Comédia), *revelação, Charles Lopes (ator,* Velhos Marinheiros), *Jean Tradi (música,* Ubu), *e XPTO (direção,* A Infecção Sentimental Contra-Ataca)*; especial, Maurício Abud (adaptação de* Nossa Senhora das Flores), *Murilo Alvarenga (direção musical de* Ah! Mérica) *e Oswaldo Sperandio (conjunto de trabalhos); e, finalmente, grupo, movimento ou personalidade, Ornitorrinco da Cooperativa Paulista de Teatro (Projeto Jarry) e Boi Voador* (Velhos Marinheiros).

Beatriz Segall

EM UM ATO

■ A Funarj já abriu concorrência para a ocupação, em 1986, dos Teatros Villa-Lobos e Gláucio Gill. As inscrições vão até o dia 1 de novembro e serão julgados dos candidatos para dois períodos, de 1 de março a 31 de julho, e de 1 de agosto a 31 de dezembro, nas categorias adulto e infantil.

■ *Gilles Gwizdek tem dois projetos para a próxima temporada. No primeiro semestre, à procura de teatro, deverá montar o vaudeville*, de *Eugène Labiche*, O Crime da Rua Lourcine (L'Affaire de la Rue Lourcine). *Além da direção, ele será responsável pela tradução. Três pessoas estão confirmadas no elenco: Thelma Reston, Pedro Paulo Rangel e Alexandre Marques. Os cenários e figurinos serão assinados por Hélio Eichbauer e a música ficará a cargo de Tim Rescala. A belíssima peça de Marguerite Duras,* La Musica, *é o trabalho previsto para o segundo semestre.*

■ A estréia de *O Tempo e os Conways*, de Priestley, pelo Grupo Tapa, no Teatro Ipanema, não será mais em janeiro do próximo ano. A temporada carioca (este fim de semana, está sendo apresentado no Teatro da UFF, em Niterói), começará no dia 13 de novembro.

Oscarito

■ *Todo o acervo de Oscarito foi doado ao Projeto Memória, do Inacen, pela família do mais conhecido e popular comediante que o Brasil conheceu.*

■ Depois de amanhã, no Paço Imperial, às 12h, e na Praça Saens Peña, às 13h, o Grupo Manhas e Manias, com direção de José Lavigne, estará mostrando o seu *Arruaça Teatro*.

■ *Um novo grupo começou suas atividades. Trata-se da Companhia Dramática Martins Penna, formada por ex-alunos da escola que leva também o nome do criador do teatro brasileiro. O primeiro espetáculo, em cartaz no Teatro da Galeria até o dia 27, é* Dois, *de Wladimir José, com Leonardo Franco e Leonel Ribeiro nos dois únicos papéis.*

■ Prosseguindo com o ciclo de palestras sobre o teatro brasileiro do Inacen, dia 29 deste mês, a conferencista será Maria Clara Machado. O local é o Auditório Murilo Miranda (Av. Rio Branco, 179, 8º andar) e o horário é 18h30min.

■ O Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação repassou uma verba de Cr$ 1 bilhão 392 milhões para o Inacen poder voltar a realizar seu financiamento parcial reembolsável na temporada de 86 no Rio e São Paulo. As inscrições, na sede carioca e no escritório paulista do Inacen, vão até 27 de novembro. O valor máximo deste financiamento por produtor será de Cr$ 50 milhões, com o posterior pagamento feito através de um desconto de 10% em cima da receita do espetáculo.

Excelente começo

Alan Riding

Nicarágua: um país acossado, Eric Nepomuceno. L&PM editores, 112 páginas, Cr$ 17 mil.

ALGUNS meses atrás, um poderoso senador americano, Richard Luger, saiu impressionado de um encontro que manteve com um grupo de influentes brasileiros. "Levou duas horas para que a Nicarágua fosse mencionada", disse-me ele, "e mesmo assim só porque eu levantei o assunto." Esta simples constatação justificava sua vinda aqui: o Brasil não liga a mínima ao que os Estados Unidos estão fazendo na Nicarágua.

Eu não tive como contradizê-lo. O Presidente Sarney definiu como prioridade de sua política externa a reaproximação com a América Latina. Contudo, a Nicarágua — o tema regional que tem se tornado uma obsessão para governos desde Washington até Bogotá — não causa nem interesse nem paixões no Brasil.

O lançamento do novo livro de Eric Nepomuceno, "Nicarágua: Um País Acossado", é por isso mesmo duplamente oportuno. Se o Governo Reagan suceder em seu crescente esforço para derrubar o regime Sandinista, as repercussões se farão sentir em toda América Latina. E se o Brasil pretende realmente sair de seu isolamento regional, então é bom que tome conhecimento do que está em jogo na Nicarágua. O livro de Nepomuceno é um excelente começo.

Nepomuceno é, também, a pessoa certa para escrever este livro. Tendo trabalhado em Buenos Aires, Madrid e Cidade do México, ele é um dos poucos jornalistas brasileiros a terem experiência e sensibilidade hispano-americana. Aliás, isto se reflete em seu outro novo lançamento, o livro de contos "A Palavra Nunca". Mais ainda, ele fez a cobertura da América Central nos anos cruciais que se seguiram à Revolução Nicaragüense em 1979 — o que lhe dá o valor de um testemunho pessoal.

Nepomuceno simpatiza com os sandinistas. Isto está claro da primeira à última linha de seu absorvente livro. Ele se envolve com os sonhos românticos dos Sandinistas, aplaude suas consideráveis conquistas nas áreas de educação, saúde e alimentação básica e, agora, divide a raiva e frustração pela recusa dos Estados Unidos em permitir que se consolide sua Revolução. Para Nepomuceno, a guerra dos **contras** financiada pelos Estados Unidos é a principal razão da dificuldade econômica e da suspensão da liberdade política na Nicarágua de hoje.

Este bem pode ser o caso. Uma vez que Washington realmente encurralou a Nicarágua, é difícil opor-se a este argumento. Mas é possível que os Sandinistas também tenham contribuído para essa polarização. Por exemplo, a Revolução nicaragüense já tinha um ano e meio de idade quando Reagan tomou posse; nessa altura, os Sandinistas já tinham afastado do poder seus ex-aliados políticos e econômicos na luta contra Somoza. Ademais, enquanto Nepomuceno salienta que todo mundo sabia onde os campos dos **contras** podiam ser encontrados em Honduras e Costa Rica, todo mundo também sabia que o comando central da guerrilha salvadorenha operava em Manágua. Algumas pessoas podem considerar injusto equiparar os **contras** com os revolucionários, mas os Sandinistas deveriam saber que a solidariedade com seus companheiros revolucionários em El Salvador teria que ter um preço.

Hoje, porém, o fato relevante é que os Estados Unidos decidiram não digerir a Revolução Sandinista. E é aí, no entender de Nepomuceno, que se tira a lição para a América Latina. Ele conclui num rasgo poético: "A Nicarágua é um exemplo perigoso demais. Essa revolução jovem e atrevida mostrou que é possível, e que, no fundo, todos nós, desta América, somos possíveis. Na Nicarágua, o sonho virou certeza."

Alan Riding, correspondente do **The New York Times** no Brasil, cobriu a América Central antes e depois da Revolução Sandinista.

Toque de mestre

Lúcia Mac Dowell Soares

Contos, Alfredo Mesquita. Editora Nova Fronteira, 434 páginas, Cr$ 53 mil 900.

PRIVILEGIAR qualquer dos textos do escritor e dramaturgo Alfredo Mesquita, 78 anos, publicados nessa antologia chamada **Contos**, é tarefa difícil, pois todos merecem menção. Autor paulista cuja obra se inicia na década de 30, Mesquita contempla o leitor com uma boa mostra do que há de melhor na técnica do conto brasileiro. De temática variada, eles fazem eclodir mundos contrastantes, narrados com igual veracidade como se observa em **A Negra**, retrato doloroso da miséria, da absoluta falta de opções dos párias da sociedade ou em **Finíssima**, construção irônica e impiedosa de uma grã-fina que vive somente **de** e **para** sua imagem.

Impressionante no relato minucioso da psicologia de um gigolô, em **Ahmad, Olhos de Tango**, perfeito na apreensão do pequeno mundo da classe média "bem" em **A Esperança da Família**, onde a esperança em questão está depositada na adolescente casadoira que vai a um baile no Paulistano, Alfredo Mesquita é sugestivo nos textos que abordam o despertar sexual, como em **Cavação** e **Olhar Morteiro** este último a história de um homossexual, tratada com argúcia e delicadeza — e cético em **Gênesis**, uma bem-bolada versão da criação do mundo por um Deus entediado. Nos contos, a adequação dos estados psicológicos com a realidade física em que aparecem, cria um clima envolvente.

Oscilando entre a linguagem intimista das narrativas psicológicas e a realista da crônica de hábitos e costumes, Mesquita surge em **A Única Solução** com a narração de um velório, onde há o tempo todo a tensão própria do conflito entre vida e morte, implícita no tema. Diante da morta, desenvolvem-se conversas as mais domésticas, trocam-se receitas, impressões sobre os filhos, política ou brigas na repartição: "Nicota queria saber da moléstia e da morte da irmã e Diná ia contando o caso com a voz empapada ora em lágrimas ora em colheradas de canja". Em alguns contos, aparece o sobrenatural, geralmente numa situação palpável, próxima, onde ele não é visto como bruxuleante fantasmagoria, mas como elemento da experiência vital, embutido na vida, como em **A Borboleta Negra**, **A Chácara Revisitada**, **A Despedida** e **O Xale Roxo**.

Se, como diz Julio Cortázar, "um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse", pode-se dizer que o autor em questão é mestre no assunto. À exceção de **Morro verde**, que se perde na descrição fiel da realidade, todos os outros conseguem cativar.

Filão inesgotável

Beatriz Horta

O dilema de Wendy, Dan Kiley. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Editora Melhoramentos, 232 páginas, Cr$ 30 mil 780.

SÍNDROME de **Peter Pan**, a análise do homem imaturo, seguiu o sucesso de **Complexo de Cinderela**, de Colette Dowling, há 66 semanas na lista de **best-sellers** do **JORNAL DO BRASIL**. **O dilema de Wendy** segue, por sua vez a trilha da **Síndrome**, do mesmo Dr. Dan Kiley. Wendy, como qualquer criança sabe, é aquela personagem atraída por Peter Pan junto com seus dois irmãozinhos para viver na Terra do Nunca. Por ser a mais velha das crianças e por ser mulher, claro, ela é encarregada de cuidar de todos, principalmente de Peter Pan. Algum problema? Todos.

Apesar de Freud ter concluído que as mulheres estão excessivamente próximas da realidade para acreditarem na fantasia, nada impede que vivam problemas gerados pela fantasia, prova Kiley. A mulher-Wendy é aquela que maternaliza sua relação com o marido, que procura encontrar desculpas para o mau humor dele e serve como intérprete entre ele e o mundo exterior. Supõe-se que, caso ele seja um Edipiano, essa Wendy seja a realização de seus sonhos — mas o livro tenta ver o problema pelo lado da mulher. Para o dr. Kiley, Wendy se opõe à figura ideal da Fada Sininho — outra personagem da história de James Barrie, retomada por Walt Disney — que luta e reivindica.

A leitora que não se identificar logo de saída com nenhuma das duas personagens tem uma ajuda substancial num longo teste com itens como "Culpo minha mãe por muitos dos meus problemas" ou "tenho dificuldade para tomar uma decisão" — questões que, ironicamente, poderiam ser colocadas também para qualquer homem. Se ainda assim a leitora persistir na sua não-identificação com a personagem Wendy, há mais algumas chances. Kiley ensina as sete armadilhas comuns a todo relacionamento, os primeiros sinais identificáveis de um comportamento wendiano, os truques para aumentar a intimidade sexual e para se transformar de Wendy em Sininho. De quebra, expõe detalhadamente a vida de muitas mulheres: Cindy, Martha, Ann etc. — todas elas com problemas com o que ele chama de "os homens de suas vidas". Quando, finalmente, a leitora se reconhece em uma delas, está pago o preço do livro e o trabalho de lê-lo: basta ver como Cindy, Martha, Ann etc. resolveram os dilemas de suas existências e fazer o mesmo.

Ao se lançar aqui este tipo de livro — que vende aos milhões nos EUA — não houve, no entanto, a preocupação de explicar num pé de página algumas diferenças regionais. Por exemplo: sugere-se que a leitora procure um conselheiro, através de sua comunidade ou até mesmo das Páginas Amarelas. Trata-se do **marriage counsellor**, assistente social encarregado de orientar casais com problemas, figura distante do nosso dia-a-dia. Quanto aos problemas das Wendys americanas no campo doméstico são maiores do que os das suas sucedâneas brasileiras. Lá não existe empregada doméstica quase desde a abolição da escravatura. Mas lá como cá, quem consegue um homem que divida tarefas como apanhar as crianças na escola, fazer o supermercado e lavar a louça do jantar, sem, pelo menos resmungar?

E se a vida deve imitar a arte, lembrança original do autor, Wendy não pode ir para a Terra do Nunca proteger ninguém. Tal como no livro ela prefere crescer, se casar, ter uma filha e dedicar-se a que a menina se sinta segura, para que jamais pense em fugir (como ela foi tentada) de casa. No final de Kiley, Wendy resolve seus problemas e se torna uma vitoriosa Sininho. A seguir, leitores e leitoras, podem aguardar o lançamento da **Angústia de Rapunzel** (sair ou não da torre?), **A fobia de Branca de Neve** (não gostava de homens baixos ou paternalistas) e **O complexo e Príncipe Valente**. O filão é inesgotável.

Politique d'abord!

Wilson Martins

PROCLAMADO pelo direitista Charles Maurras, escrevi na **História da inteligência brasileira** (VII, 284), o axioma de que a política deve ter primazia sobre todos os outros interesses encontrou entre os esquerdistas o terreno mais propício e inesgotável; são eles, de fato, que sempre o propuseram como postulado moral evidente por si mesmo, até à formulação suprema e implicitamente incontestável do "engajamento" sartriano. Adotado pela Esquerda como mandamento de natureza ética acima de qualquer dúvida, o princípio havia concorrido anteriormente para estilhaçar a Direita: "Le 'politique d'abord' a tout gâté", escrevia Georges Bernanos a Jacques Maritain, em 1926, para explicar o seu rompimento com Maurras e a Ação Francesa. Desprezando a essa altura a política e os políticos "burgueses" em nome da Revolução inevitável que, implantando a "ditadura do proletariado", eliminaria não somente as classes sociais mas também o Estado e, com ele, a política e os políticos, a Esquerda não tardaria a envolver-se no debate ideológico dos anos 30, ou seja, ver-se-ia obrigada a propor como seu o imperativo categórico do "politique d'abord".

Conhecem-se os reflexos desse novo estado de espírito no que se refere à criação literária, mas estava por fazer, pelo menos no Brasil, o estudo pormenorizado do que paralelamente acontecia nos domínios mais sutis das artes plásticas. É o que ficamos devendo a Aracy A. Amaral, em livro que não parece haver despertado toda a atenção que exige (**Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira. 1930-1970. São Paulo: Nobel, 1984**). Nesses 40 anos, ela identifica três fases características. De 1930 a 35, a influência predominante é a do muralismo mexicano, então encarado como a arte revolucionária por excelência. (Oswald de Andrade, sempre alerta às modas do momento, pretendia haver escrito com **Marco Zero** um "romance mural" — pretensão recebida com incredulidade por Sérgio Milliet, que sabia o que era um mural.) Tratava-se, entretanto, de palavra de código, a que Portinari não tardaria em dar realização plástica com os seus famosos murais, no Brasil e no exterior, todos de temática "social" e esquerdista, ou seja, forçosamente figurativista, germe longínquo das ferozes polêmicas entre realistas e abstracionistas na década seguinte.

Dos meados da II Guerra Mundial aos dos anos 50, ocorrem a popularidade e conseqüente multiplicação dos clubes de gravura (que é o oposto do mural), tão caracteristicamente esquerdizantes quanto os clubes de cinema da mesma época, uns e outros fundados ou sem demora infiltrados pelo Partido Comunista. O mural, a gravura e o filme não eram revolucionários apenas pela temática, embora, bem entendido, a arte "social" ou "documentária" fosse palavra de ordem obedecida sem discussão: eram revolucionários como veículo técnico e assim se antecipavam sem saber ao postulado mcluhaniano segundo o qual o meio é a mensagem. A autora põe em evidência o papel preponderante exercido por Carlos Scliar na criação e propagação dos clubes de gravura, tão "socialistas" e políticos que acabaram por deixar um legado coletivo mais importante que o número de obras de valor artístico devidas a artistas individuais (pouco numerosas por definição). A maior parte deles não conseguiu ultrapassar as figuras estereotípicas de proletários em atitudes heróicas e desafiadoras, alguns carregando cartazes pela Paz, ou as cenas miserabilistas que então passavam por revolucionárias.

Essa saturação mecânica acabou por exaurir-se no tédio e na repetição: a partir de 1951, com as Bienais, observa-se, nas palavras de Aracy Amaral, um "paulatino distanciamento e desinteresse pela militância política" — logo em seguida encampada, por inesperado, pelos artistas de teatro. São, de fato, o teatro e a canção popular que retomam a bandeira revolucionária nos anos 60, afrontando, os poderes e exercendo a militância ideológica que os artistas plásticos haviam curiosamente abandonado no momento em que se tornara realmente perigosa e, por isso mesmo, necessária. Dir-se-ia que estes últimos procurando superar a frustração do próprio malogro (político e artístico), passaram a discutir sobre o sexo dos anjos, quero dizer, sobre as virtudes respectivas do figurativismo e do abstracionismo, maneira instintiva de sair das dificuldades por meio de exaltadas polêmicas que pareciam enfrentá-las.

Aracy Amaral

Em tudo isso, é espantosa a docilidade com que obedeciam ao Partido, o qual, como se sabe, "não pode errar": fundaram clubes de gravura e de cinema quando foi determinado e descartaram-nos mais tarde quando haviam perdido a utilidade; e quando a Bienal parecia abrir-lhes perspectivas insuspeitadas, tanto técnicas quanto materiais, o Partido ordenou que não participassem. Scliar, por exemplo, recomendou aos seus colegas do Clube de Gravura de Porto Alegre que não enviassem trabalhos, "pois seriam provavelmente cortados"; na verdade, era o Partido que os havia "cortado" por antecipação.

Completado por excelente bibliografia e instrutivo quadro cronológico, o livro de Aracy Amaral registra as peripécias de uma história ao mesmo tempo grotesca e tenebrosa que os interessados, claro está, fazem tudo por ocultar. Contudo, observa a autora, "as artes visuais vivem do diálogo com o poder e as classes dominantes", por onde se verifica que a sabedoria do Partido concorreu, em grande parte, para estiolar o desenvolvimento técnico e material dos artistas brasileiros.

ESTANTE | *Vivian Wyler*

Novos brasileiros

Dezembro, mês em que as editoras enfeitam sua programação com vistas ao Natal, foi a época escolhida pela editora Guanabara para fazer deslanchar o seu catálogo nacional. Dois títulos despontam como os favoritos: **Espelho mágico**, uma coletânea de contos e **Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu**, de Darcy Ribeiro. No primeiro, Julieta de Godoy Ladeira reuniu 16 escritores e propôs-lhes um tema: reescrever os contos de Anderson, tarefa que João Antonio, Edla van Steen, Caio Fernando Abreu e Ricardo Ramos, entre outros, cumpriram sem pestanejar. No segundo, Darcy Ribeiro faz uma cronologia histórico-político-cultural-social do Brasil, recheada de comentários saborosos e ilustrada por Fortuna. A época escolhida para o retrato é o período que vai de 1900 a 1980.

■ *Segunda-feira, a partir das 20h, lançamento de* Marginais do Pomba, *de Daise Lacerda, Francisco Peixoto e outros — uma coletânea que reúne textos de 30 escritores ** No mesmo dia, a partir das 21h, no* Barba's, *Sônia Coutinho e Rubem Mauro Machado autografam. ** Terça-feira, dia 22, às 20h30min na Livraria Riomarket, Edmar Morel lança* A trincheira da liberdade — *História da ABI*

Aniversário de Twain

O Cometa de Halley sempre esteve associado à vida do escritor americano Mark Twain. Em 1835, nascia em Hannibal, uma cidadezinha no Missouri, o último dos seis filhos do juiz John Clemens, Samuel. No céu, passava o cometa. Setenta e cinco anos mais tarde, morria Sam, já então consagrado pelo pseudônimo literário por ele adotado. O cometa se encarregou de registrar o fato. Agora, às vésperas de uma reaparição do corpo celeste, comemora-se, em 30 de novembro, o sesquicentenário do nascimento do autor considerado por Ernest Hemingway como precursor da moderna literatura americana e por T.S.Eliot, como redescobridor da língua inglesa. Só que, ao contrário da aparição cósmica, Twain não está recebendo grandes celebrações internacionais.

Espelho do seu tempo e responsável por um passo decisivo na consolidação da nacionalidade literária de seu país, o aniversário de Twain passaria em branco, não fossem os círculos universitários. Enquanto as editoras não se preocuparam (à exceção da Cultrix), em espanar seus títulos, o departamento de Letras Anglo-Germânicas da UFRJ, em convênio com o Consulado Americano, resolveu animar a festa. O resultado é uma semana Twain que se inicia na próxima terça-feira e que inclui exibição de filmes, palestras, conferências no Consulado e uma ida ao Planetário da Gávea e outra ao teatro, para se assistir às **Aventuras de Tom Sawyer**. Um dos pontos altos da programação deverá ser as palestras do professor Hamlin Hill, especialista e biógrafo de Mark Twain. No dia 23, quarta-feira, ele fala sobre o humor característico do autor, às 19 h. No dia 25, na sexta-feira, investiga as "máscaras" de Twain, às 14 h. Mas vida e obra serão também esmiuçadas por Sérgio Luis Prado Bellei, da UFSC, Thomas Burns, da UFMG, James Mersmann, da UFRJ, e Sigrid Renaux, da UFPR, entre outros. As inscrições para a temporada Twain podem ser feitas na própria terça-feira às 18 h, no Consulado. Uma boa oportunidade de conhecer ou entender a obra do pai de Huckleberry Finn (que no ano passado completou 100 anos de sua criação).

Mark Twain

Inquilinos da dor

André Ervilha

Lenz, Peter Schneider/Georg Buchner. Tradução de Irene Aron. Editora Brasiliense, 168 páginas, Cr$ 29 mil 700.

PRIMEIRO pegam no meio dos seus dedos. Não são carinhos — o sentimento é grotesco. Homens com roupas cintilantes. Operários no baile da dança dos vampiros. O quadro de Marx que fica em cima da sua cama, continua o mesmo. Mas você vê saírem da cama mulheres de seios enormes, mágicos, saem beijos da sua boca. E você começa a pisar dentro de uma releitura. A literatura alemã da Nova Subjetividade mesclada ao neo-modernismo resgatando harmonias — objetividades e subjetividades numa peça única, a pena de Maat plainando ao lado de um avião. Contrastes de época e similaridades.

É imprescindível que alguns dados históricos fiquem claros, para que se perceba o que há de delicioso neste livro. Vamos lá. Primeiro, não é um livro: são dois. **Lenz**, de Georg Buchner e **Lenz-um relato**, de Peter Schneider.

Lenz foi escrito 149 anos atrás. Georg Buchner, importantíssimo escritor alemão, autor de **A morte de Danton** (1835) — devido a problemas políticos em que se envolveu, é obrigado a exilar-se em Estrasburgo. Lá, toma conhecimento de fatos curiosíssimos sobre a vida de um certo poeta, amigo de Goethe — Jakob Lenz, "o poeta infeliz". Foi um seguidor e imitador de Goethe, em todos os sentidos. Sua grande paixão, inclusive — jamais correspondida — foi Friederike Brion, a famosa amante do outro. Os seus trabalhos, entanto, não ficaram na imitação. Fez duas das obras-primas da dramaturgia alemã, **O preceptor** e **Os soldados**. As desgraças seguidas foram esmagando a vida de Lenz, até que aos 27 anos, de tal forma trucidado, enlouqueceu. Durante o inverno de 1778, passou algumas semanas na cidade de Estrasburgo. Buchner, 57 anos depois, foi parar nas mesmas ruas em que Lenz desvairou. Aproximou-se de sua história e de seus pensamentos, identificou-se e preencheu seu tempo de exílio com a criação de um livro incrível. Uma certa antecipação do existencialismo somada a uma viagem poética pela montanhas da Alsácia. Precioso.

O trabalho não é muito longo. Buchner contava com a publicação de sua novela pela **Deutsche Revue**. Acontece que a transição política alemã, desmanteladora e problemática, proibiu o lançamento da revista. Buchner, desanimado, parou sua novela nos relatos do Pastor Oberlin — homem que acolheu Lenz em Estrasburgo. Nem por isso chega a faltar ao livro o seu tamanho real. Provido de uma visão estrábica, o Lenz de Buchner distorce névoas e faz contorcionismos pelas idéias. O grande personagem termina por fazer da pequena novela um gordo brilho de época.

Cento e trinta e sete anos depois, Schneider relê o pensamento estético de Lenz. Na década de 70, o neo-expressionismo alemão começou a suscitar uma proposta meio inovadora. A intenção era de, baseando-se em obras de outras escolas, recriar. Agarrar uma obra antiga e incorporá-la a uma nova situação. Ao mesmo tempo, surge na Alemanha uma linha que assume a tendência da otimização, baseada na possibilidade de se juntar a fome com a vontade de comer. Nada mais daquela baleia desgastada do "eu" perdido de "si mesmo". A vontade de fazer, superando os passeios pelo nada.

Em **Lenz — um relato**, Peter Schneider consegue, com brilho, atingir a intenção deste neo-expressionismo e costurar com a linha da Nova Subjetividade. Lenz torna-se um revolucionário durante os movimentos estudantis de 1968, na Alemanha. Extremamente preocupado com a reavaliação dos seus conceitos políticos e com uma nova modulação de seus sentimentos conturbadíssimos, Lenz agora baila nos conflitos do novo mundo e reformula seus intuitos. Enlouquecido, corre pelas ruas modernas de uma Alemanha brutalmente frigorífica, pensando que não busca nada. NO estalo dos dedos finos do pseudo-operário em que se transforma, inicia a definição de sua nova amarra. Ancora preceitos e sensualidades em portos italianos e é amado pela sensatez e pela realidade entre vinhos de boa safra e homens de caráter. Revigorado, o novo Lenz é simples, mais conciso. Questionador, desmantela retóricas cansadas de martelo e foice e fala de ficar. Num tempo em que de tudo se foge.

Vingança literária

Vivian Wyler

Eleni, Nicholas Gage. Tradução de Luzia Machado da Costa. Editora Record, 496 páginas, Cr$ 96 mil 900.

O menino Nikola tinha apenas nove anos quando empreendeu, junto com mais 19 pessoas, uma fuga noturna pelas montanhas da região da Mourgana, na Grécia, fronteira com a Albânia. Para trás, deixava a aldeia de Lia, palco, a partir da década de 40, de sucessivas invasões estrangeiras e gregas, de exércitos direitistas e esquerdistas. Para trás, deixava, também, sua mãe, Eleni Gatzoyiannis, 41 anos, uma das mulheres de maior prestígio do lugar e uma das vítimas civis, escolhidas para pagar a derrota política de ideais que nasceram patrióticos. No dia 28 de agosto de 1948, após um julgamento sumário e torturas conhecidas como **falanga**, aplicadas nas solas dos pés, Eleni foi fuzilada. Um número a mais numa estatística de 600 mil gregos mortos durante a Segunda Guerra e a guerra civil. Para Nikola, um fato inesquecível, capaz de disparar o desejo de vingança, tão presente em Eurípedes e Sófocles. Tão trágico.

Em 1977, o jornalista Nicholas Gage, correspondente do **The New York Times**, chegou a Atenas a tempo de acompanhar as mudanças trazidas pelos ventos de liberdade que haviam derrubado a ditadura militar. Na cabeça, um plano arquitetado há muito, nos mínimos detalhes: descobrir os nomes dos assassinos de sua mãe, responsáveis por sua ida para os EUA, ao encontro do pai, o imigrante Christos Gatzoyiannis. Nicholas conseguiu seu intento. Mas a cruzada não terminou da maneira como gostaria. Face a face com o mandante, Achilleas Lykas, o **Kati**, Nicholas, uma Walther PPK no bolso, pronta para atirar, hesitou. Ao invés de atirar, limitou-se a ofender o ex-guerrilheiro, cuspindo-lhe no rosto. Depois, foi para a casa e sublimou seu ódio construindo **Eleni**, minucioso relato dos últimos anos de vida da sua mãe, coincidentemente, a história de um dos mais conturbados períodos vividos pela Grécia.

Repórter de investigação durante muitos anos, atividade que define como "tanto de detetive quanto de jornalista", Gage aprendeu a desencavar fatos que as pessoas prefeririam escondidos, seguir de perto suspeitos, conferir em arquivos e documentos as mínimas informações. Foi assim que pôde denunciar corrupções, tráfico de entorpecentes e até o vice-presidente Spiro Agnew, certa vez. É essa técnica que lhe permitiu chegar perto das pessoas-chave da aldeia de Lia à época da ocupação por parte de alemães, ingleses e guerrilheiros comunistas e delas extrair entrevistas preciosas. Costurando depoimentos, dados colhidos em documentos e lembranças infantis, Gage tece uma narrativa instigante, uma longa reportagem em que, ao contrário do que se poderia pensar, seus compatriotas não emergem como vilões, mas como fanáticos desesperados, lutando com unhas e dentes por uma causa que eles vêem de uma forma e o Partido Comunista de outra, bem diferente.

A Eleni Gatzoyiannis revivida pelo filho tampouco é endeusada. Mas continua sendo uma camponesa semi-analfabeta, presa a uma tradição rigorosa que não permite que as mulheres andem de cabeça descoberta, escolham seus maridos, desfilem pela cidade antes de se casarem, em que a superstição é uma das pedras fundamentais. Na noite em que tentam a fuga pela primeira vez, auxiliados pelo contra-parente Lukas Ziaras, Eleni, Nikola e as quatro filhas: Olga, Kanta, Glykeria e Fotini, quebram uma colher. É um mau presságio, e a tentativa malogra. Na segunda noite, o grupo encontra uma árvore caída no caminho e acaba tendo que voltar. Na terceira, caravana parte, mas Mariante, filha de Lukas, Eleni e Glykeria ficam trabalhando nas plantações, sob os olhares duros dos **andartes**, os soldados das montanhas. Glykeria reencontraria os irmãos, mais tarde, nos EUA. Eleni cumpriria um destino que lhe aparecera em sonhos, anunciado pela falecida sogra, a quem tanto amava. Não viveria para conhecer a América, onde o marido trabalhava e onde, acreditava, a existência só lhe reservaria conforto. A mesma América que lhe valia um apelido incômodo, uma certa renda enviada por carta e algum luxo. O suficiente para despertar a cobiça dos seus vizinhos de aldeia.

A história que Gage conta em **Eleni**, mais do que narrativa crua intercalada, de quando em quando, por sólidos resumos históricos, que radiografam os movimentos das tropas nas montanhas de Mourgana e desnudam manobras e conchavos políticos, é a história dos homens. A mesma que o escritor grego Nikos Kazantzakis contou em **O Cristo recrucificado**, onde o cenário era semelhante, a trama diferente, a intolerância parelha. Ali, como aqui, não interessa que uniformes e brasões ornamentam o homem. Mas que está no homem perseguir eternamente seus iguais por razões mesquinhas que as guerras podem ou não acobertar. Milia Drouboyiannis acusou Eleni de traição, para salvar a pele de sua mãe, Stavroula Yakou, a colaboracionista, não hesitou em apontá-la como fascista, porque tinha ciúme das filhas dela. O advogado Anagnostakis assinou seu nome na ordem de execução, por medo. O que pesava em cima de Eleni, além de sua suposta riqueza, era o instinto de mãe falar mais alto que a consciência política, não querer ceder as filhas para a guerrilha, o filho para o **pedomasoma** — a educação além da fronteira, para a futura liderança na causa.

Nicholas Gage pensou nos seus filhos quando decidiu não matar o **Katis**. Como recompensa, **Eleni** lhe trouxe a prosperidade. Entre outras coisas, porque teve seus direitos comprados para o cinema.

Nicholas Gage e a mãe, Eleni, cuja morte investigou e retratou com precisão num romance-reportagem

Coragem e bonomia

Ida Vicenzia

Mascaró, o caçador americano, Haroldo Conti. Tradução de Heloísa Jahn e Lucia Goulart Jahn. Editora Brasiliense, 272 páginas, Cr$ 45 mil 900.

COM Haroldo Conti estamos diante de uma das mais altas expressões da literatura hispano-americana. Insólito, distante da indolente solidão das criaturas cinematográficas de Manuel Puig, mas muito próximo em ousadias e febricitante imaginação de um Julio Cortázar, este romancista faz e refaz com segurança uma história em que os condimentos de uma literatura metafórica são usados com o requinte de um cozinheiro louco e mágico, ou com a irônica amargura típica de portenhos intelectualmente bem dotados que observam o mundo.

Múltiplas experiências no campo do fazer artístico modelaram o romancista. Com **Mascaró, o caçador americano** — prêmio Casa de las Américas 1976 — vemos o dramaturgo, no acabamento dos personagens e na ação teatral. Nos detalhes da narrativa, percebemos o implacável olhar de uma câmera. Lições bem aproveitadas, de teatrólogo e cineasta. Mas para transmitir esta visão, ao mesmo tempo plástica e crítica, de sua época, os personagens convivem com o mundo prodigioso do circo. Não seria lugar-comum afirmar que o fantasioso Príncipe Patagão, Orestes, o eterno aprendiz, Sonia, a Vidente, ou o velho Farseto, lembram figuras de Fellini. Seu olho sensível de artista captou o patético, da mesma maneira que seu cérebro de escritor passou para o papel este universo específico. O livro narra a trajetória de Orestes desde o momento em que abriu mão de sua identidade civil para jogar-se no mundo dos andarilhos. Metáfora para a clandestinidade? Na sua trajetória conhece a vida fabulosa do cais e dos navios mercantes dos pequenos portos da Patagônia. Através de Orestes travamos amizade com o grande Príncipe Patagão, mágico e sábio, líder inconteste do grupo. Tudo isso filtrado pela fantasia irreverente e cúmplice de Conti, com caminhos da sátira à espanhola.

Mascaró, o caçador americano desenvolve-se, de maneira tranqüila, o leitor acompanhando, deliciado, as andanças de um punhado de "locos", entre canções e fantasias. Até aí tudo bem. Levamos um sobressalto quando o pistoleiro Mascaró, que passara misteriosamente por eles em suas andanças no mar, reaparece no deserto. A partir deste momento o livro sofre transformação radical... e deixamos o mundo da metáfora, para cair na realidade. O deserto não é mais deserto, mas um local de estratégia, o público não é mais público, mas seguidores, o circo não é mais circo, mas um bando de foras-da-lei perseguido pela polícia rural. Seu retorno à cidade, depois de uma quixotesca tentativa de transformar a realidade, é sem glória e alegria, embora a amizade, característica de quem se lança em um projeto arriscado, não os abandone nunca. **Celesta e Composta!** as palavras mágicas do Príncipe, continuam a uni-los, porém não os salva do amesquinhamento ao assistir tão febricitante experiência se transformar em dia-a-dia comum e medíocre. O sonho acabou. E para deixar bem claro sobre os culpados do final do sonho, Conti brinca, com humor negro, na narrativa do último confronto de Orestes com as forças da polícia rural. É algo novo na maneira de relatar as torturas dos anos negros. Haroldo Conti está entre os desaparecidos da Argentina dos anos 70. Tal coragem e bonomia ao enfrentar o inimigo, não só na literatura, privou-nos de um grande escritor e de um notável humanista.

UNIVERSIDADE

□ Refertilização

O processo de refertilização biológica do solo, por intermédio da vermicompostagem, é feito pelo preparo especial dum composto com minhocas e a função delas é, justamente, incorporar o composto ao solo. O método vem sendo estudado pela bióloga Christa Khapper, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, desde 1976, e é aplicado, nos dois últimos anos, em nível de campo, apresentando excelentes resultados.

Ocorre, agora, a adaptação duma técnica alternativa biológica num solo que passou por monocultura.

Paralelamente, Christa instalou viveiros de minhocas, para uma permanente reprodução, tornando, desta forma, o processo viável.

■ A Biblioteca da Escola de Comunicação da UFRJ vai discutir informação, jornalismo e censura no Brasil. Dos dias 21 a 25 deste mês, haverá palestras sobre os temas Ciência da informação, por Heloísa Tardin, Informação e contexto social, por Kátia Silva, Jornalismo científico, Enio Candoti, Integração na comunicação, pelos alunos do mestrado, Marketing nos meios culturais, Renato de Mello, Literatura brasileira, Sérgio Sant'Anna, e a mesa-redonda Censura no Brasil: ontem e hoje, reunindo Heloísa Buarque de Hollanda, Maria Nazaré Pereira, Nilson Lage, Carlos Rabaça e Yan Michalski.

■ A *Revista de Comunicação*, dirigida por Mário Moraes e Alfredo de Belmont Pessôa, já está com seu nº 3 nas bancas, com artigos assinados por Marcos Sá Corrêa, Luiz Paulo Horta, Pery Cotta, Ivanir Yazbeck, Luiz Menezes, Newton Carlos, Pedro Pinto, Vander de Castro, Carlos Jurandir, Jorginho Abicalil e Carlos Eduardo Novaes. Geraldo Mayrink fez uma grande reportagem sobre o *Estado de S. Paulo — o Estadão*.

■ *O Hospital Universitário, o Instituto de Neurologia Deolindo Couto, o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira e o Instituto de Tisiologia e Pneumologia da UFRJ abrem inscrições, de 11 a 29 de novembro, para o concurso de residência médica para 1986. A taxa de inscrição será de Cr$ 80 mil e pode ser efetuada, das 10h às 15h, no Hospital Universitário, Avenida Brigadeiro Trompowsky, Cidade Universitária, Rio de Janeiro.*

■ O Centro de Produção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro promoverá, de 29 deste mês a 19 de novembro, o curso de *Sistemas de arquivo*, dirigido a profissionais envolvidos com o desenvolvimento de programas computacionais para o processamento eletrônico de dados. As aulas serão às 3ªs e 5ªs-feiras, das 19h às 22h. O curso custará Cr$ 607 mil à vista ou duas parcelas de Cr$ 337 mil. Mais informações pelos telefones 284-8322 ramais 2417 e 2507 ou 264-8143 (Rio).

■ *O Departamento de História da Universidade Federal Fluminense realiza de 5 a 9 de novembro o 2º Simpósio de História Antiga e Medieval. O prazo máximo para entrega dos resumos das comunicações foi prorrogado até o dia 21. Mais informações pelo telefone 719-4494 (Niterói).*

□ Enciclopédia

A Biblioteca Central da Unisinos — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, possui livros que chamam a atenção pela antiguidade, raridade e valor artístico. A **Encyclopedie ou Dictionaire Raisonné des Sciences des Arts et des Metiers**, uma obra em 17 volumes, elaborada pelos enciclopedistas franceses entre 1750 e 1758, é um desses livros à disposição dos pesquisadores.

Os volumes, que têm 58 centímetros de altura por 27 de largura, com 900 a 1 mil páginas, foram escritos por Voltaire, D'Alembert, Diderot, Rousseau, Turgat, Quesnay e outros pensadores da época.

□ Fim de Moral e Civismo

Professores de Geografia e de História manifestaram-se pela revogação imediata do Decreto Lei 869/69 e do Decreto 68065/71 e de todos os seus corolários jurídicos-institucionais: Educação Moral e Cívica, Estudo de Problemas Brasileiros, Organização Social e Política do Brasil e Comissão Nacional de Moral e Civismo.

Alegam que a disciplina de Moral e Cívica é "de caráter exclusivamente político e doutrinário, despojada de qualquer fundamentação científico-pedagógica" e que "seus vários desdobramentos resultaram na descaracterização da Geografia e da História..."

Dizem ainda os professores que a Educação Moral e Cívica, "constituída de fragmentos de áreas de conhecimento e de doutrina, gerou, de início, a improvisação de professores e, posteriormente, a formação distorcida de profissionais em licenciaturas espúrias de Estudos Sociais"

Os professores afirmam que as disciplinas mencionadas derivam da "doutrina de segurança nacional, de cunho marcadamente ideológico, com vistas a propaganda de regime de exceção".

Por uma cultura da tolerância

Zuenir Ventura

■ Em 1979/80, num primeiro ensaio de abertura na área cultural, o professor Eduardo Portella foi ou **esteve** Ministro da Educação e Cultura. Amanhã, ao tomar posse na vice-presidência do Conselho Federal de Cultura, ele volta ao poder, embora "setorialmente", como avisa. Nesse espaço de tempo, Portella transformou-se numa espécie de reserva moral da cultura brasileira, um permanente ministeriável. Nesta entrevista, ele fala de muitos assuntos, inclusive de um que não permitiu que ele ficasse por mais tempo no poder: a intolerância.

JB — Você parece ser uma espécie de reserva moral de nossa cultura. Sempre que se fala de Ministério da Cultura, pensa-se no seu nome. Como agora, por exemplo. Tem fundamento?

Portella — Não, nenhum fundamento. O cargo está ocupado e bem ocupado. Vou apenas dar uma colaboração de caráter setorial no Conselho Federal de Cultura.

JB — A passagem pelo MEC deixou-o traumatizado?

Portella — Não guardei nada traumático. Ao contrário, fiquei muito satisfeito de ter sido ministro naquela ocasião, embora não tenha sido um ministro, mas um antiministro. Quem lê os meus discursos da época, os meus pronunciamentos, verá que fui um antiministro. Essa condição me possibilitou fazer coisas que na época foram surpreendentes e inéditas, e hoje são naturais. Outro dia o meu amigo Deputado Airton Soares dizia que agora, sim, é que eu devia ser ministro. Acho que não, acho que eu devia ser ministro naquela hora mesma.

Confluência

Estamos todos em desacordo. Então vamos começar a reunião

JB — O seu Ministério foi um pouco precursor da abertura, não?

Portella — O Darcy Ribeiro diz que eu disse coisas antes de todo mundo: "O que você disse está todo mundo dizendo agora. Queria ver dizer naquela época". Mas foi fascinante ser naquela época, com tantas adversidades, não acha?

JB — Você foi uma vítima do SNI, não?

Portella — Acho que basicamente fui vítima da comunidade de informação. O próprio fato do Planejamento ter se retraído demais, me emparedado em algumas ocasiões e em várias iniciativas, é um sintoma, porque o SNI era o núcleo do poder, a comunidade de informação era o núcleo do poder. Quem estivesse fora daquele núcleo era marginal do poder. Havia os marginais implícitos, que silenciavam. Eu era um marginal explícito, porque falava.

JB — A sua elegância não permitiu que na época você revelasse as verdadeiras razões de sua saída, a gota d'água. Aliás, você saiu melhor do que entrou.

Portella — Na verdade, isso não se deve tanto ao meu mérito, porque naquele Governo se saía sempre melhor do que se entrava. A gota d'água surgiu quando, tendo que falar na Câmara dos Deputados, fui colocado diante da alternativa de enviar um telex às universidades brasileiras e mandar cumprir a lei, ou seja, marcar falta ou demitir em 30 dias os professores grevistas por abandono do cargo. Eu me recusei a aceitar essa alternativa, a alternativa da punição. Aquela greve era justa. Se estivesse fora do Ministério, eu estaria na greve. Existem greves das quais posso duvidar: se são oportunas, se são legítimas, se refletem interesses sociais ou se são fechadamente corporativas. Mas aquela não, aquela era uma greve com tudo a que tinha direito. Portanto, não podia encará-la como um ato de subversão. Ela era um problema fundamentalmente social. Foi isso que eu disse à Presidência da República: essa é uma greve social, não é um ato de indisciplina. Além do mais, eu achava e acho que a função do ministro não é demitir professor, mas conversar, procurar encontrar espaços comuns de ação. E eles existiam, pois, qualquer que seja a situação, esses espaços podem ser construídos.

Estado

O Estado não tem que produzir nada. Tem que deixar fazer

JB — Apesar de apoiar a atual política cultural, você não acha que o seu projeto era mais moderno?

Portella — Em toda ação cultural, têm-se dois núcleos de legitimação: um, via tradição e outro via modernização. Um dos grandes erros da modernização brasileira é que ela se fez à revelia da tradição, à revelia da democracia. Não há modernização quando se ignoram os componentes vivos da tradição, quando se ignora a democracia. Nesses casos temos uma modernidade truncada.

SNI

Fui uma vítima da comunidade de informação

JB — Mas o culto da tradição pela tradição, sem levar em consideração a modernidade, é igualmente pernicioso, não?

Portella — Claro, principalmente porque temos que levar em consideração que não existe só um Brasil, existem vários. Temos um Brasil primeiromundista, como temos um Brasil terceiro ou quintomundista. O Brasil é o conjunto dessas forças que coexistem não apenas espacialmente, mas cronologicamente. Tem-se que conviver com isso e não simplificar, sob pena de se gerar uma nostalgia do tipo tradicionalista ou uma incompreensão do avanço moderno, que é inevitável.

JB — Entre o que Jack Lang disse esta semana — que a cultura brasileira está destinada a ser uma cultura de "avant-garde" — e a proposta da cultura da broa de milho, você fica com qual?

Portella — Fico com as duas. Se você entende por broa de milho uma metáfora de determinadas formas de expressão pré-urbana, eu acho que não há mal em manter relações com ela, nenhum inconveniente. Se você entende como de vanguarda a cultura do urbanismo avançado, também não pode ignorá-la, sob pena de ficar à margem da História. Ficar à margem da História é uma vocação de marginalização que o Brasil não merece. Temos que enfrentar esse desafio porque já estamos com os prazos esgotados. Estamos tentando pegar agora o último vagão da modernidade. Acho que perdemos. Temos que pegar então o primeiro da pós-modernidade.

JB — Mas essa nossa pós-modernidade não significa apenas embarcar no vagão do primeiro mundo, não?

Portella — Não, de maneira nenhuma, até, porque o primeiro mundo esgotou a experiência moderna. Nós, não. Temos uma modernidade sinuosa, uma modernidade sem democracia, uma modernidade sem povo, uma modernidade filtrada pelo filtro do planejamento e dessa estranha e diabólica aliança de planejamento e comunidade de informação que conduziu os últimos 21 anos da História brasileira. Esses anos foram anos da liquidação da modernidade sob o pretexto de exibir algumas conquistas nas tecnologias e indústrias de ponta. Mas não é uma indústria de ponta que faz um país ser de ponta. Ele pode ser um país de retaguarda com uma indústria de ponta. O Brasil, por exemplo, com esse déficit social escandaloso, inimaginável, inaceitável. Fala-se muito no déficit econômico, mas eu considero o déficit social mais grave.

JB — Você está pretendendo revolucionar o Conselho Federal de Cultura?

Portella — Não, inclusive porque não acredito mais na idéia de revolução. Acho que essa idéia é uma das construções do absolutismo reflexivo, do idealismo; são os filhos do idealismo alemão que geraram a idéia de revolução. No Brasil, chegamos até a experimentar a apropriação semântica da idéia de revolução. É uma palavra que, por várias razões, se tornou inconveniente. Eu vou tentar fazer com que o Conselho seja um órgão de diálogo permanente, de legitimação extraconselho, que não se legitime no interior de suas paredes, não seja um clube fechado, mas que procure se articular com a sociedade. Que se gerem comissões mistas, que se estabeleçam debates em várias partes do Brasil, que se coloquem enfim em discussão, articuladamente, os grandes temas da cultura brasileira, na véspera da reestruturação institucional do país que vai ser a Constituinte.

JB — Você acredita sinceramente na eficácia desse Conselho?

Portella — Acredito, mas na medida em que ele seja um órgão de planejamento, um órgão que vai sustentar tecnicamente as ações executivas do Ministério da Cultura. Mas se você quer saber em que eu acredito mesmo, é que toda e qualquer política cultural só é válida se sair da sociedade para o Estado, nunca do Estado para a sociedade.

JB — Um gutemberguiano como você como convive com a era eletrônica?

Portella — Acho que não podemos gerar uma dicotomia entre a televisão e o livro. Acho que o livro está vivendo um momento que não me satisfaz, porque seus canais de transmissão e distribuição estão obstruídos. A rede livreira é basicamente artesanal e não se pode gerar uma indústria editorial sólida quando se tem, na hora do escoamento, um estrangulamento que é a rede livreira do país. Não se geraram mecanismos mais dinâmicos e novos de circulação do livro. Por isso o livro vive uma certa crise por mais que se diga que não. Já a televisão, tem um espaço aberto, tranqüilo, os índices de audiência estão mostrando. Mas toda vez que se faz uma novela de TV sobre um romance, há uma multiplicação. **Senhora**, de José de Alencar, estava esquecido em algumas bibliotecas públicas. No dia em que virou novela, surgiram 16 edições de natureza diversa. Então, não há incompatibilidade. São linguagens diferentes, campos diversos. Eu volto a dizer: essa sociedade não pode ser uma sociedade unívoca. A modernidade em sua última etapa e a pós-modernidade terão que prescindir de sociedades unívocas, de partidos políticos inteiros. Essa idéia da perfeição, da inteireza, da univocidade, tudo isso são idéias de um tempo que já não é nosso. Vamos ter que conviver com a incerteza, com manifestações de cultura diferentes, diversificadas, e não tentar fechar o projeto cultural de uma nação dentro de um modelo que seja uma camisa de força. A História arrebentará com isso. A nossa época não é essa. Não temos outra alternativa. Temos que gerar espaços que eu chamaria confluentes, título até de um dos meus últimos livros: **Confluência**.

JB — Será o mesmo que convergência, conciliação?

Portella — Eu prefiro a palavra confluência porque penso em algo que só pode ser obtido absorvendo o discenso, nunca matando-o. São lugares comuns de ação, mais diversificados. Para se chegar ao espaço confluente, não se pode aniquilar os outros. Mas não é mais aquele consenso à la Benedito Valadares, do tipo:"Estamos todos de acordo, então podemos começar a reunião". Não, agora é o contrário: estamos todos em desacordo, então vamos começar a reunião. Não dá para começar na base da exterminação. A exterminação é o valor das sociedades autoritárias. Não vale começar com o dedo no gatilho.

JB — Mas isso exige uma tolerância muito grande. Você não acha que a tolerância hoje é moeda rara?

Portella — Acho que sim, mas acho também que aqueles que apostarem na inviabilidade da tolerância acabarão no caos. Vamos ter que engolir a tolerância, queiramos ou não. Os que não têm a competência da tolerância, vão ter que se arranjar, não há outra saída. Não quero aquela tolerância liberal, falsamente consensual, que esmagava e chegava em público toda prontinha, exibindo uma tolerância que na verdade tinha tido sua secreta história de intolerância.

Identidade

O que proponho é uma cultura da diferença nacional

JB — Aliás, por falar em história e intolerância, é bom lembrar que a história da nossa esquerda e da nossa intelectualidade é de muita intolerância.

Portella — Exatamente. A nossa história é basicamente intolerante: por isso tem que ser reescrita, refeita. Não sou daqueles que pegam a bandeira da tradição e saem indiscriminadamente pelo meio da rua: "todo poder à tradição". Acho que a tradição precisa ser relida e uma das exigências de releitura da tradição é limpar o autoritarismo dessa tradição. Ela é profundamente autoritária, até mesmo nas vanguardas. Pegue, por exemplo, as vanguardas literárias e as chamadas vanguardas ideológicas. Estão todas identificadas por um mesmo sotaque autoritário. A tendência é sempre exterminar o outro.

JB — Você então é contra essa coisa de busca da identidade?

Portella — Completamente. Eu proponho — no momento em que todo mundo propõe a cultura da identidade — uma cultura de diferença nacional. Essa coisa de identidade tem uma forte tendência à uniformização e à excludência. Para uniformizar, ela exclui. Prefiro então que se centre na diferença, que a diferença seja constitutiva da identidade. Só aí a identidade nasce. A identidade tem que ser uma construção, não uma coisa pronta, acabada.

Modernidade

Tivemos uma modernidade sinuosa: sem povo e sem democracia

JB — E como você vê a relação da cultura com o Estado?

Portella — A nossa cultura é muito oposicionista — e esse é o último traço da modernidade. Tem-se que reconhecer que o Estado é uma figura insubstituível no conjunto da vida moderna. Não se pode deixar é que o Estado nos aniquile. Tem-se que tratar a voracidade do Estado com uma série de formas de participação. Decretar pura e simplesmente a liquidação do Estado é uma atitude ingênua. O Ministro da Educação da França, Jean-Pierra Chevènement — insuspeito porque vem da ala radical do Partido Socialista, da ala ideológica — diz que os intelectuais precisam fazer uma aprendizagem do Estado. Não se pode trabalhar o Estado com os instrumentos do antiestado, como não se pode render-se às perversidades do Estado.

JB — Mas no Brasil a cultura vive contra o Estado ou à sombra do Estado.

Portella — Pois é. Uma das tarefas que caberia à classe intelectual brasileira é rever a reelaborar agora essas modalidades de relacionamento do produtor de cultura, do profissional liberal com o Estado. O que não pode prevalecer é essa dicotomia, esse maniqueísmo **com ou contra**. Temos que evitar o puro patrocínio, o paternalismo. O Estado não tem que produzir nada, fazer nada. Tem que deixar fazer. Tem que gerar mecanismos que tornem as produções fáceis. Não tem, por exemplo, que coeditar livros, mas gerar uma rede de distribuição de livros, como tem que interferir na rede de distribuição dos filmes. A cultura brasileira não pode continuar vivendo da bolsa de estudo.

Broa de milho

Entre a vanguarda e a cultura da broa de milho, fico com as duas

JB — Como colega, companheiro e amigo do Presidente, você acha que ele pensa assim também?

Portella — Acho que sim. Confio muito na sensibilidade cultural de Sarney. Já conversei várias vezes com ele sobre o assunto antes e durante a Presidência. Sei que ele tem uma consciência muito grande do problema. É uma área fundamental, inclusive porque é uma área onde está comprometido um traço da sua personalidade. Ele vem desse segmento e tem visão histórica para compreender o lugar da cultura no processo global de avanço da nação. É alguém do ramo.

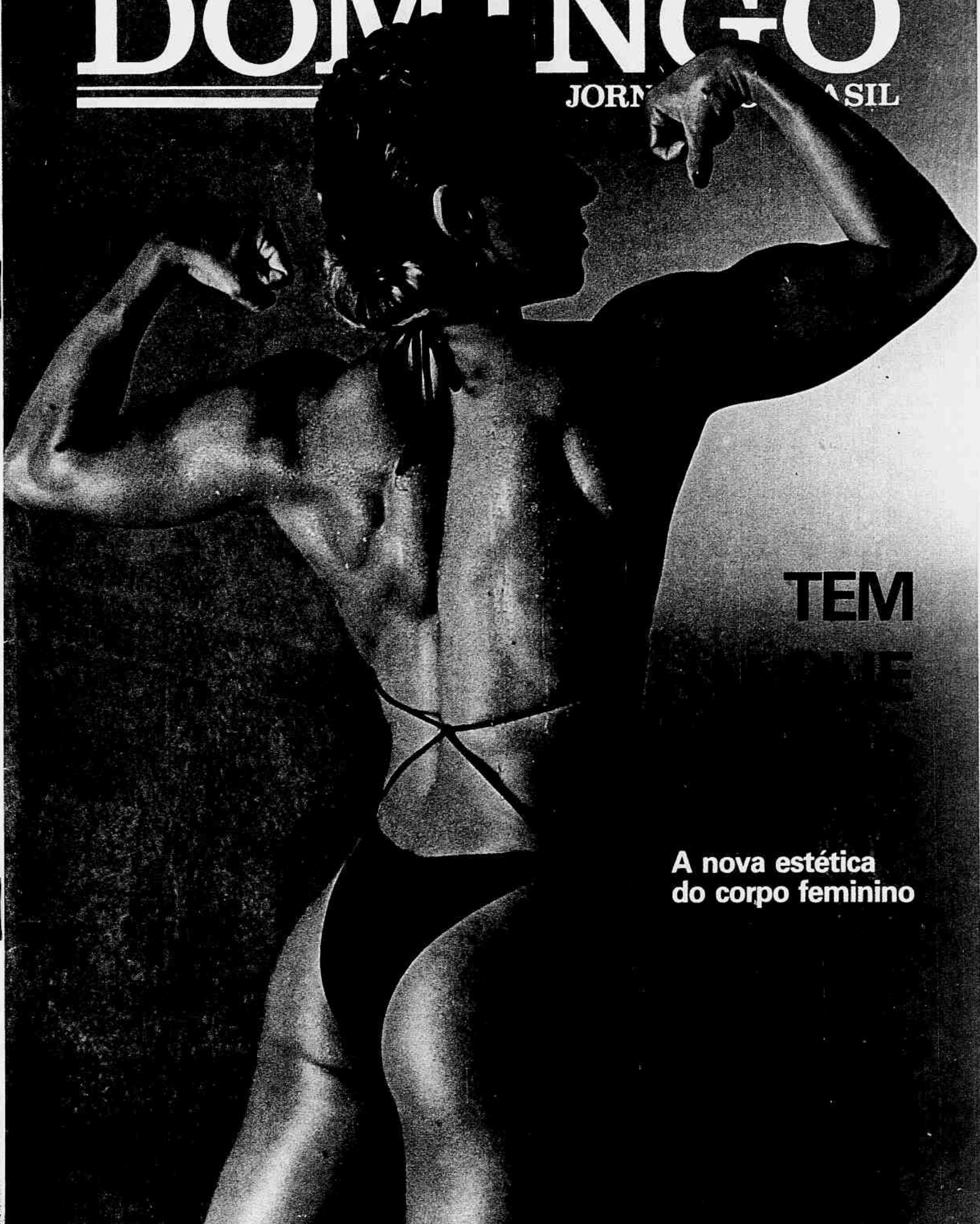
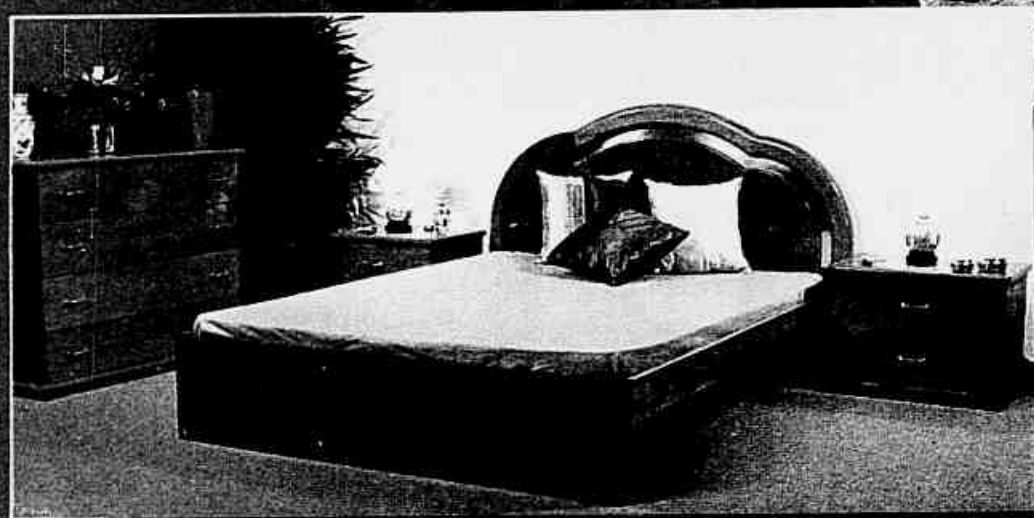
JB — Um projeto cultural para o Brasil de hoje esbarra em que dificuldades?

Portella — Nós não fechamos nossas contas com a modernidade; nem com a dívida externa nem com a modernidade. Esse salto pós-moderno é um salto difícil para quem não viveu, não esgotou, não levou até o limite de dificuldade a própria experiência moderna. Não é tarefa fácil. Uma coisa posso dizer: sem um projeto cultural altamente operativo, capaz de penetrar em todas as instâncias do poder, isso não se conseguirá. O projeto cultural não é só um problema de artistas, escritores, teatrólogos, cineastas. É também um projeto dos economistas, políticos, técnicos. Eu não agüento mais discutir inflação e dívida externa apenas. Este país não merece ser um país monotemático.

Ano 10, nº 494, 20 de outubro de 1985. Não pode ser vendida separadamente

DOMINGO

JORN… ASIL

TEM

A nova estética
do corpo feminino

sumário

Nº 494, 20 de outubro de 1985

Capa: Foto de Ricardo Malta/F4

Diretora
Maria Regina Brito
Editor
Artur Xexéo
Subeditor
Alfredo Ribeiro
Editora de arte
Vilma Gomez
Editora de moda
Iesa Rodrigues
Produtora de moda
Arliete Rocha
Fotografia
Agência F4
Repórteres
Antonio José Mendes
Helena Carone
Helena Tavares, Lucia Rito
Maria Silvia Camargo
Rose Esquenazi
Diagramadores
David Lacerda, Eliana Krajcsi,
João Carlos Gomes
Laerte Moraes Gomes
Colaboradores
Catarina Brust
Liliane Schwob
Regina Martelli
Gerente comercial
Fábio Matos
Redação
Av. Brasil, 500/6º andar
Tel.: 264-4422/Ram.: 410 e 497
Publicidade
Av. Brasil, 500/5º andar
Tel.: 264-4422/Ram.: 322
Composição e fotolito
JORNAL DO BRASIL
Impressão
JB Indústrias Gráficas S/A
Av. Suburbana, 301
Domingo é uma publicação da Editora JB. Não pode ser vendida separadamente.

Pecando na arte

Glauco Rodrigues trocou os índios, as araras e as frutas tropicais pelos sete pecados capitais. Ele está na pág. 6

Brazil com z

John Boorman, de **Excalibur**, fez no Brasil um filme que mostra nossos índios. Algumas cenas estão na pág. 14

Correndo para o sucesso

J. Ricardo tem 24 anos e é jóquei desde os 15. Há três semanas, completou duas mil vitórias. Seu perfil está na pág. 26

Mulheres de toga

Maria Lúcia Karam, é a juíza do Caso Baumgarten. Outras mulheres estão fazendo justiça. Conheça-as na pág. 30

Márcia Ramalho

Lucélia: a vez de Fulô

LYGIA PAPE

AS IDÉIAS DA ARTISTA EM BORRACHA E COBRE

Artista da linha experimental, integrante dos movimentos concretista e neoconcretista, pesquisadora incansável da linguagem, pioneira na utilização do cinema e do vídeo nas artes plásticas, Lygia Pape, dona de invejável currículo, está expondo na Galeria Arte Espaço, Rio, pela primeira vez comercialmente em sua carreira. "Dentre os artistas em circulação por aí", disse um dia o crítico Mário Pedrosa, "nenhum é mais rico em idéias do que Lygia". Essa mostra de apenas quatro obras em cobre e borracha, todas de grandes dimensões, confirma Pedrosa. "São experiências resultantes de uma nova pesquisa em meu percurso", conta a artista.

EDUARDO SOUZA RAMOS

NEGÓCIOS E ESPORTE, PAIXÕES COMPATÍVEIS

Nove vezes campeão brasileiro das classes Star e Soling, campeão europeu de Soling e sul-americano de Star, representante brasileiro no iatismo nas duas últimas Olimpíadas, Eduardo de Souza Ramos não limita suas atividades ao esporte. É, junto com o pai, o responsável por uma das maiores revendedoras de automóveis do país e também por um grupo paralelo de empresas em que se destaca a que produz os mais sofisticados veículos **fuori serie**, a SR. "Meus compromissos com a Abradif e com minhas cinco empresas não interferirão com a paixão pelo esporte", conta Souza Ramos. "Nas próximas Olimpíadas, eu estarei lá."

LUCÉLIA SANTOS

A BRASILIDADE CHEGA AO TEATRO COM A PROMESSA DE MUITA POLÊMICA

Depois de visitar só este ano oito países — China, Polônia, Canadá, Japão, Cuba, Venezuela, Itália e Estados Unidos — Lucélia Santos está de volta ao teatro. Estreou esta semana no Villa-Lobos, Rio, a peça **Tupã, a Vingança**, de Mauro Rasi. "O Brasil tem força, mas não é a que pensa ter. Temos todo um trabalho a ser desenvolvido em termos de cultura, economia e política", diz Lucélia. A atriz vai conseguir, enfim, dizer o que sempre quis dizer sobre o nível de desenvolvimento cultural no país que é negado. "O terceiro mundo sufocado, não desenvolvendo suas raízes, insiste em ser o primeiro mundo." Ela está mais que habilitada a fazer essas afirmações. Afinal, em **Tupã**, Lucélia vive a Nega Fulô, a própria personificação da brasilidade.

Lewy Moraes/F4

Lygia: arte experimental

Cynthia Brito/F4

Souza Ramos: duas paixões

Salomon Cytrynowicz/F4

Badin: malhando **no vídeo**

ELIZABETH BADIN

NO RIO, A NOVIDADE DA VIDEOGINÁSTICA: MALHANDO AO VIVO E NA TV

Salas de ginástica aeróbica, relaxante, de alongamento e de musculação, toda academia tem. Termas e bar com sucos naturais, comidas dietéticas e **boutique** com uniformes e acessórios, algumas poucas se dão ao luxo de oferecer. Mas a recém-inaugurada Equipe-1, coordenada por Elizabeth Badin, inovou: criou a videoginástica, que consiste num circuito de monitores de vídeo que exibem métodos desenvolvidos por especialistas famosos, como é o caso de Jane Fonda. "Além de permitir aulas personalizadas e um acompanhamento do desempenho do aluno", explica Elizabeth, "o sistema possibilita autocríticas por parte dos próprios alunos".

Vera Baungarten

Cláudia: cinema sem parar, a mil por hora

CLÁUDIA OHANA

AGORA, UMA AVENTURA POLÍTICA NOS ANDES

Durante mais de um mês, Cláudia Ohana viveu intensamente a Lu, sua personagem no musical **Ópera do Malandro**, papel para o qual teve que se preparar com aulas de canto e dança. Agora, encerrada sua participação no filme de Chico Buarque, dirigida por seu marido Ruy Guerra, Cláudia faz as malas para partir rumo à Argentina: vai filmar com Gilles Behat, ao lado de Bernard Giraudeau, a produção franco-argentina **Les Longs Manteaux**, aventura política inspirada na obra homônima de G. J. Arnaud. A atriz passa dois meses na província de Jujuy, ao Norte da Argentina, próxima à Cordilheira dos Andes, e mais um em Buenos Aires, filmando em estúdio. Em sua companhia, como fez quando rodou **Erêndira** na Colômbia, segue a filha Dandara, de dois anos. "Ela já estava sentindo saudades por antecedência", conta, "e além de tudo adora me acompanhar nos **sets**, mesmo que em filmagens noturnas."

ARTHUR MOREIRA LIMA

UM COQUETEL ORIGINAL DE MÚSICA NA TV

Os cabelos agora estão bem curtos, com um corte moderno. Mas as novidades na vida de Arthur Moreira Lima não ficam por conta do novo visual. Transbordando talento, o pianista prepara-se para enfrentar no vídeo do Canal 6, do Rio, um novo desafio — o comando de um programa musical semanal a partir de novembro. "Tudo será agradável", garante o artista. "Vou mostrar um programa de qualidade que usará uma fórmula simples — misturar o erudito com a popular." Cansado de executar apenas o lado ortodoxo de sua carreira, Moreira Lima quer experiências novas: "Não vou me deixar levar pela ditadura do Ibope. Vou fazer na TV Manchete o que não poderia jamais fazer na TV Globo, por exemplo. É isso que me anima demais agora."

Rede Manchete

Moreira Lima: música e TV

Ricardo Pimentel

Sonia: criatividade total

SONIA PALOMBINI

ENGENHO E ARTE EM "DESIGN" COM PEDRAS

Inovar sempre foi uma constante na carreira de **designer** de Sonia Palombini. Dosando com engenho criatividade, bom gosto, originalidade e pesquisa, ela consegue resultados extraordinários com seus móveis. Ano passado, por exemplo, lançou uma linha de mobiliário em bambu e este ano está apresentando peças em pedra, desenhadas e montadas por ela própria. São móveis de forte impacto visual e funcionalidade, que fazem com que, em lugar de se harmonizarem com a decoração do ambiente, acabem se tornando o centro da decoração.

O vício de Glauco

Lucia Rito

Pintor há 40 anos, Glauco Rodrigues expõe **Os Sete Vícios Capitais** no Rio

Os índios, as araras, os passistas de escola de samba e as frutas tropicais que nos últimos 20 anos marcaram o trabalho do pintor Glauco Rodrigues foram arquivados temporariamente. Nos últimos seis meses, ele dedicou-se a estudar a noção de pecado, leu uma dezena de livros sobre o assunto e chegou a pesquisar o trabalho de artistas da Renascença para encontrar o que queria. O resultado é a exposição **Os Sete Vícios Capitais** que a galeria Estampa mostra a partir da próxima quarta-feira. "Depois de tanta pesquisa, concluí que nada é pecado", diz o artista. Os sete quadros — Cr$ 20 milhões cada — são coloridíssimos e a cor ocupa toda a tela, uma novidade para um pintor que sempre deixava o fundo branco para destacar suas figuras. "O que faço hoje é pós-moderno", analisa o artista. "Porque falo de coisas do passado de olho no futuro."

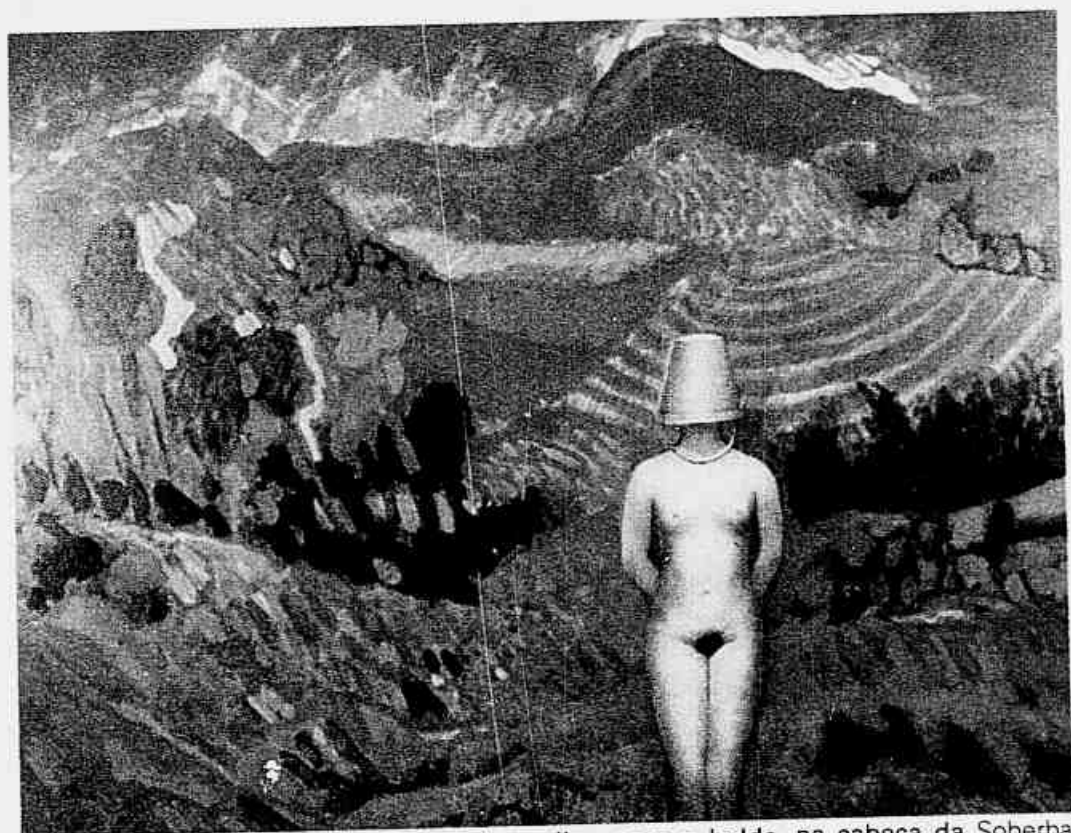
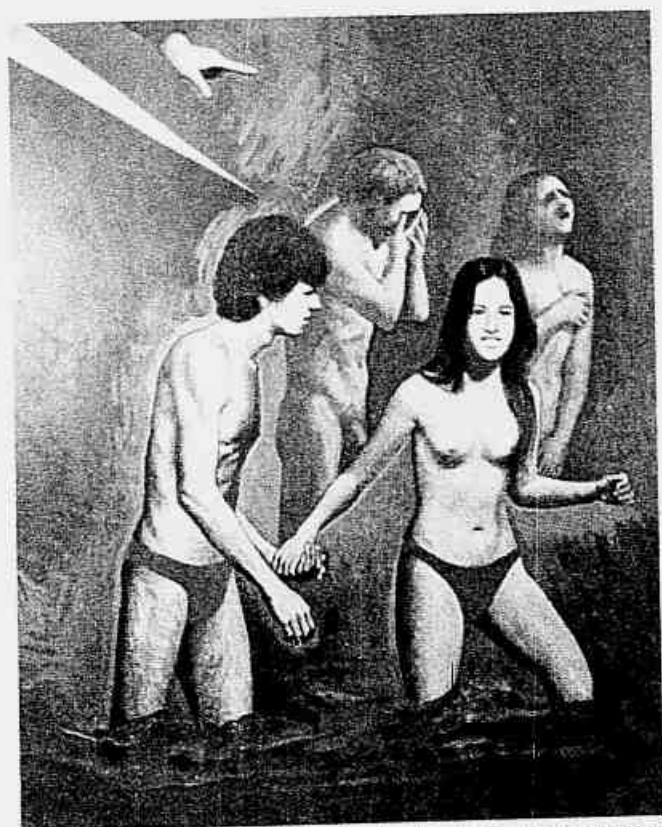
A idéia de pintar os pecados ou os vícios surgiu no ano passado depois que Glauco fez um quadro sobre carnaval chamado **Lascívia**. "É uma palavra forte que me fascinou e pensando nela cheguei ao sinônimo — luxúria — e veio a vontade de fazer uma série sobre os célebres pecados capitais". A paritr daí, Glauco mergulhou em enciclopédias, leu livros de Alceu Amoroso Lima e, pesquisando os artistas que já tinham pintado sobre o tema, chegou a Hieronymus Bosch, ao veneziano Piazzetta e ao italiano Masaccio. Todos eles podem ser reconhecidos nos **Sete Vícios**, de Glauco, em pequenas citações, uma espécie de marca registrada da obra do artista desde 1970, quando leu o **Manifesto Antropofágico**, de Oswald de Andrade, e aprendeu "que as influências de fora são bem-vindas se forem bem digeridas". Como em trabalhos anteriores, apareceram nos quadros de Glauco pedaços de Portinari, Almeida Jr, Debret e Tarsila do Amaral. Na atual exposição há um toque de Piazzetta, na Santa Teresa que aparece em **Luxúria**, uma expressão de Masaccio no quadro que retrata a **Ira** e ainda a odalisca de Ingres. Assim como na **Avareza** há elementos do tarô, como o diabo hermafrodita.

Organizadíssimo no seu trabalho, Glauco costuma, antes de pintar um quadro, refletir sobre ele. Escreve palavras soltas numa folha de papel, fazendo analogias, e indicando em pequenos rabiscos as cores que combinam com o que quer dizer. A **Luxúria**, por exemplo, tem o vermelho predominando. Lembra lascívia, sensualidade, e mereceu, nas anotações de Glauco, uma lembrança ao poema **Lux, Calme et Volupté**, de Baudelaire. Assim, quando se aproxima do cavalete, o artista já tem o quadro praticamente pronto na cabeça. Duas semanas antes da exposição, por exemplo, ele só tinha pintado cinco dos **Sete Vícios Capitais**. Mas estava tranqüilo. Faltava a **Inveja** e a **Preguiça**. "Mas eles já estão prontos, é só passar para a tela."

Glauco Rodrigues tem 56 anos, é gaúcho de Bagé e pinta desde 1945. Freqüentou por pouco tempo a Escola de Belas-Artes no Rio, mas diz ser um autodidata. No início, pintava paisagens, naturezas mortas. Depois, passou para a abstração. Mas só quando voltou ao Brasil, após morar três anos em Roma — de 62 a 65 — começou a se preocupar em mostrar na sua pintura os traços mais significativos da cultura brasileira, pesquisando índios e tudo que cheirasse aos trópicos. Há quatro anos sem expor no Rio, seu último trabalho — **No País do Carnaval, Homenagem a Tarsila** — foi para a galeria Arte Gávea. Eram quadros tropicalistas, com araras, cajus, sambistas e uma imagem de São Sebastião. "Houve uma época em que eu só pintava com as cores da bandeira brasileira." Pareciam colagens e na opinião do pintor foram muito influenciados pelo seu trabalho como paginador e ilustrador da revista **Senhor**, no final dos anos 60. "Eu olhava para as telas como se fossem folhas brancas que precisava preencher com textos, fotos e legendas. Por isso o branco aparece como fundo na maior parte da minha produção."

Outro dom de Glauco é o de fazer retratos com paixão. Ele costuma passar o final de semana com os interessados "para apreender a personalidade e sentir o retrato". Depois fotografa a pessoa e só mostra o quadro depois de pronto para evitar interferências. As reações são as mais inesperadas. Gilberto Chateaubriand disse um palavrão, de tão feliz que ficou com o dele. Tônia Carrero se encantou com as lâmpadas que piscavam na moldura, ao lado do seu rosto. Como reagirá o público aos **Sete Vícios Capitais** de Glauco? D

Fotos de Salomon Cytrynowicz/F4

Glauco pinta todo dia

A sensualidade da Luxúria, lembranças da Renascença na Ira e o surrealismo da mulher com o balde na cabeça da Soberba

Humor impiedoso

Cenas de ciúmes, destruição, egotrip e paixão. No palco, uma turma de velhos amigos.

Falabella e Bia Nunes, um casal padrão

Ricardo Azoury/F4

"Não fazemos besteirol nem abobrinha", avisa o autor Mauro Rasi referindo-se a uma terminologia muito em moda para definir certo gênero de produção cultural dos últimos tempos. Ele fala de **Batalha de Arroz num Ringue para Dois**, sua peça com estréia marcada para o próximo dia 31 no Teatro de Arena. Podem não fazer em cena, mas como falam abobrinha! O clima do grupo — formado por Bia Nunes e Miguel Falabella, os dois únicos atores do espetáculo, Mauro Rasi e o diretor Paulo Reis — é de uma brincadeira só. Afinal, além de serem "como uma família", da mesma geração teatral e mais ou menos da mesma idade (que Miguel não conta), são amigos há muitos anos. Bia Nunes e Miguel, "da época do Andrews". Miguel e Mauro Rasi, há três anos, desde que, numa "conversa num cabeleireiro", descobriram afinidades. Paulo Reis também é amigo antigo. Em duplas ou trincas, eles já fizeram vários trabalhos. Como **Tamanho Família**, seriado da TV Manchete (para o qual Mauro e Miguel escrevem e Paulo Reis dirige) e **Tupã, a Vingança**, direção de Falabella e texto de Mauro Rasi que estreou quarta-feira no Teatro Villa-Lobos. Mas, apesar das afinidades, somente agora reúnem todas as energias.

Conhecido pelo humor de **A Direita do Presidente**, **As Mil e Uma Encarnações de Pompeu Loureiro** e **Doce Deleite**, Mauro Rasi imprime esta mesma marca em **Batalha de Arroz**. O humor bem próximo do dia-a-dia e dos sentimentos comuns à maioria das pessoas. Nesta **Batalha**, Miguel e Bia vivem a vida de um casal "comum", que, terminando e começando sua relação numa Igreja, passa por vários momentos de ciúmes, destruição, **egotrip** e paixão. "Fazemos um casal clichê, padrão, onde não importam idades ou épocas, os problemas são os de base, os mesmos que todos enfrentam", diz Bia. E, apesar de todo deboche, o texto mostra muito do cotidiano por vezes insuportável da vida a dois, mas sempre prevalece o humor e a ironia. E a total falta de piedade pelo lado ridículo de todos nós. D

Sarouel

CANTÃO PROJETO GRAFICO   FOTO ISABEL GARCIA

SAROUEL
VÁRIAS INTERPRETAÇÕES DE TECIDOS, CORES E MODELAGENS.

LANÇAMENTO CANTÃO 85

O legado de Ana C

Rogério Carneiro/AIÉ

Dois anos após sua morte, inéditos de Ana Cristina Cesar

Há seis anos, quando foi estudar em Londres, Ana Cristina César chamou o amigo Armando Freitas Filho a sua casa. Ali, mostrou-lhe caixas de poesias que guardava embaixo da cama e fez-lhe um pedido: "Se acontecer alguma coisa comigo, pegue isto tudo e faça o que quiser. Pode até botar fogo". Depois disso, muita coisa aconteceu com Ana Cristina. Recebeu o título de Master of Arts na Universidade de Essex; na melhor tradição da literatura de mimeógrafo, publicou o livro **Luvas de Pelica** na Inglaterra; trabalhou na TV Globo analisando textos para novelas; mas, principalmente, transformou-se na poeta mais promissora do país ao publicar **A Teus Pés**, em 1982, revelando a um público maior a sensibilidade da misteriosa Ana C. Era assim que assinava seus escritos. Armando não tinha o que fazer com as caixas de Ana C até dois anos atrás quando ela encerrou seu percurso poético, aos 31 anos, atirando-se do sétimo andar de um edifício em Copacabana. Armando, enfim, recolheu as caixas e, sabiamente, não as queimou. Durante um ano, selecionou o que achava melhor compondo o livro **Inéditos e Dispersos** que a Brasiliense entrega às livrarias nesta semana.

"Ela guardava tudo que escrevia em cadernos mais ou menos organizados", relata Armando. No livro, há desde o poema **Esvoaça...Esvoaça**, feito aos 11 anos, até um texto escrito no hospital, quando se recuperava de uma primeira tentativa de suicídio, 12 dias antes de sua morte. Ainda estão no livro desenhos e fotos de Ana Cristina organizados por Cecília Leal e o fac-símile de um manuscrito de Carlos Drummond de Andrade, dedicado a ela, escrito após sua morte. Ana Cristina alternava ocasiões em que adorava Drummond com outras em que o rejeitava. Morreu reconciliada com a arte do poeta. "Volto pra você. Sempre estive aqui. Nunca me afastei do ouro de Itabira", registrou em seu último poema. Armando pretende ainda publicar dois livros com trabalhos da amiga: a tese de doutorado em Essex sobre a escritora Emily Dickinson e o material que ela fez para a imprensa. "Que importa a má fama depois que estamos mortos?", indagava-se Ana Cristina no hospital. Nada, pode-se responder. Mas **Inéditos e Dispersos** só ajuda a fazer brilhar mais ainda o talento de Ana C.

POESIA DE 1º DE OUTUBRO

Meu coração está batendo pelo teu...
Odeio este jornal que me separa de ti
Me separa de ti...
Me separa...

Gosto da minha mão quando há um elástico no punho.
Ou mesmo um barbante branco,
Esfiapado,
Desses que os padeiros usam para embrulhar
O pão.
Então os meus dados ficam longos e repousados
E parecem não dizer nada
Rindo-me de dentro de um silêncio que me apraz.

Baixa teu jornal, homem!

(outubro, 67)

SONETO

Pergunto aqui se sou louca
Quem quem saberá dizer
Pergunto mais, se sou são
E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar
E finjo fingir que finjo
Adorar o fingimento
Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores
Quem é a loura donzela
Que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?

(outubro, 68)

RICAS E FAMOSAS

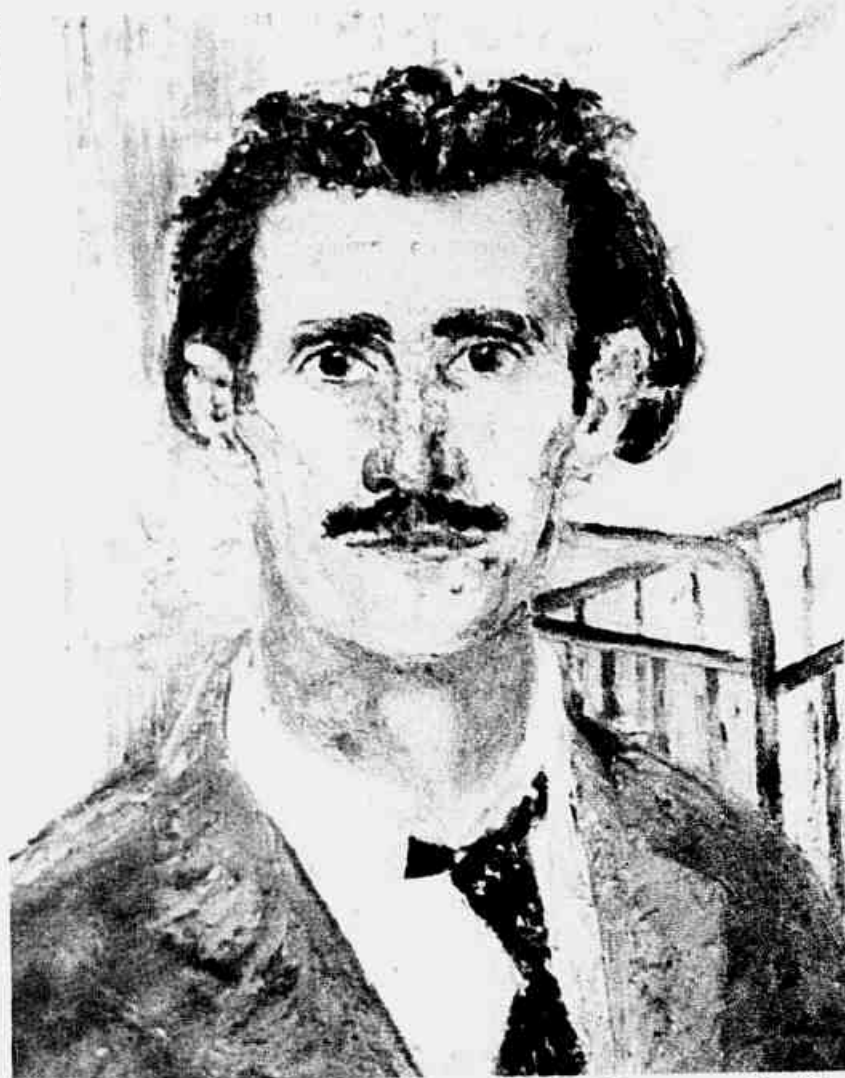
Estou trêmula porque não cabe no tempo
trêmula — porque não cabe — no tempo
que não te oferto
habito a casa de quando em quando
meu bem: a visão da janela escapa
não te oferto
Não, não é diante da janela
que falo
Não é diante da janela que te falo.
Não recito para os pássaros.
Não é o que se diga.

"Não adianta"
Antes havia o registro das memórias
cadernos, agendas, fotografias.
Muito documental!
Eu também estou inventando alguma coisa
para você.
Aguarde até amanhã.
Uma vez ouvi secamente o chega pra lá
e pensei: o mundo despencou
quem teria a chave?
Chamem os bombeiros, gritou Zelda.
Alegria! Algoz inesperado

(penúltimo poema)

Segunda noite decente. Banho e depilação com A. Maria. Rejane chegou para a hora do almoço. Troca de quarto exaustiva. Grażyna apareceu. Lucia também passou na hora do almoço, quando D. Orquídea, a terrível (agora sei história trágica da vida dela, os gêmeos inaptos). Com Rejane o tempo foi devagar, eu queria ficar deitada, Rogério chega com hálito de pingue-pongue e sou acometida de desejo de mascar um também. Vamos ao botequim comprar chicletes em profusão, ler jornal no pátio. (1ª página e Zózimo, e olhe lá), jogar na loto. Mamãe aparece pela 2ª vez, e sobem os grilos com ela, se ao menos minha memória estivesse melhor... **Reconstituir o elo perdido.** Tanto mais cedo com Rogério, que conta um pouco da vida dele. Estou exausta, ele ainda está aqui, vai chegar a enfermeira da noite às 8. Com Grażyna é bom mas agitado. **Preciso ir muito devagar**, mas a pressa de ficar bem me atrapalha.

(último texto, 17 de outubro de 83)

"Dá para pregar meu netinho na parede?"

Auto-retrato de Bakun, que se suicidou aos 54 anos em Curitiba

Um espírito baixa na tela

Podia ser mais um filme sobre a biografia de um pintor obscuro porém talentoso, como dezenas de outros já feitos para resgatar a memória de um artista para o grande público. Mas o cineasta catarinense Silvio Back, 47 anos, 30 filmes, entre eles **Aleluia Gretchen, Vida e Sangue de Polaco** e **República Gurani**, fugiu do esquema tradicional. Para fazer o documentário sobre o pintor Miguel Bakun — que se suicidou em 1963 em Curitiba — ele escolheu a médium curitibana Walkiria Kaminski, "especialista" em receber o espírito de suicidas, como o de Van Gogh e Modigliani. Assim, o **Auto-Retrato de Bakun** — que a partir dessa terça-feira entra em exibição no cinema Cândido Mendes e viaja por todo o Brasil em circuitos alternativos além de revelar a obra do pintor mostra detalhes impressionantes de sua vida contados por ele mesmo nas 10 sessões de mesa branca que Walkiria fez para a equipe. Uma das cenas mais fortes mostra o desespero de Bakun na hora de sua morte. "Ele se arrependeu durante o enforcamento e tentou voltar atrás", conta Back, "Mas não deu tempo."

Como Bakun, Silvio Back é descendente de rutenos — o povo eslavo que vivia na fronteira da Tcheco-Eslováquia, Hungria e União Soviética — e se identificou com o pintor na forma operária de lidar com seu ofício. "Bakun dava o mesmo peso à pintura de geladeiras, paredes ou telas", conta o cineasta. "Quando soube da sua morte, eu tinha 25 anos, estava fazendo meu primeiro filme e a atitude dele me influenciou ao criar filmes encomendados ou de

autor." Durante duas décadas, a idéia de fazer um filme sobre Bakun perseguiu Back, mas só no ano passado ele conseguiu a verba de Cr$ 45 milhões da Embrafilme e da Secretaria de Cultura do Paraná para rodar em 10 dias o documentário. O filme ganhou três prêmios no ano passado: o Glauber Rocha, na XII Jornada Brasileira de Curta Metragem da Bahia; Melhor Fotografia no Festival de Caxambu; e Menção Especial do Júri no I Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro.

Materialista, Back achou que a vida de Bakun só poderia ser filmada se fosse ressaltado o seu lado místico, presente nas 800 telas que deixou, onde rostos e corpos humanos aparecem no meio de florestas de araucárias. Além da médium Walkiria, que sem conhecer o pintor imitou sua assinatura para os incrédulos, e revelou detalhes inéditos que o cineasta confirmou posteriormente com a família, o pintor Nelson Padrella participa do filme como "cavalo", recebendo o espírito de Bakun.

Walkiria Kaminski, em 10 sessões espíritas, revela fatos inéditos de Bakun, um místico que pintava paisagens, e o revive num filme.

Em cima, Powers Boothe (o engenheiro) e a ex-Miss Filipinas em ação; embaixo, Charley Boorman

Lendas e cascatas da selva

Chega ao Brasil o filme que John Boorman rodou em Belém sobre nossos índios e matas

Um engenheiro americano chega a Belém, com a família, para orientar os trabalhos de construção de uma barragem. Logo em seus primeiros dias no Brasil, ao fazer um piquenique na beira da Floresta Amazônica (!), seu filho Tommy, de uns oito anos de idade, é raptado pelos índios. A barragem demora 10 anos para ficar pronta. Durante todo este tempo, o engenheiro vai dividir sua vida entre o trabalho e a tarefa de procurar o filho na floresta.

É claro que é um filme. Mas, por incrível que pareça, inspirado em fato real. Esta história persegue o cineasta inglês John Boorman (diretor de **Amargo Pesadelo e Excalibur**) há uma década. A notícia de jornal relatando o drama real foi mostrada a ele por seu roteirista Rospo Pallemberg. Nela, o engenheiro encontrava o filho perdido. Mas preferia deixá-lo com a tribo que o adotou e que se tornara sua verdadeira família. Boorman nunca quis pesquisar o fato verídico. Preferiu apostar na fantasia e, no ano passado, desembarcou em Belém para filmar **A Floresta das Esmeraldas** (**The Emerald Forest**). O resultado foi visto em **prèmiere** mundial no encerramento do último Festival de Cannes. Já foi lançado na Europa e nos Estados Unidos com boa carreira comercial e boa acolhida da crítica. Um dos membros da equipe brasileira, o autor da trilha sonora Carlos Homrich Jr, é constantemente citado como candidato ao próximo Oscar. No final da semana que vem, enfim, os brasileiros poderão conhecer o Brasil de Boorman com a estréia do filme em circuito nacional.

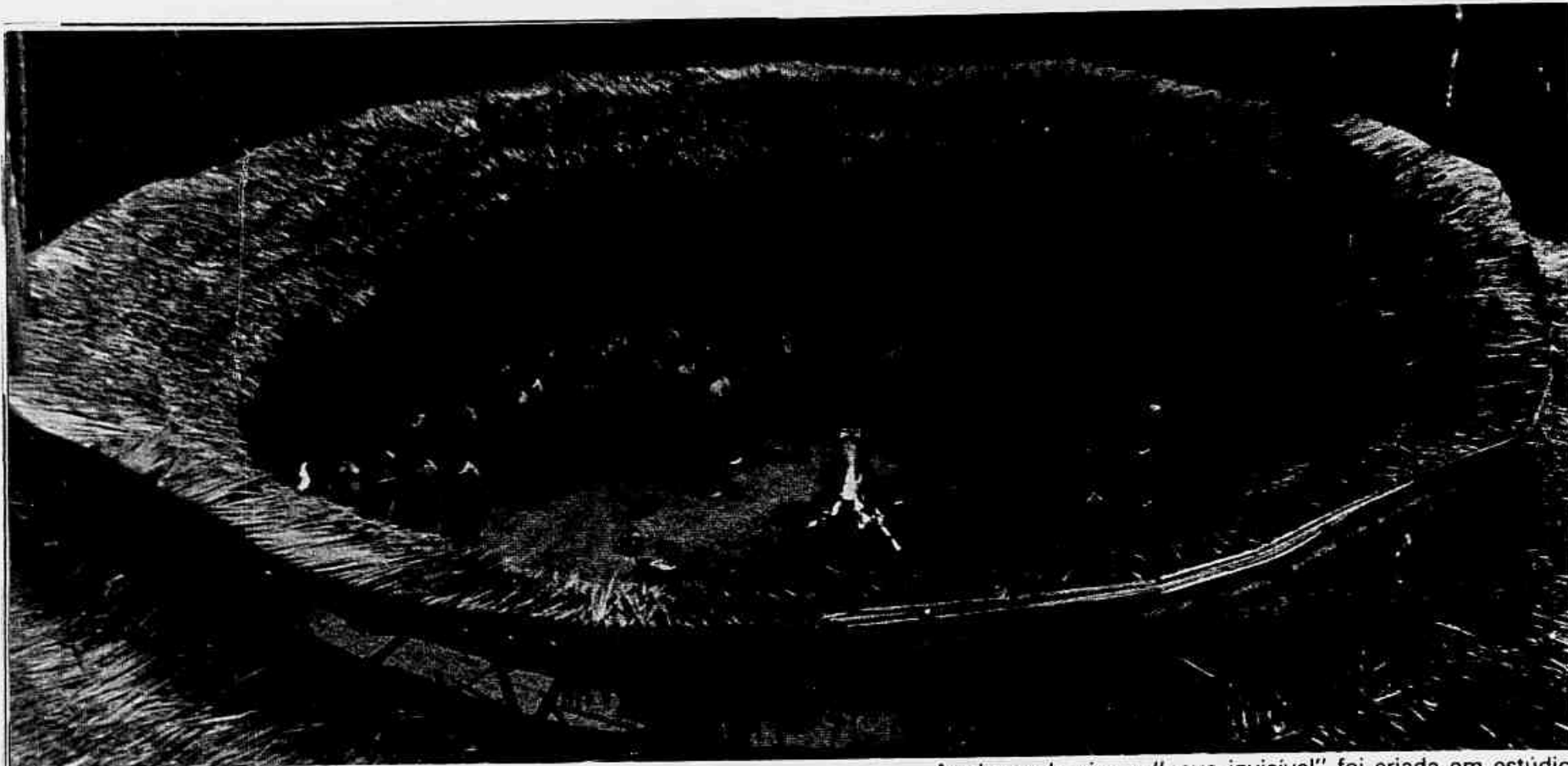
Não adianta muita expectativa. Mais uma vez prevalece o exotismo. Mais justificável ainda numa história que trata de índios e Amazônia. **A Floresta das Esmeraldas** é apenas mais um filme de aventuras. Daqueles dos velhos tempos com índios bons e índios maus travando contato com brancos bons e brancos maus. Mas a história maniqueísta de Boorman é, principalmente, um pretexto para se exibir uma Amazônia que ainda não tinha sido mostrada pelo cinema. Quase irreal de tão bonita.

"Cinema é detalhe e tudo que se passou na frente e atrás das câmeras sai como que refletido na tela quando o filme fica pronto", acredita Roberto Faissal Jr, que fez as fotos de cena do filme, elogiando o fotógrafo Philippe Rouselot. A fotografia de Rouselot, aliás, é das maiores responsáveis pela carga exótica que o filme transmite.

Exotismo por exotismo, Boorman tem aproveitado para explorar os trópicos em suas entrevistas no exterior.

Fotos de Roberto Faissal Jr e Art Filmes

Os ritos tribais foram recriados por José Possi

Uma visão paradisíaca da vida indígena

A taba onde vive o "povo invisível" foi criada em estúdio

"Na tribo onde estive para as pesquisas, uma reserva chamada Xingu, o chefe, Takuma, tinha uma visão muito clara das pessoas", contou à revista francesa **Première**. "Ele me fez compreender um monte de coisas que me ajudaram a fazer o filme. O personagem do pai-índio de Tommy é muito inspirado nele".

O pai-índio de Tommy é vivido por Ruy Polanah, ator facilmente encontrável nas noites do Baixo Leblon. Como ele, quase todos os outros 134 atores que formavam as tribos nunca pisaram numa reserva indígena. Foram arregimentados pelo diretor de teatro José Possi até entre alunas do Teatro Tablado. "Foram nove meses de trabalho pesado. Além de arregimentar os artistas, tive que fazer o trabalho de corpo com gente que não era nem índio, nem ator, nem bailarino", conta Possi. "Levantei o repertório de movimento para dança o mais próximo possível daquele dos indígenas". Quando assistiu ao filme, Possi ficou decepcionado. "Na edição, o lado da dança **dançou**. No ritual de iniciação de Tommy — que foi um trabalho difícil de dança com o ator — só ficaram movimentos que parecem de macumba".

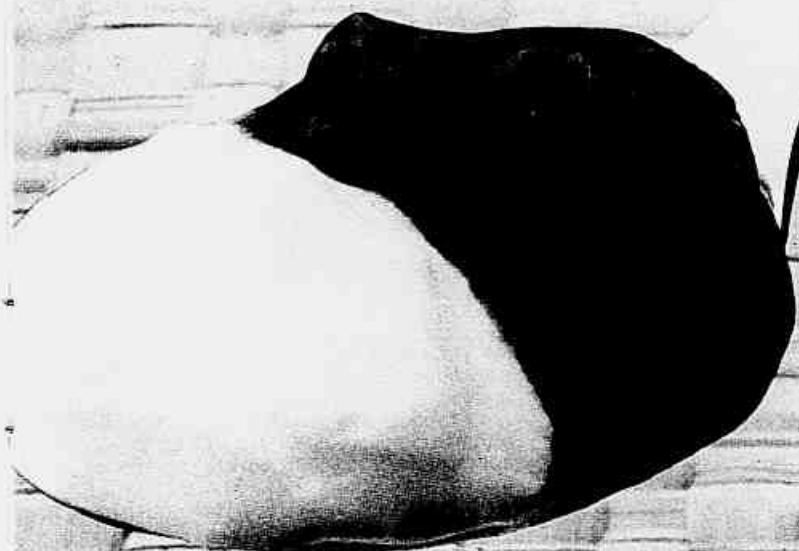
Quem interpreta Tommy é Charley Boorman, filho do diretor. Louro de olhos claros, ele convence como o menino americano criado entre os índios. E apesar de o elenco só contar com uma dezena de índios originais — assim mesmo aculturados — nenhum espectador estranha ver uma ex-Miss Filipinas (trazida pelo próprio Boorman para as filmagens) vivendo uma desinibida integrante do "povo invisível", os índios bons da fita. Estranhas mesmo são as descrições de Boorman de sua experiência no Brasil. "Numa tribo, não existe mentira", tem ensinado aos europeus.

Boorman está preocupado: "As pessoas não têm consciência da gravidade que representa o desmatamento da Amazônia"

Boorman tem divulgado seu orgulho em realizar um filme em locais "onde nenhum ser humano tinha posto os olhos". Sua equipe brasileira, porém, acha a expressão um pouco exagerada. **A Floresta das Esmeraldas** foi filmada, em parte, em Parati e em Itatiaia. E as cenas tomadas na Amazônia não foram muito afastadas de grandes centros. "Nos 45 dias em que trabalhei no filme, a gente trabalhou numa reserva florestal da Embrapa, a meia hora de Belém", conta a figurinista Lucia Cunha, que já tinha participado de outra visão exótica do Brasil quando filmou com Stanley Donen a comédia **Blame It on Rio**. "A taba da tribo principal foi feita em estúdio", conta José Possi. " Estivemos num lugar mais aprofundado na floresta Amazônica, mas não teve nenhum lance de perigo. No máximo, uns rastros de onça", acrescenta ele.

Os dois ficaram com a mesma visão do cineasta. "Achei-o interessante, instigante", atesta Possi. "Da equipe inglesa, era o mais inteligente", continua Lucia. "É um obsessivo e excelente diretor de atores. Além disso, muito gentil." Mas Lucia também se decepcionou com o filme nas telas. "É bem-feito, bem-acabado, mas tem uma escorregada. No final, o branco é quem tem o poder de salvar. Acho que passa um colonialismo velado muito perigoso. É um pouco como Cousteau procurando o boto cor-de-rosa."

Boorman deixa claro no filme sua preocupação com a devastação da Amazônia e com o desaparecimento dos índios: "A beira do mundo está cada vez mais perto", constata o pai-índio de Tommy quando consegue avistar as obras da barragem. E, propositalmente, o cineasta realizou um filme de aventuras que não é melodramático ao tratar dos personagens e chega a ser frio nas cenas de ação. "Quis tratar o problema de forma objetiva", justifica. "Não queria que o público ficasse com pena dos personagens. Meu desejo é que a platéia perceba o problema daquela floresta. As pessoas não têm consciência da gravidade que representa o desaparecimento da Amazônia, para os que vivem lá e para nós. Antes de ser um deserto, o Saara também foi uma floresta."

Verdade seja dita, em termos de preocupação com a Amazônia, é a maior superprodução já realizada. O ator Mário Borges, que interpreta um engenheiro que quase não aparece na montagem final, ficou impressionado com a chuva artificial que os técnicos estrangeiros prepararam em estúdio para as cenas finais. "E isto logo em Belém, onde chove de verdade todo dia." Ⓓ

Novo Chamour.

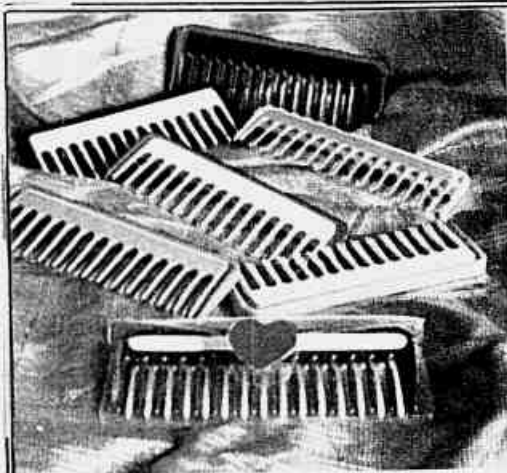
Mais bonito por fora.
Mais gostoso por dentro.

Chamour mudou por fora: ganhou uma nova embalagem, ficou muito mais bonito.
Chamour mudou por dentro: está agora muito mais gostoso.
Queijo cremoso feito com o puro leite Nestlé e goiabada fresquinha.
A combinação é perfeita, deliciosamente caseira.
Experimente o novo Chamour.
Você vai adorar essa novidade da Chambourcy.

chambourcy

Natureza e frescor.

EM FOCO

Tels: **293-0203 e 273-1713**

BEM BOLADO

Pente Regulável "**COLLECTOR**" um novo lançamento de **Roland Sasson.** Penteia e Desembaraça. Amplo sortimento de cores e combinações. Apresentado em Prático e Bonito Estojo, que pode ter a sua GRIFFE impressa.
O Pente Regulável "**COLLECTOR**" fará a sua cabeça neste Verão. "**collector**" **Av. Armando Lombardi, 800 s/311 - Barra da Tijuca. Tels.: 399-1673 e 399-6044.**

BONECAS ANTIGAS

Agora você já pode vender sua Boneca Antiga a uma colecionadora que vai cuidar dela com todo carinho. **Iracema** compra bonecas e bebês com a cabeça de **Biscuit** e sabe dar valor ao que você guardou por tanto tempo. Você pode encontrar a Iracema na Como Antigamente no Largo do Machado, 29 - s/lj. 262 - Galeria Condor ou nos tels. 225-5506 e 205-6563 (resid.).

HERPES — VACINAS QUEDAS DE CABELO

Herpes, acne, alergia respiratória (asma), bronquite. São diversos problemas que a **CLIVAL** está solucionando através de vacinas dessensibilizantes. A **CLIVAL** comunica ainda que diversas novidades vem sendo pesquisadas e uma delas virá atender aos problemas de queda de cabelo, trata-se da solução de **MINOXIDIL** cujos resultados vem sendo bastante animadores. Rua Santo Afonso, 110 Gr. 705 — Tel.: (021) 264-5046 ou na Zona Sul Tels.: 235-5135 ou 255-6077.

ACALANTO 15 ANOS

ACALANTO Creche-Escola prepara-se para comemorar seu 15º ano de funcionamento em 1986. Desde os 6 meses aos 6 anos, em pequenas turmas e muito espaço, com maternal, jardim, classes preparatórias e de alfabetização, tudo a cargo de pessoal especializado. Horários parciais ou integral, conforme a conveniência dos pais, complementados com natação, ballet, capoeira, excursões e inúmeras outras atividades. Reservas para 1986 podem ser feitas desde já. Informações: Rua Visconde de Caravelas 12 ou 29 - Botafogo. Tels.: 266-0623 e 226-7823.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

A DOAREL JÓIAS está comprando ouro, jóias antigas e modernas, art nouveau, at decô, brilhantes e relógios de ouro Rolex, Patek Phillipe, Vacheron-Constantin, etc. As compras são feitas somente na loja da **Rua Barata Ribeiro, 473-A (Galeria Menescal) — Copacabana.**

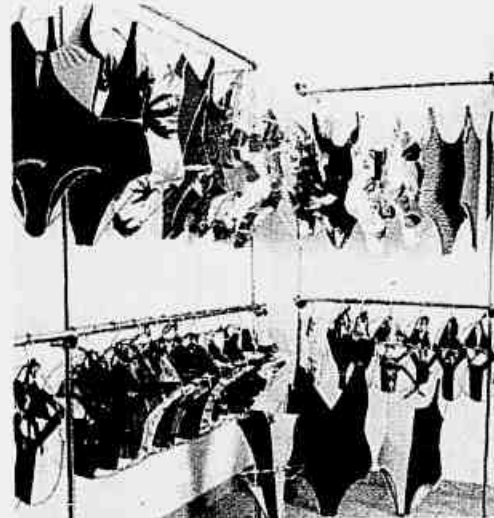
MANCHAS JAMAIS!

Scotchgard, o impermeabilizante invisível, não deixa que a poeira e líquidos derramados penetrem em seus estofados. Chame a **Apligard, Rio: R. Visc. de Pirajá, 156 s/lj. 212 - tel.: 287-4690. Brasília: tel.: 223-1104.**

MANHÃ DE PRIMAVERA

No Centro da Cidade a natureza e o bom gosto conquistaram um novo espaço. A **ARTESANATO CARAMINGUA** tem arranjos e plantas naturais desidratadas e flores nobres e artesanais em uma variada seleção de vasos em Laca. O pagamento é facilitado e o atendimento é o mais simpático da Cidade. A Caramingua artesanato e decorações, tem ótimos planos e projetos para condomínios. Faça uma visita. Av. 13 de Maio, 33 - Lj. 102 - térreo - Centro. Tel.: (021) 220-8088.

JÓIAS EM PRATA 950 - CRIAÇÕES EXCLUSIVAS

Atacado da fábrica para revendedores e lojistas
Copacabana — RJ — Rua Santa Clara, 33 Loja 521 — Tel. (021) 255-7933
Centro — RJ — Rua Gonçalves Dias, 89 Sala 608 — Tel. (021) 232-1585
Petrópolis — Rua Tereza, 217 Loja 5 — Tel. (0242) 438175
Obs.: Fornecemos para todo o Brasil

CLIMA TROPICAL

Animados pela idéia de fazer uma moda tropical, a FABRICA NATUREZA criou bikinis, maiôs, collants, meias para ginástica, bermudas e shorts, perfeitos para a praia, piscina ou o que você imaginar, agora lançando para todo o Brasil a linha praia que vai mexer com vocês. Fábrica Natureza, Pronta Entrega: Niterói - R. Santa Rosa, 20 - S/Loja 202 - Tel.: (021) 711-1792 - também aos sábados das 9 às 13 h.

CODADO - EXAUSTAR
A COIFA HONESTA

Resolva o problema de poluição em sua cozinha. Instale uma **COIFA CODADO - EXAUSTAR.** Em várias cores ou em aço inox. Vendas, instalações e assistência técnica. Matriz: Av. Paulo de Frontin, 269. Filial: Rua Dr. Satamini, 161 - Loja C - Tels.: 273-3541 e 264-9149.

CONFECÇÕES EM ALTA

Os alunos do curso de **Ubirajara Fidalgo,** modelista e estilista dinâmico, contando com a opção de saber interpretar e modelar para confecção de roupas, agora se espalham por todo o País, abrindo pequenas fábricas ou conseguindo emprego, o mesmo caminho você poderá seguir, fazendo o curso intensivo de modelagem industrial em duas semanas, com dez aulas em 4 horas de duração e aprende-se toda a técnica para tecido, malha e lycra. **Próximas turmas dia 04/11 - manhã, tarde, noite e aos sábados. R. Siqueira Campos, 143 - loja 118 - térreo - Shopping Center de Copacabana. Tels.: 255-9192 e 542-4943.**

BRINDES

AGATHA

LATINHA
CIGARREIRA
LANÇAMENTO

AGENDAS
CANETAS
CHAVEIROS

Fone: 248-9521

PRÉ-ESCOLAR - 1º GRAU 2º GRAU - PRÉ-VESTIBULAR

Há 15 anos o **Colégio Regente**, sob a Direção Geral do Prof. Walmy Figueiredo, vem desenvolvendo um trabalho educacional de primeira linha, que se inicia no pré-escolar e vai até o pré-vestibular, incluindo-se aí, além dos Cursos regulares, o 2º Grau pelo sistema de matrículas por disciplinas. Matrículas para 85 e reservas para 86. **R. Pereira de Almeida, nº 6 tel. 273-2991 — Praça da Bandeira e R. Paula Brito, nº 50 tel. 268-0746 — Andaraí.**

SEUS CABELOS ESTÃO REALMENTE BONITOS?

O INSTITUTO LANE DA FAMA INTERNACIONAL criou um tratamento personalizado para homens e mulheres que sofrem de queda dos cabelos, caspa, coceira, seborréia, calvície precoce, etc. O tratamento recupera cabeças com poucos cabelos ou cabelos atrofiados, contudo, não resolve o problema das pessoas que já não possuem pelos no couro cabeludo. Para marcar hora basta ligar para 255-6243, 232-4574 ou na Av. N. S. de Copacabana, 807 Gr. 701 e Praça 15 de Novembro, 38-A - 7º andar Gr. 76 - perto da Bolsa de Valores.

ALEMÃO
Curso Intensivo

12 semanas - 2ª e 4ª feiras das 9 às 10:30 h.
Prof. de longa experiência. Certificado no final do curso. Apostilas grátis.

ITALIANO
Curso Intensivo

10 semanas - 2ª, 4ª e 6ª feira das 19:30 às 21 h.
Prof. formado na UERJ de longa experiência. Gramática e conversação.

Outros idiomas e horários.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PROFISSIONAIS. Trav. Angrense, 14 - 4º andar - Copacabana. Tels.: 255-5396 e 255-0999.

Arte: Legnar Rangel

CRISSAM — Fone: 521-0676

Samby's®

— SRS. LOJISTAS E REVENDEDORES DE TODO O BRASIL. SE VOCÊ MORA NO RIO, VENHA CONHECER NOSSAS PRONTA-ENTREGA, COM LANÇAMENTO DE COLEÇÃO DE VERAO 85/86. MAS SE VOCÊ MORA FORA DO RIO, PEÇA O SEU CATÁLOGO PELO CORREIO, QUE NÓS LHE ENVIAREMOS O CATÁLOGO.

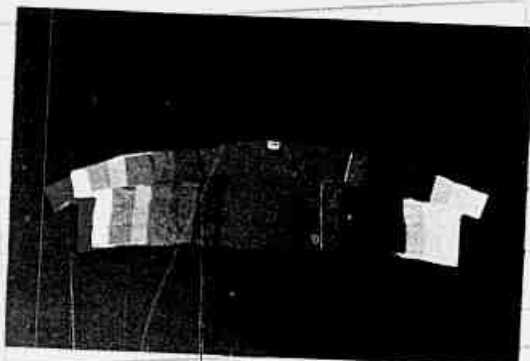
PRONTA ENTREGA
Av. Brasil, 11.857, em frente à Casa do Marinheiro — PENHA — Tel. 280-5399.

Solicite seu catálogo p/telefone 260-0610

R. Sta. Clara, 33 S/601 — COPACABANA — Tel. 235-7683.

Tome Nota

BEE INOVANDO

O lançamento agora é a Bee Little, que após a reforma, ficou uma gracinha. Um ambiente agradável e aconchegante para a escolha das roupinhas de seu filho. Afinal, ele merece! Estamos à sua espera no Shopping Center Rio Sul, 2º Piso, Loja 201.

BOYS & GIRLS

Os jeans e modelitos mais transados do Rio, agora invadindo a Barra. Ao passar pelo Barrashopping, não deixe de dar uma chegadinha na loja 103 G — Nível Lagoa.

VIAJANDO A GENTE SE ENTENDE

Agora você encontrou todas as vantagens que sempre quis para realizar as viagens dos seus sonhos! É só dar uma passadinha na Quest Tours Rua México, 31/202. Telefones: 220-7140 e 220-7433.

COSMÉTICOS LABBRA

Uma nova opção no consumo de cosméticos para a mulher de hoje, consciente e informada de seu papel na sociedade. A Linea Labbra, aliando beleza e qualidade, proporciona o prazer de cuidar de seu corpo, restabelecendo a harmonia entre matéria e espírito. Faça suas encomendas na Rua Agostinho Menezes, 49 ou pelos telefones 208-1592 e 288-6040 Tijuca.

LUMINÁRIA PREMIADA

Um novo conceito em fonte de luz, surge com a luminária "Naja" premiada com o 1º lugar no Concurso Philips de Luminárias PL. Se você precisa de algo diferente, com inúmeras aplicações e grande vantagem estética por ser mais compacta, não deixe de dar uma passada pela Ronda Iluminação de São Paulo.

JEANS

Jeans e Cotton, um jeans que já vem fazendo sucesso, lança sua coleção alto verão, no próximo dia 16. Novidades incríveis, vá correndo conhecer. Pronta-entrega: Rua Santa Clara, 33 sala 1112 — tel. 235-0293 e em Paracambi, Rua Coronel Othon, 567 — tel. 783-2978.

MATE TENDER LEAF

A seleção das folhas de erva-mate e o cuidadoso processo de preparo, garantem ao Mate Tender Leaf um excelente sabor, e um delicioso aroma natural. Se você ainda não experimentou, não perca tempo. Vá ao supermercado mais próximo e adquira sua embalagem a granel ou em caixas com 25 saquinhos.

ACESSÓRIOS EM NYLON

Se você procura algo diferente em acessórios em nylon, já encontrou: a Holysport chega ao Rio com força total. Venha conhecer incríveis modelos que vão fazer a sua cabeça. Rua Xavier da Silveira 45/1108 em Copacabana e em São Paulo pelos telefones (011) 275-8236 / 577-2498.

MODA PRAIA

Olha aí pessoal! A Yvelise informa que inaugurou sua loja de vendas a varejo no Barrashopping, 202 B. Maiôs e biquinis bem transados e coloridos. Pronta Entrega na Rua Visconde Pirajá, 351/204. Vale a pena anotar e curtir.

SABORES MÁGICOS

Num passe de mágica, surge em Ipanema um lugar onde você pode saborear as melhores saladas, frios, tortas salgadas e doces, pães, biscoitos etc. Não se esqueça de passar na Rua Henrique Dumont, 68 loja C para conferir!

NOVIDADE

Tudo do melhor em cama, mesa e banho, numa vitrine inteira para você escolher a vontade! As "griffes" mais famosas do mundo estão em Copacabana! O endereço é: Maison du Rève — Rua Santa Clara, 50 loja E.

Ano 1 - nº 28 - 20 de outubro de 1986

DOMINGO
PROGRAMA

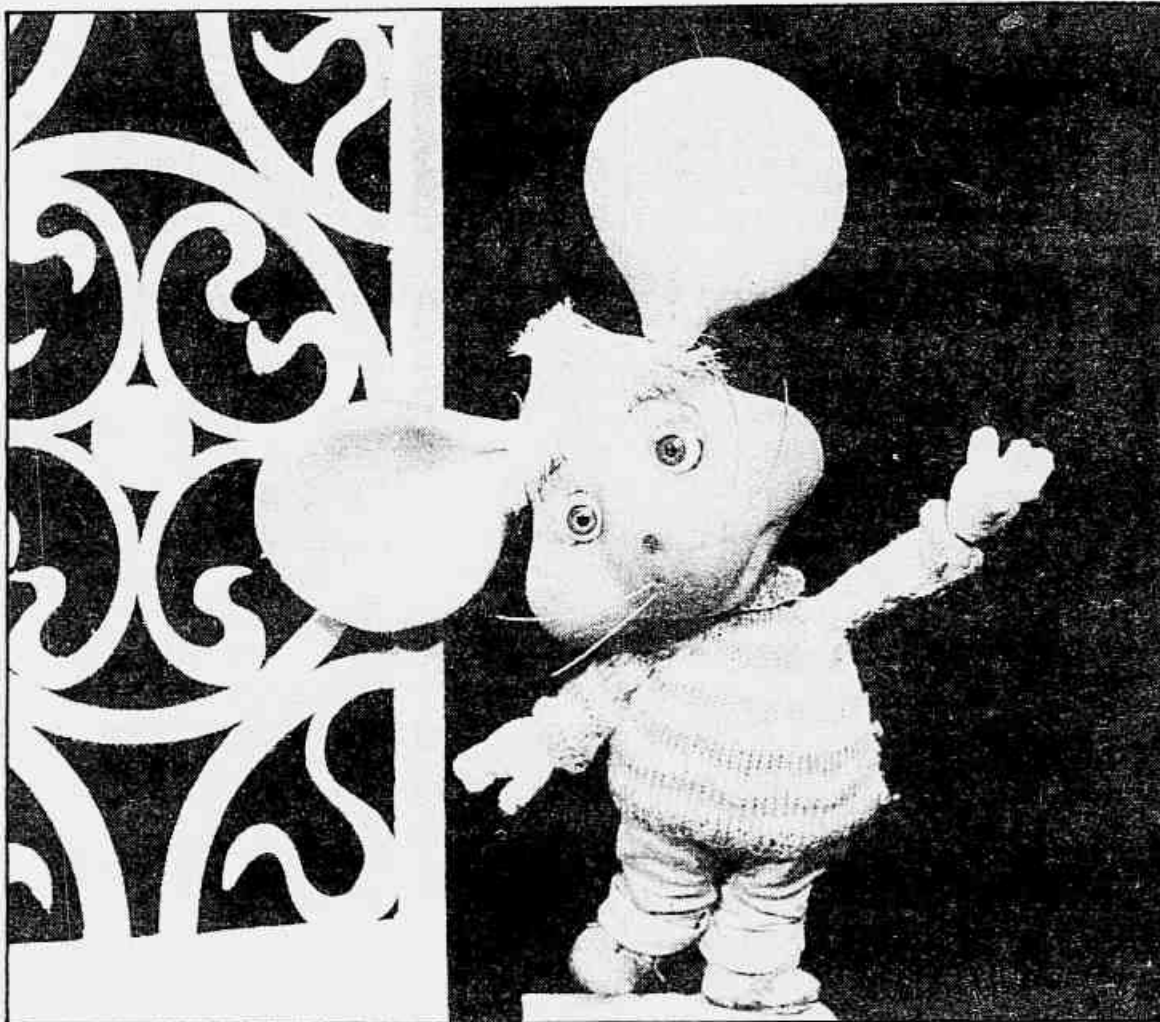
PAULO MOURA E SEVERINO ARAÚJO

foto de Salomon Cytrynowicz/F4

AS VEDETES DO BAILE

leia na pág. 13

Começaria tudo outra vez?

A TV brasileira entra no túnel do tempo e traz de volta o velho Topo Gigio

Apesar de seus 15 centímetros de altura, largas orelhas de abano e uma franjinha cafona, ele fazia muito sucesso. Quem não se lembra do seu ar triste quando abaixava as orelhas, ou se despedia do público dizendo: "Agora eu vou **pra** caminha, **pra** caminha, **pra** caminha?" Pois é. O Topo Gigio está de volta — O bom ratinho que ensinava as crianças a serem bem educadas e dormirem cedo, entra no ar em março do ano que vem, após 16 anos longe do Brasil.

Tudo começou quando sua criadora, a italiana Maria Perego, vendeu seus direitos em julho deste ano para Hélio Batista, dono da empresa Via Brasil, responsável pelos Menudos e pela marca Trem da Alegria. Por apenas 600 mil dólares — o ratinho já não faz mais tanto sucesso quanto antigamente e só é veiculado na Argentina, México e Itália — o empresário pretende lançá-lo agora como um pacote comercial. "Será um grande lançamento", diz ele." Duas grandes empresas de brinquedos disputam sua marca e já fechei negócios com uma empresa de calçados, uma gravadora e pretendo muito mais, como Topo Gigio em quadrinhos. O ano que vem será o ano do ratinho", promete ele.

Bastante discreto quanto à rede de televisão que topou o relançamento, Batista só diz que foi procurado "pela Globo, TVS, Manchete e Bandeirantes". As emissoras, também, quase não falam sobre o assunto. Desmentindo Batista, a Rede Manchete, segundo seu diretor-geral, Rubens Furtado, desconhece o caso Topo Gigio. Roberto Buzoni, diretor de programação da Rede Globo, não quer falar o assunto, assim como a Bandeirantes. A única que admite interesse é a TVS, que, de São Paulo, não revela se ainda persiste nas negociações, mas afirma estar "muito interessada". Mas mesmo sendo discreto, Hélio Batista não esconde sua preferência pela Globo.

Afinal, foi a emissora que, em 1969, trouxe o ratinho para o Brasil, criando um programa só para ele, o **Mister Show**. Nele, em pequenas apresentações de 15 minutos, o rato contracenou com Agildo Ribeiro, Mièle e Regina Duarte, mas teve em Agildo seu mais constante parceiro. "Adoraria trabalhar com Gigio novamente!", diz Agildo. "Ele marcou muito minha vida, e seja lá o que estiver fazendo quero voltar num programa com o ratinho. Ele é fofinho, doce e meigo, numa televisão que só noticia desgraças. Se o Topo Gigio está ultrapassado? Acaso a 5ª Sinfonia de Beethoven está ultrapassada?", pergunta ele.

Os velhos tempos de Agildo e Gigio

Entusiasmos à parte, o rato também voltará a duelar com seus antigos inimigos. O **Pasquim** à frente deles. Já no número desta semana o jornal relança sua campanha em que Sig, o rato-símbolo, discute a masculinidade do rival italiano. A mesma campanha (iniciada num artigo de Marcos Vasconcelos sob o título **Deu Rata na TV**) que, no auge do sucesso do semanário, conseguiu irritar Maria Perego e sua equipe a ponto de tirar Topo Gigio do ar exatamente um ano após seu começo. As dúvidas sobre o caráter do ratinho provocaram então uma mudança total em sua imagem. Meses depois ele voltava com toda a sua família (avós, pais, irmãos e uma namorada, Rose) para dar beijinhos de boa-noite em Regina Duarte. Quase exatamente a mesma fórmula com que Hélio Batista pretende relançá-lo. "Gostaria que Topo Gigio e sua família filosofassem sobre todos os acontecimentos do dia, todos os assuntos da realidade, mostrando diversão e alegria", diz o empresário. "Agora, quanto ao artista para contracenar com ele, vai depender da escolha da emissora". Por enquanto, o rei do **marketing** juvenil só adianta que fechará contrato no final deste mês e que as primeiras gravações estão marcadas para janeiro. Garantindo dois anos (renováveis) de bons lucros para ele e sua empresa Via Brasil.

Maria Silvia Camargo

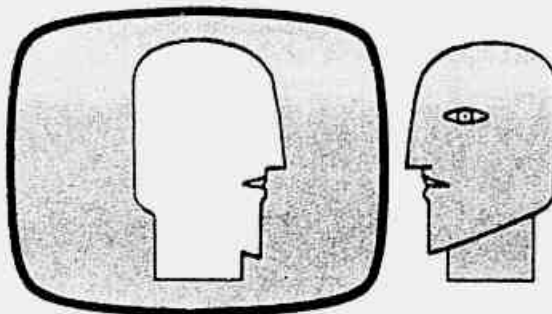
crítica

Marília Martins

A poética televisiva dos clips perdida no vídeo

Como dizia o semiólogo paulista Décio Pignatari, em artigo de 18-05-85 publicado no JORNAL DO BRASIL, "com o videoclip a tv encontra finalmente a sua poética". Reduzido a poucos minutos, o clip de fato obriga a se pensar no mesmo exercício de síntese e montagem que um poema exige. Não basta portanto "traduzir" em imagens literais, ilustrar a letra de uma canção para se fazer um clip digno deste nome. Fundamental é ultrapassar a previsível redundância. É usar a letra não como roteiro imediato, mas sim como argumento de um outro roteiro, que trabalhe ritmo e imagens com alguma surpresa e estranhamento.

Não é o que se observa aos sábados no Clip-Clip (Globo, 15h) e no Fm-Tv (Manchete, 13h30min). Nenhum dos dois produz seus próprios vídeos. Mas a seleção costuma privilegiar os clips de repetição exaustiva, nacionais ou estrangeiros. Nada de inusitado, que escape a um molde estreito. A imagem repete a letra, um clip repete o outro. Antes eram barcos a vela e trenzinhos de parque de diversão. Agora a mania e o cenário pós-atômico: algo desértico, esfumaçado, de preferência com alguma seqüência do filme **Koyaanisgatsi** ao fundo.

E mesmo a estrutura dos dois programas não foge à monotonia. A do Fm-Tv é a mais convencional possível, com o locutor Marco Antônio anunciando o próximo bloco. Já o clip-clip tenta alguma variedade, com os bonecos do grupo Cem Modos e a atriz Cristiane Couto. A princípio, Edgar Ganta, Virando Pires e Muquirana Jones eram de fato personagens: um confuso crítico de música, um punk doidão, um roqueiro fanático. Só que, com o tempo, os três foram perdendo suas marcas pessoais. Agora se limitam a um humor de gracinhas e piadas infames. Como se este humor desse um perfil mais "adolescente" e menos comportado ao programa. Reduz-se na verdade o adolescente a uma caricatura e o programa a um molde limitado. Com personagens mais definidos e maior diálogo entre eles se poderia fazer algo mais crítico e engraçado. Como também, ainda que os clips estejam presos a uma estratégia de vendas definida, em torno da imagem do intérprete, não há dúvidas que os nossos comerciais, em apenas 60 segundos, costumam ser mais inventivos, do roteiro ao ritmo e à montagem.

estúdio

Miriam Lage

COMETA ROCK NA TVE

Seres extra-galáticos invadem a Terra e inventam acabar com o rock, alegando que o som da música afeta seu metabolismo. Com essa historinha de ficção científica, a TVE exibe um especial musical no dia 30 de outubro, às 21h50min. Dirigido por Farouk Salomão, **Cometa Rock** contará com a participação dos atores Tânia Nardini, Vitor Haim e do ex-Mutante Sérgio Dias. O especial mistura clips, cenas de filmes de ficção científica contando a trajetória do rock, de Bill Halley até Prince, passando por Little Richards, Elvis Presley, Beatles, Mutantes, Raul Seixas e muitos outros.

UMA LÁSTIMA

O especial infantil **A Era dos Halley**, exibido pela Globo na sexta-feira, dia 11, foi uma lástima. É mais um exemplo para provar que a bela idéia inaugurada com Arca de Noé e Pirlimpimpim tomou rumo equivocado. **A Era dos Halley** desembarcou na tela enfeitadíssimo, cheio de truques eletrônicos que, no entanto, não conseguem disfarçar sua verdadeira cara: um clip de luxo para vender disco da Som Livre. É uma pena porque o público que está sendo ludibriado é o mais indefeso. E o menos bem servido pela televisão brasileira. Fora desenhos animados, nada. E variar o cardápio com mensagens consumistas é, no mínimo, uma falta de respeito.

NOVA ABERTURA PARA O FANTÁSTICO

As imagens da abertura do **Fantástico**, um esplêndido trabalho de criação de Hans Donner e de computadores "desenhistas", serão mudadas no próximo ano. Custou à Globo, ano passado, uma verdadeira fortuna: só para pagar a "arte" dos computadores, a emissora desembolsou cerca de 110 mil dólares. Mas o público, embora ache as imagens bonitas, prefere cenas mais sensuais, do tipo belas mulheres provocantes. No exterior, no entanto, o trabalho de Hans Donner foi aplaudidíssimo. É exatamente por conta dessa abertura que ele tem sido chamado para palestras em diversos países. E já recebeu a encomenda de fazer todo o projeto visual de uma emissora americana. A nova abertura do **Fantástico** Donner mantém em segredo.

Hélio Fernandes

O ADVOGADO DO DIABO

Fernando Barbosa Lima já escolheu o personagem que vai inaugurar a série **Advogado do Diabo**, com estréia prevista para 4 de novembro, às 21h50min, na TVE. É o jornalista Hélio Fernandes. Barbosa Lima promete um programa quentíssimo, com a narração de uma história detalhada e pouco conhecida pelo público.

FUROR EM DALLAS

Fez furor a presença de Sinhozinho Malta (Lima Duarte) e Porcina (Regina Duarte) na Feira Pan-Americana de Gado, em Dallas. Envergando um vestido branco de organza, bem transparente, Porcina chegou a chocar a platéia. A tal ponto que um segurança, meio encabulado, pediu à produção de **Roque Santeiro** para tirá-la de cena. Mas foi apenas um pequeno incidente, contornado com a explicação que se tratava da gravação de um capítulo de novela. Sinhozinho Malta não ficou atrás em exuberância: vestia um espalhafatoso paletó rosa, contrastando com calças cinzas. O traje, completado pelo chapéu, fez muita gente pensar que ele era um cantor **country**. Com seu habitual humor, Lima Duarte deu autógrafos e, quando lhe perguntavam a que horas seria o **show**, respondia sem pestanejar: "às 16h, em ponto". As gravações correram às mil maravilhas nos Estados Unidos. A equipe de Roque Santeiro só lastima não ter podido realizar o encontro de **Sinhozinho Malta** com seu ídolo, o J. R., herói mau caráter do seriado Dallas. O ator Larry Hagman estava em Los Angeles.

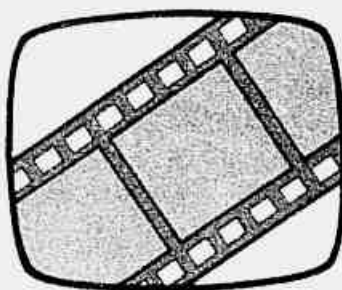
Errol Flynn, estrela de Kim

FILMES DE HOJE

A matinê de um galã

Durante sua juventude, Errol Flynn vagava pelos Mares do Sul, com dois amigos, a bordo de um veleiro, o **Scirocco**. Parece que ele estava satisfeito com esta boa vida, recheada de aventuras naquelas ilhas do Paraíso. De porto em porto, ele acabou chegando a Hollywood, onde foi escolhido, à última hora, para substituir Robert Donat em **Capitão Blood**. O filme foi um sucesso imenso e Flynn logo teria seu corpo atlético e seu espírito aventureiro ligados a filmes de ação, sempre tendo como cenário exóticas regiões do Globo, ou tempos menos **civilizados**, como a Idade Média, por exemplo.

Flynn fez **Carga da Brigada Ligeira, Robin Hood**, ao mesmo tempo em que se metia em escândalos amorosos, bebedeiras, arruaças. No fim dos anos 40 sua carreira já estava em decadência, e ele começou a se envolver com drogas. Esta é a época de **Kim**, que a TV Manchete exibirá hoje, às 18 horas. Flynn agora é um agente secreto de Sua Majestade, vivendo aventuras numa Índia romantizada e mística. É um dos últimos bons filmes de Flynn que, com o tempo, cada vez mais se refugiava em seu veleiro, agora chamado de **Zaca**, novamente preferindo a solidão do mar e das ilhas distantes, à vida alucinante das estrelas de cinema.

Paulo A. Fortes

KIM

TV Manchete — 18h

(Kim) produção americana de 1951, dirigida por Victor Seville. Elenco: Errol Flynn, Dean Stockwell, Paul Lukas, Robert Douglas. **Colorido** (113 min).

Aventura. Menino órfão (Stockwell) é criado por hindu, assessorado por sábio Lama (Lukas). Mas Kim se afeiçoa a "Barba Ruiva" (Flynn), mercador de cavalos que, na verdade, é um espião inglês, e transforma o órfão num mini-agente secreto. Juntos, eles irão participar de emocionantes aventuras.

QUANDO O STRIP-TEASE COMEÇOU

TV Globo — 00h10min

(The Night They Raided Minsky's) produção americana de 1968, dirigida por William Fredkin. Elenco: Jason Robards, Britt Ekland, Norman Wilson, Forrest Tucker, Elliott Gould. **Colorido** (97 min). Legendado.

Romance. Nova Iorque, 1925. Empresários de teatro burlesco estão perdendo público, até que ambiciosa jovem, decidida a ser uma bailarina famosa, provoca um incidente, que lança as bases do que, depois, seria chamado de **Strip-tease**.

Quando o Strip-Tease Começou

ACONTECEU OUTRA VEZ

TV Globo — 02h

(Let's Do It Again) produção americana de 1975, dirigida por Sidney Poitier. Elenco: Sidney Poitier, Bill Crosby, Calvin Lockhart, John Amos, Denise Nicholas, Mel Stewart. **Colorido** (113 min).

Comédia. Operário (Crosby) e seu amigo leiteiro (Poitier) querem dinheiro para financiar uma "Igreja" que inventaram. Convencem um lutador de boxe — através da hipnose — de que ele é invencível e ganham fortunas em apostas, mas são perseguidos pela Máfia.

RÁDIO E TV

televisão

manhã

7:00 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR — Com uma mensagem de D. Eugênio Salles

7:00 (7) TERRA VIVA — Informativo rural

(11) ESPORTE AMADOR — Programa educativo

7:30 (11) O VIRA-LATA — Desenho

8:00 (2) PALAVRAS DE VIDA — Mensagem religiosa com D. Eugênio Salles

(4) GLOBO RURAL — Informativo rural. No programa de hoje, uma grande reportagem sobre a safra recorde de trigo, este ano no Brasil, que atingiu 4 milhões e 100 mil toneladas. Um outro assunto é a seca que está atingindo o Oeste de São Paulo, Norte do Paraná e região Centro-Oeste. Na seção **Cartas** a reprodução das mudas de baunilha e a adubação da pimenta-do-reino

8:00 (7) A CONQUISTA DA TERRA — Entrevistas e reportagens sobre o campo

(11) SUPER MOUSE — Desenho

8:30 (2) TELECURSO 2º GRAU — Aula de Química e recapitulação semanal

(11) POPEYE — Desenho

8:50 (7) EMPÓRIO BRASILEIRO — Programa de música sertaneja apresentado por Rolando Boldrin

9:00 (4) SOM BRASIL — Programa de música sertaneja apresentado por Lima Duarte. Números musicais com Quinteto Violado, Zé Ramalho, Pena Branca e Xavantinho, Sérgio Ferreira, Amelinha e Ranchinho. Encerrando o programa, um bate-papo com o humorista Nhô Totico

(9) POSSO CRER NO AMANHÃ — Programa religioso com o Pastor Miguel Ângelo

(11) AQUAMAN — Desenho

9:15 (9) BIKE SHOW — Programa informativo sobre veículos de duas rodas. Os assuntos de hoje são o Campeonato Mineiro de Motocross, a oficina mais antiga do Rio e o moto-clip de trail

9:30 (11) SUPERMAN — Desenho

9:50 (7) SHOW DE TURISMO — Atrações turísticas do Brasil e do mundo. Apresentação de Paulo Monte

10:00 (2) FUTEBOL — Jogo: **América x Portuguesa**. Direto do Campo do Andaraí

(4) GLOBO INFORMÁTICA — Programa apresentado por Luiz Armando Queiroz. O assunto abordado hoje é a **Telemática**, um conjunto de técnicas desenvolvidas para interligar computadores através do sistema de comunicações. Para ilustrar o assunto, uma entrevista com o especialista Jean Habran

(9) AVENTURA AOS QUATRO VENTOS — Documentário

(11) TARZAN — Desenho

10:30 (6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA

(11) SHOW WALT DISNEY — Desenho

10:40 (4) FESTIVAL DE DESENHOS — Seleção de desenhos animados

10:45 (11) CULTURA JOVEM — Programa de entrevistas

10:50 (7) SHOW DO ESPORTE — Jornalístico sobre diversas modalidades esportivas. Apresentação de Juarez Soares e Elys Marina

(11) FUTEBOL — Jogo pelo Campeonato Paulista

11:00 (6) SESSÃO ANIMADA — Seleção de desenhos animados

(7) FUTEBOL AO VIVO — Jogo: **América x Santos**. Direto de São José do Rio Preto

(9) FUTEBOL AO VIVO — Jogo: **América x Santos**

tarde

12:00 (2) ESPORTE AMADOR — Noticiário do esporte amador com competições nacionais e internacionais

(6) BBC SUPER — Minissérie produzida pela BBC de Londres. Hoje: **Orgulho e Preconceito (1ª parte)**.

13:05 (4) DISNEYLÂNDIA — Programa infantil produzido pelos estúdios de Walt Disney. Hoje: **Uma Mulher de Fibra**

13:00 TRE

13:30 (2) SHOW DE FUTEBOL — Jogo: **Vasco X Goitacaz**. Pelo Campeonato Estadual de Futebol

(4) BENJI — Seriado. Episódio de hoje: **A Cidade Fantasma**

(6) SESSÃO ANIMADA — Seleção de desenhos animados

(7) CLIP CLUB — Musical

(9) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório com musicais, variedades, competições e prêmios

(11) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório com musicais, variedades, competições e prêmios

13:45 (7) COPA DAN UP DE VÔLEI E BASQUETE — Especial esportivo

14:00 (4) CARGA PESADA — Minissérie com Antônio Fagundes e Stênio Garcia

(6)VÍDEO EM MANCHETE — Programa apresentado por Jacyra Lucas. O tema de hoje é o espaço, com uma matéria sobre a primeira viagem à Lua e entrevistas com Valentina Treskova, a primeira astronauta russa, e o Dr. Sally Ride, que viajou no Columbia. Os outros assuntos são a astronomia, os balões-sonda, o planeta Marte e o Sol. Fora desse tema serão mostradas as Terras de Caldas Novas, a criação de trutas no Brasil, a cidade de São Tomé das Letras, as praias e a feira-livre. Na parte musical, participação de Dorival Caymmi, Nana Caymmi, Ney Matogrosso, Djavan e Arthur Moreira Lima.

(7) FUTEBOL DE SALÃO INTERNACIONAL — Jogo: **Brasil X Japão**. Direto de Valência (Espanha)

15:00 (2) ESTE MUNDO ENCANTADO — Documentário. Hoje: **Trilha dos Gansos na Neve e Rota Central dos Gansos na Neve**

(4) VÍDEO SHOW — Programa apresentado por Malu Mader e Kadu Moliterno. Hoje: uma homenagem a Pelé, um ano sem François Truffaut, uma visita ao Observatório de Greenwich, a importância da música para as personagens das novelas e o processo de composição de um jornal.

(6)VÔLEI FEMININO — Jogo: **Brasil X Bulgária**

15:30 (7) HÓQUEI SOBRE PATINS AO VIVO — Campeonato Sul-Americano de Clubes

16:00 (2) JACQUES COUSTEAU — Documentário. Hoje: **Mamíferos do Fundo do Mar**

(4) DURO NA QUEDA — Seriado com Lee Majors. Episódio de hoje: **Caçador Caçado**

17:00 (2) MAGIA DA MÚSICA — Documentário. Hoje: **O Som e o Não Som**

(4) MOTO LASER — Seriado. Episódio de hoje: **Um Alvo Para Terroristas**

(7) VÔLEI INTERNACIONAL MASCULINO — Jogo: **Brasil X Tchecoslováquia**

17:30 (6) CLIPSHOW — Vídeos musicais. Hoje: Loverboy, ABC, Julio Iglesias, Roger Daltrey, UB-40, Asia, Robert Plant e Tom Petty

noite

18:00 (2) EU SOU O SHOW ESPECIAL — Compacto sobre um dos programas da série que mostra a trajetória de um artista. Hoje: **Francis Hime**

(4) ÁGUIA DE FOGO — Seriado com Ernest Borgnine. Episódio de hoje: **Os Milhões de Santini**

18:30 (6) SOM MAIOR — Programa musical apresentado por Mylena Ciribelli. Participação de Hanoi Hanoi, Dr. Silvana, Legião Urbana, Titãs, IRA, Sérgio Clemens, Barão Vermelho, RPM, Roupa Nova, Herbert Richers Jr., Valéria e Alma de Borracha e Os Melhores. Entrevista com a animadora cultural Maria Juçá

19:00 (2) SETE DIAS — Programa de variedades, músicas e reportagens. Com Lúcia Abreu, Marco Nanini, Vera Barroso e Mário Lúcio

(4) OS TRAPALHÕES — Programa humorístico com a participação dos quatro trapalhões

19:30 (7) FÓRMULA INDY — Reportagem especial

20:00 TRE

20:30 (2) STADIUM — Show de gols e jogos de futebol do dia

(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA — Programa de variedades apresentado por Sérgio Chapelin

(6) PROGRAMA DE DOMINGO — Programa de variedades apresentado por Lúcia Veríssimo e Reinaldo Gonzaga. A reportagem de hoje fala sobre a polêmica que envolve as cirurgias de pontes de safena. Uma discussão sobre os assaltos feitos por empregadas domésticas e a mania de voar com planadores. A entrevista de Villas-Bôas Corrêa é com o Senador Carlos Chiarelli (PFL-RS). A reportagem acompanha um dia na vida de uma modelo e um fotógrafo. Ainda, os gols da rodada e a crônica da semana com Alexandre Garcia

(7) MASH — Seriado humorístico com Alan Alda e Wayne Rogers. Episódio de hoje: **Edwina**

(9) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Continuação

(11) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Continuação

21:00 (7) MISSÃO IMPOSSÍVEL — Seriado policial. Episódio de hoje: **O Amador**

22:00 (6) ESPORTE OLÍMPICO

(7) APITO FINAL — Os gols da rodada e os melhores momentos das partidas do campeonato carioca

(9) CAMISA 9 — Debate esportivo com participação de Luiz Orlando, Gerson, Orlando Batista, Armando Marques e Oldemário Touguinho

22:05 (6) PERSONA — Programa de entrevistas apresentado por Roberto D'Avila. Entrevistado de hoje: **João Bosco**. Depoimentos de Moraes Moreira, Fernando Mansur e Aldir Blanc

22:25 (4) OS GOLS DO FANTÁSTICO — Apresentação do gols da rodada com Fernando Vanucci

22:30 (7) SETE MINUTOS — Indicadores econômicos. Apresentação de Lilian Witte Fibe

(11)SESSÃO DAS DEZ — Filme: a programar

22:37 (7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Jornalístico de entrevistas e debates. Apresentação de Lilian Witte Fibe

22:55 (4) RJ TV — Noticiário local apresentado por Liliane Rodrigues

23:05 (4) OS MELHORES MOMENTOS — Compactos dos jogos do dia

(6)DEBATE EM MANCHETE — Programa de entrevistas apresentado por Arnaldo Niskier. **Entrevistado de hoje**: o Governador do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia. **Participação de Murilo Mello Filho, Professor Eurico Figueiredo**

23:20 (4) CINECLUBE — Filme: **Quando o Strip-tease Começou**

00:00 (2) BOA NOITE COM JONAS RESENDE — Tema de hoje: **Aprendendo Física com as Estrelas**

(9) NOVOS TEMPOS — Programa sobre informática. Apresentação de Arcadio Vieira e Vera Gissoni

00:30 (11) TV INFORMÁTICA — Notícias, comentários, serviços e entrevistas sobre o mundo da informática

1:20 (4) DOMINGO MAIOR — Filme: **Aconteceu Outra Vez**

rádio JB

AM 940 KHz

JBI — JORNAL DO BRASIL Informa: 7h30min, 12h30min e 20h30min

Programação esportiva

10h05min — REVISTA ESPORTIVA JB
12h05min — TORCIDA JB
12h45min — DOMINGO BOM DE BOLA
14h00min — JB FUTEBOL SHOW
20h00min — GRANDE PLACAR ESPORTIVO JB
20h45min — DOMINGO ESPORTIVO JB

Programação musical

22h00min — ARTE FINAL: JAZZ. Produção de Celio Alzer, João Carlos; José Domingos Raffaelli. Apresentação de Maurício Figueiredo. Destaques de hoje: Roland Kirk, Leon Thomas, Herbie Hancock, Gil Evans e Barney Kessel

FM estério — 99,7 MHz

10h — **Reproduções a raio laser**: **Sinfonia nº 3, em Mi bemol — Eroica, op. 55**, de Beethoven (Suitner — 50:16); **Concerto nº 23, em Lá maior, para piano e orquestra, K 488**, de Mozart (Ashkenazy — 27:00). **Reproduções convencionais**: **As Bodas Campestres**, de Hotteterre (Richard Shulze — 39:00); **Barcarola, op. 60**, de Chopin (Arrau — 9:31); **Concerto em ré menor, para violino e orquestra, op. post.**, de Schumann (Szering — 28:00); **Suíte de Danças**, de Tielman Susato (Collegium Aureum — 11:45)

20h — **Reproduções a raio laser**: **A Batalha dos Hunos**, de Liszt (Kunzel — 15:28); **Pavana e Fantasia**, de Fauré (Academia de St. Martin-in-the-Fields — 11:11); **Quarteto em Si bemol maior — La Chasse, K 458**, de Mozart (Amadeus — 24:09); **Concerto para flauta doce, em Dó maior**, de Telemann (Michala Petri — 15:22). **Reproduções convencionais**: **Quatro Scherzos**, de Chopin (Antonio Barbosa — 36:42); **Sinfonia nº 2**, de Tippett (Davis — 33:10)

A programação acima está sujeita a alterações de última hora

A SEMANA NA TV

Estréia De Quina Pra Lua

Uma divertida caça ao tesouro. É assim que pode ser resumida a novela **De Quina Para a Lua** com estréia marcada para amanhã, às 17h50min, na Globo. Escrita por Alcídes Nogueira, com argumento de Benedito Ruy Barbosa, a história parte da falta de sorte de José João Batista (Mílton Moraes) que morre no dia em que faz a quina da Loto. É enterrado com o bilhete premiado no bolso, dando início à trama que mescla pitadas de romantismo com muito humor. Na caça ao tesouro empenha-se a família Batista, liderada por Angelina (Ewa Wilma), a viúva. Os quatro filhos do casal, Pedro (Buza Ferraz), Jesus (Taumaturgo Ferreira), André (Matheus Carrieri) e Fatinha (Isabela Garcia), também se envolvem nas aventuras, com o esperto Professor Cagliosto (Agildo Ribeiro) como parceiro. No elenco estão, ainda, Elizabeth Savalla, no papel da manicure Mariazinha, e Hugo Carvana, vivendo o personagem Silva, rico, vaidoso e fora da lei. O autor pretende misturar à trama da novela cenas do neo-realismo italiano e trechos do teatro clássico. A direção é de Atílio Riccó, Mário Márcio Bandarra e Ricardo Wadington.

Miriam Lage

Agildo estréia em novelas

segunda, 21

20h30min — **Educativa — Eu sou o Show** — Quem não viu da primeira vez tem agora outra chance, pois Benito de Paula se apresenta novamente em **Eu sou o Show**.

21h05min — **Record — Encontro Marcado** — Danuza Leão entrevista Elke Maravilha e Ann Louise, correspondente da rede de TV americana NBC.

21h30min — **Manchete — Acredite se Quiser** — Conheça hoje as terríveis lendas sobre uma igreja construída no cemitério onde está enterrado o escritor Edgar Allan Poe.

22h55min — **Globo — Shogun** — o filme será reapresentado, a partir de hoje, de segunda a sexta-feira, em dez capítulos.

23h30min — **Educativa — 1985** — A Constituinte é o tema do programa de hoje.

terça, 22

8h — **Globo — TV Mulher** — Nesta terça, no quadro **Sexo**, o jornalista Fernando Morais fala sobre seu livro **Olga**, uma bibliografia de Olga Benário, mulher de Luís Carlos Prestes.

21h30min — **Manchete — Conexão Internacional** — Apresenta hoje uma entrevista exclusiva do presidente François Mitterrand.

21h50min — **Educativa — Os Repórteres** — entrevista com Ângela Ro-Ro.

22h30min — **Manchete — Especial Musical** — Com John Lennon

23h — **Bandeirantes — Retrato do Brasil** — O programa mostra um documentário jornalístico, com roteiro de Geraldo Carneiro, sobre a atuação e morte de Stuart e Sônia Angel na resistência ao regime vigente no Brasil pós-64.

9h — **Bandeirantes — Ela** — Nesta quarta

quarta, 23

Edna Savaget entrevista o cantor e compositor Francis Hime.

21h05min — **Record — Encontro Marcado** — Danuza Leão entrevista os componentes do conjunto **Barão Vermelho**, que falam sobre a separação de Cazuza; e a atriz Adriana Dolabela, que está sendo lançada.

21h50min — **Educativa — MPB** — Mostra o compositor e cantor Tom Jobim, em sua apresentação no Canecão. Baseado no **show** "Terra Brasilis", realizado no Teatro Municipal e no Scala, o espetáculo ganhou novas músicas e servirá de apoio para a temporada que Tom fará no fim do ano nos Estados Unidos e na Europa.

22h — **Bandeirantes — Marília, Gabi, Gabriela** — Com a apresentação de Marília Gabriela, o programa mostra hoje a miss Brasil Márcia Gabriela, no quadro **Karaokê**, e os musicais com Lulu Santos, Gonzaguinha e o pianista Paolo Conti, num especial de jazz. Tem ainda entrevistas com Arnaldo Jabor e com o cartunista Angeli.

quinta, 24

21h05min — **Record — Encontro Marcado** — Danuza Leão entrevista a atriz Pepita Rodrigues e Jimmy Bastian Pinto, que utiliza neon para confeccionar objetos.

21h50min — **Educativa — Tribunal do Povo** — Alexander Macedo, advogado do Sindicato dos Atletas Profissionais do Rio, e José Carlos Vilela, vice-presidente do Fluminense, discutem a lei do passe.

21h55min — **Globo — Globo Repórter** — Enfoca hoje os 50 anos da atriz Glória Menezes.

22h — **Record — Olho Mágico** — Nesta quinta o programa mostra uma reportagem sobre a Antártida. A parte de **comportamento** fala como o povo reage ao ver dois homens se beijando e na **música** é apresentada Amelita Baltar, que volta ao Brasil e mostra como vai a Argentina. A cantora Angela Maria mostra que a Sapoti está em forma.

sexta, 25

21h50min — **Educativa — Sexta Independente** — Índios, portugueses, poloneses, ingleses, italianos, alemães e ucranianos, toda a mistura étnica e cultural do Paraná está no programa que atravessa todo o estado, mostrando o jeito de ser do brasileiro da região. Aparecem artistas como Tony Ramos, Arrigo Barnabé, Dalton Trevisan, Adelson Alves, Paulo Soledade e Elifas Andreato.

21h55min — **Globo — Globo de Ouro** — O programa deste mês é apresentado por Myriam Rios e Lauro Corona e mostra as seguintes atrações: Kid Abelha, RPM, Metrô, Vinícius Cantuária, Elba Ramalho, Lobão, Legião Urbana, Fafá de Belém, Gonzaguinha, Wando e Fábio Júnior

00h — **Bandeirantes — Sexta-Feira** — Belisa Ribeiro visita a Feira Esotérica, que está sendo realizada no Rio, e Fernando Gabeira manda a segunda vídeo carta da série Cubatão, falando dos efeitos da poluição naquela cidade.

sábado, 26

10h — **Manchete — Homens e Livros** — O destaque do dia é o escritor Esdras do Nascimento, autor de **Solidão em Família**, **Tiro na Memória**, **Variante Gotemburgo**, **Jogos da Madrugada** e **Aventuras do Capitão Simplírio**.

20h30min — **Bandeirantes — Nossa Cidade** — O programa é apresentado por Cristina Rego Monteiro e José Augusto Ribeiro, numa realização do Jornal do Brasil, Ibope e Rede Bandeirantes. Mostra os números dos candidatos à prefeitura das principais capitais brasileiras, as possibilidades de cada um e o perfil dos eleitores.

21h55min — **Globo — Festival dos Festivais** — Hoje a finalíssima, onde estão concorrendo 12 músicas. Ao todo são Cr$ 500 milhões em prêmios, distribuídos da seguinte forma: 1° colocado, Cr$ 200 milhões; 2° colocado, Cr$ 100 milhões; 3° colocado, Cr$ 60 milhões. A melhor letra, o melhor arranjo e o melhor intérprete receberão Cr$ 40 milhões, cada um, e os Cr$ 20 milhões restantes serão para a revelação do festival.

00h — **Educativa — Noite de Jazz** — Hoje em destaque o sax de Phil Woods e o grupo brasileiro "A Divina Encrenca".

DE OLHO NA MODA RIO

RAONI RIO
MODA MASCULINA
Av. Copacabana, 680 - Sala 608
☎ 257-5778

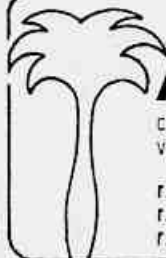
new Bijou
Acessórios
Criações próprias
Bijouterias
PRONTA ENTREGA
R. Visc. Pirajá, 550 - Loja 310
☎ 259-4594

spell R
JEANS SPORTSWEAR
Verão 86
Estamparia Exclusiva
Popeline
Feminino - Masculino
PRONTA ENTREGA
R. Visc. de Pirajá, 550 - Sala 1507
☎ (021) 239-6449

ZULKES
Moda feminina clássica e atual em malha, linho e viscose - Artigos de cama e mesa em linho - Bordados finos do Ceará - Artigos finos p/presentes.
Av. Copacabana, 749 - s/403 - ☎ 255-6192 e 255-5592

iaFé RIO
bijouterias
cintos
bolsas
r. sta. clara, 33 - sala 323
☎ 255-0698

plus rio
BIJOUX E ACESSÓRIOS
Pronta Entrega
R. Stª Clara, 75 - S/311 - ☎ 235-4030
LOJA - Rio Sul Shopping Center
1º Piso - Loja A 12 - ☎ 542-0249

MARIA THEREZA BOUTIQUE
Tamanhos Especiais
Tudo da moda atual e acessórios finos para as gordinhas charmosas.
Diga NÃO às roupas tradicionais. Chega de helanca.
Venha viver a sua idade dando asas à imaginação, combinando cores e estilo próprio, personalizado.
Esperamos por você à R. Visconde Pirajá, 414 - Loja 104 - Galeria Quartier Ipanema - ☎ 287-4891.

MONJOLO
coleção verão 85/86
pronta entrega
r. stª clara, 70/704 - rio
r. thereza 339 - petrópolis
r. francisco sá, 121 teresópolis

MOAMBA
biquinis - maiôs
linha aeróbica
show - room
av. copacabana, 794 s/503
☎ 289-7746

LuFarte
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO ACRILEX
TUDO PARA MODERNA SERIGRAFIA
ATACADO E VAREJO
R.S. Luiz Gonzaga, 713 ☎ 248-8861 e 264-1995

PostoZero RIO
Linha Praia e Ginástica
PRONTA ENTREGA
R. Barata Ribeiro, 391
Salas 807/808 - ☎ 255-6330

SOF SOL
T-SHIRTS
MALHAS
lançamento alto verão 86
show-room e pronta entrega
av. copacabana, 794 s/1006 - ☎ 255-6947

TRAL'S RIO
moda feminina em tecidos
- r. st. clara, 33 - s/716
- r. assembléia, 10 - s/1809
- av. copacabana, 794 - s/303
- fábrica - r. são joão, 119 - 10º niterói - ☎ 722-1650

Egípcia
bijouterias
acessórios
pronta entrega
r. constante ramos, 44
s/902 - ☎ (021) 236-4795
representante:

2i bijou
SIDONIA BIJOUTERIAS

Corpo Livre
Malha - Tecido
Av. Copacabana, 749 S/807
☎ (021) 237.9743
ATENDEMOS PARA TODO O PAÍS

Volúpia Rio
a mais nova etiqueta de ipanema
calçados, bijouterias, bolsas, cintos, biquinis e maiôs
show-room - visc. pirajá, 595
loja f ☎ 294-1595

DH MODA RIO
"O pique da Moda em Malha"
COLEÇÕES VERÃO E ALTO-VERÃO
R. Santa Clara 70 sala 803 - ☎ 237-2792
R. Santa Clara 33 sala 412 - ☎ 235-6896

mythos boutique
design exclusivo
malha tricotada e de algodão
pronta entrega-varejo
r. santa clara 33, sala 305
☎ 235-4997

endy's TROPIC LINE
Malhas a quilo e a metro
r. sta. clara, 33 - salas 320 e 1.117
☎ 257-9798 e 236-3488
av. brigad. lima e silva, 1.822 - caxias - rj

PYRAMIDE
Acessórios - Bijouterias
Calçados
Av. Copacabana, 794 - S/603 - ☎ 257.6070
R. Stª Clara, 33 - S/214 - ☎ 237.6393

peka
BIQUINIS E MAIÔS EM LYCRA
Colants - Linha Academia
Atendemos para todo o Brasil
Av. Copacabana, 647
S/715 - ☎ 237-0038

Para anunciar: ESPAÇO E TEMPO Rio ☎ (021) 255-8085

FILMES DA SEMANA NA TV

dia	hora	filme	sinopse
seg 21	Canal 4 14h50min	FUGA PARA A LUZ DO DIA (Short Walk to Daylight) amer. cor. 93 min. dir. Barry Shear. Com James Brolin, Don Mitchell, Brooke Pundy.	Catástrofe. Terremoto sacode Nova Iorque, e oito pessoas ficam presas em túnel do metrô. Feito para TV.
	Canal 7 22h	PROCURADO VIVO OU MORTO (Lo Voglio Morto) ital. 1980, cor, dir. Paolo Bianchini. Com Craig Hill, Lea Massari, Licia Calderon.	Western. Casal de irmãos chega à cidade, e enquanto o rapaz vai procurar casa para morar, sua irmã é morta.
	Canal 4 00h30min	NASHVILLE (Nashville) amer, 1975, cor, 162 min, dir. Robert Altman. Com Keith Carradine, Lily Tomlin, Karen Black, Geraldine Chaplin.	Comédia satírica. Nashville realiza festival de música country, e lança candidato à Presidência americana.
ter 22	Canal 4 14h50min	VIAGEM RUMO AO INFINITO (Destination: Inner Space) amer. 1966, cor, 82 min, dir. Francis Lyon. Com Scott Brady, Shree North.	Ficção científica. Laboratório submarino descobre embarcação, de onde surge aterrorizante criatura anfíbia.
	Canal 11 21h45min	UM GRITO DE TERROR amer, cor, dir. Gordon Kessler. Com Ted Bessel, Sian Barbara Allen, Betty Davis.	Terror. Jovem vai trabalhar em mansão, e é influenciada por espírito, cometendo assassinatos.
	Canal 9 22h	MAIS VIOLENTO QUE BRUCE LEE (Challenge the Dragon) Hong Kong, cor, dir. Li Guan. Com Fon Kon, Die Chien, Targ Long.	Kung Fu. Capangas do Sr. Tanaka matam camponeses, e provocam guerra, onde se destacam mestres das artes marciais.
	Canal 4 00h30min	UM LUGAR AO SOL (A Place in the Sun) amer, 1951, p.b., 121 min, dir. George Stevens. Com Montgomery Clift, Elizabeth Taylor.	Drama. Operário abandona sua namorada, para iniciar romance com bela jovem, mais rica do que ele.
qua 23	Canal 4 14h50min	CASANOVA (Casanova's Big Night) amer, 1954, cor, 85 min, dir. Norman L. MacLeod. Com Bob Hope, Joan Fountaine, Basil Rathbone.	Comédia. Aprendiz de alfaiate se faz passar por Casanova, e se vê envolvido num intrincado caso de amor em Veneza.
	Canal 6 21h30min	MISSÃO CONFIDENCIAL (The Salzburg Connection) amer, 1972, cor, 92 min, dir. Lee H. Katzin. Com Barry Newman, Anna Karina.	Espionagem. Advogado de férias em Salzburg é envolvido em trama internacional; espiões ingleses contra nazistas.
	Canal 9 22h	DJANGO (Django) ital, cor, dir. Sergio Corbucci. Com Franco Nero e Loredana Jusciak.	Western Spaguetti. homem estranho chega à pequena cidade do Oeste, trazendo caixão de defunto. Seu nome: Django.
	Canal 4 00h30min	DESCALÇOS NO PARQUE (Barefoot in the Park) amer, 1967, cor, 106 min, dir. Gene Saks. Com Robert Redford, Jane Fonda.	Romance. Casal vai morar em Nova Iorque. Enquanto esposa adora vizinhos excêntricos, marido fica embaraçado.
qui 24	Canal 4 14h50min	A MÁSCARA DO VINGADOR (Mask of the Avenger) amer, 1951, cor, dir. Phil Kerlson. Com John Derek, Anthony Quinn, Jody Lawrence.	Capa e espada. Jovem finge ser Conde de Monte Cristo e combate sinistro governador, para rever sua amada.
	Canal 7 22h	SACRIFÍCIOS INÚTEIS (Before and After) amer, 1979, cor, 96 mim, dir. Kim Friedman. Com Patty Duke, Bradford Dillman.	Melodrama. Mulheres gordas topam qualquer sacrifício para emagrecer, e não perder seus maridinhos.
	Canal 4 00h30min	Mc. Q, UM DETETIVE ACIMA DA LEI (McQ) amer, 1974, cor, 116 min, dir. John Sturges. Com John Wayne, Eddie Albert, Diana Muldaur.	Policial. Detetive tenta de todas as formas capturar perigoso bandido, acusado de ter matado um policial.
sex 25	Canal 4 14h50min	CAÇADORES DE CORAIS (Hunters of the Reef) amer., 1978, cor, 95 min., dir. Alex Singer. Com Michael Parks, Mary Louise Weller.	Aventura. Dois grupos rivais tentam chegar a navio afundado, com grande tesouro. Feito para a TV.
	Canal 6 21h30min	O GELO VERDE (Green Ice) amer., 1983, cor, 109 min., dir. Ernest Day. Com Ruan O'Neal, Anne Archer, Omar Shariff.	Aventura. Americano viaja para México, onde conhece bela jovem, envolvida com o contrabando de esmeraldas.
	Canal 9 22h	URSUS, O GLADIADOR REBELDE (Ursus, the rebel gladiator) ital., cor, dir. Domenico Paolella. Com Dan Vadis e Alan Steel.	Aventuras romanas. Cruel gladiador se torna rei dos romanos. É o caos, até que surge um justiceiro: Ursus.
	Canal 11 22h45min	OS FELINOS (Eye of the Cat) amer., cor, dir. David Lowel Rich. Com Michael Sarrazin, Eleanor Parker, Tim Henry.	Terror. Jovem ambicioso quer matar sua tia e ficar com sua fortuna, mas acontecimentos imprevistos atrapalham.
	Canal 4 00h30min	CAÇADA DE MORTE (The Driver) amer., 1978, cor, 90 min., dir. Walter Hill. Com Ryan O'Neal, Bruce Dern, Isabelle Adjani.	Thriller. Piloto ultra-rápido trabalha para quadrilhas, até que policial forja assalto, para capturá-lo.
	Canal 7 01h15min	UM CRIME É UM CRIME (Un Meurtre est un Meurtre) fran. 1972, cor, 104 min, dir. Etienne Perier. Com Jean-Claude Brialy. Legendado.	Suspense. Viúvo herda fortuna de sua falecida esposa, que, em testamento, o acusa de planejar sua morte.
	Canal 4 02h30min	DOIS AMORES E UMA CABANA (The Little Hut) ingl., 1957, cor, 90 min., dir. Mark Robson. Com David Niven, Ava Gardner, Stewart Granger.	Aventura. Navio naufraga, e mulher, seu marido e seu amante chegam à ilha deserta, onde esperam por socorro.
sáb 26	Canal 6 21h45min	CAVALGADA INFERNAL (Take a Hard Ride) amer., 1975, cor, 103 min., dir. Anthony Dawson. Com Jim Brown, Lee Van Cleef, Jim Kelly.	Western. Caçador de recompensas persegue bandido negro, que se alia a jogador trapaceiro, para fugir à Justiça.
	Canal 2 21h45min	ORFEU (Orpheu) fran. 1949, p.b., dir. Jean Cocteau. Com Jean Marais, François Perier e Maria Casares. Legendado.	Obra-prima de Cocteau, revive nos tempos modernos o mito grego de Orfeu, discutindo o amor e a morte.
	Canal 6 23h30min	NA GLÓRIA, A AMARGURA (I Could Go On Singing) ingl., 1963, cor, 99 min., dir. Ronald Neame, com Judy Garland, Dirk Bogarde.	Musical. Cantora famosa chega a Londres para fazer show e rever ex-amante e filho de ambos, que não vê há 14 anos.
	Canal 7 00h	O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR (Fast Friends) amer., 1978, cor, 90 min dir. Stewart Stern. Com Susan Helfrond, Vivian Blaine, Jed Allad.	Melodrama. Jovem recém-divorciada trabalha como secretária de roteirista de teatro, e é envolvida em intriga.
	Canal 4 01h50min	A VINGANÇA DO HOMEM CHAMADO CAVALO (The Return of a Man Called Horse) amer., 1976, cor, 126 min., dir. Irvin Kershner. Com Richard Harri.	Aventura. Aristocrata londrino volta à tribo Sioux, para liderar luta contra fazendeiro opressor.
dom 28	Canal 4 23h20min	NASCE UMA ESTRELA (A Star is Born) amer., 1954, cor, 154 min., dir. George Cukor. Com Judy Garland, James Mason, Charles Bickford.	Melodrama. Ator inicia romance com cantora. Enquanto ela fica famosa, ele vira alcoólatra. Legendado.

A programação acima está sujeita a alterações de última hora

recomendações

BOLSA DE CONSUMO CULTURAL

A Turma do Balão Mágico

Como era esperado, a milionária Turma do Balão Mágico chegou à frente da parada de sucessos com o Lp **Barato Bom é da Barata**. Os discos mais vendidos, aliás, mostram a supremacia dos grupos vocais. Estão na lista Ultraje a Rigor, Menudo, Dominó e Trem da Alegria. No cinema, cumpriram sua carreira três campeões tradicionais: **Rambo II**, **Amadeus** e **Loucademia de Polícia II**. Ainda fora da relação, dois filmes novos mostram que têm força para chegar ao topo: **Sob Fogo Cerrado**, com 32 mil 933 espectadores na primeira semana de exibição, e **Um Romance Muito Perigoso**, com 32 mil 100. Entre os campeões teatrais, há novidades na lista. **Flávia, Cabeça, Tronco e Membros**, a comédia de Millôr Fernandes, estréia na lista em quarto lugar. Entre as canções mais tocadas na Rádio Cidade destacam-se **Na Canção**, com Vinicius Cantuária, e **Part Time Lover**, com Stevie Wonder. Entre os bestsellers, um lançamento da semana passada já aparece em quinto lugar como livro de não-ficção: **Olga**, de Fernando Morais.

filmes

campeões de bilheteria

1 — **Rambo II — A Missão** (fora de circuito) —, público: 628 mil 498 espectadores, renda: Cr$ 4 bilhões 706 milhões 743 mil 650 na 10ª semana.

2 — **Amadeus** (fora de circuito), público: 510 mil 808 espectadores, renda: Cr$ 4 bilhões 286 milhões 392 mil na 16ª semana.

3 — **Um Homem, Uma Mulher, Uma Noite** (Jóia, Ópera-2), público: 256 mil 650 espectadores, renda: Cr$ 3 bilhões 46 bilhões 583 mil na 44ª semana.

4 — **O Feitiço de Áquila** (Coral, Lido 1, Tijuca Palace 1), público: 201 mil 265 espectadores, renda: Cr$ 1 bilhão 688 milhões 84 mil e 500 oitava semana.

5 — **Loucademia de Polícia II — A Primeira Missão** (fora de circuito), público: 171 mil 650 espectadores, renda: Cr$ 1 bilhão 574 milhões 944 mil na quinta semana.

Fontes: Fox, Columbia — Warner, Condor, UIP e Franco-Brasileira.

discos

parada de sucessos

1. **Barato Bom é da Barata** — Turma do Balão Mágico (6)
2. **Roque Santeiro** (trilha sonora) — Vários (1)
3. **Vulgar e Comum é não Morrer de Amor** — Wando (3)
4. **A Gata Comeu** (trilha sonora internacional) — Vários (2)
5. **A Festa Vai Começar** — Menudo (8)
6. **Nós Vamos Invadir Sua Praia** — Ultraje a Rigor (4)
7. **Dominó** — Dominó (7)
8. **Trem da Alegria** — Trem da Alegria (10)
9. **Cassino do Chacrinha Especial** — Vários
10. **Libra** — Julio Iglesias (9)

Fonte: Nopen. O número entre parênteses indica a posição do Lp na semana anterior. **Sorriso Novo** (**Jibóia**), com Aimir Guineto, saiu da lista.

livros

best-sellers

FICÇÃO

1. **A Insustentável Leveza do Ser**, de Milan Kundera (Nova Fronteira, 316pp., Cr$ 44 mil 900) (1/37).
2. **O Amante**, de Marguerite Duras (Nova Fronteira, 128pp., Cr$ 16 mil 900) (2/23).
3. **A Polaquinha**, de Dalton Trevisan (Record, 160 pp., Cr$ 22 mil) (5/4).
4. **Se Houver Amanhã**, de Sidney Sheldon (Record, 404 pp., Cr$ 52 mil 900) (3/28).
5. **Poesia Russa Moderna**, de Augusto de Campos e outros (Brasiliense, 292 pp., Cr$ 48 mil 600) (0/0).

NÃO-FICÇÃO

1. **Brasil: Nunca Mais**, Anônimo (Vozes, 312 pp., Cr$ 35 mil) (2/11).
2. **Assim Morreu Tancredo**, de Antônio Britto (L&PM, 202 pp., Cr$ 35 mil) (1/5).
3. **Complexo de Cinderela**, de Colette Dowling (Melhoramentos, 224 pp., Cr$ 35 mil) (3/67).
4. **Cem Dias entre Céu e Mar**, de Amyr Klink (José Olimpio, 190 pp., Cr$ 45 mil) (4/1).
5. **Olga**, de Fernando Morais (Alfa-Omega, 314 pp., Cr$ 88 mil) (0/0).

Fontes: Livrarias Argumento, Tempos Modernos, Eu e Você, Siciliano, Dazibao, Riomarket, Xanam, Timbre, Paisagem, Eldorado Tijuca, Pasargada (Niterói) e Ponto de Encontro I e II (Teresópolis). O primeiro número entre parênteses indica a posição do livro na semana anterior; o segundo, a quantidade de semanas em que aparece na lista, mesmo não seguidamente.

teatro

campeões de bilheteria

1 — **Oitavo na Peneira** (Teatro Casa Grande), público: 1 mil 975 espectadores em quatro apresentações.

2 — **Viva a Nova República** (Teatro Copacabana), público: 3 mil espectadores em sete apresentações.

3 — **Assim É, Se Lhe Parece** (Teatro dos Quatro), público: 2 mil 859 espectadores em sete apresentações.

4 — **Flávia, Cabeça, Tronco e Membros** (Teatro Ginástico), público: 1 mil 480 espectadores em sete apresentações.

5 — **Negócios de Estado** (Teatro Clara Nunes), público: 1 mil 348 espectadores em sete apresentações.

Fonte: SBAT, referente à semana de 2 a 6 de outubro.

música

as mais tocadas

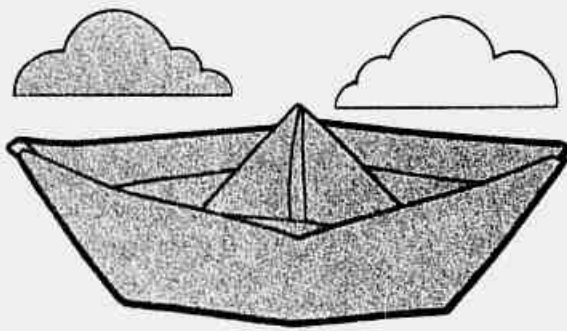
NACIONAIS

1. **Na Canção** com Vinícius Cantuária
2. **Lágrimas e Chuva** com Kid Abelha
3. **Geração Coca-Cola** com Legião Urbana
4. **De Repente** com Lulu Santos
5. **Independente Futebol Clube** com Ultraje a Rigor

ESTRANGEIRAS

1. **Part Time Lover** com Stevie Wonder
2. **New Years Day** com U2
3. **Your Latest Trick** com Dire Straits
4. **Half a Minute** com Matt Bianco
5. **Smooth Operator** com Sade

Fonte: Rádio Cidade

O DIA DA CRIANÇA

parque

TIVOLI PARK — Parque com 14 brinquedos para adultos e oito para crianças. Av. Borges de Medeiros, Lagoa. De 3ª e 6ª, das 14h às 21h; sáb. das 15h às 23h, e dom. das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 30 mil e Cr$ 28 mil (crianças até 10 anos).

planetário

PLANETÁRIO — Programação sáb às 17h, **Caixinha de Brinquedos** (infantil) e às 18h30min, **Até que o sol se apague** (adulto). Dom., às 17h, **Carrinho Feliz** (infantil) e, às 18h30min., **De AKM 2 a Galaxia DX** (juvenil). Rua Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). Ingressos a Cr$ 2 mil 200, adultos e Cr$ 1 mil 100, crianças até 12 anos.

show

O QUE É QUE TEM DENTRO? — Show com músicas de Norma Nogueira e Sheila Quintanero. Direção de João Gomes do Rego. Hoje, às 17h, no **Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Ingressos a Cr$ 15 mil, e Cr$ 12 mil, crianças.

OS TRAPALHÕES NO SCALA — Criação de Renato Aragão. Direção de Dedé Santana. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Muçum e Zacarias. **Scala**, Av. Afrânio de Melo Franco, 286 (239-4448). Sáb e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 30 mil.

O PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Show de variedades com o palhaço Melancia, Mimo Tropical, grupo Quebra-Cabeça, e A Cor Encena. Sáb e dom., às 16h, no **Morro da Urca**, Av. Pasteur, 520. Ingressos a Cr$ 9 mil e Cr$ 4 mil 500, crianças.

karaokê

RÁDIO CIGANINHA — Karaokê infantil com apresentação de Adelaide Martins. Sáb e dom., às 17h, no **Manga Rosa**, Rua 19 de Fevereiro, 94.

matinês

SESSÃO COCA-COLA — As Aventuras de Peter Pan — Lagoa Drive-In: 18h30min. (Livre).

CARAVANA DA CORAGEM — Barra-1: 14h10min. (Livre).

* Outros filmes com censura livre ver na seção CINEMA.

teatro

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

APRENDIZ DE FEITICEIRO — Texto e direção de Maria Clara Machado. **Teatro Fonte da Saudade**, Av. Epitácio Pessoa, 4 866 (286-0644). Sáb e dom., às 16h e 17h30min. Ingressos a Cr$ 12 mil.

A ARCA DE NOÉ — Musical de Toquinho e Vinícius de Moraes. Roteiro de Maria de Lourdes Martini. Direção de Alice Viveiros de Castro. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/2° (274-9895). Sáb., às 17h, e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

ASTRO-FOLIAS — Musical com texto de Ana Luiza Job. Músicas de Antônio Adolfo, Paulinho Tapajós e Xico Chaves. Direção de Lauro Góes. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 8 mil.

AS AVENTURAS TOM SAWYER — Texto de Mark Twain. Tradução de Monteiro Lobato. Adaptação de Roberto Bomtempo. Direção de Roberto Bomtempo e Roney Villela. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3° (274-7246). De 5ª a dom., às 17h. Ingressos 5ª e 6ª a Cr$ 10 mil; sáb e dom a Cr$ 15 mil.

O BAÚ DA INSPIRAÇÃO PERDIDA — Texto de Benedito Rodrigues Pinto. Direção de Suzana Rosman e Malu Alexin. **Colegio S. Agostinho**, Rua Rino Levi, 485, Novo Leblon. Dom., às 16h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil. Até dia 27.

A BELA E A FERA — Musical de Vicentina Novelli. Direção de Claudio Gaya. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350 (295-2282). Sáb às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

BETO E TECA — Texto de Volker Ludwig. Direção de Renato Icarahy. Com o grupo TAPA. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794), sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

O BICHINHO DA MAÇÃ — Texto de Ziraldo. Adaptação e direção de Carlos Arruda. Com o grupo Canto Conte. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 375. Sáb. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 15 mil.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto de João Socini e Dylmo Elias. Direção coletiva do grupo Euivocê. **Teatro do Clube Monte Sinai**, Rua S. Francisco Xavier, 104. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

BRINQUEDOS DE AMOR — Texto e direção de Maria Lina Rabello. **Teatro do Sesc de Niterói**, Rua Pe. Anchieta, 56/3° Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

A BRUXINHA QUE ERA BOA — Teatro de Maria Clara Machado. Direção de Toninho Lopes. Com o grupo Ponto de Partida. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

A BRUXINHA E O PRÍNCIPE VALENTE — Texto e direção de Limachen Cherem. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524, (295-0896) dom. às 16h30min. Ingressos a Cr$ 8 mil. Acompanhante não paga.

A CASA DE CHOCOLATE — Texto de Nazareth Rocha. Direção de Wagner Lima. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498), 6ª, às 15h30min sáb e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 15 mil.

CIRCO ALEGRIA — Texto e direção de Walter Costa. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto de Brigitte Blair. Direção de Bruno Bruce com o grupo Euivocê. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sáb. às 17h e dom. às 16h30min. Ingressos a Cr$ 10 mil e Cr$ 8 mil, crianças.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU NA CASA DA VOVOZINHA — Com o grupo Carrossel. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1 664 (247-3292). Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

CORRE CORRE... QUE A TV FUGIU — Texto da Troupe Doce Adrenalina. Adaptação de Jô Santos. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10. Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

DEU ZEBRA NO PLANO DA BRUXA — Texto e direção de Claudio Ramos. Com o grupo Vi-Vendo Teatro. **Teatro da Associação Médica Fluminense**, Av. Roberto Silveira, 123, Icaraí (711-3071). Sáb e dom., às 16h30min. Ingressos a Cr$ 8 mil. Até dia 27.

ENSAIO N° 2 — O PINTOR — Texto de Lygia Bojunga Nunes. Direção de Bia Lessa. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 15 mil e Cr$ 8 mil, crianças.

O FILHOTE DE ESPANTALHO — Texto de Oswaldo Waddington. Direção de Vital Filho **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

FLICTS — Texto de Ziraldo. Direção de Leonardo Simões com Marco Polo, Marco Rasek e outros. **Teatro Municipal**, Rua 15 de Novembro, 35, Niterói. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

O GATO PARDO DE PATRÍCIA E LEONARDO — Texto de João das Neves. Direção de Lucia Coelho. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

A IDADE DO SONHO — Texto de Tonio Carvalho. Direção de Vicente Maiolino. Com Teatro Feliz Meu bem. **Teatro Glaucio Gill**, Pça Cardeal Arcoverde, s/n°. Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

O JARDIM ENCANTADO — Texto e direção de Arlette Ribeiro. **Teatro de Lona**, Av. Alvorada, 1791 (325-9731). Sáb. às 10h, 15h e 17h30min; dom. às 15h e 17h30min. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil, arquibancada, e Cr$ 10 mil, cadeira de pista.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

KID ESPERANÇA CONTRA O DR. PROGRESSO — Texto e direção de Gil Ramos. **Teatro do Cine-Show de Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 7 mil.

O MAR NÃO ESTÁ PRA PEIXE — Musical com texto de Marcelo Karidad. Direção de Fábio Kleine. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Sáb e dom., às 16h.

O MENINO MALUQUINHO — Musical do Ziraldo. Adaptação e direção de Demetrio Nicolau. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Sáb e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

MICKEY E PATETA EM APUROS — Apresentação do grupo Carrossel. Sáb e dom., às 16h, no **Teatro D. Camilo**, Rua Toneleros, 76 (256-9225). Ingressos a Cr$ 7 mil.

MONSTRINHOS DA RUA DAS ESMERALDAS — Texto de João Carlos Rodrigues. Direção de Luna Brum. **Teatro do Tijuca Tênis Clube**, Rua Cde de Bonfim, 451. Dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 6 mil.

OLHO DE GATO — Texto de Cora Ronai. Direção de Moacyr Goes. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sáb. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 8 mil.

AO PÉ DO OUVIDO — Texto de Alice Reis. Direção de Shimon Nahmias. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 8 mil.

PELE DE ASNO — Texto de Liliana Neves, baseado em conto de Charles Perrault. Direção de Toninho Lopes. Com o grupo Ponto de Partida. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. (275-6695). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

PERERÊ — Comédia infantil de Ziraldo, Luca de Castro e Zeca Ligiero. Direção de Luca de Castro. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). Sáb., às 17h, e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Até dia 27.

PLICOQUENUMPLISCOLISCO — Texto e direção de Janssen Maciel Ribeiro. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sáb. às 16h e dom., às 15h30min. Ingressos a Cr$ 12 mil e Cr$ 10 mil, crianças.

POPEYE E OLIVIA PALITO — Apresentação do grupo Carrossel. Sáb e dom., às 17h, no **Teatro D. Camilo**, Rua Toneleros, 76 (255-9225). **Ingressos a Cr$ 7 mil.**

O RAPTO DAS CEBOLINHAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Humberto Abrantes. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). Sáb e dom., às 17h15min. Ingressos a Cr$ 10 mil.

RAPUNZEL NA DANCETERIA — Texto e direção de Walter Costa. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel de Lemos, 51 (521-2955). Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

A REVOLTA DOS BICHOS — Musical com texto de Manassés de Oliveira. Direção de Manassés Sessannam. **Circo Delírico**, Rua Vice-Governador Rubens Berardo, s/n°. Dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 10 mil. Até dia 3 de novembro.

SE A BANANA PRENDER O MAMÃO SOLTA — Musical com texto e direção de Dilma Lóes. **Hotel Nacional**, Av. Niemeyer, 769 (322-1000). Sáb. às 17h30min e dom. às 17h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

SPAGUETTI — Texto e direção de Fernando Berditchevsky. **Teatro do Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240. Sáb. e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 12 mil.

TÁ NA HORA, TÁ NA HORA — Criação coletiva do grupo Navegando. Direção de Fernanda Coelho e Fabio Pilar. Direção musical de Charles Kahn. **Sala Monteiro Lobato anexo ao Textro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb e dom., às 17h30min. Ingressos a Cr$ 8 mil.

ULISSES — Adaptação da **Odisseia**, de Homero, por Maria de Lourdes Martini. Direção de Maysa Braga e Ana Luisa Cardoso. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Sáb às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 8 mil.

O UNICÓRNIO — Texto de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Jorginho Ayer. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). Sáb e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 15 mil.

ZABADAN — Musical infanto-juvenil com texto e direção de Sérgio Carvalhal baseado em poema de Lucia TV Ramos. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118, 234-2060. Sáb. e dom., às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 12 mil e Cr$ 10 mil, crianças.

Aprendiz de Feiticeiro agora no Fonte da Saudade

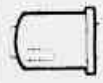
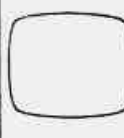
Feiticeiro muda de endereço

O **Aprendiz de Feiticeiro** saiu esta semana do Teatro Tablado, que fica ali perto do Clube Piraquê, deu a volta na Lagoa e ainda chegou com fôlego para reiniciar temporada no Teatro Fonte da Saudade (Av. Epitácio Pessoa 4.866), agora com programação revista pela obra social da pequena Cruzada. O texto de Maria Clara Machado, retido nos arquivos da censura da Velha República, voltou aos palcos em grande estilo, com um elenco profissional e equipe técnica de prestígio no mercado. Coisas raras no panorama dos espetáculos infantis. Os cuidados de produção passaram pelo crivo do finíssimo Pedro Sayad (cenários e figurinos), auxiliado pela iluminação criativa de Cláudio Neves, música de Márcio Trigo e adereços de Beatriz Vidal e do genial Jorge Barrão (Geração 80). Maria Clara Machado dirige um elenco todo ele formado no Tablado, mas que há tempos se emancipou no teatro profissional. **Aprendiz de Feiticeiro** deve ficar em cartaz no Fonte da Saudade até o início de 1986, quando pretende alçar um vôo maior, rumo à Portugal.

DE GRAÇA

Emilinha vai de longo

Pelo menos na Zona Oeste, ela ainda é a maior. E é lá que os fãs reencontram sua rainha

Até que enfim! A tão programada apresentação da estrelíssima Emilinha Borba na Zona Oeste acontece hoje na Praça Dolimitas, na Vila Kennedy. "Ela é uma preferência nacional", concluíram os coordenadores do Palco Sobre Rodas, promoção do Departamento de Cultura da Cidade. Uma pesquisa consultou os moradores da Zona Oeste sobre os artistas que gostariam de assistir ao vivo em seus bairros. E aquela que já foi celebrada como "a minha, a sua, a nossa favorita" — Emilinha Borba — ganhou. Mas quase não levou: ela foi impedida de encontrar seu público nas duas primeiras apresentações programadas — no último dia 6, em Campo Grande e no dia 13 em Santa Cruz — por defeitos mecânicos no equipamento do Palco Sobre Rodas.

Mas agora é pra valer, e a Vila Kennedy pode verificar que Eliminha, 62 anos, continua uma grande artista depois destes anos todos. Longe de se colocar apenas como um objeto de nostalgia, Emília Savana da Silva Borba, que fazia o Brasil parar nos anos 50 quando era apresentada no Programa César de Alencar, da Rádio Nacional (então com uma onipresença equivalente à Rede Globo), está gravando um vídeo documentário para a Fundação Rio, **Emilinha Escandalosa**. O título do vídeo já se refere a uma rumba que foi hit da cantora ao lado de **Se Queres Saber**, de 1947, agora de volta aos ouvidos na trilha sonora de reprise de **Quem Ama Não Mata**. Sucessos como **Baião de Dois, Catito, Paraíba Masculina** e **Remador** também estarão à disposição dos fãs na Vila Kennedy (o fã-clube da cantora também continua quente: uma multidão foi homenageá-la na comemoração de seus 45 anos de carreira, em agosto passado).

O Palco Sobre Rodas começa às 9h, com programação infantil e segue com dança e música às 17h. Emilinha entra às 20h acompanhada pela orquestra do maestro Darcy da Cruz, após uma exibição de dançarinos de gafieira. "Adoro o povão", declara Emilinha, que já cantou em circos da Zona Oeste, e promete o máximo de vibração e luxo para os fãs: "Eu vou de longo", avisa.

o barato do domingo

manhã

9h — • As crianças vão se amarrar: colagem com barbantes, narração de uma história, desenho, pintura e uma oficina de artesanato com barro. É o **Palco Sobre Rodas** que estaciona em **Vila Kennedy**, na **Praça do Lomitas**.

• A **Quinta da Boa Vista** vai ferver desde cedo com o **show** de lançamento do disco dos **Fevers**. A festa só termina ao meio-dia mas até lá rola muita música e dança. É certo que vão tocar **Elas por Elas**. Entrada Franca

10h — Para que as crianças não chamem galinha de **knorr**, o Jardim Zoológico, agora Rio-Zôo, montou uma minifazenda com sede e animais domésticos. O ingresso custa Cr$ 2 mil e menores de 1,20m de altura não pagam.

12h — • Quem já estiver na praia, melhor; para os outros a dica é se dirigir a Copacabana, parar em frente ao **Copacabana Palace** e olhar para o céu. A essa hora a **Esquadrilha da Fumaça** vai fazer uma demonstração. Começa a semana da Asa.

almoço

• Os tempos não estão para jogar comida nem dinheiro fora. No **Café Lamas** (R. Marquês de Abrantes, 18 - Flamengo) o frango ao molho pardo ou o leitão à brasileira vale para dois e custa Cr$ 25 mil.

• O chinês **Chuen Min** (R. Barão de São Francisco, 297 Vila Isabel) também serve com fartura no prato e economia na conta. Frango xadrez com broto de feijão está a Cr$ 16 mil.

• Se a massa aos domingos é uma tradição, o restaurante Lazanha Verde (R. Dias Ferreira, 559 - Leblon) é uma boa pedida. Oferece pizza média a Cr$ 15 mil e outros pratos com preço médio de Cr$ 20 mil.

tarde

14h30m — • Não perca tempo, corra para o cinema. Ver, ou rever, **O Feitiço de Áquila** pagando a metade do preço do ingresso é um prêmio que a primeira sessão nos cinemas **Lido-1, Tijuca Palace** e **Coral** oferece para adultos e crianças.

15h — • A Seleção Brasileira de Vôlei feminino está sem suas estrelas maiores. Em compensação vem com forças renovadas no jogo de hoje contra a Bulgária, que a **Manchete** vai transmitir. Time novo promete novas jogadas.

15h30m — • É hora de liberar o corpo com expressão corporal e movimentos de dança. Dois mestres do gênero, Rainer Vianna e Juliana Carneiro, vão ensinar no **Domingo do Corpo** do **Circo Voador** pelo preço simbólico de Cr$ 1 mil 500.

16h — • A subida de bondinho já é uma atração, mas a tarde de domingo no **Morro da Urca** oferece mais às crianças. Um **show** de variedades, uma exposição de bonecos animados e o visual. Por Cr$ 4 mil 500, crianças até 10 anos, e Cr$ 9 mil, adultos.

noite

18h30m — • Uma viagem às estrelas, com direito a efeitos especiais e a sensação de estar numa nave espacial. É o programa do **Planetário da Gávea** para maiores de 10 anos: **De AKM-2 à Galáxia DX**. Ingressos a Cr$ 2 mil 200.

20h — • Tem início um **show**-baile com a orquestra do maestro Darcy Cruz e a apresentação de dançarinos de gafieira. Tudo isso é a preparação para a entrada da estrela maior: Emilinha Borba. Na **Praça Dolomitas**, em **Vila Kennedy**.

21h — • Um pouco de seriedade. O Festival Bach apresenta hoje a **Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro**, na **Sala Cecília Meireles**. Regência do maestro Florentino Dias. Um programa para os amantes da música clássica. Entrada franca.

22h05m — • Fim de noite preguiçoso, nada de sair de casa. Então, é ligar a televisão no que tem de melhor. O **Persona** de hoje, na **Manchete**, é com o cantor e compositor João Bosco. Depoimentos de Moraes Moreira, Fernando Mansur e Aldir Blanc.

Salomon Cytrynowicz/F4

Paulo Moura e Severino Araújo: feitos para dançar

Dois pra lá, dois pra cá

Quem gosta de dançar fica sempre na dúvida aos domingos de noite. Ou escolhe a Domingueira do Circo Voador na Lapa, que há três anos apresenta o som da orquestra Tabajara, comandada pelo maestro Severino Araújo, ou vai ao Parque Lage, no Jardim Botânico, onde a gafieira é dirigida pelo conjunto do maestro Paulo Moura. Os dois são as grandes vedetes dessas noites e apesar do dia ingrato para um baile, que vara a madrugada, conseguem arrastar para os salões uma média de 800 pessoas, que rodopiam sem parar durante cinco horas. O repertório dos dois é parecido — velhos choros, boleros e muita MPB — o público também, embora no Circo a mistura de Zona Norte e Zona Sul seja mais visível. A diferença está no estilo de cada um, inconfundível. Enquanto Paulo, com seus oito músicos capricha nos improvisos, Severino adora os **pout-pourris** e a impressão é a de que voltamos a freqüentar os nostálgicos bailes de formatura dos anos 60.

Severino Araujo está com 68 anos, tem quatro filhos, quatro netos e orgulha-se em dirigir "a orquestra de jazz" mais antiga do país e do mundo. A Tabajara tem 52 anos e está sob sua direção há 48. "Depois dela", assegura Severino — "viria a de Count Basie, que faria 50 anos ano passado, se ele não morresse, e em terceiro a de Duke Ellington, que existe há 47." Tanta longevidade não incomoda em nada esse pernambucano criado na Paraíba, que começou a tocar clarinete com o pai quando tinha seis ano, aprendeu todos os instrumentos de sopro e já gravou mais de 100 discos. O maestro viaja muito com a sua orquestra. "Todo lugar que eu chego tem alguém que se formou dançando com minha orquestra, que também já provocou muitos casamentos", contabiliza. Para Severino a única distração extra-música é jogar xadrez na praia do Leblon, dentro do seu Del Rey, com meia dúzia de amigos. Fora isso sua vida é só a música. No Circo Voador ele sempre tem que tocar **In the mood**, seu choro **Espinha de Bacalhau, Coração de Estudante** e **Travessia** de Milton Nascimento.

Como Severino, Paulo Moura também não sabe dançar, embora fique feliz em ver o público sempre irriquieto nos seus bailes no Parque Lage. Ele está tocando na casa do conde desde janeiro e pretende continuar até o carnaval. Mineiro, de São José do Rio Preto, Paulo toca desde os 13 anos e há cinco trocou seu apartamento em Copacabana para morar no subúrbio de Ramos, "para ter sossego e ficar mais perto do povo." Aos 53 anos, ele também viaja sem parar, organizando, a convite das Secretarias de Cultura, um trabalho chamado **Atelier Banda**: reúne até 80 músicos, ensaia com eles três dias e depois apresenta um show no maior teatro da cidade. No seu repertório no Parque Lage, inclui sempre os choros de Severino e Cachimbinho e suas músicas **Dia de Comício** e **Alma Brasileira**, mas ao contrário do amigo, com quem já tocou muito tempo na Tabajara, não tem outro lazer fora a música. Quando não está se apresentando ao público, Paulo Moura freqüenta os pagodes do **Fundo de Quintal** em Ramos, os ensaios da Imperatriz Leopoldinense, ou remexe velhas partituras. "Não existe melhor diversão."

Lúcia Rito

show

TOM JOBIM — Apresentação do cantor, compositor e instrumentista acompanhado de Danilo Caymmi (flauta), Tião Neto (baixo), Paulo Jobim (guitarra), Jacques Morelenbaum (violoncelo), Paulinho Braga (bateria) e Ana Jobim, Elizabeth Jobim, Maucha Adnet, Paula Morelenbaum e Simone Caymmi (vocais). **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). De 4ª a sáb., às 22h30min e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 70 mil, mesa central (por pessoa), a Cr$ 60 mil, mesa lateral e Cr$ 50 mil, arquibancada.

PONTO DE PARTIDA — **Show** da cantora e compositora Jane Duboc. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). De 5ª a dom, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 30 mil.

COMPASSOS — Apresentação do guitarrista Helio Delmiro acompanhado de Paulo Russo (baixo) e Claudio Caribe (bateria). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 5ª a sáb, às 22h15m e dom. às 21h15m. Ingressos a Cr$ 25 mil.

REGINALDO BESSA E CESAR COSTA FILHO — Apresentação dos instrumentistas e compositores. **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454 (394-1622). Sáb e dom., às 18h30min. Ingressos a Cr$ 10 mil.

OITAVO NA PENEIRA — **Show** do humorista Chico Anísio. Roteiro de Arnaud Rodrigues, Giuseppe Guarone, Benil Santos, Marcos Cesar e Chico Anísio. Direção de Fernando Pinto. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (259-6948). 5ª a sáb, às 21h30min., dom. às 20h. Ingressos, 5ª e dom a Cr$ 30 mil; 6ª e sáb. Cr$ 40 mil.

DESCULPEM A NOSSA FILHA... PERDÃO, A NOSSA FALHA — Texto e interpretação do humorista Geraldo Alves. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. De 5ª a dom., às 20h30min. Ingressos a Cr$ 12 mil.

SERGIO RABELLO — O NOVO HUMOR — Espetáculo do humorista. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). De 5ª, às 21h30min; 6ª e sáb, às 22h; dom., às 20h. Ingressos 5ª e dom a Cr$ 30 mil; 6ª a Cr$ 35 mil e sáb. a Cr$ 40 mil. (16 anos).

CONFIDÊNCIAS DE UM ESPERMATOZÓIDE CARECA — **Show** com Carlos Eduardo Novaes. Texto de Carlos Eduardo Novaes e Caulos. Direção de Benjamin Santos. **Teatro Delfim**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). 5ª 6ª, às 22h, sáb, às 20h e 22h30min; dom, às 19h e 21h. Ingressos 5ª, 6ª e dom a Cr$ 30 mil e Cr$ 25 mil, estudantes; e sáb a Cr$ 35 mil. (14 anos).

VOU QUERER TAMBÉM SENÃO EU CONTO PRA TODO MUNDO — Texto de Gugu Olimecha, Agildo Ribeiro, Max Nunes, Jésus Rocha e Ziraldo. Com o humorista Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). 5ª e 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h30min e 22h30min e dom., às 19h e 21h. Ingressos 5ª e dom. a Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil, estudantes; 6ª a Cr$ 35 mil e Cr$ 20 mil, estudantes; sáb a Cr$ 40 mil e Cr$ 20 mil, estudantes.

VULGAR E COMUM É NÃO MORRER DE AMOR — **Show** do cantor Wando acompanhado de conjunto. Direção de Eduardo Lages. **Gafieira Asa Branca**, Av. Mem de Sá, 17 (252-4428). De 4ª a dom., às 23h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 50 mil; 6ª, sáb. e véspera de feriado a Cr$ 70 mil.

gafieira

GAFIEIRA NO PARQUE — Baile-show com Paulo Moura, Zé da Velha e Jorjão. Dom., às 21h, no **Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Ingressos a Cr$ 20 mil.

DOMINGUEIRA VOADORA — — Baile **show** e lançamento do LP da Orquestra Tabajara. Dom., às 21h30min, no Circo **Voador**, Lapa. Ingressos a Cr$ 15 mil.

revista

MIMOSAS ATÉ CERTO PONTO — **Show** de travestis com direção de Brigitte Blair. Com Marlene Casanova, Kiriaki, Renata Rios e outros. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 3ª a dom., às 18h30min, extra 3ª, às 21h15min. Ingressos a Cr$ 15 mil (de 3ª a 6ª) e Cr$ 20 mil (sáb e dom). (18 anos).

SHOW

EU VOU NA BANGUELA DELAS — Espetáculo com Nélia Paula, Reny de Oliveira e Colé. **Teatro Rival**, Rua Alvaro Alvim, 33 (240-1135). De 4ª a 6ª, às 21h, sáb. às 20h e 22h, e dom. às 18h30min e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 10 mil, 6ª e sáb. a Cr$ 12 mil, estudantes diariamente a Cr$ 7 mil.

HALLEY — O COMETA DAS BONECAS — Show dos travestis Alex Mattos, Rita Moreno, Mila Shineider e outros. Texto e direção de Brigitte Blair. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 4ª a dom., às 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª a Cr$ 15 mil e sáb e dom. a Cr$ 20 mil.

GOLDEN RIO — Show musical com a cantora Watusi e o ator Grande Otelo à frente de um elenco de bailarinos. Direção de Maurício Sherman. Coreografia Juan Carlo Berardi. Orquestra do maestro Guio de Moraes. **Scala-Rio**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). De 2ª a dom., às 23h. **Couvert** a Cr$ 100 mil.

SONHO SONHADO DE UM BRASIL DOURADO — Show diariamente, às 23h, com os cantores Sapoti da Mangueira e Silvio Aleixo; com participação de 125 artistas, mulatas e ritmistas e orquestra sob a regência do Maestro Silvio Barbosa. Direção de J. Martins e Sonia Martins. Consumação a Cr$ 130 mil, com direito à bebida nacional à vontade e salgadinho. Plataforma. Rua Adalberto Ferreira, 32 (274-4022).

OLÊ OLÁ — Show de Iracema, Gloria Cristal com a orquestra do maestro Índio e As Mulatas Que Não Estão no Mapa. Música ao vivo para dançar a partir das 20h30min. **Show**, às 23h15min. Oba Oba. Rua Humaitá, 110 (286-9848). **Couvert** a Cr$ 70 mil.

casas noturnas

CALÍGOLA — Edson Frederico (piano) e Luiz Alves (contrabaixo) e as cantoras Lygia Drummond e Gioconda. **Couvert** a Cr$ 20 mil. Em outro ambiente, música para dançar com o discotecário Bernard de Casteja. Rua Prudente de Morais, 129.

PEOPLE — Às 22h30min, o grupo Idéia Fixa. À 1h da manhã, Verissimo (violão). Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). Couvert a partir das 22h30min a Cr$ 25 mil. No bar, a Cr$ 20 mil.

CHIKO'S BAR — Piano-bar com música ao vivo a partir das 21h. Às 21h30min Wilson Nunes (piano), Tibério (contrabaixo) e Fátima Regina (vocal), às 22h30min, com Edson Frederico (piano) e conjunto. Aberto diariamente a partir das 18h, com música de fita. Sem couvert, sem consumação mínima. Av. Epitácio Pessoa, 1.560 (267-0113 e 287-3514).

ALÔ ALÔ — A partir das 22h, com os cantores Mary Ekler e Eugene Rice, e o grupo de João Carlos Coutinho (piano). Couvert a Cr$ 40 mil. Rua Barão da Torre, 368 (521-1460).

NOBILI — Às 20h, música ao vivo com Noberto dos Santos. Sem **couvert**. Av. Ataulfo de Paiva, 270 (274-5799). Estacionamento grátis.

TEM QUE BALANÇAR — Show do cantor Wilson Simonal acompanhado de conjunto. **Un, Deux, Trois**, Av. Bartolomeu Mitre, 123 (239-0198). De 3ª a 5ª e dom., 23h e sáb e dom., às 24h. Ingressos de 3ª a 5ª e dom a Cr$ 40 mil e 6ª e sáb a Cr$ 50 mil.

O VIRO DO IPIRANGA — Aberto diariamente a partir das 18h, com música mecânica. Às 19h, **jam session** com Mauro Senise (sax). **Couvert** Cr$ 16 mil (6ª e sáb.); Cr$ 13 mil (dom.) Cr$ 12 mil (2ª a 5ª). Rua Ipiranga, 54 (225-4762).

Brahms no Pub

Na era do **rock**, nem todas as casas noturnas embarcaram na onda sonora eletrificada. O Picadili Pub (Rua San Martin, 1.241 — Leblon) aposta num outro extremo musical apresentado, a partir das 21h, a dupla Felícia Wang (piano) e Eduardo Camenietzki (violão), com um programa que inclui A. Diabelli, Mozart, Brahms, Villa-Lobos e J. Rodrigo. **Couvert** a Cr$ 10 mil.

VÍDEO

VÍDEO-BAR — Exibição de vídeos musicais, a partir das 19h e intercalando as sessões. Às 20h, **The Postman Always Rings Twice**, de Bob Raphelson, com Jack Nicholson e Jessica Lang. Às 23h, **Judy Garland in Concert**. Hoje, no **TV Bar Club**, Rua Teresa Guimarães, 92.

PINK FLOYD AT POMPEI — Gravações do grupo em um anfiteatro de Pompéia. Complemento: **U-2 no Live Aid**. Às 18h e 20h, no **Espaço Pró-Vídeo**, Estrada dos Três Rios, 90 — sala 336.

VÍDEOS NO MISTURA FINA — Hoje, a partir das 20h, **Dancin' on Fire**, com o grupo The Doors e participação de Jim Morrison. No **Mistura Fina**, Rua Garcia D'Avila, 15.

VÍDEOS NO GIG — Exibição de vídeos musicais, a partir das 11h30min. Hoje, às 22h, **James Taylor in Concert** e **The Arms Concert**, com Eric Clapton, Jeff Back, Jimmy Page e outros. No **GIG Saladas**, Rua General San Martin, 629.

SCORPIONS — Show ao vivo com **flashes** do Rock in Rio. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, na **Sala de Vídeo Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63.

VÍDEOS NO MANHATTAN I — Hoje, a partir das 21h: Billy Idol e Rod Stewart. No **Manhattan, Av. Menezes Cortes, 3.020 — Jacarepaguá**.

VÍDEOS NO CAVERNA — Exibição de vídeos do Rising Force, com Yngwie Malmsteen, W.A.S.P. e Live Aid com Black Sabbath, Ozzy Osbourne, Judas Priest e Led Zeppelin. Hoje, a partir das 16h, no **Caverna II**, Rua Lauro Muller, 1 (ao lado do Canecão).

VÍDEOS EM PETRÓPOLIS — Às 15h: Tron, de Steven Lisberger. Às 17h: **Splash, uma Sereia em Minha Vida**, de Ron Warward, com Daryl Hannah. Às 19h: **Whitesnake**, vídeo musical. Às 20h: **O Reencontro**, de Laurence Kasdan, com Tom Berenger e Gleen Close. Hoje, no **Cine-Vídeo Bauhaus**, Rua João Pessoa, 88 — sl 27.

KARAOKÊ

KARAOKÊ CARIOCA — De 3ª a dom., a partir das 20h, com animação de Ivanildo Telles. Ingressos a Cr$ 20 mil. **Eclipse Bar**, Rua Xavier da Silveira, 112 (255-3320).

CANJA — Diariamente a partir das 20h, karaokê, onde o cliente canta acompanhado de **play-backs** ou dos músicos Arnaldo Martinez (piano) e Alcir (violão). Apresentação do cantor Mario Jorge. Consumação a Cr$ 30 mil e 6ª e sáb a Cr$ 45 mil. Av. Ataulfo de Paiva, 375 (511-0484).

RÁDIO PIRATA KARAOKÊ — Pocket-show com sorteios, brincadeiras e vinhetas musicais. Apresentação de Luiz Sérgio Lima e Silva e Zaira Zambelli. De 3ª a dom., às 22h. **Couvert** de 3ª a 5ª e dom a Cr$ 15 mil; 6ª e sáb a Cr$ 20 mil. Karaokê infantil apresentado por Adelaide Martins. Sáb e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 15 mil, com direito a lanche. No **Manga Rosa**, Rua 19 de Fevereiro, 94 (266-4996).

DANCETERIA

MANHATTAN I — Música mecânica às 15h e 21h. Ingressos à noite a Cr$ 15 mil, homem e Cr$ 10 mil, mulher e vesp. de dom. a Cr$ 10 mil. Av. Menezes Cortes, 3020 (392-8757).

HELP — Música de discoteca diariamente a partir das 21h30min. Ingressos de dom. a 5ª a Cr$ 18 mil, homem e Cr$ 12 mil, mulher vesperal dom. às 16h a Cr$ 10 mil Av. Atlântica, 3432 (521-1296).

METRÓPOLIS — Hoje banda Artigo 171. Diariamente a partir das 21h e matinê dom., às 16h. Ingressos de dom a Cr$ 15 mil e vesp de dom a Cr$ 7 mil. Estrada do Joá, 150 (322-3911).

MIAMI CITY — Às 18h. Som e vídeos. Av. Sernambetiba, 646 (399-4007), Barra. 6ª e sáb. consumação de Cr$ 15 mil, por pessoa.

DANCETERIA MISTURA FINA — A partir das 22h. Ingressos a Cr$ 15 mil Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460).

DANÇA

AMÉRICA LADINA — Espetáculo do grupo **Vacilou Dançou**. Direção de Carlota Portella. Coreografias de Carlota Portella e Renato Vieira. Roteiro de Paulo César Coutinho. Direção teatral de Milton Dobbin. **Teatro Nelson Rodrigues**. Av. Chile, 230 (212-5695). Às 18h30min e 20h30min. Ingressos a Cr$ 20 mil e Cr$ 15 mil estudantes. Estacionamento próprio e gratuito. Último dia.

DOMINGO DO CORPO — Aulas públicas de dança com Rainer Vianna e expressão corporal com Juliana Carneiro. Hoje, às 15h, no **Circo Voador**, Lapa. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

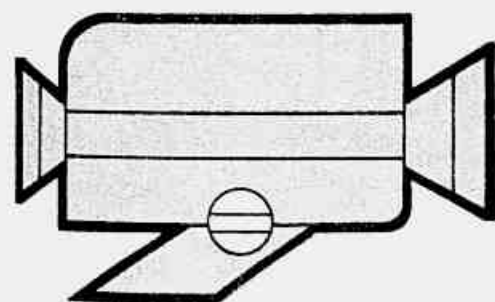
Andréa Beltrão e Nuno Leal Maia em Rei do Rio

O jogo do bicho vai ao cinema

Foi uma tarde diferente para alguns dos grandes banqueiros de bicho. Em plena quarta-feira, ao invés de controlarem a apuração do dia, eles foram assistir em sessão especial, **Rei do Rio**, filme de Fábio Barreto. Entre os convidados do cineasta, Luciano Carlos Pereira, o porta-voz da contravenção, saiu empolgado da cabine da L. C. Barreto. Ele começou reclamando de produções como **Bandeira Dois**, e peça **Rei de Ramos** ou a novela **Partido Alto** "que deturpavam nosso mundo".

Mas desta vez foi diferente. Diante das figuras dos bicheiros Cacareco (Milton Gonçalves), Tucão (Nuno Leal Maia) e Nico Sabonete (Nélson Xavier), eles se identificaram. "O garoto (Fábio Barreto) reproduziu nosso palavreado e maneirismo mesmo", admitiu Luciano. O que mais o impressionou foi o relacionamento de Tucão com seu trabalho: "Taí. Bicho e drogas não se misturam mesmo. Quem trabalha com os dois é louco e morre mesmo. Gostei do Tucão porque ele brigou pela sua causa", disse ele. Vale dizer que a assessoria "cultural" do filme foi dada a Fábio Barreto pelo sócio e melhor amigo de Luciano. Talvez por isto "algumas mentiras" os fizeram rir muito. "Onde já se viu polícia fazer campanha paŕa prender bicheiro?", disseram. "Polícia prende a gente por telefone. Liga e a gente vai prá Delegacia. Mas este tempo já passou". Hoje, afirmam (apesar do estouro de uma central em Niterói no dia anterior) que a polícia está "de parabéns, por só combater o crime".

Apenas um tema o incomodou de verdade no filme: a sangrenta luta de quadrilhas de bicheiros. "O bicho hoje está feliz e de mãos dadas. Pelo menos nós, os mais velhos, que temos consciência que mexemos com coisa de responsabilidade. Uma coisa santa".

Maria Silvia Camargo

lançamentos

UM ROMANCE MUITO PERIGOSO (Into the Night), de John Landis. Com Jeff Goldblum, Michelle Pfeiffer, Kathryn Harrold, Richard Farnsworth, Vera Miles, Irena Papas e David Bowie. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1341), **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado-1** (Lardo do Machado, 29 — 205-6845), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Baronesa** (Rua Cândido Benicio, 1 747 — 390-5745), **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544), 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos)

Um engenheiro aeroespacial entediado com a vida profissional e afetiva sai, numa noite de insônia, passeando pela cidade, quando é testemunha involuntária de um assassinato. A mulher que acompanhava a vitima pede ajuda e, sem querer, eles acabam envolvidos com uma quadrilha de contrabandistas e com a polícia. Produção americana.

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO (The Purple Rose of Cairo), de Woody Allen. Com Mia Farrow, Jeff Daniels e Danny Aiello. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349): 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min, 22h. **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. (10 anos).

A ação se passa numa cidadezinha de Nova Jersey, durante a grande depressão americana e mostra, como num conto de fadas, a história de uma garçonete sonhadora e infeliz no casamento que, para fugir à realidade, passa horas no cinema. Um dia, o galã da fita pára a cena, sai da tela e convida-a para jantar e dançar. Produção americana.

AS AVENTURAS DE GWENDOLINE NA CIDADE PERDIDA (Gwendoline), de Just Jaeckin. Com Tawny Kitaen, Brent Huff, Bernadette Lafont, Jean Rougerie e Zabou. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 13h40m, 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. **Barra-1** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): de 2ª a 6ª, às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. Sábado e domingo, a partir 16h. **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545). **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Com som **dolby-stereo** nos cinemas Opera-1 e Madureira-2. (14 anos)

Uma jovem bonita foge de um convento em Paris e vai parar na Ásia viajando em um cargueiro. Lá, ela conhece um rapaz aventureiro e caçador de diamantes, que está atrás de um exemplar raro de borboleta, que vale um bom prêmio em dólares. Os dois juntos e mais uma amiga da moça passam por todo tipo de aventura tendo como cenário as inóspitas florestas asiáticas. Produção francesa.

ONDE OS GAROTOS ESTÃO (Where the Boys Are), de Hy Averback. Com Lisa Hartman, Russell Todd, Lorna Luft, Wendy Schaal e Howard McGillin. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975): 14h30m, 16h10m, 17h50m, 19h30m, 21h10m. **Art-Casashopping 1** (Av. Alvorada, Via 11, 2 150 — 325-0746): 14h40m, 16h15m, 17h50m, 19h25m, 21h. (14 anos)

Comédia inspirada no filme de Joe Pasternack realizado em 1960 com o mesmo título. Quatro estudantes universitárias saem à procura de diversão, sol e aventuras durante os feriados da primavera no balneário de Fort Lauderdale, na Flórida. Produção americana.

PORKY'S CONTRA-ATACA (Proky's Revenge), de James Komack. Com Dan Monahan, Wyatt Knight, Tony Ganios, Mark Herrier e Kaki Hunter. **São Luiz 2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-2** (Av. das Américas, 4 666 — 325-6487): 14h50min, 16h30min, 18h10min, 19h50min, 21h30min. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953): 2ª e de 4ª a domingo, às 14h50min, 16h30min, 18h10min, 19h50min, 21h30min; 3ª, às 16h30min, 18h10min, 19h50min, 21h30min. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835): 14h, 15h40min, 17h20min, 19h, 20h40min. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246), **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Olaria** (Rua Uranos, 1 474 — 230-2666): 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. (16 anos)

Terceiro filme da série Porky's narrando as aventuras sexuais de um grupo de colegiais. Nesta história, os adolescentes enquanto se preparam para a formatura, procuram aventuras com uma atraente sueca e com a professora de ginástica. Comédia americana.

TERROR NAS SOMBRAS (Striking Back), de Sean S. Cunningham. Com Shannon Presby, Lori Loughlin, James Spader, John Philbin e David H. MacDonald. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 15h20min, 17h, 18h40min, 20h20min, 22h. **Art-CasaShopping 3** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 14h30min, 16h10min, 17h50min, 19h30min, 21h10min. (18 anos)

Dois irmãos adolescentes, da classe média americana, mudam-se para uma nova cidade e tentam conquistar novas amizades no bairro e na escola. Mas entram em choque com um jovem neurótico, que controla todo o território, e passa a persegui-los implacavelmente. Produção americana.

O FEITIÇO DE ÁQUILA (Lady Hawke), de Richard Donner. Com Matthew Broderick, Rutger Hauer, Michelle Pfeiffer, Leo McKern, John Wood e Ken Hutchison. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72), **Tijuca-Palace-1** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre)

CINEMA

Uma história de amor passada na Idade Média, época de magias e aventuras. O Bispo de Áquila, para se vingar da mulher que o desprezara, transforma-a em um falcão e ao seu amado em um lobo. Assim amaldiçoados eles nunca podiam encontrar-se, mas, para quebrar o feitiço, contam com a ajuda de um ladrão fugitivo da prisão. Produção inglesa.

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS (Starman), de John Carpenter. Com Jeff Bridges, Karen Allen, Charles Martin Smith, Richard Jaeckel, Tony Edwards e John Walter Davis. **Art São Conrado-2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art Casashopping-2** (Av. Alvorada, Via 11, 2150 — 325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (10 anos)
Um extraterrestre se vê perdido na Terra, na casa da viúva Jenny Hayden. Seus companheiros informam-lhe de que a astronave o recolherá dentro de três dias na Cratera Meteoro, no Arizona, a mais de 3 mil 500 km. Conhecido como **Starman**, o extraterrestre assume a forma humana de Scott Hayden, marido de Jenny falecido recentemente. Nesta tentativa de chegar ao Arizona, Starman recebe a ajuda de Jenny.

A TESTEMUNHA (Witness), de Peter Weir. Com Harrison Ford, Kelly McGillis, Josef Sommer, Lukas Haas, Jan Rubes e Alexander Godunov. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 205-6845): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Até quarta. (14 anos).
Em visita à cidade de Baltimore, EUA, em companhia da mãe, Samuel, 8 anos, é testemunha do assassinato de um policial. Com a ajuda do capitão de Polícia, John Bock, o garoto parte para o reconhecimento dos envolvidos. Mas, para surpresa do policial o menino vê no chefe da divisão do Departamento de Narcóticos um dos assassinos. Produção americana.

SOB FOGO CERRADO (Under Fire), de Roger Spottiswoode. Com Nick Nolte, Gene Hackman, Jean-Louis Trintignant, Ed Harris, Joana Cassidy, Alma Martinez e Holly Laboriel. **São Luiz-1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Barra-3** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. Com som dolby-stereo em todos os cinemas, exceto no **São Luiz-1**. (14 anos).

Um fotógrafo, um mercenário americano, um correspondente estrangeiro e uma radialista encontram-se, por motivos profissionais, na Nicarágua de Somoza e assistem à queda do ditador e ascensão dos sandinistas. Os fatos, cercados de bastante violência, vão determinar profundas mudanças em suas vidas. Produção americana.

PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE (Desperately Seeking Susan), de Susan Seidelman. Com Rosanna Arquette, Madonna, Aidan Quinn, Mark Blum e Robert Joy. **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

Uma mulher entediada com sua vida lê, por acaso, um anúncio num jornal onde se procura desesperadamente por uma pessoa chamada Susan. A mulher procurada é livre, com a vida cheia de aventuras, e está sendo perseguida pelo assassino de seu namorado. Casualmente as duas se conhecem e suas vidas mudam radicalmente a partir desse encontro. Produção americana.

UM HOMEM, UMA MULHER, UMA NOITE (Clair de Femme), de Costa-Gavras. Com Yves Montand, Romy Schneider, Romolo Valli, Lila Kedrova e Heinz Bennent. **Jóia** (Av. Copacabana, 680) **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

Um homem encontra por acaso uma mulher e o encontro mostra-se revelador para os dois. Ambos estão passando por um momento difícil, defrontando-se com a morte de pessoas queridas. Ele, com o suicídio da mulher e ela, com a morte acidental da filha. Produção francesa.

HANNA K. (Hanna K.), de Costa-Gavras. Com Jill Clayburgh, Jean Yanne, Gabriel Byrne, Mohamed Bakri e Oded Kotler. **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. (18 anos).
Uma judia americana, mas de origem polonesa, separa-se do marido e vai morar em Israel onde pretende terminar seus estudos de direito. Lá, ela acaba se envolvendo com um

procurador da Justiça, que se coloca contra ela vendo-a defender a causa palestina. Co-produção franco-ítalo-alemã.

REI DO RIO (Brasileiro), de Fábio Barreto. Com Nuno Leal Maia, Nelson Xavier, Milton Gonçalves, Amparo Grisales, Andréa Beltrão e Antônio Pitanga. **Bristol** (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822), **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcante, 105 — 591-2746): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos)

Dois amigos de infância trabalham no jogo de bicho para um grande bicheiro de subúrbio. Eles acertam uma aposta e montam o próprio negócio, vencendo o antigo chefão. Mas por conta de algumas discordâncias acabam uma amizade de anos, e até o amor dos filhos é afetado porque são proibidos de se encontrar. Baseado na peça **O Rei de Ramos**, de Dias Gomes.

O EXÉRCITO INÚTIL (Streamers), de Robert Altman. Com Matthew Modine, Michael Wright, Mitchell Lichtentein, David Alan Grier e Guy Boyd. **Art-São Conrado 1** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h. (18 anos). A história de quatro recrutas e dois sargentos encerrados em um dormitório do Exército na Virgínia, Estados Unidos, enquanto aguardam a hora de partir para o Vietnam. Produção americana baseada na peça de teatro homônima de David Rabe.

reprises

ESPOSAMANTE (Mogliamante), de Marco Viccario. Com Marcello Mastroianni, Laura Antonelli e Leonard Mann. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).
Um casal vive numa província italiana e o marido tem que se ausentar durante algum tempo por sofrer perseguições políticas. Durante esse período, a mulher assume seus compromissos profissionais como negociante de vinhos e passa a viver as mesmas aventuras e a conviver com as mesmas amizades do marido. Produção italiana.

CORPOS ARDENTES (Boby Heat), de Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna, Ted Danson, J. A. Preston e Mickey Pourke. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 227-9882): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Um advogado sem muito prestígio conhece a mulher de um homem de negócios rico. Ambos elaboram um plano para matar o industrial e a mulher ficar sozinha com a herança. Produção americana.

NUNCA AOS DOMINGOS (Never on Sundays), de Jules Dassin. Com Melina Mercouri, Jules Dassin, Georges Foundas, Titos Vandis, Mitsos Linguisas e Despo Diamantidou. **Cinema 1** (Av. Prado Júnior, 281): 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min (18 anos).
Illia é uma jovem prostituta do cais dos Pirineus, Grécia. Vive cantarolando pelo cais à espera dos clientes. Um dia chega ao local um turista americano, professor de geologia, chamado Homer. Ele foi à Grécia em busca de aprimoramento cultural e científico e acaba envolvendo-se entusiasticamente com Illia. As duas culturas entram em choque pois Homer exige dela mais conhecimentos do que propriamente amor. Produção grega. Oscar de melhor canção (**Never on Sundays**) e prêmio de melhor atriz do Festival de Cannes (Melina Mercouri).

RAMBO I — PROGRAMADO PARA MATAR (First Blood), de Ted Kotcheff. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna e Brian Denney. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. (14 anos).

ALÉM DA PAIXÃO (Brasileiro), de Bruno Barreto. Com Regina Duarte, Paulo Castelli, Patrício Bisso, Flávio Galvão e Felipe Martins. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h30m, 22h30m. Até quarta. (16 anos).

CINEMA

OS GRITOS DO SILÊNCIO (The Killing Fields), de Roland Joffe. Com Sam Waterston, Haing S. Ngor, John Malkovich e Julian Sands. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min (16 anos).

A guerra do Camboja, em 1972, na visão de um correspondente de **The New York Times**, e a amizade que ele adquire pelo seu intérprete cambojano. Com a cobertura da tomada de Phnom Penh ele ganha o Prêmio Pulitzer de jornalismo e inicia uma busca obsessiva para reencontrar o amigo que perdera durante a guerra. Baseado na reportagem **The Death and Life of Dirth Pran**, de Sydney Schanberg, publicada no **New York Times Magazine**. Produção americana. Vencedor de três Oscar: Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Fotografia e Melhor Montagem.

CIDADÃO KANE (Citizen Kane), de Orson Welles. Com Orson Welles, Joseph Cotten e Agnes Morehead. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900). **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. (14 anos).
História inspirada na vida do magnata da imprensa William Randolph Hearst. Após a morte de Kane, um repórter procurar reconstituir o gráfico de sua ascensão ouvindo pessoas que participaram de seu círculo íntimo. Produção americana em preto e branco. Primeiro filme de Orson Welles.

AVAETÉ — SEMENTE DA VINGANÇA (Brasileiro), de Zelito Viana. Com Hugo Carvana, Renata Sorrah, Milton Rodrigues, Jonas Bloch, Cláudio Marzo e José Dumont. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932). 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (16 anos).
Baseado num fato verídico, o filme discute a dominação dos brancos sobre os índios. Para defender um projeto agropecuário, ao Norte de Mato Grosso, uma expedição ataca a aldeia dos índios avaetés deixando apenas um sobrevivente: um índio de oito anos que passa a ser criado pelo cozinheiro da expedição. Com o passar do tempo a notícia chega aos jornais e a repercussão internacional provoca inclusive a abertura de uma CPI no Congresso.

extras

FILMES DE TEMÁTICA INFANTIL — exibição de **Rendeiras do Nordeste**, de Ipojuca Pontes e **A Velha a Fiar**, de Humberto Mauro. Hoje, às 16h, no **Museu do Folclore**, Rua do Catete, 181. Entrada franca.

pornô

69 MINUTOS DE SEXO EXPLÍCITO (Brasileiro), de Carlos Nascimento. Com Eliana Gabarron, Natalia Flauz e Crys Bell. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1873): de 2ª a 6ª, às 13h, 14h20min, 15h40min, 17h, 18h20min, 19h40min, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h20min. **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 35 — 266-4491): 14h, 16h40min, 19h20min. (18 anos).
Filme pornô.

COLEGIAIS EM SEXO COLETIVO (Brasileiro), de Juan Bajon. Com Wagner Maciel, Sandra Midori, Eliseu Faria e Mara Carmem. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2ª a 6ª, às 12h, 14h30min, 17h, 19h50min. Sábado e domingo, às 13h30min, 16h, 18h30min, 19h50min. (18 anos).
Filme pornô.

VANESSA, A TARADA X MISS JONES, A GOSTOSA (Vanessa — Maid in Manhattan), de Henri Pachard. Com Brook Fields, Coleen Brennan, Chelsea Blake e Vanessa Del Rio. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 266-2545), **Tijuca-Palace 2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª, às 10h, 11h30min, 13h, 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min. Sábado e domingo, a partir das 14h30min. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236 — 390-2036): 15h, 16h30min, 18h, 19h30min, 21h. (18 anos).
Filme pornô.

Niterói

ARTE-UFF — Avaeté, Semente da Vingança, com Hugo Carvana. Às 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. (16 anos).

CINEMA-1 (711-9330) — **Terror nas Sombras**, com Shannon Presby. Às 14h, 15h40min, 17h20min, 19h, 20h40min, 22h20min. (18 anos).

CENTER (711-6909) — **As Aventuras de Gwendoline na Cidade Perdida**, com Tawny Kitaen. Às 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. (14 anos).

ICARAÍ (717-0120) — **Sob Fogo Cerrado**, com Nick Nolte. Às 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min (14 anos). Som **dolby-stereo**.

WINDSOR (717-6289) — **Onde os Garotos Estão**, com Lisa Hartman. Às 14h30m, 16h10m, 17h50m, 19h30m, 21h10m. (14 anos).

CENTRAL (717-0367) — **Porky's Contra-Ataca**, com Dan Monahan. Às 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. (16 anos).

NITERÓI (719-9322) — **Colegiais em Sexo Coletivo**, com Wagner Maciel. Às 14h20min, 15h40min, 17h, 18h20min, 19h40min, 21h. (18 anos).

AMIZADE COLORIDA Nº 2 — Texto e direção de Hilton Have. Com Marlene Silva, Jorge Lafford Hilton Have, e outros. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 4ª a dom. às 21h15min. Ingressos a Cr$ 15 mil (de 4ª a 6ª) e Cr$ 20 mil (sáb e dom). Duração: 1h30min. (18 anos).

ASSIM É, SE LHE PARECE — Texto de Pirandello. Tradução de Millôr Fernandes. Direção de Paulo Betti. Com Nathalia Timberg, José Wilker, Sergio Britto, Yara Amaral, Ary Fontoura e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/2º. (274-9895). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h30min; dom. às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 35 mil e Cr$ 30 mil, estudantes, 6ª, a Cr$ 35 mil e sáb., a Cr$ 40 mil. O espetáculo começa rigorosamente no horário. Duração: 2h (livre).

BAILEI NA CURVA — Criação coletiva do grupo gaúcho Do Jeito Que Dá. Roteiro e direção de Julio Conte. Com Carlos Lagoeiro, Carmem Molinari, Claudia Maoli, Ludoval Campos, Loly Nunes e outros. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). De 4ª a dom. às 21h. Matinês às quintas (18h30min) e domingo (18h). Ingressos a Cr$ 25 mil e 15 mil. Censura 14 anos.

BEL PRAZER — Espetáculo de teatro e música com direção e interpretação de Tim Rescala e Stella Miranda. Músicas de Tim Rescala, Dusek, Satie e Nino Rota. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb. às 21h30min e 24h dom. às 18h30min e 21h. Ingressos 4ª a Cr$ 20 mil, 5ª, 6ª e dom Cr$ 25 mil e Cr$ 20 mil, estudantes, sáb (1ª sessão) a Cr$ 30 mil e 2ª sessão a Cr$ 20 mil. Duração 1h20min. (14 anos).

CECILY ACREDITAVA QUE EU ERA GRANDE — Espetáculo baseado em obras de Fernando Pessoa. Texto, direção e interpretação de Roberto Muniz. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730. De 6ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 30 mil (16 anos).

COGUMELOS TÊM PARTE COM O DIABO — Texto de Alcione Araújo e Cecília Rangel, interligados por dois textos de **Morangos Mofados**, de Caio Abreu. Direção de Francisco Catalan. Com Cecília Rangel, Maurício Bueno, Dabson di Ornelles, Luciene Sant'Anna. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). De 5ª a dom. às 19h. Ingressos a Cr$ 15 mil, Cr$ 10 mil, estudantes e Cr$ 5 mil. Classe artística. (14 anos).

COM O SUOR DO NOSSO ROSTO — Texto de Maria Helena Kuhner. Direção de Luís Mendonça. Com Maria Cristina Nunes, Luiz Carlos Niño, Lucy Montebello, Thadeu França, Daude e outros. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). De 4ª a 6ª, às 21h, sáb. às 20h e 22h30min e dom. às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 10 mil, 6ª a dom a Cr$ 20 mil. Duração: 1h50min. (16 anos).

O CORSÁRIO DO REI — Texto de Augusto Boal. Música de Edu Lobo e letra de Chico Buarque. Com Marco Nanini, Lucinha Lins, Nelson Xavier, Denise Bandeira, Roberto Azevedo e outros. Cenários e figurinos de Hélio Eichbauer. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes (221-0305). De 3ª a 6ª, às 21h, sáb., às 20h e 22h30min, e dom., às 19h. Vesp de 5ª, às 17h30min. Ingressos a Cr$ 40 mil e Cr$ 30 mil, balcão superior, e vesp. de 6ª a Cr$ 30 mil e Cr$ 25 mil, balcão superior. De 3ª a 5ª, incluindo a vesperal, 20% de desconto para estudantes. Duração: 2h (14 anos).

DIÁRIO DE UM LOUCO — Texto de Gogol. Direção e interpretação de Gilson de Barros. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. Cordeiro de Farias, 511 (350-6733). Sáb e dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

DO AMOR — Texto, direção e trilha sonora de Domingos de Oliveira. Com Pedro Cardoso, Clarisse Derzié, Bernardo Jablonski, Clemente Vizcaíno e Priscila Rozenbaum. **Teatro do Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). 5ª às 21h30min; 6ª e sáb. às 22h, e dom. às 20h. Ingressos 5ª a Cr$ 15 mil; 6ª a dom a Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil, estudantes. Duração: 2h (16 anos).

DOIS — Texto e direção de Wladimir José. Com a Cia Dramática Martins Pena. Com Leonardo Franco e Leonel Ribeiro. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185). De 4ª a dom., às 19h. Até dia 27.

ENSAIO Nº 2 — O PINTOR — De Lygia Bojunga Nunes. Direção de Bia Lessa. Com Ana Gabriela, Carolina Virgues, Fernanda Tomassini, João Salles, Joaquim de Paula e outros. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). 6ª às 21h; sáb. às 17h e 22h; dom. às 17h e 18h30m. Ingressos a Cr$ 15 mil, Cr$ 12 mil, estudantes e Cr$ 8 mil, crianças até 10 anos. Sáb. às 22h, a Cr$ 20 mil. Duração: 1h15min. (livre)

ESTOU AMANDO LOUCAMENTE... — Texto de Kevin Wade. Direção de Cláudio Cavalcanti. Com Cláudio Cavalcanti, Gracindo Jr. e Maria Lúcia Frota. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). 5ª, às 21h30min; 6ª, às 22h; sáb. às 20h30min e 22h30min; e dom., às 18h e 20h. Ingressos 5ª e dom., a Cr$ 30 mil e 6ª e sáb., a Cr$ 35 mil. Duração: 1h30min. (18 anos).

FLÁVIA, CABEÇA, TRONCO E MEMBROS — Texto de Millôr Fernandes. Direção de Luís Carlos Maciel. Com Paulo Goulart, Nicete Bruno, Angela Leal, Dirce Migliaccio, Emiliano Queiroz, Alexandre Frota e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb. às 20h e 22h15m e dom. às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cr$ 25 mil e 6ª e sáb a Cr$ 40 mil. Duração: 2h20min (18 anos).

A FONTE DE ETERNA JUVENTUDE — Texto de Thiago Santiago. Direção de Domingos de Oliveira. Cenários e figurinos de Carlos Wilson. Com Paulo José, Claudio Marzo, Cassia Kiss, Yvan Mesquita, Thiago Santiago, José Leonardo e outros. **Teatro Glaucio Gill**, Pça Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). 4ª a 5ª, às 21h30m; 6ª, às 22h; sáb. às 20h e 22h30m e dom. às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil, estudantes; 6ª a Cr$ 35 mil e sáb a Cr$ 40 mil. Duração: 1h40min (14 anos).

GATÃO DE ESTIMAÇÃO — Comédia de Gérard Lauzier. Direção de Cecil Thiré. Tradução de Marisa Murray. Adaptação de Luiz Fernando Veríssimo. Com Claudia Raia, José de Abreu, Carina Cooper e Paulo Celestino Filho. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (287-7794). De 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb às 20h e 22h30min e dom. às 18h e 20h30min. Ingressos de 4ª a 6ª e dom a Cr$ 40 mil (platéia) e Cr$ 30 mil (balcão) e sáb a Cr$ 50 mil (platéia) e Cr$ 40 mil (balcão).

UM GOSTO DE MEL — Texto de Selagh Delaney. Direção de Flávio Freitas. Com o grupo de teatro Ouvirum Dum: Itamar Vital, José Roberto Lages, Maísa Paranhos, Marcos Pizzotti e Sônia Vasques. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (286-4248). 6ª e sáb. às 21h30min; dom. às 19h30m. Ingressos a Cr$ 20 mil, Cr$ 15 mil, estudantes, e Cr$ 10 mil, classe artística. Duração: 2h15min (16 anos).

A HISTÓRIA DA CANTORA SEM DISCO — Texto e interpretação de Angela Herz. Direção de Reinaldo Godinho. Concepção de bonecos de Zé Meirelles. **Circo Delírio**, Rua Vice-Governador Rubens Berardo, s/nº, ao lado do Planetário. Sáb e dom. às 19h. Ingressos a Cr$ 10 mil. Até dia 27 de outubro. (Livre)

JACQUES BREL — HISTÓRIA DE UMA CANÇÃO — Texto e direção de Pierre Astrié. Com Sylvia Heller, Denise Barreiros, Pierre Astrié, Leonard Heller e Ivana Barreto. **Teatro da Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). 5ª e 6ª, às 21h; sáb. às 20h e 22h; dom. às 18h e 20h. Ingressos a Cr$ 20 mil e Cr$ 15 mil, estudantes.

LUZ NEGRA — Texto de Alvaro Menén Desleal. Direção de Etzel Baez. Com um grupo de atores deficientes. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350. De 4ª a sáb. às 21h e dom. às 20h. Até dia 3 de novembro.

AS MÃOS DE EURÍDICE — Texto de Pedro Bloch. Direção e interpretação de Oswaldo Loureira. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2068). 5ª e 6ª, às 21h; sáb. às 20h30min e 22h e dom. às 20h. Ingressos 5ª e dom a Cr$s 25 mil e 6ª e sáb a Cr$ 30 mil. Estacionamento no local. Duração: 1h20min (16 anos).

MASCULINO FEMININO — Direção de Amir Haddad. Com o grupo Tá Na Rua: Arthur Farias, Ricardo Pavão, Lucy Mafra, Ana Maria Carneiro e outros. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. De 4ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 15 mil e Cr$ 10 mil.

MORRO DOS PRAZERES — Texto e direção de Paulo Faustino. Com Neuza Nanes, Hela di Castro, Laura Rollo, Jerônimo Campos, Carlito Alves e outros. **Anfiteatro do Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240. De 5ª a sáb. às 21h30min; dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 15 mil. Duração: 1h40min.

NEGÓCIOS DE ESTADO — Comédia de Louis Verneuil. Direção de Flávio Rangel. Com Vera Fisher e Perry Salles, Maria Helena Dias e outros. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9696). 5ª, 6ª e dom. às 21h; sáb. às 20h e 22h30min, vesp. 5ª e dom. às 18h. Ingressos 5ª e dom a Cr$ 35 mil e Cr$ 30 mil, estudantes; 6ª e sáb a Cr$ 40 mil; vesp. 5ª Cr$ 30 mil. Duração: 2h10min. (Livre)

UMA PEÇA COMO VOCÊ GOSTA — Texto de William Shakespeare. Adaptação de Geraldo Carneiro. Direção de Aderbal Junior. Com Maria Padilha, Ricardo Blat, Guida Vianna, Angela Rebello, Xuxa Lopes e Henry Pagnoncelli e outros. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 4ª a sáb. às 21h30min; dom. às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 20 mil; 6ª e dom., a Cr$ 25 mil; sáb. a Cr$ 35 mil. Duração: 2h10min. (16 anos)

POR UM TRIZ NÃO SOU FELIZ — Texto de Maria Carmem Barbosa vom a colaboração de Graça Motta e Maria Lúcia Dahl. Direção de Claudio Gaya. Com Lúcia Veríssimo, Claudia Jimenez, Cissa Guimarães, Melise Maia e David Pinheiro. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42 (240-6141). 4ª, a 6ª e dom às 21h; sáb. às 20h e 22h30min; vesp de 5ª, às 17h e dom. às 18h. Ingressos 4ª a Cr$ 25 mil; vesp. 5ª a Cr$ 30 mil, 5ª e dom. a Cr$ 35 mil e 6ª e sáb. a Cr$ 40 mil. Duração 1h30min (16 anos).

SANGUE MUITO SANGUE — Comédia de terror com texto e direão de Eduard Roessler. Com o grupo Papel Crepon. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 35. Sáb e dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 12 mil.

SOLANGE CANO CURTO — Texto de Ivan Setta e Miklos Palluch. Direção de Roberto Vignati. Com Fábio Sabag e Ivan Setta. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). De 3ª a 6ª, às 21h15min; sáb. às 20h e 22h e dom. às 20h. Ingressos a Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil, estudantes.

SUA EXCELÊNCIA O CANDIDATO — Texto de Marcos Caruso e Jandira Martini. Direção de Attílio Riccó. Com Paulo Figueiredo, Felipe Carone, Tony Ferreira, Marcia Corban e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 — 3º andar (274-7246). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h30min e 22h30min; dom., às 19h e 21h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 35 mil; 6ª, e sáb. e véspera de feriado a Cr$ 40 mil. Duração: 2h (16 anos).

SUPERZÉ OU O ESPAÇO SELVAGEM — Texto, direção de roteiro de Dacio Lima. Com Acácio Frauches, Ana Achcar, Cesa Roffer, Daniela Maia e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). 6ª e sáb. às 19h; dom. às 15h30min. Ingressos dom a Cr$ 10 mil; 6ª e sáb a Cr$ 15 mil classe teatral e crianças a Cr$ 8 mil. (Livre).

TÁ RUÇO NO AÇOUGUE — UM BAIXO BRECHT — Texto original de Bertold Brecht. Tradução e direção de Antônio Pedro. Música de Francis Hime. Com Camilla Amado, Anselmo Vasconcellos, Rosita Tomás Lopes, Nelson Dantas, Andrea Dantas, Eduardo Lago, Clarice Niskier, Alice Borges, Cândido Bam e Wanderley Gomes. Figurinos de Sílvia Sangirardi. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). 4ª e sáb., às 22h; dom., às 18h e 21h30min. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 30 mil, 6ª e dom a Cr$ 35 mil e sáb a Cr$ 40 mil. Duração: 2h20min. (14 anos).

O TEMPO E OS CONWAYS — Texto de J. B. Priestley. Tradução de Renato Icarahy. Direção de Eduardo Tolentino de Araújo. Com Aracy Balabanian e o grupo TAPA. De 6ª a dom. às 21h, no **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói (719-5115). Ingressos a Cr$ 25 mil.

THEATRO MUSICAL BRAZILEIRO: 1860/1914 — Coletânea de músicas de Arthur Azevedo, França Júnior, Baptista Diniz e Carlos Bettencourt, Henrique Alves Mesquita, Francisco de Sá Noronha, Nicolino Milano, Assis Pacheco, Luiz Moreira e Chales Lecocq. Direção de Luiz Antônio Martinez Corrêa. Com Annabel Albernaz, Fabio Pillar, Vera Holtz e Nelson Carega. 5ª e 6ª, às 18h30min, sáb. e dom. às 20h no **Paço Imperial**, Pça. 15, 48. Sala dos Archeiros. Ingressos de 5ª e 6ª e dom. a Cr$ 15 mil; sáb. a Cr$ 20 mil. Duração: 1h15min (livre).

TUPÃ — Texto de Mauro Rasi. Direção de Miguel Falabella. Com Lucélia Santos, Rubens de Falco, Jacqueline Laurence, Clea Simões e Fábio Vila Verde. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb. às 22h e dom. às 18h30min e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 25 mil, 6ª a Cr$ 30 mil e sáb a Cr$ 40 mil e dom a Cr$ 30 mil e Cr$ 20 mil, estudantes.

TUTI — Texto de Ubirajara Fidalgo. Direção de Procópio Mariano. Com o grupo Teatro Negro: Valquíria de Souza, Thiago Justino e Denise Izecksohn. **Teatro Calouste Gulbenkian**, Rua Benedito Hipólito, 125 (542-4943). 6ª e sáb., às 21h, e dom., às 18h30min. Ingressos a Cr$ 15 mil e Cr$ 10 mil. Duração: 1h45min (16 anos).

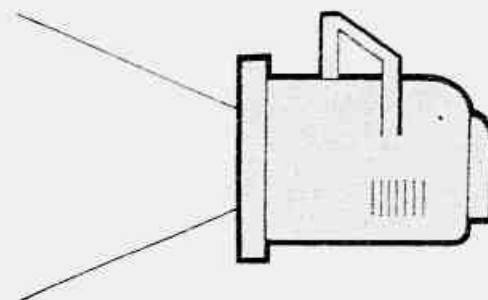
VIVA A NOVA REPÚBLICA — Texto de Jésus Rocha. Direção de Carlos Imperial. Com Milton Moraes, Isa Rodrigues, Íris Bruzzi e Nina de Pádua. **Teatro do Copacabana** Av. Copacabana, 313 (257-0881). 5ª e dom., às 18h e 21h30min; 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h30min. Ingressos, vesp. 5ª a Cr$ 15 mil e 2ª sessão de 5ª a Cr$ 20 mil; 6ª e dom. a Cr$ 25 mil; sáb a Cr$ 30 mil. Duração: 2h. (16 anos)

WOYZECK, UM BELO ASSASSINATO — Texto de Georg Buchner. Direção de Waldez Ludwig. Com Adriana de Broux, Adilson Gomes, Elias Vieira, Fernando Franco e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. De 3ª a 5ª, às 21h, e sáb. e dom., às 20h. Ingressos de 3ª a 5ª a Cr$ 15 mil, estudantes; e sáb. e dom. a Cr$ 20 mil. Duração: 1h30min (16 anos).

No teatro, o Tá na Rua

Amir Haddad faz do público seu elenco

"Se o teatro está morto, viva o teatro", diz o incansável Amir Haddad, figura lendária da ribalta carioca, que finalmente pode mostrar ao público o seu espetáculo "anti-angústia", no espaço de arena do Cacilda Becker. Como ator e diretor de cena de **Masculino/Feminino** o mineiro Amir, 48 anos, concretiza a cerimônia que há tanto tempo persegue em busca do espírito vivo do teatro. A improvisação é a mola mestra de suas idéias, devidamente engavetadas pela censura desde 1974, quando Amir falava dos **Melhores Anos de Nossas Vidas**. Não seria mesmo possível, naqueles tempos, trabalhar com a improvisação. "Depois de embalsamado, não se podia mais mexer no cadáver", relembra Amir. E não se mexeu. O grupo liderado por Haddad largou os palcos e foi estudar. Mais tarde, em 1979, ganhou as praças públicas com uma linguagem cênica anticonvencional e, só agora, o **Tá na Rua** volta ao templo novamente com a proposta do teatro vivo, apoiado pelo Inacen e com patrocínio da Shell.

Seis dos 10 atores do elenco de **Masculino/Feminino** se encontram praticamente todos os dias há 11 anos para ensaios e grupos de estudos. Amir acredita que seria necessário mais tempo para fazer "retornar o teatro ao fio de sua história" e não "ao fio da ideologia" burguesa. Nas peças do Tá na Rua, o público não assiste passivamente o que lhe dizem os atores. "Pelo contrário, participa ativamente das cenas da mesma forma como acontece nos circos, praças e ruas por onde o grupo passa. E era esse o sonho de Bertolt Brecht", lembra Amir: ver as pessoas vibrando no teatro, como vibram numa luta de boxe.

"O ator pode ter muito brilho" — diz o diretor, deitado num banco do Cacilda Becker, esperando o gesso de sua perna machucada secar — "mas ele não é um astro do céu. Qualquer ser humano pode também se iluminar e brilhar". Nas sessões de **Masculino/Feminino**, a platéia encontrará o seu lado de ator, será iluminado e desvenderá os mistérios mas nunca a magia — essa coisa inexplicável — do teatro. Entre algumas lembranças, o **Tá na Rua**, foi buscar em Ricardo III, de Shakespeare, a modernidade do dilema do homem moderno e a delicada opção entre o prazer e o poder.

O elenco da versão carioca de Bailei na Curva

Bailei na curva, tchê!

A força jovem gaúcha chega agora aos cariocas em forma de teatro, com a peça **Bailei na Curva**, uma criação coletiva do grupo Do Jeito que Dá. Narra a trajetória de uma geração — da infância, passando pela descoberta do sexo e do amor, até a dura vida adulta. Caminho pontuado pelos acontecimentos políticos que começaram no início dos 60 e desembocam nos dias de hoje. O espetáculo é dividido em três partes: "Sessenta e quatro é o nosso ano", "Me abraça mais forte" e "No fundo tu tá com um baita medo de dar". Para a apresentação no Teatro Glauce Rocha o elenco original sofreu modificações, mas continua sob a direção do gaúcho Júlio Conte. **Bailei na Curva** corresponde na gíria gaúcha ao nosso dancei. Lá no Sul a peça foi sucesso unânime de público e crítica, e os atores vieram com todo gás para repetir a empatia. No Rio também foram muitos os que, de uma forma ou de outra, bailaram na curva nas últimas décadas.

rádio FM

O silêncio do Rei e algumas estréias

A nova geração do **rock** brasileiro, concentrada no **Gueto 102**, do programa **102 Decibéis** (Rádio Cidade FM — hoje às 22h), está atraindo uma surpreendente legião de ouvintes. Tanto que os produtores do programa decidiram apresentar o **Gueto 102** mais cedo, provavelmente às 23h15min. Hoje, em destaque, as bandas **Artigo 171**, **Ataque**, **Vid** e **Sangue Azul**. Os melhores grupos tocam, ao vivo, no **Gueto 102** do Circo Voador, todas as quartas-feiras às 22h. No ar, o programa avisa às novas bandas que quiserem participar que basta mandar uma gravação profissional, feita em rolo, velocidade 7 1/2 ou 15. A Rádio Cidade fica na Avenida Brasil 500, sétimo andar.

Na 98 FM, o destaque da semana é Roberto Carlos, convidado de honra do **98 Especial**, hoje ao meio-dia. Traumatizado com o rádio (causas desconhecidas), **RC** não fala em nenhuma emissora. Por isso, o especial vai apresentar somente músicas. Ainda na 98 o programa **Good Times** vai apresentar especiais com Roberto Carlos durante toda a semana. Enquanto isso, na fervilhante Nacional FM Moraes Moreira vai comandar o espetáculo hoje às 22h, falando e programando a rádio. Sexta-feira é dia de **Gosto não se Discute** e quem vai programar é Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira. Ênio vai dizer por que gosta de determinadas músicas.

Na Fluminense FM, continua o clima de euforia com a promoção Caçadores da Arca Maldita, ou, descubra o Indiana Jones que existe dentro de cada ouvinte. Hoje, os bairros envolvidos na caçada são Laranjeiras, Botafogo e Flamengo. Alex Mariano, Coordenador da Emissora, andou fora do ar por motivos técnicos, mas reassume amanhã. Enquanto isso, nasce mais um programa de **flash back**. Disputando o já magro queijinho da saudade entra no páreo a Manchete, que estréia amanhã, às 22h, o programa **Flash Back**. Entre 18h e 19h, também em estréia, **As Melhores da Manchete**, só com lançamentos.

A 105 FM está promovendo a pré-estréia do filme **Filho do Dragão**, a história de um grupo juvenil de King Fu. A sessão especial para ouvintes será no Madureira-1 às 21h30min.

Luiz Antonio Mello

artes plásticas

Plantas e telas em duas mostras

Na segunda-feira, inauguração da mostra de desenhos de Mouriño, na Galeria de Arte da Fundação da Casa do Estudante do Brasil, às 18h30min. Às 20h, o Razão Social Bar e Restaurante, em Botafogo, inaugura seu novo local de exposições, com uma individual de pintores e desenhos de Laerthe Abreu Junior intitulada **Divertimentos em Sol Maior**. Terça-feira, na Galeria Contemporânea, exposição de desenhos de Jadir Freire e Justino Marinho, dois artistas baianos que já participaram de diversas coletivas e de salões nacionais. A inauguração será às 21h. Na Cimeira Artes, às 20h30min, individual de Sérgio Campos Mello.

Na quarta-feira, Glauco Rodrigues inaugura na Estampa, às 21h30min uma exposição com sete pinturas de 1985. **Sete Vícios Capitais**. Glauco concluiu que os pecados não eram bem pecados e realizou uma série em que brinca com referências à história da arte, remete a outros trabalhos seus e encara os vícios com humor e ironia, como já tinha feito anteriormente, por exemplo, em sua série sobre o descobrimento do Brasil.

Quinta-feira, a FUNARTE inaugura duas exposições. A primeira, na galeria Rodrigo M. F. de Andrade, às 18h30min, com uma retrospectiva da obra arquitetônica de Carlos de Azevedo Leão, muito conhecido como desenhista e aquarelista, mas pouco como arquiteto. A mostra reúne projetos executados e não executados, e muitos dos desenhos são originais aquarelados. A exposição é o resultado de uma pesquisa realizada por alunos do Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil, da PUC/RJ. A segunda exposição na FUNARTE também será inaugurada às 18h30min na galeria Macunaíma, com pinturas de Salet. Às 21h na AM Niemeyer, Vitor Arruda expõe 25 trabalhos, entre pinturas, desenhos e serigrafias. Vitor começou a pintar ainda em 1969, mas apenas em 1981 passou a se dedicar sistematicamente às artes plásticas, tendo participado da coletiva **Velha Mania**, no Parque Lage. Também às 21h, inauguração de individual de Urbano, na MC Artes Plásticas.

Na sexta, a Galeria Toulouse inaugura às 21h exposição de pinturas recentes de João Carneiro da Cunha.

Reynaldo Roels Jr

show

Como nos velhos tempos

Há muito tempo não acontecia tanto show bom. Pena que concentrados em dois únicos dias da semana: a segunda e a terça. Para começar, tem Caetano Veloso na continuação do projeto **A Luz do Solo** apresentando-se amanhã e terça no Golden Room de Copacabana Palace, levando jeito de casa lotada. Também só amanhã e terça, o espetáculo é da ótima cantora argentina Amelita Baltar que já foi moda no Brasil no tempo em que se apresentava junto com o ex-marido Astor Piazzola. A seu lado o cantor Roberto Goyeneche, considerado o rei do tango, nas duas únicas apresentações do Asa Branca.

Mas a segunda ainda tem muito mais como a única apresentação de Nara Leão e Roberto Menescal no Alô Alô (com direito a repeteco na outra segunda) e a de Olivia Hime no People, além de Ademilde Fonseca no O Viro da Ipiranga. O amanhã traz ainda mais um metrômúsica apresentando, de segunda a sexta-feira, a Orquestra de Música Brasileira, o Quinteto Mozart, o Trio Senise, Alceu Maia o João Nogueira.

Caetano no Golden Room

E em curtíssima temporada, de segunda a quarta, o Jazzmania apresenta o ótimo violonista e compositor Paulo Steinberg, seguido de quinta a sábado do piano de João Donato. E, em mais um Projeto Pixingão, a vez é de a cantora Rosana Toledo apresentar os novos Beto Barbosa, Fredy Vieira e Waldir Mansur. Todos de terça-feira a sábado no seis e meia da Sala Funarte. No Teatro Ipanema, Tunay estréia quinta-feira, às 22h, uma temporada de três semanas, sempre de quinta a domingo.

Outro bom programa acontecerá no Circo Voador comemorando durante toda a semana seus três anos de vida na Lapa. Fechando a festa, a turma promove de sexta a domingo a gravação, ao vivo, do LP Circo Voador Brasileiro. Reunidos nesta façanha, os talentos de Cida Moreira, Tim Rescala, Luis Melodia e Geraldinho Azevedo no show de sexta-feira. No sábado o time será formado por João Bosco, Clara Sandroni, Olivia Byngton e Grupo Rumo, além de uma provável participação de Caetano Veloso ou Gilberto Gil. E no domingo a gravação ficará por conta da sempre boa Orquestra Tabajara. Já no sábado, o destaque é do sumido (infelizmente) Paulinho da Viola em única apresentação no Sesc de Madureira. Antes, na quarta-feira, a Metropolis assiste ao nascimento de mais uma banda de rock, a Felix Culpa dentro de um projeto coordenado por Lula Buarque de Holanda e Tetê Leal.

Diana Aragão

teatro

Tereza no Terezão

Depois de uma semana particularmente movimentada de estréias como foi esta última, teremos, agora, sete dias tranqüilos quanto a novidades teatrais. Somente um novo espetáculo está previsto para começar sua carreira na próxima quarta-feira. Trata-se de **Um Bonde Chamado Desejo**, um dos mais famosos e belos textos de Tennessee Williams. Por coincidência, é um adiamento, pois sua estréia estava prevista para anteontem no Teatro Tereza Rachel.

A atriz, que dá seu nome ao espaço onde será realizada esta nova versão do **Bonde** entre nós, além de produtora, viverá o papel principal, a sensível, frágil e emocionante Blanche Dubois, que deu belas oportunidades a atrizes como Jessica Tandy, Rina Morelli e Vivien Leigh de brilharem intensamente. No Brasil, Mme. Morineau, Eva Vilma e, **surtout** (pelas várias vezes), Maria Fernanda, enfrentaram anteriormente o desafio. Este é o segundo personagem de Williams que Tereza interpreta no teatro. Antes, ela já foi a Maggie, de **Gata em Teto de Zinco Quente**, criada no Brasil por Cacilda Becker; na Broadway, por Barbara Bel Gueddes, e, em Hollywood, por Elizabeth Taylor.

Um Bonde Chamado Desejo, de título já tão bonito, recebeu nova tradução do marido da atriz-produtora, Ipojuca Pontes. A direção é de Maurice Vaneau, os cenários, de Marcos Flacksman, os figurinos, de Rosa Magalhães, particularmente operativa este ano. No elenco, estão também, entre outros, Louise Cardoso, Osmar Prado, Beatriz Veiga, André Felipe e Irma Alvarez. No papel de Kowalski, uma das mais célebres criações (e a grande revelação) de Marlon Brando, aparece Luiz Guilherme. Nesta semana de lançamento, preço especial para todas as sessões: Cr$ 20 mil.

Marcos Ribas de Faria
Interino

Tereza Rachel estréia em seu teatro

dança

Retrospectiva de Victor Navarro

Uma das boas pedidas do semestre é a retrospectiva dos 10 anos de trabalho do coreógrafo espanhol Victor Navarro no Brasil. Sua companhia fará uma temporada de duas semanas no Teatro do Liceu, apresentando um total de nove títulos, alguns dos quais são novidade completa para o Rio. Agora com 18 bailarinos, a companhia fará dois espetáculos diários, sempre com programas distintos: Às 20h, o último grande sucesso de Navarro, **Paixão**; e às 21h30min, um programa misto, com **Vivaldi, Gadget, D e Ilhas**. Estas obras foram criadas para o Balé da Cidade de São Paulo, o Nacional de Lisboa, Balé Ismael Guiser e Balé Castro Alves de Salvador. **Vivaldi** foi seu primeiro trabalho no Brasil em 1974, e **Ilha** data de 1981.

No mesmo programa, entram **Micareta's** e **Helgar**, feitos para o Grupo Cisne Negro de São Paulo. A temporada irá de quarta-feira até 3 de outubro. Navarro é um dos mais ecléticos, inteligentes e talentosos coreógrafos em atividade no país, e as apresentações de sua companhia sempre se destacaram pelo profissionalismo das execuções.

Antonio José Faro

O MELHOR DA SEMANA

Fany Solter e Martin Ostertag, terça-feira no IBAM

música

Concertos para todos os gostos

Semana do **Trovador**, última ópera da temporada oficial, que chega apoiada em alguns currículos respeitáveis. Ao lado disso, há concertos para todos os gostos. Em música de câmara, por exemplo, o início da semana é fértil. Logo amanhã, na Sala Cecília Meireles, temos um dos mais importantes conjuntos do gênero — o Trio Brasileiro, que apresenta em primeira audição o **Trio Marítimo** de Almeida Prado (homenagem a Fernando Pessoa), e duas peças "de resistência" do repertório do conjunto: o **Trio-Fantasma de Beethoven** e o **Trio op. 99** de Schubert. No dia seguinte, também na Sala, apresenta-se o Quarteto do Rio de Janeiro (piano e cordas), e, no IBAM, toca o duo piano/violoncelo Fany Solter e Martin Ostertag, em peças de Mendelssohn, Beethoven, Grieg e Chopin.

Esta é também a semana em que a Orquestra Sinfônica Brasileira termina sua série de assinaturas no Municipal: quarta-feira, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, temos um programa Bach em que Luís Medalha será solista do Concerto nº 1 para piano e orquestra, sábado à tarde, também com Karabtchevsky, um programa inteiramente dedicado a trechos de Wagner — dos **Mestres Cantores, Parsifal, Navio Fantasma etc.**

Quinta-feira, na Sala Cecília Meireles, o Quadro Cervantes presta a sua homenagem a Bach, Haendel e Scarlatti com um programa instrumental e vocal. No IBEU de Copacabana, às 21h, o Quarteto de Cordas da UFRJ toca na abertura da exposição comemorativa dos 25 anos da Galeria de Arte Copacabana. E na Cultura Inglesa, a pianista Linda Bustani toca Schumann e Prokofiev.

Sexta-feira é dia dos Concertos de Botafogo, no Centro Empresarial Rio, com Norton Morozowicz (flauta) e Laís de Souza Brasil (piano): peças de Fauré, Saint-Saens e Weber. Quarta-feira, no IBAM, o pianista Henrique Loureiro toca Mozart, Beethoven, Chopin e Brahms; enquanto no IBEU/Copacabana, às 18h30min, Eduardo Gross toca Mozart, Chopin e Ravel. Na Aliança Francesa da Tijuca, às 21h, recital do tenor Reginaldo Pinheiro e da pianista Ana Cristina Fonseca. Sábado, na Sala, concerto vespertino da Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro.

Luiz Paulo Horta

cinema

Risos e brigas no ritmo pop

O elenco de ofertas se reforça a partir desta segunda-feira: Goldie Hawn, divertida e divertindo, em **O Protocolo** enquanto em **O Último Dragão** vem uma curiosa e bem-sucedida mistura de artes marciais e música pop. Na quinta-feira será a vez de Burt Reynolds, dirigindo e interpretando **Um Homem Destemido.**

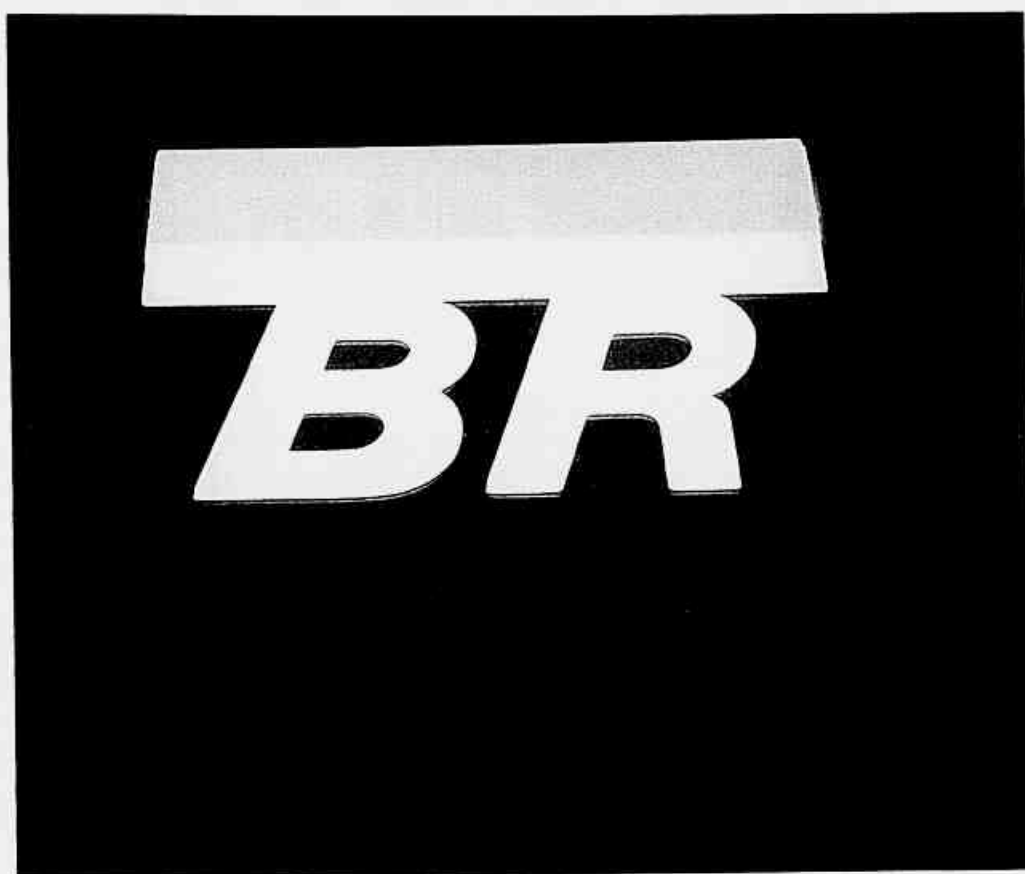
Em **O Protocolo**, com roteiro de Buck Henry — o homem que, entre tantas outras coisas, meteu o dedo em **Agente 86** ou **M.A.S.H.**, a **Essa Pequena é uma Parada** — Goldie Hawn volta a exercitar o que sabe melhor, sua capacidade de fazer rir. Metendo-se, involuntariamente, nos meandros da diplomacia e da política, Hawn, sob a inspirada direção de Herbert (**Footloose**) Ross, transtorna a diplomacia e a política — uma diversão garantida.

Já a atração de **O Último Dragão** está na mescla das artes marciais e música pop. Com um roteiro seguindo caminhos conhecidos — os destinos do Mestre do Kung Fu e a Rainha do mundo Pop se cruzam, "por coincidência" — Berry Gordy, o produtor, aciona uma fórmula de sucesso. Criador da **Motown Sound**, com investimentos anteriores no cinema como Diana Ross vivendo Billie Holiday em **O Ocaso de uma Estrela/ Lady Sings the Blues**, Barry tratou com carinho a trilha sonora do filme — já lançada no Brasil — onde despontam um Stevie Wonder, DeBarge ou Smokey Robinson e Syreeta.

Mas o melhor ainda é botar o cinema em dia. Da obra-prima de Orson Welles — **Cidadão Kane** — ao altamente curtível **Um Romance Muito Perigoso** de John Landis, passando por atrações outras como **Avaeté/ Semente da Vingança** ou **A Testemunha**, o roteiro está cheio de atrações. Aproveitem.

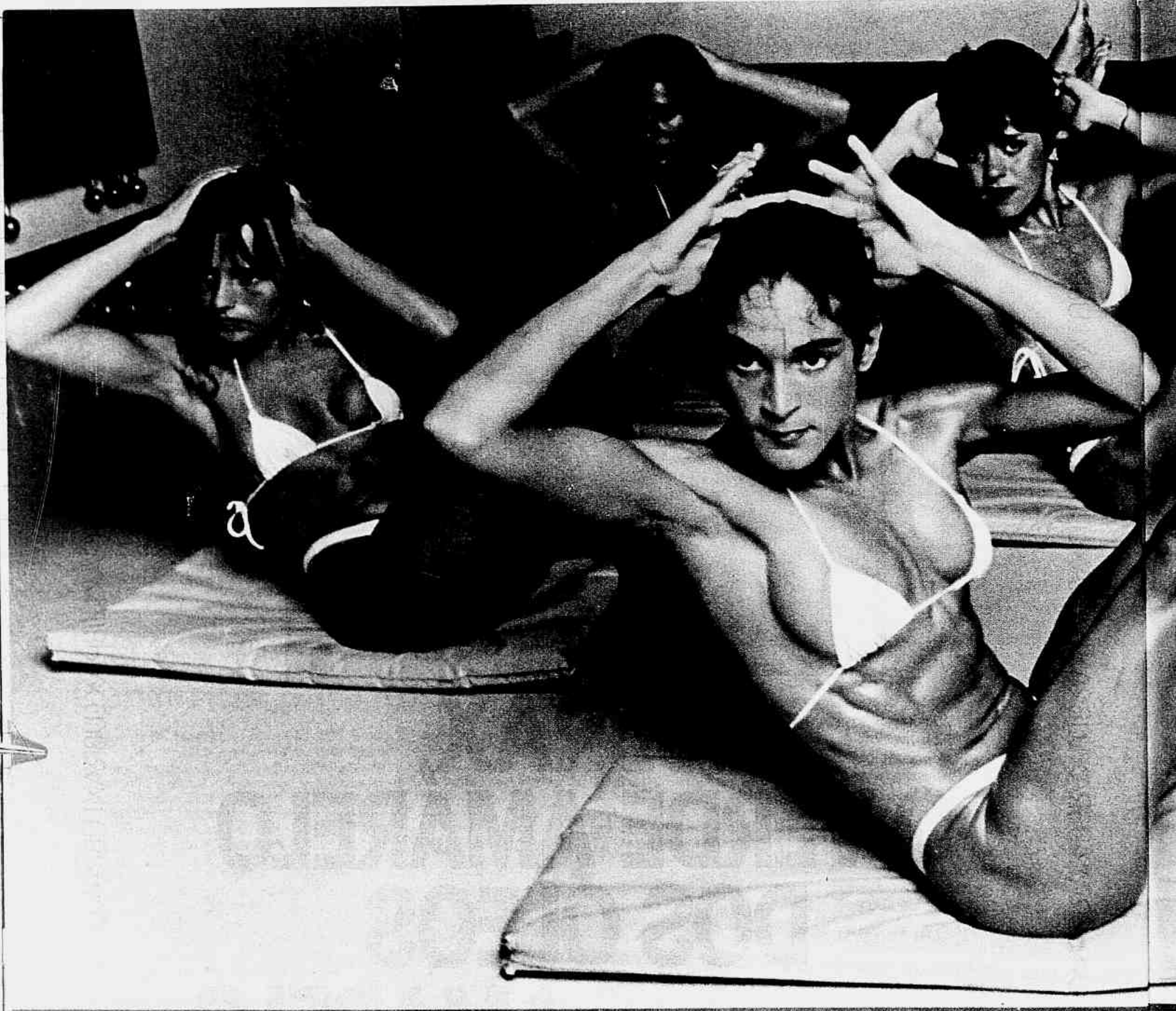
Wilson Cunha

classe & mídia

Marco

LUBRAX, O VERDE-AMARELO DOS ÓLEOS NO VERDE-AMARELO DOS POSTOS.

LUBRAX-4 E LUBRAX ÁLCOOL

O verde-amarelo dos óleos.

LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX LUBRAX

A frente desta poderosa equipe, Maria Eugênia, Miss Músculos Rio 85

Muita gente arregalou os olhos, com espanto, quando os jornais e revistas mostraram cinco moças que concorreram ao título de Miss Músculos-Rio de Janeiro, realizado no Hotel Nacional, no dia 24 passado. Como definir aquelas estranhas mulheres? Elas são sensuais ou masculinizadas? Seus músculos são bem definidos ou deformados? Evolução ou aberração? Pouco antes, 14 de setembro, algo semelhante ocorrera na exposição Uni-Jovem, também no Hotel Nacional. Dezesseis mulheres jovens, com corpos aparentemente esguios e frágeis, colocaram-se sob os refletores. De repente, braços, pernas e abdomens contraíram-se sob biquínis cavadões, e músculos como bíceps, tríceps e gêmeos, brilhantes de óleo, pareceram explodir em todas as direções. A mulher musculosa, que pratica o fisioculturismo — antes um feudo exclusivamente masculino —, é apenas o topo da onda de músculos que se avoluma sobre o Rio de Janeiro. Nas cerca de cinco mil academias de ginástica que crescem em progressão geométrica na cidade, o sexo feminino procura cada vez mais os ferros pesados. Só em uma academia, a Fisilabor, em Botafogo, 400 mulheres praticam musculação. "Os manequins de roupa, tanto de homens quanto de mulheres, estão crescendo. No vestuário feminino, de dois anos para cá, ombros e coxas aumentaram dois centímetros na modelagem justa, para a faixa etária de 16 a 25 anos" — atesta Márcio Costa, proprietário da cadeia de confecções e lojas American Super. Márcio, 38 anos, ele mesmo um fisioculturista, mudou de "Denim" para "Super" a razão social de sua firma, para acompanhar o modismo da força física.

Body-Building (construção do corpo) e "marombeira" (a "maromba" é aquele peso tradicional do halterofilismo, com uma haste de ferro ligando duas bolas pesadas) são hoje expressões freqüentes entre as garotas, nas academias. As marombeiras cariocas cindiram-se em dois grupos: o primeiro é liderado por Maria Eugênia Barreto Pinto, 23 anos, atual Miss Músculos Rio de Janeiro, e segue um trabalho aeróbico em que os músculos são desenvolvidos por meio de ginástica — evitan-

Quanto mais músculos melhor

As mulheres mostram os muques e entram na onda de fisioculturismo que se avoluma no Rio de Janeiro

Antônio José Mendes

do-se os ferros pesados da musculação. O método foi criado pelo professor de educação física José Manoel da Costa, 32 anos, namorado da Miss Músculos. Manoel, da academia Maxiforma, em Ipanema, esculpiu os músculos de todas as 16 garotas que deixaram perplexos os visitantes da Uni-Jovem. Mas sua obra-prima é Maria Eugênia (sobrinha do deputado Barreto Pinto, que ficou famoso ao posar para fotos de cueca, na década passada), quarta colocada no **ranking** carioca de triathlon, lutadora de karatê e corredora de 8 km por dia. O trabalho aeróbico de definição de músculos realizado por ela e os outros 250 alunos de Manoel, 75% dos quais são mulheres, está para a musculação feita com pesos assim como o **hard rock** está para o **heavy metal**. Nesta ginástica aeróbica, exercícios de definição muscular que seriam convencionalmente realizados em 15 minutos, têm seu ritmo freneticamente intensificado para três minutos, e os elementos mentálicos utilizados são leves — apenas peso de dois quilos em cada mão.

"Maria Eugênia é um exemplo para nós, sustenta a ginástica, malha pra caramba" — reconhece Cecília Nóbrega, 32 anos, engenheira, mãe de dois filhos. "Quando tive meu segundo filho, pensei que ia ter que fazer plástica" diz, satisfeita hoje com a definição muscular de seu corpo. "Meu marido ficou mais apaixonado por mim, o relacionamento melhorou muito". Na ginástica que Cecília e Maria Eugênia fazem, é grande a preocupação em manter a feminilidade das formas. Os braços são finos quando relaxados, mas os músculos se definem um por um quando contraídos. "Não fazemos exercícios para os músculos dorsais, do tronco, para não criarmos "asas" que já seriam masculinização", diz Maria Eugênia, orgulhosa de seu bíceps de apenas 28 centímetros e de suas "asas" dorsais restritas a 89 centímetros (a medida dorsal é feita passando-se uma fita métrica em torno do tronco, sobre os seios). De fato, ela e as colegas que se apresentaram na Uni-Jovem têm corpos exuberantes, e não precisariam de força física para pôr a nocaute um homem que aprecie as formas femininas. "Quem faz "maromba" com pesos e ferros como Marlene Faria (Miss Músculos — Rio do ano passado e segunda colocada no concurso este ano) tem músculos volumosos, mas eles não se definem", discrimina o professor Manoel.

Quando Marlene Pinheiro Faria, 29 anos, abre suas "asas" dorsais, elas abarcam 105 centímetros. Marlene é uma "musa" da outra corrente de fisioculturismo, que tem seu quartel-general no Clube de Natação e Regatas Santa Luzia, no Aterro do Flamengo. Ali, dezenas de moças disputam diariamente com os homens uma vaga nos equipamentos de musculação do Clube. Apenas seis delas treinam para competição. Elas malham ferro e formam um esquadrão que acabaria com brigas em qualquer esquina da cidade. Mas Marlene nunca brigou, e também não aceita críticas à sua feminilidade: "Eu antes passava na praia e não era excitante. Agora os rapazes viram as cabeças, olham e acham bonito — embora não saibam do que se trata. E as garotas perguntam o que eu fiz para ganhar este corpo".

O que Marlene — bicampeã brasileira de ◊

Com halteres, sem preconceito

Fotos de Ricardo Malta/F4

Mulheres tomam conta das academias de musculação

queda de braço, recordista sul-americana na categoria supino (levantamento de peso feito com o atleta deitado em um banco) e vice-Miss Músculo carioca faz: num primeiro dia, exercita a perna e a "panturrilha" (músculos gêmeos da parte detrás da perna) com pesos de 40 a 80 quilos. No segundo dia, faz exercícios para braços e ombros, com pesos de 18 a 20 quilos. No terceiro, puxa pelo "peitoral" e faz supino, com 40 e 50 quilos (os pesos vão sendo gradualmente aumentados durante os exercícios). "Não é masoquismo", ela diz, "a gente passa a se interessar pelo próprio físico". Seu corpo também tem um autor: é assinado por Jair José Frederico, 23 anos, professor de educação física e nutricionista, noivo de Marlene. Bicampeão carioca de queda de braço e de levantamento básico (aquele em que os pesos são levantados desde o chão) e vice-campeão brasileiro de levantamento básico, ex-Mister Rio, Jair virou "Hulk" quando Marlene perdeu o título de Miss Rio este ano para Maria Eugênia. Xingou juízes e chutou mesas e cadeiras para se acalmar, enquanto seis seguranças tentavam inutilmente contê-lo. Afinal, caíam por terra três meses de treinamento intensivo e uma caríssima dieta — Cr$ 6,3 milhões — financiada por um patrocínio da Farmácia do Leme. Mas eles não desistem e Jair afirma que Maria Eugênia não é fisioculturista: "Ela faz triathlon, tem corpo de ginasta olímpica. Isso não é **body-building**, pois ela não utiliza ferros. E vai contra as regras da International Federation of Body Building — IFBB", discrimina. Teresa Cristina Araújo, 22 anos, colega de clube de Marlene, também acha que a "maromba" não masculiniza as mulheres: "Isso é preconceito de brasileiros, que gostam de garotas "molinhas" que ficam caídas e cheias de celulite aos 30 anos". Teresa está contente com os resultados do fisioculturismo: "Os homens não param de telefonar lá prá casa. É um inferno", diz, com um sorriso feliz.

Conan, o Bárbaro, **O Exterminador do Futuro** e todos os **Rockies** e **Rambos** são campeões absolutos de bilheteria nos cinemas de todo o mundo ocidental. Nestes filmes, carregados de ideologia e maniqueísmo, milhares de cabeças rolam cortadas por longas espadas, raios **laser** ou mísseis portáteis, enquanto a platéia juvenil aprende que os vencedores têm corpos parecidos com os de **Hulks** e **He-Men**, por sua vez habitantes favoritos da atual imaginação infantil. Por que a crescente onda de músculos?

"Não é à toa. O mundo está superviolento e os padrões estéticos são criados de acordo com o momento histórico" — teoriza a feminista e deputada estadual pelo PT-RJ Lúcia Arruda. Ela lembra que o padrão da mulher **Twiggy**, magra e sem seios, surgiu num tempo em que as mulheres deixavam de ser apenas amamentadoras de filhos e partiram para o trabalho. Ela vê outros fatores: "As mulheres são sempre acompanhadas por uma produção da beleza, por uma tentativa de se ditar como seus corpos devem ser. Não se aceita que sejam como são, e em torno de cada moda surge a mercantilização", diz Lúcia. Até seu estilo favorito — a

Foto Zeka Araújo/F4

Valadão: "É uma coisa inusitada"

O que pensam os homens

Uma das principais queixas das "marombeiras" é o preconceito alheio — já que elas mesmo se consideram uma vanguarda estética. "Já disseram na minha cara que mulheres musculosas são horríveis", queixa-se Maria Eugênia, a Miss Músculos. E na opinião de muitos homens brasileiros elas ainda vão ter que esperar muito pelo reconhecimento.

"É uma coisa inusitada. Mulher e músculo para mim são duas coisas que não combinam. A mulher musculosa tem que aceitar que é um homem sem pênis", radicaliza o ator — e machão assumido — Jece Valadão. O fotógrafo Antônio Guerreiro, um especialista em estética feminina, já não vai tão longe: "Não tenho nada contra um pouquinho de músculos, desde que não tira o visual bonito da mulher."

Um atleta como Antônio Carlos Gueiros Ribeiro, o Badá da Seleção Brasileira de vôlei e da equipe do Bradesco, é outro que quer distância das "fortonas". "A mulher que se alimenta bem e faz ginástica em academia eu acho o maior "barato". Mas mulher fazendo "ferro" já acho esquisito. Particularmente, não gostaria de ter uma Miss Músculos na cama. Talvez algum masoquista goste, e bote um chicote na mão dela."

Mas quem arrasa totalmente as marombeiras é o roqueiro Lobão. "É grotesco. Sou meio insalubre, e elas têm saúde demais para meu gosto. Falta decadência, no sentido de um certo romantismo. É como um **jeans** que a gente lava para ficar um pouquinho" xurriado". As mulheres estão ficando certinhas demais. É bonito de ver, mas perde a graça. Esse narcisismo escrachado é meio fascista". Outro roqueiro, Leo Jaime, arremata: "Se mulher já é bicho tinhoso sem músculos, que dirá se ficar muito forte."

mulher natural e espontânea (Lúcia exercita-se caminhando pela praia) — frisa, foi envolvido pelo consumismo "natural" dos "shampoos" e sanduíches, equivalentes às caras máquinas e roupas justas da musculação.

Para as "marombeiras", no entanto, o **body-building** (popularíssimo nos EUA e Europa) é um esporte de exibição tão válido quanto a ginástica rítmica ou a natação. Suas bíblias são revistas especializadas como a norte-americana Muscle & Fitness, e o ídolo atual é Corinna Everson, campeã do também norte-americano concurso de Ms. Olympia, o mais alto galardão muscular feminino do mundo. As adeptas da musculação diferenciam também a ginástica feita com aparelhos "que é boa para todo mundo, até para corredores de Fórmula I" e o treinamento para competição. Diz Wagner Miers, da Academia Pumping Iron: "Quem é bom já nasce feito. O número de mulheres que podem ficar excessivamente fortes fazendo musculação é estatisticamente mínimo, pois tudo vai depender de disposição genética. Para ficar supermusculosa, a mulher tem que ter uma taxa de hormônio masculino no corpo muito elevada (os dois sexos possuem ambos os hormônios, a testosterona — masculino — e a progesterona — feminino)".

E é na questão hormonal que a questão muscular se complica. Os atletas norte-americanos que competem nos concursos de beleza tomam anabolizantes esteróides, compostos químicos à base de testosterona e seus derivados que inflam os músculos com incrível rapidez (resultados que seriam conseguidos em um ano com simples exercícios são atingidos em três meses). Os anabolizantes produzem os seguintes efeitos colaterais, segundo o doutor Walter Guerra Peixe, dermatologista e cosmetólogo, adepto da musculação; aumento da pressão arterial (hipertensão), aumento da musculatura cardíaca, esterilidade masculina temporária e às vezes definitiva, problemas em vários órgãos do corpo, queda de cabelo, acne e virilização da mulher — aumento de pêlos, diminuição de mamas e suspensão da menstruação. Para Guerra Peixe, o fato de os concursos no Brasil ainda serem amadores, e não profissionais como nos EUA, deveria ser um argumento decisivo contra o uso de anabolizantes. "É enorme o número de mulheres que têm procurado a musculação" — diz ele. "Elas estão perdendo o medo de ficarem masculinizadas, sabem que os corpos ficam mais bem delineados e bonitos a curto prazo com a musculação".

Já o doutor Paulo Pegado, cardiologista adepto da ginástica aeróbica, denuncia: "A maioria dos fisiocultores que estão participando à nível de competição no Brasil tomam anabolizantes esteróides". Ele acha que a musculação tem tomado espaço nos exercícios aeróbicos por uma questão mercadológica: "Os aeróbicos necessitam de espaço maior, de pistas e piscinas. Já os aparelhos de musculação podem ser todos reunidos em uma sala pequena". Ele indica a musculação para os desportistas como complementação, nunca como treinamento básico.

Maria Eugênia não aceita o uso de anabolizantes e Marlene nega que os use. O fisioculturismo, no Brasil, parece estar ainda em um nível de narcisismo (os espelhos ocupam grandes espaços nas academias) e sensualismo: o grande momento para a maioria das atletas da academia Maxiforma vem quando alguém pergunta na praia: "Mas onde você conseguiu este corpo?" Manuel, namorado de Maria Eugênia, diz que a pele das mulheres bem trabalhadas se torna mais suave e macia. "Quem acha que vai abraçar um homem está enganado." Jair, noivo de Marlene, entusiasma-se: "A parede abdominal da mulher que faz musculação é mais forte, e isso é bom para o desempenho sexual."

Mas a onda está crescendo. No ano que vem, fortes amazonas de vários Estados do Brasil devem se reunir em Manaus para o primeiro concurso de Miss Brasil-Músculos. Eduardo Gomes, proprietário da confecção de roupas femininas Blu-4, afirma: "O **shape** feminino está mudando para a mulher musculosa e longilínea". O que as move?

Para o doutor Guerra Peixe, é "a busca da beleza e da juventude eterna." A atriz Christiane Torloni, que trocou a musculação pela corrida e a ginástica de alongamento, acha que a musculação, como todas as ginásticas, é instrumento para uma pessoa se tornar mais sedutora e amada. "Ser bonito, gostoso e só deve ser muito triste", analisa.

Lúcia Arruda: "É a violência"

Isabel: padrão de beleza mudou

O que pensam as outras

O grande incentivo das "marombeiras" é ver as atrizes internacionais que aderem à musculação. Victoria Principal (**Dallas**), Stephanie Powers (**Casal 20**), Sandahl Bergman (**Conan, o Bárbaro**) e Heather Thomas (**Duro na Queda**) são alguns exemplos. No Brasil, Cláudia Raia, Inês Galvão, Tessy Calado e Alcione freqüentam os salões de musculação. Outra é a atriz Lúcia Alves que prefere crescer com a ginástica aeróbica da Maxiforma. "Não crio músculos como atleta, mas como artista, para ter domínio sobre meu corpo. Procuro harmonia entre o corpo e a mente. Por que o ser humano não pode ter vários pontos brilhantes?" Já a atleta Isabel, da equipe de vôlei do Bradesco, diz que o padrão de beleza mudou. "Acho bonito a mulher que tem o corpo trabalhado. Quem pratica esporte tem até a pele mais bonita. Mas não aprecio as fobias tipo "mexa-se". Ninguém "tem" que ser coisa nenhuma, e às vezes uma mulher **mignon** é linda". Christiane Torloni, que abandonou a musculação — suas roupas já não cabiam mais e ela continuava crescendo — acha que padrão de beleza é problema de cada um, mas defende a feminilidade: "Gosto de olhar para um corpo masculino e perceber a diferença. Senão, fica uma proposta homossexual".

Norma Bengell gosta de músculos em mulher só "como um bailarino, tipo Nureyev". Tipo machão eu não gosto", diz. Joana Fomm, que pratica musculação para flacidez e coluna, faz sua análise: "Houve uma liberação sexual, e acho que está havendo um momento de confusão. Nos EUA, os homens se vestem de coelhinhos nos clubes Playboy e as mulheres não podem tocá-los. A adoção do comportamento do sexo oposto é uma troca tola, em que o esquema continua o mesmo. Só se aumenta a própria solidão".

A estrela d

J. Ricardo e alguns dos dois mil troféus

Jorge Ricardo vira ídolo aos 24 anos com 2 mil vitórias

Lucia Rito
Fotos de Ricardo Malta/F4

Tinha que dar certo. Desde os 10 anos o jovem Jorge Ricardo não faz outra coisa na vida a não ser montar. Some-se a isso o fato de ter como professor um ex-jóquei famoso, seu próprio pai. Acrescentou-se ainda a sua fulgurante estrela e, passados 14 anos de treinamento intensivo o esporte ganha um novo ídolo. Há 15 dias ele comemorou duas mil vitórias, um récorde para a sua idade, mas uma façanha considerada normal entre os que conhecem sua dedicação ao turfe. Ele treina diariamente das 5 às 9 da manhã, corre quatro quilometros na pista para manter a forma, não bebe e não fuma. Jorge Ricardo monta quatro vezes por semana e nos 100 páreos mensais, mantém uma média de 30 vitórias. Por isso é o jóquei mais bem pago do momento no Rio — com os prêmios ganha por mês entre Cr$ 15 e Cr$ 20 milhões — já comprou um apartamento na Gávea, um Escort prateado e planeja casar em breve. Jorge Ricardo está com tudo, mas não virou a cabeça, nem se comporta como uma estrela. Continua morando com os pais e uma irmã numa velha casa dentro do Jockey Clube na Lagoa, ao lado das cocheiras, e seus planos se resumem a ganhar cada vez mais. "Fiquei em terceiro lugar no Grande Prêmio Brasil, mas já estou de olho no próximo", anuncia. "E sonho em conhecer os hipódromos americanos, os mais bem equipados do mundo."

Para Jorge Ricardo é impossível descrever a sensação de receber um prêmio. "Fico excitado na largada e gosto de ver o Jockey cheio, as pessoas me aplaudindo. É um momento mágico." A síndrome da vitória o persegue desde o início. Ele já estreou ganhando e passou de aprendiz a profissional aos 15 anos, depois de seis meses e das 50 vitórias exigidas pelo regulamento. Ganhou seu primeiro grande prêmio, o Manuel Mendes Campos, tam-

do Jockey

perfil

bém com essa idade, concorrendo com outros 13 jóqueis e desde então a sorte não o deixou em paz. Nos armários, gavetas e estantes da casa simples onde mora, ele acumula troféus, medalhas e diplomas recebidos em nove anos de profissão e, para manter o peso máximo permitido a um jóquei — 54 quilos —, faz uma dieta severa: uma fruta no café da manhã, filé grelhado e legumes no almoço e nada de bebida. Há dois meses, ele é contratado do haras Santa Ana do Rio Grande, do empresário José Carlos Fragoso Pires, mas não tem salário. Como todos os jóqueis, tem direito a 10% do prêmio do páreo e, quanto mais vitórias obter, mais recebe por mês.

Antes de entrar na pista, Jorge Ricardo reza e acende uma vela para Nossa Senhora de Fátima, porque é católico praticante. Fora isso, não tem nenhum tipo de superstição ou preferência por um ou outro cavalo. Monta qualquer um dos 60 puros-sangues do seu haras. "Já ganhei dois grandes prêmios e bati dois recordes com El Santarem. Com o Cambrinos, levei o Grande Prêmio Presidente da Republica e, com o Earp, o terceiro lugar no de Bento Gonçalves", lembra. "Mas monto qualquer animal sem receio. Um jóquei não pode ter medo." Apesar dos acidentes, inevitáveis. De sério, até hoje, ele já fraturou o úmero e a clavícula.

Os torcedores são os primeiros a reconhecer a dedicação e o prazer com que Jorge Ricardo participa dos páreos. "Ele é um dos poucos que tem o carinho do público. Mesmo quando perde é aplaudido", acostumou-se a ver o jornalista Mauro de Faria, especialista em turfe do JORNAL DO BRASIL. "Todos reconhecem seu vigor físico e admiram sua honestidade. É como os grandes jóqueis de bridão da década de 50. Se continuar nesse ritmo, chegará ao apogeu aos 28 anos", aposta. Como Mauro, os torcedores se entusiasmam e não é raro carregarem para a tribuna faixas de incentivo ao novo ídolo.

Outro fã entusiasmado de Jorge Ricardo é seu pai, Antonio, que ganhou vários grandes prêmios e atualmente é treinador do Jockey Clube do Brasil. Para seu Antonio, "o menino sempre levou jeito para a coisa e teve uma boa escola porque tudo que sei, ensinei para ele." A cada nova vitória do filho ele apenas sorri e não faz muita festa. "Vida de jóquei é assim mesmo. A briga sempre é pela vitória."

Mimado, elogiado e olhado com uma certa inveja pelos colegas — em muitos páreos recebe fechadas e provocações inúteis —, Jorge Ricardo tenta tratar bem todo mundo para não perder a fama de bom moço. Quando não está treinando ou correndo na Gávea é comum encontrá-lo na praia do Leblon batendo papo e pegando sol. Não gosta de barulho e por isso o máximo que suporta em termos de **rock** é a Blitz, "que por sinal decaiu um pouco." É fã das músicas românticas de Maria Bethania, gosta de sair com a noiva para jantar fora e veste-se como um atleta com **joggings** coloridos e camisetas de malha. Jorge Ricardo não gostava de estudar e parou "sem grilos" no 2º grau. Também não gosta de ler e anda desiludido com a política, a ponto de não se estimular nem com a Nova República. "As promessas são muitas, mas está tudo na mesma. Não mudou muita coisa," analisa. Por isso ele ainda não sabe em quem vai votar para prefeito. O que ele entende e gosta de falar é de páreos, de cavalos e de prêmios. Quando o assunto é esse, fica a vontade. "Trato os cavalos com carinho por que eles são o meu meio de vida, dependo deles para ganhar e são eles que batem os recordes." Pretende montar até os 40 anos e quem for ao Jockey pode reconhecê-lo de longe. Ele sai sempre entre os primeiros e quando alcança os 80 quilômetros por hora é raro não ganhar. Nesta altura, o aplauso é geral. Todos reverenciam a mais jovem estrela do Jockey.

É isso aí, bicho

Veterinários homeopatas defendem um tratamento mais humano para os bichos

Não são exclusividade do homem os sentimentos de carência, medo, ciúme, ansiedade, timidez, solidão. Os bichos também têm conflitos existenciais. E, como acontece com os humanos, acabam doentes por causa disso. Não dá para deitar o animal num divã mas é possível traçar o quadro psicológico através de um longo papo com o dono. Daí, partir para o tratamento, reequilibrar a energia, qualquer que seja o mal. É o que faz a homeopatia veterinária, uma prática recente que conta no Rio com menos de 10 médicos dedicados a ela integralmente. As consultas oscilam de Cr$ 65 mil a Cr$ 80 mil. Quando o atendimento é a domicílio — alguns preferem ver o bicho em seu **habitat** — é mais caro um pouco.

Quando um cão pastor, que é por natureza um animal de guarda, começa a ter medo, a veterinária convencional não tem como resolver o problema. Isso começou a incomodar o veterinário Paulo Cortes Carreira, 30 anos, formado há seis. Aos poucos foi aumentando o número de casos para os quais ele não via recursos. Adepto da homeopatia, na vida pessoal, Dr Paulo achou por bem aderir definitivamente a essa forma de medicina também no exercício da profissão. Isso foi há quatro anos e ele está cada vez mais convencido de ter feito a melhor opção. "O grande objetivo é buscar a harmonia dos seres. É bonito", diz.

Não se trata de excentricidade. A coisa é séria. As universidades Federal Rural do Rio de Janeiro e Federal Fluminense já mantêm cursos extracurriculares. E no dia 31 de outubro começa na UFF o 4º Simpósio Brasileiro de Homeopatia em Veterinária. Os remédios usados nesse tipo de atendimento são os mesmos aplicados ao homem porque "as leis da homeopatia são universais". Há dois tipos de tratamento: "um para doenças agudas, com resposta rápida, e outro para as crônicas, mais prolongado", explica Dr. Paulo. Dona Aguiar Fernandes viu isto de perto. Ela rodou vários consultórios com sua vira-lata, Bagana, e todos diziam que teria que operar. Inconformada, chamou o homeopata por indicação de uma amiga. "Ela ficou boa logo, não operou e nunca mais teve nada", atesta. O terapeuta Carlos Renault e seus 18 gatos também não têm do que reclamar. Há três anos usam homeopatia. "É mais simples, não tem aquele negócio de toda hora dar remédio ao bicho e os gatinhos reagem prontamente à medicação", declara.

A veterinária Marie Catherine Grandy também resolveu mudar de lado há dois anos (ela está formada há seis). "Certos tratamentos da alopatia não me agradavam porque dopavam demais os bichos e vi que eles aceitam bem melhor os remédios da homeopatia. Não existe, por exemplo, injeção", conta. Raimundo Araújo Filho há oito anos atende "desde tartaruga a vaca, passando por peixe de aquário", através da homeopatia unicista, da mesma maneira que os dois outros médicos. Tenta achar um remédio que corresponda ao comportamento do animal, o **simillimum**, e com isso reequilibra a energia vital, seguindo sempre o conceito de permanência da saúde. Dr. Raimundo foi chamado recentemente a cuidar de cavalos no Jóquei — está implantando a homeopatia numa cocheira com 10 animais. "É um animal muito trabalhado e estou desenvolvendo o potencial dele através de sua própria energia e não de tóxicos energéticos".

Depois que passam pelo curso do Instituto Hahnemanniano do Brasil os médicos saem com outros conceitos sobre a clínica. "O animal ama e tem que ser amado. Isso é fundamental para ele", defende Dr. Raimundo. Bichos e homens mais saudáveis — é o que desejam os homeopatas veterinários. ⓓ

«Com este perfume nunca mais ficarei sozinha»

Nenhum homem resiste a este perfume.
Há perfumes que agradam ao olfato. Há os que fazem sonhar. Há outros que sobem à cabeça. Mas um perfume irresistível, que colocasse o homem de joelhos, reduzindo-o à escravidão - ninguém jamais tinha visto.

Jamais, até que químicos franceses descobrissem uma fórmula espantosa, quase mágica, da qual conseguimos absoluta exclusividade para o Brasil.
Esse perfume, de uma potência e sutileza incomparáveis, relega os outros perfumes à modestíssima categoria de "simples odores". Seus inventores batizaram-no **"NUIT DE FEU"** (Noite de Fogo).
Sua ação é imediata, duradoura, infalível. Não existe homem que não seja, literalmente, enfeitiçado: o mais tímido, o mais frio, o mais distante, todos tombam sob o encanto de **"NUIT DE FEU"**.
Preso por seu eflúvio, o mais tímido ousa o que jamais ousara. O mais frio sente subir em si, um ardor que havia esquecido ou mesmo que jamais havia conhecido; o mais distante se encontra, subitamente, junto a você.
Homens que passavam sem vê-la, não vêem agora ninguém além de você. Outros que talvez a ignorassem, talvez sonhem agora apenas com você.
"NUIT DE FEU" faz de você uma dessas soberanas dos tempos antigos, que tinham todos os homens a seus pés. **"NUIT DE FEU"** é a descoberta do segredo dos filtros de amor do Oriente Medieval.
Algumas gotas, uma gota, apenas um leve toque de **"NUIT DE FEU"** é o suficiente. Você não é mais a mesma mulher. Obterá de qualquer homem, instantaneamente, tudo o que quiser. Perto de você, o marido entediado volta a ser o jovem impetuoso que você acreditava definitivamente perdido.

UM PERFUME DO ORIENTE QUE DEIXARÁ TODOS OS HOMENS A SEUS PÉS

Esse aroma sem precedentes, esse perfume ao qual nenhum homem pode ficar insensível, pode ser para você a ocasião única de construir definitivamente sua felicidade. Com **"NUIT DE FEU"** você verá abrirem-se totalmente todas as portas do amor e da paixão. Acabou-se para você a espera de ternura que dependia dos caprichos ou da boa vontade de um homem. É ele que lhe obedecerá. Você será, novamente, a mulher a conquistar, aquela a quem suplicamos os favores supremos.

Se você não acredita nos efeitos que esse perfume pode causar, leia o que segue:

"Foi muito eficaz, excelente: quando costumo usar parece que é um imã, chego a ouvir palavras incríveis, até declarações maravilhosas... Se pudesse compraria todo o estoque para mim, para sempre usar esse maravilhoso perfume."

M.N. - São Paulo - SP

*"Tanto meu marido como outros homens passaram a me olhar mais, a fazer elogios. Principalmente meu marido está mais carinhoso e atencioso. Realmente me sinto outra mulher. **"NUIT DE FEU"** é um perfume notável. Gostei tanto que vou comprar outro!"*

R.L.C. - São Miguel Paulista - SP

"Quando ia a bailes, só tomava chá de cadeira. Agora não tomo mais. É só chegar que muitos rapazes vêm me tirar para dançar. Já notei muita diferença nas pessoas que me rodeiam: são mais atenciosas. Com este perfume, eu nunca vou ficar sozinha."

A.H. - Jaboticabal - SP

*"Estava muito preocupada pois já há algum tempo não arrumava namorado. Depois que passei a usar **"NUIT DE FEU"** as propostas não param de chegar."*

A.L.P.S. - São Paulo - SP

"Todos os fins de semana, meu marido só queria saber de ficar com os amigos no clube. Agora, meus fins de semana são ótimos. Não fico mais em casa e os convites partem sempre dele. Estou feliz e satisfeita. Obrigada."

A.A.C.R. - Rio Comprido - RJ

*"Antes de usar o perfume **"NUIT DE FEU"**, olhava-me no espelho e me perguntava: "O que será que está acontecendo comigo? Não sou feia, sou jovem. No entanto, nada de especial me acontece." Estava triste, não saía mais de casa. Mas, depois de alguns dias que passei a usar o maravilhoso perfume **"NUIT DE FEU"**, tudo mudou. Estou feliz. Tenho vários admiradores e lhes agradeço de todo o coração!"*

C.C. - Brasília - DF

*"Os homens que nem olhavam para mim, passaram a me olhar com outros olhos. Sou uma das garotas mais paqueradas depois que passei a usar o perfume **"NUIT DE FEU"**.*

E.M.M. - Carazinho - RS

NÃO ESPERE MAIS!

Com a proposta que temos a lhe fazer, você não corre nenhum risco, pois se após 30 dias você não comprovar a eficiência do **"NUIT DE FEU"**, bastará devolvê-lo (inclusive o frasco vazio), para imediatamente após receber seu dinheiro de volta.
Simplesmente recorte ou copie o cupom abaixo e envie para um teste gratuito; ou faça seu pedido pelo telefone **815-7822.**

GARANTIA TOTAL

Você tem 30 dias para comprovar a eficiência de **"NUIT DE FEU"**. Caso contrário, bastará devolvê-lo (acompanhado da 1ª via da nota fiscal), para alguns dias após, receber de volta o valor de sua compra (menos despesas postais e de reembolso).

Prazo de entrega: de 3 a 4 semanas.

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP.

CUPOM PARA UM TESTE GRATUITO

RD 494

a ser enviado ao **Centro Franco-Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor**
R. Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo/SP - Tel.: 815-7822

Sim, estou interessada em experimentar "NUIT DE FEU". Entretanto, fica entendido que se eu não ficar absolutamente encantada com os resultados obtidos, terei 30 dias para devolver o perfume, mesmo vazio, para logo em seguida receber todo o meu dinheiro de volta (menos despesas postais ou de reembolso). Isto sem condições ou perguntas.
Sob esta garantia, queiram enviar-me um vidro de "NUIT DE FEU" pelo qual estou enviando:

☐ Cheque ☐ Vale postal **(AG. CENTRAL - CÓD. 400009)**
no valor de **Cr$ 73.280** mais **Cr$ 6.700** para despesas postais, o que perfaz um total de **Cr$ 79.980**

☐ Prefiro pagar "NUIT DE FEU" ao recebê-lo no Correio ao preço de **Cr$ 88.000** mais as despesas postais.

NOME: ....
ENDEREÇO: ....
CIDADE ....
CEP .... ESTADO ....
(preencher à máquina ou em letra de forma)

Todos são iguais: até os generais, diz Maria Lúcia Karam

Zeka Araújo/F4

Giselda Leitão não tem medo de nada. Gosta mesmo de briga

Justiça seja feita

Rose Esquenazi

Jogo, seqüestro e bomba na rotina de três mulheres

Elas ganharam fama de brilhantes e corajosas mas acham isso um exagero. Nem tanto. Afinal, suas atitudes em casos polêmicos como Baumgarten, Riocentro e Cassino Umuarama foram, no mínimo, destemidas. Em funções que a sociedade acostumou-se a entregar a homens, Maria Lúcia Karam, Maria Letícia de Alencar e Giselda Brandão estão fazendo justiça com mãos delicadas, mas mais fortes do que muitos homens por aí.

Desquitada, mãe de uma filha de 12 anos, Maria Lúcia Karam, 36 anos, não tem pose de juíza. De minissaia, tênis e camiseta, se diverte quando as pessoas entram em sua sala, no I Tribunal do Júri, e perguntam: "Onde está o juiz?" Também acha engraçada a história de uma testemunha que durante horas, em vez de se dirigir à juíza, só olhava nos olhos do promotor. No mínimo, achava que uma mulher não podia ter tanta autoridade.

Dos quase 500 juízes e promotores atuando no Estado do Rio, apenas 59 são mulheres. A proporção das mulheres vem aumentando em cada concurso, principalmente a partir de 1982, data do concurso de Maria Lúcia Karam. No Rio, os preconceitos estão diluídos, mas em outros Estados, a barra é bem mais pesada. Em Pernambuco, ficou famoso um concurso onde todas as mulheres foram vetadas logo no ato de inscrição. "Eles nem precisaram justificar nada. Vetaram e pronto", conta Maria Lúcia que faz psicanálise e antiginástica antes de chegar ao antigo prédio do Fórum. Um preconceito mais carioca é aquele que, segundo a juíza, "valoriza mais a beleza do que a competência."

Os jornalistas que cobrem o caso Baumgarten acharam brilhante o parecer de Maria Lúcia Karam. No mês passado, na petição feita pelo General Newton Cruz que pedia ser dispensado da identificação datiloscópica — o famoso tocar o pianinho — ela escreveu: "A lei não faz qualquer distinção entre as pessoas, pouco importando se o requerente é o General-de-Divisão ou, como se entitula, homem público."

A Juíza da 3ª Auditoria do Exército, Maria Letícia de Alencar, foi igualmente competente ao tomar, por termo, as novas denúncias do caso Riocentro. Se não fosse por ela, tão cedo não se falaria mais nesse assunto. Letícia também foi elogiada por criar um

Minissaia, camiseta e mochila. Onde está a juíza Karam?

Fotos de João Ripper/F4

A presença alegre e firme de Maria Letícia mudou o tribunal

clima relaxado na sala de audiência e de deixar os fotógrafos trabalharem com liberdade. Geralmente, os juízes impedem ou fazem cara feia para os fotógrafos mas, como acredita a juíza de 39 anos, dois filhos e há 10 anos casada com o advogado Nélio Machado, "é uma questão de estilo". Para ela, a não ser em raríssimas ocasiões, as audiências devem ser públicas".

Como Maria Lúcia, Letícia se preocupa com o corpo e com a cabeça. Além do **cooper** diário, faz psicanálise há três anos, gosta de fazer curtas e médias metragens com patrocínio da família, e experimenta seu lado de arquiteta na nova casa que comprou no Jardim Botânico. Sentiu na carne os preconceitos contra as mulheres quando trabalhava com o sogro e o marido num escritório de advocacia. Apesar de já ser na época uma profissional gabaritada, os clientes sempre acabavam optando pela defesa feita pelos homens do escritório. Para não dividir o trabalho — "e para somar" — Letícia partiu para a área cível, deixando para trás a sua grande paixão que era a criminal.

Passou três anos e meio freqüentando a Ponte Rio-São Paulo, indo na segunda-feira e voltando na quinta, durante o primeiro ano. E depois, indo e voltando no mesmo dia. Nessa ocasião, seu filho mais velho era um bebê e, se não fosse pelo marido, a casa vinha abaixo."Bob Dyliana" convicta, Maria Letícia diz ter o maior prazer em ouvir rock — passou dois dias no Rock-in-Rio — e de virar a noite no Florentino. "Sou ótima e muito mansa mas quando preciso, quebro o pau". Apaixonada pelo que faz — assim como Maria Lúcia e a promotora Giselda Leitão — Letícia diz saber se impor, sem ter "crise de autoridade". Ao receber os militares que com ela formam o Conselho da 3ª Auditoria, explica que a partir daquele determinado momento, "os senhores têm que se despir de sua condição de militares". Mesmo sendo confundida e chamada de qualquer coisa que não seja juíza, Letícia acha que tem sorte pois nunca sentiu qualquer problema com a justiça militar. "Os preconceitos são sutis. É uma justiça limpa", explica, "onde tudo funciona".

Mais desgastante é o dia-a-dia de Giselda Brandão, 30 anos, promotora do Caso Umuarama. Durante algumas semanas teve de prontidão à sua porta, um policial que lhe dava proteção. Além de ser seguida por um carro, recebeu telefonemas durante a noite de pessoas que exigiam seu afastamento do caso. "Ameaçavam dizendo que o pior poderia acontecer comigo". Desquitada e sem pretensão de novo casamento, Giselda não tem medo da morte "porque ninguém depende de mim" e também porque lutou muito para chegar onde está. De família pobre, sempre trabalhou durante o dia para estudar à noite.

"As mulheres estão começando agora. Por isso são mais dedicadas, caprichosas e sentem mais amor pelo trabalho". Essa dedicação levou a promotora, em pleno domingo, à cidade de Valença, para investigar a vida de um dos pretensos donos do Umuarama. Ao mesmo tempo em que morava num casebre tinha uma conta bancária recheada de milhões. Determinada, forçou que o detetive que fechou o cassino no Rio voltasse ao local — já sem as mesas de pinho-de-riga, retiradas ilegalmente — onde reconstituiu documentos e cheques rasgados e esquecidos numa lata de lixo.

Às vezes, numa audiência, Giselda é a única mulher entre 15 acusados, 15 advogados e um juiz. "A gente se sente fora do foco e eles, meio fora da toca." Costuma ser confundida por estagiária iniciante, mas atribui esse preconceito "à formação cultural do brasileiro". O que ela gosta é de briga e tumulto, ir atrás de provas, isso tudo por uma questão de temperamento. "Caseira", pianista formada, Giselda costuma ir ao teatro com as amigas nos fins de semana. Mas não passa um sábado e domingo sem estudar os casos no quarto de empregada que transformou em miniescritório.

Ao contrário das amigas e da mãe, apavoradas com o Caso do Umuarama que envolve pessoas como Anísio Abraão, Castor de Andrade e Nelito, a promotora acaba de ser designada para investigar, com uma comissão, todos os crimes envolvidos com o jogo do bicho. Eloqüente e segura — que deixa os homens um tanto desconcertados — acha que até hoje o brasileiro teve medo de reivindicar os seus direitos. De qualquer maneira é contra qualquer tipo de jogo porque "ele tira o incentivo da pessoa de melhorar sua vida através do trabalho." Não acredita em psicanálise mas faz ginástica sempre que pode na Socila. Como as juízas Maria Lúcia e Maria Letícia, Giselda sabe que agora não está mais lutando sozinha na justiça. ⓓ

Zeka Araújo/F4

A proteção policial faz parte do dia-a-dia da promotora

Cinema, Bob Dylan e arquitetura: as outras paixões da juíza

Cerâmica e metais na "bijou" do verão

Fotos de Rogério Reis/F4

Com todos os berloques, brilhos e cores que o **revival** dos anos 60 e 70 reserva para o verão, há uma pausa nos modismos para se viver o clássico com requinte. Os acessórios há muito tempo abandonaram o papel secundário por um lugar de destaque nas coleções. Dão estilo à roupa e alguns modelos chegam a ser criados em função do acessório. Em 85, os **bijoux** ganham mais volume e não admitem discrição. Materiais naturais ou com aspecto natural acompanham as malhas de algodão, os linhos e as sedas. As texturas se coordenam dentro do **total look** superatual. O metal continua a carreira de sucesso. O cobre envelhecido é o máximo, ao lado do bronze e do estanho. As resinas e o acrílico ganham sofisticação no aspecto do âmbar ou do jade. A cerâmica se transforma em gargantilhas, pulseiras ou cintos de contas de formas imprevisíveis. Bolas, canutilhos, triângulos, cubos de cerâmica recebem tratamento novo e podem ser coloridos em tons apastelados sem perder o clima artesanal. Sem modismo, a bijuteria também vive a força clássica. Nas fotos, Ana Cláudia.

Na página ao lado, vestido tubo com gola de malha de seda (**Toot**). Brincos e correntes de bronze (**Zau**). Junto a **Flash**, o sapato escarpin que mistura couro e plástico transparente (**Mariazinha**). À esquerda, a resina e o acrílico imitando âmbar e ágata, misturados ao plástico preto (**Jane e Sérgio**). Óculos de **Alice Tapajós** e blusa de tricô (**Loop**). Em baixo, sobre o tubo de malha, cinto de contas de cerâmica colorida, couro e argolas de madeira de **Jane e Sérgio**. Formas geométricas para o brinco de placas aplicadas sobre uma argola — com a pulseira combinando — em cobre envelhecido (**Zau**).

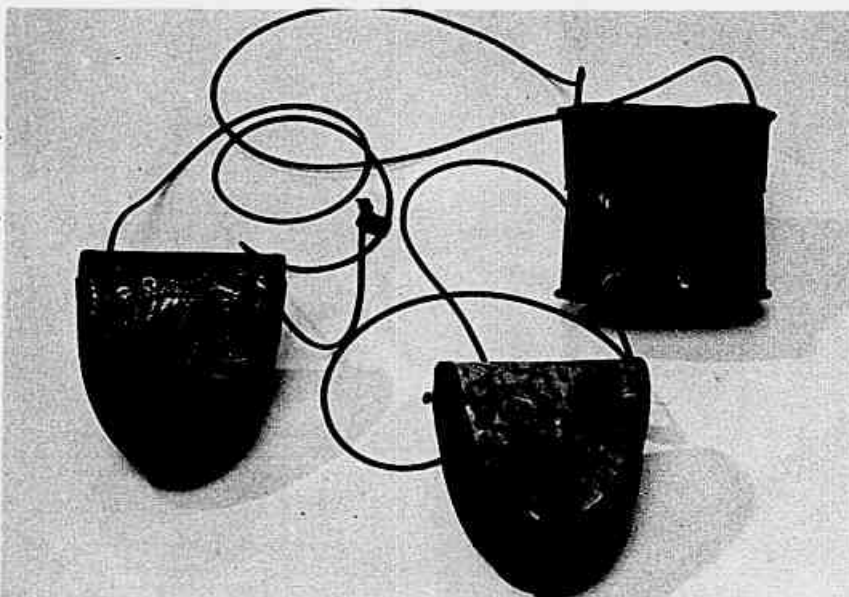
Produção: Arliete Rocha. Cabelo e maquilagem: Jorge Tardy.

POCHETTES COLORIDAS

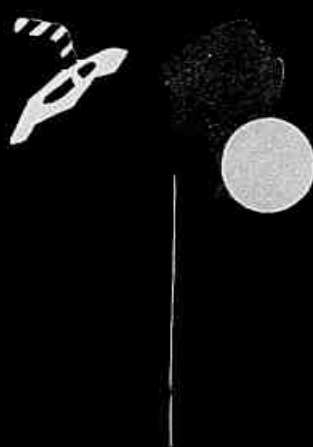
Elas vêm de Minas e são criações de Léo Piló. O couro é pintado em cores luminosas e motivos florais ou **cashmire**, o máximo para o verão. Um dos modelos mais requisitados é a bolsa do tipo porta-binóculo, na qual cabe muita coisa. Há também cintos, suspensórios e corpetes de couro com a mesma pintura. No Rio, o telefone de Piló é 257-5646.

Fotos de Salomon Cytryniwicz, Zeka Araújo e Lewy Moraes/F4

RETRATOS NOSTÁLGICOS

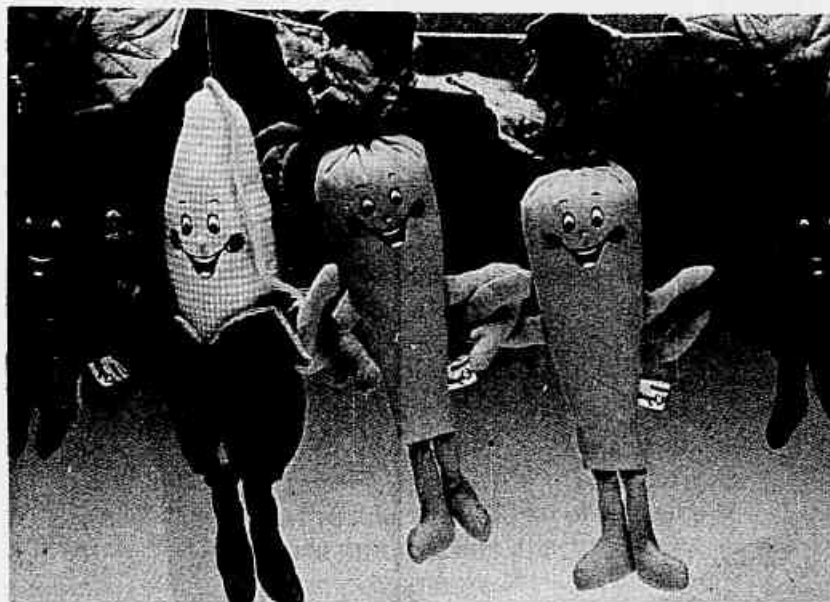
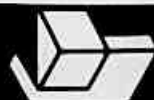
Os porta-retratos ideais para fotos antigas. Em vários modelos ovais, simples ou duplos adaptam-se a diversos tamanhos de fotos. Os preços são a partir de Cr$ 55 mil — **Com Corda** (Voluntários da Pátria, 445 sala 111).

FLORES DECORATIVAS

As flores desidratadas, além de bonitas, são práticas porque não correm o risco de murchar. Podem servir, também, como uma boa solução para presente. O cachepô é uma cerâmica com arranjos de flor de laranjeira e custa Cr$ 496 mil. O arranjo sai por Cr$ 150 mil. O conjunto é da Zuhause, no Rio Design Center (Leblon).

COZINHA COLORIDA

Não têm nenhuma utilidade prática mas são irresistíveis. Em tecido liso ou xadrez e cores supervivas, cenouras, beterrabas e milhos enfeitam cozinhas com muito charme. Também para a brincadeira das crianças, os bonequinhos são simpáticos. Preços a partir de Cr$ 25 mil — Casa Moyses (em Ipanema ou no São Conrado Fashion Mall).

SERVIÇO AMERICANO

O material é o emborrachado e além de servir como toalha para as refeições podem ser instrutivos: têm estampados em cores vivas as diversas etapas da germinação. Podem ser encontrados em outros modelos com temas gráficos ou infantis. O preço médio é de Cr$ 20 mil. Loja do Bom Desenho (Rua Visconde de Pirajá 210 A).

UM PATO SIMPÁTICO

Para quem curte artesanato, uma boa idéia para se levar à mesa com farinha ou molhos especiais são os patos de madeira esculpida, pintados a mão. São de Pernambuco e podem servir como enfeites sobre móveis. Há outros modelos, como os de galinha carijó ou tatu. Podem ser encontrados na Solart (telefone: 285-4395).

Estilos do miniverão

Regina Martelli
Fotos de Zeka Araújo/F4

Produção: Arlete Rocha

Comportado: Philippe Martin

Romântica: Márcia Pinheiro

Estampas se misturam em jogadas divertidas, Rop Mop. **Jaqueta listrada da** Philippe Martin. **Bermuda,** Rop Mop. **Tênis,** Dimpus

Desde que deixaram de seguir à risca as imposições maternas, as crianças passaram a escolher suas roupas conforme o **mood** do dia ou o gosto pessoal. A maioria dos confeccionistas de roupas infantis não aprovam nenhum modelo sem pedir a opinião dos filhos. Mas ela, agora, é fundamental para se prever a aceitação de alguma peça. A partir deste novo comportamento das crianças, estilistas e fabricantes incluem em seus lançamentos linhas diferentes para atingir o público infantil. A estilista Márcia Pinheiro elege a criança romântica e nostálgica como fonte de inspiração para seus modelos de mangas fofas e saias fartas. Os meninos vestem calças curtas de linho e suspensórios. O chapéu de palha com laço de cetim é fundamental ao clima romântico. Mas a criança de gosto mais atualizado, porém sério, que curte moda e não dispensa os últimos lançamentos dos adultos em versão reduzida — uma espécie de miniyuppie — encontra bons momentos neste verão. O tecido de camisaria se transforma em camisas listradinhas, gostosas e confortáveis, iguais às do papai. Mas é na linguagem do **rock** que elas se divertem. As listras, as bolas, o colorido forte fascinam este público sem abrir mão do clima infantil indispensável. As malhas de algodão garantem a praticidade exigida pela criança. E a bermuda, um **must** do **prêt-à-porter** adulto, invade o universo infantil e prova que criança também tem estilo. ◐

horóscopo

Max Klim

áries
(21/3 a 20/4)

Dias de favorecimento material. Suas ações serão coroadas de êxito financeiro. Controle seu gênio. Positividade acentuada no amor. Boa regência de Vênus. Saúde em fase estável.

touro
(21/4 a 20/5)

A semana do taurino mostra um quadro de instabilidade em seus assuntos financeiros. Apoio no trabalho. Amor revitalizado e com indicações de forte realização. Saúde em fase boa.

gêmeos
(21/5 a 20/6)

Novidades de bom significado em sua rotina. Dias estáveis financeiramente. Vivência afetiva muito disposta. Novidades interessantes no amor. Aventuras bem-sucedidas. Saúde carente.

câncer
(21/6 a 21/7)

Quadro de boa regência de Mercúrio favorecendo-o no comércio e mudanças. Em família a sua disposição será positiva. Quadro de alegria e realização no amor. Saúde em boa fase.

leão
(22/7 a 22/8)

Sua presença forte e dedicada marcará bons acontecimentos em termos materiais. Afetivamente você terá dias positivos até quinta-feira e instáveis depois. Saúde bem-disposta.

virgem
(23/8 a 22/9)

Regência favorável para o virginiano na maior parte da semana. No final do período pode ocorrer instabilidade emocional. Amor em fase de consolidação e carência. Saúde equilibrada.

libra
(23/9 a 22/10)

Boa disposição material. Crescimento de seu patrimônio. Afetivamente a semana será marcada por bons fatos. Dedicação e muito afeto junto a pessoas jovens. Saúde sem alterações.

escorpião
(23/10 a 21/11)

Com o Sol em Escorpião a 23, você tem excelente período pela frente. Valorização pessoal e fascínio. Apoio inestimável. Comportamento afetivo bem disposto. Saúde muito boa.

sagitário
(22/11 a 21/12)

Regência irregular com altos e baixos em sua semana. Irritabilidade e inconstância em seu comportamento afetivo. Desilusões com pessoas próximas. Insegurança. Saúde boa.

capricórnio
(22/12 a 20/1)

Semana que marca positivamente seus assuntos profissionais. Favorecimento financeiro. Afetividade colocada à prova por atitudes de pessoas próximas. Saúde em fase positiva.

aquário
(21/1 a 19/2)

Você terá, nos próximos dias, favorecimento da Lua até quarta-feira e de seu regente após. Forte sensibilidade pessoal. Alegrias no amor. Saúde em fase bem irregular.

peixes
(20/2 a 20/3)

A semana será bastante positiva em seus quatro últimos dias. Realização material. Satisfação amorosa e no trato em família. Bons acontecimentos. Saúde em dias bem positivos.

Broa de milho, pizza e pimenta

Belo e grande país é o nosso. Como nas locuções esportivas do Waldir Amaral "cobrindo o Brasil do Oiapoque ao Chuí". Mas Brasil virou orgulho nacional. Até bem pouco tempo atrás, ser brasileiro era sinônimo de sub-raça. Afinal, 20 anos passamos sem respirar. Vinte anos em que negamos, com as raríssimas exceções de sempre, a nossa cultura que, a bem da verdade, andou cooptando com o "milagre" que nos trouxe a realidade de uma dívida pessoal de 900 dólares "per capita".

Instala-se no país um novo hino. Ouvido e cantado nessa imensidão da terra pátria. Wagner Tiso e Milton Nascimento fazem renascer em nós o orgulho de ser brasileiro. Morreu a esperança. Assume o imprevisível. Mas nessa imprevisão, até a inflação se assusta. Uma nova esperança vem tomar conta dos nossos corações de estudantes. Homens e mulheres se agitam. Buscam seus caminhos. Escolhem seus partidos. É a nação que explode como num arroubo juvenil.

Sarney estufa o peito e faz a honra nacional, no plenário das nações "quase unidas", tremer de emoção. Brasileiro profissão esperança. Não se negociará com a cultura do povo. Cultura no seu sentido mais amplo. A cultura da broa de milho, da feijoada, do churrasco, da carne de sol, da cachaça, das coisas nossas, enfim. Esta é a síntese do discurso do presidente e não nos venham dizer o que devemos fazer. Somos um país viável, rico, com um povo que só Deus poderia colocar em regiões tão díspares buscando ser unidas.

Temos finalmente um Ministério da Cultura e o que é mais importante um ministro da cultura. Uma figura doce, brasileira, sem os vícios que impregnam os colonizados culturais. É evidente que queremos que nossas obras de arte, nossos livros, nosso teatro, nossa música e nosso cinema sejam vistos, lidos e ouvidos nos principais centros do mundo. Mas muito antes, essas artes devem estar nas paredes, nas bibliotecas, nos palcos e nas salas de exibição do nosso país! Os outros países até que nos conhecem bem. Proteger os desprotegidos culturais é a pior forma de colonização cultural utilizada pelas nações do primeiro mundo.

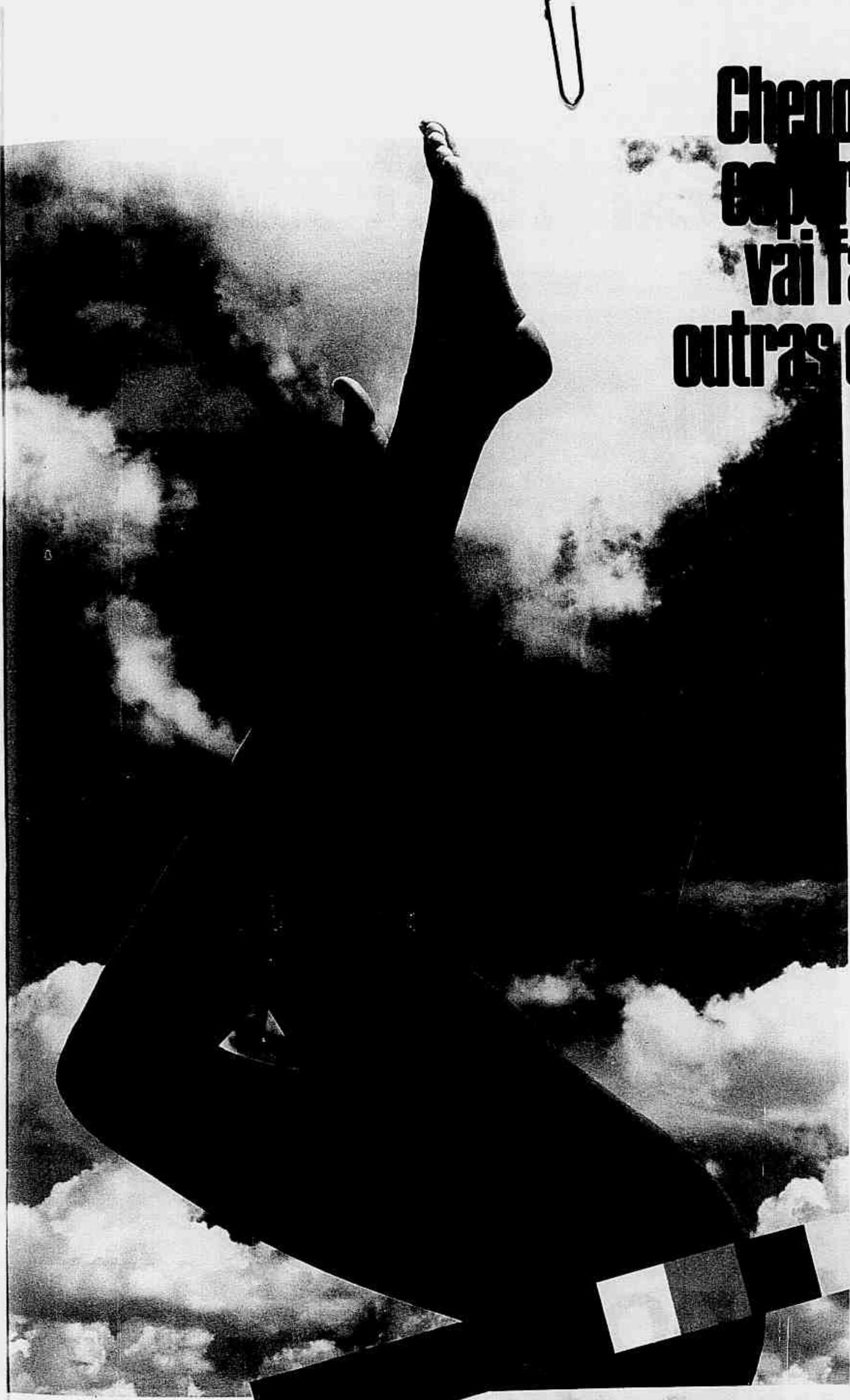
Espantam-se os que habitam a região da pizza em dizer que o nosso Ministro Aluizio Pimenta gosta das coisas que são nossas. Ora, como poderia ser diferente? Ele é o ministro da nossa cultura! O resto a gente já sabe como é. Afinal, é a cultura européia que nos ensinam nas escolas. Falamos melhor o francês e o inglês que o português.

Deixemos, pois, de lado os bairrismos e pensemos como um todo na nacionalidade. Não queremos saber se os ministros Gusmão, Funaro, Setúbal, Sayad são da região da pizza. Sabemos que eles são brasileiros. Tão brasileiros como o Ministro Pimenta. Afinal, somos todos desse país que se esqueceu de ser país durante 20 anos. O que queremos é que se reconheça num brasileiro o direito de ser brasileiro. Sem xenofobia, sem sectarismo, principalmente agora que estamos chegando às portas do século XXI, onde tudo isso deve ficar ainda menor na Aldeia Global.

Um Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo é realizado exatamente para que se veja que os nossos artistas são hoje o que foram outrora os astros de Hollywood e Cinecittà. Nossas coisas penetram fundo em culturas que ficaram paradas, vivendo do sucesso antigo. Nossos diretores e produtores são do primeiro time. Nossas histórias encantam os ex-colonizadores. Afinal, ser brasileiro é acima de tudo uma maneira de viver, de ver as coisas do mundo e de sorrir.

Brasileiros de todo o mundo, uni-vos!

E viva São Paulo!

João R. Ripper/F4

Nei Sroulevich

O autor, 45 anos, é jornalista, produtor cinematográfico e diretor-geral do Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro.

as cobras

Luís Fernando Veríssimo

QUANDO É QUE VAI APARECER ESSE TAL DE COMETA?

Chegou a meia esportiva que vai fazer as outras dançarem.
A meia de ginástica Tri-fil* é a primeira meia do Brasil feita com helanca e ''Lycra'' por inteiro.
Por isso ela é muito mais bonita, tem um brilho exclusivo e ajusta-se ao seu corpo naturalmente.
E nunca forma bolinhas nem muda de cor.
Mexa-se.
E brilhe na ginástica ou no ballet com uma das nossas 11 lindas cores.
*(disponível com e sem pé)
*Marca Registrada da Du Pont.
COM LYCRA.
meia de Ginástica
TRI-FIL

O forte da Samurai continua sendo seus belíssimos armários feitos sob encomenda. Com madeiras nobres e projetados por designers especializados, estes armários vêm mantendo a tradição de qualidade da Samurai já há 30 anos (foto 1). Na linha mais jovem, a Samurai também surpreende. Com muita imaginação muda totalmente o estilo e cria os modulados Priori (foto 2), também em madeira, bonitos, baratos e de qualidade. Vale a pena conferir.
Samurai
PRIORI
todo em madeira,
porta lisa:
10% de desconto.
Promoção
até 30.10.85.
Show-Room: Rua Gen. San Martin, 646 - Leblon. Tel.: 239-7699. Copacabana: Rua Barata Ribeiro, 611-D. Tel.: 236-7757; Tijuca: Rua Conde de Bonfim, 214-B. Tel.: 234-4557; Casa Shopping: Bloco A - loja I. Tel.: 325-3234. Ipanema: Rua Vinicius de Moraes, 129-C. Tel.: 287-4689.

CADERNO DE QUADRINHOS

Nº 497 Suplemento do JORNAL DO BRASIL 20 de outubro de 1985 Não pode ser vendido **separadamente**

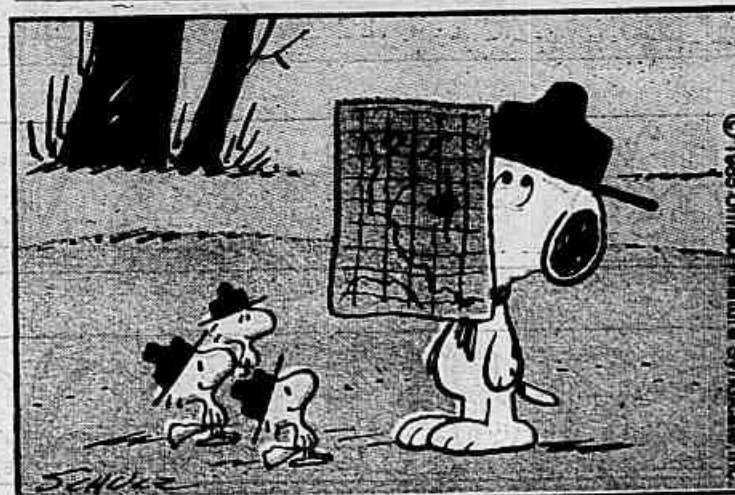
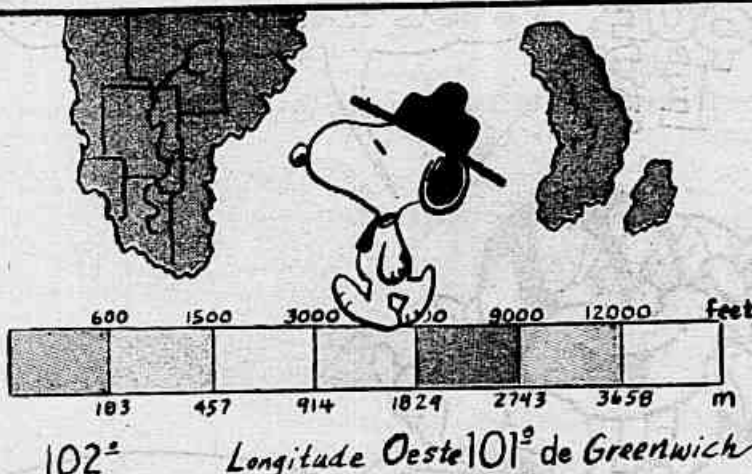
PEANUTS

estrelando

Charlie Brown e sua patota

por SCHULZ

LEMBRAM-SE DO MEU PAPO SOBRE A LUA? A GENTE SABE SEMPRE ONDE ESTÁ, PORQUE A LUA FICA SEMPRE EM CIMA DO RIO DE JANEIRO...

CLARO SE A GENTE NÃO VÊ A LUA, A GENTE TEM QUE USAR UM MAPA...

TURMA DO LAMBE-LAMBE

Daniel Azulay

RESPOSTA: É A "BOLHA"

FRANK E ERNEST®

HECTOR SAPIA

S A P I A 3 7 8

BELINDA
de YOUNG e
GERSHER

ESTOU COM VONTADE DE JOGAR BRIDGE.
EU TAMBÉM.

VOU LIGAR PARA O HERMES!

GOSTARÍAMOS, MAS NÃO PODEMOS... ESTAMOS INDO AO CINEMA!

ELES NÃO PODEM... QUER QUE TENTE O SEU PATRÃO?
OK.

SINTO MUITO... ESTAMOS COM VISITAS EM CASA!

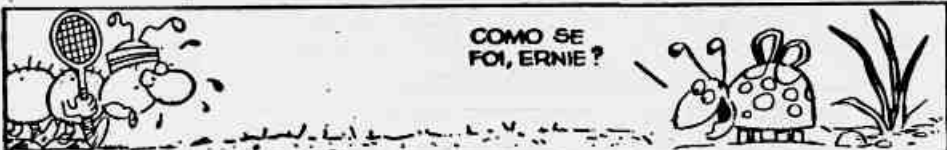
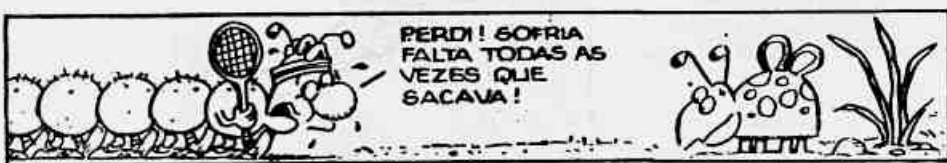
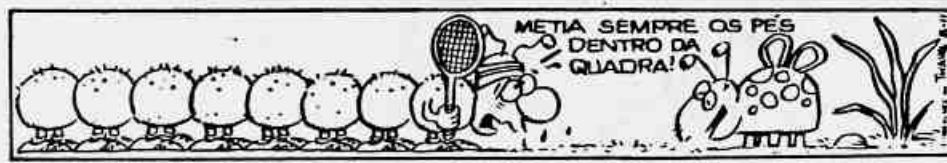
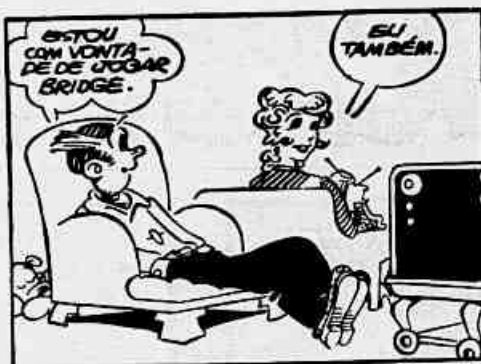
ELES TAMBÉM NÃO PODEM... VOU LIGAR PARA A SUELI!
CERTO.

A SUELI E O CARLOS ESTÃO VINDO PARA CÁ!
ÓTIMO!

DECIDIMOS QUE PREFERÍMOS JOGAR BRIDGE.

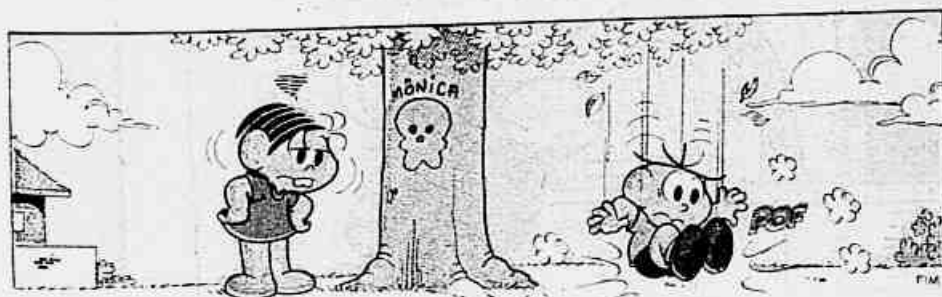
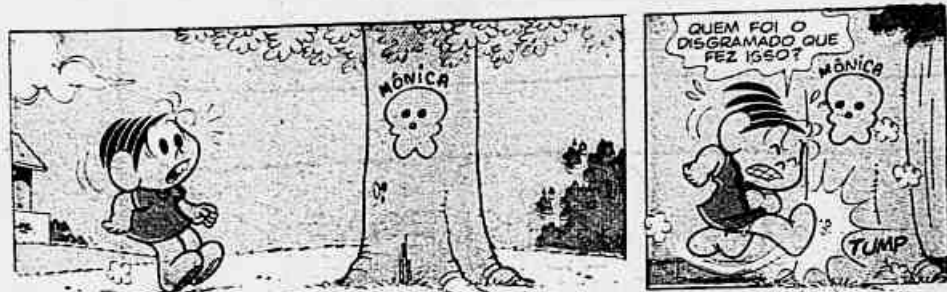
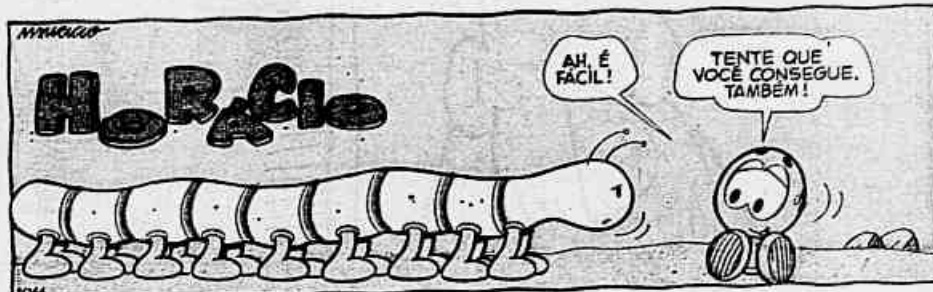
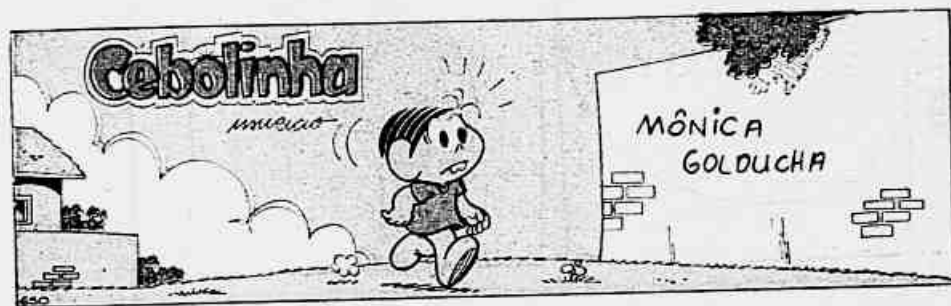
MEU IRMÃO E MINHA CUNHADA ADORAM BRIDGE!

VAMOS PRECISAR DE DUAS MESAS.

O VENCEDOR DAÍ CONTRA O VENCEDOR DAQUI!

PODERÍAMOS JOGAR BURACO SE ELES NÃO ESTIVESSEM USANDO TODAS AS NOSSAS CARTAS.
DEAN YOUNG
4-7

WALT DISNEY MICKEY MOUSE

KID FAROFA

T.K. Ryan

O MAGO DE ID
parker — hart
OUVI DIZER QUE O REI ESTÁ FAZENDO UM GRANDE ESFORÇO PARA SE APROXIMAR DO POVÃO!
ESTÁ...

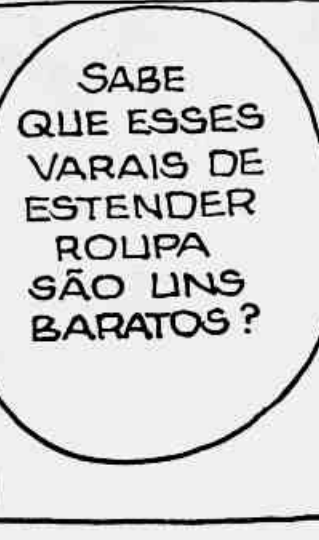
MANDOU TROCAR OS BINÓCULOS POR UM TELESCÓPIO!

SABE QUE ESSES VARAIS DE ESTENDER ROUPA SÃO UNS BARATOS?

BARATOS?! POR QUE?!

BOM. ELES REVELAM UMA PÁ DE COISAS!

ALI ESTÁ UM, CHEIO DE TOALHAS DE HOTÉIS!

PODE APOSTAR: UM LADRÃO MORA NAQUELA CASA.

AH! E LÁ ESTÁ A BLANCH PENDURANDO UMA...
EPA! NÃO ACREDITO!
© 1985 News America Syndicate
PARKER

AS CUECAS DO MAGO TÊM UMA INSCRIÇÃO QUE DIZ: "SOU DA MAMÃE!"
8-18

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

ARCA dos BICHOS